

O PARTIDO BOLCHEVIQUE

PIERRE BROUÉ

EDITORA sundermann

O PARTIDO BOLCHEVIQUE

PIERRE BROUÉ

EDITORA
sundermann

SÃO PAULO, 2014

Título original: *Le parti bolchevique*

Coordenação editorial:
Henrique Canary
Jorge Breogan
João Simões
Martha Piloto

Diagramação e capa: Martha Piloto
Tradução: Paula Maffei e Ricardo Alves
Revisão: Henrique Canary e João Simões

Dados internacionais de catalogação
elaborados na fonte por Iraci Borges - CRB8: 2263

Broué, Pierre
O partido bolchevique. São Paulo: Sundermann, 2014.
536 p.

ISBN: 978-85-99156-68-1

1. Partido bolchevique - história . 2. Revolução Russa – história. 3.Comunismo. 4. Socialismo. I. Título

CDD: 320

Editora José Luís e Rosa Sundermann
Avenida 9 de Julho, 925 •
Bela Vista • São Paulo • Brasil • 01313-000 •
55 -11 4304 5801
vendas@editorasundermann.com.br • www.editorasundermann.com.br

SUMÁRIO

7 NOTA DA EDIÇÃO BRASILEIRA

9 PREFÁCIO DO AUTOR

19 A RÚSSIA ANTES DA REVOLUÇÃO

31 O BOLCHEVISMO ANTES DA REVOLUÇÃO

47 O BOLCHEVISMO: O PARTIDO E OS HOMENS

69 O PARTIDO E A REVOLUÇÃO

103 OS PRIMEIROS PASSOS DO REGIME SOVIÉTICO E A PAZ DE BREST-LITOVSKI

119 A GUERRA CIVIL E O COMUNISMO DE GUERRA

145 A CRISE DE 1921: O COMEÇO DA NEP E O AUGE DO APARATO

165 A CRISE DE 1923: O DEBATE SOBRE O NOVO CURSO

193 O INTERREGNO E A NOVA OPOSIÇÃO

221 A LUTA DA OPOSIÇÃO UNIFICADA

265 A OPOSIÇÃO DE DIREITA

285 O PARTIDO STALINISTA EM SEU INÍCIO

303 O GRANDE GIRO

323 A CRISE POLÍTICA

349 OS PROCESSOS DE MOSCOU

377 O PARTIDO E A BUROCRACIA

399 O PARTIDO E A GUERRA

427 O PÓS-GUERRA

449 A DESESTALINIZAÇÃO E O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DE 1956-1957

481 O PARTIDO DEPOIS DE STALIN: A ERA KRUSHEV

509 JÁ QUE É PRECISO CONCLUIR (EPILOGO À EDIÇÃO DE 1963)

517 RENASCIMENTO DO BOLCHEVISMO (POSFÁCIO À EDIÇÃO DE 1971)

PREFÁCIO DO AUTOR

Os dez anos que se passaram desde a publicação da primeira edição deste trabalho não alteraram suas conclusões nem seu método de elaboração. Afirmamos exatamente o contrário. A história do Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética constitui, sem dúvida, um dos fenômenos decisivos para a compreensão do mundo contemporâneo, mas muitas explicações oferecidas a este respeito há meio século se deparam com uma série de portas fechadas a sete chaves, e isto quando não se perdem em tortuosos labirintos da razão, caminhos estes que são barreiras não menos intransponíveis.

O passado deve nos servir para compreender e interpretar o presente. Esta convicção é a que nos sugeriu a necessidade de elaborar para nossos leitores um balanço para esta nova edição de *O partido bolchevique*.

Os acontecimentos que nos últimos dez anos ocorreram na União Soviética e nos demais partidos do leste europeu constituem uma revelação da validez da análise que foi desenvolvida anteriormente a este respeito. A eclosão, à plena luz do dia, do conflito entre os partidos comunistas da China e da Rússia, as consequências do que na China foi chamado de "revolução cultural", as polêmicas (e inclusive as crises) que se produziram no seio dos partidos comunistas de todo o mundo, grandes ou pequenos, legais ou clandestinos, que ocupam o poder ou se encontram na oposição, resultam até certo ponto previsíveis para aqueles que empregam o método científico em sua análise histórica. Provavelmente, o leitor da primeira edição de nossa obra não foi surpreendido nem pela crise interna do partido comunista tcheco e sua decisão, de janeiro de 1968, de inaugurar uma etapa de reformas profundas, nem pelo movimento dos estudantes, operários e intelectuais que se aproveitaram do espaço aberto pela cúpula do partido, nem

muito menos pela intervenção armada de 21 de agosto de 1968, que impôs, contra a vontade manifesta do povo, a volta à ordem que recebeu o apelido de "normalização". Foi também previsível a revolta espontânea dos operários dos estaleiros de Gdansk e de Szczecin em dezembro de 1970 e o papel assumido nesta revolta pelos comitês de greve, transformados em verdadeiros soviets, que enfrentaram de igual para igual os organismos oficiais do partido e do Estado. Isto mostra como o conhecimento e a compreensão dos mecanismos da história ilumina as forças que se enfrentam hoje, enfatiza a continuidade ou mesmo a ressurreição de tradições profundas ou de correntes reprimidas durante longos anos, talvez ainda ocultas pela não utilização de um mesmo vocabulário ou por poucas referências a uma ideologia comum, pelo menos no que se refere aos princípios.

Resumindo, em nossa opinião, este trabalho, publicado em 1962, constitui um instrumento que permite compreender a crise que em nossos dias atravessam os partidos e Estados que se autodenominam socialistas e que são influenciados de um modo ou de outro pela experiência da União Soviética. Temos esta opinião porque encontramos referências continuadas à ação de forças e pressões sociais que nunca desapareceram por completo e que seguem constituindo a estrutura, muitas vezes contraditória, de tais partidos e Estados. Qualquer tipo de explicação global que se refere ao "marxismo-leninismo" como um dogma ou mesmo à sua natureza "totalitária" ou "ditatorial" é de todo ponto de vista inútil a este respeito, quer dizer, no que se refere à realidade contemporânea de crises, rupturas, antagonismos e conflitos dentro do próprio sistema. Inclusive a própria versão que durante vários anos defendeu o aclamado Isaac Deutscher, aquela que se referia à possibilidade de uma "reforma por cima", sustentada durante certo tempo pela experiência krusheviana, revela plenamente na atualidade sua impotência na hora de interpretar uma crise que se traduz em uma série de conflitos de caráter diretamente revolucionário. De fato, o tema aqui abordado é talvez a questão mais difícil de toda a história contemporânea. Nesta questão ninguém pode se vangloriar de neutralidade – e o historiador não pode sê-lo, como tampouco o político ou o jornalista. Todo autor ou leitor expressa, conscientemente ou inconscientemente, uma série de preconceitos hostis ou favoráveis que são reflexos de uma concepção de mundo que não se sente obrigada a considerar o imperativo dos dados objetivos ou as enormes exigências investigativas que se impõem ao trabalho do historiador. Por outro lado, os acontecimentos cotidianos e o que estes põem em jogo contribuem, em tais casos, para a falsificação de dados básicos do próprio trabalho do historiador, ainda que seja somente por sua contribuição, direta ou indiretamente, à deformação, falsificação subtração ou supressão dos documentos que compõem sua insubstituível matéria-prima.

A este respeito, é também muito significativo que a trama básica de pesquisa sobre a União Soviética a partir da Revolução de Outubro de 1917 até hoje, tanto

do ponto de vista historiográfico quanto da publicação de documentos, se adapte de um modo perfeitamente natural em torno das datas que representam pontos de viragem na história política do país. Assim, 1924 marca a morte de Lenin, mas também o lançamento das premissas do que viria a ser a ditadura stalinista; e 1956 marca o início da denúncia do "culto à personalidade" de Stalin, sob a direção de seus comandados de ontem convertidos em seus sucessores.

Depois da revolução, os primeiros anos do novo regime presenciaram um enorme esforço dirigido à publicação de materiais históricos: panfletos e artigos, atas e documentos oficiais, memórias e recordações, pesquisas, antologias de artigos ou de discursos foram assim publicados num esforço, cuja única limitação foi a mediocridade dos meios materiais disponíveis e as enormes pressões, primeiro da guerra civil e depois da reconstrução econômica. No entanto, esta abundância, de incalculável valor para a investigação histórica e reflexão política, foi infelizmente breve. A partir de 1924, a política cotidiana domina diretamente não apenas a elaboração do próprio processo histórico, mas também a mera publicação ou pelo menos a disponibilidade dos documentos mais elementares. A partir de sua terceira edição, as *Obras Completas* de Lenin aparecem mutiladas de todas as frases que poderiam ser interpretadas como uma condenação à política de seus sucessores, enquanto a maior parte dos textos correspondentes é ocultada dos investigadores e, naturalmente, do público em geral. As obras dos autores que foram excomungados no terreno político, como Trotski, Bukharin, Zinoviev e muitos outros, são retiradas de circulação e sua impressão torna-se terminantemente proibida. Mas a repressão cultural contra os vencidos não se limita a este aspecto. Também as obras menos importantes, aquelas que se limitam a mencionar estes homens, dando uma visão justa do papel desempenhado realmente por eles na construção do novo regime, são alvo do mesmo tratamento. A conclusão para o estudo é: todo o documento que provém da URSS deve ser objeto de um exame cuidadoso, não apenas em função do seu conteúdo, mas tendo em conta a data de publicação, resultando em quase todos os casos de um cálculo político baseado nos interesses do momento e desprovido de todo tipo de interesse para a história política. Em tais condições, este documento, que deverá ser tratado com a aplicação da dúvida metodológica por princípio, perde toda significação por si só, convertendo-se em um mero indício de um pano de fundo que permanece inacessível. O trabalho de investigação torna-se então quase impossível. A situação fica ainda mais grave a partir de 1930. Durante todo o período posterior a esta data os documentos oficiais da URSS são praticamente inúteis em sua totalidade. Nesta época ocorre, como boa prova do exposto, a condenação de Stalin contra o historiador Slutski, que se suicidou depois de ser expulso do partido. Cria-se uma situação que converte a história numa ocupação inviável: "Somente os burocratas incuráveis e os ratos de biblioteca podem confiar em documentos que não são mais que papel!". Esta é a tônica geral até 1956.

No entanto, o historiador dispõe de algumas fontes documentais. Para o período de 1917 a 1939, conta com os importantes arquivos de Leon Trotski, que foram guardados em Amsterdã e Harvard depois de sua expulsão da URSS. Trata-se de uma série de documentos densos e contínuos até 1928, e esparsos a partir de então. No entanto, o acesso de pesquisadores à maior parte da correspondência está proibido até 1980. Os documentos mais essenciais destes arquivos foram reproduzidos nas principais obras de Trotski e pela imprensa "trotskista" internacional. Até 1939, o historiador pode contar também com outros dados valiosos: aqueles presentes nos escritos de Victor Serge, embora estas informações devam ser verificadas cuidadosamente, já que o escritor reproduziu suas informações de memória, após a apreensão de seus arquivos em Moscou; além das memórias do veterano comunista iugoslavo Anton Ciliga, que conseguiu escapar de um campo de concentração, onde teve a oportunidade de recolher um sem número de confidências pessoais e de interpretações dos grandes acontecimentos da história da URSS. O estudioso também pode contar com as informações presentes nas publicações mencheviques, como o *Sotsialisticheski Vestnik* (Correio socialista), do historiador Boris Nikolaievski, onde encontramos a publicação da misteriosa "Carta de um velho bolchevique", repleta de informações inéditas sobre o período anterior e imediatamente posterior ao assassinato de Kirov.

A partir de 1945, o investigador já não dispõe de fontes como estas, perfeitamente utilizáveis, apesar do compromisso político de seus autores. O lugar destes testemunhos de grandes protagonistas é ocupado por uma verdadeira avalanche de relatos, memórias e informes que emanam, em geral, de "pessoas deslocadas", ou seja, de uma série de cidadãos soviéticos que se negaram a ser repatriados ao seu país de origem após o fim da guerra. O material para análise é abundante, excessivo inclusive, mas sua origem é suspeita na maioria das vezes. Nesses casos, os testemunhos diretos são feitos a posteriori e as perguntas são elaboradas por especialistas em guerra psicológica, cuja preocupação principal não é a de preservar a verdade histórica. Ao mesmo tempo, cria-se uma verdadeira "indústria" de supostas memórias, suscetíveis de converterem-se, graças à ação de falsificadores habilidosos, em fonte de renda. A este respeito poderíamos usar o exemplo da aventura de um grande especialista inglês em história soviética que, certamente, não esqueceu a confusão que lhe causou ter tomado como autênticas certas falsas memórias do comissário do povo Maxim Litvinov. Além disso, de todo o conjunto de materiais recolhidos desta forma, só se publicam os documentos que se consideram rentáveis, seja no plano puramente comercial – das publicações sensacionalistas – ou mesmo no plano político – do mais bruto esquematismo. De toda essa avalanche de documentos do pós-guerra, só podemos citar uma exceção de grande importância: os arquivos da organização do partido da região de Smolensk, recolhidos primeiramente pelo exército alemão em 1941 e passados em 1945 para

as mãos do exército americano. Com base nestes documentos, o historiador americano Merle Fainsod escreveu um estudo que constitui uma janela aberta sobre os mecanismos de poder e a vida cotidiana na União Soviética, sem precedentes em nenhuma parte do mundo.

O destino da historiografia oficial coincide com o dos documentos. Até 1956 – a partir da morte de Lenin –, a historiografia soviética passa a ser apenas a versão manipulada da história do país, conforme o que os dirigentes querem que se pense sobre ela em cada momento. A história passa a ser uma justificação de suas políticas, isto é, uma espécie de artifício político-policial oposto objetivamente à realidade. Certamente, o investigador pode, por meio de algum fato, estudar as diferentes versões e comparar as sucessivas edições para perceber as contradições e supressões, a fim de elaborar uma interpretação política da situação de um determinado período. Mas não mais do que isso... Esse procedimento pode gerar uma série de mitos – alguns efêmeros, outros mais duradouros – carentes de um vínculo real com a verdade e com a realidade histórica, que são válidos unicamente quando se quer conhecer a necessidade política dos homens que dominavam o poder na conjuntura de sua elaboração.

Comparada com a historiografia soviética, a de língua inglesa ilumina bastante esta etapa. Certamente, esta não dispõe de muitos materiais de primeira mão, mas sua maior flexibilidade na organização de seus métodos gera benefícios. Nos últimos anos, algumas universidades compraram, pagando a peso de ouro, todos os documentos que puderam, contratando os mais eminentes emigrados soviéticos e formando valiosas equipes de trabalho. Em geral, as informações básicas que sustentam as obras destes historiadores são de grande solidez e, mesmo em nossos dias, são consideradas de grande valia até mesmo por pesquisadores soviéticos que não tiveram esses materiais à disposição. No entanto, suas interpretações dos fatos são muitas vezes discutíveis; em primeiro lugar, porque os emigrados possuem uma tendência inevitável a escrever a história deixando-se guiar pelos seus rancores, mas também porque em certas ocasiões se submetem às exigências da concorrência no mercado de informações, o que os leva a certos excessos de audácia nas suas interpretações e a uma série de afirmações categóricas em questões que pediriam maior prudência e cuidado. Esta historiografia, assim como a soviética, também responde, quase sempre, a uma série de objetivos que perturbam seu rigor científico, na medida em que se trata não de analisar uma realidade histórica de difícil compreensão, cheia de complexidades e contradições, mas de tentar justificar a superioridade de um sistema sobre o outro, ou de declarar a vitória de uma ideologia ou de um grupo. Temos aqui, assim, uma concepção tão dogmática como a precedente, o outro lado da mesma moeda, tão estéril como a soviética, mesmo quando chega a conclusões perfeitamente úteis, nos casos em que a honradez de certos historiadores permite (este é o caso, espe-

cialmente, da obra de Edward Hallett Carr, sua monumental *História da Rússia Soviética*, cujos sete primeiros volumes foram publicados).

O que dizer da historiografia francesa sobre este tema durante os últimos anos? No geral, se destaca por sua mediocridade, como consequência de uma prudente tradição em matéria de investigação histórica que sistematicamente ignora os temas demasiado recentes ou excessivamente polêmicos. Mas esta não é a única razão de suas limitações. Podemos também considerar que exerce sua influência uma prudência comercial, necessária num país onde existe um poderoso partido comunista e que sustenta uma determinada versão da história da URSS e do partido bolchevique.

Esta foi a tônica geral dos últimos anos. De qualquer forma, os dados básicos do trabalho histórico foram brutalmente influenciados pelo que se chamou de "desestalinização". E isto não somente pelo número e a importância das "revelações" de Nikita Krushev e seus companheiros, mas também pela rápida divulgação destas mensagens nos jornais de todo o mundo. De fato, não aconteceu nenhuma verdadeira revelação no sentido estrito, mas uma série de confirmações, certamente de grande importância. Para isso, colaborou a publicação dos últimos escritos de Lenin, de cuja existência falava Trotski quando o regime de Stalin negava até mesmo que estas linhas tivessem sido escritas. Desta forma, a "Carta ao Congresso" – conhecida pelo nome de "Testamento de Lenin", divulgada anos antes no Ocidente pelo americano Max Eastman e confirmada por Trotski como autêntica – foi agora publicada pelos sucessores de Stalin. Da mesma forma, as "reabilitações" que começaram a acontecer a partir de 1956 oferecem, por meio das biografias dos personagens históricos a que se referem, valiosos dados sobre a história econômica, social, política e, inclusive, puramente factual. Os discursos de Krushev ao XX e ao XXII congressos confirmam e dão peso e consistência às análises de Trotski sobre as origens do terror na década de 1930, assim como à hipótese, formulada desde 1935, de que as pistas deixadas pelos assassinos de Kirov conduziam diretamente a Stalin e sua camarilha, quando este crime, na época, foi imputado aos "trotskistas", desencadeando uma tremenda onda de perseguições. Por sua vez, um artigo de Ivan Shumian, publicado em comemoração ao 30º aniversário do XVII Congresso, confirmou que naquele momento estava se produzindo, na camada dirigente do partido, uma conspiração, cujo objetivo era colocar Kirov no lugar de Stalin, confirmando, essencialmente, o que é contado na famosa "Carta de um velho bolchevique" de muitos anos antes. O fim das represálias contra as famílias também permitiu que se desvendassem alguns segredos. Por exemplo, Nikolaievski pôde revelar nas páginas do jornal *Courrier Socialiste*, sem colocar em perigo os sobreviventes da família de Bukharin, que tinha sido este último o autor da "Carta...", baseando-se para isto nas informações que Bukharin havia lhe transmitido pessoalmente durante uma ida a Paris.

No entanto, esta revolução em matéria documental teve poucos frutos na própria URSS, sendo limitada a uma "revolução historiográfica" similar à própria "desestalinização" e depois a algumas iniciativas fugazes – proibidas quase imediatamente –, como a do historiador Burazhalov, que tentou revelar o verdadeiro papel desempenhado por Stalin em 1917. O balanço deste conflito ressalta em suas grandes linhas a pobreza persistente: o surgimento de novas versões que continuam sendo parciais e que carecem de uma reelaboração do contexto histórico em seu conjunto; novas eliminações de pessoas e de fatos que fazem da trama geral algo incompreensível – pois a "eliminação histórica" de Stalin é tão absurda como a de Trotski; desprezo por alguns documentos que se consideram "ultrapassados" pelo simples fato de serem antigos; a persistência de mutilações, cortes e falsificações, inclusive, novamente, nas próprias obras de Lenin; a manutenção de arquivos fechados; a proibição da publicação de todo tipo de memórias ou trabalhos históricos que se considerem passíveis de adquirir novas ressonâncias no momento presente ou de nutrir intelectualmente a oposição ao regime. O resultado de todas estas restrições é a circulação clandestina de abundante literatura histórica que, ao ultrapassar as fronteiras, resulta, definitivamente, em ser melhor conhecida pelos estrangeiros do que pelos próprios soviéticos, como o demonstra, apenas para exemplificar, o êxito obtido no Ocidente pela obra de Roy Medvedev, autêntico resumo sobre o stalinismo, que entretanto não foi publicada no país onde foi escrita.

Como consequência, foi a historiografia ocidental que colheu os frutos da "desestalinização", quer dizer, da relativa abertura das fontes documentais e da confirmação de algumas fontes que eram até então discutíveis. Isaac Deutscher, que era conhecido apenas por seu *Stalin*, obra em que se esforçava por justificar a presença do ditador pela existência de um "princípio da necessidade" e que chegava a sustentar a tese do "complô dos generais" de 1937, se torna sensível às novas correntes e se converte em um grande biógrafo de... Trotski! Os autores de língua inglesa como Schapiro, Robert V. Daniels, e os franceses, como Pierre Sorlin, Jean-Jacques Marie, F. X. Coquin e Marc Ferro, não mais hesitam na consideração de alguns documentos que, até então, eram de duvidosa autenticidade e passam a utilizar todos os materiais de que dispõem, atribuindo a eles diferentes interpretações, de acordo com suas respectivas ideias políticas ou filosóficas. É indiscutível que todos eles contribuíram enormemente para o nosso conhecimento histórico, precisamente em um momento em que uma nova situação voltava a colocar à disposição dos leitores os escritos dos protagonistas da história russa do último meio século, que durante muito tempo estiveram praticamente inacessíveis.

Foi nestas novas condições definitivamente favoráveis que decidimos empreender a tarefa de escrever a história do partido bolchevique: um estudo que considerasse os fatos em todas as suas contradições, sua luz e suas sombras, seus fatos confirmados e suas incertezas, a vida e a morte de homens e coisas; e não uma história

em preto e branco, de bons e maus, com "filhos do povo" e "víboras escorregadias". Exceto como forma de alusão ou ilustração, ninguém deve esperar encontrar aqui o clichê que apresenta os bolcheviques como homens com a faca entre os dentes ou com a não menos fantasiosa máscara de assassinos de crianças indefesas. Estas páginas também não vão representá-los como um exército de arcanjos infalíveis e hiperlúcidos, que previram tudo, prepararam tudo e eram capazes de realizar tudo. Pensamos que nem o movimento comunista, nem suas organizações ou partidos constituem, dentro da história, uma categoria privilegiada que pode escapar de suas leis. Não acreditamos que exista uma essência do "comunismo" e menos ainda que esta possa ser considerada "boa" ou "má". Ao contrário, opinamos que o comunismo (incluindo seu partido e seu Estado) não é mais do que um fenômeno humano, nascido em um contexto preciso que, por sua vez, o influenciou e o modificou e que, como contrapartida, recebeu também sua influência, modificando-se de maneira profunda. Sobre os partidos, pensamos – como Valéry[1] opinava a respeito das civilizações – que são mortais, que o partido de Lenin morreu sob Stalin, e depois da morte deste não ressuscitou, mas pode ainda renascer e se erguer por sobre a caricatura que carrega seu nome, e, por fim, que terá de lutar duramente se quiser sobreviver. Tais afirmações parecem ir de encontro à crise generalizada dos partidos comunistas, à dimensão dos enfrentamentos ideológicos entre os diferentes partidos e dentro de cada um deles, à série de conflitos que se produzem no âmbito socialista com uma ferocidade crescente. Os partidos – incluindo os partidos comunistas – não são onipotentes instrumentos da história, mas meros fenômenos históricos.

Para evitar qualquer tipo de preconceito exterior ao tema de nossa investigação, o que inevitavelmente nos obrigaria a suprimir alguns fatos para dar ênfase a outros, tratamos de, antes de tudo, reconstruir um movimento histórico adotando como ponto de vista geral a única hipótese metodológica verdadeiramente aceitável para um trabalho histórico, ou seja, considerar o fato, tão óbvio e tão esquecido, de que nada estava realmente "escrito" de antemão. Sem dúvida, tal movimento era historicamente necessário e o nascimento do partido bolchevique não foi um acidente, nem fruto do mero azar, mas sua vitória ou sua derrota em 1917, seu pleno desenvolvimento ou sua posterior degeneração estavam em ambos os casos profundamente enraizados nas realidades da época. Em outras palavras, trabalhamos guiados pela certeza de que, tanto antes como depois de 1917, na União Soviética se enfrentaram uma série de forças sociais, econômicas e políticas, antagônicas e contraditórias, num cenário comum e muitas vezes sob a mesma bandeira, gerando uma série de conflitos cuja resolução não estava determinada de antemão.

Neste ponto, talvez seja desnecessário dizer que tal atitude por parte do historiador envolve uma grande dose de simpatia para com o seu tema, compreensão, e

1 Paul Valéry (1871-1845), escritor, poeta e historiador francês (N. do E.).

às vezes até mesmo amor para com todos aqueles que tentam fazer ou reescrever a história e mudar o mundo e a vida, chegando ao ponto de compartilhar *a posteriori* com eles a convicção combatente de que tudo é possível e de que os homens são os donos de sua própria história, desde que desperte neles a consciência de que são capazes de construir uma história diferente.

Esta é nossa postura, e sobre ela queremos advertir nossos leitores: o historiador não é nenhum juiz ou censor; ele apenas se encarrega de devolver um hálito de vida ao passado humano, e não de reconstruir mecanismos inumanos. Acaba mutilando a vida todo aquele que não deixe, em suas páginas, arder a paixão que consumiu outros homens, florescer a esperança ou chorar a decepção, enfim, todo aquele que não acredita, como o velho bolchevique Preobrazhenski – há muito tempo assassinado pelos seus – que pouco importa que pereça o semeador, desde que, algum dia, a plantação floresça.

P. B.
Grenoble, 27 de novembro de 1972.

1

A RÚSSIA ANTES DA REVOLUÇÃO

Durante os últimos anos do século 19 e os primeiros do século 20, para o pequeno-burguês francês, a Rússia era o paraíso do capital: "os empréstimos russos", garantidos pelo poder do autocrata, pareciam investimentos tão seguros para os pequenos poupadores como para os bancos de investimento. Atualmente, sabemos até que ponto tratava-se de um grave erro de avaliação, que só foi parcialmente ocultado pela denúncia da "má fé" dos bolcheviques que, é verdade, acabaram se demonstrando maus pagadores. Por outro lado, a história conformista e a grande imprensa ficaram satisfeitas desde então em sublinhar os vícios e as debilidades da monarquia czarista: a evocação da sombra de Rasputin, o mago curandeiro, o bêbado tarado, a "besta sensual e astuta", serviu para explicar a derrubada do "colosso com pés de barro", como frequentemente os manuais de história se referem ao regime do czar. Estes pontos de vista, tão tradicionalistas como rotineiros, refletem, entretanto, de uma maneira particular, o verdadeiro estado em que se encontrava a Rússia antes da revolução, bem como as características profundamente contraditórias que a caracterizavam: era um país imenso, povoado de camponeses primitivos – esses *mujiks*[2] que se assemelham aos servos da Idade Média –, mas era também um campo de expansão de um capitalismo moderno e americanizado, que utilizava um proletariado muito concentrado nas grandes fábricas. No território russo, as grandes fazendas da nobreza e as comunidades camponesas coexistiam com os monopólios industriais e financeiros. A este país de analfabetos pertencia também uma intelectualidade aberta a todas as correntes de pensamento e que forneceu ao mundo alguns dos seus maiores escritores. No começo do século 20, a Rússia era,

2 Em tradução livre, homem bruto, rústico. Diz-se do camponês russo tradicional (N. do E.).

por outro lado, o último reduto da autocracia, convertendo-se posteriormente no primeiro campo de batalha vitorioso de uma revolução operária.

Outro lugar comum é a afirmação de que a Rússia, intermediária entre a Europa e a Ásia no mapa, o era também no caráter de suas estruturas sociais. De fato, sua dupla natureza europeia e asiática se traduz não somente na história, mas também na própria vida social russa. A civilização russa, nascida nas bordas dos bosques da zona temperada, viu se estenderem diante de si tempos e espaços quase infinitos. Até o século 20, a chave de sua história parecia ser a lentidão de sua evolução. Explica-se assim o atraso de sua economia, sua primitiva estrutura social e a mediocridade de seu nível cultura. É um mundo imenso, rico em recursos, mas imóvel e parado no tempo, que no século 19, durante a Guerra da Crimeia, se compara com a civilização ocidental. O czar Alexander II pode, então, avaliar as debilidades de seu império e compreender que a mera inércia é incapaz de prover as gloriosas vitórias com que sonha. Neste sentido, o desenvolvimento da Rússia durante o último século pouco difere do desenvolvimento dos países atrasados, coloniais e semicoloniais – ou "subdesenvolvidos", como se convencionou chamá-los na atualidade. No início de nosso século a Rússia vai enfrentar o mesmo problema que preocupa em nossos dias a maioria dos países africanos, asiáticos ou sul-americanos: a assimilação pelo país mais atrasado de tecnologias e estruturas das sociedades e países mais avançados provoca o desenvolvimento simultâneo de fenômenos que foram observados anteriormente em diferentes circunstâncias históricas e que, por uma série de múltiplas combinações, cria um ritmo de desenvolvimento e inter-relações altamente originais. Esta é a lei que os marxistas – os únicos que elaboraram uma explicação científica para este processo – chamam de "desenvolvimento desigual e combinado", e que Trotski definiu como "a combinação de diferentes etapas do caminho, a mistura de distintas fases, o amálgama das estruturas arcaicas com as mais modernas"[3] e que, definitivamente, constitui a única explicação séria da Revolução Russa. Em poucos meses o antigo regime cedeu seu lugar a um partido operário e socialista; e este último encabeçou uma revolução que, como afirma novamente Trotski, associava "a guerra camponesa, movimento característico da aurora do desenvolvimento burguês, com o levante proletário, movimento que assinala o crepúsculo da sociedade burguesa"[4].

Uma economia atrasada

No final do século 19, a Rússia é habitada – seu primeiro censo data de 1897 – por 129 milhões de pessoas. Em 1914, são mais de 160 milhões de habitantes. A taxa de natalidade é de 48 por mil: durante este período a população aumenta em

---

3 TROTSKI, Leon, *Histoire de la révolution russe*, Paris, Seuil, 1962, tomo I, p. 21. Publicado em português pela Editora Sundermann como *História da Revolução Russa*, 2 tomos, São Paulo, 2007.
4 *Ibid.*, p.86.

mais de dois milhões por ano. Nesta época 87% dos russos vive no campo e 81,5 % são agricultores. À medida em que a população aumenta, os lotes de terra se tornam cada vez menores: em 1900 sua superfície média é 55% menor do que fora em 1861. O espaço cultivável é tão escasso quanto na Europa. Por outro lado, este espaço é cultivado de uma maneira tão extensiva quanto na América do Norte, mas com métodos muito mais rudimentares. Agricultor de técnicas agrícolas primitivas, em nenhum lugar o camponês russo superou a rotação trienal dos cultivos, reduzindo, desta forma, a área de cultivo de que pode dispor. Além disso, a pressão demográfica gradualmente obriga o camponês a praticar um cultivo contínuo, de efeito devastador em curto prazo. Sua pobreza e a urgência que as necessidades lhe impõem o induzem, em geral, a renunciar à criação de gado, e privam-no ao mesmo tempo dos adubos e da utilização de força de trabalho animal. Suas ferramentas, em especial o arado, são de madeira. Os rendimentos agrícolas são baixíssimos, equivalem a um quarto dos rendimentos ingleses e à metade dos franceses; são muito semelhantes aos da agricultura indiana, e entre 1861 e 1900 diminuem ainda mais. Aumenta ainda ininterruptamente o número de camponeses que não possuem cavalos. Durante o inverno de 1891-1892, 30 milhões de indivíduos são afetados pela fome, com 100 mil vítimas em uma área de 500 mil quilômetros quadrados. A Rússia tem, assim, que importar o trigo necessário para alimentar sua crescente população. Porém, pela vontade de seus governantes, ela é um país exportador. Os cereais, entre eles metade da produção russa de trigo, representam, junto com outros produtos alimentícios, 50% de suas exportações; a maior parte do restante (36%) é de matérias primas. Os mesmos fatores que fazem da Rússia um país de economia agrícola atrasada, a submetem a uma forte dependência do mercado mundial.

Na indústria, este fenômeno é igualmente evidente. Um terço das importações russas é composto por produtos manufaturados que provém da indústria ocidental. A indústria russa, que nasceu no século 18 do empenho de "ocidentalização" dos czares, começou em seguida a se debilitar como consequência da origem servil de sua mão de obra. Os "interesses nacionais" do Estado lhe deram um novo impulso no século 19. As reformas sociais de Alexander II lhe abriram caminho: liberta da servidão, a mão de obra camponesa pôde afluir para as indústrias, nas quais o rendimento do trabalho "livre" é infinitamente superior ao do trabalho "servil". Apesar da debilidade do mercado interno, que não é compensada nem pelo forte protecionismo russo, a indústria se beneficia com a entrada de técnica e de capital estrangeiros, o que exige, durante a última metade do século, a construção de vias de comunicação. Depois de 1910, ela se beneficia com os pedidos massivos de armamento e de certa ampliação do mercado interno, causada pelo desenvolvimento das cidades e da vida urbana. Em 1912, a indústria russa produz 4 milhões de toneladas de ferro fundido, 9 milhões de toneladas de petróleo, 20 mil toneladas de cobre e 90% do total mundial de platina. De fato esta indústria, dese-

jada, apoiada e de certo modo criada pelo Estado czarista, foge por completo a seu controle: são sociedades inglesas que controlam a extração de platina, e capitais franceses e belgas que dominam (com mais de 50%) o conjunto dos investimentos nas indústrias do vale do rio Don; a estrutura eletrotécnica se encontra em mãos do capital alemão. Em tais condições, o comércio exterior acaba necessariamente subordinado ao mercado mundial, dependendo diretamente dos capitalistas e intermediários estrangeiros. Como afirma o professor Portal, "o capitalismo internacional como um todo estava, digamos com certo exagero, convertendo a Rússia em uma espécie de colônia econômica"[5].

Uma estrutura social primitiva

A sociedade russa anterior à revolução é constituída fundamentalmente pelos *mujiks*. Alexander II os libertou da servidão, entregando-lhes parte das terras que cultivavam e que agora eles podem comprar. A comunidade camponesa, ou *mir*[6], deve supervisionar e regular a redistribuição periódica destas terras, para garantir a igualdade de todos. No entanto, a pressão demográfica vai diminuí-las. O imposto que deve ser pago ao czar e a anuidade necessária para comprar uma parcela de terra pesam muito sobre a economia agrária. É esta a situação de aproximadamente 100 milhões de camponeses, que dividem entre si 60% da superfície cultivável. Parte das terras restantes pertence à coroa; uma pequena parte, à burguesia urbana; e a maior parte, à nobreza agrária. Após ter inicialmente defendido o *mir* como uma instituição tradicional e como a garantia do conservadorismo do *mujik*, o governo czarista vai "fragmentá-lo" com as reformas de Stolipin[7]: 3 milhões e meio de camponeses são proprietários de terra em 1906; em 1913 passam a 5 milhões e suas terras ocupam um sexto da superfície total. Como a população não deixou de aumentar, a demanda por terras não diminuiu. Dada a situação da técnica, são necessários de seis a doze hectares para garantir a estrita subsistência de uma família camponesa. No entanto, 15% dos camponeses não possui terra alguma; 20% possui menos de doze hectares e somente 35% possui terras o suficiente para assegurar sua subsistência. Levando em conta o pagamento de dívidas aos agiotas e as safras ruins, entre 40 e 50% das famílias camponesas possuem rendimentos inferiores ao que podemos chamar de um "mínimo vital". Além disso, o endivida-

5 PORTAL, Roger, *La Russie de 1894 a 1914*, Paris, C.D.U., 1955, p. 34.

6 Literalmente, "mundo" em russo, em oposição ao "céu" ou mundo celestial. Designa a comunidade camponesa russa anterior ao período da servidão e que sobreviveu de distintas formas até a Revolução de Outubro. Caracterizava-se pela existência de uma assembleia de camponeses que dividia as terras cultiváveis entre todos os seus membros e determinava os direitos e obrigações de cada um, pela propriedade comum das florestas, rios e pastagens e por técnicas agrícolas arcaicas (N. do E.).

7 Piotr Stolipin, primeiro-ministro czarista entre 1906 e 1911, que enfrentou o movimento camponês e operário por meio de uma série de reformas econômicas liberalizantes, combinadas com uma dura repressão política (N. do E.).

mento dessas famílias aumenta a cada ano, pois são sempre forçadas a vender sua produção pelos preços mais baixos, por não terem economias guardadas, e estão sempre à mercê de uma safra ruim ou de um credor exigente. A minoria dos camponeses acomodados, ou *kulaks*[8], não representa mais de 12% do total. Por último, 140 mil famílias nobres possuem um quarto de todas as terras. No início do século 20, se observa uma clara tendência à diminuição das propriedades dos nobres, na maioria dos casos em favor do *kulak*, intermediário entre o proprietário nobre e os arrendatários ou trabalhadores que contrata.

A imensa maioria (pelo menos 80%) dos camponeses é analfabeta, e a influência dos sacerdotes rurais, os popes[9], medíocres, ignorantes e por vezes desonestos, se faz sentir pela sobrevivência do obscurantismo. Por séculos o *mujik* vive à beira da fome, afundado em resignações supersticiosas: humildemente dobra as costas e se sente infinitamente pequeno em relação a Deus e ao czar. Entretanto, em certas ocasiões, o medo e a humilhação se transformam em fúria, de forma que a história agrária russa constitui uma sucessão de levantes camponeses breves, porém selvagens, todos eles reprimidos ferozmente. No início do século, a fome de terras cresce no mesmo ritmo que o número de bocas a alimentar. Nesse contexto, o *mujik* não pode ignorar as terras da aristocracia, e menos ainda por se ver obrigado a trabalhar nelas com frequência: sua luta pela terra será, portanto, um dos mais poderosos motores da revolução de 1917.

As estatísticas que permitem avaliar o número de operários são muito incertas, pois uma grande massa de homens, algo em torno de 3 milhões, oscila permanentemente entre o trabalho industrial e o campo. Trata-se de uma verdadeira mão de obra flutuante, que passa alguns anos, por vezes somente meses ou semanas, trabalhando na cidade, sem abandonar o âmbito familiar e social camponês. Os operários propriamente ditos são aproximadamente 1 milhão e meio em 1900, e 3 milhões em 1912. Com exceção, talvez, de São Petersburgo, são muito raros os que não são filhos de camponeses ou não possuem parentes próximos que vivem no campo e a quem devam ajudar ou dos quais possam receber algum socorro quando estão desempregados. Geralmente, se assemelham muito aos camponeses em seu nível cultural e sua mentalidade; são analfabetos e supersticiosos e estão submetidos a condições de trabalho duríssimas. Na prática, não se aplicam as leis que limitam a duração da jornada de trabalho a 11 horas e meia em 1897, e a 10 horas em 1906. Os salários são baixíssimos, muito inferiores aos pagos na Europa ou nos Estados Unidos. Muitas vezes os operários são pagos em espécie, ao menos

---

8 "Punho fechado" em russo. O termo é usado de forma pejorativa para designar os camponeses ricos ou acomodados, proprietários de terras e que empregam trabalho assalariado. A associação com um punho fechado vem da violência que caracterizava o trato do camponês rico para com o camponês pobre (N. do E.).

9 Nome dado aos sacerdotes da religião cristã ortodoxa russa. Equivalente ao padre da igreja católica (N. do E.).

em parte, sistema este que proporciona ao patrão alguns benefícios substanciais. O mesmo ocorre com a generalização das pesadas multas que punem as violações do regime de trabalho, que diminuem os salários em 30 ou 40%, em média. Estas proporções variam muito de uma região para outra, ou mesmo de uma cidade para outra.

Os operários formam, no entanto, uma força muito mais perigosa do que a muito mais numerosa massa camponesa. Estão muito unidos, já que os salários são uniformemente baixos e são raros os privilegiados. Agrupam-se em grandes fábricas: em 1911, 54% dos operários russos trabalham em fábricas que utilizam mais de 500 assalariados, enquanto o número correspondente nos Estados Unidos é de 31%; 40% se encontra em fábricas que utilizam de 50 a 500 operários; menos de 12% trabalha em fábricas com menos de 50 operários. Ao contrário do camponês, que fica recluso às suas pequenas terras, os operários possuem mobilidade, passam de uma fábrica, de uma cidade ou de um ofício a outro e têm, portanto, um horizonte mais amplo. Por sua concentração, suas condições de trabalho e de vida, pelas modernas máquinas que utiliza e por sua atividade social, a classe operária russa constitui um proletariado moderno, cuja espontaneidade conduz muito mais facilmente à revolta e à luta violenta do que à negociação. É um proletariado muito mais embrutecido, mas também muito mais combativo que o da Europa Ocidental, mantendo ainda suas ligações com o mundo rural. É também muito unido, por não possuir uma verdadeira "aristocracia operária" de especialistas em seu seio.

A oligarquia financeira é composta por poucas famílias que controlam a atividade industrial. A crise de 1901-1903 acelerou o processo de concentração, colocando a indústria nas mãos dos grandes monopólios. Por exemplo, na metalurgia, a sociedade comercial Prodamet, fundada em 1903 e que se converteu em um verdadeiro truste do aço, controla 17% das empresas, dentre elas as 30 mais importantes, além de 70% do capital e mais de 80% da produção, utilizando 33% da mão de obra. Nos últimos anos antes da guerra, esta sociedade é presidida por Putilov, que está igualmente à frente do Conselho de Administração do Banco Russo-Asiático, dominado pelo capital francês (60%). Trata-se de uma personalidade vinculada ao grupo Schneider e que mantém estreitas relações comerciais com os Krupp[10]. Nas empresas têxteis, os capitalistas russos são maioria; no entanto, na maioria dos casos, as indústrias são controladas pelos bancos, e estes, por sua vez, pelos capitais estrangeiros. Estes compõem 42,6% do capital dos dezoito maiores bancos: o Credit Lyonnais, o Banco Alemão do Comércio e da Indústria e a Societé Genérale belga são os verdadeiros detentores do crédito e, por consequência, da indústria russa[11].

10 Schneider e Krupp são as famílias que dirigem dois dos maiores conglomerados industriais alemães desse período (N. do E.).

11 LIASCHENKO, Peter, *History of the national economy of the USSR*, Nova York, Macmillan, 1959, pp. 678-708.

Não existe, portanto, uma verdadeira burguesia russa, mas sim – e esta é uma característica comum dos países atrasados – uma oligarquia que depende do imperialismo estrangeiro; esta oligarquia se encontra, por sua vez, integrada ao aparato estatal. Em 1906, 20 membros do Conselho do Império possuem 176 mil hectares de terras cultiváveis, que dizer, uma média de 8 mil por família. Como afirma o professor Portal, "os altos escalões da administração pública eram recrutados entre os membros da nobreza fundiária"[12], e os trabalhos de Liashenko mostraram uma interpenetração entre a cúpula da burocracia e da aristocracia de um lado, e os conglomerados industriais e bancários de outro: os grandes duques são acionistas das ferrovias e os ministros passam a trabalhar para os bancos quando abandonam suas tarefas estatais, isso quando não trabalham para eles ainda em seus cargos oficiais. Os traços mais característicos da burguesia russa são, portanto, sua pequenez, sua conexão com a aristocracia fundiária e sua debilidade econômica e dependência da burguesia mundial. Entre a oligarquia e a massa de operários e camponeses se intercala um verdadeiro mosaico de classes médias: pequeno-burgueses das cidades, *kulaks* do campo, intelectuais, profissionais liberais, trabalhadores da educação e, até certo ponto, as camadas inferiores da burocracia estatal. Estes setores sociais – privilegiados em relação à massa por sua possibilidade de acesso à cultura, mas excluídos das decisões políticas pela autocracia – são influenciados por diversas correntes e estão à mercê de influências conflitantes. Por não terem uma base sólida, são incapazes de ter um papel independente, e recuam com frequência em suas próprias demandas, por conta de suas contradições.

A autocracia

O Estado czarista é também fruto do desenvolvimento desigual e combinado, e resultado da lenta evolução russa. Frente a uma Europa em plena expansão econômica, ele se manteve transformando em monopólio estatal uma grande parte do patrimônio público[13], vigiando atentamente as classes proprietárias, cuja formação foi por ele regulada, e que ele domina através de um tipo de despotismo oriental. No século 17 ele se impõe por sobre a nobreza, e em troca lhes entrega o campesinato, através da instituição da servidão. O Estado é o primeiro a fomentar a indústria, iniciando a modernização com as reformas de 1861 e abrindo caminho, com a abolição da servidão, para as novas transformações econômicas e sociais. Contando com uma rígida hierarquia de funcionários, submissos e arrogantes, servis e corruptos, e com uma polícia moderna, conhecedora dos métodos de vigilância, suborno e provocação, aparenta uma solidez a toda prova, um bastião

12 PORTAL, Roger, *La Russie..., op. cit.*, p. 23.

13 Desde os tempos do czar Pedro I, uma série de produtos como sal, tabaco, vodka, alcatrão, cola, cal e muitos outros tiveram sua produção e comercialização monopolizadas pelo Estado. Os monopólios, que permitiam que esses produtos fossem vendidos por preços muito acima dos de mercado, eram uma das principais fontes de renda do Estado czarista (N. do E.).

inexpugnável contra toda subversão, e inclusive contra toda liberalização. Contudo, no final do século 19, se acentuam as contradições entre as necessidades do desenvolvimento econômico, a expansão industrial, a livre concorrência e as exigências que surgem com o crescimento do mercado interno por um lado, e as formas políticas que impossibilitam qualquer controle sobre o governo por parte daqueles que poderiam considerá-lo indispensável para sua atividade econômica. A autocracia czarista exerce uma verdadeira tutela sobre a vida econômica e social do país, justificando seus métodos de coerção com uma ideologia paternalista baseada na graça de Deus. Por exemplo, uma circular de 1897, que versa sobre o controle trabalhista, ameaça com sanções aqueles diretores de fábrica que satisfizerem as reivindicações dos grevistas. Convencido do caráter sagrado não somente de suas funções, mas também do conjunto da estrutura social, o czar Nikolai II crê realizar sua missão divina ao proibir seus súditos de todo tipo de iniciativa, sem esperar deles outra coisa que não seja a submissão à ordem estabelecida. Frente à eclosão revolucionária, se revelará impotente e indeciso. Após estabelecer um brilhante paralelismo entre 1917 e 1789, e entre Luis XVI e Nikolai II, Trotski diz, referindo-se a este último: "Seus infortúnios provinham de uma contradição entre as velhas visões que havia herdado de seus antepassados e as novas condições históricas em que ele se encontrava"[14].

As forças políticas

É fato que o czar e seus partidários – os membros das Centúrias Negras (que organizavam as matanças de judeus), sua polícia e seus funcionários – podiam, no pior dos casos, apenas ganhar tempo com o uso da repressão, da desorganização de seus adversários, com a "russificação" das populações não russas e com a utilização do chauvinismo russo. A fome de terras dos camponeses os empurrava inevitavelmente em direção às propriedades da nobreza, embora nem mesmo estas fossem suficientes para satisfazê-los. As lutas operárias se chocavam, em suas reivindicações, inclusive as mais insignificantes, com o poder da autocracia czarista, fortaleza dos capitalistas e guardiã da ordem. Uma "modernização" que alinhasse a sociedade russa ao modelo ocidental requereria várias décadas de diferenciação social no meio rural, bem como a criação de um amplo mercado interno, que, para sua realização, exigiria, como mínimo, o desaparecimento das propriedades da nobreza e a supressão da carga de impostos que pesava sobre os camponeses. Tal modernização teria exigido um ritmo de industrialização que a própria debilidade do mercado interno não poderia sustentar e que, por outro lado, não interessava ao capital estrangeiro predominante. Apesar do exemplo prussiano, a modernização da agricultura era impossível se não fosse acompanhada da industrialização. As incursões imperialistas e a busca de mercados de exportação poderiam ter cum-

14 TROTSKI, Leon, *Histoire de la révolution russe*, *op. cit.*, tomo I, p.146.

prido um papel diversionário e de válvula de segurança que alguns lhes atribuíam; no entanto, num mundo desigualmente desenvolvido, tais ambições punham a Rússia em choque com os interesses de outras potências estrangeiras – como o prova a infeliz guerra contra o Japão –, o que, definitivamente, aumentava os riscos de distúrbios internos no país.

Somente assim podemos compreender a extrema debilidade dos liberais russos. O movimento liberal, nascido no seio dos *zemstvos*, ou assembleias de distrito, que eram compostas pelos notáveis de cada região, não tinha, nem poderia ter, mais do que um programa político de limitação do absolutismo monárquico e de adaptação às novas condições econômicas através da associação política do czarismo com camadas mais amplas de proprietários. O Partido Constitucional-Democrata, chamado "kadete" por sua sigla em russo, nascido oficialmente em 1905 e cuja figura pública e teórica é o historiador Miliukov, defende uma evolução pacífica, ao estilo ocidental, paralela à liberalização do regime. Permanece alheio e em grande medida hostil às reivindicações mais concretas e imediatas das massas camponesas e operárias, que só se preocupam com a luta diária contra uma patronal respaldada pelo Estado. Seriamente ameaçado pelo "quarto estado", este "terceiro estado"[15] renunciará às lutas desde as primeiras concessões da autocracia, em 1905, e será levado, contra sua vontade ou não, a se aliar com a oligarquia para fazer frente à ameaça comum das lutas operárias e camponesas.

De fato, trata-se de um regime que – como afirmava Alexander II, o qual nenhum de seus sucessores ousou contrariar – admite transformações de cima para baixo apenas se forem estritamente necessárias para evitar uma transformação vinda de baixo para cima. E um regime tal que não possa tolerar nenhum tipo de oposição contra si, por mais pacífica que seja, não deixa a seus opositores outro caminho senão o da violência revolucionária. Os populistas, ou *narodniki*, aguardaram pacientemente, esperaram e tentaram preparar uma revolução camponesa cuja potencialidade lhes parecia pressagiada e contida nas revoltas camponesas que ocorriam há séculos e na própria massa dos *mujiks*. Sensíveis às particularidades nacionais e às tradições, e desejosos de se manterem fiéis ao espírito popular e, a seu modo, criar um mundo mais justo e mais fraternal, acreditaram encontrar no *mir* e nas práticas comunais um sinal do destino do povo russo, o ponto de partida e a base de um socialismo agrário. No entanto, sua incursão rumo ao povo os decepcionou profundamente: em seu esforço propagandístico, tomaram consciência do imenso obstáculo que constituía a ignorância e a apatia das massas camponesas. Assim, sua determinação os fez tomar o caminho do terrorismo, ação similar

15 Alusão à divisão entre os estamentos (estados) na França antes da Revolução de 1789. Os três estados tradicionais eram a aristocracia, o clero e o "terceiro estado", composto pela burguesia e pequena burguesia, os atores políticos da revolução. A alusão ao "quarto estado" (que Broué identifica com o novo proletariado) deve-se ao fato de que o esquema tradicional dos três estados da Revolução Francesa não corresponde à realidade social russa (N. do E.).

às formas de que a massa rural empobrecida e escravizada espontaneamente se utiliza. Sua impotência para mobilizar os milhões de *mujiks* através da propaganda, unida a seu impaciente desejo de destruir o poder intolerante da autocracia, os levou à exaltação da ação individual, do valor do exemplo, do gesto generoso e do sacrifício dos heróis.

Eles são os que, no início do século 20, inspiram a criação do Partido dos Socialistas-Revolucionários, continuação do populismo por sua fé no papel revolucionário desempenhado pelo campesinato e no terrorismo político como forma de ação. Os que se denominam socialistas-revolucionários – conhecidos como SR's – elaboram suas teses sob influência do desenvolvimento econômico, aceitando incluir o proletariado industrial entre as forças revolucionárias, e admitindo que a diferenciação existente entre as fileiras dos camponeses provoca o surgimento de reflexos políticos divergentes. O "socialismo construtivo" ou populista, que, no início do século, defendia Victor Tchernov, personagem familiarizado com o socialismo ocidental, prevê duas etapas sucessivas da revolução. O programa dos SR's, ao separar as reivindicações mínimas e máximas, facilitará a aproximação, por parte dos setores pequeno-burgueses, deste tipo de socialismo. É somente em uma segunda etapa revolucionária que será realizado o socialismo agrário, tendo o *mir* como base. A tarefa imediata é a construção de uma república democrática. A imensa maioria da intelectualidade e um importante setor da pequena burguesia integrarão os quadros deste partido de base camponesa. Não podemos então estranhar que, em suas fileiras, se encontrem, lado a lado, nacionalistas exaltados, democratas avançados, revolucionários camponeses próximos dos libertários e liberais em busca de apoio popular.

Contudo, a mesma evolução que contribui para modernizar as teses populistas serve ao mesmo tempo para fortalecer a oposição de seus adversários no seio do movimento revolucionário. O marxismo se difunde por toda a Rússia na época do desenvolvimento da grande indústria e do crescimento do proletariado. Seu mais importante expoente será George Plekhanov, antigo populista que, em 1881, funda o primeiro grupo marxista russo, com o nome de "Emancipação do Trabalho". É ele próprio quem traduz e difunde na língua russa as principais obras de Marx e Engels, e que inicia a luta ideológica contra os populistas, assentando assim as bases da vitória posterior dos sociais-democratas sobre os SR's. Ao refutar a convicção populista de que a economia e a sociedade russa se beneficiavam de um desenvolvimento tão original quanto privilegiado e que possibilitava ao país chegar ao socialismo sem passar por uma fase industrial, Plekhanov se empenha em demonstrar o contrário: o desenvolvimento capitalista é uma etapa indispensável que, graças ao surgimento do proletariado, permitirá derrotar o sistema e assegurar a vitória do socialismo pelo desenvolvimento das forças produtivas. A ideia fundamental dos sociais-democratas é a de que o proletariado, por sua concentra-

ção, suas condições de trabalho, que favorecem sua consciência de classe e sua organização, haverá de desempenhar, apesar de sua pouca importância numérica, o papel de vanguarda que o marxismo se nega a atribuir à massa camponesa amorfa, isolada pelo incipiente desenvolvimento capitalista. Plekhanov, em sua polêmica, ataca especialmente a concepção dos populistas sobre a função dos indivíduos na história: afirma que somente podem desempenar um papel decisivo quando sua ação se exerce no mesmo sentido que o desenvolvimento objetivo das forças econômicas e sociais, condenando, portanto, qualquer prática terrorista que se apoie na ideia de despertar uma massa camponesa que está historicamente condenada a não ser mais do que a retaguarda da revolução.

Desta forma, o pensamento marxista russo se define, em grande medida, pela oposição ao populismo. Em muitos aspectos, aos olhos de um observador da época, poderia parecer mais moderado que o pensamento dos populistas: aceitava a necessidade de um desenvolvimento capitalista que alguns de seus membros, os "marxistas legalistas", vão apoiar na prática, apesar da resistência operária que esse desenvolvimento suscita; ao mesmo tempo, condenava o terrorismo individual, que parecia ser a forma mais extrema de ação revolucionária. Suas perspectivas fundamentais parecem abranger um período muito mais longo. Os SR's, partindo da situação contemporânea do país e de uma determinada concepção de seu passado, defendem a ação direta, revolucionária e imediata. Por sua vez, os sociais-democratas elaboram seus princípios de ação em virtude de uma análise histórica: a revolução que preparam se situa em um futuro mais distante, depois de uma etapa burguesa e capitalista pela qual a sociedade russa deve passar inevitavelmente. Eles parecem constituir, em muitos aspectos, uma ameaça menor ao regime.

Na realidade, por trás do radicalismo de suas consignas e suas formas de luta, o objetivo dos SR's se limita a uma democracia política cujas bases objetivas parecem ausentes. Os sociais-democratas, por sua vez, defendem e preparam uma revolução social, ou seja, no curto prazo intervêm na organização e ações operárias e nas mobilizações camponesas por terra. Ao comportarem-se desta forma, desde o início colocam em questão o equilíbrio da sociedade de amanhã, contribuindo para aumentar as contradições reais. Além disso, suas perspectivas não são estritamente russas, mas internacionais, o que adquire uma grande importância em um império que oprime várias nacionalidades: elas não se baseiam na suposta predestinação de um "povo", mas no lugar ocupado no processo produtivo por uma classe que em todos os países ocidentais cresce com a revolução industrial. A história mostrará em seguida que sua aparente moderação encobre objetivos revolucionários infinitamente mais radicais. Na situação do momento, sob a capa das aparências e das tradições, os marxistas já distinguem o que está ultrapassado e o que está surgindo. No seio das contradições do presente, eles analisam a correlação de forças que está sendo criada, para preparar o futuro.

Entretanto, no início do século, o movimento social-democrata russo é o único que não conseguiu fundar um autêntico partido operário. Por trás das brilhantes polêmicas que encabeçou Plekhanov, seus discípulos e seus companheiros se enfrentam com um problema prático que se apresenta da seguinte forma: pela força dos obstáculos que a autocracia impõe a qualquer organização, mesmo às mais elementares, os sociais-democratas da Rússia, mais ainda que seus correligionários do Ocidente, vão dedicar, como marxistas consequentes, toda sua atenção à criação de um instrumento que lhes sirva para transformar um mundo que, seguindo as lições de Marx, não bastava apenas ser interpretado. O jovem Ulianov - Lenin - é o que melhor define esta busca quando, após uma curta experiência de organização, escreve na emigração um folheto sobre *As tarefas dos sociais-democratas*. Em sua conclusão afirma:

> Não devemos perder um tempo valioso. Os sociais-democratas russos devem se esforçar ao máximo para satisfazer as necessidades do proletariado que está despertando, para organizar o movimento operário, fortalecer os grupos revolucionários e sua união recíproca, fornecer aos operários literatura de propaganda e agitação, unir os círculos operários e os grupos social-democratas dispersos por todos os rincões da Rússia em um só partido operário social-democrata[16].

É na busca de seu instrumento histórico, na construção de seu partido, que os marxistas russos, suas forças e seus métodos serão postos à prova pela primeira vez.

16 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies*, Moscou, Éditions en langues étrangeres, 1948, tomo I, p. 170.

2

O BOLCHEVISMO ANTES DA REVOLUÇÃO

As referências, geralmente imprecisas, feitas ao "partido bolchevique" antes da revolução de 1917, criam uma confusão entre três organizações que não têm exatamente a mesma história, mas que possuem uma forte ligação: o Partido Operário Social-Democrata Russo, cuja direção é disputada por várias frações entre 1903 e 1911; a fração bolchevique deste partido, e o Partido Operário Social-Democrata Russo (bolchevique), que foi fundado em 1912. Na realidade, o bolchevismo não foi originalmente mais que uma determinada concepção, formulada por Lenin, sobre a forma de construir na Rússia o partido operário social-democrata (revolucionário, nós diríamos), que, para todos os socialistas daquela época, era um instrumento necessário para a derrubada do capitalismo pela classe operária e para a instauração de um regime socialista.

Os começos do partido social-democrata russo

Fruto de um desenvolvimento tardio do capitalismo, o movimento operário russo só gerou uma mobilização pela criação de um partido operário muitos anos depois da Europa Ocidental, e certamente em condições completamente diferentes.

As cidades proletárias são ilhas em meio ao oceano camponês. A repressão faz com que seja quase impossível que qualquer organização supere o âmbito local. Os pequenos círculos socialistas, que surgem durante os últimos anos do século 19 em certas regiões operárias, são esmagados assim que tentam ir além das discussões acadêmicas. A Liga de Moscou, em 1896, e a de Kiev, em 1897, discutem sobre as várias maneiras de reunir as organizações dispersas em um partido organizado à escala nacional, mas fracassam nesta tentativa. Os primeiros a conseguir criar

uma organização em escala nacional são os trabalhadores judeus, em geral mais instruídos, além de mais coesos, dada sua situação de minoria; sua organização é o *Bund*, que conta com alguns milhares de membros. Ele reúne, em 1898, em Minsk, nove delegados, entre os quais se encontra um operário das organizações social-democratas do Império e os representantes das Ligas de Moscou, São Petersburgo, Kiev e Ekaterinoslav. Esta assembleia se autodenomina "I Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo", redige seus estatutos e um manifesto, além de eleger um Comitê Central com três membros. Mas o fato do partido ter sido fundado não significa que sua existência tornou-se real: tanto o Comitê Central quanto os delegados ao congresso são detidos quase imediatamente. A denominação de "partido" subsiste como um nome comum de um conjunto de círculos e organizações mais ou menos delimitados, que são praticamente independentes uns dos outros.

Um grupo de intelectuais emigrados renuncia a construir o partido de baixo para cima, a partir dos círculos locais, tentando fazê-lo de cima para baixo, a partir de um centro situado no exterior, e, portanto, a salvo da polícia, publicando um jornal político que, através de uma rede clandestina, seria o centro e o instrumento da unificação das distintas organizações em um partido.

O *Iskra* e *Que fazer?*

No centro dessa empreitada estão os primeiros marxistas russos, membros do Grupo pela Emancipação do Trabalho, fundado no exílio em 1883, George Plekhanov, Vera Zasulich e Pavel Axelrod. A eles se juntam os membros da segunda geração de marxistas, que compõem a Liga da Emancipação da Classe Operária, e que são mais jovens que aqueles. Desta segunda geração, Vladimir Ilich Ulianov, que será conhecido como Lenin, e Yuli Martov, que retorna da Sibéria em 1898. Em 24 de dezembro de 1901 aparece em Stuttgart o primeiro exemplar do jornal *Iskra* (A centelha), cujo ambicioso lema, "da fagulha nascerá a chama", anuncia suas intenções. O objetivo que este jornal se coloca é "contribuir para o desenvolvimento e organização da classe operária". Ele oferece às organizações clandestinas da Rússia um programa e um plano de ação, consignas políticas e diretrizes práticas para a construção de uma organização clandestina sob o controle da companheira de Lenin, Nadezhda Krupskaia, e que no início deve se limitar apenas à difusão deste jornal. Nesse período, os operários russos parecem despertar para a luta reivindicativa: as greves e diferentes movimentos se multiplicam e os emissários do *Iskra* – que originalmente não são mais de dez, e em 1903 não passam de trinta – viajam por todo o país, tomando contato com os grupos locais, recolhendo informações, distribuindo publicações e também selecionando os militantes mais destacados, que eles fazem passar à clandestinidade. Os iskristas, "membros de uma ordem errante que se eleva acima das organizações locais, que eles consideram como seu

espaço de intervenção"[17], tentam construir um aparato central, um estado-maior das lutas operárias em escala nacional, rompendo os particularismos locais e o isolamento tradicional, e formando quadros que tenham uma visão de conjunto dessas lutas.

Tal empreitada vai ser justificada, no plano teórico, pela primeira obra de Lenin sobre o problema do partido, chamada *Que fazer?*, e publicada em Stuttgart em 1902. Toda a paixão do jovem polemista se dirige contra aqueles socialistas, chamados de "economicistas", que, invocando "um marxismo adaptado às particularidades russas", negam a necessidade de construir um partido operário social-democrata em um país onde o capitalismo ainda não se assentou. Lenin refuta as teses "economicistas" de que "para o marxista russo não existe outra solução que não seja apoiar a luta econômica do proletariado e participar nas atividades da oposição liberal", afirmando que a mera ação espontânea dos operários, limitada unicamente às reivindicações econômicas, não pode levá-los automaticamente à consciência socialista e que as teorias "economicistas" só servem para fazer do nascente movimento operário refém da burguesia. Segundo ele, é preciso – e é precisamente esta a tarefa que se coloca o *Iskra* – introduzir na classe operária as ideias socialistas mediante a construção de um partido operário que haverá de se converter no grande defensor de seus interesses, na sua direção revolucionária. Dadas as condições da Rússia no início do século 20, o partido operário deve ser integrado por revolucionários profissionais. Para enfrentar a polícia do Estado czarista, a arma principal do proletariado deve ser uma organização rigorosamente centralizada, sólida, disciplinada, e o mais secreta possível. Composto de militantes clandestinos, o partido se concebe como "a ponta de lança da revolução", como o estado-maior e a vanguarda da classe operária.

Nascimento da fração bolchevique

O segundo congresso do partido acontece durante os meses de julho e agosto de 1903, primeiro em Bruxelas, e depois em Londres. Entre os quase cinquenta delegados, só quatro são operários. Os iskristas contam com a maioria e o partido adota sem maiores dificuldades um programa que foi redigido por Plekhanov e Lenin, em que, pela primeira vez na história dos partidos social-democratas, figura a consigna de "ditadura do proletariado", definida como "a conquista do poder político pelo proletariado, condição indispensável para a revolução social".

No entanto, os membros da equipe do *Iskra* se dividem na votação sobre os estatutos, onde se enfrentam dois textos. Lenin, em nome dos "duros", propõe outorgar a condição de membro do partido somente àqueles "que participem pessoalmente em uma de suas organizações", enquanto Martov, porta-voz dos "brandos", se inclina a uma fórmula que abrange todos aqueles que "colaboram regular

17 TROTSKI, Leon, *Staline*, Paris, Grasset, 1948, p. 57.

e pessoalmente sob a direção de uma de suas organizações". Começa assim a se esboçar uma profunda divergência entre os defensores de um partido muito amplo e vinculado à intelectualidade, que apoiam Martov, e os partidários de Lenin, defensores de uma concepção estrita do partido como uma vanguarda disciplinada de revolucionários profissionais. O texto de Lenin obtém 22 votos, enquanto o de Martov, apoiado pelos delegados do Bund e pelos "economicistas" presentes no congresso, consegue 28 votos e é aprovado. No entanto, tanto os "duros" quanto os "brandos" de Martov coincidem em negar ao Bund a autonomia que este exige dentro do partido russo e em condenar as teses dos "economicistas". Os delegados do Bund e os "economicistas" abandonam o congresso: os "duros", que, desta maneira, se tornam a maioria, ficam livres para nomear um comitê de redação e um Comitê Central compostos, ambos, em sua maioria, por partidários de Lenin. Estes últimos serão chamados de bolcheviques (membros da maioria) e os "brandos" se convertem nos mencheviques (membros da minoria).

Tal é o início da grande divergência. Deste enfrentamento, que todos parecem concordar em considerar menor, vai surgir a primeira divisão do partido. Lenin, que controla os organismos dirigentes, apela à disciplina e à lei da maioria. Os mencheviques, que consideram que tal maioria foi puramente acidental, o acusam de querer infligir ao partido um "estado de sítio". Martov reagrupa ao seu redor a maioria dos sociais-democratas exilados e sua consigna é o restabelecimento do antigo comitê de redação do *Iskra*, no qual Lenin se encontrava em minoria. Plekhanov, que no congresso havia concordado com os pontos de vista de Lenin, se inclina à conciliação com os mencheviques, terminando por aceitar a designação direta de alguns deles para participar do comitê de redação, entregando a eles o controle do jornal. O Comitê Central, que, no congresso, era de maioria bolchevique, parece ser igualmente favorável à conciliação.

Mas esta tentativa fracassará. Após o congresso, Lenin fica intensamente abalado por esta crise e por uma oposição que não esperava. A surpresa e a decepção deste enfrentamento fazem com que ele sofra uma depressão nervosa. Em poucas semanas, ele se vê praticamente isolado e excluído da equipe do *Iskra* sem ter previsto nada disso. Entretanto, rapidamente se recupera, principalmente a partir do momento em que seus antigos companheiros parecem abandonar suas posições comuns, e inicia o contra-ataque. Graças a Krupskaia, continua controlando a organização clandestina na Rússia e se lança então à reconquista dos comitês, até que, em agosto de 1904, consegue organizar uma autêntica direção dos grupos bolcheviques, o primeiro esboço do que será a fração bolchevique, o "Birô dos Comitês da Maioria", que, desde janeiro de 1905, publica seu próprio órgão, o *Vperiod* (Avante). Tais êxitos lhe permitem fazer com que o indeciso Comitê Central convoque um congresso do partido, que acontecerá em Londres no começo de 1905.

A primeira divisão de fato

O aval do Comitê Central permitirá que esta reunião se denomine III Congresso do POSDR, ainda que esteja composta exclusivamente por bolcheviques. A maioria dos 38 delegados presentes é de militantes profissionais enviados pelos comitês russos e, na iminência de uma onda de acontecimentos revolucionários na Rússia, apoia as posturas de Lenin em sua polêmica contra os mencheviques, assim como sua concepção de partido centralizado, que seus antigos aliados do *Iskra* acabam de abandonar. No entanto, a fração bolchevique, nesta data, está muito longe de ser um bloco monolítico, e Lenin tem que lutar duramente para convencer o engenheiro Krasin, a figura de maior destaque do Comitê Central. Durante o congresso, surge ainda outro conflito em que Lenin enfrenta um grupo de militantes da Rússia que futuramente será chamado de *komitetchiks*[18]. Lenin será derrotado em duas ocasiões: o congresso rejeitará a proposta de incluir nos estatutos a obrigação de que os comitês do partido sejam compostos por uma maioria de operários e exigirá também que o controle político do jornal seja exercido pelo Comitê Central clandestino que reside na Rússia, em oposição às propostas de Lenin. O jovem Alexei Rikov, porta-voz dos *komitetchiks*, é eleito membro do Comitê Central, que será composto também por Lenin e seus companheiros Krasin e o médico Bogdanov.

A ruptura parece consolidar-se: o congresso coloca toda a responsabilidade desta sobre os mencheviques emigrados, afirma que estes não se submeteram à disciplina dos organismos eleitos no II Congresso, e faz um chamado aos mencheviques das organizações clandestinas para que aceitem a disciplina da maioria. No entanto, é votada uma resolução secreta que encarrega o Comitê Central da tarefa de obter uma reunificação. Ao mesmo tempo, os mencheviques se reúnem em Genebra, em uma assembleia de delegados dos grupos no exílio que se negam a reconhecer o congresso de Londres, mas adotam apenas o nome de "conferência". Apesar das aparências, a porta parece seguir aberta.

Como era de se esperar, a polêmica chega às fileiras da Internacional. Alguns sociais-democratas alemães, principalmente os da ala esquerda, liderada por Rosa Luxemburg, atacam violentamente a concepção centralista de Lenin, denunciando o "absolutismo russo" e o "perigo burocrático do ultracentralismo"[19]. Mas, enquanto isso, Lenin obtém valiosas vitórias na Rússia. Sem dúvida, a forma de organização clandestina e centralizada é a mais eficaz, pois permite a proteção dos militantes, mudando sua localização quando se encontram ameaçados, e a criação de

---

18 Em tradução livre, "homem do comitê". Designa os dirigentes internos do partido bolchevique, os organizadores clandestinos da fase pré-revolucionária, em oposição aos militantes que exerciam um trabalho revolucionário diretamente sobre as massas (N. do E.).

19 LUXEMBURG, Rosa, *Leninism or Marxism*, publicado originalmente em *Die Neue Zeit*, 1904, nº22.

novos organismos através do envio de emissários; por outro lado, ela oferece aos operários garantias de seriedade, pelo rigor das condições de enquadramento nas fileiras do partido. Mas acima de tudo, a organização revolucionária se beneficia do desenvolvimento do movimento operário: nela ingressam os jovens que despertam para a vida política e que não se assustam com a perspectiva de repressão, nem com o trabalho e a educação revolucionários, etapas necessárias de uma luta em que a classe operária em sua totalidade vai desenvolvendo uma crescente confiança. Em 1905, existem cerca de 8 mil militantes nas organizações clandestinas, inseridos na maioria dos centros industriais. Lenin espera que a revolução que está se gestando venha a lhe dar razão, trazendo para seu movimento o vigor das gerações mais jovens e a iniciativa das massas operárias em ação.

A revolução de 1905 e a reunificação

A revolução estoura em 1905, lançando centenas de milhares de operários à ação política aberta. A manifestação pacífica, repleta de ícones religiosos e faixas, dos operários de São Petersburgo, é recebida em 9 de janeiro aos tiros. Centenas são mortos e milhares feridos. No entanto, o "domingo vermelho" se converte em uma data decisiva. Logo depois, o proletariado se revela diante de todos, inclusive de si mesmo, como uma força determinante. Durante os meses seguintes, primeiro a agitação econômica, e depois a política, arrastarão à greve centenas de milhares de operários que, até aquele momento, se mantinham resignados ou mesmo passivos. Após os motins do exército e da marinha – entre os quais se destaca a célebre odisseia do encouraçado Potemkin –, o movimento culmina, em outubro, em uma greve geral. Contra tal ameaça, o czar se esforça em romper a frente única das forças sociais que o enfrentam. Publica então um manifesto que satisfaz as principais reivindicações políticas da burguesia, que passa imediatamente para o seu lado, abandonando seus aliados de momento. Os operários de Moscou lutam sozinhos entre 7 e 17 de dezembro, mas são impotentes frente a um exército já recomposto dos motins. O camponês veste o uniforme de soldado e realiza, sem vacilo, a missão repressiva que lhe ordena a autocracia. O movimento revolucionário vai ser liquidado setor após setor, e as organizações operárias vão ser duramente golpeadas pela repressão. No entanto, a derrota foi rica em aprendizados; o desenvolvimento dos acontecimentos serviu para colocar em pauta todas as questões que os socialistas devem resolver, e especialmente a questão do partido.

Na realidade, os bolcheviques demoram a se adaptar às novas condições revolucionárias. Os conspiradores não sabem converter-se, de um dia para outro, em oradores e em mobilizadores de multidões. Eles ficam particularmente surpresos pela aparição dos primeiros conselhos operários ou soviets, eleitos primeiro nas fábricas e posteriormente nos bairros, e que se estendem, durante todo o verão, a todas as grandes cidades, dirigindo a partir de si o movimento revolucionário de conjunto.

Os bolcheviques compreendem tardiamente o papel que podem desempenhar nos soviets e a importância que estes podem ter na luta por aumentar a influência bolchevique e disputar a direção das massas. Por sua vez, os mencheviques se deixam arrastar mais facilmente por este movimento, com o qual vão se fundir. O único social-democrata de importância que cumpre um papel destacado nesta primeira revolução soviética é o jovem Bronstein, chamado de Trotski, que anteriormente fora cooptado, graças à insistência de Lenin, ao comitê de redação do *Iskra*, mas que durante o II Congresso se colocou do lado dos mencheviques, criticando duramente as concepções "jacobinas" de Lenin sobre o que ele chamou de "ditadura sobre o proletariado"[20]. Divergindo dos mencheviques emigrados, ele se torna, graças à sua influência sobre o grupo menchevique de São Petersburgo e suas excepcionais aptidões pessoais, o vice-presidente e, posteriormente, o presidente do soviet da cidade, usando o nome de Yanovski. Seu comportamento durante a revolução e sua atitude frente aos juízes que o condenam lhe conferem um enorme prestígio. Ao seu lado, os bolcheviques de São Petersburgo, dirigidos por Krasin, ficam eclipsados.

Durante este período, a organização bolchevique inicia uma rápida transformação: o aparato clandestino permanece, mas a propaganda se intensifica e as adesões vão sendo cada vez mais numerosas; a estrutura se modifica; se inicia a eleição dos dirigentes. Por outro lado, os novos membros não compreendem a importância das divergências passadas. Vários comitês bolcheviques e mencheviques se unificam sem esperar a decisão dos comitês centrais. No final de dezembro de 1905 é realizada uma conferência bolchevique na Finlândia. Os delegados – entre ele se encontra, sob o nome de Ivanovich, o futuro Stalin – decidem, contrariando Lenin, boicotar as eleições prometidas pelo governo czarista. As greves e as mobilizações estão na ordem do dia e, seguindo esta linha, os delegados aprovam a princípio uma reunificação cujas bases vão ser discutidas por Lenin e Martov. Martov aceita incluir nos estatutos a fórmula proposta por Lenin no II Congresso e que constituiu a origem da divisão. As organizações locais de ambas as frações elegem seus delegados ao congresso de unificação em base a duas plataformas políticas, com representação proporcional ao número de votos obtidos por cada uma delas.

A fração bolchevique no partido unificado

Quando o congresso de unificação se reúne em Estocolmo, em abril de 1906, já começou o refluxo em toda a Rússia. Os dirigentes do soviet de São Petersburgo estão presos e a insurreição dos operários de Moscou foi reprimida. Surgem novas divergências sobre a análise do passado e a tarefas presentes. Os bolcheviques querem boicotar as eleições à III Duma[21]. Muitos mencheviques acham,

20 TROTSKI, Leon, *Nossas tarefas políticas*, 1904. Panfleto traduzido e citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, Oxford, Oxford University Press, 1954, pp. 88-92.

21 Duma: do russo "pensamento" ou "lugar onde se pensa". Equivale ao parlamento ("lugar onde se fala") das línguas latinas (N. do E.).

como Plekhanov, que "não deveríamos ter pegado em armas", e desejam orientar o partido para uma ação parlamentar. No entanto, nenhuma das partes cogita retroceder e perpetuar a divisão. Segundo testemunho de Krupskaia, Lenin acha que os mencheviques vão em breve admitir seus erros. Ele estima que "um novo impulso revolucionário terminaria por arrastá-los, reconciliando-os com a política bolchevique"[22]. Por fim, a reunificação é formalmente aprovada: 62 delegados mencheviques, que representam 34 mil militantes, e 46 bolcheviques, que representam outros 14 mil, decidem reconstruir o partido, no qual admitem o Bund e os partidos social-democratas letão e polonês. O Comitê Central eleito é composto por dois poloneses, um letão, sete mencheviques e três bolcheviques: Krasin, Rikov e Desnitski. Vinte e seis "delegados da antiga fração bolchevique", entre os quais se encontra Lenin, declaram que, apesar de suas divergências com a maioria do congresso, se opõem a qualquer divisão e continuarão defendendo seus pontos de vista a fim de fazer aprová-los no partido. Posteriormente, a fração bolchevique será dirigida por um "centro" clandestino ao partido. Possuirá, além disso, um meio de expressão próprio, o *Proletari* (O proletário), órgão do comitê de São Petersburgo, dirigido por um militante de vinte cinco anos, Radomilski, conhecido como Zinoviev.

Durante os meses seguintes, a fração fará rápidos progressos no seio do partido. A repulsa de certos mencheviques à insurreição de 1905, a decadência dos soviets, que permite a vários quadros operários se dedicarem ao trabalho partidário, e, por último, a tenacidade dos bolcheviques e a coesão da organização de sua fração conseguem inverter a relação interna de forças. O congresso de Londres, que se reúne em maio de 1907, é eleito por 77 mil militantes do partido russo; 44 delegados pertencem ao Bund, 26 são letões, 45 poloneses e 175 são delegados russos dos quais 90 são bolcheviques e 85 mencheviques. Com o apoio dos sociais-democratas letões e poloneses, os bolcheviques obtêm uma maioria frente à coalizão entre mencheviques e bundistas. Entre os bolcheviques eleitos como membros do Comitê Central, figuram: Lenin, Noguin, Krasin, Bogdanov, Rikov e Zinoviev. O congresso introduz em seus estatutos o princípio do "centralismo democrático": as decisões tomadas, depois de ampla discussão, devem ser aplicadas estritamente, devendo a minoria submeter-se às decisões da maioria. Decide-se igualmente, como garantia da liberdade das decisões e do controle democrático sobre a direção, que será realizado um congresso anual e conferências trimestrais que serão compostas por delegados especificamente eleitos para cada ocasião. Apesar de sua vitória, Lenin, prevendo a chegada de "tempos difíceis", em que serão necessárias "força de vontade, resistência e firmeza de um partido revolucionário temperado que possa enfrentar a dúvida, a debilidade, a indiferença e o desejo de abandonar

22 Citado por TROTSKI, Leon, *Staline*, *op. cit.* p. 143.

a luta"[23], mantém a fração e a reforça. Depois do congresso, os delegados bolcheviques elegem uma direção com 15 membros. Esta direção tem como objetivo organizar a fração, o que, por outro lado, não constitui para Lenin um embrião de um novo partido, mas apenas "um bloco, cuja finalidade é forçar a aplicação de uma determinada tática dentro do partido operário"[24].

A reação

O rumo dos acontecimentos vai justificar o pessimismo de Lenin. O movimento operário se debilita: em 1905 havia na Rússia mais de 2.750.000 grevistas; em 1906, são 1.750.000; em 1907 diminuem para 750.000; em 1908, 174.000; em 1909, 64.000; e em 1910, 50.000. Durante o ano de 1907, o governo de Stolipin toma a decisão de acabar com o movimento socialista. A conjuntura é favorável: a repercussão da crise mundial na Rússia, o desemprego e a miséria permitem ao czarismo utilizar o retrocesso para liquidar os elementos de organização política. A repressão se põe em marcha, e as detenções acabam com diversos comitês. A moral dos operários cai por terra, e muitos militantes abandonam suas atividades. Em Moscou, em 1907, os sociais-democratas são vários milhares; no final de 1908 sobram apenas 500, e serão somente 150 no final de 1909; em 1910 a organização não existe. No conjunto do país os efetivos passam de quase 100.000 para menos de 10.000. Por outro lado, se intensificam as divergências entre as frações. Somente o alto grau de decomposição do partido impede o surgimento de novas rupturas de fato: o desejo de conciliação a qualquer custo nasce dessa impotência geral, e parece prevalecer graças à desintegração de todas as frações.

Entre os mencheviques, começa a se desenvolver a tendência que Lenin denominará "liquidadora": a ação clandestina parece sem perspectivas, e é preciso limitá-la ou mesmo abandoná-la, e buscar, antes de tudo, a aliança com a burguesia liberal, para com seu apoio ganhar posições parlamentares e reduzir as perdas ao mínimo. Segundo o ponto de vista dos liquidadores, a ação revolucionária de 1905 não foi nada realista. Axelrod escreve: "O impulso da história leva os operários e os revolucionários ao encontro do revolucionarismo burguês com muito mais força"[25]. Martinov opina que o partido "deve dar impulso à democracia burguesa"[26]. Potresov afirma que o partido não existe de fato e que tudo está ainda por ser feito. Martov, por sua vez, denuncia a ideia de "partido-seita" como uma "utopia reacionária". De fato, os mencheviques, nesta nova situação, se põem a repensar o próprio objetivo de suas ações, a necessidade de um partido operário ou não, de ações clandestinas ou não.

---

23 *Ibid.*
24 LENIN, Vladimir, *Cartas a Gorki* (26 de fevereiro de 1908), *Clarté*, nº71, p. 10.
25 Citado por CARR, Edward, *The Bolshevik revolution*, Londres, Macmillan, 1950, tomo I, p. 83.
26 *Ibid.*

Apesar da desilusão de muitos militantes e das não menos numerosas deserções, os bolcheviques retomam as tarefas que haviam iniciado clandestinamente antes de 1905. Contudo, também não estão livres das divergências internas. A maioria quer voltar a boicotar as eleições, desta vez porque a lei eleitoral de Stolipin torna impossível qualquer representação eleitoral justa da classe operária. Sobre esta questão, Lenin opina que tal consigna, lançada num momento de apatia e de indiferença das massas, corre o risco de isolar os revolucionários, que, em vez disso, deveriam agarrar-se a todas as ocasiões que lhes permitissem apresentar publicamente o seu programa. Tanto as eleições quanto a Duma devem ser utilizadas como tribuna dos socialistas, que, apesar de não possuírem nenhuma ilusão em sua verdadeira natureza, não podem desprezar esta forma de publicidade. Apesar do isolamento em que se encontra dentro de sua própria fração, Lenin não vacila em votar sozinho, junto com os mencheviques, contra o boicote às eleições na conferência de Kotka, em julho de 1907. No entanto, os partidários do boicote voltam a tomar a iniciativa depois das eleições, pedindo que os socialistas que foram eleitos não assumam seus mandatos. Estes partidários da "retirada", conhecidos pelo nome de "otzovistas", encabeçados por Krasin e Bogdanov, vão aumentar seus efetivos com o apoio do grupo dos "ultimatistas" do comitê de São Petersburgo, que se manifestam contra toda participação em atividades legais, inclusive nos sindicatos, controlados de perto pela polícia. Por fim, Lenin consegue unir a maioria dos bolcheviques, mas não obtém sucesso em evitar a ruptura dos membros da oposição, que, por sua vez, constituem-se como uma nova fração e publicam seu próprio jornal, *Vperiod*, o segundo com este nome.

De fato, o partido inteiro parece se decompor em violentos espasmos. Surge uma polêmica em torno da atividade dos *boieviks*[27], grupos armados que se dedicam ao terrorismo e assaltam bancos, a fim de conseguir, através destas "expropriações", os fundos de que o partido necessita para financiar sua atividade. Bolcheviques e mencheviques disputam violentamente o dinheiro dos simpatizantes que sustentam o partido, brigam por uma herança, e exigem, ambos, a arbitragem dos dirigentes alemães em cada ocasião. No final de 1908, Plekhanov repudia a linha dos liquidadores, rompe com a maior parte dos mencheviques e funda sua própria fração, conhecida como os "mencheviques do partido", que funciona em frente única com os bolcheviques. A ânsia pela unidade aumenta com as sucessivas rupturas. Os mencheviques propõem que se celebre uma conferência que agrupe todos os delegados de todas as organizações legais ou ilegais e todas as frações, o que talvez servisse para reconstruir a unidade perdida. Lenin vê em tal atitude uma manobra dos "liquidadores", mas outros bolcheviques, que serão conhecidos como os "conciliadores", Dubrovinski, Rikov, Sokolnikov e Noguin, passam a apoiar esta política de unidade. Trotski, que havia sido condenado e deportado,

27 Em russo, "combatentes" (N. do E.).

consegue fugir. A partir de 1908, começa a publicar em Viena o *Pravda* (A verdade), organizando ao mesmo tempo sua difusão em toda a Rússia. Sua intenção é converter seu jornal em um novo *Iskra*. Nas suas páginas ele defende a tese de que deve se construir um partido aberto a todos os socialistas, que reúna desde os liquidadores até os bolcheviques. Trotski se proclama alheio a todas as frações e, de fato, se aliará em breve aos "conciliadores", que, com o nome de "bolcheviques do partido", são agora maioria entre os membros da fração bolchevique.

Em janeiro de 1910, uma plenária do Comitê Central que se prolonga durante três semanas parece confirmar o êxito da reunificação defendida por Trotski e seus aliados. A aliança de todos os conciliadores termina por impor-se aos hesitantes de todas as frações: os jornais *Proletari*, bolchevique, e o *Golos Sotsial-Demokrata* (A voz do social-democrata), menchevique, desaparecem para dar lugar ao *Sotsial-Demokrat* (O social-democrata), órgão unificado que será dirigido por Lenin e Zinoviev, junto com Dan e Martov. O bolchevique Kamenev é cooptado ao comitê de redação do *Pravda* de Trotski. Lenin aceita todas estas decisões. Em suas correspondências com Gorki, afirma fazê-lo por razões poderosas, principalmente pela "difícil situação do partido" e pelo "amadurecimento de um novo tipo de operário social-democrata no campo prático". No entanto, tal aceitação por sua parte não está desprovida de inquietude. No Comitê Central destaca perigosas tendências: "um estado de ânimo geral de conciliação, sem ideias claras, sem saber com quem, por quê, de que forma" e, além disso, "o ódio contra a direção bolchevique por sua implacável luta ideológica", além do "desejo dos mencheviques de causar escândalos"[28].

O acordo será extremamente frágil. A partir de 11 de abril Lenin escreve a Gorki: "Parimos um filho coberto de abscessos. Ou nos libertamos, curamos o filho e o educamos bem, ou a situação piorará e o filho morrerá". Consciente de suas intenções, continua: "Neste último caso, viveremos algum tempo sem o filho (quer dizer: reconstituiremos a fração) e, mais adiante, daremos à luz a um bebê mais saudável"[29]. A conferência social-democrata de Copenhague revela, em agosto, uma nova correlação de forças; os bolcheviques e os "mencheviques do partido" acabam de decidir, na Rússia, pela publicação dos jornais *Rabochaia Gazeta* (Gazeta operária), ilegal, e *Zvezda* (A estrela), legal, cujo primeiro número aparece em 16 de dezembro de 1910. O apoio de Plekhanov é de grande valor para Lenin, que, desta forma, vai combater os liquidadores em estreita aliança com aquele que é, para muitos, o pai da social-democracia russa.

A nova divisão: 1912

A partir de 1910, a Rússia inteira dá sinais de um despertar do movimento operário. Os estudantes foram os primeiros a voltar às manifestações. Os operá-

28 LENIN, Vladimir, *Cartas a Gorki*, *op. cit.*, p. 13.
29 *Ibid.*

rios, cujas condições de vida ficaram mais suportáveis com o final da crise e com a diminuição do desemprego, recuperam o gosto pela luta. Em 1911, 100 mil operários fazem greves parciais e este número aumenta para 400 mil no 1º de maio. O massacre do Lena[30], em abril de 1912, com um saldo de 150 mortos e 250 feridos, marca uma nova fase da luta operária.

Até este momento, Lenin aceitou, por vezes a contragosto, a unidade e a conciliação. No entanto, o novo ascenso operário, em sua opinião, torna necessário um giro radical. De fato, no partido ninguém respeita as resoluções do Comitê Central de 1910, que não voltou a se reunir; o *Pravda*, o *Vperiod* e o *Golos Sotsial-Demokrata* continuam aparecendo paralelamente, e, graças ao apoio do polonês Tychko, Lenin e Zinoviev conseguiram converter o *Sotsial-Demokrat* em um órgão bolchevique. Lenin pensa que acontecimentos revolucionários se aproximam e que só um partido fortemente estruturado poderá encará-los. Os bolcheviques, sob a direção de Zinoviev, organizam em Longjumeau [cidade da França – N. do E.] uma escola de quadros: os militantes formados nesta escola entram ilegalmente na Rússia para reforçar os contatos e preparar uma conferência nacional. No entanto, a polícia está atenta: primeiro prende Rikov e logo depois Noguin. Por último, "Sergo", o georgiano Ordzhonikidze, consegue montar na Rússia um comitê de organização com a ajuda do militante clandestino Serebriakov. Dan e Martov, em protesto contra tais preparativos, abandonam o comitê de redação do *Sotsial-Demokrat*.

Em janeiro de 1912, essa conferência se reúne em Praga. Dentre os exilados, somente participam os bolcheviques e alguns "mencheviques do partido"; no entanto, estão representadas mais de vinte organizações clandestinas russas. A Conferência de Praga declara que atua em nome de todo o partido, expulsa os liquidadores e recomenda a criação de "núcleos social-democratas ilegais cercados por uma rede o mais extensa possível de associações operárias legais". É então eleito um Comitê Central em que figuram fundamentalmente Lenin, Zinoviev, Ordzhonikidze, Sverdlov e o operário metalúrgico Malinovski. É cancelado o acordo com o *Pravda* de Trotski. *Rabochaia Gazeta* se converte no órgão do Comitê Central. Imediatamente depois, será designado para sua direção o militante georgiano Josef Dzhugashvili, que depois de ser chamado de Ivanovich, passará a se chamar Koba, antes de converter-se em Stalin. Os militantes da Rússia, ao aplicar a resolução da conferência, se voltam às atividades legais. O partido aceita a proposta formulada por Voronski de publicar um diário legal.

30 As más condições de trabalho nas minas de ouro russas na região do rio Lena, na Sibéria, levaram os trabalhadores a realizar uma série de protestos e greves espontâneas. Após a prisão de parte dos grevistas, os protestos aumentaram e a intensificação da repressão culminou num violento ataque pela tropa local do exército, que terminou com vários operários mortos. Alexander Kerenski, advogado ligado aos SR's, se tornou conhecido na Rússia após comandar a comissão de inquérito da Duma sobre este massacre (N. do E.).

Depois de vários meses de campanha e um abaixo-assinado feito nas principais fábricas das grandes cidades, entre os dias 22 de abril e 5 de maio de 1912, aparece o primeiro número do *Pravda*. Se trata de uma publicação bolchevique, ainda que, durante mais de um ano, siga contando, entre seus colaboradores, com George Plekhanov. Depois de quarenta dias, esta publicação é proibida pela primeira vez, voltando a aparecer com o título de *Rabochaia Pravda* (A verdade operária), que terá apenas 17 números publicados; depois será chamada de *Pravda Truda* (A verdade do trabalho) por 20 edições; *Za Pravdu* (Pela verdade) durante 51; *Proletarskaia Pravda* (A verdade proletária) por outras 16; *Put Pravdi* (O caminho da verdade) em 91 aparições, convertendo-se, neste ponto, em uma revista chamada *Rabochi* (O operário) e depois *Trudovaia Pravda* (A verdade trabalhadora), sendo definitivamente proibida em 8 de julho de 1914.

Embora nessas circunstâncias as avaliações sejam extremamente difíceis, tudo indica que os bolcheviques, que conservaram o nome do partido, foram, na Rússia, os grandes beneficiados pela divisão. Esta é, pelo menos, a opinião do chefe da polícia czarista que, em 1913, declara: "Na atualidade, existem células, círculos e organizações bolcheviques em quase todas as cidades. Estes estabeleceram correspondentes e contatos permanentes em quase todos os centros industriais. (...) Não podemos, portanto, estranhar que o reagrupamento de todo o partido clandestino se dê ao redor das organizações bolcheviques e que estas últimas terminem de fato representando o partido social-democrata russo em sua totalidade"[31].

A situação imediatamente anterior à guerra

Os mencheviques foram surpreendidos. Até setembro de 1912 não publicam nenhum diário na Rússia; mais tarde, lançam *Luch* (Raio de luz), que não alcançará nunca a audiência que o *Pravda* tem no mundo operário. Em agosto, Trotski reúne em Viena uma conferência que pretende reunificar do partido; no entanto, fracassa por completo em sua tentativa, pois tanto os bolcheviques quanto os "mencheviques do partido" se negam a participar da mesma. Os partidários do chamado "bloco de agosto" criam um comitê de organização cujo único vínculo é um sentimento comum de hostilidade contra Lenin e os bolcheviques. Novamente se intensifica a polêmica. Lenin organiza a ruptura da fração social-democrata dos deputados da Duma, e defende energicamente o porta-voz da fração bolchevique, Malinovski, que é acusado pelos mencheviques de ser um provocador. Plekhanov rompe com os bolcheviques em agosto de 1913, deixa de colaborar com o *Pravda*, tenta organizar sua própria fração por meio do jornal *Edinstvo* (Unidade), e termina se juntando ao "bloco de agosto". Ao mesmo tempo, Trotski abandona este agrupamento parcial que não responde aos seus desejos de reunificação geral e abre contatos com um grupo de operários de São Petersburgo, igualmente parti-

31 Citado por TROTSKI, Leon, *Staline*, *op. cit.*, p. 250.

3

O BOLCHEVISMO: O PARTIDO E OS HOMENS

Nas mãos de Lenin, o partido se converteu em um instrumento histórico insuperável. As dezenas de milhares de militantes clandestinos, que, depois das jornadas revolucionárias de fevereiro de 1917, voltavam a se encontrar, iriam, em um período de menos de oito meses, construir uma organização que as amplas massas operárias (e, em menor medida, camponesas) consideravam como sua. Esta organização iria dirigir a luta dessas massas contra o governo provisório, conquistar o poder e conservá-lo. Por isso, apesar da luta entre as frações e da repressão, Lenin e seus companheiros triunfaram onde outros marxistas, que a princípio dispunham de condições mais favoráveis, haviam fracassado: pela primeira vez na história dos partidos socialistas, um deles seria vitorioso.

Um partido operário social-democrata

Existe toda uma historiografia cujos sentimentos pelo bolchevismo oscilam entre a cega admiração e a calúnia sistemática, que persiste em apresentá-lo como uma nova ideologia, surgida, instantaneamente, da inteligência de Lenin: o comunismo – revolucionário ou stalinista – e o próprio partido bolchevique aparecem como uma organização de tipo completamente novo, uma espécie de antecipação da III Internacional, que, desde sua origem, se enfrenta com o reformismo da II, representado na Rússia pelos mencheviques e, na Alemanha, pelo partido social-democrata de Babel e Kautsky. No entanto, tal concepção não é nada além de uma reconstrução artificial da história das organizações e de suas ideias, uma montagem artificial realizada posteriormente. Para todos os defensores desta tese, o texto de Lenin *Que fazer?* constitui uma espécie de Bíblia do bolchevismo, onde são apresentadas todas as características da nova corrente. No entanto, uma análise

atenciosa nos revela que nenhum fato histórico permite supor que este texto tenha tido tal importância para os bolcheviques e nem mesmo para o próprio pensamento intelectual e teórico de Lenin. Esta obra examina as condições russas, as tendências da classe operária russa; desta maneira, apresenta uma solução especificamente russa, sem que suas análises ou conclusões possuam a pretensão, naquela época, de estender sua validade para outros países. Num prefácio para uma coleção de seus artigos e ensaios publicada em setembro de 1907, Lenin afirma:

> O erro fundamental dos que polemizam contra *Que fazer?* provém da absoluta dissociação que é estabelecida entre este trabalho e um determinado contexto, superado há tempos, do desenvolvimento de nosso partido. *Que fazer?* não é nada além de um resumo da tática e da política organizativa do grupo iskrista entre 1901 e 1902. Nada mais que um resumo; nem mais, nem menos. Somente a organização que promoveu o *Iskra* poderia ter criado um partido social-democrata como o existente na atualidade, nas condições históricas que atravessou a Rússia entre 1900 e 1905. O revolucionário profissional cumpriu sua missão na história do socialismo proletário russo[32].

Desde novembro de 1905, Lenin combateu esta falsa ideia daqueles que reduziam seu pensamento a uma lógica mecanicista e abstrata, pretendendo opor esquematicamente espontaneidade e consciência, nos exatos termos de *Que fazer?*, como se esta obra tivesse um valor universal e um alcance eterno: "a classe operária russa é instintiva e espontaneamente social-democrata [quer dizer, revolucionária, P. B.] e os mais de dez anos de trabalho dos sociais-democratas contribuíram para transformar esta espontaneidade em consciência de classe"[33].

Que fazer? insiste na absoluta necessidade de organizar o partido de forma clandestina, fazendo disto uma condição indispensável para sua existência. No entanto, tais apontamentos não excluem a possibilidade de uma ação e de uma propaganda legais se isto for permitido pelas circunstâncias históricas. Portanto, uma vez que a revolução de 1905 deu aos operários a liberdade de organização e aos partidos políticos, inclusive aos socialistas, a liberdade de expressão, os bolcheviques não vacilaram em aproveitar-se deste fato. Lenin também considera como "liquidacionista" a concepção de alguns mencheviques que aceitam os limites impostos à sua ação pelo inimigo de classe, resignando-se a não fazer propaganda ou a não desenvolver outras atividades que não as legais. Afinal, a lei limita a atividade dos partidos, e se ela concede aos revolucionários uma liberdade de ação e expressão relativas, o faz apenas para melhor preservar aquilo que é mais essencial para a manutenção de sua dominação. O regime czarista se limita a tolerar, pressionado pelos acontecimentos, uma série de liberdades que são, antes de tudo, uma válvula de escape. "Fazer este jogo" e limitar-se ao estritamente legal, supõe aceitar os limites que o próprio regime fixou, proibindo as críticas consideradas "subversivas". No entanto, este pretexto

32 Citado por PEARCE, Brian, *Building the bolshevik party*, em *Labour Review*, nº1, 1960, pp. 28-29.
33 *Ibid.*, p. 27.

não deve servir para renunciar à utilização das facilidades garantidas pela lei, já que, através da propaganda legal, podem ser alcançados amplos setores de operários. Portanto, esta deve ser utilizada ao máximo. É por isso que, posteriormente, Lenin se dedicará à organização do jornal, e fará do periódico legal a primeira preocupação de seu grupo em todas as ocasiões onde este instrumento seja viável.

A este respeito é significativo o exemplo do *Pravda*, já que este diário "operário" se constitui, pouco antes da guerra de 1914, em uma peça chave para o desenvolvimento do partido bolchevique. O jornal é lançado depois de uma campanha de agitação nas fábricas para conseguir assinaturas e assim garantir sua legalidade. O *Pravda* assume então a função que desempenhou originalmente o *Iskra* para algumas centenas de leitores, ao difundir informações e consignas, que, desta vez, se dirigem a dezenas de milhares de operários de vanguarda. Os correspondentes operários do *Pravda* são, por sua vez, vínculos do partido com a classe e as "antenas" disponíveis para conhecer o estado de ânimo do proletariado. Graças às suas informações, se produz uma homogeneização da experiência operária, o que é base indispensável para uma consciência coletiva. Em apenas um ano, são publicadas 11.114 cartas de correspondentes, quer dizer, uma média de 41 cartas por número. O *Pravda* é, definitivamente, um diário operário e, ao ser em grande medida escrito pelos próprios trabalhadores, eles sentem que o jornal lhes pertence. São os operários que aportam a maior parte das contribuições que constituem o "fundo de ferro", criado para pagar todas as multas e roubos impostos pela repressão.

O diário deve indicar, como exigência legal, uma direção e seus responsáveis. Não pode escapar das ações criminais que o Estado e os inimigos de classe movem para acabar com sua existência legal. De um total de 2.770 números, 110 são objeto de processo judicial. As multas que lhe são impostas somam aproximadamente 7.800 rublos, quer dizer, o dobro da quantidade recolhida como fundo inicial. São aprovadas 26 sentenças contra o jornal, e seus redatores são condenados a um total de 472 meses de prisão[34]. Certamente, este é um elemento negativo para um jornal que, apesar de tudo, se esforça para não atrair sobre si a repressão, embora a polícia chegue ao extremo de introduzir em seu comitê de redação um de seus agentes, encarregado de criar, com seus artigos, desculpas para proibir a publicação.

Em tais condições, a liberdade de expressão do jornal se vê seriamente limitada; é impossível lançar as consignas que são consideradas corretas, principalmente quando estas se referem aos operários e camponeses que se encontram no exército, e ao mesmo tempo manter-se na legalidade. O jornal deve nadar contra a corrente dentro dos estritos limites fixados pela lei para não correr o risco se ser silenciado definitivamente pelas sanções econômicas e condenações que podem ser aplicadas contra ele. Os panfletos, folhetos e jornais ilegais servem para difundir o restan-

34 YAROSLAVSKI, Yemelian, *Histoire du parti communiste de l'U.R.S.S.*, Paris, Bureau d'éditions, 1931, p. 197.

te das consignas e para dar as explicações necessárias, porém proibidas, que, por atentar contra a "segurança" do Estado, não podem ser publicadas, a não ser em meios de expressão ilegais.

Nas condições políticas da Rússia czarista, muito mais que no meio liberal das democracias ocidentais, é absurdo confundir ambas as opções. Um jornal legal pode ser proibido, fechado, perseguido e sancionado. Um militante "legal" é sempre um indivíduo conhecido pela polícia e esta pode prendê-lo e pôr fim à sua atividade com qualquer pretexto. Se a organização fosse totalmente pública e legal, a polícia conheceria tanto seus militantes, quanto seus principais mecanismos, e o Estado poderia, assim, em qualquer momento, proibir algumas de suas atividades ou, inclusive, todo seu funcionamento. Por isto é imprescindível que o partido operário disponha de militantes, recursos, gráficas, jornais e sedes clandestinas, que, eventualmente, possam substituir o "setor legal" durante um período de reação, ao mesmo tempo em que seu próprio caráter ilegal lhes permita evitar as restrições da atividade política autorizada. O caráter autocrático do Estado russo e a arbitrária onipotência de sua polícia foram, desta maneira, quem levou os sociais-democratas russos a construir seu partido em torno de um núcleo clandestino. As "liberdades democráticas" não possuem ainda tradição suficiente, em 1912, para parecerem normais e eternas, os revolucionários não esqueceram o preço que tiveram que pagar para conquistá-las e sabem que podem facilmente perdê-las.

No entanto, a ilegalidade não é um fim em si. O verdadeiro problema é como construir o partido operário social-democrata, utilizando ao máximo todas as possibilidades, ou seja, como construir uma camada consciente da vanguarda que, armada com o conhecimento das leis do desenvolvimento social, vai difundir entre os operários a consciência de classe, organizá-los e conduzi-los à batalha, quaisquer que sejam as condições gerais da luta. Tais princípios são os que mantêm os bolcheviques, após o período de boicote, dispostos a participar regularmente das eleições, apesar das leis e regras eleitorais escandalosas. Seu objetivo não é de modo algum uma vitória eleitoral, mas – e os testemunhos de Badaiev nos confirmam – a utilização da publicidade que a tribuna parlamentar proporciona para a divulgação das ideias socialistas e para a construção do partido.

Chegando a este ponto, é indispensável estabelecer a comparação entre o partido social-democrata russo e o alemão, agarrado à sua legalidade e às suas importantes conquistas: seus quarenta e três jornais diários, suas revistas, suas escolas, suas universidades, seus fundos de solidariedade, suas "casas do povo" e seus deputados. Definitivamente, todas estas realizações contribuem para aprisioná-lo. Na verdade, o medo de uma possível repressão que poderia colocar em perigo as conquistas obtidas converte o partido social-democrata alemão em um refém voluntário das classes proprietárias. Ele chega até mesmo a limitar a ação de sua juventude e a proibir Karl Liebknecht de fazer qualquer tipo de propaganda anti-

militarista "ilegal" – ainda que nenhum socialista se atreva a negar a necessidade de tal propaganda na Alemanha de Wilhelm II –, pois isto poderia enfurecer a burguesia e desatar uma onda de repressão policial.

A crise de 1914 revelará de forma clara o abismo que separa ambas organizações em relação às atitudes que adotam frente a seus respectivos governos, em guerra um contra o outro. Antes dessa data, Lenin, em uma série de pontos específicos, estava de acordo com as críticas feitas pela esquerda alemã e principalmente por Rosa Luxemburg. No entanto, as diferenças entre eles eram grandes e importantes o bastante para provar que, naquela época, não existia uma fração de esquerda coesa na social-democracia internacional. Somente uma análise histórica do passado permite opor, na história da social-democracia, uma tendência revolucionária de Lenin e Luxemburg contra uma reformista de Babel e Kautsky. O partido social-democrata alemão, antes de 1914, constitui, aos olhos de Lenin e dos bolcheviques, o partido operário por excelência e o modelo do que pretendem construir na Rússia, levando em conta as especificidades do país. Lenin, para desmentir de forma clara e categórica a interpretação de suas intenções, repetirá em diferentes ocasiões: "Onde e quando pretendi criar uma nova tendência na social-democracia internacional diferente da linha de Babel e Kautsky? Onde e quando manifestei diferenças entre minhas posições e as de Babel e Kautsky?"[35]. O velho bolchevique Shliapnikov afirma que, na propaganda divulgada entre os operários, os bolcheviques referiam-se continuamente aos sociais-democratas alemães como modelos. Piatnitski descreve sua admiração de bolchevique emigrado frente ao funcionamento da organização social-democrata alemã e narra seu espanto ao ouvir as críticas que, no âmbito particular, eram formuladas diante dele sobre determinados aspectos da política deste partido. Mas maior que a admiração, é o rancor dos bolcheviques depois de agosto de 1914, quando se veem obrigados a reconsiderar sua apreciação por Babel e Kautsky e a admitir que Rosa Luxemburg, a quem Lenin considerou desde então como "representante do marxismo autêntico", tinha sido mais lúcida que eles sobre este aspecto. No entanto, Lenin chegou a duvidar da autenticidade do número do jornal alemão *Vorwärts* (Avante) que publicou a declaração emitida pela fração social-democrata do Reichstag[36] quando esta votou a favor dos créditos de guerra, e considerou, inclusive, a hipótese de que se tratava de uma falsificação elaborada pelo estado-maior alemão.

Após seu regresso à Rússia, em abril de 1917, durante a conferência do partido bolchevique, Lenin será o único a votar a favor de sua moção pela retirada do termo "social-democrata" do nome do partido. Certamente, tal atitude é a prova de que ele não temia ficar isolado em sua própria organização, mas também de que, antes de 1914, não havia desejado nem preparado uma ruptura com a II In-

35 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies*, *op. cit.*, tomo I, p. 464.
36 Parlamento alemão (N. do E.).

ternacional ou com os grandes partidos que a integravam. Sua atitude demonstra, igualmente, até que ponto, três anos depois de agosto de 1914, se encontrava muito à frente de seus próprios camaradas a respeito desta questão.

Um partido não monolítico

Quaisquer que tenham sido as responsabilidades de Lenin e de sua fração pela ruptura de 1903, vimos que eles não a haviam desejado, nem preparado, nem previsto; que foram surpreendidos intensamente e que, sem ceder em seus princípios, não deixaram de trabalhar por uma reunificação que eles, claro, esperavam conseguir realizar sob sua bandeira, mas que, sem dúvidas, daria origem a um partido mais amplo e menos homogêneo do que o construído durante aqueles anos pela fração "dura" dos bolcheviques.

Desde 1894, Lenin afirmava em sua polêmica com o populista Mikhailovski:

> É rigorosamente correto que não existe entre os marxistas completa unanimidade. Esta falta de unanimidade não demonstra a debilidade, mas sim a força dos sociais-democratas russos. O consenso daqueles que se satisfazem com a unânime aceitação de "verdades reconfortantes", essa tenra e comovente unidade, foi substituída pelas divergências entre pessoas que precisam de uma explicação sobre a organização econômica real, sobre a organização econômica atual da Rússia, uma análise de sua verdadeira evolução econômica, de sua evolução política e do restante de suas superestruturas[37].

Sua vontade de reunificação às vésperas de 1905 se explica tanto pela confiança que depositava em suas próprias teses, quanto pela convicção de que os inevitáveis conflitos que surgem entre sociais-democratas podem solucionar-se internamente no partido:

> As divergências de opinião no interior dos partidos políticos ou entre eles se solucionam, geralmente, não só pelas polêmicas, mas também com o desenvolvimento da própria vida política. Particularmente, as divergências em relação à tática de um partido só acabam de fato com a adesão dos defensores de teses errôneas à linha correta, já que o próprio curso dos acontecimentos priva essas visões errôneas de seu conteúdo e interesse[38].

A este respeito, manifesta uma grande confiança em uma evolução dos mencheviques, ao escrever no final de 1906: "Os camaradas mencheviques passaram pelo purgatório das alianças com os oportunistas burgueses, mas terminaram por voltar à social-democracia revolucionária"[39]. Segundo afirma Krupskaia em 1910,

---

37 LENIN, Vladimir, *Selected works*, Moscou, Progress Publishers, 1948, vol. IX, p. 92.

38 LENIN, Vladimir, *Obras completas* (em russo), Moscou, Politizdat, 1932, 3ª edição, tomo VIII, pp. 13-15.

39 *Ibid.*, vol. X, p. 170.

"Vladimir Ilich não duvidava de forma alguma que os bolcheviques, no interior do partido, contavam com a maioria, e que este terminaria por adotar a linha traçada por sua fração"[40]. A Conferência de Praga de 1912 condenará unicamente os liquidadores, inimigos do trabalho ilegal. A colaboração com os "mencheviques do partido" é explicada, portanto, não somente como uma manobra tática, mas também como um reflexo da convicção, expressa desde 1906, de que "até a revolução social, a social-democracia apresentará inevitavelmente uma ala oportunista e uma ala revolucionária"[41]. Esta é a postura que defende Ines Armand em Bruxelas: excluindo os liquidadores, todo social-democrata possui lugar em um partido onde, tanto na Rússia quanto no Ocidente, podem coexistir elementos revolucionários e reformistas, pois somente a revolução, em sua qualidade de expressão definitiva do "desenvolvimento da vida política", poderá separá-los nitidamente.

O regime de partido

Desde a época de Stalin, a maioria dos historiadores e comentaristas insiste sobre o regime autoritário e fortemente centralizado do partido bolchevique, e encontram nisto a chave da evolução da Rússia durante mais de trinta anos. No que se refere à forte centralização do partido, certamente não faltam fatos que podem dar base às suas teses. No entanto, as referências no sentido oposto são igualmente abundantes: muitas concepções insólitas podem ser colocadas na boca de Lenin, como na de vários outros personagens, e para isso bastam apenas algumas frases fora de seu contexto. Na realidade, o propósito fundamental de Lenin foi construir um partido para ação e, deste ponto de vista, nem sua construção, nem sua natureza, nem seu desenvolvimento, e nem mesmo seu regime interno poderiam ser concebidos de maneira independente das condições políticas gerais, do grau de liberdades políticas existente e da correlação de forças entre a classe operária, o Estado e as classes proprietárias.

Entre 1904 e 1905, em sua polêmica com os mencheviques, quando todos os socialistas se encontram ainda na clandestinidade, Lenin afirma:

> Nós também estamos a favor da democracia quando esta é verdadeiramente possível. Na atualidade, não seria mais que uma farsa, e isto não desejamos, pois queremos um partido sério, capaz de vencer o czarismo e a burguesia. Forçados à ação clandestina, não podemos realizar a democracia formal dentro do partido. (...) Todos os operários conscientes da necessidade de acabar com a autocracia e de lutar contra a burguesia sabem perfeitamente que, para vencer o czarismo, necessitamos neste momento de um partido clandestino centralizado, revolucionário e fundido num só bloco. Sob a autocracia, com sua severa repressão, adotar o sistema de eleições, quer dizer, a democracia, significaria simplesmente ajudar o czarismo a acabar com nossa organização[42].

---

40 KRUPSKAIA, Nadezhda, *Ma vie avec Lénine (1893-1917)*, Paris, Payot, 1933, p. 142.

41 Citado por TROTSKI, Leon, *Écrits*, Paris, Rivière, 1955, tomo I, p. 322.

42 Citado por ZINOVIEV, Grigori, *Histoire du Parti communiste russe*, Paris, Humanité, 1926, pp. 103-104.

Ainda assim, no texto "A bonita jaula não alimenta o pássaro", precisa: "O operário consciente compreende que a democracia não é um fim em si, mas sim um instrumento para a libertação da classe operária. Temos que dar ao partido a melhor estrutura, a que melhor responda às necessidades da luta neste momento. O que necessitamos hoje é uma hierarquia e um rigoroso centralismo"[43]. No III Congresso, quando o movimento revolucionário cresce vigorosamente, insiste: "Em condições de liberdade política, nosso partido poderá basear-se completamente no princípio de eleição, e de fato assim o faremos. (...) Inclusive sob o absolutismo, o princípio de eleição poderia ser aplicado muito mais amplamente"[44]. A Conferência de Tampere decide aplicar integralmente à organização do partido os princípios do "centralismo democrático" e "os mais amplos canais de eletividade, conferindo aos organismos eleitos plenos poderes para a direção ideológica e prática; também aprova a aplicação do princípio da revogabilidade dos mandatos, assim como a exigência da mais absoluta publicidade e informação de suas atividades". No prefácio à brochura *Doze anos*, Lenin, sobre a polêmica em torno de *Que fazer?*, recorda que "apesar da ruptura, o partido utilizou o momentâneo lapso de liberdade para introduzir em sua organização pública uma estrutura democrática, dotada de um sistema de eleição, assim como uma representação no congresso proporcional ao número de militantes organizados"[45].

Segundo os bolcheviques, o "regime interno" é um reflexo, no partido, das condições gerais da luta de classes; no entanto, ele é também um fator autônomo. Lenin elabora sobre este problema em sua própria fração, ao enfrentar-se com os *komitetchiks*, que, segundo o testemunho de Krupskaia, não admitem nenhum tipo de democracia interna e rejeitam qualquer inovação, por sua dificuldade em adaptar-se a novas condições. Hostis ao ingresso de operários nos comitês, pois os consideram incapazes para a realização desse trabalho, os *komitetchiks* pretendem controlar minuciosamente toda atividade partidária e manter uma centralização e uma hierarquia rígidas. Lenin lhes recorda que "não é o partido que existe em função do comitê, e sim o comitê que existe em função do partido".

> Muitas vezes penso que noventa por cento dos bolcheviques é profundamente formalista. É preciso recrutar novos membros entre os jovens e com os critérios mais amplos possíveis, sem medo, e esquecer todas as práticas complicadas, o respeito à hierarquia etc. (...) Devemos dar a cada comitê de base, sem colocar muitos empecilhos, o direito de escrever panfletos e distribuí-los. Não é algo grave se eles cometerem algum erro; nós os corrigiremos "amavelmente" no *Vperiod*. O próprio curso dos acontecimentos vai ensiná-los em nossa concepção[46].

43 *Ibid.*, pp. 105-106.
44 Citado por DANIELS, John em *Labour Review*, nº2, 1957, p. 48.
45 Citado por PEARCE, Brian em *op. cit.*, p. 29.
46 Citado por DANIELS, John em *op. cit.*, p. 48.

Krupskaia afirma que Lenin não se preocupou muito por não ter sido escutado pelos *komitetchiks*: "Ele sabia que a revolução estava em marcha e que ela forçaria o partido a admitir mais operários em seus comitês"[47].

A clandestinidade é evidentemente favorável ao centralismo autoritário, na medida em que a eleição só tem algum sentido entre homens que se conhecem e por isso podem se controlar mutuamente. No entanto, seus efeitos são amenizados por uma menor tensão nas relações entre os diferentes graus da hierarquia partidária, deixando aos comitês locais uma importante margem de iniciativa. Os grupos que distribuem panfletos chamando à greve e convocando uma manifestação em São Petersburgo no dia 15 de novembro de 1912 estão integrados por sociais-democratas vinculados à fração bolchevique; mas se acreditarmos no testemunho de Badaiev, tal iniciativa não foi comunicada a nenhum organismo dirigente nacional ou da capital, nem a nenhum membro da fração no parlamento[48]. Os dirigentes bolcheviques demoram vários dias para descobrir quem havia assumido a responsabilidade de tais consignas; eles apoiaram a greve devido à grande popularidade que ela havia alcançado entre os operários, apesar de considerarem que ela tinha sido muito mal preparada. Tais incidentes acontecem com frequência. Piatnitski, por exemplo, que há vários anos cumpre importantes funções no aparato clandestino, não consegue, em 1914, descobrir o endereço do dirigente bolchevique em Samara, cidade na qual havia encontrado trabalho. De fato, neste local, bolcheviques e mencheviques haviam se fundido; então, depois de conseguir o contato por seus próprios meios, Piatnitski toma a iniciativa de reorganizá-los de forma independente, convencendo-os apenas com base em seu informe pessoal e sem nenhum tipo de "mandato"[49].

Uma das críticas que mais aparecem ao sistema de organização dos bolcheviques é de que este favorecia a ação devastadora dos agentes provocadores da polícia que conseguiam infiltrar-se na organização. Alguns exemplos são claros expoentes desta tese: o médico Zhitomirski é um agente da Okrana quando, em 1907, é encarregado pelo partido de estabelecer a ligação entre a Rússia e a emigração. Em 1910, os jornais impressos na Suíça ou Alemanha chegam regularmente às mãos da polícia. O responsável pelo seu transporte, Matvei, foi, por muitos anos, agente da polícia secreta. Desta maneira, é preciso admitir que os provocadores da polícia conheciam perfeitamente a forma de ingressar no partido e que o sistema repressivo russo era o culpado, mais do que o regime do partido, pela utilização, por parte da polícia, de militantes que gozavam da confiança de seus camaradas e que haviam aceitado, geralmente quando estavam na cadeia, desempenhar o papel de delatores.

---

47 KRUPSKAIA, Nadezhda, *op. cit.*, p. 77.
48 BADAIEV, Alexei, *Les bolcheviks au Parlement tsariste*, Paris, Bureau d'éditions, 1932, p. 49.
49 PIATNITSKI, Ossip, *Souvenir d'un bolchevik (1886-1917)*, Paris, Bureau d'éditions, 1931, p. 148.

O exemplo mais significativo é, sem dúvida, o caso de Malinovski. Trata-se de um militante operário, secretário do sindicato dos metalúrgicos de São Petersburgo entre os anos de 1906 e 1909, grande orador e organizador, que entra no serviço da polícia em 1910, talvez para evitar o cumprimento de uma sentença que lhe havia sido imposta anteriormente por um delito comum. Une-se aos bolcheviques em 1911; sua atividade como militante o faz tão popular, que é escolhido como candidato às eleições para a Duma, acaba eleito deputado e ajuda a organizar, a partir desta posição, a ruptura da fração social-democrata. Durante todo este tempo continua informando regularmente o chefe da polícia, revelando pseudônimos, locais de sedes e reuniões previstas. Malinovski é o responsável pela detenção de Rikov e Noguin antes da conferência de Praga, e pela de Sverdlov e Stalin em 1914. Em 1912, Lenin propõe seu nome para o Comitê Central, e até o final o defende das acusações dos mencheviques, inclusive depois de sua inexplicável renúncia à cadeira de deputado, em maio de 1914. Somente os arquivos da Okrana vão revelar, depois da vitória revolucionária de 1917, toda a verdade sobre suas atividades. Depois de ser feito prisioneiro durante a guerra, volta à Rússia por sua própria vontade, onde é julgado, condenado à morte e executado.

Independentemente do caráter espetacular desta aventura, devemos reconhecer que as estruturas, os métodos e os princípios de ação da organização a protegiam, até certo ponto, da atividade de um agente de tal envergadura. Lenin, testemunha no julgamento, contribuirá para colocar o assunto em seus devidos limites ao declarar:

> Do ponto de vista da Okrana, valia a pena não economizar meios para introduzir Malinovski na Duma e no Comitê Central. Quando conseguiram, Malinovski transformou-se em uma das principais ligações de nossa intervenção legal com os grandes organismos representativos das massas do partido, com o *Pravda* e com a fração social-democrata da Duma. O provocador deveria manter-se nestes organismos para conservar nossa confiança. Malinovski poderia provocar a prisão, e de fato provocou, de numerosos camaradas. No entanto, não foi capaz nem de deter, nem de controlar, nem de dirigir a atividade do partido, cuja importância crescia sem cessar, estendendo sua influência sobre as massas, sobre dezenas ou centenas de milhares de indivíduos.

Lenin conclui: "Não me surpreenderia absolutamente que um dos motivos da fuga de Malinovski tivesse sido que, de fato, por estar mais vinculado ao *Pravda* e à fração parlamentar, ele acabava por realizar um trabalho revolucionário superior ao que a Okrana estava disposta a tolerar"[50].

---

50 BADAIEV, Alexei, *op. cit.*, p. 215.

A originalidade do partido bolchevique

A originalidade do partido bolchevique não reside em nenhuma concepção ideológica, nem em um regime particularmente centralizado. A social-democracia alemã, naquele período, está tão centralizada e possui uma organização tão estrita quanto a do partido russo. Piatnitski, especialista na organização do aparato russo, descreve com admiração a organização socialista de Leipzig e o funcionamento semiclandestino dos núcleos dirigentes, que são chamados popularmente pelos militantes de "carvoarias". A "disciplina de fração" – a *Fraktionzwang* – é aplicada, com o máximo rigor, em todos os níveis de atividade do partido alemão, mais severamente, talvez, do que no partido russo, como consequência da legalidade e do poder financeiro do aparato na Alemanha, que não deixam espaços para a iniciativa pessoal. A crise de 1914 servirá para revelar a raiz das diferenças entre os dois partidos: a social-democracia alemã vota os créditos de guerra e apoia seu governo na guerra, enquanto os bolcheviques fazem chamados para transformar a guerra imperialista em guerra civil. A social-democracia alemã, ao adaptar-se ao regime político e social, se converteu em um partido reformista, enquanto o partido bolchevique, ao permanecer sempre hostil a ele, manteve suas perspectivas e suas políticas revolucionárias.

Essa diferença se deve, em primeiro lugar, a que os sociais-democratas russos viviam e militavam em um contexto social infinitamente mais explosivo do que o da Europa Ocidental. O desenvolvimento combinado da sociedade russa converteu o proletariado industrial em uma classe social fundamentalmente revolucionária. Sobre esta característica se refere Deutscher ao afirmar acertadamente: "A classe operária russa de 1917 era uma das maravilhas da história. Pequena em número, jovem, inexperiente e carente de toda educação, era, no entanto, rica em paixão política, em generosidade, em idealismo e ostentava atitudes únicas de heroísmo. Possuía o dom de sonhar com o futuro e de morrer heroicamente na luta"[51].

O bolchevique Preobrazhenski fez uma análise igualmente profunda deste fenômeno:

> A vanguarda de nossa classe operária é o produto do capitalismo europeu que, irrompendo em um país novo, construiu centenas de empresas formidáveis, organizadas de acordo com os mais recentes avanços da técnica ocidental. Nosso operário é o jovem bárbaro cheio de forças, que não foi corrompido pela civilização capitalista, que não foi pervertido pelo conforto e pelo bem-estar, pelas migalhas que caem da mesa dos exploradores das colônias, que não se deixou dobrar pelo jogo da legalidade e da ordem burguesa. Ele tem como ancestrais os camponeses que saquearam as casas e as colheitas dos senhores que os tinham chicoteado e enviado aos trabalhos forçados nas minas dos Urais e da Sibéria. Em suas veias corre o sangue dos revoltosos que, à época de Stenka

---

51 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 163.

> Razin e de Pugachev[52], fizeram tremer o trono dos czares moscovitas. Nosso operário começou a odiar o capital e a combatê-lo antes de reverenciá-lo como organizador de um regime econômico superior ao artesanato, começou a desprezá-lo antes de ter apreciado a cultura burguesa e de ter se apegado a ela. Ele não lembra nem o proletário do Ocidente, educado por dois séculos de indústria manufatureira e capitalista, nem o semiproletário da Índia e da China. Quem não compreende esses traços originais não compreenderá nada das suas maravilhosas realizações, nem capturará a essência desse fenômeno sociológico que é o partido bolchevique. (...) Nossa classe operária alia em si o impulso revolucionário, a espontaneidade da imaturidade juvenil e a disciplina que cimenta milhões de pessoas agrupadas em torno do trabalho nas máquinas[53].

Sob o czarismo, não existe possibilidade alguma de que os militantes levem uma vida tranquila na sociedade russa. Os sindicatos são dissolvidos assim que passam a ter uma atividade real e os mencheviques mais "legalistas", inclusive os liquidacionistas, recebem da polícia golpes tão duros quanto os bolcheviques mais extremistas. Neste sistema não existe espaço para os burocratas, nem sequer para os honrados desertores, já que o militante que deseja abandonar a luta não terá, para ganhar a vida, outra solução que não seja converter-se em delator da polícia. A integração é impossível sem capitulação aberta. O reformismo, que no Ocidente surgiu como estado de ânimo antes de materializar-se como tendência interna às organizações operárias e, posteriormente, como setor materialmente beneficiado, não possui na Rússia nenhuma raiz segura. As condições em que se dá a luta política e social convertem os militantes em uma elite generosa, valente e pura. É preciso multiplicar as astúcias e iniciativas para proteger a organização da repressão e manter o contato com os operários. Nenhuma rotina pode consolidar-se e é imprescindível saber aproveitar todas as mínimas oportunidades.

A ação operária

Todas as memórias de militantes bolcheviques, ao referirem-se ao período anterior a 1914, dão muita importância à chamada "campanha dos seguros", que se iniciou com a promulgação da lei de 23 de julho de 1912 sobre o seguro de saúde. O partido se apoia sobre todos os pontos frágeis do texto legal para mobilizar os operários, que, em sua luta, vão conquistar o direito de fazer assembleias sobre as questões de seguridade social, e depois, de eleger seus delegados para representá-los na administração dos fundos. Por fim, o movimento impõe uma emenda ao texto da lei, na parte que se refere às condições necessárias para conseguir o benefício. Esta será a única ocasião que tiveram os militantes para intervir legalmente nas assembleias operárias, executando, em todas as fábricas, uma ação coordenada.

52 Líderes de revoltas camponesas nos séculos 17 e 18, respectivamente (N. do E.).
53 PREOBRAZHENSKI, Evgueni, em *Bulletin Communiste*, nº10, 7 de março de 1924.

Para que o bolchevique possa realizar uma agitação de tipo sindicalista, na qual ele se dirige ao conjunto dos operários, inúmeras circunstâncias favoráveis são necessárias, circunstâncias que, às vezes, o próprio militante deve esforçar-se por criar. Shliapnikov, operário de uma fábrica de São Petersburgo, faz em sua oficina uma campanha a favor da "igualdade na remuneração dos operários de mesma profissão ou que executem o mesmo trabalho, medido pelo número de peças"[54]. Ainda que a amplitude da faixa salarial não seja muito grande, esta consigna unificadora vai ser, em diversas ocasiões, o ponto de partida da agitação bolchevique dentro de uma empresa. Em uma etapa posterior, trata-se de realizar uma agitação mais ampla e de tentar desencadear um movimento. E para realizar isto não existem quadros profissionais, nem sede fixa para o sindicato, nem permissão para organizar uma assembleia geral dos trabalhadores dentro da legalidade. É preciso, portanto, se dirigir diretamente aos operários para realizar tudo isso, o que só é possível depois de uma preparação minuciosa. E nisto os bolcheviques contam com uma técnica muito apurada: salvo em algumas exceções, como durante a "campanha dos seguros", os bolcheviques só poderão ser ouvidos em público em "reuniões relâmpago". Estas devem ser preparadas com todo o cuidado. No momento preciso, deve ser bloqueada uma porta durante uma pausa, em um restaurante ou vestiário, ou durante a saída da fábrica. Os oradores, cuja segurança deve ser garantida com estas medidas, devem estar atentos ao aviso de perigo para poder empreender a fuga. A "fala" deve ser breve. O orador geralmente vem de fora e, às vezes, deve se mascarar com um gorro ou um pano para não ser identificado e denunciado. Os militantes da fábrica ficam com a missão de preparar o agrupamento das pessoas e de velar pela segurança de seu camarada. Nestes preparativos, deve-se multiplicar as precauções por temor aos traidores e tratar de não se deixar notar durante a intervenção, enquanto se mantém a vigilância.

Quando o militante se encontra com operários simpatizantes, é preciso elevar a discussão ao campo das ideias, o que é bastante perigoso. Para isto, deve-se evitar os lugares públicos, muito frequentados e geralmente cheios de delatores. Igualmente perigosas são as reuniões que acontecem em um domicílio privado, pois, quanto menos conhecidos sejam os endereços dos militantes, menos informações terá a polícia. Esta é a razão das chamadas "reuniões volantes", que acontecem durante dias festivos, em obras abandonadas ou em armazéns nas horas em que estes permanecem desertos. Se forem necessárias reuniões maiores, organizam-se excursões aos bosques nos domingos, enquanto uma série de vigilantes protege a assembleia contra caminhantes indiscretos.

A organização clandestina

O operário que entra no partido já está familiarizado com seus métodos clandestinos. Logo depois vai submergir mais profundamente nos mesmos. Seu nome

54 SHLIAPNIKOV, Alexander, *Às vésperas de 1917*, em *Bulletin Communiste*, dezembro de 1923, p. 598.

e seu endereço só são conhecidos por um dirigente, e tanto ele como seus camaradas utilizam um "nome de guerra" que vai ser mudado tantas vezes quanto seja necessário para despistar a polícia. Na base se encontra a célula de oficina ou de fábrica, que também pode ser chamada de "comitê" ou "núcleo". As captações para o organismo só são aprovadas pelo sistema de consenso unânime sobre os possíveis candidatos, que devem ser examinados por todos os membros da célula antes de serem admitidos.

Piatnitski descreveu minuciosamente a pirâmide do partido em Odessa antes de 1905: acima dos comitês de base existem os subzonais, zonais e por último o comitê municipal, cujos membros foram recrutados todos por cooptação. Cada comitê é composto por uma série de dirigentes, que possuem funções específicas e que só mantêm contato com os respectivos dirigentes inferiores ou superiores. Desta forma, se reduzem os contatos verticais ao mínimo, a fim de dar autonomia para os militantes e evitar que a prisão de um indivíduo isolado provoque uma série de detenções em toda a organização. Embora possa casualmente acontecer, os militantes não devem encontrar-se fora das reuniões. No entanto, existem alguns dias e horas, fixados secretamente, nos quais, no caso de absoluta necessidade, os militantes podem fazer contato, geralmente em um bar ou café, com aparência de encontro casual. O comitê de Odessa se reúne em domicílios particulares. É o responsável por controlar toda a organização e seus membros, além de, por meio dos zonais e subzonais, designar os oradores que deverão tomar a palavra nas reuniões da fábrica e os responsáveis pelos grupos de estudo que os militantes deverão formar em seu entorno[55].

A organização de Moscou em 1908 é, por sua vez, mais complexa e mais democrática. Na base existem as assembleias de fábrica, dirigidas por uma comissão eleita; no nível superior funcionam alguns subzonais, além de oito zonais dirigidos por um comitê eleito pelas assembleias de fábrica. Este comitê é assessorado por comissões especializadas: a organização militar é composta de um departamento técnico, cujo dirigente só é conhecido pelo secretário do partido; existe, além disso, um departamento especial que se encarrega da propaganda antimilitarista, dirigida aos futuros alistados e aos operários recrutados; um departamento para os estudantes; outro departamento para oradores e jornalistas, que se dedica a utilizar suas habilidades e inclusive desenvolver as mesmas, localizando cada um, segundo as necessidades, nos diferentes zonais ou em determinadas comissões de fábrica; por último, o comitê conta com uma comissão financeira[56].

A própria direção do partido é formada por um aparato técnico, cujas numerosas e delicadas funções exigem especialização, competência e sigilo. É necessário conseguir passaportes, elemento fundamental de toda atividade ilegal: os melhores,

---

55 PIATNITSKI, Ossip, *op. cit.*, pp. 100-101.
56 *Ibid*, pp. 136-138.

naturalmente, são os autênticos, que dizer, aqueles que correspondem a uma pessoa viva e de ficha limpa; são os chamados "de ferro". No entanto, a imensa maioria dos passaportes utilizados pelo partido é falsa, fabricada pelos próprios militantes. Durante a guerra, Shliapnikov possui um passaporte com o nome de um cidadão francês, o que, de vez em quando, o torna alvo de atenções especiais da polícia, que deseja bajular um cidadão de um país aliado. Krilenko ingressa no exército com uma identidade falsa e chega a oficial. Uma das mais importantes tarefas encomendadas ao aparato técnico, cujos dirigentes são Piatnitski e o georgiano Aveli Yenukidze, se refere ao transporte e difusão da literatura que vem do estrangeiro: os envios passam pela fronteira em maletas com fundo falso, mas também se utilizam outras redes de contrabando; os encarregados deste trabalho são ou contrabandistas profissionais, que recebem uma remuneração do partido, ou militantes e simpatizantes que organizaram, por conta própria, uma rede para a passagem de material, utilizada muitas vezes por diversas organizações políticas clandestinas.

As gráficas ilegais são, talvez, os instrumentos mais problemáticos. Devem ser instaladas em lugares isolados ou muito barulhentos, geralmente em um sótão ou no depósito de alguma loja, de forma que as necessárias idas e vindas não atraiam a atenção excessiva da polícia. É necessário comprar as máquinas e, para isto, aceitar condições de pagamento muito desfavoráveis, já que a venda ilegal é perigosa também para o comerciante. Às vezes a máquina deve ser transportada, peça por peça, até o local indicado. Os membros do partido responsáveis pela impressão também são encarregados de obter os materiais necessários, que muitas vezes são roubados, durante muitos meses e em pequenas quantidades, de gráficas legais. O problema do papel, sua compra e seu transporte, gera enormes dificuldades, tanto para sua entrada como para saída – em tais ocasiões, utilizar uma padaria ou quitanda como fachada facilita muito a operação. A circulação do material, impresso no país ou no exterior, é uma operação de grande envergadura: são contratados transportadores e se informa um destino falso, que será alterado no caminho, para levá-los a um armazém ou garagem desocupados; poucos minutos depois de ser efetuado o transporte, todo o material deve desaparecer.

A atividade desses *partisans*[57], os *boieviks*, dos quais um dos principais líderes parece ter sido Stalin, havia gerado várias polêmicas no partido. De fato, as "expropriações" eram a parte central de suas atividades, e traziam um grave risco de degeneração, o que desmoralizaria, sem dúvida, importantes setores da militância, ameaçando desacreditar o partido inteiro.

Na realidade, o financiamento das atividades do partido era um grave problema, pois as cotizações em nenhum momento foram suficientes. Um informe do comitê de Baku indica que, em determinados períodos, os aportes dos militantes não che-

57 Guerrilheiros (N. do E.).

gavam nem a 3% da receita do partido. No entanto, Yaroslavski[58] se refere a alguns comitês locais como o de Ivanovo-Voznesensk e o de Lodz, onde as cotizações chegavam a 50% da renda do partido. A maior parte, em geral, provém das periódicas listas de contribuição passadas entre os intelectuais e profissionais liberais e fiscalizadas por uma comissão financeira especial. Desta forma, por meio de Maxim Gorki, os bolcheviques receberam importantes doações de um rico simpatizante e, graças à mediação de Krasin, outras doações feitas pelo industrial Morozov. Um dos mais violentos conflitos entre mencheviques e bolcheviques surgiu, exatamente, de uma disputa em torno de uma doação de uma enorme soma de dinheiro feita ao partido por um estudante simpatizante que havia se suicidado e cuja irmã, executora do testamento, havia se casado com o bolchevique Taratuta[59]. Schapiro cita entre os mais importantes apoios financeiros o estudante Tikhomirnov, colega de Molotov na Universidade de Kazan[60]. Por último, algumas expropriações contribuíram notavelmente para os fundos do partido. No entanto, em geral, o dinheiro era escasso e os revolucionários profissionais passavam vários meses à espera de um salário que, segundo Yaroslavski, oscilava entre 3 e 30 rublos ao mês no máximo[61].

Apesar da insistência com que os bolcheviques enfatizam em sua propaganda a necessidade da aliança entre operários e camponeses, o trabalho de organização dos *mujiks* é iniciado apenas às vésperas da revolução, à exceção de alguns casos de núcleos isolados de proletários rurais. Certos grupos de operários se limitam a difundir, de vez em quando, folhetos e panfletos pelas áreas rurais.

O trabalho dirigido aos estudantes tem amplas proporções nas cidades universitárias, pois nestas existem diretórios estudantis social-democratas e associações socialistas onde se enfrentam estudantes pertencentes às diferentes frações. Os bolcheviques se inserem nestes grupos e lá recrutam militantes, fazendo o mesmo, sempre que possível, também nos círculos de estudantes do ensino médio. Em 1907, um grupo de jovens bolcheviques, encabeçados por Bukharin e Sokolnikov, convoca um congresso panrusso de estudantes social-democratas. No entanto, tal organização desaparece no ano seguinte. Até o ano de 1917, não haverá novas tentativas de constituir uma organização juvenil vinculada aos bolcheviques. Desta maneira, parece se impor o ponto de vista de Krupskaia: a companheira de Lenin desejava que se constituísse uma organização de jovens revolucionários, dirigida pelos próprios jovens, mesmo com os riscos de seus possíveis erros, o que, para ela, seria preferível a ver tal organização ser sufocada sob a tutela de uma série de "adultos" cheios de boas intenções. Mas, tendo em vista a situação da juventude russa, isso excluía a possibilidade de formar uma organização de jovens puramente bolchevique.

58 YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 163.
59 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party of the Soviet Union*, Londres, Eyre et Spottiswoode, 1960, pp. 107-108.
60 *Ibid.*, p. 130.
61 YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 164.

Os homens

Entretanto, o núcleo da organização bolchevique, a "coluna de ferro" composta por militantes profissionais é recrutada entre gente muito jovem, operários ou estudantes, numa época e em condições sociais que, certamente, não permitem uma excessiva prolongação da infância, principalmente nas famílias operárias. Esses jovens, que renunciam a toda carreira e toda ambição que não seja política e coletiva, têm menos de 20 anos quando se comprometem, de forma definitiva, com a luta operária. Mikhail Tomski, litógrafo que ingressa no partido aos 25 anos, é uma exceção no conjunto, apesar dos anos que passou lutando como ativista independente, pois, com sua idade, a maioria dos companheiros já possui muitos anos de militância no partido. O estudante Piatakov, pertencente a uma grande família da burguesia ucraniana, se torna bolchevique aos 20 anos, depois de ter militado durante algum tempo nas fileiras anarquistas. O estudante Rosenfeld, conhecido como Kamenev, tem 19 anos quando entra no partido. Este caso é o mesmo do metalúrgico Schmidt e do mecânico de precisão Ivan Nikitich Smirnov. Aos 18 anos entram no partido o metalúrgico Bakaiev, os estudantes Bukharin e Kresinski e o sapateiro Kaganovich. O funcionário público Zinoviev e os metalúrgicos Serebriakov e Lutovinov são bolcheviques desde os 17 anos. Sverdlov trabalha como ajudante em uma farmácia quando começa a militar, com 16 anos, assim como o estudante Kuibishev. O sapateiro Drobnis e o estudante Smilgá ingressam no partido aos 15 anos. Piatnitski o faz aos 14. Todos estes jovens, quando ainda não passaram da adolescência, são já velhos militantes e quadros do partido. Sverdlov, aos 17 anos, dirige a organização social-democrata de Sormovo. A polícia czarista, ao tentar identificá-lo, lhe coloca o apelido de "o garoto". Sokolnikov, aos 18 anos, é secretário de um dos comitês zonais de Moscou. Rikov só tem 24 anos quando se converte, em Londres, no porta-voz dos *komitetchiks* e ingressa no Comitê Central. Quando Zinoviev entra, por sua vez, no Comitê Central, aos 24 anos, já é conhecido como o dirigente dos bolcheviques de São Petersburgo e redator do jornal *Proletari*. Kamenev tem 22 anos quando é enviado como delegado a Londres; Sverdlov tem somente 24 quando vai à Conferência de Tampere. Serebriakov é o organizador e um dos 20 delegados das organizações clandestinas russas no Congresso de Praga, em 1912, quando tem 24 anos.

Estes jovens entraram no partido por ondas sucessivas, que coincidem com as greves e os momentos culminantes do movimento revolucionário. Os mais antigos começaram a militar por volta de 1898 e se tornaram bolcheviques a partir de 1903; depois deles veio a geração de 1905 e dos anos consecutivos; por último, uma terceira avalanche se integra entre os anos de 1911 e 1912. A vida destes homens se mede por anos de prisão, de ação clandestina, de condenações, de deportações e de exílios. Piatnitski que nasceu em 1882, milita desde 1896. Depois de ser preso em 1902, foge, se unindo à organização "iskrista" e depois emigra. Trabalha no

exterior até 1905. Volta à Rússia no mesmo ano, se integrando na organização de Odessa até 1906, depois na de Moscou entre 1906 e 1908. Novamente é preso, conseguindo, mais uma vez, fugir. Vai para a Alemanha e assume um importante cargo no aparato técnico até 1913. Durante este tempo aprende o ofício de eletricista. Volta clandestinamente para a Rússia em 1913, encontra trabalho em uma fábrica e é preso e deportado de novo até 1914.

No entanto, existem outras biografias ainda mais impressionantes: Serguei Mrachkovski nasce na cadeia, onde estão seus pais, presos políticos e ali passa sua infância, antes de voltar, já adulto, e desta vez, por sua própria conta; Tomski, em 1917, tem 37 anos de idade, dos quais dez foram passados na prisão ou na deportação. Vladimir Miliutin foi detido oito vezes; em cinco ocasiões foi condenado à prisão, passando por duas deportações; Drobnis passou seis anos na cadeia e foi condenado à morte três vezes.

A moral destes homens é de uma solidez a toda prova: oferecem o que tem de melhor de si, com o convencimento de que só assim podem expressar todas as possibilidades que fervilham em suas jovens mentes. Sverdlov, clandestino desde os dezenove anos e enviado pelo partido para organizar os operários de Kostroma, no norte, escreve a um amigo: "Às vezes sinto falta de Nizhni-Novgorod, mas, definitivamente, estou contente por ter partido, pois lá era impossível abrir as asas que acredito possuir. Em Novgorod aprendi a trabalhar e cheguei aqui possuindo alguma experiência. Conto com um amplo campo de ação onde posso aplicar minhas forças"[62]. Preobrazhenski, principal líder do partido ilegal nos Urais durante o período de reação, é detido e julgado. Quando Kerenski, seu advogado, tenta negar os crimes dos quais o acusam, se coloca de pé num salto, desautoriza-o, afirma suas convicções e reivindica a responsabilidade de sua ação revolucionária. Naturalmente, é condenado. Somente depois, com a vitória da revolução, descobrirá o partido que este homem, revolucionário profissional desde os dezoito anos, é um economista de enorme valor.

Os revolucionários estudam. Alguns, como Piatakov, que escreve um ensaio sobre Spengler durante o período em que a polícia o detém na Ucrânia, em 1918, ou como Bukharin, são intelectuais de relevo. Os outros, ainda que menos brilhantes, estudam também sempre que podem, já que para eles o partido é uma escola, e isto não somente no sentido figurado. Em suas fileiras normalmente se aprende a ler e a escrever, e cada militante se converte em um guia de estudos, reúne um grupo em torno de si com o qual vai estudar e discutir política. Os adversários do bolchevismo muitas vezes caçoam deste gosto pelos livros que, em determinados momentos, converte o partido em uma espécie de "clube de sociologia". Na preparação da Conferência de Praga, um papel decisivo é cumprido pela escola de

62 Citado por BOBROVSKAIA, Tsetsilia, *Le premier président de la république du travail: J. M. Sverdlov*, Paris, Bureau d'éditions, 1932, p. 14.

quadros de Longjumeau, integrada por várias dezenas de militantes que discutem 45 aulas de Lenin, 30 das quais versam sobre economia política e dez sobre a questão agrária; também são ministradas aulas sobre a história do partido russo, do movimento operário ocidental, literatura, direito e técnica jornalística. Naturalmente, nem todos os bolcheviques são poços de ciência, mas sua cultura se eleva muito acima do nível médio das massas. Em suas fileiras encontram-se alguns dos intelectuais mais brilhantes de nossa época. Sem dúvida alguma, o partido educa e, em todos os aspectos, o revolucionário profissional está longe de ser o burocrata precoce que é descrito pelos detratores do bolchevismo.

Trotski, que conhecia bem estes homens e levou o mesmo estilo de vida, apesar de não ser bolchevique ainda, escreveu a respeito deles:

> A juventude da geração revolucionária coincidia com a do movimento operário. Era o momento dos homens de 18 a 30 anos. Os revolucionários de maior idade eram contados nos dedos e pareciam anciãos. O movimento desconhecia completamente o prestigismo, e se nutria de sua fé no futuro e do espírito de sacrifício. Não existia rotina alguma, nem formas convencionais, nem gestos teatrais, nem procedimentos retóricos. O diletantismo que começava a surgir era tímido e raro. Inclusive palavras como "comitê" e "partido" ainda eram novas, conservando seu mistério e tendo, para os jovens, uma ressonância atraente e inquietante. Quem ingressava na organização sabia que a prisão e a deportação o esperavam dentro de alguns meses. A honra do militante se media em resistir o maior tempo possível sem ser detido, em se comportar dignamente frente à polícia, em substituir, quando necessário, seus camaradas presos, em ler o maior número de livros quando na prisão, em escapar o quanto antes da deportação para o exterior e acumular conhecimentos, a fim de voltar e recomeçar o trabalho revolucionário. Os revolucionários acreditavam naquilo que pregavam, e nada mais poderia tê-los convencido a enfrentar essa via sacra[63].

Certamente, nada pode explicar melhor as vitórias do bolchevismo – e sobretudo, sua ascensão, inicialmente lenta e depois fulminante – do que aquilo que Bukharin chamou de "segundo círculo concêntrico do partido": os operários revolucionários que constituem seus olhos e suas alavancas, os organizadores dos sindicatos e comitês do partido, os focos da resistência e centros das iniciativas. São líderes e educadores incansáveis que, com suas ações, puderam integrar o partido à classe e dirigi-la. A história esqueceu o nome de quase todos eles. Lenin chama estas pessoas de "quadros *à la* Kaiurov", pelo nome do operário que o escondeu em 1917 durante alguns dias e no qual ele sempre confiará. Sem a existência destes homens, é impossível compreender o "milagre" bolchevique.

Lenin

Qualquer estudo do partido bolchevique seria incompleto se não incluísse a descrição daquele que no fundo o encabeçou até sua morte. Certamente, Lenin se

63 TROTSKI, Leon, *Staline*, *op. cit.*, p. 77.

identifica de certo modo com o partido. Entretanto, suas características pessoais rompem tal analogia. Em primeiro lugar, ele é praticamente o único representante de sua geração, pois seus primeiros companheiros na luta, Plekhanov, mais velho do que ele, e Martov, da mesma idade, dirigem os mencheviques. Seus companheiros da primeira fase do partido, Krasin e Bogdanov, se distanciaram da luta política. Na época da Conferência de Praga, os mais antigos de seus colaboradores imediatos, Zinoviev, Kamenev, Sverdlov e Noguin, possuem, todos eles, menos de trinta anos. Lenin está então com quarenta e dois. Entre os bolcheviques, é o único a pertencer à geração anterior ao *Iskra*, quer dizer, aos pioneiros do marxismo russo. Os homens jovens da direção bolchevique são, antes de tudo, seus discípulos.

Este não é o lugar adequado para fazer uma análise da capacidade intelectual de Lenin, sua cultura, seu enorme potencial de trabalho, a agilidade de seu raciocínio, a lucidez de sua análise e a profundidade de suas elaborações. Limitemo-nos a destacar que, convencido como estava da necessidade do partido como instrumento da história, empreendeu apaixonadamente sua construção e consolidação durante todo o período que antecedeu a explosão revolucionária de 1917, apoiando-se, para isto, nas perspectivas e dados que oferecia o próprio movimento de massas, ao mesmo tempo em que confiava muito na solidez de suas próprias análises e de sua intuição. Completamente convencido de que os conflitos ideológicos eram inevitáveis, Lenin afirma, em uma carta dirigida a Krasin, que "constitui uma completa utopia esperar um consenso absoluto dentro do Comitê Central ou entre seus membros". Luta para convencer seus companheiros com a segurança de estar certo e de que o próprio desenvolvimento político dos acontecimentos será a melhor confirmação de suas teses. Esta é a razão de que aceite, sem grandes ressentimentos, uma derrota que considera puramente casual, como a sofrida frente aos *komitetchiks* no congresso de 1905, às vésperas de uma revolução da qual espera a destruição de todas as rotinas. No final do mesmo ano, cede ao impulso dos militantes que desejam uma reunificação, prematura em sua opinião, limitando de antemão as possíveis perdas através da concentração de seus esforços em conseguir, dentro do partido unificado, que a eleição dos membros do Comitê Central se dê segundo o princípio de representação proporcional das tendências. Entre 1906 e 1910, redobra suas atenções para convencer os dissidentes de sua fração, deixando, ao final, que eles mesmos tomem a iniciativa da ruptura. Em 1910, se curva à política dos "conciliadores", defendida por Dubrovinski, considerado por ele um elemento de grande valia e a quem espera convencer rapidamente pela experiência.

Entretanto, sobre as questões que considera fundamentais, se mantém na mais absoluta intransigência – a seu ver, o trabalho ilegal constitui um dos princípios que confirmam a natureza revolucionária da ação empreendida. Algumas vezes, chega a um acordo ou se retrata, e não somente quando, por encontrar-se em minoria, deve dar o exemplo que a disciplina exige. Seu objetivo não é ter razão, e sim

construir o instrumento que lhe permitirá intervir na luta de classes e ter razão em escala história, "à escala de milhões", como gosta de repetir. Para conservar sua fração, composta por estes homens cuidadosamente selecionados durante anos, sabe esperar e inclusive se curvar. No entanto, jamais oculta que não vacilaria nenhum momento em começar de novo se seus adversários insistissem em capitular no essencial. Na polêmica ideológica ou tática, parece interessar-se particularmente pela exacerbação das diferenças, forçando as contradições até o limite, revelando os contrastes e esquematizando – e inclusive caricaturizando – o ponto de vista de seu oponente. São estes os métodos de um lutador que busca a vitória e não o acordo, que quer desmontar o mecanismo de pensamento de seu antagonista para reduzir os problemas a elementos que sejam compreendidos com facilidade por todos. Entretanto, nunca perde de vista a necessidade de conservar a colaboração e o trabalho em equipe com aqueles com quem está mantendo um duelo dialético. Durante a guerra, Bukharin e ele não chegam a um acordo a respeito do problema do Estado; Lenin lhe pede então que não publique nenhum trabalho sobre esta questão para não acentuar os desacordos sobre alguns pontos que, em sua opinião, nenhum dos dois estudou suficientemente. Lenin argumenta sempre, cedendo às vezes, mas jamais renuncia a convencer seus adversários, pois somente assim – apesar do que seus opositores alegam – obteve suas vitórias e converteu-se em chefe indiscutível da fração feita com suas próprias mãos, e cujos homens escolheu e educou pessoalmente. Por outro lado, tal atitude lhe parece perfeitamente normal, como suas palavras dirigidas aos que se preocupam com os conflitos entre companheiros demonstram: "Que os sentimentais se lamentem e chorem: Mais conflitos! Mais diferenças internas! Ainda mais polêmicas! Nós respondemos: jamais se formou uma social-democracia revolucionária sem o contínuo surgimento de novas lutas"[64]. Por isso, a imensa autoridade que possui sobre seus companheiros não é a de sacerdote nem de oficial, mas sim de pedagogo ou camarada, de professor e de veterano – muitos o chamam de "O velho" –, cuja integridade e inteligência se admira e cujos conhecimentos e experiências são muito estimados. É evidente sua marca na história recente e todos o enxergam como o construtor da fração e do partido. Sua influência se baseia na vigorosa força de suas ideias, em seu temperamento de lutador e em seu gênio polemista, muito distante do conformismo ou da necessidade do cumprimento de uma severa disciplina. Todos os seus companheiros, de Krasin a Bukharin, vão contar de que modo se torna um verdadeiro problema de consciência enfrentar-se com ele. Contudo, não pensam duas vezes antes de fazê-lo, pois isto é encarado com um dever; e ele mesmo afirma: "o primeiro dever de um revolucionário é criticar seus dirigentes". Seus discípulos não seriam, portanto, dignos de seu professor se não se atrevessem a combater seu ponto de vista quando pensam que o mesmo está equivocado. Um partido revolucionário não é

64 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XII, p. 393.

feito de robôs. Esta é a opinião de Lenin quando escreve a Bukharin dizendo que se o partido excluísse os militantes inteligentes, mas pouco disciplinados, e ficasse apenas com os imbecis disciplinados, afundaria. Aqui fica claro o motivo pelo qual tanto a história do partido quanto a de sua fração são, desde 1903, uma longa sucessão de conflitos ideológicos que Lenin supera paulatinamente, com uma grande dose de paciência. A este respeito, é extremamente difícil separar o estudo da personalidade de Lenin do de sua fração, cuja unidade surge da discussão, quase permanente, tanto sobre as questões fundamentais, quanto sobre as táticas a seguir a cada momento.

Por outro lado, o êxito de sua organização se explica pela sua capacidade para agrupar, mediante a luta no campo das ideias, elementos tão distintos, caracteres tão opostos e personalidades tão contraditórias como Zinoviev, Stalin, Kamenev, Sverdlov, Preobrazhenski e Bukharin: "o exército de ferro" que pretendia ser – e de fato foi – o partido bolchevique surgia não somente daquele "maravilhoso proletariado" ao qual se referia Deutscher, mas também da mente do homem que havia escolhido este meio para construí-lo.

Mas isto explica igualmente a solidão de Lenin. Em última instância, nenhum militante do partido se encontra à altura das capacidades de seu líder. Sem dúvida, Lenin conta com auxiliares e discípulos, colaboradores e companheiros, mas, talvez exceto por Trotski – cuja própria personalidade talvez explique porque não se tornou um bolchevique nem aceitou a hegemonia de Lenin antes de 1917 –, não estabelecerá com ninguém uma relação de camaradagem de igual para igual. Esta é uma das razões pelas quais, mais tarde, os velhos bolcheviques o considerem insubstituível, e isto apesar de que, como disse Preobrazhenski, não era tanto um capitão, mas sim o "cimento de toda a massa". Se, como Bukharin, admitimos que as vitórias do partido se deviam tanto à sua "solidez marxista" quanto à sua "flexibilidade tática" – esta era a opinião dos velhos bolcheviques –, teremos que reconhecer que, em ambos esses aspectos, Lenin era a inspiração e que, com o tempo, castigados pelas suas sucessivas derrotas, seus adversários bolcheviques haviam aprendido a ceder diante dele. Este é o momento em que a etapa revolucionária, ao fazê-lo submergir nesta história em que são protagonistas "milhões e milhões", vai também privá-lo definitivamente da possibilidade de formar a geração dos que talvez pudessem ter-se medido com ele vitoriosamente. Em todo caso, esta é a hipótese que sugere a história do partido até a morte de Lenin, morte que permitirá que, de seu pensamento antidogmático por excelência, nasça o dogma do "leninismo", que terminará por eliminar o próprio espírito "bolchevique" que ele havia criado.

4

O PARTIDO E A REVOLUÇÃO

O partido que, em outubro de 1917, tomou o poder em Petrogrado surgiu diretamente da organização que Lenin construiu no início do século. Entretanto, este partido sofreu mudanças substanciais, transformando-se com o influxo da onda revolucionária, que trouxe para suas fileiras dezenas de milhares de operários e soldados, e que lançou milhões de homens à ação política. A organização que começou como um pequeno grupo de revolucionários profissionais se converteu em um grande partido revolucionário de massas. Neste sentido, a grande polêmica sobre a organização partidária que confrontou bolcheviques e mencheviques resolveu-se a favor dos primeiros. Mais do que isso, o partido bolchevique, ao tomar o poder, resolveu definitivamente a questão teórica sobre a natureza da revolução na Rússia, que, desde 1905, esteve na base dos conflitos organizativos entre os sociais-democratas.

Os problemas da revolução antes de 1905

Em 1903, bolcheviques e mencheviques parecem divergir apenas quanto aos meios para se alcançar o objetivo final – a conquista do poder pela classe operária e a instauração do socialismo. No entanto, a polêmica que se originou no II Congresso revela, definitivamente, divergências mais profundas. Karl Marx esperava que a revolução acontecesse primeiramente nos países mais avançados, onde uma revolução burguesa, como a francesa de 1789, houvesse já assentado as condições para o desenvolvimento do capitalismo ao destruir o poder da aristocracia rural e do absolutismo. Os primeiros discípulos russos de Marx consideravam que a tarefa revolucionária imediata na Rússia era a derrota da autocracia czarista e a consequente transformação da sociedade sob uma ótica burguesa e capitalista com a instauração de uma democracia política. Os "marxistas legais", discípulos de Piotr

Struve, levaram esta tese até suas últimas consequências, tendo então o próprio Struve se convertido em um defensor do desenvolvimento capitalista russo e se unido ao partido kadete e ao liberalismo político. Mesmo que os membros da redação do *Iskra* tenham aceitado como tarefa a construção de um partido operário, as discussões que se seguem à divisão expõem de maneira clara que não estão de acordo em relação aos objetivos imediatos de tal partido. Os mencheviques acusam os bolcheviques de abandonar a perspectiva de Marx e de tentar organizar artificialmente uma revolução proletária por meio de conspirações, numa primeira fase onde as condições objetivas somente permitem uma revolução burguesa. Os bolcheviques, por sua vez, argumentam que os mencheviques se negam a organizar e preparar uma revolução proletária, postergando-a para um futuro distante. Esta atitude faria deles os defensores de uma espécie de desenvolvimento histórico espontâneo que conduziria automaticamente ao socialismo, através de uma série de "etapas" revolucionárias diferentes: burguesa-democrática primeiramente, e proletário-socialista em seguida. Por último, os bolcheviques afirmam que este fatalismo faz os mencheviques limitarem, no imediato, a ação dos operários e dos socialistas em geral ao papel de força de apoio para a burguesia em sua luta contra a autocracia e a favor das liberdades democráticas.

De fato, os argumentos que os mencheviques desenvolveram a partir da divisão se assemelham, cada vez mais, aos utilizados no Ocidente pelos defensores do socialismo reformista, mesmo que, paradoxalmente, não existisse na Rússia uma aristocracia operária como a que, nos países avançados, serviu de base social para o reformismo.

A discussão sobre a revolução de 1905

Para todos os sociais-democratas russos, a revolução de 1905 foi uma revolução burguesa no que se refere aos seus principais objetivos: a eleição de uma assembleia constituinte e a instauração de liberdades democráticas. Mas também fica claro que tal revolução burguesa foi feita integralmente pela classe operária, com seus instrumentos de classe, suas passeatas e suas greves, e com a insurreição dos operários de Moscou. Apesar de terem ocorrido alguns motins de soldados e de camponeses recrutados ao exército, assim como alguns focos de revoltas camponesas, no geral o campo não se mobilizou. Ao final, o czarismo conseguiu manter o controle do exército, e os camponeses em uniforme[65] acabaram esmagando o movimento operário. Já a burguesia, desde o momento em que a autocracia fez suas primeiras concessões, deu as costas para a luta, apesar de suas aspirações ainda estarem longe de ser completamente satisfeitas. Tanto os mencheviques quanto os bolcheviques se lançaram à ação revolucionária com idêntica determinação e sem nenhum tipo de

65 Se refere ao fato de que os camponeses eram a principal base de recrutamento do exército czarista (N. do E.).

ressalva. O líder de um dos motins mais importantes foi o jovem oficial menchevique Antonov-Ovseenko, que encabeçou a insurreição em sua própria unidade. Depois da derrota, ambas frações voltam a se colocar de acordo quanto à análise básica e à explicação do fracasso: a burguesia retrocedeu por medo das massas operárias e a passividade dos camponeses foi o principal obstáculo à vitória e a arma mais importante da contrarrevolução. No entanto, diferem acerca das conclusões que podem ser extraídas desta primeira experiência revolucionária.

Os mencheviques, de sua parte, não parecem excessivamente surpreendidos pelo fracasso. Posteriormente, Plekhanov julgou equivocado o recurso às armas em Moscou. O desenvolvimento dos acontecimentos confirma para os mencheviques sua opinião de que uma revolução socialista, cujo peso repousa unicamente sobre a classe operária, exige previamente um crescimento das forças produtivas durante uma fase de desenvolvimento capitalista que só poderá acontecer depois de uma revolução burguesa. Portanto, é preciso distinguir as duas etapas pelas quais deverá passar a Rússia, desde sua situação semifeudal até a vitória do socialismo: primeiro, uma revolução burguesa e democrática realizará um trabalho equivalente ao da Revolução Francesa de 1789 e, posteriormente, com vistas à transformação da sociedade capitalista, uma revolução socialista encabeçada pelo proletariado, que, desta forma, se converterá em classe dominante do ponto de vista numérico antes de também o ser do ponto de vista político. Estas duas fases históricas, estas duas etapas revolucionárias, estão necessariamente separadas por um lapso de tempo mais ou menos grande. Esta é a análise que leva alguns mencheviques a defender a ideia de uma aliança dos socialistas com a burguesia liberal numa primeira etapa. Assim é justificada a tendência que Lenin chamará de "liquidadora", dado seu abandono da tentativa de construir um partido operário, que não é considerado um instrumento indispensável para a vitória na "primeira fase".

Para os bolcheviques, a revolução de 1905 mostrou que o proletariado é capaz de acabar simultaneamente com seus dois inimigos, a autocracia e a burguesia, com a condição de contar com o apoio dos camponeses, apoio esse ausente em 1905. Lenin manifesta seu acordo com os mencheviques ao reconhecer a necessidade de que a Rússia passe por uma etapa de revolução democrático-burguesa antes da revolução socialista proletária. No entanto, a experiência de 1905, em sua opinião, demonstra que, pelo seu medo da classe operária, a burguesia é incapaz de lutar até o fim e que isto só pode ser feito pelo proletariado aliado aos camponeses sedentos por terras. A revolução democrático-burguesa na Rússia não acontecerá, pois, sob a direção da burguesia, como ocorreu nos países avançados; só poderá acontecer se for dirigida por uma "ditadura revolucionária e democrática do proletariado e dos camponeses", que "criaria a possibilidade de sublevar a Europa". Assim, "o proletariado socialista europeu, se livrando do jugo de sua burguesia, nos ajudará a fazer a revolução socialista"[66]. Desta forma, Lenin, ao mesmo tempo em que mantém a

66 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies*, *op. cit.*, tomo I, p. 480.

distinção entre as duas etapas, introduz em seu esquema dois elementos de transição que lhe permitem situar sua análise em concordância com as célebres frases de Marx acerca da "revolução ininterrupta"[67]: em determinadas circunstâncias, a revolução socialista poderia surgir simultaneamente na Rússia e na Europa, como consequência da revolução democrático-burguesa russa, o que converte a construção de um partido operário social-democrata russo em uma necessidade imperiosa.

Trotski é o único dirigente social-democrata de destaque que desempenha um papel importante na revolução de 1905. Apesar de seus vínculos organizativos com os mencheviques, se opõe radicalmente às suas concepções teóricas. São desta época os elementos essenciais de sua teoria da "revolução permanente". Para ele, o traço mais característico da estrutura social russa é o desenvolvimento de uma indústria capitalista baseada no patrocínio do Estado e com capitais estrangeiros. Portanto, existe um proletariado, mesmo que não haja uma autêntica burguesia russa, o que significa que, "em um país atrasado economicamente, o proletariado pode tomar o poder antes que em um país capitalista avançado"[68]. Porém, o desenrolar da revolução de 1905 demonstrou que "uma vez instalado no poder, o proletariado, pela própria lógica de sua situação, vai ser impulsionado a administrar a economia como um assunto de Estado"[69], o que supõe que a completa realização da revolução democrático-burguesa pelo proletariado implica automaticamente na passagem simultânea à realização de uma revolução socialista. As condições exigidas por Lenin para a transição da primeira para a segunda etapa, ou seja, o apoio aos camponeses em sua luta pela terra e o desenvolvimento de uma revolução nos países avançados, já não são, para Trotski, mais do que condições da vitória final. Ele rechaça, desta maneira, a fórmula da "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses" de Lenin. Mas a possibilidade de vitória do socialismo num só país lhe parece tão remota quanto para o próprio Lenin: "Sem o apoio direto do proletariado europeu, a classe operária russa será incapaz de se manter no poder e de transformar a transitória supremacia do proletariado em uma ditadura duradoura"[70].

Os socialistas e os soviets

Do ponto de vista dos historiadores, o fato fundamental na história da revolução de 1905 foi, sem dúvida alguma, o surgimento dos soviets. Graças a eles, triunfaram em 1917 tanto a revolução proletária quanto o partido bolchevique. Ainda mais interessante é constatar que os soviets não foram organizados por nenhuma

67 *Ibid.*, p. 540.
68 TROTSKI, Leon, *Results and prospects*, em *The Permanent Revolution*, Londres, New Park, 1962, p. 195. Publicado em português pela Editora Sundermann em *A teoria da revolução permanente*, São Paulo, 2011.
69 *Ibid.*, p. 199.
70 *Ibid.*, p. 237.

das tendências do movimento operário, e a polêmica entre os socialistas, depois de 1905, parece não abordar este ponto.

O primeiro soviet apareceu em Ivanovo-Voznesensk, conhecida como a "Manchester russa"; teve sua origem em um comitê de greve e nas assembleias que aconteciam diariamente entre os operários durante os 72 dias que durou o conflito[71]. A forma de conselho de delegados eleitos, submetidos ao controle direto de seus eleitores através do mecanismo da revogabilidade de seus cargos fez assim sua aparição na Rússia. Posteriormente, será adotada em todos os centros operários. Parece que o soviet de São Petersburgo surgiu da iniciativa dos trabalhadores gráficos, ampliando em seguida seu campo de ação, e passando a incluir delegados de fábrica que representavam todos os operários da capital, os representantes dos sindicatos não operários e as diferentes frações da social-democracia. Este é o órgão que dirige a greve geral, assumindo, ao mesmo tempo, a responsabilidade de garantir a ordem, regulando os transportes e outros serviços públicos, cujo funcionamento era imprescindível para seu próprio êxito. Depois da volta ao trabalho, o soviet impõe a jornada de trabalho de 8 horas nas fábricas. Também toma a iniciativa de publicar um jornal diário, *Izvestia* (Notícias), organiza a luta contra os impostos, publica o célebre manifesto em que adverte os credores estrangeiros que a revolução não pagará os juros dos empréstimos russos e, por último, impõe, para combater a inflação crescente, o pagamento dos salários em moeda conversível em ouro. Por outro lado, o soviet de São Petersburgo impulsiona e fomenta a organização de sindicatos e organiza alguns grupos operários de autodefesa que lutam contra as tentativas de ataques que são executadas pelas Centúrias Negras[72]. Seu exemplo, bem como a popularidade que adquire sua atividade, impulsionam a formação de soviets em todas as grandes cidades. Seja qual for a ocasião que permite sua criação ou seu ponto de partida local – um comitê de greve, um comitê de ação ou uma assembleia –, os soviets de 1905 vão ser conselhos formados por delegados dos trabalhadores reunidos em torno aos representantes de fábrica, eleitos pelo conjunto dos operários organizados ou independentes. Os mandatos desses delegados podem ser revogados a qualquer momento por seus eleitores. Em curto prazo, todos os soviets acabam funcionando como autoridades revolucionárias, exercendo um poder concorrente com o do Estado, um duplo poder de fato, que se apoia nos trabalhadores e exerce sua autoridade, geralmente repressiva, por sobre as outras classes da sociedade.

Os mencheviques, que, em sua propaganda, com frequência lançavam consignas como "Estado popular", "autoadministração" ou "comuna", apoiam a criação dos soviets, desempenhando nestes um papel importante. Desde sua perspectiva de revolução burguesa, no entanto, não podem ver neles órgãos de poder duráveis. Os mencheviques de São Petersburgo, influenciados por Trotski, atuam em

71 ANWEILER, Hugo, *Die Rätebewegung in Russland (1905-1922)*, Leyde, Brill, 1960, pp. 49-52.
72 *Ibid.*, pp. 53-58.

contradição com os dirigentes da emigração. De fato, a maioria dos mencheviques considera os soviets como o ponto de partida para o partido de massas ou para os grandes sindicatos à moda alemã, que eles planejam formar e desenvolver a partir do momento em que, segundo seu esquema, a sociedade russa se torne uma sociedade capitalista e democrática como as da Europa Ocidental.

Observamos que, em certo sentido, os bolcheviques desconfiam dos soviets: alguns não enxergam neles nada além da tentativa de construir um organismo disforme e irresponsável que rivalize com a autoridade do partido. No início, os bolcheviques de São Petersburgo se negam a participar do soviet de delegados operários e, para mudar suas opiniões, será preciso que Trotski, com seu prestígio e influência, convença Krasin, representante do Comitê Central. Geralmente, os que mais simpatizam com os soviets os consideram, no melhor dos casos, como meros instrumentos auxiliares do partido. Nem sequer o próprio Lenin parece ter lhes dado a importância e o significado que, em 1917, será obrigado a reconhecer. É por isso que, após a dissolução do soviet de São Petersburgo, ele dá razão aos bolcheviques que se opõem à participação de anarquistas no soviet. Em sua opinião, o soviet não é "nem um parlamento operário, nem um órgão de autogoverno proletário", mas especificamente uma "organização de luta que serve a objetivos determinados"[73]. Em 1907 ele admite que seria necessário um estudo científico desta questão para averiguar se os soviets constituem, na realidade, "um poder revolucionário"[74]. Em de janeiro de 1917, em uma conferência sobre a revolução de 1905, só menciona os soviets de passagem, definindo-os como "órgãos de luta"[75]. Vão se passar algumas semanas antes que suas análises se modifiquem, graças à influência de Bukharin, do holandês Pannekoek e, principalmente, ao papel desempenhado pelos novos soviets russos.

Também a respeito desta questão, Trotski aparece como uma figura isolada e precursora. A partir de sua experiência no seio do soviet de São Petersburgo, extrai suas conclusões, faz um balanço de sua ação e, por último, afirma: "Sem dúvida alguma, na próxima explosão revolucionária, serão formados conselhos operários como este em todo o país. Um soviet panrusso de operários, organizado por um conselho nacional (...) assumirá a direção (...). O futuro soviet vai tirar destes cinquenta dias todo seu programa de ação (...): cooperação revolucionária com o exército, com os camponeses e com os setores mais pobres das classes médias; abolição do absolutismo e destruição de seu aparato militar; abolição da polícia e do aparato burocrático; jornada de 8 horas; distribuição de armas ao povo e principalmente aos operários; transformação dos soviets em órgãos revolucionários de governo nas cidades; formação de soviets camponeses para dirigir, a partir do cam-

73 *Ibid.*, p. 100.
74 *Ibid.*, p. 103.
75 *Ibid.*, p. 103.

po, a realização da reforma agrária; eleições para a assembleia constituinte"[76]. Em outra ocasião afirma: "Este plano é mais fácil de formular do que de aplicar, mas a revolução deve se impor, o proletariado não pode deixar de assumir tal papel. Ele cumprirá esta tarefa revolucionária sem paralelos em toda a história universal"[77].

Depois de ter sido praticamente o único a afirmar, como o fez frente a seus juízes, que o soviet era uma "organização típica da revolução", posto que era a "organização própria do proletariado" e que se converteria no "órgão de poder da classe operária"[78], Trotski permaneceria distante da polêmica fundamental dos sociais-democratas a propósito da participação em um governo provisório que surgiria de uma nova revolução. Os mencheviques se pronunciam contrários a esta participação, argumentando que é a burguesia a encarregada de dirigir a revolução burguesa e que o papel dos socialistas deve ser permanecer na oposição e recusar qualquer participação no poder, posição que para eles favorece o fortalecimento das posições da classe operária, evitando assim, ao mesmo tempo, de se lançar de forma prematura na luta pelo socialismo. Por sua vez, os bolcheviques afirmam que, ao renunciar à participação em um governo provisório, os sociais-democratas renunciariam, ao mesmo tempo, à realização de uma revolução democrática. Certamente, a história parece zombar de todos eles quando, em 1917, são precisamente os mencheviques os que aceitam a participação no governo provisório, enquanto os bolcheviques reprovam tal atitude como sendo uma traição. Isto acontece porque, nesta época, a construção dos soviets havia se tornado uma tarefa empreendida pelos operários e camponeses e o desenvolvimento revolucionário espontâneo acabou superando de maneira definitiva as velhas polêmicas, da mesma forma que, alguns anos atrás, a guerra também havia feito.

A guerra: novas posições

A guerra de 1914 vai traçar novas divisões entre as posições dos sociais-democratas. Os grandes partidos da II Internacional, os socialistas franceses e os sociais-democratas alemães – excluindo o pequeno grupo internacionalista de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht – participam da União Sagrada[79]. Em ambos os lados sustentam a defesa nacional, suspendem a luta pelo socialismo e inclusive qualquer luta operária imediata devido à necessidade de derrotar previamente, pela força das armas, o militarismo imperialista do inimigo. De fato, nos países oci-

76 TROTSKI, Leon, *Histoire du soviet*, citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed, op. cit.*, p. 149.

77 *Ibid.*

78 TROTSKI, Leon, *Discurso perante o tribunal, 19 de setembro de 1906*, citado em *Fourth International*, março de 1942, p. 85.

79 Nome dado aos governos de ampla unidade nacional, formados após o início da Primeira Guerra Mundial em quase todos os países beligerantes, incorporando socialistas, liberais e conservadores em nome da luta contra o inimigo externo (N. do E.).

dentais, os partidos socialistas optam pela preservação dos vínculos que os unem à suas respectivas burguesias, solidarizando-se com elas neste conflito bélico. A Internacional, como organização operária, entra em falência pelo fato de que seus dirigentes, seja qual for o país ou sistema de alianças em que estejam incluídos, colocam sua solidariedade nacional com o Estado acima da solidariedade internacional com os operários dos demais países. Em termos leninistas, durante este processo, o reformismo se converte em "social-chauvinismo". Em tais condições, não podemos nos surpreender com o fato desta corrente patriótica ter sido menos vigorosa na Rússia do que no Ocidente: o reformismo não contava com uma base social própria e a declaração de guerra é utilizada de imediato e sem nenhum pudor pelo governo czarista para justificar a proibição da imprensa operária de todas as tendências. Os deputados bolcheviques e mencheviques da Duma chegam a um acordo na hora de votar contra os créditos de guerra, o que seus correligionários franceses e alemães aceitaram de imediato, por medo de perder na repressão tudo aquilo que consideravam como suas "conquistas".

A social-democracia russa, no entanto, vai sentir em sua própria pele todas as divisões da social-democracia internacional, mesmo com sua distinta correlação de forças, dadas as características específicas da sociedade e do movimento operário russos. Plekhanov condena como "traição" o boicote socialista aos créditos militares, sustentando ao mesmo tempo o ponto de vista da defesa nacional. Assim como os socialistas franceses, opina que a derrota do imperialismo alemão, muralha do capitalismo e do militarismo europeus, propiciará uma vitória do socialismo, conciliando desta forma uma aparente contradição e atacando os socialistas alemães, que, por outro lado, enxergam na derrota czarista, bastião da reação, uma possível vitória do socialismo, conseguida no país onde o partido é mais forte. Junto a ele se alinha a maioria dos mencheviques emigrados, bem como o Secretariado Estrangeiro, que no entanto, não consegue atrair a totalidade de seus militantes, pois numerosos mencheviques, que até este momento se encontravam à sua direita, se negam a adotar tal atitude patriótica.

Por sua vez, Lenin, que está refugiado na Suíça depois de problemas surgidos durante sua estada na Áustria[80], escreve um manifesto em nome do Comitê Central do partido onde afirma:

> Não existe dúvida nenhuma de que o mal menor, do ponto de vista da classe operária e das massas trabalhadoras de todos os povos da Rússia, seria uma derrota da monarquia czarista, que é o mais bárbaro e reacionário dos governos, o que oprime o maior número de nacionalidades e a maior proporção da população da Europa e Ásia[81].

80 Com o início da guerra entre Áustria e Rússia, todos os cidadãos estrangeiros foram "internados compulsoriamente", como medida para evitar espiões. Essa medida atingiu inclusive os exilados russos que, grosso modo, fugiram para países neutros como a Suíça (N. do E.).

81 *Cahiers du bolchevisme*, nº24, agosto de 1925, p. 1511.

Ao observar o naufrágio da II Internacional, o Comitê Central bolchevique, retomando os princípios que serviram para a construção de sua organização e a fim de propô-los a todos os socialistas, declara:

> Que os oportunistas preservem suas organizações legais a preço de traírem todas as suas convicções; os sociais-democratas vão utilizar seu espírito organizativo e seus vínculos com a classe operária para criar as formas ilegais de luta, tendentes ao socialismo e à maior coesão proletária e que possam responder à crise. Vão criar tais formas de luta não para combater junto com a burguesia patriótica de seu país, mas para marchar lado a lado com a classe operária de todos os países. A Internacional proletária não sucumbiu, nem o fará. As massas operárias criarão uma nova Internacional, mesmo com todas as dificuldades[82].

Em fevereiro de 1915 acontece em Berna uma conferência de grupos bolcheviques emigrados, na qual participam alguns recém chegados da Rússia, como Bukharin e Piatakov. Esta conferência se pronuncia em favor da resolução que defende "converter a guerra imperialista em guerra civil".

Desta forma e por iniciativa dos bolcheviques, que se opõem ao "defensismo" dos partidos da II Internacional, surge uma corrente "derrotista", partidária da construção de uma III Internacional. A capitulação da II Internacional frente à guerra criou as condições para uma ruptura definitiva no movimento operário mundial. No entanto, serão necessários vários meses ainda para que os novos princípios e posicionamentos triunfem, dentro da nova correlação de forças, frente aos preconceitos e atitudes antigos.

Em primeiro lugar, entre a emigração russa aparecem várias posições, que variam do defensismo de Plekhanov ao derrotismo de Lenin. Tanto Martov quanto diversos outros mencheviques se negam a admitir que a vitória dos Habsburgos ou dos Hohenzollern seria um fator mais ou menos favorável para a causa do socialismo do que a dos Romanov[83]. Denunciam o caráter imperialista da guerra, as terríveis quantidades de atrocidades e sofrimento que são impostas aos trabalhadores de todos os países por esta e afirmam que os socialistas devem acabar com a guerra através da luta por uma paz democrática e sem anexações. Sobre esta base, prosseguem, pode ser reconstruída a unidade dos socialistas de todos os países, cuja condição prévia deve ser a negativa em apoiar os créditos de guerra em todos os países beligerantes.

Neste momento, Trotski está muito próximo de Martov. Desde o verão de 1914, começa a atacar violentamente os sociais-democratas alemães e franceses com um folheto intitulado "A Internacional e a guerra". Neste afirma:

---

82 *Ibid.*, p. 1512.

83 Habsburgos e Hohenzollern são os nomes das famílias reais, respectivamente, do Império Austro-húngaro e do Império Alemão. Já os Romanov eram a casa real do Império Russo (N. do E.).

> Nas presentes condições históricas, o proletariado não tem interesse algum em defender uma "pátria" nacional anacrônica, que se converteu no principal obstáculo para o desenvolvimento econômico. Pelo contrário, deseja criar uma nova pátria mais poderosa e estável, os Estados Unidos Republicanos da Europa, como base dos Estados Unidos do Mundo. Na prática, o proletariado só pode enfrentar o beco sem saída imperialista com o programa da organização socialista da economia mundial[84].

Os mencheviques internacionalistas de Martov e os amigos de Trotski vão encontrar-se, junto com alguns antigos bolcheviques, em *Nashe Slovo* (Nossa palavra), um jornal russo que é editado em Paris sob a direção de Antonov-Ovseenko.

As posições se definem através das polêmicas. Desde novembro de 1914, Trotski afirma:

> O socialismo reformista não têm nenhum futuro, pois se converteu em parte integrante da antiga ordem e cúmplice de seus crimes. Aqueles que esperam reconstruir a antiga Internacional, supondo que seus dirigentes poderiam fazer-nos esquecer sua traição ao internacionalismo com uma mútua anistia, estão impedindo, de fato, o ressurgimento do movimento operário[85].

Em sua opinião, a tarefa imediata é "reunir as forças para a III Internacional". Por sua vez, Rosa Luxemburg acaba adotando uma postura análoga: a ala revolucionária da social-democracia alemã se organiza na ilegalidade. Entretanto, Martov está preocupado com a evolução das posições de Trotski e não acredita que uma nova Internacional possa aspirar a uma papel que não seja o de seita impotente. Em fevereiro de 1915, Trotski narra, nas páginas de *Nashe Slovo*, seus desacordos com os mencheviques e sua ruptura, em 1913, com o Bloco de Agosto. *Nashe Slovo* converte-se no núcleo do internacionalismo socialista, situado na encruzilhada de todas as correntes internacionalistas russas. Em torno de Antonov-Ovseenko, de Trotski e de Martov se encontram antigos bolcheviques otzovistas como Manuilski, antigos conciliadores como Sokolnikov, militantes que tinham rompido com o menchevismo como Chicherin e Alexandra Kollontai, amigos de Trotski como Yoffe, internacionalistas cosmopolitas, entre os quais se encontram o búlgaro-romeno de educação francesa Christian Rakovski, Sobelsohn, conhecido como Karl Radek, oriundo da Galícia, meio polonês, meio alemão e também a ítalo-romena Angélica Balabanova.

Trotski pressiona Martov para que rompa com os "social-chauvinistas". Lenin acusa Trotski de querer preservar os vínculos que o unem com estes. Em julho, Trotski escreve que os bolcheviques constituem o núcleo do internacionalismo russo. Martov abandona o jornal, rompendo com Trotski. Em setembro, trinta e oito delegados de doze países, incluindo os das nações beligerantes, se reúnem na

---

84 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 203.
85 *Ibid.*, p. 205.

cidade suíça de Zimmerwald. Nesta ocasião, Lenin defende as teses derrotistas: transformação da guerra imperialista em guerra civil e construção de uma nova Internacional. A maioria, que é mais pacifista do que revolucionária, não o segue. Se adota, contudo, por unanimidade, um manifesto escrito por Trotski, que faz um chamado a todos os trabalhadores para que lutem para pôr fim à guerra. Em 1915, com os deputados bolcheviques na prisão, os mencheviques aceitam participar da Santa Aliança e seu líder Chkheidze volta atrás nos acordos feitos em Zimmerwald. Vera Zasulich e Potresov, velhos líderes mencheviques, apoiam Plekhanov. Trotski continua vacilante e se pergunta, em maio de 1916, se os revolucionários "que não contam com o apoio da massa" não se veem, por isso, "obrigados a ser, durante certo período, a ala esquerda da Internacional 'deles'"[86].

Lenin e Trotski continuam polemizando em torno do "derrotismo", no qual Trotski não enxerga nenhuma vantagem decisiva, além das acusações de sabotagem, que são feitas contra aqueles que estão firmemente dispostos a prosseguir a luta revolucionária sem preocupar-se com o resultado da guerra; também discutem a respeito dos "Estados Unidos da Europa", consigna que Lenin não considera atual, e que ameaça frear a luta revolucionária que acontece em cada país, ao dizer que, aparentemente, a revolução só pode triunfar se ocorrer simultaneamente em todos os países da Europa. Como demonstrou Isaac Deutscher, as diferenças entre os dois homens são mínimas e se alimentam fundamentalmente da desconfiança surgida de antigos conflitos. O diário russo de Nova York *Novi Mir* (Novo mundo), em que, junto com Trotski, colaboram a ex-menchevique Kollontai, o bolchevique Bukharin e o revolucionário russo-americano Volodarski, constitui, no início de 1917, um grande expoente desta fusão de todos os internacionalistas russos – incluindo os bolcheviques –, fusão esta que os *vperiodistas* vão transformar em sua principal consigna, e que Bukharin, em oposição a Lenin, pretende transformar na primeira pedra da edificação de uma nova Internacional.

As forças socialistas na Rússia

Durante algum tempo, todas as organizações social-democratas parecem desaparecer. A tendência patriótica parece arrastar inclusive revolucionários profissionais como o operário Voroshilov, que se alista no exército czarista, chegando a suboficial. Os bolcheviques e os mencheviques internacionalistas são duramente perseguidos. Os defensistas evitam colocar em perigo, com sua atividade política, a Santa Aliança que defendem. Em novembro de 1914, o partido bolchevique é decapitado pela detenção, durante uma conferência, de seus delegados e do Birô Russo do Comitê Central. Todos eles são julgados, condenados e deportados. Kamenev, diante do tribunal, mantém uma atitude firmemente internacionalista, mas se dissocia do derrotismo, tal como este fora exposto no manifesto do Comitê Central.

86 *Ibid.*, p. 221.

É apenas a partir da primavera de 1916 que, a partir da Suíça, Lenin e Zinoviev conseguem restabelecer o contato com o pouco que sobrou da organização na Rússia. Em torno de Shliapnikov construiu-se um "Birô Russo" e este, por sua vez, restabeleceu pessoalmente as ligações com o operário Zalutski e com o estudante Skriabin, conhecido como Molotov. Começam a ser publicados alguns jornais ilegais em Petrogrado, Moscou e Kharkov. O metalúrgico Lutovinov consegue, em janeiro de 1917, reagrupar os militantes da região de Donetz e organizar uma conferência regional. As condições do trabalho político são extremamente precárias: cada vez que em Moscou se consegue reconstruir uma direção, esta é imediatamente desarticulada pela prisão de seus membros. Quando o movimento operário começa a ressurgir, a partir de 1916, os grupos proletários que se constituem são geralmente autônomos. Assim ocorre em Moscou com a célula da Rua Tverskaia, com o comitê do partido do bairro de Pressnia e, em Petrogrado, com o grupo Interbairros, que defende a reconstrução de um partido aberto a todos os internacionalistas. Esta organização, que é contrária ao defensismo menchevique, mas também inimiga dos princípios organizativos dos bolcheviques, conseguiu estabelecer durante alguns meses um precário contato com Trotski e com a redação do *Nashe Slovo*. No geral, continuam sendo muito escassas as possibilidades de ação. Serão necessários três anos de matanças nas trincheiras, de sofrimentos na retaguarda e de um crescimento incontrolável da cólera popular para que, com a revolução de fevereiro e o reaparecimento das massas nas ruas, os reagrupamentos que se organizavam na emigração recuperem influência na Rússia.

A revolução de fevereiro

O ano de 1917 inicia uma nova era. A guerra acentuou em todos os países as contradições, afetando profundamente a estrutura política e econômica. A prolongação da matança gera sentimentos de rebeldia. É contra a guerra, o mal de sua geração, que se revoltam os jovens – os quais ela mata às centenas todos os dias – e as famílias que ela destroça. Na Alemanha, na França, na Rússia, em todos os países beligerantes, aparecem os primeiros sintomas de uma agitação revolucionária: como o próprio Lenin havia previsto, o cortejo de sofrimentos que acompanham a guerra imperialista colocam na ordem do dia a necessidade de sua transformação em guerra civil, mesmo quando a luta se inicia sob a bandeira do pacifismo.

O império czarista, como foi dito inúmeras vezes, é "o elo mais débil da corrente imperialista". Em 1916 este começa a dar indícios de sua debilidade. O czar, desacreditado pelo entusiasmo da czarina pelo crápula Rasputin, mas ainda assim convencido da autoridade deste personagem, é motivo de debate nas mais altas esferas da burocracia e do exército. Durante os dois primeiros anos da guerra, foram colecionados desastres militares. A partir de 1916, as exigências da guerra vão desorganizar toda a atividade econômica russa. Os transportes, que operam

com uma carga muito além de sua capacidade, são cada vez mais inseguros. A alimentação é escassa, tanto para a população das cidades quanto para o exército. Os preços sobem vertiginosamente. O inverno de 1916-1917 aplica um golpe mortal no regime. A disciplina das tropas, que sofrem tantas baixas pela fome e pelo frio quanto pelo fogo inimigo, se enfraquece. O descontentamento chega às fábricas e bairros operários das grandes cidades. Em fevereiro, explode a crise: no dia 13, 20 mil operários cruzam os braços para celebrar o segundo aniversário do processo contra os deputados bolcheviques; no dia 16, o pão passa a ser racionado; os estoques de carvão se esgotam e, no dia 18, os operários da fábrica Putilov são demitidos; no dia 19, várias padarias são saqueadas. No dia 23, as operárias têxteis de Petrogrado iniciam as primeiras manifestações de rua para celebrar o Dia Internacional da Mulher. A greve se generaliza espontaneamente no dia 24, e as palavras de ordem antigovernamentais e pacifistas tomam as ruas, ao lado das reivindicações referentes ao abastecimento de alimentos. Ocorrem os primeiros disparos contra manifestantes. No dia 25 aparecem entre os soldados, que neste dia disparam para o ar, os primeiros indícios de simpatia pelos manifestantes. Durante todo o dia 26 ocorrem motins nos vários regimentos da guarnição da capital. Por último, no dia 27, a insurreição operária e os motins dos soldados se unem: a bandeira vermelha tremula sobre o Palácio de Inverno.

Enquanto se organizam as eleições do soviet de Petrogrado, os deputados pertencentes à oposição liberal constituem rapidamente um "governo provisório". O czar renuncia. Durante os dias seguintes, o movimento revolucionário se amplia. Enquanto os decretos do governo provisório dão uma base legal ao desmantelamento do antigo regime, libertando os presos políticos, outorgando anistias, concedendo igualdade de direitos, inclusive às nacionalidades, e liberdade sindical, anuncia-se a convocatória de uma assembleia constituinte. Por sua vez, o soviet de Petrogrado, que organizou comissões de bairro, de abastecimento e militar, lança, pressionado pelos operários e pelos soldados, o famoso *Prikaz nº1*[87], que será um instrumento da desintegração do exército e da ruptura da disciplina militar. Desta forma, durante as semanas seguintes, o governo provisório perde o controle sobre a única força de que poderia ter disposto. Os problemas mais decisivos, inclusive o do poder, vão surgir como consequência daquele que originou a insurreição: a guerra.

Os bolcheviques e o duplo poder

A revolução de fevereiro de 1917, chamada "insurreição anônima", foi um levantamento espontâneo das massas que surpreendeu a todos os socialistas, inclusive os bolcheviques que, enquanto organização, desempenharam um papel nulo

87 "Ordem nº1", que vai limitar o controle do governo sobre as forças armadas, e indicar que as ordens do governo provisório só devem ser acatadas se não se opuserem às diretivas do soviet (N. do E.).

neste levante, apesar de que seus militantes tiveram individualmente um importante trabalho nas fábricas e nas ruas como agitadores e organizadores. Em 26 de fevereiro, o Birô Russo, encabeçado por Shliapnikov, recomenda que os operários atuem com prudência. No entanto, alguns dias depois, se cria de fato uma situação de duplo poder. De um lado se encontra o governo provisório, integrado por parlamentares representantes da burguesia, cujo objetivo é reparar os danos sofridos pelo aparato de Estado czarista, ao mesmo tempo em que se esforçam por construir um novo e frear a revolução. Do outro lado estão os soviets, autênticos parlamentos de deputados operários, eleitos nas fábricas e nos bairros das cidades, representantes da vontade dos trabalhadores que os elegem e renovam seus mandatos. A partir destes órgãos de poder, se confrontam duas concepções de democracia, a representativa e a direta, e por trás delas, duas classes, a burguesia e o proletariado, que, com a queda do czarismo, foram colocados frente a frente.

No entanto, esse choque ainda vai demorar a acontecer. Os mencheviques e os SR's são maioria nos primeiros soviets e no primeiro congresso panrusso. De acordo com suas análises, não devem lutar pelo poder. Em sua opinião, somente um poder burguês pode ocupar o lugar do czarismo, convocar eleições para uma assembleia constituinte e negociar uma paz democrática sem anexações. De seu ponto de vista, os soviets foram o instrumento operário da revolução democrático-burguesa e, na república burguesa, devem seguir defendendo as posições da classe operária. No entanto, não pensam de maneira nenhuma na possibilidade de lutar pelo poder, já que a classe operária ainda não tem condições de exercê-lo agora, e irá conquistá-lo apenas futuramente, como fruto de uma evolução espontânea que os socialistas não devem "forçar". Lenin resumirá brutalmente tal atitude ao afirmar que equivale de fato a uma "entrega voluntária do poder do Estado à burguesia e a seu governo provisório".

Os bolcheviques, o poder e a conciliação

A primeiras tomadas de posição dos bolcheviques são bastante indecisas. Seu primeiro manifesto público, de 26 de fevereiro, escrito por Shliapnikov, Zalutski e Molotov, assim como os primeiros números do *Pravda*, denunciam o governo provisório, formado por "capitalistas e grandes latifundiários", exigem um "governo provisório revolucionário", a convocatória, a partir do soviet, de uma assembleia constituinte, eleita por sufrágio universal e cuja missão seria criar as bases de uma "república democrática". No entanto, Molotov se encontra em minoria no comitê de Petrogrado quando apresenta uma moção que qualifica o governo provisório como "contrarrevolucionário". Ao contrário, o comitê propõe apoiar o governo "enquanto seus atos correspondam aos interesses do proletariado e das amplas massas democráticas do povo". O *Pravda* volta a aparecer no dia 5 de março, exigindo que se iniciem "negociações com os proletários dos países estrangeiros para

colocar fim à matança". Trata-se, obviamente, de um ponto de vista "internacionalista", mas sensivelmente diferente das teses derrotistas desenvolvidas por Lenin desde 1914, e adotadas pelo Comitê Central emigrado.

No dia 13 de março, os dirigentes deportados, liberados pelo governo provisório, chegam a Petrogrado. Muranov, Kamenev e Stalin voltam a assumir a direção da organização bolchevique. A linha do *Pravda* sofre um giro radical a partir do momento em que Stalin toma sua direção. Os bolcheviques passam a adotar as teses dos mencheviques, segundo as quais é preciso que os revolucionários russos deem continuidade à guerra para defender suas recentes conquistas democráticas contra a agressão do imperialismo alemão. Kamenev escreve vários artigos abertamente defensistas, nos quais pode se ler que "um povo livre responde às balas com balas". No final do mês, uma conferência bolchevique adota esta linha, apesar de algumas resistências, aceitando a proposta de Stalin, que afirma que a função dos soviets é "sustentar o governo provisório em sua política durante todo o tempo em que continue a satisfazer as reivindicações operárias"[88]. De fato, tais posições só diferem das sustentadas pelos mencheviques em alguns detalhes, pois estes são igualmente partidários de um "apoio condicional". Em tais condições, não podemos estranhar que a própria conferência de 1° de abril aceite, por iniciativa de Kamenev e Stalin, considerar a reunificação de todos os sociais-democratas, proposta, em nome do comitê de organização, pelo menchevique Tsereteli. A velha tese conciliadora parece se impor.

De fato, esta atitude dos bolcheviques está baseada em sua antiga análise das tarefas que a revolução deve realizar: fevereiro marcou o começo de uma revolução burguesa e, como explica Stalin, é o momento de "consolidar as conquistas democrático-burguesas", objetivo que só pode ser alcançado por um governo burguês, que deve ser apoiado condicionalmente e, portanto, controlado pelo proletariado reunido nos soviets. Eles davam assim razão a Trotski que, depois de 1905, fez o prognóstico de que uma concepção de revolução por etapas acarretaria "numa autolimitação burguesa-democrática do proletariado"[89]. Porém, uma minoria de metalúrgicos, encabeçada por Shliapnikov, que prontamente será seguido por Kollontai, resiste em adotar esta política. Sua tese de que os soviets constituem um embrião do poder revolucionário converge neste ponto com as posturas defendidas pela organização Interbairros de Petrogrado.

As "Teses de abril"

O retorno de Lenin, no dia 3 de abril, vai provocar uma reviravolta nas fileiras bolcheviques e, posteriormente, no próprio processo revolucionário. Desde que re-

88 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo I, p. 92.
89 TROTSKI, Leon, *1905, Bilans et perspectives*, Paris, Minuit, 1967. (Publicado em português pela Editora Sundermann em *A teoria da revolução permanente*, acima citado).

cebeu as primeiras notícias da Rússia, Lenin ficou muito alarmado com os indícios de conciliação que observava na política bolchevique. A partir de Zurique escreve quatro cartas ao *Pravda* – as chamadas "Cartas de longe" –, nas quais afirma que é preciso construir uma milícia operária, cuja missão deverá ser a de converter-se no órgão executivo do soviet. Além disso, deve-se preparar imediatamente a revolução proletária, denunciar os tratados de aliança com os imperialistas, negar-se terminantemente a cair na armadilha do "patriotismo" e realizar a transformação da guerra imperialista em guerra civil. Somente a primeira das quatro cartas será publicada, pois os dirigentes bolcheviques, assustados pelo caráter radical das posições ali expostas, preferem supor que Lenin está mal informado. A única solução que resta a Lenin é tentar voltar à Rússia de qualquer maneira para convencer seus companheiros. Os aliados lhe negam todo tipo de visto de trânsito e ele recorre então à negociação com a embaixada alemã, através do socialista suíço Platten: Lenin e seus companheiros atravessam a Alemanha em um vagão "extraterritorializado", comprometendo-se a tentar obter, em contrapartida, a entrega de um número igual de prisioneiros alemães. Com esta concessão, o estado-maior alemão crê introduzir um novo elemento de desorganização nas defesas russas, que poderia vir a facilitar sua vitória militar. Na realidade, eles acabaram por permitir, involuntariamente, o retorno e o triunfo de um homem que dirige todos seus esforços para a destruição de todos os imperialistas.

O marinheiro bolchevique Raskolnikov relatou em suas memórias como Lenin, assim que entrou no vagão do trem que o esperava na fronteira russa, iniciou uma acalorada polêmica contra Kamenev e contra as teses defensistas de seus artigos no *Pravda*. No dia 3, na estação de Petrogrado, Lenin volta a defender suas posições, desta vez em público. É recebido por uma delegação do soviet de Petrogrado presidida por Chkheidze, que pronuncia um discurso de boas-vindas no qual afirma que a revolução deve ser "defendida de todo ataque que possa acontecer, tanto no interior quanto no exterior". Virando as costas para as personalidades oficiais, Lenin fala então à multidão, composta por operários e soldados, e os saúda como representantes da "revolução russa vitoriosa, vanguarda da revolução proletária mundial"[90]. Logo se une a seus companheiros bolcheviques e começa a desenvolver uma feroz crítica à política menchevique, que pretende defender as conquistas de fevereiro ao mesmo tempo em que mantém uma luta supostamente patriótica em aliança com os imperialistas. As teses de Lenin, que contradizem todos os pontos da análise e da orientação da direção bolchevique, deixarão os dirigentes de sua fração profundamente consternados. Tais teses serão publicadas no dia 7 de abril no *Pravda*, assinadas por Lenin e com o título: "As tarefas do proletariado na presente revolução".

Adotando as teses da revolução permanente, Lenin afirma: "O traço mais característico da situação atual na Rússia consiste na transição da primeira etapa

90 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo I, pp. 94-95.

da revolução - que entregou o poder à burguesia devido à insuficiência, tanto organizativa, quanto da consciência proletária - à sua segunda etapa, que há de colocar o poder nas mãos do proletariado e dos setores mais pobres dos camponeses"[91]. Qualifica como "equivocadas" e "evidentemente surreais" as exigências do *Pravda*, que pede a um governo capitalista que renuncie às anexações de guerra, quando é "impossível terminar a guerra com uma paz verdadeiramente democrática se antes não se derrotar o capitalismo". O objetivo do partido bolchevique, minoritário na classe operária e nos soviets, deve ser explicar às massas que "o soviet de deputados operários é a única forma possível de governo revolucionário" e que o objetivo de sua luta é construir "não uma república parlamentarista, mas uma república de soviets de operários e camponeses de todo o país, desde a base até o topo"[92]. Os bolcheviques só vão ganhar as massas "explicando pacientemente, com perseverança e sistematicamente" sua política: "Não queremos que as massas acreditem em nós sem nenhuma garantia além de nossa palavra. Não somos charlatães, queremos que seja a experiência que faça com que as massas percebam seus erros"[93]. A missão dos bolcheviques é "estimular tanto a consciência das massas, quanto sua iniciativa local, audaz e decidida; estimular a realização espontânea, o desenvolvimento e a consolidação das liberdades democráticas e do princípio de posse de todas as terras por todo o povo"[94]. Desta iniciativa revolucionária, irá surgir a experiência que dará aos bolcheviques a maioria nos soviets. Então terá chegado o momento em que os soviets poderão tomar o poder e aplicar as primeiras medidas do programa bolchevique: a nacionalização da terra e dos bancos, o controle soviético da produção e da distribuição. A última das teses de Lenin se refere ao partido, cujo nome e programa ele propõe alterar. "Já é tempo de tirar a camisa suja", afirma ao sugerir a troca do nome de "social-democrata" por "comunista", já que, segundo ele, no momento presente a tarefa é "criar um partido comunista proletário", para o qual "as bases foram já assentadas pelos melhores elementos do bolchevismo"[95].

Desta forma, sobre todos os pontos decisivos - a linha a respeito da guerra, sobre o governo provisório e sobre a própria concepção de partido -, Lenin se opõe à política aplicada pelos bolcheviques até sua chegada. Isto é o que obriga Kamenev a escrever no *Pravda* que "tais teses não representam nada mais que a opinião pessoal de Lenin". Ao relembrar as decisões adotadas anteriormente, afirma: "Aquelas resoluções continuam sendo a plataforma na qual nos baseamos e que defendemos tanto contra a linha desintegradora do 'defensismo revolucionário', quanto contra a crítica do camarada Lenin. O esquema geral de Lenin nos parece inadmissível

91 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, XXIV, p. 12.
92 *Ibid.*, p. 13.
93 *Ibid.*, p. 15.
94 LENIN, *Oeuvres choisies*, op. cit., tomo II, p. 23.
95 *Ibid.*, p. 15.

porque considera que a revolução democrático-burguesa já terminou e coloca a necessidade de transformá-la imediatamente em revolução socialista".

Desta forma, a discussão que se inicia vai prosseguir durante alguns dias. De um lado se encontram Kamenev, Rikov e Noguin, os quais Lenin, com sua ácida ironia, chama de "velhos bolcheviques" e que por sua vez o acusam de ter adotado as teses da revolução permanente. No outro lado se agrupam Lenin, Zinoviev e Bukharin. Stalin, ao que parece, adotou imediatamente as teses de Lenin. A conferência nacional que se reúne no dia 24 de abril conta com 149 delegados eleitos por 79 mil membros, do quais mais de 15 mil são de Petrogrado. Contra Lenin, Kamenev afirma: "É prematuro afirmar que a democracia burguesa esgotou todas suas possibilidades" quando "as tarefas democrático-burguesas continuam inconclusas". Ao mesmo tempo, sustenta que os soviets de operários e soldados constituem "um bloco de forças pequeno-burguesas e proletárias". Também opina que "se a revolução democrático-burguesa estivesse terminada, tal bloco (...) não teria mais um objetivo concreto e então o proletariado teria que lutar contra o bloco pequeno-burguês". Sua conclusão é: "Se adotássemos o ponto de vista de Lenin, ficaríamos sem tarefas políticas, nos converteríamos em teóricos, em propagandistas, publicaríamos, sem dúvida, excelentes estudos sobre a futura revolução socialista, mas ficaríamos à margem da realidade viva, como militantes políticos e como partido político definido"[96]. Como consequência, Kamenev propõe manter a linha adotada em março e "vigiar atentamente, a partir dos soviets, o governo provisório". Rikov concentra sua intervenção no problema da revolução socialista: "De onde – se pergunta – surgirá o sol da revolução socialista?", e responde:

> A julgar pela situação de conjunto e pelo nível pequeno-burguês da Rússia, a iniciativa da revolução socialista não nos pertence. Não contamos com força suficiente nem com as necessárias condições objetivas. Nos é colocado o problema da revolução proletária, mas não devemos superestimar nossas forças. Diante de nós, se apresentam gigantescas tarefas revolucionárias, mas sua realização não nos levará além do âmbito do sistema democrático-burguês[97].

Enquanto isso, a situação política estava em rápida transformação. Alguns dias antes da conferência do partido, uma declaração do kadete Miliukov, ministro dos Assuntos Estrangeiros, afirma que o governo provisório está decidido a respeitar todos os compromissos assumidos com os aliados e assegura que "todo o povo quer prosseguir com a guerra mundial até a vitória final". Tal declaração provoca manifestações populares nos dias 20 e 21 de abril e provoca uma crise ministerial que não se fecha até o dia 5 de maio. A radicalização das massas e a atitude dos soldados, que, em parte, se negam a disparar contra os manifestantes, bem como as declarações defensistas do ministro kadete ajudam na defesa das posições de Lenin,

96 YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 262.
97 *Ibid.*, p. 263.

que desenvolve então seus argumentos contra os "velhos bolcheviques", afirmando que "a revolução burguesa está concluída na Rússia e a burguesia tem o poder em suas mãos", mas a luta pela terra, pelo pão e pela paz não será vitoriosa sem que o poder passe para os soviets, que saberão "muito melhor, de maneira mais prática e segura, como avançar rumo ao socialismo". A ditadura democrática do proletariado e dos camponeses é uma fórmula velha, que os "velhos bolcheviques" acabaram por "adotar formalmente, no lugar de analisar a originalidade da nova e dinâmica realidade". Dirigindo-se a Kamenev, ele recorda a frase de Goethe: "Cinza é a teoria e verde é a árvore da vida"[98]. Lenin combate ferozmente as propostas de controle dos soviets sobre o governo provisório, exclamando: "Para controlar é preciso ter o poder! Não existe controle quando os controlados são os que possuem os canhões. Controlem-nos, dizem os capitalistas, que sabem que, na atualidade, nada podem negar ao povo. Mas sem o poder, o controle não é nada mais que uma frase pequeno-burguesa que dificulta a marcha e o desenvolvimento da revolução russa"[99].

Por fim, Lenin acaba triunfando no que se refere aos pontos fundamentais da divergência, conseguindo maiorias variáveis em cada ponto: sobre a questão da guerra, consegue, com exceção de 7 abstenções, a unanimidade da conferência; na resolução sobre "iniciar um trabalho prolongado" com o objetivo de "transferir aos soviets o poder do Estado", consegue 122 votos a favor, 3 contra e 8 abstenções; no entanto, na resolução em que afirma a necessidade de seguir a via da revolução socialista, só obtém 71 votos, de um total de 118. Nas resoluções referentes ao partido é derrotado, sendo o único a votar a favor de sua moção pelo abandono do nome "social-democrata". Apesar de sua advertência de que "a unidade com os defensistas é o mesmo que uma traição", a conferência aceita a constituição de uma comissão mista de bolcheviques e mencheviques para o estudo das possíveis condições de unificação, nos mesmos termos que Stalin defendera no mês anterior. Apesar da oposição dos velhos bolcheviques, presos à suas antigas análises, Lenin consegue "direcionar" o partido; sua vitória, no entanto, está longe de ser completa, já que, dos oito camaradas que, como ele, foram eleitos ao Comitê Central, um deles, Stalin, adotou suas teses de última hora, outros quatro, Kamenev, Noguin, Miliutin e Fedorov, fazem parte dos velhos bolcheviques e somente Zinoviev, Sverdlov e o jovem Smilgá apoiaram Lenin desde a abertura da discussão.

No entanto, bastaram algumas semanas para que o desenvolvimento do movimento revolucionário e a luta pela maioria dos soviets pelos bolcheviques levassem o partido em sua totalidade a aceitar, sem reservas, as teses que Lenin desenvolverá, semanas mais tarde, em *O Estado e a revolução*, obra na qual considera os soviets como um "poder do mesmo tipo que a Comuna de Paris", originado não por "uma lei discutida e votada previamente em um parlamento, mas por inicia-

98 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXIV, p. 35.
99 YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 263.

tiva das massas, que surge da base, por uma usurpação direta do poder"[100], elaborando assim uma teoria que será a base das ações dos bolcheviques durante os meses seguintes, assim como do triunfo da revolução.

O partido de Lenin e Trotski

A Conferência de Abril provoca a saída da extrema direita do partido, formada pelos defensistas Voitinski e Goldenberg, acelerando o processo de unificação com os mencheviques internacionalistas. Várias organizações social-democratas autônomas já haviam se integrado ao partido bolchevique antes desta data. No entanto, em Petrogrado, a organização Interbairros continuava separada do mesmo. Este grupo, vinculado a Trotski, defendia em suas posições o poder soviético, e o giro do *Pravda*, depois da volta de Kamenev e Stalin, o fez recuar de uma fusão imediata com os bolcheviques, que tinha sido aprovada no começo de março. No entanto, o problema volta a aparecer depois da vitória das teses de Lenin no partido. Depois de uma grande viagem, passando do Canadá à Escandinávia, Trotski finalmente volta à Rússia no dia 5 de maio. Imediatamente, se integra à organização Interbairros, onde militam vários mencheviques internacionalistas, Yurenev e Karakhan, antigos bolcheviques e, além disso, os militantes que estavam vinculados a ele durante muitos anos: Yoffe, Manuilski e Uritski do *Pravda*, e Pokrovski, Riazanov e Lunacharski do *Nashe Slovo*.

No dia seguinte à sua chegada, Trotski toma a palavra diante do soviet de Petrogrado como havia feito Lenin e com a mesma postura que ele, anunciando que a revolução "abriu uma nova era, uma era de sangue e fogo, uma luta que não é de nação contra nação, mas das classes oprimidas contra seus governantes". Afirmando que os socialistas devem lutar para dar "todo o poder aos soviets", conclui: "Viva a revolução russa, prólogo da revolução mundial!"[101]. No dia 7 de maio, em uma recepção organizada pela Interbairros e pelos bolcheviques, afirma ter abandonado definitivamente seu velho sonho de unificação de todos os socialistas, declarando que a nova Internacional só pode se construir com uma ruptura total com o social-chauvinismo. A partir do dia 10, volta a encontrar-se com Lenin.

Poucas diferenças os separam agora, e eles o sabem. Lenin tem pressa em integrar Trotski e seus companheiros ao partido. De fato, ele já havia proposto Trotski para redator chefe do *Pravda*, mas sua iniciativa não foi aprovada. Ainda assim, lhe pede que se integre ao partido e oferece cargos de responsabilidade na direção da organização e na redação do *Pravda* a Trotski e seus companheiros. O amor próprio e algumas reticências, que talvez pesem mais em seus companheiros do que nele mesmo, fazem com que Trotski não aceite. Sem dúvida, a recordação de antigas intrigas está mais gravada na sua memória do que na de Lenin, ape-

100 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXIV, pp. 28-29.
101 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, pp. 253-254.

sar destas estarem agora superadas. Trotski ressalta que o partido bolchevique se "desbolchevizou", que adotou um ponto de vista internacional e que nada agora os separa, mas esta é precisamente a razão que o leva a desejar uma mudança de nome. "Não posso me considerar um bolchevique", afirma. Desejaria que se celebrasse um congresso de fundação e que se definisse um novo nome para o novo partido, que se enterrasse o passado de forma definitiva. Lenin não pode aceitar fazer tamanha concessão ao amor próprio de Trotski: ele tem orgulho do partido e de sua tradição, e tende a defender também o amor próprio dos bolcheviques veteranos que já foram bastante contrariados durante as discussões de abril e que reprovam sua aliança com Trotski, o qual continuam considerando um inimigo pessoal. Depois de já ter imposto suas teses ao partido, seria arriscado para Lenin querer ainda lhes impor um homem. Os bolcheviques seguirão sendo bolcheviques e Trotski virá por sua própria vontade, pois suas reticências são um tanto quanto insignificantes.

Durante as semanas seguintes, de fato, Trotski se converte, frente às massas, em seu orador preferido, e será identificado pelas mesmas como um autêntico bolchevique. Depois das manifestações armadas de julho, é detido e preso junto com um grande número de bolcheviques, antigos e novos, que são acusados pelo governo provisório – que agora conta com a participação dos mencheviques – de serem agentes alemães e de terem preparado uma insurreição armada. Nem ele nem Lenin, que passou à clandestinidade, participam do VI Congresso, que começa no dia 26 de julho e se autodenomina "Congresso de Unificação". Os delegados participantes foram eleitos por 170 mil militantes, dos quais 40 mil pertencem à cidade de Petrogrado. O partido bolchevique de 1917, o partido revolucionário, cuja construção era exigida por Lenin em abril tendo por base os "melhores elementos do bolchevismo", nasce da união, no seio da corrente bolchevique, das pequenas correntes revolucionárias independentes que integram tanto a organização Interbairros, quanto numerosas outras organizações social-democratas internacionalistas que, até então, permaneciam à margem do partido de Lenin.

Desta forma, se cristaliza a concepção de partido que Lenin defende desde muitos anos: a fração bolchevique, como ele esperava, conseguiu impor sua concepção de partido operário e atrair para si os demais revolucionários. Esta é a história, tal como foi vista e vivida pelos contemporâneos do período. Mais de dez anos vão se passar até que se inicie sua deformação sistemática. Em 1931, explicando o que fora para os bolcheviques a fundação do partido de 1917, Karl Radek fala que este havia "reunido o melhor do movimento operário" e que não se deveria agir como se o partido tivesse nascido diretamente da fração de 1903, esquecendo as correntes e fluxos que em 1917 haviam se unido a ela. No entanto, como esta realidade história era inadmissível para o pequeno grupo de homens que, com Stalin, tinham usurpado o poder, não se economizou, desde então, nenhum meio para

apagá-la. Ao voltar a escrever a história segundo as exigências da política stalinista, Kaganovich exclamou:

> É preciso que Radek compreenda que a teoria dos fluxos e correntes dá base à liberdade de grupos e frações. Se é tolerado um "fluxo" haverá que oferecer-lhe a possibilidade de funcionar com uma "corrente". (...) Nosso partido não é um depósito de águas turvas, mas um rio poderoso que não pode admitir fluxo nenhum, pois conta com todas as possibilidades para derrubar quantos obstáculos se coloquem à sua frente[102].

Na realidade, os acontecimentos posteriores ao VI Congresso provam com clareza que a força do partido unificado provém da fusão total das diferentes correntes, com a diversidade de caminhos que as levaram, ao longo de vários anos de luta ideológica, à luta comum em prol da revolução proletária. A direção eleita em agosto é um fiel reflexo desta correlação de forças. Lenin é eleito membro do Comitê Central com 133 votos dentre 134 votantes, seguem Zinoviev com 132 e Trotski e Kamenev com 131. Dos 21 membros, 16 pertencem à fração bolchevique, que inclui o letão Reizin e o polonês Dzerzhinski. Miliutin, Rikov, Stalin, Sverdlov, Bubnov, Muranov e Shaumian são os típicos *komitetchiks*, que estiveram tantos anos presos ou deportados quanto na clandestinidade e que somente passaram por breves temporadas em liberdade no estrangeiro. Kamenev, Zinoviev, Noguin, Bukharin, Sokolnikov e Artem-Sergueiev passaram períodos no estrangeiro, compartilhando às vezes, junto a Lenin, as responsabilidades da emigração. A maioria já se chocou com ele em algum momento: Rikov em 1905, quando apareceu como o porta-voz dos *komitetchiks*; Noguin e Sokolnikov, novamente com Rikov, como conciliadores; Bukharin e Dzerzhinski durante a guerra, no referente à questão nacional; Muranov, Kamenev, Rikov, Stalin e Miliutin no período entre março e abril. Outros tiveram histórias pessoais ainda mais complexas na fração ou à margem dela: Krestinski, velho bolchevique, trabalhou durante a guerra com os mencheviques de esquerda de Maxim Gorki; Sokolnikov, também veterano, foi conciliador e posteriormente, durante a guerra, colaborador de *Nashe Slovo*, antes de retornar da Suíça com Lenin; Kollontai, velha militante, foi menchevique a partir de 1903, começou a aproximar-se dos bolcheviques em 1914 e se uniu a eles em 1915. Por último, Trotski, assim como Uritski e o membro suplente Yoffe, são veteranos do *Pravda* que nunca foram bolcheviques.

O partido bolchevique, protagonista de Outubro, que para o mundo inteiro ficou conhecido como "o partido de Lenin e Trotski", acaba de nascer. Como afirma Robert V. Daniels, "a nova direção não era um grupo de disciplinados lambe-botas"[103]. Tal e como aparece, representa já perfeitamente a imagem de um partido jovem, mas

102 KAGANOVITCH, Lasar, *Discurso pronunciado no Instituto de Professores Vermelhos*, em *Correspondence Internationale*, nº114, 23 de dezembro de 1931, p. 1260.
103 DANIELS, Robert, *The conscience of the revolution: communist opposition in soviet Russia*, Harvard, Harvard University Press, 1960, p. 49.

experiente: Lenin, com 47 anos, é o decano de um Comitê Central que conta com onze membros com idades entre 30 e 40 anos e três membros com menos de 30 anos. O mais jovem é Ivan Smilgá, que tem 25 anos e é militante bolchevique desde 1907.

De julho a outubro

As jornadas de julho foram um giro decisivo. Os operários de Petrogrado, contra a vontade dos dirigentes bolcheviques, iniciam uma série de manifestações armadas que o partido considera prematuras. No entanto, a influência de seus militantes evita uma derrota, ao permitir uma retirada ordenada. As manifestações não se convertem em uma insurreição, que condenaria ao isolamento uma possível "Comuna de Petrogrado". Entretanto, o governo não deixa de explorar esta situação e golpeia duramente os bolcheviques: as sedes do partido são invadidas, seus jornais são proibidos e as detenções prosseguem. Os bolcheviques não são surpreendidos por essa repressão: eles contam com sedes e materiais clandestinos, além do hábito de operar nessas condições. O *Pravda* desaparece, mas é substituído por uma grande quantidade de materiais clandestinos e, em seguida, por um jornal "legal", de nome diferente. Trotski, Kamenev e outros são presos, mas vários militantes, com documentos falsos, passam à clandestinidade, escapando da prisão e passando a utilizar as redes clandestinas que foram preservadas desde fevereiro e as novas possibilidades de ação ilegal que foram abertas. O Comitê Central decide preservar Lenin da repressão: este será mandado à Finlândia, onde se esconderá, sob uma falsa identidade, até outubro. A imprensa burguesa tenta criar calúnias para difamar os bolcheviques: com falsos documentos, os acusa de terem recebido ouro dos alemães, reaviva a história do "vagão selado"[104] e pede a cabeça dos traidores. O partido sofre uma série de fortes golpes, mas a organização sobrevive e continua sua atividade, como previam as teses de Lenin sobre a necessidade, sob todas as circunstâncias, de manter preparativos para a utilização do trabalho ilegal.

O governo provisório entra em uma crise ministerial. No dia 23 de julho, Kerenski – membro burguês dos SR's – forma um novo governo provisório, no qual os ministros "socialistas" são maioria. Em sua opinião, o objetivo é consolidar o novo regime, em primeiro lugar, mantendo-se na guerra. Ao mesmo tempo, é preciso reforçar o Estado: se restabelece a pena de morte como prerrogativa dos tribunais militares, volta a funcionar a censura, o ministro do Interior retoma o poder de proibir jornais e de fazer prisões sem ordem judicial.

Contudo, a propaganda dos conciliadores não seduz nem os operários, que foram testemunhas da repressão contra os bolcheviques, nem os burgueses, que desejam uma ação mais firme contra os subversivos. A crise econômica se agrava:

104 Refere-se ao acordo, citado anteriormente, entre Lenin e o governo alemão sobre a extraterritorialidade do vagão em que um grupo de bolcheviques exilados viajou da Suíça até a Rússia logo depois da Revolução de Fevereiro (N. do E.).

os industriais criam uma verdadeira sabotagem interna, tanto para preservar suas propriedades, quanto para mostrar as consequências da "anarquia revolucionária", a qual desejam responsabilizar pela miséria reinante. A desvalorização do rublo continua e se acelera: em outubro seu valor se reduz a 10% do valor de 1914. As empresas fecham as portas e continuam ocorrendo greves patronais que deixam sem trabalho centenas de milhares de operários famintos, que, inevitavelmente, vão adotar as consignas de "controle operário" e de nacionalização da indústria, difundidas a partir de julho pelos bolcheviques.

Com alguns meses de atraso, o campo se levanta. Desde fevereiro, os governos provisórios que contavam com ministros dos SR's, tradicionais defensores dos interesses dos camponeses, haviam multiplicado as promessas de reforma agrária. No entanto, foram incapazes de colocá-la em prática. Os bolcheviques, que, através de seu trabalho sobre o exército, multiplicaram seus contatos com os camponeses, chamam à ação direta, à ocupação das terras. Depois da colheita, se inicia uma autêntica revolução agrária: o povo queima as mansões dos latifundiários; as colheitas são expropriadas e as terras são ocupadas, primeiro sob a direção dos comitês agrários e, posteriormente, sob a dos soviets camponeses. Primeiro, o governo faz chamados à paciência, ao respeito à ordem e à propriedade; depois, recorre aos odiados cossacos[105] para reprimir os camponeses rebeldes. A partir de então, os bolcheviques não têm mais nenhuma dificuldade em se mostrar aos camponeses como seus únicos amigos.

No início de agosto, Kerenski convoca uma Conferência de Estado, que agrupa os representantes das organizações políticas, sociais, econômicas e culturais de todo o país. Desta, espera conseguir um novo acordo, um "armistício entre o capital e o trabalho". Os bolcheviques boicotam a conferência, e as forças contrarrevolucionárias, que consideram que a missão dos conciliadores está concluída, aproveitam para conspirar. Os industriais e os generais chegam a um acordo: chegou o momento de dar um golpe definitivo no movimento revolucionário. O encarregado desta tarefa é o generalíssimo de Kerenski, Kornilov, que é escolhido pelos conspiradores como "salvador supremo". No dia 25 de agosto Kornilov envia contra a capital uma divisão de cossacos dirigida por oficiais de sua confiança. A impotência de Kerenski – que foi abandonado pelos ministros burgueses quando tentou destituir o general –, somada à cumplicidade de seus aliados, aparece desta forma perante todos. Entretanto, o golpe de Estado é derrotado. Os ferroviários se negam a fazer circular os trens. Os próprios soldados, quando recebem ordens dos seus superiores, se amotinam, deixando os oficiais isolados e gratos por não serem executados pelos seus próprios homens. No momento decisivo, os bolcheviques

105 Os cossacos eram uma espécie de casta militar composta por camponeses que fugiam das regiões centrais da Rússia, onde vigorava a servidão, para encontrar a liberdade nas regiões mais ao sul, como a Ucrânia e a foz do rio Volga. Lá, constituíam comunidades militarizadas que, mais tarde, passaram a servir ao próprio Estado russo na qualidade de tropas de elite do exército. Por seu modo de vida militarizado e religioso, tendiam a uma mentalidade conservadora (N. do E.).

saem de sua semiclandestinidade, chamando à resistência nos soviets, os únicos organismos que parecem funcionar naquelas semanas, enquanto os últimos restos do aparato estatal parecem estar se desmanchando. Os marinheiros de Kronstadt saem em defesa da capital e começam a abrir as portas das prisões para libertar os militantes bolcheviques detidos em julho, a começar por Trotski. Se constituem destacamentos de guardas vermelhos, organizados pelos bolcheviques; nos regimentos, se proliferam os soviets de soldados, que caçam os kornilovistas, aplicando assim um golpe mortal à oficialidade.

Portanto, o golpe de Estado serve fundamentalmente para inverter por completo a situação a favor dos bolcheviques, que vão se beneficiar de uma aura de prestígio com sua vitória sobre Kornilov. No dia 31 de agosto, o soviet de Petrogrado vota uma resolução, apresentada por sua fração bolchevique, que exige que todo o poder seja entregue aos soviets. O espírito desta votação se vê confirmado no dia 9 de setembro por uma condenação terminante à política de conciliação com os representantes da burguesia nos governos provisórios. Os mencheviques, a partir de então, navegam contra a corrente, pois, um atrás do outro, os soviets das grandes cidades - o de Moscou no dia 5 de setembro, e mais tarde o de Kiev, Saratov e Ivanovo-Voznesensk - alinham sua política com a do soviet da capital que, no dia 23 de setembro, elege Trotski como seu presidente. A partir de então, fica claro que o II Congresso dos Soviets, cuja abertura estava prevista para o dia 20 de outubro, vai exigir o poder para si, condenando ao mesmo tempo a aliança dos mencheviques e SR's com os ministros burgueses. Frente a esta perspectiva, o Comitê Executivo Panrusso dos Soviets, presidido pelo menchevique Tsereteli, trata de ampliar a coalizão de apoio ao governo, mediante a convocatória - em base ao modelo da Conferência de Estado - de uma Conferência Democrática, que, por sua vez, designará um pré-parlamento.

O problema da insurreição

Do seu retiro na Finlândia, Lenin demorou um pouco a compreender até que ponto a situação sofreu uma mudança radical: no dia 3 de setembro, em um projeto de resolução, se refere à "rapidez de furacão, tão incrível" com que se desenvolvem os acontecimentos. Todos os esforços dos bolcheviques, escreve, devem "buscar não retardar o curso dos acontecimentos, para poder guiar da melhor maneira possível os operários e trabalhadores". Ainda assim, opina que tal "fase crítica conduz inevitavelmente a classe operária - talvez a uma velocidade perigosa - a uma situação em que, como consequência de uma série de acontecimentos que não dependem dela, se verá obrigada a afrontar, num combate decisivo, a burguesia contrarrevolucionária para conquistar o poder"[106]. No dia 13 de setembro, considera que o momento decisivo chegou e dirige ao Comitê Central duas cartas que devem

106 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXV, p. 243.

ser discutidas em sua reunião do dia 15. "Depois de ter conseguido a maioria nos soviets das capitais, os bolcheviques podem e devem tomar o poder". Pressiona o Comitê Central para que submeta a questão ao órgão que é, de fato, seu congresso, quer dizer, a reunião dos delegados bolcheviques na Conferência Democrática, "voz unânime daqueles que se encontram em contato com os operários e soldados, com as massas"[107]. Lenin afirma igualmente: "A história jamais nos perdoará se não tomarmos o poder agora"[108]. Os bolcheviques devem apresentar seu programa, o dos operários e camponeses russos, na Conferência Democrática e depois "apresentá-lo a todas as frações nas fábricas e quartéis". Depois disso, "seremos capazes de decidir qual o momento em que vamos desencadear a insurreição"[109].

Mais uma vez, Lenin está distante da maioria dos dirigentes bolcheviques, da mesma maneira que ocorreu em abril. No dia 30 de agosto o *Pravda*, dirigido por Stalin, publica um artigo de Zinoviev que leva o título de "O que não devemos fazer", em que recorda o destino da Comuna de Paris e coloca ênfase no perigo de toda tentativa prematura de tomar o poder pela força. Esta é a opinião que o partido defendia até julho. Novamente, Lenin considera que a situação se modificou consideravelmente. No entanto, suas cartas acabam não convencendo o Comitê Central. Kamenev se pronuncia contra as propostas de Lenin e exige que o partido tome medidas contra qualquer tentativa de insurreição. Trotski é partidário da insurreição, mas acredita que esta deve ser decidida pelo congresso panrusso dos soviets. Por último, a maioria dos membros do Comitê Central se inclina à postura de Kamenev, que propõe que sejam queimadas as cartas de Lenin, deixando-as sem resposta.

A partir de então Lenin inicia a batalha. Sabe que convenceu plenamente Smilgá, presidente do soviet regional do exército, da marinha e dos operários da Finlândia e começa a conspirar com ele contra a maioria do Comitê Central, utilizando-o para "fazer propaganda dentro do partido" em Petrogrado e Moscou. Examina com ele os mais diversos planos para colocar em marcha a insurreição e bombardeia o Comitê Central com uma série de cartas veementes que denunciam os dirigentes "vacilantes". O Comitê Central decide por uma estreita maioria de nove votos contra oito, apoiar Trotski e Stalin, que propõem o boicote ao pré-parlamento que deverá surgir da Conferência Democrática. Entretanto, a fração bolchevique nesta conferência defende a posição de Rikov e Kamenev, que se opõem à insurreição e são partidários da participação no pré-parlamento. No dia 23, Lenin escreve ao Comitê Central: "Trotski era partidário do boicote. Bravo, camarada Trotski! A moção de boicote foi rechaçada pela fração bolchevique da Conferência Democrática... Viva o boicote!". Lenin exige a convocação de um congresso extraordinário do partido que discuta a questão do boicote e afirma

107 *Ibid.*, tomo XXVI, pp. 10-12.
108 *Ibid.*, p. 12.
109 *Ibid.*, p. 18.

que em nenhum caso o partido pode adotar uma posição pela participação no pré-parlamento: "Devemos conseguir fazer com que as massas discutam a questão. É necessário que os operários conscientes debatam o assunto e pressionem seus 'dirigentes intermediários'"[110]. No dia 29 de setembro, em uma carta dirigida ao Comitê Central, afirma que considera inadmissível que não se tenha respondido suas cartas e, mais ainda, que o *Pravda* censure seus artigos, pois isto mostra "uma delicada alusão ao amordaçamento e um convite a retirar-se". Também escreve: "Devo apresentar minha renúncia ao Comitê Central e assim o faço, reservando-me o direito de fazer propaganda nas fileiras do partido e no congresso, pois minha mais profunda convicção é que, se esperarmos o congresso dos soviets e deixarmos escapar esta ocasião, provocaremos a derrota da revolução"[111]. E volta ao ataque no dia 1º de outubro: "esperar é um crime!"[112].

A maioria do Comitê Central, sensibilizada pela discussão, tem dúvidas e, por fim, decide pedir a Lenin que faça uma viagem clandestina a Petrogrado para discutir o problema da insurreição. Por outro lado, durante os dias seguintes, a situação se modifica dentro do próprio partido: Trotski consegue convencer os delegados bolcheviques ao pré-parlamento de que devem boicotá-lo por meio de um manifesto que deve ser lido durante a sessão inaugural. Abandonam a sala no momento em que ele, em nome de todos, exclama "A revolução está em perigo! Todo o poder aos soviets!". Os bolcheviques de Moscou, representados por Lomov, exigem que se decida pela insurreição. No dia 9, Trotski consegue que o soviet de Petrogrado vote pela formação de um comitê militar revolucionário, ferramenta para construir um estado-maior da insurreição. No dia 10 de outubro, Lenin, disfarçado e escondido, chega a Petrogrado, discute apaixonadamente e consegue, por fim, que se aceite, por dez votos a dois, uma resolução a favor da insurreição, que já está "completamente madura", convidando "todas as organizações do partido a estudar e discutir as questões de caráter prático para a insurreição".

Os dois adversários desta resolução são Zinoviev e Kamenev, que, no dia seguinte, apelam contra a decisão do Comitê Central em sua "Carta sobre o momento atual", dirigida às principais organizações do partido. Nela escrevem:

> Estamos firmemente convencidos de que, no momento atual, convocar uma insurreição armada significa apostar em uma só cartada não somente a sorte de nosso partido, mas também a da revolução russa e internacional. Não há dúvidas de que existem situações históricas nas quais uma classe oprimida deve reconhecer que vale mais brigar até a derrota do que render-se sem luta. Por acaso a classe operária russa se encontra hoje numa situação similar? Não, mil vezes não! (...) Enquanto esta escolha dependa de nós, podemos e devemos ter, na atualidade, uma postura defensiva. As massas não desejam lutar. (...) As massas de soldados nos apoiam (...) por

110 *Ibid.*, p. 51.
111 *Ibid.*, pp. 78-79.
112 *Ibid.*, p. 139.

nossa consigna de paz. (...) Se nos víssemos obrigados a iniciar uma guerra revolucionária, (...) nos abandonariam imediatamente"[113].

A seu ver, o maior perigo é a superestimação das forças proletárias, já que o proletariado internacional não está disposto a apoiar a revolução russa.

Entretanto, os preparativos continuam: no dia 11, os delegados bolcheviques que chegam ao congresso desde a região norte são convocados em Petrogrado; a partir do dia 13, os navios da marinha, controlados por Smilgá, colocam seu rádio à disposição da propaganda bolchevique, fazendo um chamado aos delegados para que se reúnam antes da data prevista. No dia 16 de outubro, se reúne um Comitê Central ampliado que ratifica, por 19 votos contra 2 (com 4 abstenções), a decisão do dia 10, rechaçando ainda uma moção de Zinoviev, que propõe a suspensão dos preparativos da insurreição até que se inicie o congresso dos soviets. Nesta mesma tarde, Kamenev apresenta sua renúncia como membro do Comitê Central.

No dia 17 de outubro, o jornal menchevique *Novaia Zhizn* (Nova vida), dirigido por Maxim Gorki, publica informações referentes à "Carta sobre o momento atual". No dia seguinte, no Instituto Smolni, quartel general do soviet de Petrogrado, acontece uma conferência ilegal dos delegados dos regimentos, destinada a fazer um balanço preciso das forças militares com as quais conta a insurreição. Zinoviev e Kamenev respondem ao jornal de Gorki, aproveitando a ocasião para expor publicamente seus argumentos contra a insurreição e insinuando ainda, com uma frase de duplo sentido, que o partido ainda não se pronunciou de maneira definitiva. Trata-se de uma grave indisciplina. Trotski acaba de ser nomeado delegado para o regimento da fortaleza de Pedro e Paulo, cuja atitude é vacilante, para que possa convencê-la a unir-se ao grupo dos insurgentes; seu trabalho é coroado com êxito. Lenin, em duas cartas, uma dirigida a todos os membros do partido e outra ao Comitê Central, reage com extrema violência e exige a expulsão de Zinoviev e Kamenev. Um pouco depois, envia ao *Rabochi Put* (Caminho operário) – o novo *Pravda* – um artigo de dura polêmica contra os adversários da insurreição, sem nomear Zinoviev e Kamenev. Porém, Trotski acaba sendo obrigado a desmentir que o partido tenha decidido pela insurreição, por questões de segurança, e Zinoviev e Kamenev vão se utilizar dessa declaração para encobrir seu comportamento.

No dia 20 de outubro, o *Rabochi Put* publica simultaneamente a continuação do artigo de Lenin, a declaração de Zinoviev sobre o "desmentido" de Trotski sobre a insurreição e uma nota da redação, escrita por Stalin em termos conciliadores, que parece implicar um repúdio à atitude de Lenin: "A dureza do tom do camarada Lenin não altera o fato de que permanecemos todos de acordo em relação aos pontos fundamentais". Nesta mesma tarde, numa sessão do Comitê Central na

113 BUNYAN, James, FISHER, Harold, *The bolshevik revolution 1917-18*, Stanford, Stanford University Press, 1961, pp. 59-62.

qual Sverdlov lê a carta de Lenin, Trotski ataca violentamente Stalin por sua nota conciliadora. Stalin oferece então sua renúncia e, logo depois, defende a conciliação, pedindo ao Comitê Central que se negue a aceitar a renúncia apresentada por Kamenev. Por fim, a renúncia de Kamenev é aceita por cinco votos contra quatro, ao que se soma uma resolução do Comitê Central dirigida a ele e a Zinoviev, exigindo que não voltem a tomar posição publicamente contra as decisões do partido.

A insurreição

A discussão sobre a insurreição se desenvolve, portanto, praticamente à vista de todos, em um ambiente ultrademocrático, que desmente de maneira clara a lenda de um partido bolchevique de robôs. Apesar da designação por parte do Comitê Central de um birô que vai se encarregar de supervisionar os preparativos, estes são feitos sob a direção do comitê militar revolucionário. No dia 22 de outubro, a tripulação bolchevique do cruzador Aurora recebe a ordem de manter o navio atracado, enquanto o governo provisório, por sua vez, havia ordenado que levantassem âncoras. No dia 23, o comitê envia seus delegados a todas as unidades militares, cujos representantes divulgam um comunicado afirmando não reconhecer a autoridade do governo provisório. Durante a noite, o governo decide atuar: proíbe os jornais bolcheviques, fecha suas gráficas e chama a Petrogrado todos os cadetes da Academia de Guerra. O comitê militar revolucionário envia, então, um destacamento que reabre a gráfica do *Pravda*. Durante a manhã do dia 24, nos quartéis, se distribuem armas a todos os destacamentos operários; durante a tarde, os marinheiros de Kronstadt chegam a Petrogrado; do Smolni, sede do comitê, partem os destacamentos que vão ocupar todos os pontos estratégicos da capital. O Palácio de Inverno cairá 24 horas depois, após alguns disparos dos canhões do cruzador Aurora. A insurreição triunfa.

No partido bolchevique, a polêmica parece ter se extinguido com o começo das ações: Kamenev, que renunciou ao Comitê Central no dia 20, participa da sua reunião do dia 24; passa a noite no Smolni ao lado de Trotski, encarregado de dirigir a insurreição; Lenin vai se unir em seguida a eles. Quando, na tarde do dia 25 de outubro, tem início o congresso dos soviets, Kamenev é proposto para ocupar a presidência como representante do partido bolchevique.

Na realidade, antes que o congresso proceda à votação que vai dar à insurreição o referendo revolucionário que esperam os dirigentes bolcheviques, o desenvolvimento do movimento de massas é, mais uma vez, o encarregado de eliminar as divergências. Em todo o país acontecem assembleias de operários, de camponeses e de soldados. Nelas se argumenta, se ataca ou se defende a decisão sobre a insurreição. John Reed escreveu sobre um destes debates, que aconteceu no regimento motorizado de metralhadoras do exército. Neste, o bolchevique Krilenko vence um violento duelo oratório, no qual enfrenta uma série de adversários mencheviques e SR's con-

trários à insurreição. Os soldados presentes votam: uns cinquenta se situam à direita da tribuna, o que equivale a condenar a insurreição, mas várias centenas destes se aglomeram à esquerda, aprovando-a. O jornalista americano conclui:

> Imaginemos esta luta repetida em cada um dos quartéis da cidade, de toda a região, em toda a frente de batalha, em toda a Rússia. Imaginemos todos os "Krilenkos" defendendo suas posições em todos os regimentos, discutindo, ameaçando, suplicando. Imaginemos esta mesma cena repetida em todos os sindicatos, nas fábricas, nas aldeias, nos barcos; pensemos nas centenas de milhares de russos, operários, camponeses, soldados e marinheiros que contemplam os oradores, esforçando-se intensamente para compreender e tomar uma decisão que se revela, por fim, tão surpreendentemente unânime. Assim foi a Revolução Russa[114].

O II Congresso e o problema da coalizão

Dos 650 deputados do II Congresso Panrusso dos Soviets, 390 são bolcheviques; aproximadamente 150 SR's votam com eles. O presidium[115] do novo Comitê Executivo conta com 14 bolcheviques de um total de 25 membros. Ao lado dos dirigentes do partido – os membros do Comitê Central Lenin, Trotski, Zinoviev, Kamenev, Rikov, Noguin e Kollontai – estão militantes veteranos como Riazanov, Lunacharski, Muralov – que Trotski chama de Muranov –, o letão Stuchka e dirigentes da insurreição como Antonov-Ovseenko, do comitê militar revolucionário, Krilenko e o jovem Sklianski. Durante a discussão, chegam notícias exaltantes: a queda do Palácio de Inverno e a passagem para o lado revolucionário das tropas enviadas por Kerenski para uma possível repressão. A minoria, composta por mencheviques e pela ala direita dos SR's, abandona a sala. O congresso aprova a insurreição, vota os célebres decretos que iniciam o regime soviético e ratifica por aclamação o novo governo de "comissários do povo", nomenclatura que foi proposta de última hora por Trotski e apoiada com entusiasmo por Lenin, que apresenta ao plenário os nomes: é composto por 15 membros, todos bolcheviques, dos quais 4 são operários. Posteriormente, se elege um Comitê Executivo composto por 71 bolcheviques e 29 SR's dissidentes, partidários da colaboração no poder com os bolcheviques e que pertencem à ala esquerda de seu partido. A sessão se encerra depois de 15 horas de debate que se estenderam por dois dias.

Entretanto, a polêmica que se desenvolveu no partido antes da insurreição volta a aparecer imediatamente depois da vitória. Os delegados do II Congresso votam a favor de uma resolução apresentada pelo menchevique internacionalista Martov e apoiada pelo bolchevique Lunacharski que solicita que o Conselho de Comissários do Povo inclua representantes de todos os partidos socialistas. Na opinião de muitos militantes, inclusive de bolcheviques, um Conselho de Comissários totalmente

114 REED, John, *Dix jours qui ont ebranlé le monde*, Paris, Éditions ouvrières, s/d, p. 153.
115 Órgão equivalente a um secretariado ou mesa diretora (N. do E.).

bolchevique deve ser apenas uma alternativa provisória; a única solução real é um governo de coalizão dos partidos socialistas. Alguns dias mais tarde, o Comitê Executivo do Sindicato dos Ferroviários, chamado Vikzhel por sua abreviação em russo, retoma a consigna de coalizão e, para dar mais peso à suas posições, ameaça cortar as comunicações do governo se este não empreender imediatamente a formação de um governo socialista de coalizão.

No dia 29 de outubro, o Comitê Central, do qual estão ausentes Lenin, Trotski e Stalin, e, mais tarde, o Comitê Executivo do Congresso dos Soviets, aceita negociar. Uma delegação encabeçada por Kamenev aceita a proposta dos ferroviários, entrando em contato com os representantes dos mencheviques e dos SR's. Estes últimos, encorajados nos bastidores por diplomatas dos países aliados – se podemos dar crédito ao testemunho de Jacques Sadoul –, exigem que os guardas vermelhos sejam desarmados, que se constitua um governo de coalizão que não inclua nem Lenin, nem Trotski e que, a princípio, não responderia aos soviets, e sim às "amplas massas da democracia revolucionária", fórmula muito ampla e ambígua. Os membros do Comitê Executivo dos Soviets, inclusive os bolcheviques Riazanov e Kamenev, aceitam que a discussão se inicie sobre estas bases, firmando com seus interlocutores um chamado ao cessar-fogo.

Neste mesmo momento, os cossacos do general Krasnov se enfrentam, em seu avanço contra Petrogrado, com os guardas vermelhos, liderados por Trotski. Após seu retorno, Trotski acusa Kamenev e Riazanov, perante o Comitê Central, de terem preparado uma condenação à insurreição, bem como de terem sido manipulados pelos seus adversários. Lenin vai ainda mais longe e propõe a imediata ruptura das negociações. Riazanov e Lunacharski declaram estar de acordo com a exclusão de Lenin e Trotski do governo se esta condição for indispensável para a constituição de um governo de coalizão de todos os socialistas. O Comitê Central rechaça esta postura e vota a favor de Trotski, que propõe prosseguir as negociações, buscando criar condições que garantam ao partido bolchevique a maioria em uma coalizão com os partidos socialistas que se opuseram ao poder dos soviets, com a condição de que estes aceitem reconhecer que o poder dos soviets é um fato consumado, se responsabilizando por ele.

No entanto, a minoria bolchevique não muda de opinião, pois acredita que a resolução do Comitê Central impedirá, de fato, qualquer tipo de coalizão. Kamenev, que continua presidindo o Comitê Executivo dos Soviets, propõe a demissão do Conselho de Comissários do Povo exclusivamente bolchevique e presidido por Lenin, para que seja substituído por um governo de coalizão. Volodarski opõe a esta moção aquela que foi adotada pelo Comitê Central bolchevique. Durante a votação, vários comissários do povo, como Rikov, Noguin, Lunacharski, Miliutin, Teodorovich, assim como alguns dirigentes do partido, como Zinoviev, Lozovski e Riazanov, votam contra a resolução apresentada pelo seu próprio partido. No dia seguinte,

outro bolchevique, Larin, apresenta ao executivo uma moção sobre a liberdade de imprensa, censurando a repressão governamental contra a imprensa direitista e a proibição dos jornais que chamam à insurreição armada contra o governo bolchevique. A moção é derrotada por uma maioria de apenas dois votos. Lozovski e Riazanov votam mais uma vez contra o governo. Para não serem submetidos à disciplina partidária, parte dos membros da oposição renuncia a seus cargos para poder protestar contra a "política catastrófica do Comitê Central" e contra "a manutenção de um governo puramente bolchevique por meio do terror político"[116]. Lenin, num pronunciamento que é difundido por todo o país, os chama de desertores. Em sua opinião, não deve haver nenhum tipo de vacilação: se a oposição não aceita as decisões da maioria, deve abandonar o partido. Afirma: "Uma divisão será um fato muito lamentável. No entanto, uma divisão honrada e franca é, na atualidade, muito preferível à sabotagem interna e ao não cumprimento de nossas próprias resoluções"[117].

Não haverá de fato uma divisão. A oposição é condenada pelo conjunto dos militantes e pelas mesmas reuniões de operários e soldados que aprovaram a insurreição. Por outro lado, em seguida surgem evidências que deixam claro que os mencheviques e os dirigentes SR's nunca pensaram em propor aos bolcheviques outra coisa que não fosse a escolha entre o suicídio político, que resultaria da eliminação de Lenin e Trotski do Conselho de Comissários do Povo, e a negativa em compor uma coalizão, o que daria a eles – mencheviques e SR's – a justificativa para travar uma luta contra o governo com todos os meios a seu alcance.

Parte dos SR's se nega a seguir a maioria de seus dirigentes pelo caminho que os conduz à luta armada contra o regime soviético. O novo partido que formam os SR's de esquerda, ao perceberem que os mencheviques e SR's se negam de fato a formar parte da coalizão, aceita compartilhar o poder com os bolcheviques, delegando alguns de seus membros ao Conselho de Comissários do Povo. Dos membros da oposição, Zinoviev é o primeiro a reconsiderar sua renúncia. No dia 21 de novembro escreve: "Nosso direito e nosso dever é advertir o partido de seus próprios erros. No entanto, permanecemos com o partido. Preferimos cometer erros com milhões de operários e soldados e morrer com eles do que nos separarmos deles na hora mais decisiva de nossa história. Não haverá, nem pode haver, uma divisão no partido"[118]. Kamenev, Miliutin, Rikov e Noguin seguem seu exemplo no dia 12 de dezembro, esperando um pouco mais de tempo antes de assumirem suas responsabilidades. Kamenev, substituído por Sverdlov na presidência do executivo dos soviets, será enviado à Europa Ocidental. O único a manter sua postura será Lozovski, que será finalmente expulso, fundando o efêmero Partido Socialista Operário.

116 BUNYAN, James, FISHER, Harold, *op. cit.*, p. 204.

117 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, tomo XXVI, p. 293.

118 *Pravda*, 21 de novembro de 1917, citado por SERGE, Victor, *L'an I de la révolution*, Paris, Librairie du Travail, 1930, pp. 104-105. Publicado em português pela Editora Boitempo como *O ano I da Revolução Russa*, São Paulo, 2007.

Não haverá crise nas fileiras do partido bolchevique quando surge a questão da assembleia constituinte, cuja maioria das cadeiras pertence aos SR's de direita, devido ao fato de que os candidatos foram definidos antes da divisão do partido. Bukharin propõe então a desautorização dos deputados direitistas e a proclamação de uma convenção revolucionária. Diante desta proposta, o Birô Político bolchevique manifesta certa vacilação. Entretanto, Lenin conseguirá impor facilmente seu ponto de vista. Em sua primeira sessão, a assembleia constituinte rechaça uma "Declaração dos direitos do povo trabalhador e explorado" que retomava o essencial das decisões do II Congresso dos Soviets, provando assim seu desejo de questionar tanto o novo poder soviético, quanto a própria revolução. A assembleia é então dissolvida pelos guardas vermelhos no dia 19 de janeiro. Nenhum bolchevique vai protestar contra a dissolução de uma assembleia, cuja eleição, em seu momento, fora uma das principais consignas de agitação empregadas pelo partido. As "Teses de abril" haviam triunfado de forma definitiva.

A fisionomia do partido vitorioso

O partido bolchevique terá que suportar a maior parte das responsabilidades do novo regime. Em todo o mundo, os especialistas se perguntam: Este governo de aventureiros vai perdurar? Lenin responde: "A burguesia só reconhece que um Estado é forte quando, fazendo o uso de todo o poder do aparato governamental, consegue mobilizar as massas no sentido desejado pelos burgueses. Nossa concepção de força é diferente. Para nós o que dá força a um Estado é a consciência das massas. O Estado é forte quando as massas sabem tudo, podem julgar qualquer coisa e atuam sempre com perfeita consciência"[119]. Os bolcheviques têm fé no futuro porque acreditam que são apenas a vanguarda da revolução mundial, mas também porque sabem que sua fusão com os elementos mais ativos da classe operária é tão absoluta que é impossível saber se foi o partido que os integrou ou se foram eles que se apoderaram do partido para convertê-lo em sua organização. Esta é a opinião que foi expressa já em julho por Volodarski nos seguintes termos: "Nas fábricas desfrutamos de uma influência formidável, ilimitada. O trabalho do partido é realizado principalmente pelos próprios operários. A organização foi montada a partir da base e esta é a razão que nos faz pensar que ela não será abalada"[120].

De fato, nenhum argumento é mais eficaz na hora de desmentir abertamente a lenda do partido bolchevique monolítico e burocratizado do que o relato destas lutas políticas, destes conflitos ideológicos, destas indisciplinas públicas que, definitivamente, nunca são punidas. São as massas revolucionárias que sancionam as decisões que, por sua vez, sua iniciativa tinha sugerido. Lenin, que no calor da discussão foi o primeiro a chamar Kamenev e Zinoviev de "covardes" e "desertores", uma vez supe-

119 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies, op. cit.*, tomo II, p. 150.
120 Citado por TROTSKI, Leon, *Histoire...*, tomo III, p. 364.

rada esta etapa, é igualmente o primeiro a manifestar veementemente seu desejo de conservá-los no partido, onde são necessários e onde cumprem um papel difícil de substituir. No fim de 1917, o partido tolera mais que nunca os desacordos e inclusive a indisciplina, na medida em que a paixão e a tensão das jornadas revolucionárias os justificam. Enquanto há um acordo sobre o mais fundamental, ou seja, sobre o objetivo, a realização da revolução socialista, um acordo sobre os meios para realizá-la não pode surgir a não ser da discussão e do convencimento.

Na realidade, a postura dos conciliadores, que tinha seu fundamento na antiga teoria das distintas etapas da revolução, só foi abandonada depois do triunfo das "Teses de abril". A ruptura com ela não poderia acontecer em poucas semanas, pelo menos na mente daqueles que a haviam desenvolvido, e esta é a explicação da atitude de Zinoviev e Kamenev. Certamente, baseando-se em seus escritos de novembro de 1917, é fácil sugerir, como faz Robert Daniels, que os adversários bolcheviques do monopólio bolchevique do poder haviam pressentido o perigo da degeneração de um partido que se confundisse com o Estado. Na realidade, é impossível ir além da afirmação de Deutscher: "A história haveria de justificar tal advertência, apesar de que, quando foi feita, não aparentava ter nenhuma base"[121].

Na realidade, nem Lenin, nem Trotski, nem os outros dirigentes bolcheviques previam ou desejavam, naquele período, um monopólio bolchevique do poder. Lenin havia feito um chamado para que se tentasse "a última chance de garantir um desenvolvimento pacífico da revolução, a pacífica eleição de seus deputados pelo povo, a luta pacífica dos partidos que participam dos soviets, o combate, na prática, entre os diferentes programas dos diferentes partidos e a pacífica transição do poder de um partido a outro"[122]. Imediatamente depois da revolução, o Comitê Central declara ainda: "Na Rússia foi conquistado o poder soviético e a passagem do governo de um partido soviético a outro será assegurada sem nenhuma revolução, pela simples renovação dos deputados nos soviets"[123]. Entretanto, naquele momento, os mencheviques haviam abandonado a sala de reuniões do II Congresso dos Soviets, onde se encontravam em completa minoria; os SR's e eles negavam-se a aceitar a oferta bolchevique de colaboração num governo dos soviets. Alguns contemplavam a luta armada ao lado dos chefes militares da oligarquia e dos exércitos dos países aliados, enquanto outros se preparavam para assumir posições acima da confusão reinante.

Se, anos mais tarde, os soviets acabaram reduzidos a uma mera casca vazia frente ao todo-poderoso aparato bolchevique, será porque, fundamentalmente, na época em que os soviets ainda eram organismos vivos, o partido bolchevique foi o único a defender seu poder, enquanto os mencheviques e os socialistas-revolucionários, leais oponentes ou colaboradores da república burguesa, se negaram a desempenhar seu papel na república soviética dos conselhos de operários, camponeses e soldados.

121 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed, op. cit.*, p. 335.
122 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies, op. cit.*, tomo II, p. 150.
123 *Ibid.*, p. 282.

5

OS PRIMEIROS PASSOS DO REGIME SOVIÉTICO E A PAZ DE BREST-LITOVSKI

O isolamento em que ficam os bolcheviques em relação às outras tendências socialistas após a tomada do poder não é de modo algum um fato acidental. Os dirigentes SR's, que, durante sua permanência no poder, se mostraram incapazes de satisfazer as reivindicações das massas que figuravam em seu programa, assim como de romper com a burguesia e seus aliados, não estão dispostos a se submeter aos que pretendem empreender tais tarefas depois de seu fracasso. Os mencheviques, por sua vez, consideram então – e vão seguir considerando posteriormente – como uma loucura sanguinária a tomada do poder por um partido operário, quando, segundo eles, a Rússia só está madura para uma revolução burguesa e para uma república democrática. Nem por um momento nenhum destes pensou que diante do regime nascido de Outubro pudesse se abrir um futuro de esperanças. Assim como os partidos burgueses e os elementos oligárquicos, esperam pela derrubada inevitável do regime. Todos eles acham que é melhor acelerá-la, buscando assim o mal menor, isolando ao máximo os dirigentes bolcheviques. Os mencheviques mais próximos à revolução, e inclusive aqueles como o historiador Sukhanov, que se considera "um quarto bolchevique", acham que a ideia de construir um Estado socialista em um país atrasado é uma verdadeira utopia, mas, acima de tudo, pensam que o mais catastrófico é a destruição do antigo aparato de Estado, o que, nas condições de guerra e total desgraça econômica em que se encontra a Rússia, irá causar a destruição das forças produtivas essenciais ao país. Entretanto, enquanto Sukhanov não deseja isolar-se "das massas e da própria revolução" abandonando os soviets, a maioria dos dirigentes SR's e mencheviques, ao mesmo tempo em que resolvem lutar contra os bolcheviques "sem a burguesia, em nome da democracia", preferem antes romper seus vínculos com os soviets do que

os laços que os unem à burguesia internacional. Eles, que não compartilham das esperanças dos bolcheviques em uma revolução mundial, acreditam que o apoio dos aliados será indispensável para reconstruir uma Rússia burguesa e democrática quando este período turbulento terminar. Esta é a origem de sua fidelidade à aliança militar durante sua passagem pelo governo provisório, assim como da simpatia de muitos deles às insinuações dos aliados, que querem manter a Rússia em guerra custe o que custar. É por isso que vão apoiar, desde o dia seguinte à insurreição, os esforços para, em primeiro lugar, eliminar Lenin e Trotski durante a discussão sobre a coalizão e, mais tarde, defender a legitimidade da assembleia constituinte que será dissolvida em janeiro de 1918.

De fato, os bolcheviques, a partir de fevereiro, se limitam a encabeçar uma onda revolucionária que eles não haviam provocado, mais orientando-a do que dominando-a. Os mencheviques e os SR's, ao romper com eles, rompiam também com este movimento e corriam o risco imediato de virar prisioneiros das forças burguesas cujo apoio aceitavam. Por sua vez, os bolcheviques tinham a necessidade imperiosa de concretizar a vitória revolucionária satisfazendo as principais reivindicações das massas. Este será o objetivo dos grandes decretos do II Congresso dos Soviets. O decreto sobre a terra abole a propriedade privada no campo. "A terra não pode ser vendida, nem comprada, nem alugada, nem utilizada como garantia, nem alienada de qualquer maneira. A terra passa a ser propriedade da nação e seus frutos devem ser possuídos por aqueles que nela trabalham". A socialização da terra não constava no programa do partido bolchevique. Entretanto, foi implantada porque este era o desejo da imensa maioria dos camponeses. Tal medida estava presente no programa dos SR's e havia sido retomada pelos membros de sua ala esquerda, aliados dos bolcheviques no campo, concretizando, desta forma, a aliança dos camponeses com o poder soviético, o único capaz de pôr em prática suas reivindicações. Da mesma maneira, o decreto sobre o controle operário responde ao desejo dos trabalhadores de tomar em suas mãos a direção das fábricas, evitando assim um caos na produção industrial.

No entanto, a realização da parte mais substancial do programa da revolução, a reivindicação primordial das massas – a paz – era muito mais difícil. Era preciso assegurar o sucesso desta formidável insurreição: instaurar uma nova sociedade, organizar a energia revolucionária que emanava de milhões de homens, manter o funcionamento de uma economia seriamente abalada e enfrentar o perigo de uma contrarrevolução, armada ou não. No entanto, a guerra obrigava os bolcheviques a enfrentar essas imensas tarefas sob a ameaça do exército alemão, que avançava ao longo de um *front* de vários milhares de quilômetros. Assim, se não ocorresse um levante revolucionário nos países beligerantes, principalmente na Alemanha, a paz não poderia ser mais do que uma capitulação, que teria de ser aceita nas piores condições.

O isolamento político dos bolcheviques acarretava igualmente um endurecimento de sua autoridade em relação a todos aqueles que não aceitavam ainda a insurreição como um fato consumado. Trotski havia confiado a Sadoul seu desejo de chegar a uma coalizão autêntica. Caso contrário, afirmava, "para evitar novas ações antibolcheviques, será preciso exercer uma implacável repressão e o abismo se tornará ainda maior"[124]. Os bolcheviques, com plena consciência de todos estes perigos, se esforçaram em resistir, à espera do socorro que havia de chegar da Europa industrial e, principalmente, da Alemanha operária. "Não foi a nossa vontade, dirá Lenin, mas as circunstâncias históricas, a herança do regime czarista e a debilidade da burguesia russa as causas de que nosso destacamento tenha se antecipado aos outros destacamentos do proletariado industrial. Não queríamos, foram as circunstâncias que nos impuseram. Mas devemos permanecer em nosso posto até que nosso aliado, o proletariado internacional, nos acuda"[125]. Para "permanecer em seu posto", os bolcheviques não viam outro meio, a não ser intensificar e aprofundar a atividade das massas que os haviam levado ao poder. "Lembrem-se – dizia Lenin aos operários e camponeses russos – que, na atualidade, são vocês mesmos que dirigem o Estado: ninguém os ajudará se não permanecerem unidos, se impondo em todos os assuntos do Estado"[126].

O sistema soviético

O único sistema que, segundo Lenin, permite "a uma cozinheira dirigir o Estado" é o sistema dos soviets. Às vésperas da insurreição de outubro, os soviets estão em toda a parte, exercendo a totalidade ou parte importante do poder. A insurreição acontece em seu nome e o II Congresso Panrusso dos Soviets assim o ratifica, entregando, em todos os níveis, "o poder aos soviets". O verdadeiro sentido de tal medida fica claro com o chamado do Comitê Executivo de 4 (17) de novembro de 1917, que foi escrito por Lenin: "Os soviets locais podem, segundo as condições de lugar e tempo, modificar, expandir e completar os princípios básicos estabelecidos pelo governo. A iniciativa criadora das massas: este é o fator fundamental da nova sociedade. (...) O socialismo não é o resultado de decretos vindos de cima. O automatismo administrativo e burocrático é estranho a seu espírito, o socialismo vivo, criador, é obra das próprias massas populares"[127].

A forma dessa organização e os princípios nos quais se baseia serão publicados nas circulares do Conselho de Comissários do Povo e do Comissariado do Interior. A do dia 5 de janeiro de 1918 estipula: "Os soviets são, em todas as partes, os órgão da administração do poder local, devendo exercer seu controle sobre todas as

124 SADOUL, Jacques, *Notes sur la révolution bolchevique*, Paris, Horay, 1953, p. 69.
125 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, p. 395.
126 *Ibid.*, tomo XXVI, p. 311.
127 *Ibid.*, tomo XXVI, p. 300.

instituições de caráter administrativo, econômico, financeiro e cultural. (...) Todo o território deve ser coberto por uma rede de soviets, estreitamente conectados uns aos outros. Cada uma destas organizações, inclusive as menores, é plenamente autônoma nas questões de caráter local, mas deve adaptar suas atividades aos decretos gerais e às resoluções do poder central e das organizações soviéticas mais elevadas. Desta forma, se estabelece uma organização coerente com a república soviética, uniforme em todas as suas partes"[128]. A Constituição soviética de 1918 retomará este esquema em seu artigo 10, ao afirmar que "toda a autoridade no território da RSFSR[129] se encontra nas mãos da população trabalhadora, organizada em seus soviets urbanos ou rurais"; no artigo 11: "a autoridade suprema (...) se encontra nas mãos do Congresso Panrusso dos Soviets e, nos intervalos entre os congressos, nas do seu Comitê Executivo"[130].

Os soviets são organismos que, na medida do possível, reúnem os trabalhadores em seus próprios locais de trabalho, no marco de sua vida social. De fato, somente os soviets rurais são realmente órgãos de democracia direta: eles são assembleias gerais nas quais os membros podem prescindir da eleição de delegados, discutindo entre eles e tomando decisões a respeito de seus problemas. Durante certo tempo, serão os únicos a receber a denominação de soviets, pois os conselhos de delegados eleitos serão conhecidos como *sovdeps*[131]. Os representantes dos soviets camponeses integram o soviet do distrito, e os delegados do distrito, por sua vez, fazem parte do soviet da comarca, da mesma forma que os soviets de fábrica e de bairro integram os soviets das cidades. Neste nível estão os soviets operários e camponeses: o congresso de comarca rural e o congresso das cidades (urbano) se integram num congresso provincial, que é representado no nível superior por diferentes congressos regionais que nomeiam seus representantes ao congresso panrusso dos soviets, ao qual os soviets das grandes cidades delegam diretamente seus representantes.

O direito de voto para os soviets não é nem "universal" nem "igualitário": a ditadura do proletariado é exercida unicamente pelos proletários; não possuem direito de voto os homens e mulheres que empregam trabalho assalariado, nem aqueles que não vivem de seu trabalho, quer dizer, os homens de negócios, os padres e os monges. Entretanto, em relação à concepção supostamente "leninista" de ditadura do proletariado, que foi amplamente difundida nos anos posteriores, é interessante recordar a posição que manteve Lenin em 1918: "Hoje convém afirmar que a restrição do direito eleitoral é um problema particular de cada nação (...). Seria um erro afirmar de antemão que todas ou a maioria das futuras revoluções proletárias na Europa vão ter que restringir obrigatoriamente os di-

128 Citado por ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, pp. 274-275.
129 RSFSR: República Socialista Federativa Soviética Russa (N. do E.).
130 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, p. 149.
131 Em russo, abreviação para "conselhos de deputados" (N. do E.).

reitos eleitorais da burguesia"[132]. A representação dos operários é maior que a dos camponeses. Os soviets rurais têm um deputado para cada cem habitantes com o mínimo de três e o máximo de cinquenta; os soviets de comarca têm um deputado para cada mil habitantes ou dez membros do soviet local; e os provinciais, um para cada 10 mil eleitores ou cem deputados. No entanto, no congresso regional, há um deputado para cada 25 mil eleitores rurais e um para cada cinco mil eleitores urbanos. Nos congressos panrussos se dá a mesma proporção: os operários contam com um deputado para cada 25 mil eleitores, enquanto os camponeses só têm um para cada 125 mil. Este é o resultado prático das condições da fusão entre o congresso dos soviets operários e o dos soviets camponeses: os bolcheviques defendem esta desigualdade com o argumento da necessidade de que a classe operária desfrute, dadas as condições russas daquela época, de uma hegemonia, negando-se ao mesmo tempo a elevar esta prática à qualidade de princípio universal.

Além desta, existem poucas normas gerais, exceto o princípio fundamental da revogabilidade dos mandatos; a este respeito Lenin declara: "Toda formalidade burocrática, assim como qualquer tipo de limitação, desaparecem das eleições, as próprias massas determinam a forma e o ritmo das eleições com o pleno direito de revogar seus representantes"[133]. No entanto, se fixa a duração do mandato dos soviets locais em três meses, estabelecendo-se, ao mesmo tempo, como princípio, a reunião do Congresso Panrusso dos Soviets para pelo menos duas vezes ao ano.

O funcionamento

Não existe nenhum estudo sobre o funcionamento dos primeiros soviets, com a exceção do excelente esboço de Oskar Anweiler. No entanto, podemos afirmar que, nos meses que se seguiram à insurreição de outubro, os soviets estenderam rapidamente sua autoridade ao conjunto do território, substituindo as câmaras municipais, dos quais 8,1% foram dissolvidos, em dezembro, 45,2% em janeiro de 1918, 32,2% em fevereiro e o restante entre março e maio do mesmo ano[134]. Na maior parte das cidades, principalmente nas maiores, uma parte do aparato administrativo municipal continua funcionando sob o controle do soviet. Os soviets intermediários, de comarca e de distrito, que desempenharam um importante papel na extensão da rede soviética, vão em breve cessar sua atividade. Vários soviets locais se comportam como verdadeiros governos independentes, proclamando minúsculas repúblicas soviéticas que contam com seu próprio Conselho de Comissários do Povo. É a concretização do Estado-comuna ou, pelo contrário, uma demonstração das insuficiências do novo Estado proletário? Em todo caso, Lenin,

132 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo II, p. 450.

133 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo I, p. 148.

134 ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, p. 276.

antes do início da guerra civil, insistirá em afirmar que esta dispersão é necessária: "Nessa aspiração ao separatismo existia algo de são, de proveitoso, na medida em que se tratava de uma aspiração criadora"[135].

O estabelecimento do poder central e seu funcionamento vão se chocar com outras dificuldades e enfrentarão novos desafios. Os comissários do povo vão encontrar os prédios dos ministérios desertos ou revirados, e vão encarar todo tipo de obstáculos, desde a falta da chave para entrar no lugar de despacho, até a greve dos funcionários. Os primeiros serviços da maioria dos comissariados são improvisados por militares, utilizando destacamentos revolucionários de militantes operários ou soldados: desta forma, os marinheiros ligados ao marujo Markin organizam para Trotski o Comissariado de Assuntos Estrangeiros, enquanto o do Trabalho é posto em funcionamento para Shliapnikov pelos metalúrgicos do sindicato. Quando os bandos de pilhagem penetram nas adegas das mansões e hotéis aristocráticos para apropriar-se dos vinhos e da vodka, são os grupos de intervenção integrados por operários ou marinheiros, bolcheviques ou anarquistas, que os reprimem e destroem os estoques da "vodka que adormece o povo". Os primeiros ataques contrarrevolucionários em Petrogrado se enfrentam com grupos armados deste tipo; os responsáveis, quando vencidos, são acusados perante assembleias reunidas espontaneamente, autênticos tribunais integrados por operários voluntários ou eleitos.

Durante alguns dias, esta vanguarda operária constitui a única força verdadeiramente organizada a serviço de um governo cuja existência vai se definindo muito gradualmente. O congresso panrusso vai reunir-se três vezes em seis meses e, entre suas reuniões, sua autoridade é exercida pelo Comitê Executivo que é eleito. Entretanto, este último conta com mais de duzentos membros, o que o converte num organismo muito grande para um poder executivo: é por isso que são designados os comissários do povo, cujo conselho formará o verdadeiro governo. Cada comissário tem ao seu redor um "colegiado" de cinco membros do Comitê Executivo que têm o direito de apelar de suas decisões perante o Conselho de Comissários do Povo ou mesmo o Comitê Executivo. Os conflitos se multiplicam neste período, já que os comissários do povo tendem, pressionados pela necessidade, a atuar sem esperar pela aprovação do Comitê Executivo, e acabarão ditando leis, direito que, a princípio, não lhes havia sido atribuído, mas que também não fora proibido, e que eles acabarão preservando.

Os partidos e a democracia soviética

Os soviets, em todos os níveis, contam evidentemente com membros de diferentes partidos. O fato de que as eleições aconteçam quase sempre por votação pública exclui, até certo ponto, os representantes das organizações de direita a

135 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVIII, p. 30.

princípio e, posteriormente, dos pertencentes a todos os grupos que reivindicam a autoridade da assembleia constituinte. Entretanto, o Comitê Executivo eleito no III Congresso é composto ainda por sete SR's de direita, além de 125 SR's de esquerda e 160 bolcheviques.

Os SR's de esquerda provinham da tendência do velho partido encabeçada por Natanson e Spiridonova, que, durante a guerra, rechaçaram a política de união sagrada. No congresso de maio de 1917, haviam apresentado sua própria plataforma, pronunciando-se a favor da ruptura de todo o tipo de aliança com os partidos burgueses, e pela criação de um governo verdadeiramente socialista, pela paz imediata e pela socialização da terra. Foram expulsos pela direção de seu partido ao negarem-se a obedecer aos dirigentes que, em sinal de protesto, haviam abandonado a sala em que se celebrava a sessão do II Congresso (que acabava de aprovar a insurreição de outubro), constituindo-se neste período como partido independente e conseguindo, como vimos, uma representação no governo. Pertencem à maioria e contam com 284 delegados no IV Congresso e com 470 no V Congresso, de um total de 1.425 delegados. Mesmo depois de sua saída do governo, ocupam postos importantes no novo Estado, no exército e na Cheka – polícia especial destinada à repressão de atividades contrarrevolucionárias. Seus porta-vozes são Katz (Kanikov), Karelin e principalmente a respeitada Maria Spiridonova, lendária terrorista e defensora da revolução camponesa; suas atividades consistem em atacar os dirigentes bolcheviques com críticas muitas vezes violentas. Desde a insurreição de outubro até o começo da guerra civil, sua imprensa é publicada com total liberdade.

Os mencheviques subsistem igualmente. Uma fração dos internacionalistas permaneceu no congresso dos soviets, apesar da saída da maior parte dos delegados de seu partido. A reunificação entre os internacionalistas de Martov e o partido de Dan acontece em março de 1918 e a ela se segue um congresso que acontece em maio. Até maio de 1918 existe um órgão central dos mencheviques, *Novi Luch* (Novo raio de luz); também aparece nas ruas um novo *Vperiod*, que é agora o jornal do grupo de Martov, além de algumas publicações diárias ou periódicas. Entretanto, os mencheviques vão reclamar de sofrer interdições, proibições e detenções arbitrárias. Estas devem ser atribuídas mais a circunstâncias e iniciativas locais do que a uma política repressiva de conjunto, ainda que uma importante fração dos mencheviques continue declarando-se partidária de uma intervenção estrangeira e que a maioria insista em sua fidelidade à assembleia constituinte.

Tanto antes como depois de Outubro, os anarquistas desempenharam um importante papel. Sua influência é considerável entre os marinheiros da frota do Báltico e certos regimentos, moscovitas principalmente, foram ganhos para sua causa. Subdividem-se em um grande número de grupos. Alguns deles, ao mesmo tempo em que condenam a insurreição por ter dado origem a um novo "poder",

aceitam defender a autoridade dos soviets, enquanto outros a criticam ferozmente. No geral, estão de acordo com os bolcheviques no momento da dissolução da assembleia constituinte, cuja liquidação expressa será proclamada precisamente por um deles, o marinheiro Zhelezniak[136]. No início de 1918 contam com suas próprias sedes, sua organização, seus jornais, sua milícia ou guarda negra e seus rebeldes incontroláveis, que são acusados de banditismo e pilhagem. No executivo, seu porta-voz é Alexander Gay, que confidencia a Sadoul seu propósito de "cavar a tumba dos bolcheviques"[137]. Em abril, a Cheka inicia uma vasta operação contra eles, monitora suas sedes e faz centenas de prisões. A guarda negra é dissolvida. Oficialmente, esta depuração tem o objetivo de acabar com os elementos problemáticos que se infiltraram em suas fileiras; ela também se deve a uma queixa feita pelo coronel Robins, representante informal dos EUA. No entanto, a maioria das detenções não é definitiva, os militantes conhecidos são liberados e, mesmo sendo desarmados, conservam suas sedes e jornais. De fato, vários militantes anarquistas são fortemente pelo bolchevismo no início da revolução, reconciliando-se com a concepção de Lenin sobre o Estado e com o Estado formado pelos soviets: o russo-americano Krasnochekhov e o franco-russo Kibalchich, de pseudônimo Victor Serge, se unem ao partido bolchevique; outros, sem chegar a se filiar, colaborarão bem de perto. Este é o caso do ex-presidiário Sandomirski e de seu companheiro Novomirski, do anarcosindicalista Alexander Schapiro e, principalmente, do antigo líder da federação sindical revolucionária americana Industrial Workers of the World, o russo-americano Bill Chatov, que será um dos fundadores da República Soviética do Extremo Oriente e do Exército Vermelho. O próprio Gay participará da guerra civil junto das tropas vermelhas, sendo fuzilado pelos brancos em 1919.

Assim funciona no marco dos soviets, em que pesem as dificuldades, um regime pluripartidarista com seu corolário inevitável de conflitos ideológicos, batalhas retóricas e polêmicas nos jornais. O leitor russo pode, inclusive, seguir as atas dos debates do executivo, onde se enfrentam os líderes dos diferentes partidos: Lev Sosnovski, porta-voz da fração bolchevique, e Bukharin, que é um dos oradores governamentais de maior audiência, Gay, Martov, Karelin e Spiridonova, sob a autoritária condução dos trabalhos por Sverdlov, presidente de potente voz e cujo apelido é "cala-bocas". Para os bolcheviques, isto representa um êxito indiscutível, pois, desta forma, seu isolamento deixa de ser total e constitui a prova de que sua

136 O episódio da dissolução da assembleia constituinte (que ocorreu no primeiro dia de seu funcionamento) ficou famoso, entre outras coisas, por sua forma um pouco cômica. Já de madrugada, depois de várias horas de debates sobre se a assembleia constituinte deveria ou não reconhecer os principais decretos do recém-criado governo dos soviets, o marujo anarquista Zhelezniak, responsável pela segurança do prédio e irritado com a inutilidade de toda aquela discussão, entrou na sala onde os deputados estavam reunidos e anunciou: "O pessoal da segurança cansou. Vão para as suas casas". Depois disso, os deputados constituintes nunca mais se reuniram. Com estas duas frases e sem nenhum tiro ou violência, foi encerrada a era da democracia burguesa da Rússia (N. do E.).
137 SADOUL, Jacques, *op. cit.*, p. 296.

influência não diminui, já que, depois da vitória, é possível descartar medidas repressivas que, em sua precária situação, talvez tivessem sido aconselháveis.

No entanto, neste quadro de conjunto vão surgir inumeráveis dificuldades, em particular no que se refere à liberdade de imprensa. Os bolcheviques não têm a este respeito nenhuma postura abstrata. Assim expõe claramente Trotski ao soviet de Petrogrado: "Todo homem que conte com um capital tem direito, ao contar com meios suficientes, de abrir uma fábrica, um bar, um bordel ou um jornal de seu gosto particular (...). Mas, por acaso os milhões de camponeses, operários e soldados desfrutam de tal liberdade de imprensa? Eles não contam com a condição essencial da liberdade, quer dizer, com os meios reais e autênticos necessários para a publicação de um jornal"[138]. Propõe então a nacionalização das gráficas e das fábricas de papel, assim como a possibilidade de oferecer facilidades de impressão aos partidos e grupos operários com influência real. Neste sentido, Lenin escreve um projeto em que reconhece a toda agrupação que represente pelo menos dez mil operários o direito de editar um jornal, garantindo-se inclusive os fundos necessários para seu financiamento[139]. Nenhum desses projetos chegará a ser realizado e, de fato, as únicas medidas tomadas foram medidas repressivas. No entanto, as primeiras proibições de jornais que conclamavam ao apoio armado da causa da assembleia constituinte contra o governo soviético causaram grandes protestos nas fileiras revolucionárias. O governo se encontra, de fato, pressionado por necessidades contraditórias: a de autorizar a manifestação de uma oposição que considera legítima e inclusive necessária e, por outro lado, a de impedir que o adversário utilize a imprensa como uma arma, que é, com razão, temida, dada a situação russa, na qual rumores e boatos alarmistas podem proporcionar aos provocadores um terreno fértil. Nada reflete esta dupla preocupação melhor do que o chamado emitido por Volodarski, comissário do povo da Informação, na *Krasnaia gazeta* (Gazeta vermelha) de Petrogrado: "A liberdade de criticar os atos de poder dos soviets, a liberdade de agitação em benefício de outro tipo de poder – tal liberdade será dada a nossos adversários. Se estes entenderem isto, garantiremos a liberdade de imprensa. Mas devem renunciar às notícias falsas, à mentira e à calúnia"[140]. O próprio Volodarski é morto em 21 de junho, vítima das balas dos terroristas SR's, os mesmos aos quais oferecera a liberdade de expressão sob a condição de renunciarem à violência verbal.

Neste período a situação piora muito. Desde março, se agrava a escassez de alimentos, os efeitos da fome surgem em toda a parte, deixando, segundo a expressão de Kaiurov "as cidades famintas cara a cara com cem milhões de camponeses hostis"[141] que começam a rebelar-se contra as requisições de grãos. Os agentes dos

138 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed, op. cit.*, p. 337.
139 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes, op. cit.*, tomo XXVIII, p. 30.
140 *Citado* por SERGE, Victor, *L'An I..., op. cit.*, p. 273.
141 *Ibid.*, p. 252.

aliados, ou seja, os generais czaristas, preparam o contra-ataque armado. Além disso, o problema da paz divide profundamente a maioria soviética, colocando os SR's de esquerda contra os bolcheviques e fracionando os próprios bolcheviques: o tratado de Brest-Litovski vai sancionar de uma só vez a perda de uma parte importante do território russo. A guerra e a necessidade de terminá-la rapidamente servem para sacodir profundamente os elementos básicos do problema da democracia soviética.

O Comitê Central e o problema da paz

As "Teses de abril" haviam tratado o problema da paz conforme as perspectivas de Lenin e Trotski sobre a revolução europeia: a guerra só poderia ser concluída com uma paz democrática caso o poder do Estado passe, em todos os países beligerantes, às mãos do proletariado. Lenin e Trotski afirmam em diferentes ocasiões que a revolução russa não poderia sobreviver sem a vitória da revolução europeia. Este é, pois, o enfoque que deve ser usado para compreender as propostas de paz que foram feitas a todos os países beligerantes e que são seguidas de um imenso esforço para chegar às massas mediante a propaganda revolucionária e a confraternização. No entanto, durante as semanas posteriores à vitória de Outubro, não ocorre nenhum movimento revolucionário na Europa. Para o governo bolchevique, a paz se converte numa necessidade absoluta, tanto para satisfazer o exército e os camponeses, como para ganhar tempo enquanto se espera a revolução europeia.

A manobra é delicada: é preciso, simultaneamente, negociar com os governos burgueses e lutar politicamente contra eles, quer dizer, utilizar as negociações como uma plataforma de propaganda revolucionária. Deve ser evitada qualquer aparência de acordo com um ou outro dos clãs imperialistas, tratando, no entanto, de evitar que a Rússia revolucionária arque com as consequências de uma paz política entre os imperialistas, que lhes permitiria evitar a revolução que os ameaça internamente. As negociações do armistício se iniciam em Brest-Litovski em novembro de 1917 entre uma delegação alemã e uma delegação russa, pois os aliados se negaram a participar destas negociações. O armistício, que se firma no dia 2 de dezembro, estabelece um *status quo* territorial (com o exército russo e o alemão mantendo suas respectivas posições) e proporciona à delegação russa uma importante satisfação moral: as tropas alemãs da frente russa não serão transferidas à frente ocidental, se organizam "boas relações" entre os soldados russos e alemães, e são oferecidas condições ótimas para a confraternização e o desenvolvimento de propaganda revolucionária.

Nas conversações de paz que começam no dia 22 de dezembro, Trotski encabeça a delegação russa, convertendo-se, com tal encargo, no advogado de todos os povos ao enfrentar-se com a diplomacia imperialista, e utilizando-o igualmente para ganhar tempo e para desmascarar a política alemã. Contudo, no dia 5 de ja-

neiro, o general Hoffmann joga sua carta: Polônia, Lituânia, Bielorrússia e metade da Letônia devem permanecer ocupadas pelo exército alemão. Os russos ficam com o prazo de dez dias para responder sim ou não. Devem ceder ao machado que ameaça decapitá-los? Tem condições de resistir, como sempre haviam afirmado que fariam em tais condições, declarando uma "guerra revolucionária"? Nem Lenin, que defende a primeira destas posturas, nem Bukharin, partidário da segunda, conseguem maioria no Comitê Central, que, ao final, decide seguir Trotski por nove votos a sete. A resolução aprovada consiste em colocar fim à guerra sem assinar a paz. Trotski informará à delegação alemã que "a Rússia, ao mesmo tempo em que se nega a assinar uma paz com anexações, declara o fim da guerra". Os delegados russos abandonam Brest-Litovski. Por sua vez, a Alemanha, que acaba de assinar um tratado de paz com um governo fantoche da Ucrânia, comunica que considera a atitude russa como uma ruptura do armistício. No dia 17, os alemães lançam uma ofensiva em toda a frente. Lenin propõe ao Comitê Central voltar a empreender as conversações de paz. Sua moção é derrotada por 6 votos contra 5. Frente a ele, Bukharin e Trotski impuseram a decisão de "retardar o começo de novas negociações de paz até que a ofensiva alemã seja suficientemente clara e se revele sua influência sobre o movimento operário"[142]. Lenin considera que estas são frases ocas e que, de fato, a maioria do Comitê Central foge de suas responsabilidades. Questiona então o que será feito se o exército alemão continuar avançando e a revolução não acontecer na Alemanha: desta vez, o Comitê Central opina, por seis votos contra um (o de Yoffe) e quatro abstenções, que devem ser empreendidas novas negociações. Nesta votação Trotski se une a Lenin. No dia 18, o Comitê Central deve reunir-se mais uma vez, pois o avanço alemão é muito rápido na Ucrânia. Lenin propõe reiniciar as negociações partindo das propostas que a delegação russa se negou a aceitar anteriormente: de novo é seguido por Trotski e a moção é aprovada por sete votos contra cinco. O governo, então, entrará novamente em contato com o estado-maior alemão, cuja resposta chega no dia 23 de fevereiro. As condições pioraram: desta vez se exige a evacuação da Ucrânia, Livônia e Estônia. A Rússia será privada de 27% de sua superfície cultivável, de 23% de suas vias férreas e de 75% de sua produção de aço e ferro[143].

O Comitê Central volta a iniciar a discussão: Bukharin exige que se rechacem as condições alemãs e que se inicie a resistência, quer dizer, a "guerra revolucionária". Lenin solicita que se coloque fim ao "palavreado revolucionário" e ameaça mais uma vez renunciar caso o Comitê Central não adote sua posição. Stalin propõe, como mediação, que se voltem a empreender negociações. Lenin exige então que o Comitê Central se pronuncie de forma definitiva sobre a aceitação ou o rechaço imediatos das condições alemãs, defendendo, por sua vez, a aceitação de tais

142 BUNYAN, James, FISHER, Harold, *op. cit.*, pp. 510-511.
143 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 186.

condições, no que será apoiado por 7 votos contra 4. Trotski não está convencido, mas se nega a correr o risco de iniciar uma guerra revolucionária sem Lenin à frente do governo. No mesmo dia, o Comitê Executivo dos Soviets aprova a resolução do Comitê Central, que é defendida pelos bolcheviques por 116 votos contra 84, com a abstenção de um grande número de deputados mencheviques. O tratado que mutila a Rússia é assinado no dia 3 de março de 1918 em Brest-Litovski. Até o último momento foram consideradas todas as possibilidades, inclusive as ofertas de ajuda material e militar comunicadas pelos embaixadores dos países aliados: por outro lado, sobre este ponto, os mesmos agrupamentos no Comitê Central que são partidários da "guerra revolucionária" votam pelo rechaço da ajuda aliada. Em oposição a eles se encontra Trotski, que é favorável à aceitá-la se for o caso, e conta com o apoio de Lenin, cujo voto é a favor de "receber batatas e munições dos bandidos imperialistas"[144].

O partido à beira da divisão

A polêmica sobre o tratado de Brest-Litovski quase provocou uma ruptura no partido. Após a decisão do Comitê Central, um grupo de dirigentes, entre os quais se encontram Bukharin, Bubnov, Uritski, Piatakov e Vladimir Smirnov, se demitem de todas suas funções e reivindicam liberdade de agitação dentro e fora do partido. O Birô Regional de Moscou declara que deixou de reconhecer a autoridade do Comitê Central até que aconteça um congresso extraordinário e a convocatória de novas eleições. Com base em uma proposta de Trotski, o Comitê Central vota uma resolução que garante à oposição o direito de expressar-se livremente no partido. O órgão moscovita do partido, o *Sotsial-Demokrat*, inicia uma campanha contra a aceitação do tratado no dia 2 de fevereiro. A República Soviética da Sibéria se nega a reconhecer a validade e permanece em estado de guerra com a Alemanha.

No dia 4 de março, o comitê do partido em Petrogrado publica o primeiro número de um diário, o *Kommunist* (O comunista), cuja redação é formada por Bukharin, Karl Radek e Uritski, e que será posteriormente o órgão público da oposição dos que desde então serão chamados de "comunistas de esquerda". Esta iniciativa, que coincide com a celebração do congresso que foi exigido pela oposição e no qual suas teses são derrotadas, parece indicar sua determinação de seguir o caminho da ruptura, com a criação de um partido rival daquele que, desta vez por unanimidade, acaba de adotar o nome de "Partido Comunista".

De fato, os "comunistas de esquerda" propõem uma política completamente oposta à de Lenin. A brutal queda da produção industrial obrigou o Conselho de Comissários do Povo a restringir o alcance das iniciativas empreendidas pelos operários nas fábricas onde se iniciava o "controle operário". Primeiro no Comitê Central e mais tarde no congresso, Lenin promove a adoção de uma série de medi-

144 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo III, p. 146.

das enérgicas para deter a desorganização da indústria: a manutenção, pelo maior tempo possível, da administração capitalista das empresas, a oferta de concessões que assegurem os serviços dos especialistas e técnicos burgueses, o restabelecimento da direção e da administração por uma só pessoa e, por fim, o estímulo da produtividade operária mediante um sistema de premiação controlado pelos sindicatos. Lenin não esconde que, em sua opinião, o controle operário não é mais que um recurso emergencial, a ser utilizado enquanto não seja possível organizar um controle estatal. Para os comunistas de esquerda, essas medidas são um retrocesso da revolução. Segundo Bukharin, o partido se encontra em uma fase decisiva de sua história: ou a revolução russa encara a luta, sem acordos de nenhum tipo, contra o mundo capitalista mediante uma "guerra revolucionária", ao mesmo tempo em que completa sua obra no interior do Estado russo através de uma nacionalização total e da delegação da direção da economia a um organismo que represente os comitês de controle[145], ou firma a paz com a Alemanha e segue a via dos pactos externos e da degeneração interna.

Lenin afirma a necessidade de um período de "capitalismo de Estado" que restabeleça a economia; os comunistas de esquerda denunciam a aparição de relações "pequeno-burguesas" nas empresas e condenam a concepção "centralista burocrática" que as inspira, assim como o abandono, na prática, da tese do "Estado-comuna, administrado de baixo para cima" que deveria constituir a base do Estado operário. Bukharin fala então com ironia sobre a presença, agora obrigatória, de um "comissário" ao lado de cada uma daquelas cozinheiras chamadas a dirigir o Estado.

Lenin combate esta acusação com uma análise da situação "extraordinariamente penosa, difícil e perigosa do ponto de vista internacional; [que obriga a] contornar, retroceder; se trata de um compasso de espera de novas explosões revolucionárias que amadurecem penosamente no Ocidente; no interior da Rússia, trata-se de um período de lenta edificação, de inflexíveis chamados à ordem, um longo e difícil enfrentamento entre o rigoroso espírito de disciplina proletário com o elemento ameaçador da anarquia e da apatia pequeno-burguês"[146].

Nesta polêmica podem ser vistos, como afirma Robert V. Daniels, os germens dos futuros conflitos, o enfrentamento entre o aspecto realista e o utópico do bolchevismo? Ao contrário, sublinhamos, de acordo com E. H. Carr, que a discussão termina com a vitória de um princípio sobre o outro, pois não são princípios que se discutem. Certamente, Bukharin e seus companheiros temem que a aceitação da paz com a ameaça de um machado na garganta, signifique um abandono da política de revolução internacional e constitua, de um certo modo, um prólogo de uma espécie de linha de coexistência pacífica que somente poderia desembocar na

145 O autor se refere aqui aos comitês de fábrica, responsáveis pela aplicação do controle operário (N. do E.).

146 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo II, p. 405.

degeneração da revolução. No entanto, Lenin não abandona a perspectiva de uma revolução europeia: "É rigorosamente correta a afirmação de que sem a revolução alemã pereceremos", proclama[147]. Se nega a admitir a análise de Riazanov, que afirma que o partido se encontra no dilema de estar "com as massas camponesas ou com o proletariado da Europa Ocidental". Ele busca uma paz imediata que seria a condição indispensável para o apoio camponês e para a trégua, a ser feita à espera de reforços: "Seria um erro basear a tática do governo socialista da Rússia na tentativa de determinar se a revolução socialista vai eclodir ou não na Europa, e principalmente na Alemanha, durante os próximos seis meses"[148]. Lenin mantém também a posição de que "a revolução socialista deve ocorrer e ocorrerá de fato na Europa", afirmando novamente: "Todas as nossas esperanças na vitória definitiva do socialismo estão baseadas nesta certeza, nesta previsão científica"[149].

O restabelecimento da coesão

O partido vai restabelecer sua coesão durante os meses seguintes. A este respeito, a atitude de Trotski é decisiva. "Na atualidade, não haveria golpe mais grave para a causa do socialismo do que aquele que seria infligido com a divisão do poder soviético na Rússia"[150], declarou no Comitê Central. Esta preocupação em preservar as chances da revolução europeia, que é, afinal, a sua própria, e o forte respeito que mantém por Lenin são as principais motivações de sua atitude no Comitê Central e no congresso de março de 1918; em ambos organismos Trotski mantém suas reservas e suas críticas, mas multiplica igualmente seus esforços para impedir a cristalização de divergências. É ele que convence Yoffe e Dzerzhinski a não seguirem Bukharin em sua oposição pública e, ao mesmo tempo, quem oferece a este último, a fim de preservá-lo, total liberdade de expressão dentro do partido. Neste esforço de síntese pela democracia interna na perspectiva da revolução mundial, ele é, após ter evitado o racha, o principal agente da nova coesão.

Bukharin, que durante muito tempo parecia estar disposto a tudo, vacila. Criar um novo partido comunista e empreender uma luta contra a organização dirigida por Lenin, com a perspectiva de substituí-lo na direção revolucionária, não parece sensato. Também os comunistas de esquerda temem uma divisão que traz riscos consideráveis e sobre a qual teriam grande responsabilidade. O *Kommunist*, que havia sido transferido para Moscou, interrompe sua aparição diária e se converte em um semanário. No partido, a discussão não parece ser favorável à oposição. A partir de maio, esta perde a maioria em Moscou e na região dos Urais, dirigida por Preobrazhenski. Por acaso os comunistas de esquerda chegaram a considerar

147 *Ibid.*, p. 353.
148 *Ibid.*, p. 317.
149 *Ibid.*
150 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo III, p. 56.

uma possível aliança "parlamentar" com os SR's de esquerda, inimigos como eles do tratado, no Comitê Executivo dos Soviets? Parece que esta aliança lhes foi efetivamente proposta: uma pacífica mudança na maioria dentro do executivo teria, desta forma, provocado a substituição do governo de Lenin por um governo de Piatakov, partidário da guerra revolucionária. Bukharin, que posteriormente revelará estas conversações, deixa claro que os comunistas de esquerda rechaçaram as ofertas dos SR's de esquerda.

A atitude destes últimos será, precisamente, o que impulsionará a decisão da volta da oposição ao partido. Em julho, os SR's decidem iniciar uma campanha terrorista com o objetivo de impulsionar as hostilidades contra a Alemanha. Por ordem de seu Comitê Central, um grupo de SR's de esquerda, que conta com o jovem Blumkin, membro da Cheka, realiza com sucesso um atentado contra a vida do embaixador da Alemanha, o conde von Mirbach. Outros SR's de esquerda, que também pertencem à Cheka, prendem os dirigentes comunistas e tentam provocar um levante em Moscou. Os comunistas de esquerda, com Bukharin à frente, participarão da repressão a esse levante. Desta maneira, os debates do congresso dos soviets mostram o abismo que se abria entre os SR's de esquerda e os bolcheviques. Os comunistas de esquerda decidem permanecer no partido, pois, num momento de perigo, não há alternativa. Definitivamente, a crise do partido serviu para reforçar sua coesão. Lenin ratifica mais uma vez o direito que possuem seus oponentes de abandonar o partido, escrevendo no *Pravda* do dia 28 de fevereiro: "É perfeitamente natural que alguns camaradas que se opuseram ao Comitê Central o condenem não menos energicamente e expressem sua convicção de que a divisão é inevitável. Este é o direito mais elementar dos membros do partido"[151]

Um ano mais tarde, no dia 13 de março de 1919, dirá: "A luta que se originou em nosso partido no ano passado foi extraordinariamente positiva; suscitou diversos choques sérios, mas não há luta que não o faça"[152]. No momento dessa declaração, já se passaram dez meses desde que os membros da oposição se reintegraram às suas funções dentro do partido e lutam junto a ele em todas as frentes. A guerra civil, que se iniciou no dia 25 de maio de 1918 com o ataque da Legião Tchecoslovaca, vai durar trinta meses, esgotando o país e absorvendo todas as forças dos revolucionários. O mundo capitalista sustenta os exércitos brancos; para Lenin, como para os bolcheviques, a guerra civil é a manifestação da luta internacional em que se enfrentam o velho mundo e a vanguarda dos Estados Unidos Socialistas da Europa, que Trotski, segundo John Reed, considerava estar na ordem do dia e que figurava no programa da Internacional Comunista.

151 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, p. 63.
152 *Ibid.*, tomo XXIX, p. 71.

6

A GUERRA CIVIL E O COMUNISMO DE GUERRA

A guerra civil começa com o levante da Legião Tchecoslovaca em maio de 1918 e se propaga rapidamente. Os 50 mil tchecos e seus comandantes franceses que integram a Legião constituem uma tropa formidável, à qual que se somam ainda um número importante de voluntários russos. Marcham do oeste ocupando sucessivamente Cheliabinsk e Omsk, até alcançar o Rio Volga, na Rússia central. O êxito de sua incursão parece convencer os aliados a intervir de forma combinada: tropas franco-inglesas desembarcam em Murmansk no início de junho e, posteriormente, fazem o mesmo em Arkhangel, onde enviarão 12 mil soldados que oficialmente têm a missão de "proteger" a região contra um ataque alemão. No entanto, enquanto os *partisans* ucranianos, organizados pelos bolcheviques Piatakov, Evguenia Bosch e Kotziubinski, perseguem as tropas alemãs na Ucrânia, os aliados vão desembarcar 100 mil homens em Vladivostok, em agosto, sob o pretexto de apoiar os tchecos. No sul, o general monarquista Denikin mobiliza um exército de voluntários, equipado com armas e munição pelo governo britânico, que vai também enviar uma missão militar. Em setembro ocorre o primeiro triunfo soviético: Trotski, liderando o 5º Exército Vermelho, derrota os tchecos e reconquista Kazan.

A partir de novembro de 1918, os alemães serão, a princípio, eliminados; entretanto, os aliados vão substituí-los, invadindo pelas áreas desguarnecidas no Báltico e nos Dardanelos. Enquanto isso, nas tropas dos brancos, os elementos monarquistas e reacionários vão descartar os mencheviques e SR's; no dia 18 de novembro, o almirante Kolchak assume o comando do conjunto das forças contrarrevolucionárias. O ano de 1919 será o de maior perigo para os bolcheviques. As tropas francesas, que desembarcam em Odessa, somam aproximadamente 12 mil homens e ocupam o sul da Ucrânia e a Crimeia; os soldados ingleses ocupam

Batum e Baku, controlam o Cáucaso, o Kuban e o leste do Don, desembarcam em Revel, apoiando os governos brancos da região, ao mesmo tempo em que os aliados solicitam oficialmente aos alemães que mantenham as tropas do general von der Goltz em batalha contra os russos na Letônia e na Lituânia.

No início de 1919, o projeto de Clemenceau de cercar os bolcheviques está consumado. Louis Fischer resume assim a situação: "A oeste, a Rússia estava separada do mundo exterior pelo Báltico, pelos alemães, pela frota inglesa e pela Polônia; ao norte, pelas tropas inglesas, francesas, americanas e sérvias; ao sul, pelos franceses na Ucrânia, por Denikin no Kuban e pelos ingleses no Cáucaso e Transcáspia; por último, ao leste da Sibéria estão os japoneses e seus leais atamans[153]; e ao oeste dela estão os tchecos e Kolchak"[154]. Entretanto, entre os aliados não reina a harmonia: o primeiro-ministro inglês Lloyd George teme o surgimento de motins e manifestações e declara: "Se iniciássemos uma empreitada militar contra os bolcheviques, esta terminaria por bolchevizar a Inglaterra e por criar um soviet em Londres". Clemenceau, o marechal Foch e Winston Churchill, pelo contrário, defendem a ideia de intervenção.

Por fim, se impõe a solução mais prudente: os aliados decidem ajudar os brancos dando-lhes armas e equipamento. Em maio, Kolchak, o "chefe supremo", alcança os Urais; Denikin se apodera do sul; Yudenich, que vem da Estônia, ameaça Petrogrado, devastada por uma epidemia de tifo e pela fome. No dia 19 de outubro, seu exército se encontra a 15 quilômetros da cidade. A chegada do trem blindado de Trotski, que galvaniza os defensores da cidade, e um esforço heroico dos operários esgotados, conseguem salvar a situação, e no dia 21 Yudenich é derrotado. No mesmo momento a cavalaria vermelha inflige uma derrota às tropas de Denikin perto de Voronezh e um pouco mais tarde, o 5º Exército Vermelho consegue expulsar Kolchak de Omsk.

O regime soviético, que esteve a ponto de ser derrotado militarmente, emerge vitorioso. Kolchak foge para além dos Urais e os restos de seu exército são destruídos em janeiro de 1920. O próprio Kolchak será capturado e fuzilado. Ivan Smirnov, comissário político do 5º Exército, dirige a sovietização da Sibéria, o que lhe dará o apelido de "Lenin da Sibéria". O perigo volta a aparecer a oeste com a intervenção polonesa que dá lugar, em março, à contraofensiva do Exército Vermelho, vitoriosa de início, mas que fracassa em Varsóvia, onde os aliados apontaram o general Weygand[155] como "conselheiro". O armistício é assinado em setembro.

153 Os atamans eram os chefes cossacos. Enquanto muitos soldados cossacos, camponeses empobrecidos, passaram para o lado da revolução, os atamans (que possuíam terras e eram privilegiados na ordem czarista) vão no geral combater ao lado das forças contrarrevolucionárias (N. do E.).

154 FISCHER, Louis, *Les soviets dans les affaires mondiales*, Paris, N.R.F., 1933, p. 131.

155 Maxime Weygand (1867-1965) foi um destacado general francês durante a Primeira Guerra Mundial, conhecido por suas posições políticas à direita. Durante a ocupação francesa na Segunda Guerra Mundial, colaborou com o regime fascista de Vichy (N. do E.).

Durante a guerra com a Polônia, o barão Wrangel, general czarista, apoiado por conselheiros, capitais e materiais franceses, consegue reunir os restos do exército de Denikin, e atacar a Ucrânia vermelha, mas seu exército será derrotado em novembro de 1920, encerrando desta maneira a guerra civil.

As consequências da guerra civil

Os trinta meses de intensa luta modificam profundamente a atmosfera do país. Em sua História socialista da Revolução Francesa, Jean Jaurés escreveu algumas frases sobre esta que Boris Souvarine recordou oportunamente ao referir-se à guerra civil russa: "Quando um país revolucionário luta contra as frações internas e contra o mundo, quando a menor vacilação ou o menor erro podem comprometer, durantes séculos talvez, o destino de uma nova ordem, os que dirigem esta colossal empreitada não têm tempo para debater com os dissidentes ou para convencer seus adversários. Não podem dar grande espaço nem ao espírito de disputa nem ao de associação. Devem matar, devem atuar e, para conservar intacta sua força de ação, para não diluí-la, recorrem à morte para conseguir a unanimidade imediata que necessitam"[156]. Em Outubro, os vencedores se mostravam generosos: um dos primeiros atos do congresso dos soviets depois da insurreição foi abolir a pena de morte que havia sido suprimida em fevereiro, mas que foi restabelecida pelo governo Kerenski, por exigência dos chefes do exército. Os ministros do governo provisório derrotado, ao serem detidos, são quase imediatamente soltos. O general Krasnov, que foi preso logo após a Revolução de Outubro, é colocado em liberdade, junto com outros oficiais, depois de ter dado sua palavra de que não voltaria a levantar armas contra o regime soviético. Semelhante generosidade custará caro, pois estes homens se tornaram os quadros dos exércitos brancos durantes os meses seguintes.

Esta é a razão pela qual, após a revolta dos cadetes, Trotski adota um tom ameaçador: "Não entraremos no reino do socialismo de luvas brancas e sobre um piso encerado"[157]. A Cheka, criada pelo comitê militar revolucionário do soviet de Petrogrado e dirigida por Dzerzhinski, se transforma, em dezembro, em uma "Comissão Extraordinária de Combate à Contrarrevolução e à Sabotagem"; desenvolve suas atividades e começa a atuar a partir de março, durante a ofensiva alemã; a repressão se intensifica de julho em diante, quando os SR's assassinam Volodarski e os aliados desembarcam no norte. O antigo SR Savinkov, que provavelmente atuava a soldo do "Segundo Birô"[158] francês, organiza um levante em Yaroslavl. O avanço dos tchecos obriga os dirigentes do soviet dos Urais, aconselhados pelo bolchevique Beloborodov, a executar, durante a noite de 16 de julho de 1918, o czar

156 SOUVARINE, Boris, *Staline: aperçu historique du bolchevisme*, Paris, Plon, 1935, p. 237.
157 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo I, p. 174.
158 O Segundo Birô do Estado-Maior Geral era o serviço de espionagem e infiltração francês, encarregado das ações contra tropas inimigas (N. do E.).

e sua família. A insurreição dos SR's de esquerda em Moscou e a série de atentados que acontecem contra os dirigentes bolcheviques vão provocar um giro radical. No dia 30 de agosto, Uritski morre e Lenin é gravemente ferido pela terrorista SR Fanni Kaplan na saída de um comício. O Comitê Executivo dos Soviets decide responder ao "terror branco" com o "terror vermelho". A Rússia então conhecerá também seus "massacres de setembro"[159].

O "terror vermelho" é um terror de classe.

> A Cheka – declara o chekista Latsis – não julga, golpeia... já não lutamos contra alguns inimigos isolados, exterminamos a burguesia como classe. Não busquem nos arquivos dos acusados provas de que eles se opõem ou não ao governo soviético com palavras ou com atos. O que nos interessa é saber a que classe social pertencem, sua instrução e sua profissão. Estes são os dados que decidem sua sorte[160].

O caráter extraordinário da missão da Cheka é ressaltado por Peters, outro de seus dirigentes, que declara: "em sua atividade, a Cheka é completamente independente ao efetuar registros, prisões e execuções e só presta contas ao Conselho de Comissários do Povo e ao Comitê Executivo dos Soviets"[161].

Evidentemente, é impossível dar números precisos no que concerne à amplitude de tal repressão. Os números oficiais são certamente muito inferiores à realidade, mas refletem a importância do giro de julho: Peters informa 22 execuções nos seis primeiros meses de 1918 e seis mil nos seis últimos. O historiador Chamberlin considera que o total de 50 mil vítimas seria bastante verossímil. Entretanto, este número é muito menor que o total de vítimas dos brancos. Como ressalta Victor Serge, devemos considerar que, de conjunto, o terror vermelho será responsável por menos vítimas que alguns dos mais sangrentos dias da batalha de Verdun.

Seja como for, os bolcheviques têm a consciência de que é preciso pagar um preço alto se, no futuro, querem evitar um número ainda maior de mortes. Os dirigentes, fiéis aos seus princípios, não dissimulam sua política terrorista, nem a renegam. No soviet de Kazan, Trotski declara:

> Neste momento, em que se acusam os operários de crueldade na guerra civil, afirmamos, instruídos pela experiência, que a indulgência com as classes inimigas seria, na atualidade, a única falta imperdoável que poderia cometer a classe operária russa. Combatemos em nome do maior bem da humanidade, em nome de sua regeneração, para tirá-la das trevas e da escravidão[162].

---

159 Referência à época de maior intensidade da repressão durante o governo dos jacobinos na Revolução Francesa (N. do E.).
160 Citado por FAINSOD, Merle, *How Russia is ruled*, Harvard, Harvard University Press, 1961 p. 359.
161 *Ibid.*, pp. 536-537.
162 Citado por SERGE, Victor, *L'An I...*, *op. cit.*, p. 355.

Ao dirigir-se aos operários americanos que eram informados sobre todas as atrocidades do terror vermelho, Lenin declara:

> Nossos erros não nos deixam com medo. Os homens não se converteram em santos pelo fato da revolução ter começado. As classes trabalhadoras, oprimidas, embrutecidas e mantidas pela força na miséria, na ignorância e na barbárie durante séculos, não podem fazer uma revolução sem cometer erros (...). Não se pode guardar em um caixão o cadáver da sociedade burguesa e enterrá-lo. O capitalismo morto apodrece, se decompondo entre nós, infectando o ar com seu fedor e envenenando nossa vida: o que é antigo, podre e morto se agarra com milhares de vínculos e ligações a tudo que é novo, fresco e vivo[163].

Mais do que a Checa, entretanto, foi o Exército Vermelho e seus feitos que marcaram seus contemporâneos. Trotski, nomeado comissário do povo para a Guerra em março de 1918, está convencido de que a revolução não vencerá se não dispuser de um verdadeiro exército moderno, disciplinado, instruído e dirigido por um verdadeiro estado-maior de especialistas. O antimilitarismo não deve paralisar os revolucionários em suas iniciativas, mas inspirá-los em sua vontade de luta, se tornando o combustível de sua vitória. Mesmo assim, o decreto sobre a instrução militar escrito por Trotski recorda que um dos fins essenciais do socialismo é "liberar a humanidade do militarismo e da barbárie causados pelos conflitos sangrentos entre os povos"[164]. Na opinião de Trotski, "o trabalho, a disciplina e a ordem vão salvar a república dos soviets"[165]. O comissário da Guerra empreende esta tarefa com a ajuda de um reduzido estado-maior de militantes, em cuja primeira linha se encontra um homem muito jovem, o estudante Sklianski, que se revela um grande organizador. É preciso mobilizar, instruir, enquadrar e dar ordens a vários milhões de homens. Deve-se armar, equipar e dar provisões ao Exército Vermelho. Mas um exército moderno necessita de técnicos. Estes existem: são os antigos oficiais czaristas, em sua maioria hostis ao regime soviético. Apesar da resistência de vários bolcheviques, Trotski vai utilizá-los – são mais de 30 mil –, resolvendo o problema de como controlá-los com a criação dos comissários políticos, que, ao mesmo tempo, têm a missão de manter a moral revolucionária dos soldados, operários e camponeses.

Lenin chama os operários de Petrogrado a dedicar-se a esta tarefa: "Permanecer em Petrogrado morrendo de fome e perambulando pelas fábricas vazias, alimentando o fútil sonho de restaurar a indústria na cidade ou defendê-la, é estúpido e criminoso. Os operários devem partir em dezenas de milhares para os Urais, para o Volga, para o sul. (...) Ali é onde o operário de Petrogrado é indispensável

163 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVI, pp. 67-68.
164 BUNYAN, James, FISHER, Harold, *op. cit.*, p. 572.
165 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 407.

como organizador, como guia e como chefe"[166]. Antigos oficiais, como Tukhachevski ou Shaposhnikov, vão fazer parte da liderança do Exército Vermelho junto de militantes bolcheviques como os operários Voroshilov e Schmidt, ou os antigos suboficiais Budioni, Blucher e Frunze, ou ainda como o marinheiro Muklevich e o estudante Yakir. Os marinheiros de Kronstadt e os operários de Petrogrado estarão em todas as frentes da guerra civil, assumindo as mais altas responsabilidades políticas e militares. Assim, Bukharin e Preobrazhenski podem escrever que: "A república é um acampamento fortificado. Vivemos sob o regime da ditadura militar do proletariado"[167].

O "comunismo de guerra" nasce, então, das próprias necessidades de guerra. Para mobilizar os operários, é preciso controlar todas as potencialidades do país, e será necessário nacionalizar a indústria sem que os operários tenham o tempo de passar, antes, pelo aprendizado do controle operário. A alimentação do exército e a provisão de armamentos são imperativos absolutos. O comércio privado desaparece por completo; para poder alimentar os soldados e os habitantes das cidades, destacamentos de operários armados percorrem as aldeias e confiscam os cereais. Os camponeses pobres são organizados contra o *kulak*, servindo assim como defesas do regime. Como as rendas fiscais são nulas e o governo não dispõe do aparato administrativo necessário para a cobrança de imposto, o Estado imprime dinheiro sem parar. As dificuldades aumentam com uma inflação gigantesca que somente pode ser combatida com mais medidas de controle. Os salários estão muito abaixo do mínimo necessário para garantir a alimentação, e são pagos em espécie. Como aponta Isaac Deutscher, esta situação reflete uma amarga ironia: o controle governamental total, a supressão do mercado, a desaparição da moeda e a igualdade nas condições de vida se parecem à realização do programa comunista, quando na realidade não passam de sua triste caricatura; de fato, este comunismo não surge do desenvolvimento das forças produtivas, mas sim de sua destruição. Não é mais que a igualdade em uma miséria que se aproxima muito do retorno à barbárie. São necessárias todas as energias revolucionárias dos bolcheviques para vislumbrar, por trás das cruéis chamas desta imensa fogueira, o que Trotski, ao dirigir-se aos jovens comunistas chama de "a luta do homem para se tornar senhor de sua própria vida"[168].

O partido dos soviets

A insurreição dos SR's de esquerda, em julho de 1918, marca o fim do período pluripartidarista no sistema soviético. No IV Congresso Panrusso dos Soviets, de

166 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes, op. cit.*, tomo XXVI, pp. 67-68.

167 BUKHARIN, Nikolai, PREOBRAZHENSKI, Evgueni, *L'A.B.C. du communisme*, Paris, L'Humanité, 1923, p. 191.

168 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed, op. cit.*, p. 442.

um total de 1.164 deputados, havia, além dos 773 bolcheviques, 353 SR's de esquerda, 17 maximalistas[169], dez sem partido, quatro anarquistas e quatro mencheviques internacionalistas[170]. Posteriormente, não haverá jamais uma minoria tão importante no congresso panrusso. Nos outros soviets, a composição política se modifica radicalmente a partir de julho de 1918. Desde então, os bolcheviques gozam de um predomínio esmagador, já que os não bolcheviques aparecem como "sem partido", única prudente para um menchevique ou um SR. No fim de 1919, o soviet de Petrogrado conta com aproximadamente 1.800 deputados, dos quais 1.500 são bolcheviques, ou seja, 82%. 300 são "sem partido", três são mencheviques e dez são SR's. O soviet de Saratov tem 472 bolcheviques de um total de 644 deputados, ou 72,9%, 172 deputados "sem partido" e quatro "vários". Os congressos provinciais na primeira metade de 1918 contavam com 48,4% de deputados bolcheviques, 19,5% de deputados de outros partidos e 32,1% de "sem partido". Nos seis últimos meses do mesmo ano contam com 72,8% de bolcheviques, 18,3% de "sem partido" e 8,9% pertencentes a outros partidos. A evolução é ainda mais significativa nos congressos regionais, que, nos primeiros meses de 1918, contam com 52,4% de deputados bolcheviques, 24,5% de deputados de outros partidos, dos quais 16,8% são SR's de esquerda e 23,1% de deputados "sem partido". Depois dos acontecimentos do verão, passam a 90,3% de bolcheviques, 5,7% de "sem partido" e 4% de deputados de outras organizações. O processo não deixará de acentuar-se até 1921, ano em que os bolcheviques serão representados por 90% dos deputados presentes nos congressos regionais[171].

Entretanto, o predomínio quase exclusivo dos bolcheviques nos organismos soviéticos está longe de ser a principal característica do aparato estatal durante a guerra civil. De fato, os soviets vão, pouco a pouco, sendo esvaziados de suas atividades e de participação, ao mesmo tempo em que os militantes do partido vão sendo mobilizados para cuidar dos setores mais essenciais do Estado. Tanto o Exército Vermelho como a Cheka escapam por completo da influência dos soviets, por serem diretamente vinculados à autoridade central. Porém eles englobam uma parte muito importante da atividade política e administrativa, reduzindo assim os soviets a uma competência puramente local, exercida em geral por seu presidium, seus comitês executivos e seu aparato técnico de funcionários, herdados muitas vezes do antigo Estado czarista. No VII Congresso Panrusso, em dezembro de 1919, Kamenev descreveu assim seu funcionamento: "Sabemos que durante a guerra os melhores trabalhadores saíram em massa das cidades e que muitas vezes isso resul-

169 Membros da União dos Socialistas Revolucionários Maximalistas, partido criado a partir de uma ruptura dos SR's. Os maximalistas rejeitavam o modelo de revolução em duas etapas defendido por Tchernov, e reivindicavam a aplicação do programa da "segunda etapa", ou seja, o programa diretamente socialista (N. do E.).

170 Citado por SERGE, Victor, *L'An I...*, *op. cit.*, p. 305.

171 Citado por ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, p. 291.

ta em que precisamos recriar um soviet em determinada província ou cidade, dando-lhe condições para que tenha um funcionamento regular. [...] As assembleias do soviets definham, enquanto organismos políticos, pois frequentemente seus participantes se ocupam das tarefas puramente técnicas. As assembleias gerais dos soviets ocorrem em raras ocasiões, e quando os deputados se reúnem, é somente para serem informados de uma circular, para escutarem um discurso etc."[172]. Ele resume a nova situação que ocorre nos soviets, declarando ao IX Congresso do partido: "Nós administramos a Rússia e só podemos fazê-lo através do intermédio de comunistas"[173]. E de fato, todos os cargos de responsabilidade de Estado, em todos os níveis do poder soviético, são ocupados por bolcheviques, do mesmo modo que os da Cheka e do Exército Vermelho.

E os líderes bolcheviques não fazem segredo desta realidade.

> O poder soviético – afirma Zinoviev – não teria durado três anos, nem sequer três semanas, se não fosse pela férrea ditadura do partido comunista. O controle do partido sobre os órgãos soviéticos e sobre os sindicatos é a única garantia sólida de que nenhuma camarilha nem grupo de pressão poderá impor-se e de que somente prevalecerão os interesses do proletariado em sua totalidade[174].

Por outro lado, Trotski usa grande parte de sua obra *Terrorismo e comunismo* para justificar a "ditadura do partido". Nela escreve:

> O partido assegurou aos soviets a possibilidade de transformar-se, de converter-se em parlamentos operários que constituem, de fato, um instrumento de poder dos trabalhadores. Em tal substituição do poder da classe operária pelo poder do partido não há nada equivocado e, no fundo, não existe "substituição" alguma. Os comunistas expressam os interesses fundamentais da classe operária. É perfeitamente natural que, em uma época em que a história coloca como atual a discussão de tais interesses em toda sua extensão, os comunistas se convertam em representantes legítimos da classe operária em sua totalidade[175].

Entretanto, esta transformação das relações entre os soviets e o partido durante o primeiro ano da guerra civil afetou também, de forma não menos profunda, o próprio partido. Antes de 1917 os "revolucionários profissionais" formavam em certa medida o "aparato" do partido, cuja estrutura havia desempenhado um papel fundamental entre fevereiro e outubro de 1917. Porém, desde a tomada do poder e, principalmente, desde o começo da guerra civil, os antigos "revolucionários profissionais" deixam de ser militantes cujo campo de ação é o partido e a classe. Como

172 *Ibid.*, p. 297.
173 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo I, p. 239.
174 Citado por ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, p. 303.
175 TROTSKI, Leon, *Défense du terrorisme*, Paris, Nouvelle revue critique, 1936, p. 120.

afirma Bukharin, estes se transformam em "chefes do exército, soldados, administradores e governantes operários"[176]. Em 1919 ainda não existem os "dirigentes liberados"[177] nas organizações locais do partido, nem mesmo um embrião de aparato central. Sverdlov, secretário do Comitê Central, é auxiliado por um estado-maior de não mais que quinze camaradas; isto se deve a que, ao mesmo tempo em que desempenha suas funções internas, é presidente do Comitê Executivo dos Soviets. Por outro lado, os organismos regulares só se reúnem em raras ocasiões; as decisões importantes referentes à orientação geral são tomadas no Comitê Central e os organismos soviéticos se limitam a ratificá-las, através dos membros do partido, desde o Comitê Executivo até os soviets locais. As diretivas políticas referentes aos aspectos mais específicos elaborados diretamente por Sverdlov e Lenin, que são os únicos a manter contato com os dirigentes políticos que a guerra dispersou por todo o país, são transmitidas, preferencialmente por Sverdlov, através de uma rede de soviets ou, na realidade, através da rede de membros do partido que trabalham nos soviets.

O poder dos comunistas se afirma enquanto se dá, paralelamente, uma espécie de eclipse de seu partido. Ele não tem mais autonomia financeira e, portanto, a este respeito, depende totalmente dos soviets. De fato, Sverdlov afirma que as organizações bolcheviques locais não são mais que os "departamentos de agitação dos soviets locais"[178]. O partido parece ter se fundido com os soviets, que são o único canal de transmissão de suas consignas. Por outro lado, o próprio vocabulário utilizado demonstra até que ponto os próprios dirigentes ainda concebem o partido em termos de homens mais do que em termos de aparato. Uma boa prova disto é a dedicatória de *ABC do comunismo*, de Bukharin e Preobrazhenski, dirigida "ao partido que comanda um exército de milhões de homens mas dorme nas trincheiras, ao partido que governa um país imenso e carrega lenha em seu sábado de trabalho voluntário"[179].

Preobrazhenski não escandalizará ninguém ao sugerir que se dissolva o partido que, em sua opinião, se tornou inútil, pois os comunistas são os dirigentes reconhecidos do Estado. Osinski propõe que se formalize a situação que já existe de fato, sugerindo a fusão do Conselho de Comissários do Povo com o Comitê Executivo dos Soviets em um único órgão colegiado onde devem ser incluídos todos os membros do Comitê Central do partido. Este plano acabou sendo colocado em prática na Letônia soviética, sob a direção de Stuchka. Mas a urgência em solucionar este problema não parece ser sentida naquele momento: a capacidade de Sverdlov – um homem cuja autoridade se baseava em seu senso de lealdade – permite

176 BUKHARIN, Nikolai, em *Bulletin communiste*, nº11, 15 de março de 1923, pp. 64-65.
177 A expressão "liberados" se refere aos militantes profissionais que recebem um salário para se ocupar integralmente das tarefas de uma organização política ou de um sindicato (N. do E.).
178 SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 243.
179 BUKHARIN, Nikolai, PREOBRAZHENSKI, Evgueni, *op. cit.*, dedicatória sem paginação.

ao partido atravessar esta etapa "sem nenhum conflito digno de menção"[180]. Porém sua morte, ocorrida no dia 17 de março de 1919, vai obrigar o partido a repensar os princípios de seu funcionamento e, igualmente, a revisar as relações entre o partido e os soviets, e a restituir ao partido sua "independência".

A construção do aparato do partido

É o VIII Congresso que vai se encarregar desta tarefa. Todos parecem estar de acordo no que se refere ao princípio básico: o partido deve dirigir os soviets e não substituí-los. É preciso garantir o seu funcionamento normal devolvendo a estes uma identidade diferenciada e paralela. Os soviets funcionam mal, o próprio congresso panrusso não se reuniu mais do que uma vez durante todo o ano. Mas estes só poderão voltar a funcionar bem se seu motor, o partido, for revisado, e conseguir funcionar bem em todos os níveis. Em primeiro lugar, os membros do partido devem parar de simplesmente executar diretrizes, e também de discutir livremente, seja no seio dos organismos soviéticos, ou em qualquer outra parte, com os sem partido. Ao contrário, os comunistas, onde quer que se encontrem, devem organizar-se em "frações do partido, submetidas a uma disciplina estrita", conforme a tradição bolchevique ou mesmo da social-democracia alemã. O Comitê Central deverá funcionar normalmente, ou seja, deverá reunir-se ao menos duas vezes por mês. Nos intervalos entre suas reuniões, um Birô Político terá a missão de tomar as decisões urgentes, atribuição que até certo ponto será dada ao seu executivo, uma espécie de subcomitê responsável e composto a princípio por cinco membros: Lenin, Trotski, Stalin, Kamenev e Bukharin.

As bases do aparato se afirmam com a criação do Birô de Organização do Comitê Central, encarregado da distribuição dos dirigentes do partido nos diferentes postos, trabalho que até este momento havia sido feito de maneira anárquica; também é criado o cargo de secretário do Comitê Central, encarregado do funcionamento geral da organização e da garantia da execução das decisões do congresso. Krestinski, que foi eleito secretário e membro do Birô de Organização, assim como Stalin, membro do Birô Político e do Birô de Organização, se encarregam do necessário enlace e coordenação entre ambos os organismos. No congresso seguinte, ao mesmo tempo em que declara sua aprovação à medida e mostra sua preocupação em não deixar que burocracia do aparato tome conta do partido e de seus delegados, Lenin dirá:

> No curso deste ano, o trabalho feito pelo Comitê Central foi dirigido por seus organismos eleitos, o Birô de Organização e o Birô Político. Para permitir a coordenação e a unidade de critérios entre eles, o secretário era membro de ambos. A prática demonstrou que a função principal e ca-

180 Citado por TROTSKI, Leon, *O testamento de Lenin*, em *IV Internationale*, nº14, p. 45.

familiar de Lenin ou de Trotski. Na família de Yonov, cunhado de Zinoviev, membro do Comitê Executivo e diretor da Livraria Estatal, um recém-nascido morre de inanição. Mas também é indiscutível que os militantes operários, que, segundo a expressão de Bukharin, se converteram em "governantes de operários", vão perder seu estado de espírito inicial e que a função que passaram a desempenhar vai mudar pouco a pouco seu estado de espírito. De forma ainda imperceptível, se inicia um processo que Christian Rakovski denomina "diferenciação funcional" e que irá levar um bom número de comunistas a abandonar completamente qualquer vínculo com a classe operária à qual pertenciam.

Os partidos socialistas

Os métodos do comunismo de guerra, as exigências de uma conjuntura perigosa, o desaparecimento do partido como grupo político frente ao aparato de um Estado controlado por seus militantes e governado por seus dirigentes, servem, assim como a situação de guerra civil, para explicar a contraditória atitude em que se encontram durante este período os outros partidos socialistas. Em diversas ocasiões, os dirigentes bolcheviques reafirmam sua lealdade ao princípio da democracia proletária: a ditadura se dirige apenas contra o inimigo de classe e os partido operários devem desfrutar das liberdades essenciais. Mas ao mesmo tempo em que dizem isto os bolcheviques os atacam ou perseguem, perseguindo-os o suficiente para colocá-los de fato fora da lei, mesmo quando não contam com o argumento irrefutável que é sua participação em atos armados contra o regime soviético.

Em seu Conselho Nacional de maio de 1918, os SR's definem posição a favor da intervenção estrangeira "com fins puramente estratégicos". Enquanto Semenov organiza em Petrogrado os grupos terroristas que irão assassinar primeiramente Volodarski e depois Uritski, preparando atentados contra Lenin e Trotski que estiveram a ponto de obter êxito, outros dirigentes participam nos governos brancos, como em Samara, sob a proteção dos tchecos, em Arkhangel e junto com os ingleses em Omsk. O SR's Avksentiev preside a conferência de unificação dos brancos em Ufa, que acontece em setembro de 1918, fazendo parte do governo provisório que derrubará em novembro o almirante Kolchak. Os SR's de esquerda tentaram inflamar, em julho, uma revolução em Moscou: alguns dias mais tarde, um deles, o coronel Muraiev, tenta lançar suas tropas contra os bolcheviques.

O partido menchevique está ligado de maneira menos direta a todos estes atos: no entanto, o dirigente sindicalista Romanov figura entre os conselheiros de Denikin; Maiski, membro do Comitê Central, é ministro do já citado governo de Samara, enquanto outros membros menos destacados servem aos brancos em diferentes cargos. No entanto – e de forma tardia certamente –, o partido desautoriza tais iniciativas: Maiski é expulso em setembro de 1918. A conferência que acontece em maio de 1918 se pronuncia a favor de uma nova convocatória de assembleia

constituinte, consigna que é adotada neste período por todos os defensores da contrarrevolução armada, e o partido, apesar de uma oposição de princípio à intervenção estrangeira, mantém em suas fileiras os partidários de Lieber, que exigem abertamente uma aliança militar com os aliados. Assim, o governo bolchevique podia alegar que os mencheviques não haviam dado, até junho de 1918, uma prova tangível de sua vinculação à legalidade soviética e de sua ruptura com os ataques armados dos brancos e, com esta justificativa, considerá-los como suspeitos.

Esta é a razão pela qual, em 14 de junho, os deputados do Comitê Executivo votam uma resolução defendida por Sosnovski, pela qual excluem de seus organismos os SR's de direita e de centro, assim como os mencheviques, por sua aliança com os contrarrevolucionários e convidam "a todos os soviets de operários, camponeses e soldados a excluir de seu interior os representantes de tais partidos". O diário menchevique *Vperiod* continua, entretanto, aparecendo em Petrogrado, onde, segundo Victor Serge, conta com ampla audiência em 1918. Os SR's de esquerda se desintegraram depois da insurreição de julho: alguns militantes que discordam de tal ação, organizados nos grupos "comunistas-revolucionários" e "comunistas -populares", tentam manter a aliança dos SR's de esquerda com os bolcheviques. Os dirigentes SR's de esquerda são julgados em novembro e condenados a penas leves (três anos de prisão na maioria dos casos): um ano para Spiridonova, que seria liberada em breve, e para Blumkin, o assassino de von Mirbach, que se filia ao partido bolchevique e parte para a frente de batalha. A Cheka reprime alguns grupos anarquistas, permitindo a outros que se desenvolvam, publiquem jornais e discutam violentamente entre eles. Serge, que os conhece bem, afirma que preparam uma insurreição para novembro de 1918, mas que renunciam a ela por não saber, em caso de vitória, que medidas tomar para combater a onda de fome. O líder camponês da Ucrânia Makhno chega a Moscou durante o verão para discutir com seus correligionários, sendo recebido por Lenin e Sverdlov, que o ajudam a voltar à Ucrânia – ocupada na época por austro-húngaros e pelos brancos, encabeçados pelo cossaco Skoropadski –, onde organizará sua famosa guerrilha camponesa.

Durante o outono, a pressão externa diminui, com o início da debandada alemã e, mais tarde, com a revolução de novembro[187]. O VI Congresso, integrado exclusivamente por delegados bolcheviques, solicita a volta à "legalidade revolucionária" e a limitação dos poderes da Cheka. Apesar do decreto de exclusão de que são objetos, Lenin convida Dan e Martov porque, segundo ele mesmo afirma, "necessita de sua crítica". No fim de outubro de 1918, o Comitê Central menchevique, reunido em Moscou, resolve abandonar a consigna decididamente contrarrevolucionária de convocação de uma constituinte, reconhece a Revolução de Outubro como "historicamente necessária" e, ao mesmo tempo em que exige "o fim do terror eco-

187 Trata-se da primeira onda da Revolução Alemã, que ocorre em novembro de 1918. Apesar dos comunistas serem derrotados, a revolução vai derrubar o kaiser, e forçar a Alemanha a se retirar da guerra e dos territórios que ocupava (N. do E.).

nômico e político" e "eleições livres nos soviets", se compromete a "apoiar as operações militares do governo soviético contra a intervenção estrangeira". O executivo dos soviets anula no dia 30 de novembro a medida de exclusão adotada por ele em 14 de junho: os mencheviques são admitidos de novo nos soviets. Em um grande discurso à conferência operária, Lenin justifica esta política de abertura:

> No momento atual, quando a revolução explodiu na Alemanha, aconteceu um giro nos mencheviques e nos socialistas-revolucionários. Os melhores elementos entre eles aspiram ao socialismo. Eles pensavam que os bolcheviques corriam em direção a um fantasma, um conto de fadas. No entanto, hoje estão se convencendo de que aquilo que esperavam os bolcheviques não era fruto da imaginação, mas uma realidade de carne e osso, de que a revolução mundial chegou e se estende pelo mundo todo; os melhores entre os mencheviques e os SR's começam a arrepender-se de seu erro, começam a compreender que o poder dos soviets não é somente russo, mas simboliza o poder dos operários em escala mundial. (...) Quando alguém compreende seu erro deve ser acolhido. (...) Nosso único inimigo é aquele que vive do trabalho alheio. Os outros não são nossos inimigos, simplesmente estão vacilando, mas o fato de vacilar não os torna inimigos[188].

Os socialistas-revolucionários vão entrar por esta porta que lhes é aberta. Sua experiência com os brancos lhes deu algumas lições: tanto em Samara como em Omsk, e mais tarde na Sibéria, se viram oprimidos pelos generais czaristas. Em fevereiro de 1919 acontece em Petrogrado uma conferência SR que condena a luta armada contra o poder soviético. Os antigos dirigentes do levante de Samara que se rendem são perdoados imediatamente. Lenin defenderá em março, perante o VIII Congresso do partido, a legalização dos mencheviques e dos SR's, cujo jornal *Delo Naroda* (A causa do povo) volta a aparecer durante certo período. Em julho de 1919, em um manifesto que carrega o título de "Que fazer?", os mencheviques exigem o retorno ao funcionamento normal do regime soviético, eleições livres com votação secreta e liberdade de agitação e propaganda para os partidos socialistas. Em outubro, o soviet de Petrogrado volta a distribuir armas aos grupos anarquistas que são dirigidos por Kalabushkin e que irão participar com grande sucesso da defesa da capital. Em dezembro, durante o VII Congresso Panrusso, Trotski, com "verdadeira alegria, sem dupla intenção nem ironia", agradece a Martov por seu ataque às violações da Constituição e por sua exigência de restauração das liberdades: "Falou sobre *nosso* exército e *nossa* luta internacional e, ao agir assim, reforçou politicamente e moralmente nossa causa"[189].

Em janeiro de 1920, a suspensão do bloqueio imposto pela "Entente" parece anunciar o fim da guerra civil: se reduzem os poderes da Cheka, volta a ser abolida a pena de morte. Os mencheviques dispõem em Moscou de um clube e de certo

188 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXVIII, pp. 377-378.
189 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 447.

número de sedes: alguns trabalhadores britânicos participam em maio de uma reunião de seu Comitê Central. Em agosto, fazem uma reunião que é registrada pela imprensa. Dirigem sindicatos como o de impressores e intervêm como tendência organizada nos congressos. Possuem delegados na maioria dos soviets locais: são somente 46 em Moscou, mas em Kharkov chegam a 250. No início de 1920, os socialistas-revolucionários, agrupados em torno de Steinberg, publicam um novo jornal que se pronuncia "contra o monopólio bolchevique do poder" e exige o retorno a uma "verdadeira democracia operária"[190].

Os anarquistas

As relações com os anarquistas são mais complexas, principalmente pela multiplicidade de grupos em que se dividem. Um destes, em julho de 1919, coloca uma bomba nas sedes que o partido possui em Petrogrado, ferindo Bukharin. Apesar disto, Lenin escreve: "Vários operários anarquistas se tornam agora os mais sinceros defensores do poder dos soviets e, portanto, nos dão a prova de serem nossos melhores camaradas e amigos, os melhores revolucionários, que não eram inimigos do marxismo a não ser como consequência de um mal entendido, ou melhor dizendo, não como consequência de um mal entendido, mas por culpa da traição do socialismo oficial da II Internacional ao marxismo, de sua degradação ao oportunismo e sua falsificação da doutrina de Marx e das lições da Comuna de Paris de 1871"[191]. Em setembro, o anarquista alemão Muhsam escreve desde a fortaleza de Augsbach, expressando o ponto de vista de numerosos libertários: "As teses teóricas e práticas de Lenin sobre a realização da revolução e as tarefas comunistas do proletariado deram uma nova base à nossa ação. (...) Já não existem obstáculos insuperáveis para a unificação da totalidade do proletariado revolucionário"[192]. O II Congresso da Internacional Comunista será palco de negociações que, nos bastidores, ocorrem entre Lenin e o anarquista Aleinikov sobre as condições de uma colaboração entre os libertários e os bolcheviques.

O acontecimento mais importante do movimento anarquista na Rússia foi a epopeia do movimento camponês de Makhno[193], que têm como auge o outono de 1918 na Ucrânia. De volta à sua província, depois de uma viagem a Moscou durante o verão de 1918, o jovem anarquista organiza seus primeiros ataques armados e faz as primeiras incursões contra o chefe cossaco Skoropadski, fantoche das potências da Europa Ocidental. No fim de 1918 já possui 1.500 homens sob seu comando e no início de 1919 organiza, no território que controla, um congresso

190 Citado por ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, p. 293.

191 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXIX, p. 567.

192 MUHSAM, Eric, em *Bulletin communiste*, 22 de julho de 1920.

193 Veja-se o ponto de vista "makhnovista" em *La révolution inconnue*, de Boris Volin. O estudo mais completo foi realizado por David Footman em *Soviet Affairs*, nº16, e em *Civil War in Russia*, pp. 245-305.

que designa uma espécie de governo regional: o Conselho Militar Revolucionário dos Operários e Camponeses Insurgentes. No final de fevereiro, Makhno entra em contato com o Exército Vermelho, que reconhece sua autoridade e se compromete a ajudá-lo: suas unidades recebem comissários políticos até o nível de regimento, mas conservam seu título de Exército Insurgente e sua bandeira negra. Ainda que se preparem para uma ação militar comum contra o exército de Denikin, a capital de Makhno, Guliaipole, se converte em um centro político do anarquismo russo com a chegada de Volin, antigo redator-chefe do *Nabat* (O alarme), de Kiev, que os bolcheviques acabam de proibir, e do teórico moscovita Arshinov. Ambos vão desempenhar um importante papel no movimento makhnovista.

A convocatória de um novo congresso dos insurgentes aumenta notavelmente a tensão nas relações com as autoridades soviéticas, ainda mais quando as unidades do exército russo são convidadas a enviar seus delegados. Como estas divergências acontecem em plena ofensiva branca, Makhno se demite de suas funções. Durante o verão, ele se alia com um aventureiro, o oficial Grigoriev, a quem vai assassinar pouco tempo depois em uma emboscada, obtendo assim o comando de seus homens. Em setembro, conquista uma grande vitória sobre Denikin. No final deste ano está no auge de seu poder.

Sem dúvidas, se discutirá ainda durante muito tempo sobre o papel desempenhado por este personagem abnegado, brutal e fanfarrão, de pouca inteligência, porém enorme capacidade de trabalho, e principalmente, dotado de um extraordinário talento para dirigir pessoas. Seu Exército Negro será dono de toda a Ucrânia durante alguns meses. Sua influência se baseia na adesão das massas camponesas, tão hostis aos desejos da restauração dos brancos, quanto às requisições feitas pelos vermelhos; seus grupos guerrilheiros são extraordinariamente combativos e possuem uma forte "segurança militar", a Razvedka (Inteligência), que não fica em nada atrás da Cheka. Entretanto, suas relações com os habitantes das cidades, e principalmente com os operários, são difíceis, e em Ekaterinoslav violentos conflitos explodem entre os makhnovistas e os sindicatos. A política financeira de Makhno provoca uma grande inflação, que faz com que os camponeses, que não sofrem tanto com os problemas da falta de provisões, consigam suportá-la em melhores condições do que os operários. Segundo Victor Serge, Makhno respondeu aos ferroviários, que exigiam que ele pagasse seus salários, com as seguintes palavras: "Organizem-se vocês mesmos para explorar a malha ferroviária. Eu não necessito dela"[194]. No âmbito econômico, as realizações de seu regime são bastante modestas: a sua força militar – baseada na cavalaria e em sua capacidade de deslocamento rápido, e em sua infantaria, que se move com a ajuda de carroças – vai sofrer com a diminuição de seus números, da quantidade de cavalos e da incapacidade de seus dirigentes em organizar, mesmo quando conquistam uma cidade, a produção de armas e munição.

194 SERGE, Victor, *Mémoires d'un révolutionnaire*, Paris, Seuil, 1961, p. 120.

Quando entra novamente em contato com o Exército Vermelho, no final de 1919, as relações acabam sendo boas, apesar dos conflitos passados. Makhno autoriza a publicação de um jornal bolchevique chamado *Zvezda*, mas proíbe praticamente todo tipo de atividade do partido, com o pretexto de que esta tenderia a "estabelecer sobre as massas uma autoridade que atentaria contra sua liberdade plena"; também ordena que se fuzile o comandante de sua divisão de ferro, além de outros bolcheviques que organizaram células clandestinas[195]. No início de janeiro é comunicada ao Exército Insurgente a ordem de tomar posições na fronteira com a Polônia, mas Makhno se nega a acatá-la. Explode então, entre o Exército Negro e o Exército Vermelho, uma feroz guerra civil que vai durar oito meses e na qual cada um dos lados vai se dedicar a denunciar exaustivamente as atrocidades cometidas pelo outro.

Contudo, durante este período existem em Moscou dois grupos anarquistas, os "universalistas" e os "sindicalistas" que possuem sedes e que editam folhetos de Pelloutier e Bakunin. O segundo destes grupos, encabeçado por Alexander Schapiro, se nega a estabelecer negociações com Rosmer e Trotski com o objetivo de fazer reconhecer oficialmente seu grupo e garantir sua imprensa[196]. Victor Serge relata também que estes rechaçaram as propostas de Kamenev, que lhes havia oferecido a completa legalização de todo seu movimento com a condição de que depurasses suas fileiras, concluindo após sua recusa indignada: "Preferiam desaparecer, perder sua imprensa e suas sedes"[197]. Volin, que foi feito prisioneiro durante a retirada do Exército Negro, é conduzido a Moscou, onde Lenin e Kamenev vão se opor à sua execução, aparentemente salvando-o no último momento.

Mas até metade de 1920, a ameaça do exército de Wrangel suscita uma nova trégua na Ucrânia. Bela Kun, Frunze e Gusev assinam com Makhno, em nome do Exército Vermelho, um novo acordo em outubro. O Exército Insurgente volta a subordinar-se ao Exército Vermelho; libertam-se os presos políticos de ambas partes e a liberdade de expressão será garantida a ambos os lados. Volin é solto, volta a Kharkov, iniciando de novo a publicação do *Nabat*, e prepara uma conferência anarquista panrussa. Depois da vitória comum sobre Wrangel, cujas últimas forças são esmagadas na Crimeia, o Exército Vermelho assume a iniciativa de uma ruptura que já era prevista por ambos os lados. Depois de um ultimato que exige a integração do Exército Insurgente – e que é rechaçado – o Exército Vermelho ataca: Karetnik, chefe do Exército Insurgente na Crimeia, é feito prisioneiro de surpresa e fuzilado. Makhno, que conta com 2 mil homens, resiste, conseguindo livrar-se do

---

195 Mikhail Polonski era um dirigente bolchevique muito respeitado pelo exército de Makhno, e que comandava uma das mais aguerridas unidades dos insurgentes ucranianos, o Terceiro Regimento Insurrecional da Crimeia, conhecido também como "divisão de ferro", devido à sua disciplina. Polonski foi acusado de tramar contra Makhno e, por "estar implicado nas atividades de organizações autoritárias" (o Partido Comunista, no caso), foi fuzilado (N. do E.).

196 ROSMER, Alfred, *Moscou sous Lénine*, Paris, Horay, 1953, p. 142.

197 SERGE, Victor, *Mémoires... op. cit.*

cerco que lhe foi feito. Vai controlar o campo durante aproximadamente um ano. Volin, que foi detido novamente, rechaça todas as propostas de aproximação dos bolcheviques e permanece irredutível em sua oposição.

As discussões internas do partido

Não é estranho que no período da guerra civil tenham desaparecido as grandes polêmicas internas. Os perigos exteriores exigem uma coesão a toda prova, mas não eliminam todos os conflitos. Desta foram, em cada período de calmaria leva, assim, a uma explosão de divergências que não se esgotam. O final desta etapa verá o ressurgimento de discussões públicas entre os bolcheviques, que relembram as acontecidas nos anos 1917 e 1918.

Uma das questões principais foi a colocada pela chamada "oposição militar". A construção do Exército Vermelho se choca com sentimentos muito presentes entre os bolcheviques. A organização de um estado-maior, de um exército regular e de um mando único implica no abandono dos métodos das guardas vermelhas e das milícias operárias, que, de forma bastante caótica, haviam constituído a parte essencial das originárias forças armadas revolucionárias. A mais estrita disciplina se restabelece com a aplicação da pena de morte a qualquer desobediência; todas estas medidas acabam entrando em conflito com os sentimentos antimilitaristas dos comunistas. A utilização de oficiais de carreira, que constituem a metade do novo corpo, e o abandono do princípio de eleição, que, segundo Trotski, "politicamente carece de objetivo e tecnicamente é inadequado", provoca reações violentas. Os adversários da política militar defendem uma organização proletária do exército. Alguns comunistas de esquerda, como Vladimir Smirnov, se aproximam, nesta oposição, ao grupo de Tsaritsin, cujo mentor é Stalin, e aos "militares vermelhos" descontentes, entre os quais se encontram Frunze e Voroshilov.

A oposição antimilitarista a princípio se rende rapidamente, frente aos resultados obtidos na guerra civil. No entanto, será muito mais difícil de superar os rancores e conflitos que surgem entre os suboficiais revolucionários frente à utilização, na qualidade de técnicos, de grande quantidade de antigos oficiais czaristas. Este, ao menos, é o ângulo pelo qual Trotski analisa a oposição denominada "de Tsaritsin", na qual ele vê primeira manifestação organizada de um grupo burocrático[198], a reação de alguns arrivistas medíocres e incapazes de aprender, que, entretanto, se apegam a alguns privilégios e postos de comando que eles acham que lhes são devidos como recompensas por seus antigos méritos revolucionários. Seja como for, o VIII Congresso aprova a política militar de Trotski, defendida por Sokolnikov e criticada por Vladimir Smirnov, por 174 votos contra 95.

No IX Congresso surge uma nova oposição. O grupo "Centralismo Democrático", que conta com Vladimir Smirnov, Osinski e Sapronov, denuncia a centra-

198 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 427.

lização excessiva e o abuso dos métodos autoritários. Seus protestos suscitam a criação de uma Comissão de Controle que conclama que todos os abusos sejam denunciados "seja qual for a posição ou o cargo das pessoas incriminadas". Durante o outono de 1920, se agrupa em torno de Shliapnikov e de Alexandra Kollontai a Oposição Operária, cujo programa de controle da produção pelos sindicatos, de depuração do partido de todos os elementos que não sejam operários e de restabelecimento do princípio de eleição de todos os dirigentes, será difundido amplamente, inclusive na imprensa, antes de ser publicado em forma de um folheto que será distribuído em todo o partido nas vésperas do X Congresso.

A discussão sindical

A Oposição Operária será levada, portanto, a desempenhar um papel de destaque na controvérsia sobre os sindicatos, a mais importante desde Brest-Litovski, iniciada por Trotski em acordo com Lenin, mas que se encerrará com um sério conflito entre ambos. As mais remotas origens de tal polêmica se remetem a 1919. Trotski, preocupado com a total desorganização da economia russa e convencido igualmente de que deve se iniciar uma reconstrução urgente, escreve um projeto de tese para o Comitê Central, onde propõe a aplicação dos métodos de guerra na frente econômica, bem como a atribuição de autoridade econômica ao Comissariado da Guerra. Em sua opinião, a "militarização do trabalho" é do mesmo tipo que a que permitiu a formação do Exército Vermelho. Esta exige "os mesmo heroicos esforços e o mesmo espírito de sacrifício". Em sua opinião, que se enfrenta com os defensores da democracia operária, isto "consiste de fato em um mecanismo para que as massas determinem por si mesmas a organização e as atividades produtivas, exercendo de maneira impiedosa, sobre todos aqueles que se colocam como obstáculo para o avanço da economia, uma pressão pública"[199].

A ideia é atrativa e contará com a aprovação de Lenin. Entretanto, exige ser estudada com cuidado, pois, definitivamente, a tarefa é infinitamente mais complexa do que a de construir um exército. Em primeiro lugar, ameaça provocar enormes protestos entre os trabalhadores e os dirigentes sindicais, que, apesar de serem comunistas, se mostram sensíveis à pressão de suas bases e hostis a uma militarização que se entende unicamente como a introdução de métodos autoritários e antidemocráticos. Sobre este assunto, Bukharin, redator-chefe do *Pravda*, publica por erro o projeto de Trotski no dia 17 de dezembro de 1919. O impacto é enorme entre os dirigentes sindicais e, apesar da advertência de Trotski, que afirma: "Nossa situação econômica é cem vezes pior do que jamais foi nossa situação militar"[200],

---

199 *Discurso pronunciado diante da Conferência dos Trabalhadores dos Transportes*, em *Bulletin communiste*, nº4, p. 55.
200 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Armed*, *op. cit.*, p. 493.

no dia 12 de janeiro de 1920 a fração sindical bolchevique rechaça o projeto por uma maioria esmagadora.

Convencido de que não há outra saída que possa evitar a iminente catástrofe econômica nos marcos da política do comunismo de guerra, Trotski considera inclusive a possibilidade de renunciar a esta última. Na sessão do Comitê Central de fevereiro de 1920, ele propõe o restabelecimento de um mercado, substituindo as requisições por um imposto progressivo em espécie e realizando um esforço para prover aos camponeses produtos industriais em quantidades correspondentes. Esta é, em essência, a política que, com o nome de NEP, irá ser adotada um ano mais tarde. No entanto, Lenin não está totalmente convencido e a proposta é derrotada por onze votos a quatro[201].

Trotski, então, volta às suas propostas anteriores: é preciso impulsionar o comunismo de guerra até suas últimas consequências. Sob sua direção, o Exército Vermelho empreende tarefas econômicas na Ucrânia, no Cáucaso e no Ural. Ele assume a tarefa da reconstrução do sistema de transportes, solicita uma ampliação de seus poderes, tratando com grande severidade os "desertores do trabalho" e começa a introduzir uma "emulação socialista"[202]. Assim, ao mesmo tempo em que Trotski vai conseguir colocar os trens em funcionamento - o que é um verdadeiro milagre – vai também provocar uma irredutível oposição de parte do sindicato dos ferroviários. O comitê de organização dos transportes (Tsektran), que, estimulado por Trotski, foi construído para substituir a direção sindical, se converte no grande inimigo dos dirigentes sindicais, incluindo os bolcheviques, que o denunciam como um organismo ditatorial e burocrático. Zinoviev, dirigente do partido em Petrogrado, ataca também o Tsektran em seus artigos e discursos, acusando-o de usar "métodos policialescos"; trata-se de um velho bolchevique consciente do grande prestígio de Trotski e que, aparentemente, pretende restaurar sua própria popularidade em um conflito contra ele, aproveitando a maré da opinião pública. Além disso, Trotski também se choca com Preobrazhenski, secretário do partido que não aprova tais métodos.

Durante alguns meses, tanto Lenin como a maioria do Comitê Central defendem Trotski, atribuindo-lhe, com plena consciência de seus métodos, outras tarefas urgentes, como colocar em funcionamento a indústria do vale do rio Don e dos Urais. Mas ele acaba se chocando nestes locais com outros sindicatos, que ele vai ameaçar dissolver. Tomski, presidente do Conselho Panrusso de Sindicatos, questiona no Comitê Central do partido de 8 de novembro: Por acaso Trotski tem o direito de revogar dirigentes eleitos?

Nesta ocasião Lenin deixa de defender Trotski. O Comitê Central adota, por oito votos contra seis, um texto que, ao mesmo tempo em que defende "as formas

201 TROTSKI, Leon, *Ma vie*, tomo III, pp. 479-480.
202 Trata-se de uma prática que incentiva a competição entre empresas estatais e entre indivíduos, para tentar ampliar a produtividade (N. do E.).

saudáveis de militarização do trabalho", condena "a degeneração que converte o centralismo e o trabalho militarizado em burocracia, prepotência, em funcionalismo mesquinho e em ingerências preocupantes nos sindicatos". Encarrega igualmente uma comissão do estudo das relações entre o partido e os sindicatos, autorizando unicamente o seu responsável, Zinoviev, a se expressar em público sobre este tema.

Trotski vê nesta decisão uma condenação de sua atitude e se nega a ser entrevistado por uma comissão que considera parcial. No dia 7 de dezembro, Zinoviev informa o Comitê Central e propõe a imediata eliminação do Tsektran. Não se chega a nenhum acordo, formando-se dois grupos. A discussão vai se tornar pública: Trotski foi o primeiro a propô-la a Lenin, como uma medida necessária para o bem do partido, que, desta forma, poderá conhecer as teses, segundo ele muito perigosas, da Oposição Operária, das quais pensa serem muito próximos os dirigentes sindicais bolcheviques. Zinoviev deseja também que aconteça esta discussão; para isto, organiza uma campanha que anuncia "uma nova era", onde se poderá "respirar livremente", prometendo "o restabelecimento da democracia operária e camponesa de 1917 mediante a retomada do princípio eletivo" e afirmando:

> Se nós mesmos confiscamos os direitos democráticos mais elementares dos operários e camponeses, é tempo de acabar com tal estado de coisas. Estabeleceremos contatos mais íntimos com a classe operária. Teremos reuniões nos quartéis, nos acampamentos e nas fábricas. As massas trabalhadoras compreenderão então que, quando proclamamos o início de uma nova era, não estávamos falando ao vento e que, quando pudermos voltar a respirar livremente, levaremos às próprias fábricas nossas reuniões políticas. (...) Se nos perguntam o que entendemos por democracia operária e camponesa, respondo: nem mais nem menos do que entendíamos em 1917[203].

Por estas palavras, Zinoviev é repreendido pelo Secretariado. Como resposta, na reunião da fração bolchevique do congresso dos soviets, ataca violentamente o Birô de Organização. Desta forma, surge um novo conflito com Preobrazhenski, que, na sessão do Comitê Central do dia 30 de dezembro, exige que se condene o que qualifica de "agressão" por parte de Zinoviev. Sua exigência é satisfeita. Lenin está ausente e não toma parte na votação, mas Stalin, Tomski, Kalinin, Rudzutak e Petrovski votam com Zinoviev a favor da "supressão do Birô de Organização", quer dizer, contra Preobrazhenski. Eis o início de algumas alianças que irão perdurar por muito tempo.

O debate ocupa completamente a pauta de centenas de reuniões desde o dia 30 de dezembro até o início de março. Das sete plataformas que existiam inicialmente, somente três se enfrentam definitivamente. Trotski, apoiado por Bukharin,

203 Citado por KOLLONTAI, Alexandra, *Worker's opposition*, Londres, texto mimeografado, s/d, p. 59.

propõe integrar os organismos sindicais ao aparato de Estado, encarregando-os da produção e, por consequência, da garantia de produtividade e de disciplina laboral. Hostil a alguns dirigentes sindicais que considera "trade-unionistas"[204], Trotski se pronuncia a favor da promoção de novos dirigentes operários, mais vinculados às novas tarefas produtivas que à defesa de alguns interesses particulares, que seriam capazes pôr em prática o que denomina de "democracia produtiva", já que, como ele mesmo sublinha, somente com a estatização os trabalhadores vão poder participar da discussão e da direção da economia. O ponto frágil desta postura é seu silêncio em relação à função de defesa dos interesses operários pelos sindicatos. Apesar desta ideia não figurar de maneira explícita em suas teses, parece bastante provável que nem Trotski, nem Bukharin concebam a necessidade de defender os interesses operários em um Estado operário.

No outro extremo do espectro de tendências, a Oposição Operária denuncia violentamente a militarização e a burocratização, opondo-as ao conceito de "controle operário" sobre a produção, que deverá ser exercido pelos sindicatos nas empresas e por um congresso de produtores em escala nacional. Como medidas imediatas, exige o nivelamento dos salários, a distribuição gratuita de alimentos e produtos de primeira necessidade aos operários e a progressiva substituição de salários em dinheiro por salários em espécie. Preobrazhenski, que é o mais severo de seus críticos, demonstrará posteriormente, sem grandes dificuldades, a insuficiência de tais teses, que, de fato, obrigam os camponeses a suportar sozinhos o peso da indústria e os privilégios dos operários. Em sua crítica à concepção anarquista dos companheiros de Kollontai, que propõem uma "economia sem cabeça", refuta seu igualitarismo com argumentos econômicos: "Somos excessivamente pobres para nos permitirmos o luxo da igualdade: cada pud (16,38 kg) de pão que se dê aos mineiros no período de reconstrução da economia, quando todo o progresso depende do carvão, vale muito mais que cinco puds repartidos em outros ramos da indústria"[205].

As teses de Lenin, apoiadas por Zinoviev, Stalin e pela maioria do Comitê Central, se assemelham mais às de Trotski do que às da Oposição Operária. Segundo eles, os sindicatos devem "educar os operários, desenvolvendo, principalmente, seu senso de responsabilidade a respeito da produção; o partido deve manter seu controle sobre eles; mas estes não podem ser tutelados, devem continuar expressando as aspirações dos trabalhadores e assegurando sua defesa, inclusive frente ao Estado, se for o caso. De fato, do ponto de vista de Lenin, o "Estado operário" continua sendo uma abstração e o Estado soviético é muito mais um "Estado operário e camponês com deformações burocráticas".

As teses de Lenin se impõem no congresso por 336 votos contra 50 de Trotski e Bukharin e 18 da Oposição Operária. Lenin tem uma avaliação severa sobre

204 Referência ao sindicalismo inglês, famoso por seu corporativismo e aversão à política mais estratégica. Uma tradução literal seria "sindicalistas", entendido com uma conotação negativa (N. do E.).
205 Citado por PEARCE, Brian, *1921 and all that* em *Labour Review*, abril-maio de 1959, p. 226.

esse debate, no geral: "Este luxo era de fato inadmissível e, ao permitir semelhante discussão, certamente cometemos um erro. Colocamos em primeiro lugar uma questão que, por razões objetivas, não poderia ocupar este lugar e nos lançamos à discussão sem levar em conta que desviávamos nossa atenção dos problemas reais e ameaçadores que estavam ao nosso redor"[206].

O fracasso da revolução europeia

Desta forma, chega ao fim a guerra civil. Todos estão cientes das imensas dificuldades que enfrenta o regime e, sobretudo, da existência de uma Oposição Operária que se revela hostil às massas camponesas. Entretanto, todos continuam querendo identificar a ditadura do partido com a ditadura do proletariado, considerando-a como a única forma de voltar à democracia operária de 1917-1918. Trotski quer reconstruir, mediante métodos administrativos e autoritários, o aparato econômico e o próprio proletariado, condições indispensáveis para a restauração da democracia operária. A Oposição Operária faz das necessidades virtudes, admite a possibilidade de construir diretamente o socialismo em um país atrasado, carente tanto de meios materiais como de técnicos e exige o imediato retorno à democracia operária como se o proletariado fosse ainda a falange combativa de 1917, aceita deliberadamente que se amplie o abismo entre operários e camponeses, ao converter os primeiros em privilegiados, alimentados pelo trabalho dos segundos. Lenin se nega tanto a aprofundar a separação entre o partido e os operários, que ocorreria se se aplicasse a política proposta por Trotski, como a admitir o desastre econômico que poderia gerar o programa da Oposição Operária. Tratando de evitar a catástrofe que vislumbra no fim desses dois caminhos, ele se esforça em não gerar rupturas, em manter a coesão entre os membros do partido e entre o partido e os sindicatos, em dar para todos alguma margem de manobra e, sobretudo, em ganhar tempo para restabelecer a produção e aumentar a produtividade do trabalho, combatendo a falta de confiança e de entusiasmo. Os acontecimentos vão justificar imediatamente tanto seus temores como sua prudência.

Durante estes anos em que os dirigentes bolcheviques se viram imersos na luta cotidiana pela sobrevivência de sua revolução, a revolução europeia, em que tantas esperanças haviam sido depositadas, fracassou. Em agosto de 1918, Kamenev volta de uma longa e difícil viagem pela Europa e, ao soviet de Petrogrado, lança uma dramática exclamação: "Estamos sós, camaradas!"[207]. Mais tarde veio a revolução alemã de 1918, a rede de conselhos de operários e soldados que cobriu todo o país e a fuga do Kaiser: a revolução europeia se convertia em realidade, e o isolamento dos russos parecia perto do fim. Mas a burguesia alemã era muito mais consciente

---

206 *Discurso pronunciado diante do X Congresso no dia 8 de março de 1921*, citado por ROSMER, Alfred, *op. cit.*, p. 167.

207 SERGE, Victor, *L'année I...*, *op. cit.*, p. 346.

que a russa e havia tirado várias conclusões – mais do que o próprio proletariado – da Revolução de Outubro. O estado-maior alemão, bastião das forças contrarrevolucionárias, utiliza o partido social-democrata para frear o desenvolvimento dos conselhos operários; a burguesia alemã multiplica suas concessões para preservar, com a ajuda dos aliados, uma força militar confiável e coloca o social-democrata Noske à frente da organização de corpos paramilitares contrarrevolucionários[208]. Os revolucionários alemães da Liga Espartaquista, surgidos na luta contra o centralismo burocrático da velha social-democracia, vão formar – cedo demais ou talvez tarde demais – um partido comunista que não tem nem a coesão nem a paciência do partido bolchevique: a maioria de seus militantes se nega a participar das eleições, a militar nos sindicatos, renuncia à explicação paciente, à conquista das massas, e da experiência russa, que conhecem mal, apenas retém as lições última fase, a da insurreição armada. O jovem partido acaba de ser constituído quando cai na armadilha que lhe foi preparada em Berlim, lançando-se, contra a vontade de Rosa Luxemburg, sua única cabeça política, a um combate prematuro no qual a vanguarda operária fica isolada das massas proletárias e é atacada pelos paramilitares de Noske. Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg, seus principais dirigentes, são assassinados; esta será também a sorte de Leo Jogiches, que, sob o pseudônimo de Tychko, havia desempenhado um importante papel na social-democracia polonesa e russa. Uma após a outra, as "repúblicas soviéticas" alemãs são derrotadas pelos corpos de Noske. Do Ruhr ao Báltico, da Saxônia à Baviera, os conselhos operários desaparecem.

Ainda assim, em março de 1919, os bolcheviques se utilizam de toda sua autoridade perante os revolucionários estrangeiros para convencê-los da necessidade de proclamar a III Internacional, a Internacional Comunista, frente à perspectiva de vitórias revolucionárias em breve e em vários dos países avançados. O trágico fim da revolução socialista na Hungria, vítima tanto da inexperiência de seus dirigentes como da coalizão formada contra ela, não parece invalidar este prognóstico. Na Itália se produz uma onda de greves revolucionárias: o movimento dos conselhos de fábrica de Turim revela a mesma tendência que os soviets russos e os conselhos alemães.

O partido comunista alemão, que foi destruído com o fracasso de 1919, volta a renascer: a classe operária derrota de maneira esmagadora, em março de 1920, à tentativa de golpe do general von Luttwitz e do alto funcionário imperial Kapp. Centenas de milhares de operários avançados rompem com a social-democracia reformista; a fusão entre o minúsculo Partido Comunista da Alemanha e o Partido

---

208 Gustav Noske, antigo dirigente social-democrata alemão e ministro da Defesa do recém-formado regime republicano, vai organizar os *freikorps*, ou "corpos livres", força paramilitar composta de antigos membros do exército alemão (que é reduzido com o fim da guerra) e que se lançam à perseguição e assassinato dos insurgentes comunistas. Entre outras atrocidades, os *freikorps* serão responsáveis pelo assassinato de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht (N. do E.).

Social-Democrata Independente, em dezembro de 1920, dá origem a um novo partido de massas – o primeiro e o único além do partido russo –, um instrumento revolucionário incomparável, que reúne a elite dos intelectuais e militantes operários da vanguarda, formando assim a direção revolucionária que faltou em 1919. Assim, após 1918, a vaga revolucionária europeia parece continuar. O movimento grevista dos operários britânicos faz com que o governo desistir da intervenção militar na Rússia em apoio aos brancos, que era tão defendida por Winston Churchill. São também os motins dos marinheiros da frota francesa no Mar Negro, encabeçados por André Marty, que impedem o governo francês de tentar uma ação militar no sul. Apesar disso, em nenhum país a revolução triunfa. A maioria dos socialistas franceses vai aceitar as "21 condições", exigências draconianas fixadas pela III Internacional para a admissão de novos partidos, mas isto não os converterá em bolcheviques. De fato, vão conservar sua velha estrutura e sua velha direção, social-democrata e oportunista.

Depois de perdidas as esperanças em um levante operário na Polônia, durante o outono de 1920, a onda revolucionária parece retroceder. Lenin e Trotski, absorvidos pelas tarefas urgentes da guerra civil, confiam a Zinoviev a responsabilidade prática de uma Internacional Comunista na qual nenhum dirigente estrangeiro conseguiria discutir de igual para igual com os russos. Zinoviev parece haver subestimado as tarefas de explicação e educação, que seriam as principais da nova direção internacional. Em Halle[209] vai obter um grande êxito ao convencer a maioria dos independentes, mas aplica na Internacional métodos de direção excessivamente verticais. São seus enviados, em especial o dirigente da fracassada revolução húngara Bela Kun, que vão fomentar uma débil e improvisada tentativa de insurreição na Alemanha central. Depois deste fracasso esmagador, o partido alemão passará uma crise violenta. O episódio de março de 1921 é a prova de que a onda revolucionária do pós-guerra se extingue. Tudo indica que o isolamento da revolução russa ainda deve durar.

Isto é o que dá à situação dos bolcheviques suas características trágicas e faz as contradições parecerem difíceis de superar. A revolução russa teria de sobreviver e tentar preservar o terreno conquistado em condições que seus dirigentes julgavam insustentáveis.

---

209 Trata-se do congresso do Partido Social-Democrata Independente, realizado na Alemanha em outubro de 1920, e que vota a filiação deste partido à III Internacional (se fundindo, após isso, com o Partido Comunista da Alemanha) (N. do E.).

7

A CRISE DE 1921: O COMEÇO DA NEP E O AUGE DO APARATO

O país em que a revolução operária alcançou sua primeira vitória e no qual se iniciou a construção do primeiro Estado operário parece chegar, depois de três anos destes triunfos, à beira da desintegração. Regiões inteiras vivem em um estado de anarquia próximo da barbárie, sob a ameaça dos ataques de salteadores. Toda a estrutura econômica parece ter desabado. A indústria fabrica apenas 20% da quantidade que produzia antes da guerra, e gera apenas 13% do valor. A produção de ferro representa 1,6%; a de aço 2,4%. A produção de petróleo e carvão, que são os setores menos afetados, chega apenas a 41% e 27%, respectivamente, das cifras de antes da guerra. Nos outros setores a porcentagem oscila entre zero e 20%. A maquinaria está praticamente destruída: 60% das locomotivas estão fora de uso e 63% das vias férreas estão inutilizáveis. A produção agrícola sofreu uma forte queda tanto em quantidade como em valor produzido. A superfície cultivada caiu em 16%. Nas regiões mais ricas os cultivos especializados, destinados ao comércio e à criação de gado, desapareceram, dando lugar aos cultivos de subsistência e de ínfimo valor. As trocas entre as cidades e o campo foram reduzidas ao mínimo, dando lugar às requisições e saques.

No entanto, há um mercado negro no qual os preços são entre quarenta e cinquenta vezes maiores do que os preços legais. O nível de vida das populações urbanas é muito inferior ao mínimo vital necessário. Em 1920, os sindicatos opinam que os gastos absolutamente indispensáveis representam somas entre duas vezes e meia e três vezes superiores aos salários. Os trabalhadores com melhores salários recebem entre 1.200 e 1.900 calorias ao invés das 3.000 calorias diárias que os especialistas consideram necessárias. Por esta razão, as cidades, mortas de fome, se esvaziam. No outono de 1920, a população de quarenta capitais de província

diminui 33% em relação a 1917, passando de 6,4 milhões para 4,3. Em três anos, Petrogrado perdeu 57,5% e Moscou 44,5% de sua população. Em relação ao número de habitantes de antes da guerra, a primeira perdeu a metade e a segunda um terço de seus habitantes.

Desta forma, quatro anos depois da revolução, a Rússia representa o paradoxo de um Estado operário surgido de uma revolução proletária, no qual se vê, nas palavras de Bukharin, uma verdadeira "desintegração do proletariado". Enquanto em 1919 existiam 3 milhões de operários industriais, em 1920 estes já não são mais do que 1,5 milhão e em 1921 não passam de 1,25 milhão. Além disso, estes não estão verdadeiramente empregados: o absenteísmo "normal" nas empresas é de 50%, o operário recebe um salário que é praticamente um seguro-desemprego e os sindicatos calculam que a metade dos produtos fabricados em algumas empresas é imediatamente revendida pelos operários que os produziram: o mesmo ocorre (com graves consequências) com as ferramentas, o carvão, os pregos e os bens de produção.

A classe operária, consideravelmente reduzida em número, sofreu alterações profundas em sua consciência. Sua vanguarda, constituída pelos militantes da época clandestina, pelos combatentes da revolução, pelos organizadores dos soviets, pela geração de quadros experientes ou de jovens entusiastas, abandonou em massa as fábricas com o começo da guerra civil: os operários revolucionários ocupam postos de comando no Exército Vermelho e no aparato estatal, em todas as frentes de combate ao redor do imenso país. Entre os que permaneceram, os mais ativos são os quadros sindicais; os mais hábeis buscam, no meio da miséria geral, uma solução individual que lhes permite sobreviver. Às centenas de milhares, os operários das cidades restabelecem com o campo vínculos que nunca haviam deixado de existir. Não existe mais uma vanguarda operária, nem sequer um proletariado, no sentido marxista da palavra, mas uma massa de operários desclassados, um subproletariado miserável e semiocioso. A degeneração é tão brutal que o ano de 1921 marcará o reaparecimento de uma onda de fome que, segundo os dados oficiais, afeta 36 milhões de camponeses, chegando inclusive a provocar casos de canibalismo.

A crise de 1921: Kronstadt

A explosão da crise se produz no início de 1921. Na realidade, esta crise vinha sendo incubada desde o fim da guerra civil. Se é certo que, entre dois males – o Exército Branco e o Exército Vermelho –, os camponeses haviam escolhido o segundo como o menor, depois da derrota dos brancos, os confiscos de grãos vão se tornar mais difíceis de tolerar, agora que os camponeses não temem mais uma restauração que poderia retirar-lhes as terras. Assim, o descontentamento camponês vai crescer a partir de setembro de 1920: ocorrem levantes na Sibéria durante o

inverno, ameaçando o fornecimento de provisões para as cidades. É apenas graças ao apoio dos camponeses ucranianos que Makhno vai conseguir continuar sua resistência, de armas em punho. A crise do campo se propaga para as cidades. Em Petrogrado, durante longas semanas, o salário do operário se reduz a meia libra de pão diária; em fevereiro se multiplicam as greves e as manifestações.

Esta agitação será o pano de fundo da rebelião de Kronstadt. A discussão sobre os sindicatos e a campanha de Zinoviev a favor da "democracia operária" vão avivar as brasas. O comitê do partido em Petrogrado, tentando explorar o descontentamento dos marinheiros diante da centralização que é imposta pelos comissários políticos, exige que lhe seja confiada a direção política da frota: Zinoviev respalda os que denunciam a "ditadura dos comissários" e, em Kronstadt, todos estes elementos de agitação encontram terreno fértil.

Em 1917 a base naval fora o bastião dos marinheiros revolucionários. Ela não o é mais. Aqui também a vanguarda foi sugada pelas novas tarefas. Os dirigentes de 1917 já não estão aqui. O bolchevique Rochal foi eliminado pelos brancos na Romênia; o anarquista Yarchuk está no cárcere; Markin morreu na frente de batalha do Volga; Raskolnikov, Dingelstedt e Pankratov estão dispersos por todo o país como comissários, chefes militares ou diretores da Cheka. Entre os marinheiros, privados de suas lideranças políticas, existem muitos novos recrutas. Entretanto, ainda existe uma tradição, um prestígio e uma força. Sem dúvida são influenciados pelas correntes de oposição. A influência dos mencheviques, notável nas fábricas de Petrogrado, não é sentida na frota. Porém tanto os anarquistas quanto os socialistas-revolucionários certamente têm uma audiência que nunca chegou a desaparecer por completo e cuja adesão irá se refletir nas consignas dos insurgentes. Entretanto, não se pode atribuir a nenhum grupo político a iniciativa da revolta; as primeiras manifestações da oposição política dos marinheiros surgem espontaneamente da agitação operária de fevereiro.

Nos dias 24, 25 e 26 de fevereiro, as fábricas de Petrogrado declaram greve uma após a outra; as assembleias grevistas exigem o fim das requisições no campo, melhorias no abastecimento alimentar e a suspensão dos exércitos do trabalho, umas das consignas mencheviques. Diversos oradores exigem que se limitem os poderes da Cheka. No dia 24, o soviet local constitui um comitê de defesa composto por três membros, dirigido por Lashevich, que proclama o estado de sítio e, em cada fábrica são concedidos plenos poderes a outros comitês de três, os "troiki", e faz um chamado aos jovens oficiais a que ajudem a preservar a ordem nas ruas. Alguns delegados dos marinheiros de Kronstadt participam de todas as reuniões nas principais fábricas, dando informes sobre elas a seus companheiros na fortaleza. Este é provavelmente o tipo de reunião que acontece a bordo do encouraçado Petropavlosk, no dia 28 de fevereiro, com a presença dos comissários da frota. Nela se adota uma resolução de quinze pontos, que exige a reeleição dos soviets por voto

secreto após uma campanha eleitoral livre, liberdade de imprensa e de reunião para os partidos anarquistas e socialistas e para os sindicatos operários e camponeses, bem como a convocatória de uma conferência independente – tendo o dia 10 de março como limite – dos operários, soldados e marinheiros de Petrogrado, Kronstadt e de toda a região; a libertação de todos os presos políticos pertencentes aos partidos socialistas e de todas aquelas pessoas que foram detidas por sua participação em mobilizações operárias ou camponesas, a eleição de uma comissão que se encarregue de rever os processos de todos os detidos, a abolição das seções políticas de educação e agitação, a igualdade entre as rações alimentares de todos os trabalhadores, a dissolução dos destacamentos encarregados das requisições de cereais, bem como de todas as unidades comunistas do exército, o direito de todos os camponeses de dispor de suas terras e de seu gado como quiserem e, por fim, a liberdade de produção para todos aqueles artesãos que não utilizem trabalho assalariado[210]. Neste momento, nada permite ainda considerar este programa como a base de um movimento insurrecional. De fato, o comitê de defesa de Petrogrado não o considera como tal e envia a Kronstadt dois oradores, o presidente do Comitê Executivo dos Soviets, Kalinin, que já soube apaziguar diversas greves em Petrogrado, e o comissário da frota, Kuzmin.

No dia 1º de março, os dois dirigentes falam, na Praça da Ancora, a um auditório de cerca de seis mil marinheiros, soldados e camponeses, sob a presidência do comunista Vasilev, dirigente do soviet de Kronstadt. São interrompidos com muita frequência e não conseguem convencer a assembleia, que, por ampla maioria, adota a resolução de Petropavlosk e, posteriormente, decide por unanimidade reunir uma conferência de delegados encarregados de realizar novas eleições para o soviet[211].

Nesta conferência, que vai acontecer no dia seguinte, ocorrem os primeiros incidentes sérios: Kuzmin, que proclama a posição do partido comunista de não se deixar expulsar do poder no momento de maior perigo da revolução, é acusado de ter ameaçado os marinheiros de Kronstadt. Por aclamação, sua prisão é decidida, junto com a de Vasilev. Surge um rumor de que os comunistas da escola do partido estariam se dirigindo à sala de reuniões e a conferência termina em completa confusão, não sem antes designar, também por aclamação, um comitê de cinco membros que, ampliado pela incorporação de mais dez, será seu comitê militar revolucionário, dirigido pelo marinheiro Petrichenko. A rebelião vai, daqui por diante, se voltar contra aqueles que os de Kronstadt chamam de "usurpadores

210 Texto integral nas pp. 22-23 do estudo *The Kronstadt Rising*, de George Katkov, publicado no nº6 dos *St. Antony's Papers, Soviet Affairs*. Trata-se, sem dúvida, da mais completa e recente análise sobre o tema. Em francês se pode consultar ainda, além do livro de Volin, ver *La commune de Kronstadt*, de Ida Mett (Liga Spartacus), obra na qual se expressa o mesmo ponto de vista, bem como o dossiê publicado em 1959 no nº14 da revista *Arguments*.
211 KATKOV, George, *op. cit.*, p. 28.

comunistas" ou de "comissariocracia". Ao que parece, este movimento vai arrastar consigo à maioria dos comunistas de Kronstadt[212].

A situação se torna extraordinariamente grave para o governo bolchevique. Apesar de que nenhum dirigente pareça acreditar na influência de guardas brancos no começo do motim, a propaganda oficial descreve imediatamente o movimento como uma rebelião dos oficiais brancos, dirigida por um destes, o general Kozlovski. Este último, antigo oficial do exército czarista que esteve a serviço o Exército Vermelho, é o chefe da artilharia de Kronstadt, ocupando, depois de 4 de março, um posto no comitê de defesa da cidade. Porém, ele de modo algum parece ter sido o inspirador do movimento. Entretanto, a experiência da guerra civil demonstrou que os levantes populares espontâneos contra o regime soviético sempre terminaram por cair nas mãos de reacionários ou de monarquistas, apesar do caráter democrático de suas reivindicações iniciais. Desde o dia 3 de março, os delegados de Kronstadt tentam chegar a Oranienbaum e se apossar da V Esquadrilha Aérea: se tivessem conseguido, Petrogrado teria caído em poucas horas[213]. O secretário do partido em Petrogrado, Serguei Zorin, descobre os preparativos de um chefe de regimento que está a ponto de passar para o lado dos rebeldes e que, antes de seu fuzilamento, declara: "Esperava por esta hora há muitos anos. Os odeio, assassinos da Rússia"[214]. Apesar dos chamados a uma "terceira revolução", que evidentemente distancia os revoltosos de Kronstadt dos defensores da assembleia constituinte, os emigrados brancos vão multiplicar suas ofertas de ajuda, que, entretanto, são rechaçadas. Petrichenko nega-se a receber Tchernov até que a situação fique mais clara[215]. Miliukov, o líder dos kadetes, escreve que os rebeldes encontraram uma boa maneira para acabar com o regime ao lançar (o que não é verdade) a consigna de "soviets sem comunistas".

Lenin assegura: "Não querem os guardas brancos, mas também não querem nosso regime"[216]. Ao que parece, o que ele mais teme é que os marinheiros possam desempenhar um papel de cavalo de Troia. Kronstadt é uma posição estratégica vital e dispõe de uma poderosa artilharia pesada. A ilha está bloqueada pelo gelo, mas, se a insurreição se prolonga, depois do degelo pode vir a ser a ponta de lança de uma intervenção estrangeira às portas de Petrogrado. São os rebeldes os primeiros a iniciar as hostilidades nos dias 2 e 3 de março. O primeiro objetivo do governo parece ter sido o de negociar, mas após alguns dias de uma intensa guerra de propaganda, através de panfletos e do rádio, decide empregar a força.

As notícias vindas do campo não são nada reconfortantes. Victor Serge afirma que naquele período existem mais de cinquenta focos de levantes camponeses. O

212 *Ibid.*, pp. 29-32.
213 *Ibid.*, p. 32.
214 SERGE, Victor, *Mémoires... op. cit.*, p. 129.
215 KATKOV, George, *op. cit.*, p. 42.
216 Citado por SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 205.

socialista-revolucionário Antonov reúne na região de Tambov um exército de 50 mil homens que o Exército Vermelho vai demorar vários meses para conseguir derrotar. Makhno continua controlando a Ucrânia. Todos estes movimentos poderiam se estender com imensa rapidez se Kronstadt resistisse por algum tempo; este é o caso de Saratov, onde os camponeses atacam a cidade para acabar com os comunistas. Os bolcheviques vislumbram no horizonte o terror branco e temem que o inimigo se aproveite do descontentamento popular para voltar a colocar os pés na Rússia. Como consequência, tomam a decisão de "cortar o mal pela raiz".

No X Congresso, Lenin afirma: "Aqui temos uma manifestação do democratismo pequeno-burguês que reclama sua liberdade de comércio e clama contra a ditadura do proletariado. Desta maneira, os elementos sem partido serviram de estribo, de escada, de passarela para os guardas brancos"[217]. As palavras dos bolcheviques acentuam o caráter de "conjuração contrarrevolucionária monárquica, inspirada pelo chefe da artilharia Kozlovski", o que "não foi percebido pelos marinheiros", como sustenta Radek[218]. No dia 5 de março, como chefe do Exército Vermelho, Trotski exige que os amotinados rendam-se imediatamente, mas estes se negam a fazê-lo. Tukhachevski prepara então o assalto com tropas de elite: chekistas e alunos da escola de oficiais do Exército Vermelho. As operações acontecem com a maior rapidez, pois o tempo urge, já que o degelo iminente poderia isolar a fortaleza da terra firme. O preço em vidas humanas vai se elevar, pois os soldados vermelhos iniciam o ataque pelo gelo, sob o fogo dos canhões de Kronstadt. O ataque se inicia no dia 7 de março e se conclui no dia 17. Um certo número de dirigentes rebeldes consegue escapar – entre eles Petrichenko, que foge para fora do país –, mas a repressão é dura. Dos insurgentes de Kronstadt, alguns serão fuzilados nas ruas e o restante, cujo número se eleva a centenas, será executado, segundo Serge, meses mais tarde "em pequenos grupos"[219].

A insurreição é derrotada. O termidor[220] que Lenin temia aconteceu efetivamente, mas os bolcheviques venceram os termidorianos. As contradições, mesmo assim, continuam profundas. O programa dos rebeldes trazia diversos ecos do programa da revolução de 1917, cuja ponta de lança havia sido Kronstadt, e as

---

217 *Discurso pronunciado diante do X Congresso*, em *Bulletin communiste*, nº15, 14 de abril de 1921, p. 243.

218 RADEK, Karl, *Kronstadt*, em *Bulletin communiste*, nº19, 12 de maio de 1921, p. 322.

219 SERGE, Victor, *Mémoires...*, op. cit., p. 130.

220 Termidor é o nome dado ao décimo primeiro mês do ano no calendário instituído na França pela revolução de 1789. O sentido político da expressão "termidor" ou "termidoriano" vem do fato de que, no dia 9 de termidor de 1794 (27 de julho), o setor mais radical da Revolução Francesa – os jacobinos – foi derrubado do poder pela alta burguesia. Começa então um período de reação dentro da revolução, que resultará na anulação de várias medidas revolucionárias e na eliminação física dos principais líderes jacobinos. Mais tarde, referindo-se à Revolução Russa, Trotski usará o termo para definir a essência da reviravolta política e social que levou Stalin ao poder e o regime instaurado a partir de então (N. do E.).

reivindicações que incluía correspondiam às aspirações de um bom número de operários e camponeses, cansados do sacrifício, exaustos, destroçados e famintos. "Nós fomos longe demais" dirá Lenin. No entanto, o partido respalda a ação: os delegados ao X Congresso, inclusive os pertencentes à Oposição Operária, participarão do ataque e da repressão à Kronstadt. Lutovinov, tenente de Shliapnikov, que se encontrava em Berlim, condena categoricamente a insurreição, aprovando a intervenção do Exército Vermelho. No entanto, fica claro que foram criadas novas relações entre o partido e os operários: "Por acaso devemos ceder frente a alguns trabalhadores, cujas forças físicas e paciência estão esgotadas, e que estão menos informados que nós a respeito de seus próprios interesses gerais?" se perguntava Radek alguns dias antes em uma palestra aos alunos da Academia Militar do Exército Vermelho, concluindo assim: "O partido acredita que não pode ceder, que deve impor sua vontade de vitória aos trabalhadores cansados e vacilantes"[221]. Pela primeira vez, em nome de "uma consciência superior", o partido que até então dirigira os trabalhadores através do convencimento, combatia, de armas em punho, a trabalhadores que se expressavam livremente, mas de um modo reacionário, segundo a opinião do partido. A harmonia lírica de 1917 pertencia ao passado.

A insurreição e a repressão de Kronstadt puseram fim ao sonho de Mühsam e de outros sobre uma possível unificação entre marxistas e libertários. Depois do fracasso das tentativas de mediação dos anarquistas americanos Emma Goldman e Alexander Berkman, Kronstadt será o símbolo da hostilidade irredutível que daqui por diante existirá entre estas correntes do movimento operário.

A NEP

Certamente, não é por acaso que a insurreição de Kronstadt vai coincidir com a adoção, no X Congresso do partido, de um giro radical na política econômica conhecido pelo nome de Nova Política Econômica, geralmente chamada de NEP. Diferente das afirmações superficiais que apareceram com frequência, não é Kronstadt o fator determinante na adoção da NEP. Ao contrário, foram as mesmas dificuldades que originaram a insurreição que causaram também o giro na economia. As raízes dos acontecimentos de março de 1921 podem ser encontradas tanto nas consequências da guerra civil quanto do final das lutas. No pior dos casos, podemos considerar que o giro da NEP foi iniciado demasiado tarde e que a insurreição de Kronstadt foi o castigo por este atraso inútil: a maioria das reivindicações econômicas dos amotinados estava presente no projeto elaborado pelo Comitê Central comunista nos primeiros meses de 1921, onde apareciam como medidas inevitáveis na nova situação.

A NEP se caracteriza pela supressão das requisições de grãos - substituídas por um imposto progressivo em espécie -, pelo restabelecimento da liberdade de co-

221 Citado por BARMIN, Alexander, *op. cit.*, pp. 143-144.

mércio e o reaparecimento de um mercado, pela volta da economia monetária, pela tolerância à pequena e média indústria privada e pelo chamado, sob o controle estatal, a investimentos estrangeiros. Trata-se de um esforço para sair do círculo vicioso que supõe o comunismo de guerra. Além disso, de certo modo, constitui a inversão do pressuposto que partia da necessidade de se pilhar o campo para alimentar as cidades, para, ao invés disso, priorizar o estímulo ao camponês para que este forneça às cidades o produto de seu trabalho e possibilite uma política de produtividade industrial necessária para a sustentação do mercado. Os historiadores se preocuparam em destacar as duas tendências contraditórias que adotam as explicações dos dirigentes comunistas: alguns consideram a NEP como um refúgio temporário; outros a concebem como a reativação, depois de um desvio imposto pela guerra, da política econômica esboçada em 1917. Na verdade, ela tinha o duplo objetivo de aglutinar as massas camponesas e desenvolver, junto com a indústria, as bases econômicas e sociais do novo regime. A NEP se impunha também como consequência do fracasso da revolução europeia. No X Congresso, Lenin a explica desta maneira: "Uma revolução socialista pode ser vitoriosa de maneira definitiva em um país como o nosso se existem duas condições. Em primeiro lugar, se, no momento oportuno, é apoiada por uma revolução socialista em um ou vários países avançados. Trabalhamos muito para que esta condição fosse cumprida (...). Entretanto, estamos longe de sua realização. A outra (...) é um acordo entre o proletariado, que exerce sua ditadura, que tem em suas mãos o poder do Estado, e a maioria da população camponesa"[222].

Na verdade, é o isolamento da revolução russa o fator que conduz os dirigentes bolcheviques a promover a NEP e não a adoção da NEP que os desvia do objetivo da revolução europeia. De fato, março de 1921 não é unicamente o mês de Kronstadt e do 10º Congresso, mas também o do fracasso das greves revolucionárias na Alemanha. Preparada às pressas, mal organizada, imposta ao Comitê Central do partido alemão pelo húngaro Bela Kun, emissário de Zinoviev, tentada talvez com a esperança de que um êxito revolucionário evitaria o giro da NEP, ela vai demonstrar, com seu fracasso, que é preciso abandonar tanto a tática ofensiva quanto as perspectivas revolucionárias de curto prazo. O capitalismo europeu conseguiu se estabilizar e os comunistas devem ajustar sua tática a esta situação. Lenin e Trotski, que a princípio se enfrentam praticamente sozinhos contra uma maioria hostil, conseguem depois de um duro combate convencer os delegados do III Congresso da Internacional. O informe de Trotski se conclui desta maneira: "A história outorgou à burguesia uma trégua durante a qual poderá respirar (...). O triunfo do proletariado no dia seguinte à guerra foi um possibilidade histórica, mas, de fato, não se realizou. Devemos aproveitar este período de estabilização relativa pare estender nossa influência sobre a classe operária e ganhar sua maio-

222 Citado por CARR, Edward, *op. cit.*, tomo II, pp. 289-290.

ria antes que se produzam acontecimentos decisivos"[223]. Os partidos comunistas, antes de tomar o poder, devem "conquistar as massas": esta é a tarefa a que os chama a Internacional Comunista a partir de 1921.

O monopólio do partido

Apesar de supor uma maior liberdade no campo econômico, o giro da NEP constitui uma importante etapa no monopólio político do partido bolchevique. A ditadura, que até então poderia se justificar pelas necessidades da luta militar, permanece, e inclusive se reforça, em nome de outros perigos. O fim do comunismo de guerra e a diminuição do controle estatal vão dar um novo vigor a forças sociais que até então estavam praticamente suprimidas: o campesinato próspero dos *kulaks*; a nova burguesia formada pelos *nepmans*[224] enriquecida pela retomada dos negócios, e os especialistas e técnicos burgueses empregados na indústria.

Os dirigentes bolcheviques temem ver estas forças temíveis voltarem-se contra o regime. O partido está cansado. Como dirá abruptamente Zinoviev, "Muitos militantes estão mortalmente fatigados, nós os mantemos sob uma tensão constante; suas famílias vivem em péssimas condições. O partido e a sorte os carregam de um lado para outro. Naturalmente, disto resulta um desgaste fisiológico brutal"[225]. Os arquivos de Smolensk revelam que, naquela época, 17% dos membros do partido padecem de tuberculose[226]. Dezenas de milhares dos melhores militantes morreram; por outro lado, o fim da guerra civil provoca um influxo de arrivistas e de oportunistas ambiciosos ao partido, ou seja, de todos aqueles para os quais a carteira do partido é uma espécie de garantia social. A força do partido em 1917 vinha de sua velha guarda e, na atualidade, esta elite está dizimada e exausta; sua potência também se originava de seus vínculos com a classe operária ardente e combativa, generosa e entusiasta. Já não existe um verdadeiro proletariado revolucionário e os proletários da atualidade se distanciam do partido e de suas perspectivas históricas para se lançar em busca de uma salvação individual problemática. Como os bolcheviques poderão aceitar a livre confrontação de ideias e a livre eleição nos soviets, se sabem que noventa por cento da população lhes é hostil, se pensam que sua derrota conduziria a um caos sangrento, a um aprofundamento ainda maior da barbárie e à volta ao reinado reacionário dos organizadores de progroms?

Desde 1917 nunca os mencheviques tiveram tanta influência nas fábricas e nos sindicatos. Pela primeira vez representam, bem como os anarquistas, uma força

223 TROTSKI, Leon, *The first five years of the Communist International*, Londres, New Park, 1953, pp. 219-226.
224 "Homens da NEP": comerciantes, pequenos empreendedores e especuladores (N. do E.).
225 Citado por SOUVARINE, Boris, *Staline*, *op. cit.*, p. 298.
226 FAINSOD, Merle, *Smolensk under soviet rule*, Harvard, Harvard University Press, 1958, p. 45.

real entre os operários. Por isto não serão cumpridas as promessas de legalização: as organizações antagônicas ao partido são proibidas de fato, ainda que não de direito. O jornal dos socialistas-revolucionários de esquerda desaparece em maio de 1921: Steinberg consegue fugir, mas Kamkov e Karelin desaparecem nas prisões, como já havia ocorrido com Spiridonova em outubro de 1920. Em fevereiro de 1921 ainda existe um número considerável de anarquistas em liberdade para assistir ao enterro de Kropotkin, mas depois de Kronstadt eles são detidos em massa. Makhno consegue fugir para a Romênia; Volin, depois de uma greve de fome, é autorizado a emigrar. Apesar das promessas de Kamenev, o velho Aaron Baron permanece na prisão, enquanto sua mulher é fuzilada em Odessa. No outono de 1920, Martov recebe um passaporte para a Alemanha e se instala no país. Dan, que foi detido depois da rebelião de Kronstadt, será autorizado a emigrar posteriormente. A partir de fevereiro de 1921, a revista menchevique *Sotsialisticheski Vestnik* vai aparecer na Alemanha, ainda que, durante muitos anos, seja distribuída quase que livremente na Rússia.

Vários antigos adversários acabam se juntando às fileiras dos bolcheviques e são acolhidos entusiasticamente: Semenov, seguindo os passos de Blumkin, se une ao serviço secreto, onde este antigo terrorista ocupa um cargo. Os mencheviques Martinov, antigo "economicista", Maiski, Vishinski e Troianovski também se integram ao partido. Em virtude de seu monopólio político, o partido se converte no único organismo onde podem se expressar as pressões divergentes das classes e os desacordos políticos.

O X Congresso

Estas novas condições pesam sobre o partido, que deve fazer frente a dois tipos de imperativos contraditórios. Por um lado, se quiser manter suas características de partido comunista, ele não pode admitir sua conversão num campo de batalha de forças sociais antagônicas, como implicaria sua posição de partido único. Como partido do poder, ele também não pode virar as costas a seus próprios objetivos e continuar dirigindo o país sem nenhum tipo de democracia interna, como se fosse um destacamento militar. Obrigado a filtrar cuidadosamente os pedidos de adesão, ele deve também precaver-se contra o isolamento que poderia convertê-lo em uma espécie de maçonaria de veteranos, distanciada das gerações mais jovens que, nos últimos anos, se educam no novo regime. É por enfrentar-se com necessidades antagônicas que o partido vai adotar soluções que posteriormente irão se revelar contraditórias e mesmo irreconciliáveis, num momento onde quase a totalidade dos militantes e dos dirigentes as considerava suplementares. Isto explica por que o X Congresso, que para seus contemporâneos foi o da recuperação da democracia operária, se converteu, durante os anos seguintes, naquele que, com sua proibição das frações dentro do partido, anunciava e preparava o monolitismo.

É pouco provável que a influência de Zinoviev no X Congresso se devesse aos seus esforços anteriores em defesa da restauração da democracia operária. Pelo contrário, ele desfrutava de uma sólida reputação de homem decidido, que nunca era constrangido por escrúpulos democráticos; diversos autores da época contam que uma das melhores maneiras para obter boas gargalhadas de um auditório operário consistia em selecionar certo número de citações de Zinoviev sobre a democracia. Entretanto, é significativo que um homem com estas características tenha escolhido precisamente este tema como cavalo de batalha. O incidente em torno ao Tsektran e o desenvolvimento da discussão sobre o papel dos sindicatos tinham demonstrado claramente que eram numerosos os militantes e dirigentes que, como Preobrazhenski, opinavam que "a extensão das possibilidades de crítica era precisamente uma das conquistas da revolução"[227]. Era nesta perspectiva que Trotski havia solicitado também que se iniciasse "um debate livre" no âmbito do partido sobre a questão sindical.

O X Congresso teve sua sessão inaugural no dia 8 de março. No mesmo dia, ainda rugiam os canhões em Kronstadt. Mais de duzentos delegados abandonaram a sala para participar do assalto. Não podemos estranhar, em tais condições, que o segundo dia tenha sido marcado por uma séria advertência de Lenin, que declara, ao referir-se à Oposição Operária:

> Um desvio ligeiramente sindicalista ou semianarquista não é tão grave porque o partido o reconhece a tempo e se preocupa em eliminá-lo. Mas quando tal desvio se produz num quadro de uma ampla maioria camponesa no país, quando cresce o descontentamento dos camponeses com a ditadura proletária, quando a crise da agricultura alcança seu limite, quando a desmobilização do exército camponês está libertando centenas de milhares de homens que não podem encontrar trabalho e não conhecem outra atividade que não seja a guerra, passando a ingressar na bandidagem, já não é tempo de discussões sobre desvios teóricos. Devemos dizer claramente ao congresso: não permitiremos mais discussões sobre os desvios, é preciso detê-las (...). O ambiente de controvérsia é extraordinariamente perigoso e está se convertendo em uma autêntica ameaça para a ditadura do proletariado[228].

Acima de tudo, Lenin parece ter compreendido o perigo da situação. Tentando justificar a condenação da Oposição Operária, emprega alguns argumentos que revelam uma visão extremamente pessimista da realidade: "Se formos derrotados, terá a maior importância preservar nossa linha ideológica e dar uma lição para nossos sucessores. Nunca devemos esquecer isso, nem sequer nas circunstâncias mais desesperadoras"[229].

227 Citado por SCHAPIRO, Leonard, *Les bolcheviks et l'opposition*, Paris, Iles d'Or, 1958, p. 222.
228 LENIN, Vladimir, *Selected works*, *op. cit.*, vol. IX, p. 92.
229 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience... op. cit.*, p. 147.

Entretanto, o perigo também vem inevitavelmente do regime militarizado do partido. Bukharin apresenta, em nome do Comitê Central, o informe sobre democracia operária[230]. Começa recordando que uma das contradições do comunismo de guerra foi que, graças à introdução na organização de uma "militarização" e de um "extremo centralismo" absolutamente necessários, levou à criação de "um aparato altamente centralizado, tendo como base o baixíssimo nível cultural das massas". Tal regime não é mais desejável nem aplicável. "É preciso fazer com que nossas forças tendam à democracia operária, realizando-a com a mesma energia empregada durante o período anterior na militarização do partido. Deve compreender-se por democracia operária no interior do partido uma forma de organização que assegure a todos os membros uma participação ativa na vida do partido, na discussão de todas as questões que se colocam e em suas decisões, assim como uma participação ativa na construção do partido". Sobre a delicada questão das nomeações ele se mostra categórico: "A democracia operária é impossível num sistema de nomeações, e se caracteriza pela eleição de todos os organismos, desde os de cima até os de baixo, por sua responsabilidade e pelo controle que lhes é imposto". Os métodos de trabalho na democracia operária devem basear-se na "ampla discussão sobre todas as questões importantes, na absoluta liberdade de crítica dentro do partido e na elaboração coletiva de suas decisões".

A resolução que propõe recorda a definição do centralismo democrático dos estatutos de 1919: "As decisões dos organismos dirigentes devem ser aplicadas com rapidez e exatidão. Ao mesmo tempo, a discussão no partido de todas as questões controversas sobre a vida deste é inteiramente livre até que a decisão seja tomada". Esta discussão deve se concretizar no âmbito da democracia operária mediante a busca de um "constante controle da opinião pública do partido sobre o trabalho de seus órgãos dirigentes, bem como de uma constante interação na prática entre estes últimos e a totalidade do partido. Ao mesmo tempo, deve-se buscar também uma estrita divisão das responsabilidades entre os comitês do partido, tanto os superiores quanto os inferiores". O texto apresentado por Bukharin conta com a aprovação de todos os delegados do congresso, pois, no fundo, responde a uma aspiração geral, manifestada não somente pelo proponente e seus aliados, mas também por Zinoviev e os seus, e por Shliapnikov e os outros opositores.

Trata-se de uma resolução sobre os princípios, mas que também trata da atualidade. É em nome da democracia operária que deve ser impedido o acesso ao partido dos carreiristas e dos inimigos de classe. Mais tarde, será imposto aos aspirantes que não sejam de origem operária um período de prova de um ano, durante o qual não terão direito a voto. Recorrendo a uma resolução do VIII Congresso e mostrando que os dirigentes bolcheviques estão conscientes do perigo de degeneração que implica a perpetuação dos dirigentes liberados e a diferenciação funcio-

230 *Informe e resolução*, em *Bulletin communiste*, nº24, 9 de julho de 1921, pp. 401-405.

nal entre operários e governantes de operários, esta resolução prevê a sistemática execução da decisão segundo a qual "os operários que permanecerem muito tempo a serviço dos soviets ou do partido devem ser empregados na indústria ou na agricultura, nas mesmas condições de vida que os outros operários"[231]. Desta forma, o partido demonstra seu firme propósito de seguir sendo um partido operário, apesar de seu caráter dirigente.

Entretanto, para os dirigentes bolcheviques, é importante fixar, em função dos perigos imediatos, os limites desta democracia que exigem unanimemente. No dia 11, Bukharin anuncia sua intenção de apresentar uma moção sobre a "unidade do partido", que evidentemente se dirige contra os membros da Oposição Operária. Por último, Lenin se encarrega de apresentar, no dia 16 de março, último dia do congresso, duas moções especiais. Uma delas condena o programa da Oposição Operária como um desvio anarcosindicalista, defendendo que as teses que figuram neste programa acerca do papel dos sindicatos na direção da indústria são "incompatíveis com o programa do partido". A outra chama a atenção sobre o que chama de "indícios de fracionalismo", "aparição de grupos com seus próprios programas e uma tendência a possuir disciplina própria de grupo". Tal situação debilita o partido e dá força aos seus inimigos, e a moção recorda aos militantes que "aquele que faz uma crítica" deve "levar em conta a forma como esta é feita e a situação atual do partido, que está cercado de inimigos"[232].

Ainda neste ponto, se refere ao grupo de Shliapnikov e Kollontai de maneira explícita, lembrando que a resolução exige, sob pena de expulsão, a dissolução dos grupos constituídos em torno de plataformas particulares. O artigo 4 precisa que, em todas as discussões sobre a política do partido, é proibido agir "fracionalmente" no debate, mas que todas estas discussões contam com os canais dos organismos regulares do partido, deixando claro que: "Com este fim, o congresso decide publicar um boletim de discussão periódico, assim como uma série de publicações especiais". O artigo 7 prevê que, para garantir a aplicação desta resolução, o Comitê Central vai poder dispor do poder de expulsão, inclusive de um de seus membros, contanto que esta decisão seja aprovada por pelo menos dois terços do organismo; este artigo não será publicado.

Esta resolução estava destinada a desempenhar um papel fundamental na posterior transformação do partido e no desaparecimento definitivo da democracia operária, mesmo quando, a princípio, somente se tratava de regular uma disposição. Somente 25 delegados votarão contra ela. Alguns, como Karl Radek, expressam suas reservas, demonstrando inquietação a respeito do novo poder de expulsão do Comitê Central, mas votam a favor da resolução, levando em conta as ameaças que o partido sofre neste momento: "Ao votar a favor desta resolução, opi-

231 *Ibid.*, p. 403.

232 Citado por SCHAPIRO, Leonard, *Les bolcheviks et l'opposition...*, pp. 262-263.

no que ela pode voltar-se contra nós mesmos, entretanto, a apoio (...). Que o Comitê Central, em um momento de perigo, tome as medidas mais severas contra os melhores camaradas (...)! E inclusive que ele se equivoque! Isto é menos perigoso do que a indecisão que paira neste momento"[233]. Por outro lado, a atitude de Lenin parece tranquilizadora: todos sabem que ele propõe uma medida puramente circunstancial, justificada pela gravidade da situação, e que ele opina "que a atuação fracional mais vigorosa está justificada (...) se os desacordos são verdadeiramente muito profundos e se a correção da política errônea do partido ou da classe operária não pode ser obtida de outra forma"[234]. Assim, quando Riazanov propõe adotar uma emenda impedindo que as futuras eleições de membros ao Comitê Central se deem com base em listas de candidatos partidários de diferentes plataformas, Lenin o ataca vigorosamente: "Não podemos privar o partido e os membros do Comitê Central do direito de dirigir-se aos militantes se em uma questão fundamental possuem desacordos (...). Não temos autoridade para suprimi-lo"[235].

Antes de votar estas duas resoluções, o congresso já havia votado a composição do Comitê Central, com base precisamente nas plataformas que os militantes apresentaram durante a discussão sobre os sindicatos. A iniciativa deste procedimento havia chegado a Petrogrado no dia 3 de janeiro, inspirada por Zinoviev, que a considerou como uma forma cômoda de eliminar alguns de seus antagonistas e, principalmente, os três secretários que haviam votado a favor da plataforma de Trotski-Bukharin. Trotski havia protestado contra aquele procedimento, que, do seu ponto de vista, adulterava a autenticidade do "debate livre" que havia se iniciado, obrigando a todos os candidatos e a todos os participantes na polêmica a comprometerem-se e, de fato, a agruparem-se em torno de um ponto de vista em particular. Entretanto, no Comitê Central do dia 12 de janeiro, ele havia sido vencido por 8 votos contra 7. Desta forma, na composição do Comitê Central se operam mudanças significativas. O novo comitê terá apenas quatro partidários das teses de Trotski e Bukharin. Nenhum dos três secretários (Krestinski, Preobrazhenski e Serebriakov) é reeleito, pagando assim pelo liberalismo com que haviam tratado a Oposição Operária, condenada atualmente. Andreiev e Ivan Smirnov, partidários da plataforma de Trotski-Bukharin, também desaparecem do novo comitê. Todos eles são velhos militantes, pilares do Comitê Central durante a guerra civil, e conhecidos também por seu espírito independente. Os seus substitutos também são velhos bolcheviques; o fato de que quase todos eles tenham tido, anteriormente, choques com Trotski e que estivessem vinculados a Stalin parece, nesta época, ter pouca importância. Molotov, Yaroslavski, Ordzhonikidze, Frunze e Voroshilov passam a ser titulares; Kirov e Kuibishev, suplentes. Zinoviev ocupa o lugar de Bukharin no Birô Político e este, por sua vez, passa a ser o terceiro suplente. Molotov é eleito "secretário responsável"

233 *Ibid.*, p. 264.
234 Citado por DANIELS, John, *Labour Review*, nº2, 1957, p. 47.
235 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 150.

do Comitê Central e, em seu novo cargo, será assessorado por Yaroslavski e Mikhailov. Apesar de seus protestos e pela insistência de Lenin, Shliapnikov e Kutuzov, membros da Oposição Operária, serão também eleitos.

A ascensão do aparato depois do X Congresso

Nos dias seguintes ao X Congresso, no período de crise que caracteriza os difíceis inícios da NEP, a resolução sobre a democracia operária não será colocada em prática. O novo Secretariado é mais duro que o antigo. O Tsektran – paradoxalmente – se restabelece com todas as suas prerrogativas e o Secretariado cria ainda um departamento especial para a "direção e controle dos transportes". Uma conferência da fração no congresso dos sindicatos havia aprovado, no dia 17 de maio, uma resolução em que declarava que o partido "deveria fazer um esforço especial para aplicar os métodos normais da democracia proletária, particularmente nos sindicatos, onde a eleição dos dirigentes devia ser feita pelas próprias massas"[236]. Riazanov, autor da proposta que proíbe que qualquer cargo nos sindicatos seja escolhido por nomeação, e Tomski, que a defendeu, são excluídos de seus cargos no Conselho Panrusso de Sindicatos, por proposta de uma comissão especial encabeçada por Stalin. A maioria dos círculos de estudos fundados no decorrer do ano é dissolvida de forma quase imediata com diferentes pretextos. São poucas as reações, inclusive nos organismos dirigentes; Sosnovski, no *Pravda*, critica a forma com que o aparato se esforça em suprimir as divergências:

> Quando os melhores elementos de uma organização se dão conta que os trapaceiros não são reprimidos, enquanto que os camaradas que criticaram são deslocados de Vologda para Kerch ou vice-versa, isso faz com que entre os melhores comece a crescer aquele sentimento de desesperança e de apatia, ou inclusive de raiva, que constituem a base de todos os grupos "ideológicos" de oposição (...). Somente quando aparece um grupo assim, a direção começa a interessar-se pela questão.

Com a afirmação de que o militante comunista é aquele que aporta em sua tarefa com "o espírito de criação e sabe, com seu exemplo, arrastar as massas", ressalta que este tipo de militante, no momento atual, é mal visto pelas autoridades do partido, devido a seu "insuficiente respeito pela hierarquia burocrática". E acusa: "A transposição mecânica e superficial da 'liquidação das intrigas' nos levou a abandonar o verdadeiro espírito comunista, nos tornando somente homens-com-a-carteira-do-partido"[237].

A reação deste velho bolchevique em um órgão central do partido demonstra que a tradição democrática continua vigorosa. Quando o operário Miasnikov, bolchevique desde 1906, exige publicamente liberdade de imprensa para todos,

236 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 268.

237 SOSNOVSKI, Leo, *Taten und Menschen*, Viena, Verlag für Literatur und Politik, 1924, p. 153.

inclusive para os monarquistas, Lenin tenta convencê-lo em uma correspondência privada. Miasnikov, depois de sucessivos atos de indisciplina, será expulso do partido, podendo reintegrar-se dentro de um ano, caso respeite a disciplina da organização. Em agosto, Shliapnikov critica, em uma célula, utilizando termos tidos como inadmissíveis, um decreto do Presidium de Economia Nacional, mas o Comitê Central nega a sua expulsão, proposta por Lenin, que não consegue obter os dois terços dos votos necessários para tal, como exige a aplicação do artigo 7.

A Oposição Operária, que, mediante uma carta conhecida como "Declaração dos 22", questiona, junto à Internacional, as decisões do partido russo, é acusada de indisciplina grave. Uma comissão integrada por Dzerzhinski, Stalin e Zinoviev exige, em uma moção apresentada ao XI Congresso, a expulsão de Shliapnikov, Medvedev e Kollontai. No entanto, a proposta é rechaçada.

Entretanto, estas mesmas resistências demonstram a existência de uma pressão maior sobre os militantes e uma centralização crescente no partido, cujo aparato se consolida e cresce, apesar das resoluções do X Congresso, com seu peso e sua autoridade. Se o Comitê Central se nega a usar da prerrogativa que lhe permite eliminar uma minoria, isto se deve, entre outras razões, a que seus membros sintam diminuir pouco a pouco a autoridade de que desfrutavam anteriormente. O Comitê Central só se reúne de dois em dois meses e seus poderes, na prática, são exercidos pelo Birô Político, que, desde 1921, conta com sete membros.

Neste último organismo aumenta a influência daqueles que controlam o aparato do partido. Este não deixa de crescer numericamente, justificando assim a multiplicação dos dirigentes liberados pelas necessidades da mobilização dos militantes, do controle das organizações e pelo aumento das atividades de agitação e propaganda. Em agosto de 1922, existem 15.325 dirigentes liberados no partido, dos quais 5 mil atuam nos níveis de distrito e fábrica. O Secretariado do Comitê Central termina, neste ano, a ficha de todos os militantes, que a partir de agora ele controla e mobiliza segundo sua vontade. Sob sua direção é criado um "departamento de destinações", o *Uchraspred*, fundado em 1920 para assegurar, durante a guerra civil, as transferências de comunistas aos setores estratégicos e possibilitar sua "mobilização" militar. As necessidades de uma ação rápida o obrigam em seguida a, como já vimos, intervir na nomeação dos dirigentes do partido e na busca de substitutos para os que são deslocados. Quando se trata de cargos mais elevados, é necessária a intervenção do Birô de Organização. Porém, nos níveis mais baixos, o *Uchraspred* efetua de fato nomeações oficiais por meio das "recomendações" do Secretariado do Comitê Central, cuja autoridade, desta forma, se estende por todas as regiões: em 1922-1923, acontecerão mais de dez mil nomeações e transferências deste tipo. Entre os dirigentes deslocados, estão quarenta e dois secretários de comitês de província e importantes dirigentes do aparato administrativo ou econômico. Todas essas nomeações e transferências ocorrem à margem

das decisões dos eleitores ou dos responsáveis pelos comitês competentes. Sob a gestão de Krestinski e Preobrazhenski, foram criados os departamentos regionais do partido, que funcionam como correias de transmissão entre o Secretariado e as organizações locais e cuja autoridade não para de crescer.

Em 1922, surge, paralelamente ao Secretariado, o Departamento de Organização e Instrução, que está destinado a tornar-se um de seus mais eficazes instrumentos. Este dispõe de um corpo de "instrutores responsáveis", que desempenham o papel de verdadeiros inspetores gerais: eles visitam as organizações locais, elaboram informes, controlam a atividade geral e selecionam os quadros dirigentes. O departamento pode também delegar poderes importantes a alguns dirigentes que serão conhecidos como "plenipotenciários do Comitê Central" e que, em seu nome, possuem o direito de veto sobre qualquer decisão emitida por um organismo do partido, um meio eficaz para disciplinar comitês provinciais ou locais excessivamente críticos.

Certamente, a criação de comissões de controle foi exigida pelos diferentes grupos da oposição, precisamente com o objetivo de lutar contra os abusos de autoridade dos dirigentes do aparato, pois a Oposição Operária vê nelas uma defesa contra a burocracia. Seus membros são eleitos por um sistema complicado em que participam os comitês de província, as organizações locais e uma comissão central eleita nos congressos de província. Entretanto, os eleitos carecem de fato de autoridade suficiente frente aos representantes do aparato normal. A tarefa de depuração evidentemente os obriga a manter uma intensa colaboração com os serviços do Secretariado, que centraliza os dados, resultando em que a Comissão Central de Controle domina as restantes.

Depois do X Congresso, os "expurgos" serão particularmente severos: 136.836 membros do partido são expulsos, dos quais 11% são acusados de "indisciplina", 34% de "passividade", 25% de "delitos leves" – entre os quais se encontram a embriaguez e o "carreirismo" – e 9% de "faltas graves", como chantagem, corrupção e prevaricação. Desta forma, o partido se depura de um grande número de elementos duvidosos. Entretanto, como afirmarão Shliapnikov e seus companheiros, é plausível a suposição de que certo número de membros da oposição foi afetado, ou ao menos ameaçado, com estas expulsões. Durante o ano de 1922 fica claro que o aparato do partido está assumindo o controle sobre o conjunto da organização e, por consequência, sobre toda a vida do país e, assim, ameaça substituir ao próprio partido, da mesma forma que o partido substituiu os soviets. Isto é particularmente evidente na evolução das comissões de controle que se convertem em um apêndice daquela burocracia que, a princípio, deveriam eliminar. Entretanto, é ainda mais escandaloso o caso da Inspeção Operária e Camponesa (Rabkrin), na qual Lenin perece ter depositado uma grande confiança. Tal organismo, integrado por uma série de comissões e destinado, a princípio, a garantir o controle dos

trabalhadores sobre o funcionamento do aparato estatal, sob a direção de Stalin, comissário da Inspeção Operária e Camponesa, se converte em um anexo da Comissão de Controle, que mantêm, por sua vez, um estreito vínculo não só com o Secretariado, mas também com a antiga Cheka, que agora possui o nome de GPU.

Desta maneira, acontece no partido, uma transferência de autoridade em todos os níveis: dos congressos ou conferências para os comitês, eleitos ou não, e dos comitês para seus secretários liberados. A persistência e o agravamento da prática das nomeações, em oposição às resoluções do X Congresso, fazem com que os secretários se sintam responsáveis não mais perante a base, mas perante o aparato e o Secretariado. Cria-se uma autêntica hierarquia autônoma de secretários, que faz com que se acentue o espírito corporativo. Sosnovski descreve desta maneira aqueles que começa a chamar de *apparatchiks*[238]:

> Não são nem frios, nem quentes. Conhecem todas as circulares dos comitês (...), realizam vários cálculos numéricos com vistas à ação recomendada, obrigam toda a atividade do partido a se enquadrar na fórmula matemática dos informes que vão redigir minuciosamente, se mostram satisfeitos quando todos os pontos são cumpridos e podem informar à direção a perfeita realização de suas exigências. Sobre este tipo de funcionário do partido cai permanentemente uma chuva de planos, programas, instruções, teses, campanhas e informes. Só ficam contentes quando em sua organização reina a calma, quando não existem "intrigas", quando ninguém os ataca[239].

Acima dos membros ordinários, que são simples trabalhadores, já existiam no partido os responsáveis nos soviets, no exército e nos sindicatos; agora existe ainda uma camada superior, já que são os *apparatchiks* que controlam o acesso a todos os responsáveis, aos departamentos e a toda a pirâmide de secretários.

Entretanto, o partido protesta durante o XI Congresso, celebrado sem a presença de Lenin, que só participa do informe de abertura. O informe de Zinoviev contém alusões às "camarilhas" e aos "grupos", revelando uma consciência do fenômeno oposicionista e de sua extensão. Uma moção que exige a supressão das comissões locais de controle, apesar de muito aplaudida, obtém apenas 89 votos contra 223. Uma das resoluções propostas perece colocar o dedo na ferida ao afirmar: "As organizações do partido começaram a ver-se recobertas por um aparato imenso, (...) que, com seu desenvolvimento constante, começa a fazer incursões burocráticas e a absorver uma parte importante das forças do partido"[240]. No entanto, este aparato parece ainda ser anônimo e não tem um rosto conhecido. O mesmo congresso aprova as palavras do presidente da Comissão Central de Controle, que afirma: "Agora, mais do que nunca, necessitamos de disciplina e isto é necessário porque o inimigo não é mais tão visível como antes. Ao abaixarmos a

---

238 Homens do aparato (N. do E.).

239 *Ibid.*, p. 152.

240 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 166.

guarda, começa a aparecer entre nós o desejo de se libertar do jugo do partido. Começamos a pensar que este momento chegou, mas isto não deve ser assim"[241].

Para ele, que pronuncia estas palavras, nunca chegaria tal momento, pois pertence ao grupo de homens do aparato cuja influência está condenada a crescer incessantemente e que ocupa, já em 1922, quase todos os postos decisivos. Seus nomes são ainda pouco conhecidos: Yaroslavski, secretário geral da Sibéria em 1921, secretário do partido em 1922 e mais tarde membro da Comissão Central de Controle; Lazar Kaganovich, secretário do Turquestão, que, em 1922, ascende a dirigente do Departamento de Organização e Instrução do Secretariado; Serguei Kirov, secretário do Azerbaijão e, mais tarde – em 1921 –, suplente do Comitê Central; Stanislav Kossior, sucessor de Yaroslavski na Sibéria, Mikoyan, secretário do Cáucaso Norte que ingressa no Comitê Central em 1922; Ordzhonikidze, secretário da Transcaucásia desde 1921; Kuibishev, secretário do Turquestão, secretário do partido em 1922 e presidente da Comissão Central de Controle em 1923. Seus principais líderes são Molotov, secretário do partido em 1921; Soltz, presidente neste mesmo ano da Comissão Central de Controle e, sobretudo, Stalin, membro do Birô Político, da Inspeção Operária e Camponesa e membro influente do Birô de Organização.

Todos estes dirigentes são velhos bolcheviques, mas formam um grupo característico. São unidos por numerosos vínculos pessoais. Kaganovich, Molotov e Mikoyan exerceram ao mesmo tempo cargos importantes em Nizhni-Novgorod, onde foram substituídos por um jovem *apparatchik*, Andrei Zhdanov. Ordzhonikidze e Stalin, ambos georgianos, são amigos desde os tempos de clandestinidade e Kuibishev tornou-se íntimo de Stalin durante a guerra civil. Stalin, Molotov e Soltz estavam juntos no comitê de redação do *Pravda* antes da guerra. Todos eles, além disso, têm em comum um mesmo estado de ânimo, assim como uma determinada concepção da existência e da ação que os distingue dos outros bolcheviques. Entre eles não existe nenhum teórico, nenhum tribuno, nem sequer um dirigente de massas de origem operária. Todos eles são homens hábeis, eficazes e pacientes, organizadores discretos, personagens do aparato, prudentes, rotineiros, trabalhadores, obstinados e conscientes de sua importância. Stalin é o que os aglutina e os integra; ao seu redor começa a constituir-se uma fração que não se assume enquanto tal, mas que atua e estende, cada vez mais, sua influência.

Em 1922 já está tudo preparado para que se inicie o reino dos administradores. A única coisa que falta é "*the right man in the right place*"[242]: Stalin no cargo de secretário geral, de onde poderá reunir em suas mãos todos os fios tramados durante os anos precedentes, encarnando o novo poder do aparato. Isto ocorrerá depois do XI Congresso. Podemos acreditar na versão, relatada nas memórias de um dos de-

241 *Ibid.*, p. 165.
242 Expressão em inglês no original, que quer dizer "o homem certo no lugar certo".

legados deste congresso, segundo a qual a candidatura de Ivan Smirnov era quase unânime, mas Lenin se opôs à sua nomeação por considerá-lo insubstituível na Sibéria? Podemos crer na afirmação de que Lenin precisou de vinte e quatro horas de reflexão antes de propor Stalin[243]? É plausível imaginar uma intervenção nesse sentido da parte de Zinoviev, que se aproximava do georgiano devido à hostilidade que ambos sentiam por Trotski, e via Smirnov como um amigo pessoal deste? Estas são apenas conjecturas. O fato é que o pequeno artigo do *Pravda* de 4 de abril de 1922 que anuncia a nomeação de Stalin como secretário geral vai abrir um novo período na história dos bolcheviques e também dos povos russos. No entanto, este fato vai passar quase desapercebido: no XI Congresso apenas Preobrazhenski vai questionar que um único homem, em um regime soviético e num partido operário, acumule em suas mãos funções e poderes de tal envergadura.

Com a NEP, inicia-se uma nova era na revolução russa. Nesta se abandonará para sempre o heroico entusiasmo dos anos apocalípticos. Durante o lento restabelecimento, ressoam ainda as palavras de Lenin, que, certamente, viram uma página:

> Transportados por uma onda de entusiasmo, nós, os que havíamos despertado o fervor popular – primeiro político e logo militar –, contávamos com a possibilidade de realizar diretamente, a favor deste entusiasmo, tarefas econômicas tão grandiosas como as tarefas políticas gerais ou como os empreendimentos militares. Contávamos – ou talvez fosse mais exato dizer que opinávamos sem suficiente reflexão – com a possibilidade de organizar à maneira comunista, mediante as ordens expressas do Estado proletário, em um país de camponeses pobres, a completa produção e repartição dos produtos pelo Estado. A vida demonstrou nosso erro. [...] Não é apoiando-se diretamente sobre o entusiasmo, mas sim jogando com o interesse e a vantagem individual, aplicando o princípio do rendimento comercial, que iremos construir, num país de camponeses pobres, sólidas passarelas que conduzam ao socialismo, através do capitalismo de Estado[244].

Alguns anos mais tarde, o gentil e fervoroso Bukharin definiria, por sua vez, os novos sentimentos que o giro lhe havia inspirado: "No ardor da autocrítica, as ilusões do período infantil se destroem, e desaparecem sem deixar traços; as relações reais vêm à tona em sua sóbria nudez e a política proletária adquire o caráter – talvez menos emocional, porém mais seguro – de uma política que se aproxime da realidade e que a modifique também. Deste ponto de vista, o passo da NEP representa o colapso de nossas ilusões"[245].

É em condições completamente diferentes que se inicia o novo período, que será mais cinza e rotineiro, e menos heroico e lírico. Os *apparatchiks* certamente surgem na hora certa. Entretanto, nenhum dos que os viu prosperar e se enfrentou com eles crê que sua vitória seja possível. Afinal como alguns burocratas poderiam arrancar de Lenin a direção de seu partido?

---

243 *Ibid.*, p. 170.
244 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies*, *op. cit.*, tomo III, p. 917.
245 BUKHARIN, Nikolai, *Bolshevik*, nº2, abril de 1924, p. 1.

8

A CRISE DE 1923: O DEBATE SOBRE O NOVO CURSO

No dia 26 de maio de 1922 Lenin sofre um derrame. Sua recuperação vai durar todo o verão e ele retomará suas atividades apenas em outubro. Portanto, é difícil saber o que aceitou e respaldou durante este período de retiro parcial. No entanto, o último período de sua vida política, do final de 1922 até os primeiros meses de 1923, é marcado por sua ruptura pessoal com Stalin e pelo início de uma luta contra o aparato, que só será interrompida por sua recaída definitiva. Durante muito tempo, as únicas informações sobre este período de que dispunham os historiadores eram as apresentadas peço testemunho de Trotski, confirmadas em um ou outro detalhe por uma alusão presente nas atas dos congressos ou pelo conteúdo de alguma declaração. Obviamente, a historiografia stalinista nega esta versão, que, no entanto, foi definitivamente validada pelas revelações do relatório Krushev, ao menos em seus elementos fundamentais.

Lenin e a burocracia

Teria sido assombroso que um homem com a envergadura intelectual de Lenin não tivesse percebido o perigo de degeneração que o regime soviético e o partido sofriam com o isolamento da revolução vitoriosa em um país atrasado. No período de março-abril de 1918 escreve:

> O elemento de desorganização pequeno-burguesa (que irá se manifestar em maior ou menor medida em toda revolução proletária, e que em nossa própria revolução deve surgir com grande vigor, dado o caráter pequeno-burguês do país, seu atraso e as consequências da guerra reacionária) também deve deixar suas marcas nos soviets (...). Existe uma tendência pequeno-burguesa que leva a transformar os membros dos soviets em "parlamentares" ou em burocratas. Esta

> tendência deve ser combatida, fazendo com que todos os membros dos soviets participem nas decisões sobre os mais diversos assuntos[246].

Consciente de que o principal obstáculo para a aplicação deste remédio era a falta de cultura das massas, Lenin vai, logo após a tomada do poder, redigir o decreto de reorganização das bibliotecas públicas, onde eram previstas as trocas de livros, sua circulação gratuita e o funcionamento diário das salas de leitura, que deveriam permanecer abertas, inclusive nos sábados e domingos, até as onze da noite. No entanto, os efeitos de tais medidas não poderiam ser imediatos. Em 1919, falando ao VIII Congresso, afirma:

> Sabemos perfeitamente o que significa a falta de cultura na Rússia, e o que ela acarreta para o poder soviético que, a princípio, criou uma democracia proletária infinitamente superior a todas as democracias conhecidas [...], sabemos que esta falta de cultura degrada o poder dos soviets e facilita o ressurgimento da burocracia. Se acreditarmos somente nas palavras, o Estado soviético está ao alcance de todos os trabalhadores; na realidade – e nenhum de nós a ignora – não está ao alcance de todos e falta muito para que assim seja[247].

Seus discursos de 1920, 1921 e 1922 estão repletos de referências à burocracia do aparato estatal e à herança do czarismo. Porém, o refluxo das massas e a letargia que asfixia os soviets não permitem utilizar os remédios propostos a princípio. Lenin parece ter se aprofundado na compreensão do problema, afirmando que a crescente confusão entre o partido e o Estado estava na raiz de diversos males. Assim, declara sem rodeios no XI Congresso: "Se estabeleceram relações errôneas entre o partido e as organizações soviéticas: quanto a isso estamos todos de acordo [...]. Formalmente, é muito difícil resolver a questão, pois o governo é dirigido por um partido único. [...] Em muitos aspectos sou também culpado disso"[248].

Será que Lenin foi mais longe em sua análise, considerando o possível final do sistema de partido único? Também isto parece provável, pois uma de suas notas manuscritas, destinada a um artigo que redigiu durante a celebração do congresso, menciona em distintas ocasiões a "legalização" dos mencheviques. No entanto, continua convencido da necessidade de trabalhar com prudência para não comprometer alguns resultados ainda frágeis, plenamente consciente das imensas dificuldades. Em um informe dirigido ao Comitê Central, depois de dar ênfase à má qualidade do aparato estatal, reitera: "A primeira máquina a vapor era inútil. Não importa! [...] Agora temos a locomotiva. Nosso aparato estatal é fraco e mal organizado. Não importa! Ele foi criado, e isto é uma enorme invenção histórica,

---

246 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes, op. cit.*, tomo XXVII, p. 283.
247 *Ibid.*, tomo XXIX, p. 177.
248 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies, op. cit.*, tomo II, p. 979.

um Estado de caráter proletário foi criado!" Sua conclusão demonstra que ele está ciente dos limites do que se pode fazer para melhorar a situação. "Toda a questão consiste em separar firme, clara e saudavelmente aquilo que é um mérito histórico mundial da revolução russa daquilo que fazemos da pior maneira possível; aquilo que ainda não foi criado daquilo que, muitas vezes, ainda terá de ser refeito"[249]. A seguinte passagem, referente às greves do início de 1922, reflete, talvez mais ainda, o caráter pragmático de seu pensamento no que se refere a estes problemas fundamentais: "Em um Estado proletário de tipo transitório como o nosso, o objetivo final de qualquer ação da classe operária deve ser sempre o fortalecimento do Estado proletário, tarefa que será realizada pelo próprio proletariado através da luta contra as deformações burocráticas de tal Estado". O partido, os soviets e os sindicatos não devem dissimular que "o apelo à luta grevista em um Estado em que o poder político pertence única e exclusivamente ao proletariado pode explicar-se e justificar-se unicamente por certo número de deformações burocráticas do Estado proletário, assim como por toda uma série de sobrevivências capitalistas em suas instituições por um lado, e pela falta de desenvolvimento político e pelo atraso cultural das massas trabalhadoras por outro[250].

De fato, Lenin entende que deve concentrar todos seus esforços, em detrimento de qualquer outra atividade, em salvaguardar e aperfeiçoar a ferramenta que, em sua opinião, é absolutamente essencial: o partido. Mesmo um historiador tão hostil a Lenin como Schapiro adverte que "é como se Lenin tivesse conservado a crença de que era possível elevar o nível de seus membros e parar o desenvolvimento do carreirismo e da burocracia, desenvolvendo as aptidões do proletariado e sua confiança em si mesmo"[251].

Neste sentido, as medidas de 1922, que fixam a duração do período de experiência prévio ao ingresso no partido em seis meses para os operários e soldados do Exército Vermelho de origem operária e camponesa, em doze meses para os camponeses e em dois anos para o restante dos estratos sociais parecem ter sido, na opinião de Lenin, completamente insuficientes, já que a sua proposta exigia seis meses unicamente para aqueles operários que tivessem trabalhado por pelo menos dez meses na indústria pesada, dezoito meses para os outros setores operários, dois anos para os ex-combatentes e três anos para as outras categorias sociais. Sua grande preocupação em preservar o capital constituído pela "velha guarda" bolchevique nos permite supor que as condições mínimas que se exigiam para o exercício de responsabilidades dentro do partido – um ano para ser secretário de célula, três anos para converter-se em secretário de distrito e ter entrado no partido antes da Revolução de Outubro para ser secretário regional – contaram,

249 *Ibid.*, tomo II, p. 975.
250 *Ibid.*, tomo II, p. 929.
251 SCHAPIRO, Leonard, *Les bolcheviks et l'opposition...*, *op. cit.*, p. 278.

pelo menos, com sua plena aprovação. De todo modo, seus últimos escritos demonstram que em 1923 ele continuava fiel aos princípios que defendera durante a construção do partido. Assim, ele aconselha afastar das tarefas de direção "os operários que estão há muito tempo desempenhando trabalhos soviéticos" porque "possuem uma determinada tradição e uma determinada mentalidade contra as quais seria conveniente lutar", e recomenda apoiar-se "nos melhores elementos de nosso regime social, quer dizer, principalmente nos operários avançados, e, em segundo lugar, nos elementos verdadeiramente instruídos, dos quais se tenha certeza que nunca vão crer em algo baseados apenas em palavras e que nunca dirão nada que vá contra a sua consciência"[252].

Estes artigos e discursos dedicados ao tema da burocracia e do aparato serão aprovados por todos, inclusive pelos burocratas. Entretanto, no *Pravda* de 3 de janeiro de 1923, Sosnovski descreve como aqueles que o aplaudem, não mudam, todavia, nada em suas práticas:

> Lenin, em várias ocasiões, deu ênfase às formas através das quais o aparato formado pelos funcionários dos escritórios nos subjuga, quando deveríamos ser nós os que deveríamos subjugá-lo. E aqui todos aplaudem Lenin: os comissários, os chefes e os dirigentes também aplaudem de todo o coração, pois estão completamente de acordo com Lenin. Porém, pegue algum deles pela gola da camisa e pergunte-lhe: "Por acaso o aparato de teu escritório também dominou seu chefe?" Ficará, sem dúvida, totalmente ofendido: "Não é a mesma coisa. Tudo isso é absolutamente certo somente para o próximo, para o vizinho. Eu controlo perfeitamente o meu aparato".

Lenin frente à ascensão do aparato

Desde seu retorno à atividade política, depois de seu primeiro derrame, Lenin concentra sua atenção no problema da crescente influência da burocracia, fenômeno que o surpreendeu durante sua lenta retomada de contato com a situação do país. Ao mesmo tempo em que se lamenta das "mentiras e da arrogância comunista" que "lhe causam nojo", busca, entre seus companheiros de luta, o aliado e confidente de que necessita para empreender qualquer tipo de ofensiva. Segundo Trotski, é a ele a quem propõe, em novembro, a criação de "um bloco contra a burocracia em geral e contra o Birô de Organização em particular"[253]. No dia 14 de dezembro sofre um segundo derrame, que o deixa semiparalisado. No dia 15, dita uma nota que será conhecida como seu "testamento". O texto, publicado em 1925 graças aos cuidados de Max Eastman, será por um longo tempo denunciado como falso pelos dirigentes russos, antes de ser confirmado em 1956 por Krushev, causando grande impacto. Neste documento, Lenin comenta as qualidades e defeitos dos principais dirigentes bolcheviques, prevê a possibilida-

252 LENIN, Vladimir, *Oeuvres choisies*, *op. cit.*, tomo II, p. 979.
253 TROTSKI, Leon, *Ma vie*, Paris, Gallimard, 1957, tomo III, p. 200.

de de um conflito entre Stalin e Trotski e recomenda que se tente evitá-lo, sem sugerir, no entanto, solução alguma.

Durante os dias seguintes Lenin terá um verdadeiro choque ao tomar conhecimento dos acontecimentos que se produziram na Geórgia. Em 1921 o Exército Vermelho entrou na Geórgia para apoiar uma "insurreição" bolchevique. A resistência à dominação russa sempre foi intensa nesta região, e nesta ocasião se traduz em um forte sentimento nacionalista entre os comunistas georgianos. Durante o verão de 1922, estes se lançam contra o projeto de Stalin, comissário das Nacionalidades, que propõe a construção de uma república federal que inclua Geórgia, Armênia e Azerbaijão, destinada a se unir à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas com o mesmo status que a Rússia, Bielorrússia e Ucrânia. No dia 15 de setembro, o Comitê Central do partido comunista georgiano toma posição contra esse projeto, defendido por Ordzhonikidze, secretário do Birô Regional da Transcaucásia. O protesto que Budu Mdivani, dirigente do partido comunista georgiano, dirige a Lenin suscita um primeiro choque entre Stalin e Lenin, que acusa o primeiro de ter sido "muito afobado".

No meio de outubro, no entanto, quando o Comitê Central do partido russo aprova o plano de Stalin, os comunistas georgianos, ignorando o chamado à disciplina que lhes é feito, se negam a submeter-se. Ordzhonikidze, instalado em Tiflis, empreende então a tarefa de romper sua resistência com os métodos característicos do aparato, obrigando o Comitê Central georgiano a renunciar. A operação, inspirada possivelmente por Stalin, de quem Ordzhonikidze é um mero executor, transcorre sem maiores incidentes, devido ao uso da repressão policial e da violência. Os chamados dos comunistas georgianos suscitam a criação de uma comissão de investigação presidida por Dzerzhinski, que aprovará a ação desencadeada por Ordzhonikidze. Transferidos pelo Birô de Organização e separados de seu partido, os dirigentes georgianos conseguem, no entanto, entrar em contato com Lenin e lhe apresentar um importante informe sobre a atividade executada contra eles na Geórgia por Stalin e Ordzhonikidze.

Lenin descobre então subitamente a verdadeira extensão dos danos e reprova a si mesmo com termos nada habituais: "Creio que sou enormemente culpado ante os trabalhadores da Rússia por não haver intercedido com suficiente força, nem com o vigor necessário para este assunto". As "forças poderosas que desviam o Estado soviético de seu caminho devem ser denunciadas: surgem de um aparato que nos é completamente estranho e que representa uma mescla de resquícios burgueses e czaristas" que apenas são "recobertos com certo verniz soviético" e que jogam de novo o país em um "lamaçal de opressão". Contra Stalin, a quem se refere de forma inequívoca na discussão da questão georgiana, emprega duras palavras: "O georgiano que contempla com desdém este aspecto do assunto, que profere depreciativas acusações de 'social-nacionalismo' (quando ele mesmo não somen-

te é um verdadeiro e autêntico 'social-nacionalista', mas também, além disso, um brutal policial grão-russo), este georgiano, ataca, na verdade, a solidariedade de classe proletária"[254].

Estas linhas são ditadas no dia 30 de dezembro. No dia 4 de janeiro, Lenin inclui em seu testamento uma nota sobre Stalin, na qual denuncia sua brutalidade, recomendando seu afastamento do Secretariado. Mais adiante vai tornar público este debate, tratando, em um artigo que aparece no *Pravda* de 23 de janeiro, dos "problemas da Inspeção Operária e Camponesa", o departamento de Stalin, a quem já havia criticado em uma carta escrita em setembro de 1921 por sua política de tentar "apanhar" ou "desmascarar" as pessoas em vez "melhorá-las". No dia 6 de fevereiro aparecerá um novo artigo sobre a questão – o último artigo de Lenin – intitulado "Melhor pouco, porém bom", no qual lança uma avalanche de críticas sobre Stalin, ainda que sem citá-lo: "As coisas estão repugnantes, no que diz respeito ao aparato do Estado", "não existe instituição pior que a Inspeção". Devemos acabar com "a burocracia, não somente nas instituições soviéticas, mas também nas pertencentes ao partido". Para todos os leitores informados do *Pravda*, isto cai como uma bomba: Lenin denuncia publicamente Stalin. Trotski é o único que fornece um relato das vacilações do Birô Político na hora de publicar este artigo. Aparentemente, Kuibishev chega inclusive a propor que se imprima apenas um exemplar do *Pravda*, com o objetivo de enganar o doente[255]. Porém, esta proposta não conta com a cumplicidade de todos e o artigo virá a público. Entretanto, Lenin prossegue seus ataques: o informe de Krushev confirmou e precisou o relato que, dois anos mais tarde, Kamenev fará a Trotski sobre o incidente ocorrido entre Stalin e Krupskaia, que obriga Lenin a enviar, na noite de 5 para 6 de março, uma carta de ruptura com Stalin. No dia 9 Lenin sofre um terceiro derrame que lhe tira por completo a fala. O partido bolchevique se vê assim privado de sua cabeça no momento em que mais iria necessitá-la: o país está debilitado por uma grave crise econômica, a Alemanha está prestes a começar sua tão esperada revolução. Lenin agoniza.

A crise econômica: as tesouras

Os primeiros resultados da NEP foram positivos. O organismo econômico voltou a funcionar. A agricultura, liberada das amarras das requisições, se desenvolve. Se o camponês pobre ainda vive mal, o *kulak* dispõe agora de importantes excedentes. A colheita de trigo chega, em 1922, a três quartos da de antes da guerra. As cidades voltam à vida. Petrogrado, cuja população havia diminuído até alcançar 740 mil habitantes em 1920, chega a 860 mil habitantes em 1923 e, em

254 Estas notas, cuja existência foi revelada por Trotski, não foram publicadas até o XX Congresso. Cf. LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXXVI, pp. 620-623.
255 TROTSKI, Leon, *La révolution défigurée*, *op. cit.*, p. 164.

pouco tempo, a 1 milhão. A indústria também se recupera: as plantas industriais abandonadas, repletas de sujeira, cuja maquinaria havia sido roubada peça por peça e cujas chaminés permaneciam apagadas, voltam à vida. Em 1922, a produção ainda só representa um quarto da de antes da guerra. Porém, aumenta em 46% em relação ao ano anterior. Este ressurgir supõe um grande estímulo, uma prova da vitalidade e do dinamismo do sistema, na opinião de muitos russos; este ressurgimento, depois dos anos sombrios, representa para muitos uma conquista de incalculável valor, a aurora de uma nova era. Entretanto, o quadro ainda não é dos mais animadores.

Os progressos da indústria estatal são muito menos notórios que os dos pequenos artesãos e da indústria privada. Os avanços da indústria pesada são lentos se comparados aos da indústria leve. A alta dos preços desta última ameaça privar o consumidor camponês de uma parte substancial de seus rendimentos. Entretanto, e acima de tudo, este crescimento traz importantes consequências sociais. Em primeiro lugar, a NEP causa uma nova depressão relativa do nível de vida do proletariado industrial, que inicialmente fora beneficiado por ela, como consumidor. Por outro lado, os quadros técnicos da pujante indústria, administradores e engenheiros, recrutados entre os especialistas de origem burguesa e preocupados somente com o rendimento e a produtividade, assumem uma importância que inquieta os sindicatos. A partir do outono de 1922, a alta dos preços industriais causa um aumento do desemprego; dos 500 mil desempregados de então, a cifra aumenta para 1 milhão e 250 mil no verão de 1923. A liberdade econômica provoca uma crescente diferenciação dos salários, que são mais altos na indústria de bens de consumo do que na indústria pesada, maiores no setor privado do que no setor estatal. Os "industriais vermelhos" sofrem uma constante pressão do partido no sentido de diminuir seus gastos gerais e aumentar a produtividade, gerando precisamente um aumento do número de desempregados e o estancamento dos salários.

Na primavera e no verão de 1923 a crise se agrava continuamente. Trotski, ao apresentar um gráfico ao XII Congresso, vai denominá-la "crise das tesouras", pois, de fato, as curvas dos preços industriais e agrícolas, após terem se cruzado no outono de 1922, não cessam de se afastar. Até o verão de 1923, os preços industriais chegam a até 180% e 190% do nível de antes da guerra, enquanto os preços agrícolas se estabilizam em torno de 50%. O aumento da produtividade, único meio de diminuir os preços industriais, implica na concentração das empresas: no quadro da NEP, os interesses a longo prazo da economia infligem aos operários novos sofrimentos. O problema que se coloca é se a NEP deve ser mantida integralmente (o que supõe o adiamento da recuperação da indústria pesada, uma ação sobre os preços para pressioná-los para baixo e a execução de uma política de conciliação com os camponeses mediante um incremento das exportações e das isenções fiscais) ou, pelo contrário, se a crise deve ser combatida mediante uma ajuda à in-

dústria. No Birô Político, a maioria opta pela primeira solução, defendendo o atual *status quo*. No entanto, Trotski se pronuncia a favor do início de uma planificação que, antes de tudo, sirva ao desenvolvimento da indústria pesada. Esta discordância, que está latente desde o fim de março, época do XII Congresso, não se tornará pública até o outono de 1923.

O fracasso da revolução alemã

O ano de 1923 vê surgir na Alemanha uma situação revolucionária sem precedentes nos países avançados. A crise se deve às "reparações de guerra" que a Alemanha deve aos aliados, à ocupação do Ruhr por tropas francesas e à política das altas esferas do capitalismo alemão, que provocam uma catastrófica inflação. O marco alemão se afunda: a libra esterlina vale 50 mil marcos em janeiro, 250 mil em fevereiro, 500 mil em junho e mais de 5 milhões em agosto. Todo o edifício social balança até seus últimos alicerces: os proprietários que ganham por renda fixa se arruínam imediatamente; a pequena burguesia se afunda na miséria; os operários, que podem se defender melhor, veem, no entanto, uma constante queda no seu nível de vida.

Esta catástrofe econômica origina uma importante reviravolta política. O poder financeiro do partido social-democrata e dos sindicatos se esvai com a inflação. Sua influência, baseada na "aristocracia" formada pelos operários mais bem remunerados, se volatiliza. O Estado entra em colapso: já não tem como pagar seus funcionários, nem sequer suas forças repressivas. No entanto, os detentores de capitais investidos em maquinário ou em divisas estrangeiras obtêm lucros fabulosos, enquanto os camponeses armazenam seus produtos e as cidades passam fome. Nas ruas, proliferam-se os motins, as brigas e as manifestações, exprimindo um ódio generalizado contra os imperialistas estrangeiros e os capitalistas que se beneficiam da crise. A alta burguesia e o exército subvencionam os grupos de extrema direita, cujo programa e ideologia são, aparentemente, anticapitalistas. Entre eles, está o partido nazista de Adolf Hitler. A revolução parece estar se aproximando, com maior intensidade ainda que a de 1918-1919.

A situação política, no entanto, sofre uma mudança radical. Os pequenos grupos de oposição de 1918-1919, divididos e sem coesão, deram origem a um poderoso partido comunista, que, no início de 1923, conta com mais de 200 mil membros localizados nos centros operários, e cuja influência se traduz em um número de eleitores vinte vezes maior que o de militantes. Contam também com um sólido aparato e com o apoio técnico e financeiro da Internacional Comunista. A partir da crise de 1921, adotam uma nova linha no sentido da "conquista das massas". A partir do início da crise, seus progressos são enormes: no sindicato metalúrgico de Berlim, os candidatos comunistas recebem o dobro dos votos dos sociais-democratas, sendo que no ano anterior receberam apenas 10%. Entretanto, a direção, profundamente dividida, vacila.

Na primavera, a maioria do partido adota uma linha prudente, inspirada por Radek, cuja maior preocupação é em romper o bloqueio diplomático à URSS e que tem pouca confiança em um trinfo da revolução. Os comunistas estendem a mão aos nazistas para fazer uma frente anti-imperialista. A esquerda do partido, de grande influência no Ruhr, pressiona a favor de uma ação revolucionária, ainda que a direção se mostre vacilante.

No dia 10 de julho a greve dos trabalhadores gráficos do Banco Nacional desencadeia uma greve geral espontânea que derruba o governo Cuno. A burguesia alemã se volta aos aliados para pedir ajuda.

A Internacional e os dirigentes bolcheviques começam a se interessar pela situação alemã. A direção do partido comunista alemão é convocada a Moscou. Durante todo o verão são feitos preparativos para a "tomada do poder", de cuja viabilidade o secretário Brandler acaba sendo convencido. Os alemães solicitam a presença de Trotski para dirigir a insurreição, mas Zinoviev se opõe. Piatakov e Radek partem para a Alemanha, acompanhados por diversos técnicos militares. São organizados destacamentos de "guardas vermelhos" que ficam conhecidos como "centúrias proletárias", e armas começam a ser estocadas. Os dirigentes contam com que os comitês de fábrica e os comitês de ação de desempregados e mulheres desempenhem o papel de soviets. Na Saxônia e Turíngia, os comunistas começam a fazer parte dos governos encabeçados por sociais-democratas de esquerda, com o objetivo de transformar aqueles estados em bastiões da revolução. Brandler se torna ministro do governo saxão do doutor Zeigner. Entretanto, temendo ações prematuras, os militantes freiam a impaciência das massas alemãs, suspendendo todo o tipo de ação que não seja conspiratória. Este plano minucioso fracassa: ao não conseguir convencer os comitês de fábrica na conferência celebrada em Chemnitz, a direção renuncia à insurreição no dia 21 de outubro. O momento favorável passou. Como escreve Trotski, "as esperanças das massas se convertem em desilusão como resultado da passividade do partido, no momento exato em que o inimigo supera seu pânico e se aproveita de tal desilusão"[256].

O *Reichswehr* restabelece a ordem na Saxônia e derrota a insurreição de Hamburgo. Com apoio americano, a Alemanha capitalista vai se recuperar. Qualquer possibilidade de êxito revolucionário a curto prazo desaparece. A direção russa, e principalmente Zinoviev, têm muita responsabilidade nesta derrota, pois Brandler não deu um passo sequer sem antes consultá-los. Entretanto, a direção da Internacional descarrega a responsabilidade da derrota sobre ele, denunciando-o e apoiando sua expulsão da direção do partido comunista alemão. Nem Stalin, que recomendava "frear os alemães" no lugar de "empurrá-los"[257], nem Zinoviev, presidente da Internacional, vão assumir a responsabilidade por seus erros.

---

256 TROTSKI, Leon, *Les leçons d'Octobre. Cahiers du bolchevisme*, nº5 e 6, p. 335.
257 TROTSKI, Leon, *Staline*, *op. cit.*, pp. 479-480.

As consequências destes acontecimentos sobre a evolução política na Rússia são também dramáticas: durante o verão de 1923, o partido estremece com um grande fervor internacionalista e revolucionário. A vitória do Outubro alemão é festejada antecipadamente em múltiplos cartazes e artigos. A jovem geração saboreia o entusiasmo revolucionário e se apaixona por ele[258]. O partido parece renascer com o empurrão das jovens forças que assim se mobilizam, e a comoção resultante irá se traduzir no fervor com que serão feitas as discussões do inverno seguinte. Por outro lado, a derrota sem luta dos comunistas alemães condena – e desta vez por muito tempo – a revolução russa ao isolamento. A desilusão que se produz, depois da vitória revolucionária ter sido dada como certa e por parte dos dirigentes russos, causará um grave dano à moral, à confiança e à atividade dos militantes. Este sentimento será um fator determinante no conflito cuja vinda à público vinha sendo adiada, à espera do desenrolar dos acontecimentos na Alemanha.

A maturação da crise

A doença de Lenin impediu o enfrentamento – que em abril parecia inevitável – entre ele e Stalin, encarnação do aparato. Trotski, que, no dia 6 de março, recebeu das mãos de Fotieva, secretária de Lenin, a carta sobre a questão nacional que este último havia ditado nos dias 30 e 31 de dezembro de 1922, não vai iniciar a luta que planejara travar com Lenin ao seu lado. A Kamenev diz em março que se opõe a iniciar no congresso qualquer tipo de luta cujo objetivo seja promover mudanças na organização. Está a favor da manutenção do *status quo*, contra a substituição de Stalin, contra a expulsão de Ordzhonikidze e, em geral, contra qualquer tipo de sanção. Espera que Stalin se redima, que mude de atitude como manifestação de sua boa vontade, que abandone suas intrigas e que inicie uma "honesta cooperação"[259].

Inúmeras especulações podem ser feitas sobre esta surpreendente atitude, este recuo e abandono do bloco que Trotski havia formado com Lenin. Trata-se, talvez, de certo temor de aparecer descaradamente como pretendente ao poder? Ou da vontade de ter todas as forças a seu favor, com a esperança de uma breve recuperação de Lenin? De um vacilo, por se deparar com relações que, desde certo tempo, são pouco cordiais com alguns velhos bolcheviques que o consideram um intruso, e temem sua popularidade, seu prestígio e seu poder como chefe do Exército Vermelho tanto quanto o sarcasmo de sua ácida oratória? Complexo de inferioridade, vacilação própria de seu caráter? Sem dúvida, nunca conheceremos a resposta, já que as explicações que oferece em sua autobiografia não são nada convincentes. Uma coisa é fato: a retirada não lhe servirá de nada, e Trotski parece ter de fato subestimado seu adversário.

258 FISCHER, Ruth, *Stalin and german communism*, Harvard, Harvard University Press, 1948, p. 312.
259 TROTSKI, Leon, *Ma vie*, *op. cit.*, tomo III, p. 209.

Stalin, que acaba de sair de uma situação embaraçosa graças à abstenção de Trotski sobre a questão georgiana durante o XII Congresso, voltará, durante a primavera de 1923, a restaurar o equilíbrio e a submeter o partido a um jugo cuja ruptura dependia apenas de Trotski. Efetivamente, neste período, Bukharin parece ter estado muito preocupado com os riscos de degeneração interna da revolução vitoriosa. Em um discurso pronunciado em Petrogrado sobre o tema "Revolução proletária e cultura", destaca que a falta de cultura do proletariado (consideravelmente inferior neste campo à burguesia, enquanto esta, durante sua própria revolução, era infinitamente superior às classes feudais que enfrentava) faz com que os desafios da revolução proletária sejam inevitavelmente superiores aos da anterior revolução burguesa. Por isto, a degeneração, por sua vez, é um perigo muito real. Em primeiro lugar, pode originar-se da inevitável utilização dos elementos politicamente hostis, porém tecnicamente capacitados para os postos de responsabilidade, e que ameaçam "contaminar pouco a pouco as formas soviéticas com um conteúdo burguês e liquidacionista, fatal para a revolução". Por outro lado, a composição proletária do aparato não parece ser garantia suficiente contra tal evolução: "Nem mesmo uma origem proletária, nem as mãos cheias de calos, nem outras qualidades tão significativas como estas constituem uma garantia suficiente contra a transformação dos elementos proletários privilegiados em uma nova classe"[260]. No entanto, destas reflexões paralelas dos dois dirigentes não vai surgir uma aliança Trotski-Bukharin.

As diferenças se cristalizam no Birô Político durante a discussão da crise das tesouras. Stalin, Zinoviev e Kamenev se manifestam a favor do *status quo*, opondo-se aos projetos de industrialização e planificação que propõe Trotski. Esta aliança, que será chamada de *troika*[261], vai se selar em torno da defesa do aparato, atacado violentamente no congresso por vários delegados, e da comum hostilidade contra Trotski, que não vai apaziguar seus adversários nem com sua recusa em colocar em discussão uma situação que muitos de seus amigos consideram intolerável.

Preobrazhenski denuncia a não aplicação das principais resoluções do X Congresso, inclusive das que se referem à democracia interna, bem como o agravamento das práticas autoritárias e a substituição, em todos os níveis, do sistema de eleição pelo de recomendação. Vladimir Kossior ataca a "quadrilha" do secretário geral, a metódica perseguição (que se realiza mediante o expediente das transferências) de todos aqueles militantes que se atrevem a expressar críticas, além da sistemática opção pela docilidade em detrimento da capacidade, na escolha dos dirigentes. Lutovinov ironiza a pontifical e infalível direção, com sua "pretensão de salvar o partido sem contar com seus militantes". Budu Mdivani e Makharadze,

260 REVO, L., *A revolução e a cultura*, em *Bulletin communiste*, nº2, 1924.

261 Em russo, "trio" ou "triunvirato" (N. do E.).

que foram derrotados no congresso georgiano celebrado em março, denunciam o chauvinismo grão-russo do aparato manipulado por Stalin e Ordzhonikidze. Bukharin qualifica de chauvinista, no referente às nacionalidades, a política de Stalin e destaca o preconceito manifestado a respeito dos georgianos, que são acusados de desviacionismo por todos os delegados, baseados apenas no informe do aparato. Em nome da delegação ucraniana, Rakovski condena a política de "russificação" das minorias e afirma que Stalin, neste aspecto, retoma a tradição czarista. Também invoca a autoridade de Lenin e sua carta – ainda que esta não tenha sido publicada – sobre a questão nacional para condenar a concepção centralizadora que Stalin impôs à Constituição da URSS.

Trotski, por sua vez, abandona a sala durante a discussão sobre a questão georgiana, guarda silêncio durante as denúncias contra o aparato e presta seu apoio à *troika* ao afirmar a inquebrantável solidariedade do Birô Político e do Comitê Central, respondendo indiretamente às criticas com um chamado à disciplina e à vigilância que se assemelha bastante ao feito por Zinoviev. Uma espécie de conceito muito peculiar de "solidariedade ministerial" do Birô Político o leva a apoiar publicamente uma política que ele combateu, e a ir contra as próprias posições de Lenin, já que não se opõe nem à reeleição de Stalin como secretário geral, nem à eleição de Kuibishev para a presidência da Comissão de Controle. Renunciando a utilizar as armas de que dispõe em uma luta a favor de uma política que considera justa, desarma deliberadamente aqueles que poderiam apoiá-lo, convertendo-se desta forma em um refém nas mãos de seus adversários. Por sua vez, Bukharin, que no congresso se ergueu contra a *troika* quando Trotski se absteve, está fadado a converter-se em um dos maiores aliados desta durante os meses seguintes.

Sem dúvida, Trotski não teve que esperar muito tempo para compreender o quão vão foi seu sacrifício. De volta às suas funções, Stalin continua a intensificar sua influência sobre o aparato, afirmando desta forma sua autoridade no Comitê Central de quarenta membros, cuja maioria esmagadora apoia a *troika*. Com o pretexto de uma suposta conspiração, ordena a detenção do líder comunista tártaro Sultan-Galiev, inspirador de um projeto de federação soviética das minorias muçulmanas, acusando-o de "destruir a confiança das nacionalidades, outrora oprimidas, no proletariado revolucionário". Durante o verão, a situação econômica piora: os funcionários deixam de ser pagos, explodem diversas greves espontâneas, e um pequeno grupo de oposicionistas que se autodenomina Grupo Operário vai tratar de intervir neste movimento para assumir sua direção. No entanto, a GPU cai imediatamente sobre o grupo, acusando-o de ter preparado uma manifestação de rua. Miasnikov é detido em junho e Kuznetsov e outros vinte e oito comunistas são presos em setembro. A GPU reprime igualmente o grupo Verdade Operária, encabeçado pelo velho Bogdanov. Todos estes militantes são expulsos do partido. A gravidade da situação é tal que Dzerzhinski declarará em setembro, a uma sub-

comissão do Comitê Central: "A debilidade de nosso partido, a extinção de nossa vida interior e a substituição da eleição pelas nomeações estão se convertendo em um perigo político"[262].

No entanto, será este mesmo homem, encarregado da repressão contra os grupos operários da oposição, que provocará a ruptura aberta e a entrada de Trotski na luta, ao solicitar ao Birô Político que exija a todos os membros do partido que denunciem à GPU qualquer atividade oposicionista de que tomem conhecimento. Ao que parece, foi esta iniciativa que convenceu Trotski da gravidade da situação. Neste mesmo momento, ele consegue, com a ameaça de sua renúncia, evitar o ingresso de Stalin no Comitê Revolucionário da Guerra, mas é obrigado a aceitar, em contrapartida, o afastamento de Sklianski, seu fiel companheiro na guerra civil, chamado de "Carnot da revolução russa" e sua substituição por dois homens da *troika*, Voroshilov e Lashevich. Desta forma, depois de ter sofrido os primeiros ataques da *troika*, Trotski decide travar o combate que, até então, só havia encampado à contragosto e nos bastidores.

Conflito no Comitê Central

No dia 8 de outubro, Trotski dirige ao Comitê Central uma carta que o transformará no chefe da oposição. Analisando a moção de Dzerzhinski, vai demonstrar até que ponto esta revela "uma extraordinária degeneração da situação no interior do partido depois do XII Congresso". Ao mesmo tempo em que admite que os argumento então apresentados em defesa da democracia operária fossem um tanto exagerados e demagógicos, "dada a incompatibilidade entre uma democracia operária total e o regime da ditadura", afirma que, a partir do congresso, "a burocratização do aparato do partido se desenvolveu em proporções inéditas, devido ao método de seleção utilizado pelo Secretariado. Surgiu uma ampla camada de militantes que, ao introduzirem-se no aparato governamental do partido, renunciam por completo às suas próprias opiniões dentro da organização ou, ao menos, de sua manifestação pública, como se a hierarquia burocrática fosse a grande responsável por formar a opinião do partido e tomar suas decisões". Uma das características deste autoritarismo, "dez vezes superior ao dos piores momentos da guerra civil", é o papel que desempenha nele "a psicologia do secretário, cuja principal característica é a convicção de que o secretário é capaz de decidir tudo". O descontentamento dos militantes, que se veem usurpados de seus direitos, ameaça provocar "uma crise de gravidade extraordinária, na medida em que pode confundir 'os velhos bolcheviques' ao secretariado". Trotski conclui a carta com a ameaça de recorrer ao conjunto do partido se o Comitê Central se negar a normalizar a situação"[263].

262 Citado por KAMENEV, LEV, *Pravda*, 13 de dezembro de 1923.

263 O texto integral da carta de Trotski é desconhecido e não se encontra nos arquivos de Harvard. Entretanto, podem ser encontrados amplos extratos deste no livro de EASTMAN, Max, *Depuis la*

No dia 15 de outubro, 46 militantes - dos quais ao menos alguns conheciam a iniciativa de Trotski, mas cujas ações eram completamente independentes deste último - dirigem ao Comitê Central uma declaração. Entre eles, se encontram alguns dos mais eminentes bolcheviques e heróis da guerra civil: Preobrazhenski, Alski, Serebriakov, Antonov-Ovseenko, Ivan Smirnov, Vladimir Smirnov, Piatakov, Muralov, Sapronov, Osinski, Sosnovski e Vladimir Kossior. Apesar de seu caráter secreto, o texto é revelador da profundidade da crise interna, capaz de reunir um número tão grande de dirigentes em torno a uma plataforma de luta pela democracia interna. As dificuldades econômicas provêm do empirismo da direção do Comitê Central, e os êxitos foram obtidos "apesar da direção". Porém, dada a falta de medidas apropriadas e, fundamentalmente, a ausência de uma política ativa de planificação, uma grave crise econômica se aproxima. O fracasso da direção acaba se manifestando na situação do partido, submetido a um regime de ditadura, e que já não constitui um organismo vivo, com iniciativa própria. "Assistimos a uma progressiva divisão - hoje já praticamente pública - do partido, submetido a um regime ditatorial, entre a hierarquia do Secretariado e o 'povo passivo', entre os funcionários e profissionais do partido nomeados e selecionados a partir da direção e a massa do partido que não participa de sua vida cotidiana". Os congressos e as conferências se transformam gradualmente em "assembleias executivas da hierarquia". "O regime que se instalou no partido é absolutamente intolerável; acaba com qualquer iniciativa interna, a direção conta com uma série de funcionários assalariados que, em períodos de normalidade, sem dúvida funcionam, mas que fracassam quando precisam encarar um período de crise, e que ameaçam levar o partido à bancarrota total frente aos graves problemas que se avizinham"[264].

A primeira resposta do Birô Político, dirigida a Trotski, mostra que a direção se nega a aceitar a discussão nos termos em que este a apresenta. Recordando a negativa de Trotski em aceitar a vice-presidência do Conselho de Comissários do Povo, o Birô Político o acusa de ser partidário do "tudo ou nada", atribuindo sua atitude oposicionista a uma ambição desmedida.

O segundo conflito ocorrerá na sessão plenária do Comitê Central e da Comissão Central de Controle do dia 25 a 27 de outubro. Trotski, afetado por uma estranha enfermidade que vai afastá-lo de todos os conflitos decisivos nesta época, está ausente. Preobrazhenski é o encarregado, em nome da oposição, de expor as suas exigências imediatas: discussão em todos os níveis dos mais importantes problemas políticos, total liberdade de expressão dentro do partido, abertura da imprensa partidária a esses debates, retorno da regra de eleição dos dirigentes, exame da situação dos militantes "transferidos" por conta de suas opiniões e de

---

mort de Lénine, Paris, Gallimard, 1925, Anexo IV, pp. 192-194.

264 Texto integral traduzido do russo ao inglês em CARR, Edward, *The Interregnum*, Londres, Macmillan, 1954, pp. 367-373.

suas críticas. O Comitê Central responde no terreno da disciplina, com a acusação de fracionalismo: "O gesto do camarada Trotski, em um momento crucial da experiência do partido e da revolução mundial", constitui "um grave erro político, sobretudo porque o ataque dirigido pelo camarada ao Birô Político adquiriu o caráter objetivo de um ato fracional que ameaça se transformar em um duro golpe à unidade do partido e suscitar uma crise em seu interior"; consequentemente, "serviu de sinal para um grupo fracionalista". A Declaração dos 46 é condenada como um ato de divisão "que ameaça colocar toda a vida do partido nos próximos meses sob o signo da luta interna, debilitando-o precisamente em um momento crucial para a revolução internacional"[265] e por isso não é publicada. Entretanto, a situação é grave o bastante para que se inicie uma discussão no partido e na sua imprensa: mais uma vez, a abertura do debate servirá como válvula de escape para as tensões.

O debate

A controvérsia vai se dar entre novembro de 1923 e março de 1924. Zinoviev é o encarregado de iniciar o debate no dia 7 de novembro no *Pravda*: "Desgraçadamente, a maioria das questões essenciais é decidida de antemão desde cima"; esta é a razão de que "seja necessário no partido que esta democracia operária, de que tanto falamos, tenha mais concretude". Certamente, a centralização é inevitável, mas também é necessário que se intensifiquem as discussões. Não há nada de decisivo, mas também nada de agressivo nesta forma tranquila mas também um pouco desiludida de iniciar a polêmica.

As primeiras discussões giram em torno das graves críticas que são feitas ao funcionamento do aparato. Bukharin declara:

> Se fizéssemos uma pesquisa para averiguar quantas vezes os eleitores se limitam a responder a estas duas questões que se pronunciam do alto da tribuna: "Quem é a favor?" e "Quem é contra?", prontamente descobriríamos que, em sua maior parte, as eleições se transformaram em puro formalismo; não só as votações acontecem sem nenhuma discussão prévia, como muitas vezes só se responde nelas à pergunta "Quem é contra?". Como geralmente se pronunciar "contra" as autoridades gera um grande desconforto, não é difícil prever qual é o resultado habitual. É desta forma que acontecem todas as eleições em nossas organizações de base. Tais métodos suscitam, como é de se supor, uma grande onda de descontentamento. O mesmo ocorre, aproximadamente com os mesmos resultados, em todos os níveis da hierarquia do partido[266].

A maioria das outras contribuições publicadas na tribuna de discussão do *Pravda* estão, num primeiro momento, muito próximas desta posição e se limitam a breves críticas, sem generalizações, de determinados aspectos ou manifestações

265 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, pp. 219-220.
266 *Informe taquigráfico do XIII Congresso*, p. 154, citado por EASTMAN, Max, *op. cit.*, pp. 51-52.

do burocratismo. Entretanto, com a intervenção de Preobrazhenski no dia 28 de novembro o tom se modifica; em seu artigo, ataca aqueles "camaradas, inclusive os mais altos dirigentes, que riem sarcasticamente da democracia no seio do partido segundo foi definida no X Congresso". Em sua opinião, "o partido que, no X Congresso, decidiu substituir os métodos militares pelos métodos democráticos, iniciou de fato um caminho diametralmente oposto [...], o que talvez fosse inevitável na primeira fase da NEP [...]. Depois, a aplicação das resoluções do X Congresso não somente era possível, como indispensável. Este passo em direção à democracia não aconteceu no seu devido tempo. O automatismo da rotina domina por completo a vida do partido: ele foi legitimado". Invocando as recordações do partido na época em que Lenin o dirigia, afirma:

> É sintomático que, na época em que estávamos rodeados de frentes de batalha, a vida do partido tivesse muito mais vitalidade e a independência das organizações fosse muito maior. No momento em que apareceram não somente as condições objetivas para a revitalização da vida do partido e sua adaptação às novas tarefas, como também, por consequência, existe uma verdadeira necessidade de que isto aconteça, fica claro que não avançamos nem um passo em relação ao comunismo de guerra. Pelo contrário, intensificamos o burocratismo, a petrificação e aumentamos a quantidade de questões decididas de antemão pela cúpula; acentuamos a divisão do partido, que se havia iniciado durante o período de guerra, entre aqueles que tomam as decisões e carregam todas as responsabilidades e as massas que aplicam estas decisões do partido, em cuja elaboração não puderam tomar parte.

Esta intervenção vai situar melhor os limites da discussão. No dia 1 de dezembro, Zinoviev, ao referir-se à privação do direito de voto para aqueles militantes que se encontram no período de experiência de dois anos, declara: "Do ponto de vista da democracia operária em abstrato, esta é uma paródia de democracia. Mas, do ponto de vista dos interesses fundamentais da revolução, deste ponto de vista do bem maior da revolução, a nosso ver é indispensável reservar o direito de voto somente àqueles que possam ser os genuínos guardiões do partido (...). O bem da revolução é a lei suprema. Todo revolucionário deve dizer: Ao diabo com os princípios da democracia 'pura'!". No dia 2 de dezembro, Stalin, por sua vez, precisa: "É necessário colocar limites na discussão, impedir que o partido, que constitui uma unidade combatente do proletariado, se converta em um clube de discussões".

Ao mesmo tempo em que se desenrola esta discussão, o Birô Político se esforça em encontrar um terreno de entendimento com Trotski, com vistas a uma tomada de posição unânime pela direção. No dia 5 de dezembro, adota uma resolução que é fruto de discussões feitas em regime de subcomissões entre Stalin, Kamenev e Trotski e que parece anunciar um novo curso. Nesta se reconhece que as contradições objetivas da fase de transição se manifestam em um certo número de

tendências negativas que é preciso combater: "as profundas diferenças na situação material dos membros do partido em relação à suas diferentes funções e os fenômenos que recebem a qualificação de 'excessos', como o crescimento das relações com os elementos burgueses e sua influência ideológica; a estreiteza de horizontes, que se deve distinguir da especialização, necessária, e o enfraquecimento, por consequência, dos vínculos entre os comunistas que atuam em setores diversos; um risco de perder de vista a perspectiva da construção socialista em seu conjunto e da revolução mundial [...]; a burocratização dos aparatos do partido e o desenvolvimento de uma ameaça de divórcio entre o partido e as massas". "O partido – afirma a resolução – deve empreender uma séria modificação de sua política no sentido de uma aplicação metódica e estrita da democracia operária", o que "implica para todos os camaradas na liberdade de examinar e discutir publicamente os principais problemas do partido, assim como na eleição dos funcionários e dos órgãos colegiados, desde a base até a cúpula". No referente às medidas práticas, recomenda "a aplicação integral da eleição dos funcionários e, em particular, dos secretários de célula", a decisão "de submeter – a não ser que circunstâncias excepcionais o impeçam – todas as decisões essenciais da política do partido ao exame das células", um esforço para formar quadros, a obrigação, estendida a todos os organismos, de divulgar informes detalhados e, por fim, o recrutamento para o partido de "um novo fluxo de operários da indústria"[267].

Esses princípios retomam, talvez de forma menos precisa, os enunciados das resoluções do X Congresso. Entretanto, as medidas recomendadas vêm acompanhadas de numerosas restrições. Fica claro que a resolução não é mais que uma concessão a um descontentamento evidente. A recordação da proibição de frações, que é feita após o rechaço pelo Comitê Central das propostas de Preobrazhenski, e a subsequente condenação da Declaração dos 46, considerada fracionalista, mostram bem as intenções dos autores das resoluções.

Entretanto, Trotski vota a favor desta ambígua resolução, que não é mais do que uma cobertura para as ações da direção. Mais tarde irá justificar seu voto afirmando que, em sua opinião, o texto "move o centro de gravidade para a questão da atividade, da independência crítica e da autoadministração do partido"[268]. Na verdade, ele sabe perfeitamente que a interpretação e a aplicação que desejaria para esta resolução diferem profundamente da concepção que tem a *troika*: no dia 2 de dezembro, em uma carta aos comunistas do bairro moscovita de Krasnaia Pressnia, Stalin reconhece a existência de um certo mal-estar, cuja origem se encontra, em sua opinião, nas "sobrevivências do comunismo de guerra", sob a forma de "sequelas militaristas na mente dos trabalhadores"[269].

---

267 *Correspondence Internationale*, nº5, 24 de janeiro de 1924, pp. 42-45.
268 TROTSKI, Leon, *De la révolutión*, Paris, Minuit, 1963, p. 27.
269 *Bulletin communiste*, nº5, 1924, pp. 138-141.

Em uma carta também dirigida à organização do partido de Krasnaia Pressnia, publicada no dia 10 de dezembro, Trotski oferece sua própria interpretação da resolução de 5 de dezembro. Ao mesmo tempo em que recorda que o perigo da burocratização emana do aparato, "composto inevitavelmente pelos camaradas mais capazes e mais meritórios", expressa seus temores de que "a velha guarda" possa "imobilizar-se, convertendo-se sem perceber na mais acabada manifestação do burocratismo". Recordando o passado, em especial a degeneração dos dirigentes da II Internacional, apesar de serem estes "discípulos diretos de Marx e Engels", afirma que este perigo existe para a velha geração de bolcheviques russos. "É a juventude a que mais vigorosamente reage contra o burocratismo" e, em seu nome, exige confiança e uma mudança nos métodos.

> Nossa juventude não deve limitar-se a repetir nossas fórmulas. Deve conquistá-las, assimilá-las, formar sua própria opinião, sua própria fisionomia e, além disso, ser capaz de lutar por seus objetivos com profunda convicção e uma grande independência de critério. Fora do partido com a passiva obediência que obriga a seguir mecanicamente o passo atrás dos chefes! Fora do partido com a impessoalidade, o servilismo e o carreirismo! O bolchevique não é só um homem disciplinado, mas também um homem que, em cada caso e sobre qualquer questão, forma uma opinião sólida e a defende valorosamente, não somente frente aos seus inimigos, mas também no seio de seu próprio partido.

A carta de Trotski contém um chamado aberto à luta:

> Antes da publicação da decisão do Comitê Central acerca do "novo curso", o simples fato de sinalizar a necessidade de uma modificação do regime interno do partido era considerado, pelos funcionários instalados no aparato, como uma heresia, uma manifestação do espírito divisionista e uma ameaça à disciplina; na atualidade, os burocratas estão dispostos formalmente a levantar a bandeira do "novo curso" [...]. Antes de tudo, é preciso afastar dos cargos dirigentes aqueles que, ante a primeira expressão de protesto ou de objeção, brandem contra os críticos a espada das sanções. O "novo curso" deve ter como primeiro resultado o de fazer sentir a todos que, de agora em diante, ninguém se atreverá a submeter o partido ao terror[270].

Desta vez o conflito se dá entre o aparato por um lado e Trotski e os 46 por outro. No entanto, a situação é complexa, já que a oposição, em seu enfrentamento com o aparato, se apoia nos argumentos de Trotski, e combate a resolução do dia 5 de dezembro, que este votou junto da *troika*, como uma manobra para distraí-los. Preobrazhenski e seus camaradas elaboram uma resolução na qual propõem a eleição de dirigentes em todos os níveis, uma nova formulação sobre a proibição de frações que permita uma autêntica democracia interna e o restabelecimento da

---

270 TROTSKI, Leon, *De la révolutión*, *op. cit.*, p. 86.

antiga regra segundo a qual é a célula quem deve primeiro se pronunciar sobre as sanções disciplinares.

A assembleia dos militantes de Moscou acontece no dia 11 de dezembro. Nela, Kamenev se mostra pouco combativo. Destaca a necessidade da democracia operária, na qual somente a eleição dos dirigentes pode garantir a liberdade de discussão. Admitindo que a democracia operária ilimitada compreende o "direito de grupo", ele justifica a oposição do Comitê Central ao exercício deste direito pelo fato do partido estar no poder: os partidos comunistas estrangeiros admitem a existência de grupos porque "não conseguem eliminar certas sobrevivências social-democratas em sua luta contra o poder". Não menciona Trotski, mas ataca Preobrazhenski, que denunciou a existência da *troika*, desafiando-o para que cite um só documento que emane dela. Finaliza sua intervenção solicitando aos militantes que "votem pela sua confiança no Comitê Central"[271].

As intervenções posteriores são mais interessantes. Krilenko analisa o conceito de fração, que não é mais que "um grupo diferenciado ligado por uma disciplina especial". A seu ver, a concepção defendida por Kamenev confunde "fração e grupo", "reduz toda a democracia do partido ao direito de intervenção individual de camaradas isolados", o que conduz à "supressão da democracia operária no partido". Afirma ainda: "O direito de unir-se em torno de determinadas plataformas é uma prerrogativa intocável da democracia interna do partido, sem a qual esta se converte em uma frase oca"[272]. Kalinin, presidente do Comitê Executivo do Soviets, admite, sem meias palavras, que o aparato não deseja a democracia:

> Na situação atual, nenhum comunista pode admitir a democracia completa [...]. Quem sofre com a ausência de democracia? Não é a classe operária, mas o próprio partido. No entanto, no partido existem poucas pessoas que não tenham nada a ver com o aparato, que não participem de seu complexo trabalho [...]. Quem vai se beneficiar mais de nossa democracia? Em minha opinião, todos aqueles que não trabalham. Os que estão livres de obrigações vão poder aproveitar-se inteiramente da democracia, mas aqueles sobrecarregados de trabalho não vão poder fazê-lo[273].

Dos outros oradores que pediram a palavra, somente Yaroslavski lança um forte ataque contra Trotski. Sapronov e Preobrazhenski sustentam os pontos de vista da oposição, exigindo expressamente a liberdade de grupos, em cuja defesa Radek invoca a autoridade de Lenin. A resolução proposta por Preobrazhenski não é aprovada por uma pequena margem. Porém, o ambiente da reunião parece indicar que a oposição se encontra em uma situação muito favorável. No dia 15 de dezembro, Stalin lança no *Pravda* o primeiro ataque *ad hominem*: quando se inclui entre os velhos bolcheviques, Trotski parece demonstrar uma memória particularmente

271 *Bulletin communiste*, nº5, 1924, pp. 135-138.
272 *Bulletin communiste*, nº1, 1924, p. 7.
273 *Ibid.*, p. 6.

curta; a degeneração ameaça o partido, mas sua origem não deve ser buscada na "velha guarda", e sim entre os "mencheviques infiltrados em nosso partido que não conseguiram se livrar de seus costumes oportunistas". Acusa Trotski de "duplicidade", pois sua carta do dia 10 constituía um apoio à oposição dos 46 ao Comitê Central, em favor de cuja resolução ele mesmo votou. Também afirma que, a respeito dos jovens, Trotski pratica uma "demagogia barata".

O tom da polêmica aumenta, na assembleia organizada no dia 15 pelos militantes de Petrogrado. Zinoviev retoma a revelação, feita por Bukharin durante uma reunião em Moscou, sobre os contatos que haviam se estabelecido em 1918 entre os comunistas de esquerda e os socialistas-revolucionários de esquerda para discutir a possibilidade de compor uma nova maioria e de formar um governo encabeçado por Piatakov. A menção deste fato tem um duplo objetivo: por um lado, o de demonstrar que "a luta de duas frações em um partido que controla o poder contém o gérmen de dois governos" e, por outro lado, o de destacar que muitos membros da oposição dos 46 foram, em 1918, "comunistas de esquerda" e adversários de Lenin. Tocando o fundo do problema, afirma: "O burocratismo deve ser combatido, mas aqueles que querem diminuir a importância do aparto do partido devem ser firmemente chamados ao seu dever de comunistas, pois nosso aparato é o braço direito do partido". Ao analisar a atitude de Trotski, afirma agressivamente: "O trotskismo constitui um tendência bem definida no movimento operário" e acrescenta: "quaisquer que sejam nossas atuais divergências a respeito destas questões, Trotski é Trotski e continua sendo um de nossos dirigentes mais capazes. Aconteça o que acontecer, sua colaboração com o Birô Político do Comitê Central e nos outros organismos do partido é indispensável"[274].

Enquanto isso, a discussão prossegue nas colunas do *Pravda* e o tom continua subindo. Seu responsável, Konstantinov, é destituído por haver protestado no dia 16 de dezembro ao escrever: "a calúnia e as acusações infundadas se converteram nas armas de discussão de numerosos camaradas; é preciso evitar isto". Seu substituto não será mais submisso às diretivas do Comitê Central e também será destituído. No dia 21, Zinoviev ataca um texto de Trotski que leva o título de "Novo curso" e que circula amplamente entre as fileiras do partido. Para ele, Trotski sustenta o Comitê Central como "uma corda pode sustentar o enforcado" e manifesta, na realidade, "uma resistência à linha (...). O erro fundamental do camarada Trotski consiste em que manifesta o ressurgimento de antigas ideias, ao admitir a legitimidade de tendências divergentes". Posteriormente, conclui uma longa descrição do "trotskismo" com a afirmação: "Todo o Comitê Central, unido como nos tempos de Vladimir Ilich – ou talvez ainda mais –, opina que o camarada Trotski comete, na atualidade, um erro político radical".

---

274 *Bulletin communiste*, nº8, 1924, pp. 222-228.

O novo curso

O texto que provocou o ataque de Zinoviev aparece por fim no *Pravda* dos dias 28 e 29 de dezembro. Trata-se de um trabalho pouco polêmico, apesar de algumas alfinetadas ferozes; contém uma análise minuciosa e muito bem embasada da situação política dentro do aparato de Estado e no partido, um estudo das origens do burocratismo e um esboço do "novo curso" que o partido deve seguir. De fato, para Trotski, esta discussão marca uma etapa do desenvolvimento do partido, sua transição para "uma etapa histórica superior". Em sua opinião, tudo transcorre como se "a massa dos comunistas" dissesse aos dirigentes:

Vocês, camaradas, têm a experiência anterior a Outubro, que falta à maioria de nós; mas sob sua direção adquirimos depois de Outubro uma grande experiência que se torna a cada dia mais importante. E não queremos apenar ser dirigidos por vocês, mas também participar com vocês na direção da classe. Queremos isso não apenas porque é nosso direito como membros do partido, mas também porque é absolutamente necessário à classe operária como um todo"[275]. A explosão do descontentamento que comove o partido provém de uma longa evolução anterior, acelerada pela crise econômica e pela espera da revolução alemã, fatores que fizeram aparecer "com particular nitidez, o fato de que o partido vive, de certo modo, em dois níveis: o nível superior, onde se tomam as decisões, e o inferior, que se limita a conhecer as decisões"[276]. O "burocratismo" que a resolução do Comitê Central acaba de reconhecer não é uma característica aleatória, mas um "fenômeno geral", mais do que uma simples sequela: "o burocratismo do período de guerra era ínfimo em comparação com o que se desenvolveu nos tempos de paz, quando o aparato [...] continuava obstinadamente a pensar e decidir pelo partido"[277]. Desta situação surge um duplo perigo de degeneração: entre os jovens, aos quais se exclui da participação na atividade geral, e também na "velha guarda". "Encarar esta advertência, que se baseia numa previsão marxista objetiva, como um "ultraje" ou um "atentado" só é possível desde o ponto de vista da irritável susceptibilidade e arrogância de alguns burocratas"[278].

Trotski analisa, em seguida, a composição social do partido. Constata que os militantes que trabalham em fábricas não correspondem nem a um sexto de seus membros, pois a maioria deles está localizada nos diferentes aparatos de direção. No entanto, "os presidentes dos comitês regionais ou os comissários de divisão, independentemente de sua origem, representam um tipo social determinado"[279]. Dito de outra forma, "a origem do burocratismo reside na crescente concentração

275 TROTSKI, Leon, *De la révolutión*, *op. cit.*, p. 32.
276 *Ibid.*, p. 33.
277 *Ibid.*, p. 34.
278 *Ibid.*, p. 36.
279 *Ibid.*, p. 38.

das atenções e das forças do partido nas instituições e aparatos governamentais e na lentidão do desenvolvimento da indústria"[280], que não permite considerar, em um prazo breve, uma alteração da composição social do partido. Portanto, o burocratismo constitui "um fenômeno essencialmente novo, que provém das novas tarefas, das novas funções e das novas dificuldades do partido"[281]. Prevalecendo os "métodos do aparato", a direção cede lugar à mera administração, "adquire um caráter puramente organizativo e, com frequência, degenera-se em um sistema de ordens e comandos". O "secretário" vive das preocupações diárias do aparato do Estado, "perde de vista as linhas gerais" e, "quando crê mover aos demais, é ele mesmo movido por seu próprio aparato"[282].

Entretanto, no Estado soviético russo, onde "o partido comunista se vê obrigado a monopolizar a direção da vida política", é de fato desejável evitar no partido os "agrupamentos estáveis (...), que, sob determinadas condições, podem se transformar em frações organizadas". Porém, ao mesmo tempo, é impossível evitar "as divergências de enfoque em um partido que reúne meio milhão de homens"[283] e a experiência demonstra que "de modo algum basta declarar que os grupos e frações são um mal para evitar seu aparecimento"[284]. As diversas oposições de 1917, superadas com tomada do poder, as de 1918, que se extinguiram com o tratado de paz, e as de 1921, que acabaram com o giro que imprimiu a NEP, demonstram que as frações podem ser superadas com uma política correta: a resolução do X Congresso, que as coloca fora da lei, só pode, nesse sentido, possuir um "caráter auxiliar" no âmbito de uma verdadeira democracia operária. Efetivamente, existem frações no partido e a mais perigosa delas é a que nutre as restantes, quer dizer, a "fração burocrática conservadora", de cujas fileiras se erguem "vozes provocadoras" e na qual se "remexe o passado" para buscar nele "tudo aquilo que possa acirrar mais a discussão"[285], aquela que coloca em perigo a unidade do partido com a pretensão de se opor esta à necessidade de democracia.

Respondendo a Zinoviev, Trotski afirma que "seria monstruoso crer que o partido destruirá ou permitirá que qualquer um destrua seu aparato". No entanto, o partido "deseja renovar este aparato, recordar-lhe que se trata de seu aparato, eleito por ele e que dele não deve se separar"[286]. Como já apontou Lenin, o burocratismo constitui um fenômeno social cuja causa na Rússia reside na "necessidade de criar e sustentar um aparato estatal que reúna os interesses dos proletários e dos camponeses em perfeita harmonia econômica" e desta harmonia o regime ainda está muito longe; este processo se complica ainda mais pelo fato de que as amplas

280 *Ibid.*, p. 38.
281 *Ibid.*, p. 49.
282 *Ibid.*, p. 41.
283 *Ibid.*, p. 42.
284 *Ibid.*, p. 44.
285 *Ibid.*, p. 49.
286 *Ibid.*, p. 49.

massas carecem de cultura. "Evidentemente, o partido não pode fugir das condições sociais e culturais" existentes, porém, como "organização voluntária", pode se proteger melhor se souber se antecipar ao perigo. Os chamados à tradição por parte da fração conservadora apenas desarmam o partido frente a este:

> Quanto mais o aparto do partido se encerra em si mesmo, mais se impregna do sentimento de sua importância intrínseca e autossuficiência, mais lentamente reage às demandas vindas de baixo, mais tende a opor a tradição às novas necessidades e tarefas. E se existe algo capaz de dar um golpe mortal à vida do partido e à formação teórica da juventude, é a transformação do leninismo – método que exige, em sua aplicação, iniciativa, pensamento crítico e coragem ideológica – em um dogma que, para sua interpretação, necessite de intérpretes designados irrevogavelmente[287].

A batalha da XIII Conferência

A publicação de *Novo curso* assinala o auge da controvérsia mas também o fim da livre discussão: posteriormente, o secretário geral controlará de perto o *Pravda*, utilizado por Bukharin para responder imediatamente a Trotski, acusando-o de "desvios" e de "oposição ao leninismo". Os membros da oposição já não voltaram a intervir, salvo em contadas ocasiões, e estas sempre cercadas por toda uma série de artigos dos partidários da linha do Comitê Central. O *Novo curso* terá como única resposta a suspensão do recebimento de opiniões referentes às polêmicas. De fato, o êxito de Trotski e dos 46 pareceu tão grande em Moscou que o próprio Trotski, no dia 10 de dezembro, escrevia que a capital "havia tomado a iniciativa da revisão da linha do partido". O perigo também é percebido pelo aparato, que, posteriormente, vai assegurar o êxito na discussão com seus métodos característicos, com o uso dos poderes de que dispõe e que são exatamente aqueles dos quais se quer privá-lo.

O direito de nomeação permite isolar Trotski e decapitar a oposição. A designação de muitos de seus amigos para altos cargos diplomáticos não é mera casualidade: o translado de Yoffe para a China e, mais tarde, o de Krestinski para Alemanha não vão despertar suspeitas. Porém, quando Christian Rakovski é nomeado embaixador em Paris, no verão de 1923, fica evidente que esta é a forma utilizada pelo aparato para se livrar de um dos porta-vozes da resistência das nacionalidades no XII Congresso, de um amigo íntimo de Trotski, de um adversário de Stalin e de um dos mais destacados líderes de uma oposição que começa a se formar. Devido a seu afastamento da Rússia, Rakovski não assinou a Declaração dos 46. Porém, o partido ucraniano, fortemente influenciado por seus amigos, vai se transformar, até o final do ano, em um bastião da oposição. Chubar, sucessor de Rakovski na presidência do Conselho de Comissários do Povo da Ucrânia e Kaganovich, encarregado do Secretariado, assumem a tarefa de "reorganizá-lo"; Kotziubinski, combatente clandestino de 1918 e porta-voz da oposição, é transferido para Viena. As

287 *Ibid.*, p. 61.

células do Exército Vermelho, em sua maioria, votam a favor das teses da oposição. O dirigente político do exército, Antonov-Ovseenko, é destituído por ter emitido uma circular sobre a democracia operária, conforme as decisões do congresso, mas sem submetê-la previamente à aprovação do Comitê Central. Bubnov, seu substituto, também assinou a Declaração dos 46. Porém, nesta ocasião, a renega. Desta forma, Stalin consegue matar dois pássaros com um só tiro.

Apesar do *Komsomol*[288] não participar diretamente da discussão, a maioria de seus militantes, membros do partido, se encontra alinhada com a oposição. Por isto, quinze membros eleitos de seu Comitê Central são não apenas excluídos de suas funções na organização pelo Secretariado do partido, com absoluto desprezo pelos estatutos, como são também enviados a desempenhar "missões" em uma série de regiões afastadas. Com tal medida, os partidários da *troika* tornam-se maioria. Sem se intimidar, Trotski publica, como apêndice ao *Novo curso*, uma carta assinada por vários jovens dirigentes, todos eles simpatizantes da oposição: Fedorov e Dalin, membros do Comitê Central do *Komsomol*; Shokhin, Bezimenski e Dugachev, três dos seis membros do primeiro Presidium da Juventude Comunista, criada em 1918; e Penkov, Deliusin e Treivas, antigos secretários do Comitê de Moscou do *Komsomol*. Apesar de perseguidos, estes jovens mantêm suas posições.

Trata-se de um caso excepcional. Tanto em Moscou quanto em Petrogrado, dirigentes e militantes são deslocados a lugares que ficam a centenas e milhares de quilômetros. A simples ameaça faz com que mais de um oposicionista se curve, e precipita a decisão de muitos vacilantes. Uma vez que a oposição, da qual Trotski oficialmente não faz parte, não se organiza como fração, para evitar de ser acusada de indisciplina, o aparato consegue isolar com facilidade os delegados que a representam, eliminando-os posteriormente com o sistema de nomeação nos distintos níveis. Desta forma, em Moscou, os partidários da oposição contam com a maioria nas células, mas sua maioria se reduz a 36% nas conferências do distrito e a 18% na conferência da província, onde Preobrazhenski só consegue 61 votos contra 325 de Kamenev. Apesar da oposição ter sido majoritária – talvez pela diáspora que se inflige aos seus quadros – em localidades como Riazan-Penza, Kaluga, Simbirsk e Cheliabinsk, e apesar de contar com o apoio da maioria ou de pelo menos um terço das células do Exército Vermelho e quase a totalidade das células estudantis, só elegerá três delegados à Conferência Nacional.

Naturalmente, semelhante redução na representação da oposição só foi possível com as manipulações do aparato. Porém, para a oposição, a luta terminou com um grave fracasso, que contrasta com suas esperanças iniciais. Certamente ela conseguiu se impor entre os jovens e, especialmente, entre os estudantes – que representavam uma elite intelectual e militante de ascendência operária direta –, confirmando o prognóstico de Trotski. Mas ela fracassou em seu esforço principal, dirigido aos operários do partido, já que, em Moscou, que é onde conta com mais votos, só ob-

288 União da Juventude Comunista, subordinada ao PCR (b) (N. do E.).

têm a maioria em 67 células de fábrica, de um total de 346. Para explicar este fracasso, foram propostas diferentes interpretações, podendo se destacar a ausência, na Declaração dos 46, de qualquer referência aos interesses imediatos dos operários, ao que se soma também uma provável impopularidade de Trotski em certos setores do proletariado, presente desde que este empreendeu a discussão sobre a militarização dos sindicatos. Não podemos deixar de lado nenhum destes elementos – Stalin sabia o que fazia quando acusava Trotski de ser o "patriarca dos burocratas". No entanto, qualquer um deles é melhor como explicação do que a ideia simplista que absolutiza a habilidade de Stalin em manobras políticas ou os métodos demagógicos de Zinoviev. Parece que E. H. Carr se aproxima bastante da verdade ao escrever: "A incapacidade da oposição em ganhar influência no proletariado era um sintoma não só da debilidade desta, mas também da própria classe operária"[289].

Possivelmente, este sentimento da inevitabilidade de uma derrota a curto prazo seja a melhor explicação da abstenção de Trotski durante a última fase da batalha. Afetado por uma misteriosa enfermidade que continuará a derrubá-lo durante estes anos, não participa de nenhuma discussão do partido, além das do Birô Político, deixando para Preobrazhenski, Piatakov e outros homens capazes e brilhantes, mas que não tinham nem de perto sua envergadura, a missão de defender teses que são tão suas como dos 46. No dia 21 de dezembro, acata o parecer dos médicos do Kremlin que lhe recomendam o afastamento de Moscou para um retiro de descanso de dois meses às margens do Mar Negro. Inevitavelmente, esta sua atitude contribui para debilitar a oposição. Em todo caso, é difícil explicá-la, e as hipóteses geralmente levantadas são pouco convincentes, e destoam do temperamento de lutador de Trotski, ao sugerirem uma hesitação quanto à justeza desta luta ou um recuo diante das suas possíveis consequências. É mais verossímil buscar a explicação de seu comportamento em uma certa desilusão frente a esses imprevisíveis eventos políticos, a um certo sentimento de impotência frente a um aparato de ambições e eficácia garantidas e, talvez ainda, à necessidade de uma trégua, de um tempo para fazer uma nova análise da situação.

A XIII Conferência

Não podemos assegurar que a intervenção de Trotski, mesmo com toda sua força, teria modificado o curso dos acontecimentos durante as semanas de intensa discussão que se iniciaram em meados de dezembro, já que sua semiparalisia política não é, no fundo, mais do que a consequência lógica de sua recusa em lutar, desde a enfermidade de Lenin, de sua intervenção em outubro quase contra sua vontade, e de sua tática de buscar um acordo com o Birô Político ao votar a resolução do dia 5 de dezembro. Em todo caso, algumas semanas antes da conferência, a sorte está lançada: dali em diante, a imprensa não voltará a publicar mais artigos da oposição;

289 CARR, Edward, *Interregnum, op. cit.*, p. 328.

os dirigentes, no entanto, vão seguidamente tomar a palavra nas colunas dos jornais, afirmando sua determinação em imprimir ao partido um "novo curso", apesar das manobras dos "desviacionistas", dos "antileninistas", dos "mencheviques" e dos "pequeno-burgueses" mascarados com o disfarce do "trotskismo". O folheto *Novo curso*, que reúne as principais intervenções de Trotski, será publicado tarde demais para ajudar nas discussões e será menos um instrumento da oposição do que uma expressão da solidariedade de Trotski para com esta. Os mais destacados membros do grupo dos 46 serão, pois, os que continuarão, de dentro do partido, a luta que iniciaram simultaneamente, mas que até então não tinha sido travada em conjunto.

Os debates da conferência se desenrolam normalmente. Na discussão sobre os problemas econômicos, Preobrazhenski intervém para destacar o crescimento alarmante do capital comercial e industrial privado. Piatakov, com grande habilidade, retoma as teses comuns a Trotski e aos 46: o desenvolvimento da indústria coloca problemas que não se limitam a uma discussão sobre a taxa de crescimento, já que a verdadeira questão é como dirigir este crescimento. O instrumento existe: é o plano estatal (Gosplan), que, a princípio, deve permitir a eliminação do empirismo em matéria econômica e, baseando-se numa concepção global, aperfeiçoar e precisar os objetivos conforme as condições e os recursos. Seria um erro acreditar que a indústria estatal deve adaptar-se ao mercado de maneira espontânea, sob o pretexto de que este último se desenvolve espontaneamente. Somente a planificação permitirá adaptar a indústria à conquista do mercado: sem ela, a nacionalização se converterá em um obstáculo para o desenvolvimento econômico. Molotov, Kamenev e Mikoyan qualificam ironicamente como utopias estes projetos de planificação da indústria com uma perspectiva de vários anos, acusando a oposição de querer impor, em matéria econômica, concepções centralizadoras e burocráticas e – na eterna acusação contra Trotski e seus correligionários – de sacrificar os camponeses para desenvolver a indústria. O resultado da votação é obvio.

A discussão sobre os problemas do partido é introduzida por Stalin, que admite a existência de certo burocratismo, reflexo, segundo ele, da pressão exercida pela burocracia do Estado sobre o partido, agravada pelo ínfimo nível cultural do país e pelas sobrevivências psicológicas do comunismo de guerra. Ao recordar as discussões, feitas por uma subcomissão, sobre a resolução que discute a democracia operária, declara:

> Recordo como nos chocamos com Trotski no referente aos grupos e frações. Trotski não se opunha à proibição das frações. Porém, defendia resolutamente a permissão de grupos no partido. Esta é a opinião da oposição. Estas pessoas parecem não compreender que, se se admite a liberdade de grupos, abre-se a porta para pessoas como Miasnikov, permitindo-lhes enganar o partido ao apresentarem uma fração como se ela fosse um grupo. E afinal, qual é a diferença entre um grupo e uma fração? Se trata somente de uma diferença de aparência[...]. Se admitíssemos os grupos, acabaríamos com o partido, transformaríamos uma organização monolítica e compacta

em uma federação de grupos e frações, negociando entre si alianças e coalizões temporárias. Isto não seria mais um partido, mas o fim do partido[290].

Em sua opinião, a burocratização real serviu para Trotski de pretexto para intervir, violando a disciplina, com um ponto de vista "anarco-menchevique" e para tentar lançar o partido contra seu aparato, os jovens contra os velhos e os estudantes contra os operários. É preciso consolidar a unidade do partido, fortalecê-la contra qualquer ameaça e, para demonstrar a determinação dos bolcheviques, incluir na resolução final o ponto 7 do X Congresso, que proíbe as frações e confere ao Comitê Central os já citados poderes de expulsão.

Preobrazhenski intervém em nome da oposição, volta a brandir todos os argumentos que já foram apresentados, recorda a intensa vida interna do partido nos tempos de democracia operária, protesta contra a sistemática exumação de antigas intrigas e contra a identificação do "leninismo" com as teses burocráticas.

A réplica de Stalin é mais contundente que seu informe: o X Congresso aprovou por votação a proibição de frações na época em que Lenin ainda se encontrava à frente do partido; o período de prova mínimo que se exige aos dirigentes e que, em alguns casos, impede sua eleição, foi fixado no XI Congresso, quando Lenin ainda estava na direção. O que Preobrazhenski e seus companheiros pedem na realidade é a "modificação de uma linha de conduta do partido intimamente vinculada ao leninismo". Ao responder a Preobrazhenski, Stalin manifesta ainda, com toda a clareza, o seu verdadeiro pensamento a respeito de um ponto determinado, que, naquela época, parecia demasiado estranho para merecer qualquer destaque:

De fato, qual é a conclusão de Preobrazhenski? Não pede nem mais nem menos do que devolver ao partido o caráter que este tinha em 1917 e 1918. Naquela época, o partido, dividido em grupos e frações, era vítima das lutas internas em um momento crítico de sua história, no qual se encontrava de frente com um problema de vida ou morte [...]. Preobrazhenski nos apresenta o partido de 1917 e 1918 pintado em cores ideais. Porém, conhecemos suficientemente este período da vida do partido, quando as dificuldades chegavam inclusive a provocar graves crises. Por acaso Preobrazhenski está pensando em restabelecer esta "situação ideal" em nosso partido?[291]

Na verdade, segundo Stalin, o partido está ameaçado por uma coalizão heterogênea que inclui desde Trotski, "o patriarca dos burocratas", até os "antileninistas de sempre", quer dizer, os Preobrazhenski e os Sapronov.

---

290 Ata taquigráfica, citada por LEITES, Nathan e BERNAUT, Elsa, *Ritual of liquidation: bolshevism on trial*, Glencoe, Illinois Free Press, 1954, p. 64.

291 *Correspondence Internationale*, nº8, 1924, p. 70.

A resolução final constata que o partido sofreu o ataque de um reagrupamento de pequenos círculos nascidos das antigas oposições, cimentados ao redor da atividade "fracionalista" de Trotski. A oposição possui "consignas para destruir o aparato do partido, tentando deslocar o verdadeiro centro de gravidade, que é a luta contra a burocracia do Estado". Suas teses são condenadas por constituírem um "abandono do leninismo", que "reflete objetivamente a pressão exercida pela pequena-burguesia". Fixa como medidas contra a burocratização, que é aceita como problema real, o rápido recrutamento de 100 mil operários fabris para o partido, a redução do contingente estudantil do partido e a melhoria da educação dos militantes mediante a sistemática retomada do "leninismo", o aumento da disciplina e uma maior dureza na repressão às "atividades fracionalistas"[292].

Definitivamente, a *troika* obteve uma vitória política total; o aparato também resistiu ao primeiro embate sério. Qual é, então, a opinião dos militantes do partido a esse respeito? Sem dúvida, para um grande número deles, não existe problema algum: o partido continua seu caminho depois de superar uma crise passageira. Alguns deles estão confusos frente aos ataques que alguns velhos bolcheviques lançaram contra Trotski, a encarnação, junto com Lenin, do partido depois de 1917. Os mais cínicos e mais desmoralizados percebem os pontos marcados na luta pelo poder que se desenrola frente a seus olhos. Muitos *apparatchiks*, como Kalinin, estão com a consciência tranquila. Acreditam que Trotski atacou o partido pelas costas e que o partido soube se defender.

Entre os oposicionistas correm ventos de desmoralização. Alguns militantes se suicidam, como Lutovinov, velho bolchevique que foi líder da Oposição Operária; ou Evguenia Bosch, militante desde antes da guerra e organizadora do partido ucraniano durante a guerra civil; como Glazman, um dos secretários de Trotski, e ainda outros militantes menos conhecidos. Outros pagam por seu envolvimento com a oposição com a piora de sua situação material, tornando-se alvo de destituições ou transferências. Alguns prometem a si mesmos que serão mais prudentes posteriormente. Para aqueles que seguem acreditando que tinham razão frente ao partido, já não é o caso de resistir, depois da votação feita na conferência, pois são militantes disciplinados. Porém, a batalha política que acaba de se desenvolver expôs claramente o avanço e a profundidade da degeneração burocrática, cujos primeiros sintomas haviam assinalado. Pela primeira vez na história do partido, a luta não teve como centro principal ideias ou problemas táticos, mas questões pessoais; pela primeira vez, o aparato interveio abertamente, impondo por ameaças e mesmo pela força sua disciplina no voto. Entretanto, a todos os membros da oposição resta uma esperança: o restabelecimento de Lenin, cuja personalidade e autoridade podem reverter a precária situação de um partido ainda trêmulo diante dos golpes trocados entre os protagonistas da polêmica sobre o "novo curso".

292 *Resolução da XII Conferência*, em *Bulletin communiste*, nº 9, 1924, p. 238.

9

O INTERREGNO E A NOVA OPOSIÇÃO

Lenin morre no dia 21 de janeiro de 1924. O problema de sua sucessão formal já está resolvido. O pálido Rikov se torna o novo presidente do Conselho de Comissários do Povo. Trotski, que ainda está ausente, será avisado da morte tarde demais para poder voltar a tempo para as solenidades. São os homens da *troika* os encarregados de presidir o funeral onde pronunciam discursos em memória do falecido. Stalin, que é o último orador, entoa, com cadência litúrgica, os "mandamentos" do morto. Essa exaltação, quase mística, repleta de gestos bíblicos e mais próxima de uma doutrina papal do que dos ensinamentos de Marx, ecoa de maneira curiosa no grande salão onde se celebra o Congresso dos Soviets: definitivamente, uma página da história foi virada.

A transformação do partido

A campanha de recrutamento de operários industriais, decidida na XIII Conferência, acontecerá sob a bandeira do chefe morto. A promoção do "chamado de Lenin" trará mais de 200 mil novos filiados, que engrossam os efetivos do partido em mais de 50%. Apesar de seu nome, a campanha confirma uma profunda ruptura com os métodos empregados durante a vida de Lenin. Por um lado, já não se trata da ardente e entusiástica convicção de uma série de operários, ganhos por outros militantes, nem mesmo da escolha dos ambiciosos, levados pelas circunstâncias a buscar no partido o reconhecimento de seu valor, mas de um recrutamento quase oficial, que acontece no âmbito das fábricas sob a pressão dos secretários, que são autoridades oficiais e que não economizam meios para conseguir filiar ao partido único dos trabalhadores àqueles que se preocupam apenas com seus problemas cotidianos e com a necessidade de manter seu emprego. Por outro lado,

os recém incorporados carecem por completo de instrução ou a possuem num grau ínfimo – eles são a maioria dos 57% de analfabetos que compõem o partido, segundo declara Stalin em maio de 1924. Consequentemente, se encontram muito afastados dos problemas políticos e são inexperientes e maleáveis.

Nas mãos do aparato, se convertem em uma dócil massa de manobra, sempre obediente aos dirigentes, consideravelmente afastada do espírito revolucionário do operário bolchevique, e que vai sufocar, com seus números, os militantes mais rebeldes. As restrições votadas nos congressos anteriores são revogadas em seu benefício: os recém-chegados exercem plenamente seus direitos de militante, votam e ocupam cargos importantes, podendo inclusive ser delegados aos congressos sem ter que passar pelos períodos de prova que eram exigidos anteriormente. Compreende-se muito melhor a função desempenhada por este influxo de novos membros na manipulação das células e organismos dirigentes por parte do aparato e do secretário geral quando se percebe que o recrutamento, realizado sob a consigna do "chamado de Lenin", ocorre paralelamente a uma depuração que, nesta ocasião, tem como alvos os militantes vinculados à Oposição dos 46. Em tais condições, compreende-se perfeitamente que Molotov afirme: "O futuro desenvolvimento do partido se baseará, sem dúvidas, no "chamado de Lenin"[293].

O começo do culto a Lenin e a supressão de seu testamento

Os discursos e os artigos fúnebres imprimem um novo caráter à etapa que se inicia. O congresso dos soviets convocado após a morte de Lenin muda o nome de Petrogrado para Leningrado, declara o dia 21 de janeiro dia de luto, decide erguer monumentos em sua memória em todas as cidades, além de embalsamar seu cadáver e colocá-lo em um mausoléu, aos pés dos muros do Kremlin, para que possam ocorrer peregrinações para visitar sua múmia. Somente a voz de Krupskaia se levantará contra estas decisões – surpreendentes para alguns revolucionários, dada sua inspiração quase religiosa: "Não permitam que vosso luto por Ilich adote formas de reverência externa por sua pessoa. Não construam monumentos, não deem seu nome a palácios, não celebrem cerimônia alguma em sua memória. Ele dava tão pouca importância a tudo isso! Lembrem-se da pobreza [...] que ainda subsiste no país. Se querem honrar a memória de Vladimir Ilich, construam creches, jardins de infância, casas, escolas, bibliotecas, centros médicos, hospitais, asilos para os mutilados; e, sobretudo, coloquem em prática seus princípios"[294].

Entretanto, Zinoviev, que adota as funções de sumo sacerdote, declara: "Lenin está morto, o leninismo vive!"[295], enquanto o Comitê Central resolve criar um novo periódico, o *Bolshevik* (O bolchevique), cujo objetivo é resumir sistematica-

293 Citado por CARR, Edward, *Interregnum*, *op. cit.*, p. 356.
294 *Pravda*, 30 de janeiro de 1924.
295 *Ibid.*

mente o "leninismo" em termos simples e acessíveis para a maioria. Ao mesmo tempo, surge o problema do testamento político, que Krupskaia considera que deve ser conhecido pelo partido, cumprindo assim a vontade do falecido. O testamento será efetivamente lido no dia 22 de maio em uma sessão do Comitê Central ampliado para incluir os militantes mais antigos, produzindo o efeito de uma verdadeira bomba. Zinoviev, então, corre em defesa de Stalin, que o documento, dado o clímax de adoração pelo morto, parece condenar irrevogavelmente: "A última vontade de Ilich constitui uma lei suprema para nós [...], mas, ao menos sobre um ponto concreto, os temores de Lenin parecem carecer de fundamento. Refiro-me àquele que se refere a nosso secretário geral. Todos vocês foram testemunhas do nosso trabalho em comum durante os últimos anos e, como eu mesmo, puderam comprovar felizmente que os temores de Ilich não se confirmaram"[296]. Com o apoio de Kamenev, propõe manter Stalin no posto do qual Lenin queria afastá-lo. Não surge nenhum tipo de oposição. Apesar de Krupskaia, que desejava que fosse feita a leitura do testamento para o congresso - conseguindo em tal proposta 30 votos contra 10 -, o Comitê Central decide conservar em sigilo o "testamento", comunicando seu conteúdo apenas aos chefes das delegações presentes no congresso. Desde o início até o fim da sessão, Trotski manteve-se em silêncio e com esta atitude se fez cúmplice, por vários anos, dos falsificadores. Pela segunda vez, sua abstenção salva Stalin e todos aqueles que, ao idolatrar Lenin e dissimular suas últimas vontades, demonstram claramente que seu único propósito é manter-se no poder. De qualquer forma, esta atitude deixa clara sua posterior abstenção: do ponto de vista de Trotski, o partido continua sendo o partido e aqueles que o dirigem, quaisquer que sejam seus erros, devem ser poupados, no interesse da própria organização.

O XIII Congresso

Uma vez livres do perigo que supunha o testamento, o XIII Congresso, que é aberto no dia 23 de maio, constitui para os vencedores do momento uma repetição, em maior escala e com maior brilho, da XIII Conferência. Zinoviev é o primeiro a abordar a questão do conflito sobre o novo curso durante seu longo discurso inaugural, no qual empreende também um novo ataque contra a oposição e uma autoglorificação dos dirigentes, que conseguiram superar a crise e desmascarar a manobra que arriscava, ao atentar contra seu Comitê Central, enfraquecer o partido. Tranquilizado, sem dúvidas, pelo silêncio de Trotski no que se refere ao testamento, afirma que a controvérsia provou que "agora, mil vezes mais do que nunca, é necessário que o partido seja monolítico". Volta a empreender seus ataques contra Trotski, chegando a exigir que a oposição se retrate publicamente e reconheça seus erros: "A postura mais decente e digna de

296 DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 239, citando Bazhanov.

um bolchevique que a oposição poderia ter seria vir à tribuna do congresso e dizer: nós cometemos um erro, o partido tinha razão"[297]. Tal pretensão, inédita na história do bolchevismo, provoca certo mal-estar entre os delegados. Krupskaia, que conta com uma grande autoridade moral, dada sua qualidade de viúva e colaboradora de Lenin, subirá posteriormente à tribuna para qualificar a exigência de Zinoviev como "psicologicamente inadmissível". Esta última afirmação dará base para que Trotski faça uma intervenção simples e digna, geralmente mal interpretada pelos historiadores, que creem ver nela algo mais que a afirmação de um militante disciplinado: "Nada seria mais fácil que dizer ao partido: 'Todas as minhas críticas, todas as minhas declarações, todas as minhas advertências e todos os meus protestos, tudo isso, enfim, não foi nada mais que puro erro'. Porém, camaradas, eu não acho isso. [...] Os ingleses costumam dizer 'Right or wrong, my country'[298]. Com muito mais razão nós podemos dizer: 'esteja ele certo ou errado sobre certas questões e em determinados momentos, é meu partido'". Em seguida, repete o princípio que já estava nas páginas do *Novo Curso*: "Em última instância, o partido sempre tem razão porque é o único instrumento que a classe operária possui para solucionar seus problemas. [...] Só se pode ter razão dentro do próprio partido e mediante ele porque a história ainda não criou outro instrumento que possibilite ter razão"[299]. Consciente de sua derrota, se curva. Porém, não se convence. Na realidade, insiste que tem razão e, retomando todos os argumentos que foram desenvolvidos anteriormente na XIII Conferência, volta a destacar sua independência em relação aos 46, precisando sua hostilidade à existência de grupos no partido, já que seria extremamente difícil, em sua opinião, não confundi-los com frações. Preobrazhenski subirá igualmente à tribuna para protestar contra o fato de que a depuração tenha tido como foco principal os oposicionistas e para contestar – Trotski não o fez – contra a utilização que o Comitê Central fez do sucesso do "chamado de Lenin", pois "a pretensão de que tal entrada de operários no partido sirva para confirmar e aprovar inteiramente nossa atividade em matéria de política interna, incluindo aí as perversões burocráticas, seria, no mínimo, a prova de um otimismo inadmissível"[300].

Em diversas resoluções o congresso ratifica as decisões da XIII Conferência e a linha do Comitê Central, renova as condenações à oposição, que, alguns dias mais tarde, o *Bolshevik* qualificará como "semi-menchevismo interno, um quarto de menchevismo mil vezes mais perigoso que o menchevismo a cem por cento" e que se forma precisamente em um momento em que é necessária uma "unidade bolchevique a cem por cento"[301].

297 Citado por CARR, Edward, *Interregnum*, *op. cit.*, p. 361.
298 Certo ou errado, meu país (N. do E.).
299 *Bulletin communiste*, nº77, 1924, pp. 639-642.
300 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 238.
301 *Bolshevik*, 5 de junho de 1924, citado por SORLIN, Pierre e Irene, *op. cit.*, p. 162.

A "bolchevização" da Internacional

Segundo a história oficial, o ano de 1924 marca a "bolchevização" da Internacional. A Internacional foi criada entre 1919 e 1921, com a perspectiva de lutas revolucionárias imediatas que, em um breve lapso, pudessem levar à conquista do poder em diferentes países. Assim se explicam as vinte e uma condições prévias à adesão impostas aos partidos, e também os estatutos, que buscam constituí-la como um partido mundial centralizado, como um "partido bolchevique internacional". Somente Lenin pareceu mostrar certa inquietação frente a esta russificação, pois esta forma de organização, imposta artificialmente a alguns partidos que não tinham nem a experiência nem a tradição dos revolucionários russos, ameaçava frear seu próprio desenvolvimento. Os delegados do III Congresso da Internacional Comunista não compartilham este temor; de fato não seguiram Lenin no II Congresso quando, ao relembrar a enorme influência dos socialistas alemães na II Internacional, havia proposto que se localizasse a sede de seu executivo em Berlim, para diminuir desta forma a influência dos dirigentes russos.

Na realidade, ainda com Lenin vivo, foi o processo contrário que aconteceu. Os partidos comunistas, tanto as pequenas seitas, como o inglês, quanto os grandes partidos de tipo social-democrata, como o francês e o italiano, não contam nem com a experiência de luta, nem com dirigentes capazes de se confrontar com os dirigentes russos. Depois do assassinato de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht, o partido comunista alemão se divide em diferentes tendências que se enfrentam violentamente. Seu antigo secretário, Paul Levi, é expulso por ter condenado publicamente a insurreição de março. Com o objetivo de conservá-lo no partido e evitar uma ruptura, Lenin faz todo um esforço: mesmo depois de sua expulsão, ao dirigir-se aos comunistas alemães, Lenin escreve que na realidade Levi "apenas perdeu a cabeça"[302].

Porém, junto com Lenin, desaparece da Internacional a preocupação em educar e integrar os seus membros. Zinoviev, com o pretexto de "bolchevizar" os partidos comunistas, se dispõe a convertê-los em organizações servis que dependem totalmente do Executivo da IC. Alfred Rossmer, que foi testemunha e protagonista de tal empreendimento, escreve sobre o fato:

> Suprimíamos de antemão todo o tipo de oposição no congresso por meio de emissários enviados às diferentes seções nacionais. Em todas as partes se empregavam os mais diversos métodos para eliminar as diferenças que poderiam surgir; se tratava de uma guerra de desgaste, na qual os operários eram derrotados de antemão por funcionários que, ao não terem de se dedicar a outra coisa, impunham debates intermináveis; todos aqueles que tinham ousado emitir uma crítica terminavam esmagados pelo peso da Internacional, ficavam esgotados, cedendo provisoriamente, ou simplesmente se afastavam[303].

302 *Carta aos camaradas alemães*, em *Bulletin communiste*, nº57, 1921, p. 960.
303 ROSMER, Alfred, *op. cit.*, pp. 287-288.

Depois da derrota de Trotski, a repressão se abate sobre todos aqueles que o defenderam. Boris Souvarine, um dos fundadores do movimento comunista francês, é expulso, primeiramente da direção, e depois do partido por haver traduzido e publicado o *Novo curso*. Brandler, que se converteu no único responsável pela derrota alemã, é afastado da direção do partido. Os dirigentes comunistas poloneses Warski, Walecki e Wera Kostrzewa são igualmente descartados por terem protestado contra os ataques que Trotski sofreu. Durante o V Congresso, Zinoviev ameaça "dizimá-los". Em sua resposta a Stalin do dia 3 de julho de 1924, Wera Kostrzewa acusa:

> Nos opomos à criação no seio do partido de uma atmosfera de luta permanente, de tensão e de intenso enfrentamento de uns contra os outros [...]. Estou firmemente convencida de que este sistema vai desacreditar sucessivamente a todos os dirigentes do partido e temo que, quando chegar o momento decisivo, o proletariado não conte com homens testados. Desta forma, a direção da revolução poderia cair em mãos de carreiristas e de aventureiros[304].

Entretanto, a tônica do V Congresso vai ser dada pela intervenção da jovem militante alemã Ruth Fischer. Trata-se de uma mulher eloquente e apaixonada, porém carente de qualquer tipo de experiência na luta de classes; é a companheira de Maslow, militante alemão de origem russa que foi o porta-voz da esquerda em 1923; Zinoviev a impôs como dirigente do partido comunista alemão no lugar da velha guarda de militantes da Liga Spartacus que, neste momento, são acusados de "direitismo". Ruth Fischer, que encarna a tendência "bolchevizante", denuncia Trotski, Radek e Brandler como "liquidadores mencheviques" e exige a conversão da Internacional em um "partido bolchevique mundial", monolítico, de cujo seio deveriam ser descartados todos os conflitos entre tendências. Na realidade, este programa já está realizado em, no mínimo, três quartos. A subordinação definitiva a Moscou dos partidos comunistas só foi possível porque o partido bolchevique, do ponto de vista dos operários de vanguarda, conserva sua aura revolucionária que lhe foi conferida pela vitória de Outubro. Wera Kostrzewa reflete os sentimentos de um grande número de comunistas quando, no final de sua intervenção, afirma, dirigindo-se a Zinoviev e Stalin: "Sabeis que nos é impossível lutar contra vocês. Se no dia de amanhã vocês pedirem aos operários poloneses que escolham entre nós e a Internacional Comunista, de antemão saibam que seríamos os primeiros a aconselhar que sigam vocês!"[305]. Desta forma, a pseudobolchevização, ao aniquilar todo espírito crítico e todo pensamento comunista independente, elimina também qualquer possibilidade de transformar os partidos da Internacional em organizações capazes de desempenhar a função que na Rússia teve o partido bolchevique.

---

304 Citado por KAROL, K. S., *Visa pour la Pologne*, Paris, Gallimard, 1958, pp. 45-46
305 *Ibid.*, p. 46.

As "Lições de Outubro" e a segunda campanha contra Trotski

Apesar de sua atitude de militante disciplinado que, por hora, se resigna a guardar o silêncio, Trotski continua sendo um problema para a *troika*. O *Bolshevik* de 5 de junho não esconde sua indignação com o "discurso elástico" pronunciado por ele no XIII Congresso. Entretanto, os triúnviros também não têm interesse em provocá-lo e, já que Trotski permanece em silêncio ante os problemas político essenciais, mantêm esta linha de conduta. No entanto, Trotski não está disposto a deixar-se derrotar sob a chuva de calúnias. A publicação, prevista há muito tempo pelas Edições do Estado, do terceiro volume de seus escritos e discursos dedicados ao ano de 1917 lhe oferece uma ocasião para tomar a palavra. Evidentemente, tais textos são irrefutáveis por si só, e colocam Trotski no verdadeiro lugar que ocupou durante a revolução, como a primeira figura depois de Lenin, como ele consentia em admitir, mesmo que não aceitasse ser tido como seu mero ajudante ou substituto. Porém, para o militante e lutador incansável, a história só tem valor se é explicada e compreendida, quer dizer, só quando serve como instrumento de transformação do mundo. Para o terceiro volume de suas obras, Trotski elabora um estudo, uma espécie de denso folheto, no qual, para discutir Outubro, retoma as "lições" que lhe parecem essenciais, reagrupando neste trabalho as principais ideias defendidas por ele no referente ao papel do partido na revolução em diversas ocasiões e, fundamentalmente, ao longo de 1923. Trata assim de converter o terreno sólido e irrefutável do passado e dos textos publicados pelas Edições do Estado em um trampolim que sirva a todo o partido para compreender a etapa que acaba de iniciar-se e elaborar sobre o futuro.

As densas páginas do prefácio que leva o título de "Lições de Outubro" descrevem em primeiro lugar um panorama da história do partido bolchevique. Ali Trotski distingue três períodos: a fase preparatória, anterior a 1917, a etapa revolucionária de 1917 e a pós-revolucionária. Evidentemente, considera que a segunda é a decisiva – e isto não somente porque Trotski foi nela a viva encarnação do bolchevismo, como prova a expressão que, na época, era de uso corrente – "o partido de Lenin e Trotski" –, mas porque o partido provou, em seu maior desafio, sua justificação histórica. Ora, a história, tal como aparece nos documentos e discursos de Trotski e dos demais dirigentes, revela duas crises no seio do partido: uma delas em abril, quando a maioria dos quadros dirigentes do bolchevismo tende à conciliação com os mencheviques e à integração na república democrática e se rebela contra as palavras de Lenin, que guia, apoiando-se na vanguarda operária, o partido para uma nova orientação, e a de Outubro, na qual Zinoviev, Kamenev e parte do estado-maior bolchevique só irão ceder frente a Lenin quando este consegue o consenso das amplas massas e demonstra, com a prática, a justeza de seu enfoque. Tal "lição" é muito importante: a autoridade de Lenin e seus conhecimentos mais profundos dos movimentos da sociedade foram os únicos fatores que foram

capazes de convencer, na hora decisiva, a velha guarda bolchevique que, na atualidade, se considera a guardiã desta tradição. Trotski destaca que nem Zinoviev, nem Kamenev têm a menor autoridade para se protegerem atrás do "leninismo", na medida que, em uma série de momentos decisivos, sobretudo às vésperas da tomada do poder – esse muro que separa os incompetentes dos revolucionários –, tiveram posições contrárias às de Lenin, enquanto Trotski, cujo passado não era bolchevique, as defendia decididamente.

De outubro de 1917 passa para outubro de 1923. Recorda a situação em que se encontrava a Alemanha durante o ano anterior e as vacilações do partido comunista, que deixou passar o momento chave e se rendeu sem combate. As contradições que o Outubro russo superou positivamente, no Outubro alemão se resolveram de forma negativa; no entanto, são os mesmo dirigentes do partido os que estiveram então responsáveis pela Internacional - presidida por Zinoviev - e devem assumir, com ela, o fracasso da revolução alemã: quando se tratava de funcionar com perfeição e marchar com audácia até a tomada do poder, manifestaram o mesmo reflexo conservador que haviam demonstrado seis anos antes na Rússia. Em condições objetivas favoráveis, a classe operária alemã contava com um partido comunista; no entanto, nem em nível nacional, nem na escala internacional contava com uma direção comparável à de Lenin: foi esta, e não qualquer outra, a causa de sua derrota.

Tal ataque é devastador; se apoia com firmeza na história e na realidade contemporânea e isto lhe confere uma consistência a toda prova. Entretanto, ao destacar o papel da direção em seu mais alto nível, minimiza, segundo muitos militantes, o próprio papel do partido. Por último, ao servir de réplica contundente às "revelações" da *troika* sobre o passado menchevique de Trotski, converte-se, por sua vez, em uma "revelação" sobre o passado "conciliador" de Zinoviev e Kamenev, se assemelhando a uma intriga pessoal, a abertura de todo um arquivo de trapos sujos que, definitivamente, terminará por desacreditar todos os envolvidos, desta empenhados que estão em destruir mutuamente suas lendas de bolcheviques de ferro e de fiéis seguidores de Lenin.

A aparição do livro com seu prefácio inédito é anunciada pelo *Pravda* no dia 12 de outubro. Como destacam Pierre e Irene Sorlin em sua minuciosa análise da imprensa, será preciso esperar até o dia 2 de novembro pela aparição de um artigo, com o título de "Como não deve ser escrita a história de Outubro"[306], em que se volta a falar deste livro já conhecido por todos os militantes. A partir do dia 12 de novembro os jornais estão repletos de cartas e moções de protesto das organizações locais, orquestradas pelo aparato, o que explica perfeitamente sua quantidade, sua simultaneidade, bem como o atraso desta reação, de outro modo inexplicável.

306 *Cahiers du bolchevisme*, nº1, 1924, pp. 12-13.

Em todo caso, a campanha que se origina será de uma violência inusitada. Nos limitaremos a enumerar somente os artigos que os dirigentes dedicam ao prefácio em questão: em 18 de novembro aparece "Leninismo ou trotskismo", de Kamenev[307]; no dia 19 de novembro "Trotskismo ou leninismo", de Stalin[308]; no dia 30 de novembro "Bolchevismo ou trotskismo", cujo autor é Zinoviev[309]. Todos estes artigos acusam Trotski de "revisionismo" e de tentar "liquidar o leninismo". Posteriormente, aparecem os artigos contra a teoria da "revolução permanente". Kamenev toma esta iniciativa no dia 10 de dezembro, Bukharin no dia 12 e, por último, Stalin no dia 20, que em uma de suas primeiras incursões sobre dita teoria conclui com seu particular estilo: "O abismo que separa o leninismo da teoria da 'revolução permanente' não poderá ser ocultado com nenhum tipo de discurso meloso ou de diplomacia podre".

Estas são grandes bombas. Porém, Trotski será ainda atacado por todos os lados, com toda a potência de fogo que confere ao aparato o controle da imprensa oficial, a sistemática utilização de todos os documentos que existem nos arquivos e a exumação e exibição – totalmente fora do contexto – das fórmulas mais agressivas utilizadas em numerosas polêmicas do passado; assim, o leitor do *Pravda* pode informar-se simultaneamente que Lenin chamava Trotski de "porco" e que este último confiava suas críticas a Lenin ao menchevique Chkheidze. Uma série de textos e citações escolhidos a dedo, convenientemente recortados, buscam assim criar a impressão de que Trotski sempre foi um antibolchevique e um adversário irredutível de Lenin. Até mesmo aquele que não esqueceu os acontecimentos de 1917 poderá ser convencido por estas tergiversações: pouco importa que Lenin tenha também chamado Zinoviev e Kamenev de "amarelos" e Stalin de "policial", já que essas duas afirmações serão ocultadas e esquecidas. O membro médio do partido, para quem, no melhor dos casos, 1917 não foi mais do que uma gloriosa lenda, admite, por vezes não sem amargura, o papel desempenhado pelo "malvado Trotski", sem acreditar verdadeiramente nas acusações feitas contra "o bom Zinoviev". O discreto Stalin será, definitivamente, o menos afetado da *troika*, pois o papel secundário que desempenhou antes e durante 1917 lhe permite livrar-se do descrédito geral que começa a se abater sobre seus protagonistas.

Até o final da guerra civil, Lenin havia – achava ele – reabilitado definitivamente Zinoviev e Kamenev ao escrever na revista *Kommunisticheski Internatsional* (A Internacional Comunista): "Um pouco antes da Revolução de Outubro e imediatamente depois, certo número de excelentes comunistas russos cometeram um erro que seria, de todos os pontos de vista, dispensável de ser recordado na atualidade. Por que? Porque, ao menos que isto seja absolutamente indispensável, é absurdo

307 *Ibid.*, nº5, pp. 296-312 e nº6, pp. 375-395.
308 *Ibid.*, nº7, pp. 450-463.
309 *Ibid.*, nº7, pp. 464-471 e nº8, pp. 529-543.

recordar erros que foram retificados por completo"[310]. Neste momento, Lenin elevava sua voz com o único propósito de conservar todos aqueles dirigentes valiosos, tanto ao acolher o "porco" Trotski, como ao conservar ao seu lado os "amarelos" Zinoviev e Kamenev. No dia 16 de dezembro, Krupskaia afirma que "não se sabe se o camarada Trotski é culpado de todos os pecados mortais de que é acusado com tão obvio propósito polêmico", relembra sua verdadeira participação em 1917 e tudo o que lhe deve o partido. Entretanto, sua conclusão é que "quando um camarada como Trotski toma, de forma inconsciente talvez, o caminho da revisão do leninismo, o partido tem algo a dizer"[311]. Uma carta de Trotski que aparece no *Pravda* do dia 20 pontua que seu livro constitui simplesmente o desenvolvimento de ideias que já haviam sido manifestadas por ele anteriormente e que nunca havia recebido tamanha onda de ataques[312].

O Secretariado forja, em suas centenas de colunas de jornais, por meio de todos os organismos, escolas, instrutores, oradores e propagandistas, o conceito de "trotskismo". Segundo esta nova versão da história, Trotski sempre subestimou o papel do partido, defendendo, a partir de 1903, concepções que minam os alicerces do marxismo e o convertem no "porta-voz das influências pequeno-burguesas". Ao mesmo tempo, sempre subestimou o papel dos camponeses, defendendo uma política que ameaça romper a aliança operária e camponesa. Todos os seus desacordos com Lenin no passado – sobre o partido antes da guerra, a discussão sobre a paz de Brest-Litovski e sobre os sindicatos – têm como base estes desvios. Partindo de tais concepções, recomenda a planificação, procedimento digno da autocracia, e a industrialização à custa dos camponeses, esforçando-se por eliminar, a qualquer custo, a direção que conseguiu desmascará-lo. Exposto assim, o "leninismo" se reduz a uma justificativa da política atual, ao uso da mão de ferro no partido e às concessões feitas aos camponeses.

É preciso educar o partido. Uma resolução do Comitê Central do dia 17 de janeiro de 1925 decide "continuar com a iniciativa de revelar o caráter antibolchevique do trotskismo" e "introduzir nos programas de ensino político a explicação de suas características pequeno-burguesas"[313]. A revisão da própria história se aproxima. Presentemente, por ter, com seus ataques, dado aos "elementos vacilantes e antissoviéticos" o "sinal para o reagrupamento contra a política do partido" ele será lembrado de que "a afiliação ao partido bolchevique exige uma subordinação efetiva, e não meramente verbal, à disciplina, bem como uma renúncia total e sem reservas a todo tipo de luta contra o leninismo" ou seja, a todo tipo de oposição. Sua permanência no Comissariado da Guerra e no Comitê Revolucionário da Guerra já não tem mais significado; a seu pedido, ele acaba sendo liberado de suas respon-

310 *L'Internationale communiste*, 20 de dezembro de 1921.
311 *Carta de Krupskaia*, em *Correspondence Internationale*, nº1, 7 de janeiro de 1925, pp. 4-5.
312 *Cahiers du bolchevisme*, nº12, pp. 751-753.
313 *Ibid.*, nº12, pp. 753-759.

sabilidades. Somente a oposição de Stalin, muito mais prudente que seus aliados, impede Zinoviev e Kamenev de obter sua expulsão, que os jovens comunistas de Leningrado vão exigir aos gritos.

Os problemas da NEP

Na realidade, a expulsão de Trotski do governo em 1925 não é mais do que a última consequência da derrota da oposição em 1923. Entretanto, as novas dificuldades vão originar novos conflitos. Em 1923 e 1924 a direção apoia firmemente a NEP: as novas oposições vão se nutrir do desenvolvimento de seus efeitos.

A Rússia de 1925 saiu efetivamente do período de crise que havia chegado ao auge no verão de 1923. O país voltou ao trabalho, os campos são cultivados, as fábricas funcionam, os trens circulam e o comércio é bastante ativo. No entanto, nem tudo está bem. A agricultura continua atrasada como sempre. Não foi criado nenhum tipo de indústria pesada. A prosperidade do comércio privado não consegue dissimular a mediocridade do nível de vida geral, para a qual ela contribui, visto que o capital de 900 milhões de rublos que são investidos no comércio privado geram por ano um lucro de 400 milhões de rublos. A luta de classes prossegue: certamente, o camponês consegue subsistir junto com sua família; porém, em contrapartida, está privado de todo o tipo de produtos industriais, cujo preço dobrou em relação ao período anterior à guerra, enquanto sua própria produção está parada com o mesmo valor. Enquanto isso, também diminui o salário e a ração alimentícia do operário em relação aos valores anteriores à guerra. Nas cidades surgem enfrentamentos de comerciantes, *nepmans* enriquecidos, administradores e especialistas vermelhos contra operários; estas mesmas contradições se reproduzem com igual intensidade no campo. Os verdadeiros beneficiados pela NEP e pela reaparição do mercado são aproximadamente 3 ou 4% do povo do campo – são os *kulaks* e agricultores acomodados; estes possuem metade das terras cultivadas e 60% das máquinas, são praticamente os únicos que se beneficiam da venda dos excedentes de suas colheitas: 2% dos *kulaks*, os mais ricos, produzem 60% das mercadorias presentes no mercado. Aprofundam-se as diferenças entre eles e os camponeses médios e pequenos: os *kulaks* possuem 75% dos 7,7 milhões de hectares de terras, que acabam sendo arrendadas ilegalmente aos camponeses pobres ou médios; eles também são os patrões de 3,5 milhões de assalariados agrícolas e de 1,6 milhões de trabalhadores avulsos, que recebem salários inferiores em quase 40% aos pagos antes da guerra pelos grandes proprietários[314]. O camponês pobre – que continua sendo vítima da usura, já que paga uma taxa de juros por empréstimo que chega a ser quatro vezes superior às cobradas aos *kulaks* – depende por completo destes, assim como o partido, que, por temor das reações dos grandes proprietários, freia e cria obstáculos à formação

314 SERGE, Victor, *Rumo à industrialização*, em *Clarté*, nº15, pp. 486-487.

dos sindicatos de camponeses pobres, o que tinha sido precisamente um dos eixos centrais da política do comunismo de guerra. A maior consequência do aumento do poder do *kulak* é sua capacidade de interferir no mercado, ameaçando a totalidade do equilíbrio econômico, através de uma consciente diminuição de seus excedentes. Seus interesses imediatos – ou, se preferirmos, suas tendências capitalistas – ameaçam provocar um choque com o regime ou, ao menos, um novo retrocesso econômico. Em 1925, uma queda na produção agrícola provoca uma crise de abastecimento que obriga o governo a suspender a exportação de grãos e a importação de maquinário e matérias-primas destinadas à indústria. Ninguém pensa mais em voltar aos métodos utilizados durante a fase do comunismo de guerra. No entanto, o problema se coloca com absoluta nitidez: a industrialização deve depender apenas da satisfação dos interesses dos camponeses ricos?

Entre outros temas, este será o objeto central de um debate de alto nível teórico que vai colocar frente a frente duas da mentes mais brilhantes do partido, os seus principais economistas, Bukharin e Preobrazhenski, coautores do *ABC do comunismo* e antigos comunistas de esquerda, cujos pontos de vista divergem extraordinariamente a partir de 1923.

As teses de Preobrazhenski

A obra de Evgueni Preobrazhenski é hoje praticamente desconhecida: só foi publicado o primeiro volume de seu trabalho *A nova economia*, antes de seu autor se tornar vítima das autoridades soviéticas[315]. Entretanto, se trata de um ensaio de enorme interesse, cuja análise e conclusões fornecem os fundamentos indispensáveis para o estudo do desenvolvimento de uma economia de tipo socialista em um país subdesenvolvido. Parte desse interesse se deve ao fato do ousado pesquisador ter tentado aplicar à economia soviética as categorias de *O Capital*.

Sua análise parte da situação da economia soviética, na qual um Estado operário, dirigindo uma indústria nacionalizada, se esforça em desenvolver uma economia moderna, nos marcos de um país atrasado. Em linhas gerais, sua tese afirma que a vitória da revolução em um país atrasado e isolado, ou mesmo em um grupo de países que ainda não tenha alcançado seu o desenvolvimento econômico máximo, como por exemplo os Estados Unidos, cria uma situação extremamente crítica pelo fato de que tal país, depois da revolução, perde as vantagens que oferece o sistema capitalista no que diz respeito ao seu desenvolvimento econômico, sem ter ainda a possibilidade, por falta das bases necessárias, de se beneficiar das vantagens do sistema socialista. Desta forma, o camponês médio – e principalmente o *kulak*, liberado das cargas fiscais do antigo regime – pode permitir-se o

315 PREOBRAZHENSKI, Evgueni, *La nouvelle Économique*, Paris, E. D. I., 1966. Publicada em português com o título de *A nova econômica*, para enfatizar o fato de que se trata de uma nova ciência econômica, e não de uma nova forma de produção (N. do E.).

luxo de diminuir sua produção e aumentar seus empréstimos ao camponês pobre ou mesmo seu próprio consumo, já que a indústria não lhe oferece (ou só o faz com preços proibitivos) aquelas mercadorias que poderiam incitá-lo a produzir para vender. Este "período de transição" é muito perigoso, dada a inferioridade em que se encontra o país que fez uma revolução contra o "capitalismo monopolista". É assim que o mercado russo se mantém ligado a uma indústria tecnologicamente atrasada, enquanto vende seus produtos agrícolas ao preço do mercado mundial, pagando duas vezes o que acumula para investir. Preobrazhenski afirma que este é "o período mais crítico do desenvolvimento do Estado socialista" e acrescenta: "constitui-se para nós uma questão de vida ou morte atravessar este período de transição tão rapidamente quanto seja possível, para alcançar o ponto em que o sistema socialista ofereça todas as suas vantagens"[316]. Frente à ameaça de uma aliança entre o *kulak* russo e o capitalismo internacional, assinala que os bolcheviques estão construindo o socialismo "durante uma trégua entre duas batalhas".

Portanto, a tarefa do economista consiste em analisar as leis do desenvolvimento econômico do período de transição, verdadeiras "forças objetivas" comparáveis às leis econômicas que regem o desenvolvimento capitalista e que operam independentemente da consciência que se tenha delas.

A primeira dessas leis é que, para lutar contra o capitalismo monopolista, o sistema socialista deve praticar o "monopólio socialista", quer dizer, uma extraordinária concentração do controle econômico estatal sobre a indústria e o comércio exterior; no caso russo, tal política é imposta pela necessidade inevitável de deter o aumento da população rural, que, de fato, facilita a chantagem dos *kulaks* ao Estado, boicotando a indústria, bem como pela necessidade de se criar, utilizando mais maquinário no país, uma "nova base tecnológica", única medida que pode garantir um desenvolvimento de conjunto da economia. Este princípio exige "a concentração de todas as grandes empresas do país nas mãos de um só truste, quer dizer, do Estado operário"[317], com o objetivo de criar uma política de preços, baseando-se no monopólio, que permita fazer dela uma "outra forma taxação por sobre a produção privada". Este monopólio tenderá a impor-se inevitavelmente, quaisquer que sejam as vacilações dos dirigentes a este respeito: "A atual estrutura de nossa economia nacionalizada costuma se revelar mais progressiva que nosso sistema de direção econômica"[318]. Apesar de suas resistências, o desenvolvimento das forças produtivas, promovido pela indústria monopolista de Estado, acontecerá segundo as exigências do que Preobrazhenski chamará de

316 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, Oxford, Oxford University Press, 1959, p. 235.
317 Citado por ERLICH, Alexander, *The Soviet industrialisation debate (1924-1925)*, Harvard, Harvard University Press, 1960, p. 49.
318 *Ibid.*, p. 59.

"lei da acumulação socialista primitiva": "Vivemos sob o tacão de ferro da lei da acumulação socialista primitiva"[319].

Este termo - que Preobrazhenski toma de Sapronov e que já foi utilizado por Trotski em 1922 - se converteu, até certo ponto, na pedra angular do sistema que se atribui a Preobrazhenski e que, muitas vezes, não foi bem interpretado. O autor o utiliza como analogia com a "acumulação primitiva capitalista", cujo desenvolvimento, nas primeiras etapas do sistema capitalista, havia sido descrito por Marx na sétima parte do primeiro livro d'*O Capital*. Este termo significa que um país atrasado não pode industrializar-se rapidamente baseando-se unicamente nas forças de sua indústria estatal, mas deve, além disso, recorrer a uma acumulação obtida através de fundos que normalmente se destinariam aos salários e rendas do setor privado. Portanto, a lei da acumulação socialista primitiva obriga o Estado a "explorar" - no pleno sentido econômico da palavra, quer dizer, a pagar um salário inferior ao valor produzido - os camponeses, dando prioridade à indústria pesada em seus planos e, seguindo um caminho inverso ao que será feito no período socialista futuro, a dirigir a economia não do ponto de vista do consumidor, mas do produtor.

Naturalmente, o funcionamento desta lei durante o período de transição - estimado por Preobrazhenski em cerca de vinte anos, no caso de uma vitória revolucionária na Europa Ocidental - traz consequências que entram em contradição com a tendência geral do desenvolvimento. A "exploração" dos camponeses supõe que as rendas destes irão crescer com menor rapidez que a dos demais assalariados e este processo, inevitavelmente, irá gerar uma oposição política que deverá ser reduzida mediante o desenvolvimento de fazendas em regime de cooperativa e de uma política fiscal equilibrada. A centralização da economia impulsionará a criação de um enorme aparato "monopolista" repleto de tendências parasitárias, que, por sua vez, poderão servir de freio ao desenvolvimento geral ao dar origem a um setor de privilegiados, constituído por administradores e técnicos, que se eleva por sobre os trabalhadores. Em linhas gerais, a economia de transição é fonte de desigualdades sociais, já que os privilégios não podem desaparecer totalmente até que as forças produtivas alcancem seu máximo desenvolvimento e que se derrubem as distinções entre trabalho manual e intelectual. O marxista consciente das "leis objetivas" tem a obrigação de acelerar este processo através da ação política do partido, organização da classe operária. Chegando a este ponto, Preobrazhenski abandona o papel de economista científico para adotar o de político, militante e líder da oposição, destacando que as tendências parasitárias do aparato monopolista e o predomínio do enfoque no produtor, dados por sua própria lógica interna, devem ser retificados por uma ação operária que se exerça do ponto de vista do consumidor, o que exige inevitavelmente a existência de uma verdadeira democracia operária e a garantia aos trabalhadores de meios para se defenderem contra o Estado.

319 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 231-232.

De maneira geral, o conjunto de contradições globais conduz Preobrazhenski à concluir que: "Nosso desenvolvimento em direção ao socialismo se enfrenta com a exigência de acabar precisamente com o nosso isolamento socialista por uma série de razões que não pertencem somente ao âmbito político, mas também ao econômico, criando assim a possibilidade de buscar no futuro o apoio nos recursos materiais dos demais países socialistas"[320].

O ponto de vista de Bukharin

Bukharin vai se colocar como o principal adversário das teses de Preobrazhenski, as quais, já desde o início, qualifica de "monstruosas". A suposta lei de acumulação primitiva socialista, que serve para justificar a exploração do campo, ameaça, segundo ele, provocar a ruptura do proletariado, a aparição de uma nova classe de exploradores originada na centralização do aparato econômico do Estado. Tal atitude por parte do antigo profeta da revolução europeia se deve, como ele mesmo afirma, ao fim de parte de suas ilusões com o fracasso do comunismo de guerra. Deutscher afirma que Bukharin descobriu subitamente que "o bolchevismo permanecia sozinho frente ao camponês russo", e isto o fez voltar-se para os camponeses "com o mesmo fervor, as mesmas esperanças e a mesma capacidade de idealização com que havia se voltado para o proletariado europeu"[321]. Esta explicação se adapta muito, sem dúvidas, ao temperamento de Bukharin. Porém, suas mais profundas motivações se originam, provavelmente, em uma análise que se opõe sistematicamente – e esta postura foi compartilhada pelos dois antagonistas – às elaborações de Preobrazhenski.

O fracasso do comunismo de guerra traz uma dura lição. Como afirma Erlich, resumindo seu pensamento, é preferível "alimentar a galinha dos ovos de ouro do que matá-la". "Ao utilizar a iniciativa econômica dos camponeses pequeno-burgueses, e inclusive dos burgueses, quer dizer, ao tolerar a acumulação privada, nos colocamos objetivamente a serviço da indústria socialista de Estado e da economia de conjunto; este é o significado da NEP"[322]. Durante a etapa do comunismo de guerra, já tinha sido condenada a concepção totalitária da planificação. Posteriormente, afirma Bukharin, "ocuparemos os postos de comando e controlaremos as posições-chave; nossa economia estatal, por diversos caminhos, talvez mesmo em competição com os restos do capital privado, continuará a se reforçar e absorverá gradualmente as unidades econômicas mais atrasadas: se trata, portanto, de um processo que em suas características essenciais se dá através do mercado"[323].

320 ERLICH, Alexander, *op. cit.*, p. 59.
321 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 243.
322 ERLICH, Alexander, *op. cit.*, p. 10.
323 *Ibid.*

Para desenvolver a indústria, nosso primeiro passo é fazer baixar os preços industriais, o que dará a dupla vantagem de impedir que surjam "lucros monopolísticos" e de obrigar os "industriais vermelhos" a aumentar a produtividade de suas empresas ao mesmo tempo em que reavivam a atividade do mercado. O motor desta revitalização deve ser um aumento da demanda dos camponeses, mas esta só será possível se os camponeses puderem aumentar seus rendimentos e investir, operações que lhes são proibidas pelas limitações impostas pelo Estado soviético:

> O setor próspero do campo e os camponeses médios que aspiram formar parte dele têm, na atualidade, medo de acumular. Produz-se uma situação na qual o camponês não se atreve a utilizar um arado de ferro em seu sítio por temor de ser chamado de *kulak*; só se compra uma máquina se existe a possibilidade de escondê-la dos comunistas (...). O camponês acomodado está descontente porque não lhe permitimos acumular, nem contratar os serviços de trabalhadores assalariados; por outro lado, os camponeses pobres que padecem em suas terras se lamentam de não poder vender sua força de trabalho[324].

Para Bukharin, a conclusão lógica é esta: é preciso eliminar todas as limitações aos camponeses porque o socialismo só será atrativo para eles se lhes oferecer um incentivo e for economicamente vantajoso. O cooperativismo deverá ser a ponte entre as fazendas coletivas e o socialismo na agricultura, mas deve ser introduzido com grande prudência, restringindo-se, num primeiro momento, à "esfera da circulação".

O enriquecimento dos camponeses, como condição prévia para a reativação da indústria e para o desenvolvimento econômico, implica evidentemente no risco do desenvolvimento de uma classe social que, na Rússia, representa o último vestígio do capitalismo. Porém, o Estado operário poderá, com os instrumentos que possui, harmonizar o desenvolvimento gradual, regularizando-o mediante um imposto direto e progressivo, e devendo também conseguir integrar, passo a passo, ao *kulak* no desenvolvimento de conjunto da economia. Segundo Bukharin: "enquanto estivermos esfarrapados, o *kulak* poderá nos vencer no terreno econômico. Mas isto não acontecerá se permitirmos que ele deposite suas economias em nossos bancos. Vamos ajudá-lo certamente, mas ele também nos ajudará"[325]. Em uma perspectiva de longo prazo – Bukharin chega a referir-se à legitimidade futura dos "netos dos *kulaks*" –, ao nivelar o campo socialmente por cima e chegar a um grau de tecnologia superior em toda economia, e à exploração coletiva da terra, o *kulak* terminará por morrer de "eutanásia", segundo a expressão de Erlich.

Ao basear-se em premissas opostas às de Preobrazhenski, priorizando os problemas de consumo e mercado e a diminuição dos preços industriais, Bukharin chega a conclusões completamente diferentes sobre "a construção do socialismo, inclusive com uma base tecnológica medíocre": "Devemos avançar a peque-

324 *Ibid.*
325 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 243.

nos passos, pequeníssimos, arrastando o pesado vagão dos camponeses"[326]. Por uma estranha ironia, este brilhante discípulo de Marx, na análise do período de transição, retoma a tradição populista. Renunciando a todas suas ilusões juvenis, argumenta, contra Preobrazhenski, que a própria vitória da revolução em escala mundial não colocaria esse problema em outros termos que não os "russos", mas então em uma escala global, e que a perspectiva mais ou menos de longo prazo da revolução mundial não deveria ser levada em conta na decisão da política do partido. No referente aos antagonismos entre a cidade e o campo, que voltavam a explodir violentamente no verão de 1925, afirmava sua posição de defensor e, até certo ponto, de porta-voz dos camponeses, pelo temor que se destruíssem as condições que, em sua opinião, eram necessárias para o equilíbrio social em que deveria basear-se o desenvolvimento econômico.

Todos estes pontos de vista serão explicados mais tarde com toda clareza em seu célebre discurso, pronunciado no dia 17 de abril no Teatro Bolshoi de Moscou. Em tal ocasião, depois de ter repetido seus melhores argumentos a favor da acumulação camponesa, afirma: "Devemos dizer aos camponeses: Enriquecei-vos, ampliem e desenvolvam suas fazendas e não temam que se exerça limitação alguma sobre vossa atividade. Apesar de parecer paradoxal, devemos estimular a exploração para ajudar os camponeses pobres e médios"[327]. Tal afirmação vai originar posteriormente um verdadeiro escândalo e Bukharin termina por se retratar formalmente por ela, ainda que esta não implique em nenhuma mudança profunda em sua perspectiva. Seus discípulos do Instituto de Professores Vermelhos, entre eles Stetski, que, com idênticos argumentos, vai sugerir a supressão do monopólio do comércio exterior; Bugushevski, que na época afirma que o *kulak* já é "um tipo social em extinção e do qual só sobram alguns espécimes"; e Slepkov, que especula sobre a transformação da NEP em uma "neo-NEP" – todos eles serão chamados à prudência por suas posições. Porém, ao mesmo tempo em que critica estas colocações extremistas, a XIV Conferência empreende a via que eles traçam, autorizando o arrendamento de terras e a utilização de mão de obra assalariada, incluindo em seu programa créditos para o estímulo à compra de equipamentos agrícolas no campo, uma política de pressão para baixar os preços industriais paralela à liberação dos preços dos produtos agrícolas e uma diminuição do imposto sobre as propriedades rurais. O campo e os camponeses acomodados, aparentemente, conseguiram um grande triunfo. A reação a esta política virá de uma grande cidade: Leningrado.

O nascimento da "Nova Oposição"

Leningrado, a antiga São Petersburgo era, desde os tempos do czarismo, o bastião russo do moderno proletariado industrial. Desta cidade saiu a maioria dos

326 *Ibid.*, p. 240.
327 Citado por CARR, Edward, *Socialism in one country*, Londres, Macmillan, 1958, tomo I, p. 258.

militantes que formaram o núcleo central do partido em 1917 e que mais tarde deram vida aos soviets em todo o país, alimentando igualmente a coluna de quadros do Exército Vermelho. Certamente, por conta das condições desta constante promoção, uma verdadeira sangria de homens, a organização do partido em Leningrado não pode ser comparada àquela da Petrogrado dos anos 1917-1918. No entanto, ela conservou algumas características originais que explicam em parte sua atuação em 1925. Neste período, em toda a província, de um total de 50 mil membros do partido e de 40 mil elementos submetidos ao período de experiência, contamos com 72% de operários frente a apenas 11% de funcionários. Em nenhuma outra região do partido existe uma proporção tão alta de operários. Destes, 36,4% são metalúrgicos, setor que tradicionalmente é o mais avançado. Portanto, não é de estranhar que as teorias de Bukharin tenham suscitado neste local uma viva oposição: as oficinas de construção e os estaleiros navais da cidade estão fechados, existem dezenas de milhares de desempregados para os quais a industrialização, e a industrialização *rápida*, é uma necessidade vital, e que não estão dispostos a tolerar, segundo a breve e excelente fórmula de Isaac Deutscher, a tese segundo a qual deveria ser o *mujik* o encarregado de determinar o ritmo da reconstrução industrial, ou seja, um "ritmo de tartaruga".

Certamente, o partido local é um feudo de Zinoviev, cuja dureza é por todos conhecida e que não enfrentou ali grandes dificuldades em liquidar a oposição de 1923. Entretanto, os próprios "ativistas" leningradenses se dão conta do descontentamento que reina entre os operários que dirigem. Estes dirigentes, mitificados pela propaganda oficial, orgulhosos de serem os sucessores da ponta de lança do partido bolchevique e de serem a vanguarda da "Comuna do Norte", estão com a confiança em alta após a derrota da oposição em sua região. Eles não vão, portanto, resignar-se a aceitar, sem objeções, uma linha que reduz ao mínimo seu papel no presente e no futuro, que os abandona frente ao descontentamento da base que dirigem, quer dizer, que abala os próprios fundamentos de sua autoridade. Em setembro, o velho bolchevique Zalutski, secretário do comitê do partido na província de Leningrado, pronuncia um discurso, editado rapidamente na forma de folheto, em que manifesta o descontentamento dos operários, que se perguntam até que ponto Outubro foi de fato o triunfo de uma revolução proletária. Refere-se também ao termidor da Revolução Francesa e à "degeneração" que surgiu no interior do próprio partido e, por último, compara Stalin com Bebel, o papa da social-democracia alemã, encarnação, como ele, do aparato do partido e árbitro dos conflitos entre esquerdistas e revisionistas.

Frente à nova tendência direitista encarnada por Bukharin e seus aliados do Instituto de Professores Vermelhos, aparece uma nova esquerda, diferente da oposição de 1923, não tanto pelas posições teóricas e pelos estudos científicos de Preobrazhenski, mas principalmente pela sua forte ligação com o setor operário do partido.

Na realidade, Zalutski por si mesmo é insignificante: trata-se de uma mera prolongação de Zinoviev e não atuou por iniciativa própria. Certamente, se vê pressionado pela base de sua organização, mas também conta com o apoio de seu "chefe"; seu discurso é o primeiro sintoma público da ruptura, que se gestou por vários meses, entre os membros da *troika*.

No fim de 1924, o secretário geral já havia tentado reduzir a influência que seus colaboradores Zinoviev e Kamenev exerciam sobre as organizações de seus respectivos feudos em Leningrado e Moscou. O secretário de Moscou, Zelenski, foi deslocado para a Ásia Central e substituído por Uglanov, que vinha de Nizhni-Novgorod. A maior parte dos historiadores parece estar de acordo em afirmar que somente o ataque que significou *Lições de Outubro*, de Trotski, pôde restabelecer a coesão da *troika* - que estava a ponto de dissolver-se –, pois obrigou Zinoviev e Kamenev a adiar a contraofensiva que preparavam em resposta a uma evidente intromissão em seus domínios políticos. Em todo caso, Uglanov pôde aproveitar taticamente esta trégua forçada para "reorganizar" o aparato regional, colocando homens de confiança nos diferentes níveis. A sobrevivência dos violentos rancores contra os burocratas que haviam esmagado a oposição em Moscou durante a discussão sobre o novo curso facilitou seus trabalhos. Desta forma, a depuração dos depuradores foi observada de maneira sarcástica pelos oposicionistas, que viam nela uma espécie de justa vingança.

O primeiro conflito sério surge em 1923, quando Stalin nega à Zinoviev e Kamenev, apoiado pela maioria do Comitê Central, a expulsão de Trotski do Birô Político. Nesta ocasião, Zinoviev chega a acusar Stalin de ser "meio trotskista" e dá início, no *Komsomol* de Leningrado, aos preparativos de uma campanha contra Trotski e contra a direção nacional, que vai terminar com a expulsão seu dirigente adulto, Safarov. Na Internacional, feudo de Zinoviev, gestam-se novos enfrentamentos. Stalin defende Thaelmann na Alemanha, partidário da apresentação de uma candidatura unicamente comunista para as eleições para a presidência do Reich, contra as posições de Maslow e Ruth Fischer, protegidos de Zinoviev, que desejam enfrentar o marechal Hindenburg com uma aliança eleitoral com os sociais-democratas. Maslow e Ruth Fischer são vencidos e eliminados da direção. O controle da Internacional parece, com isto, escapar das mãos de Zinoviev.

As situações de conflito se multiplicam a partir da primavera de 1925: no Birô Político, Zinoviev e Kamenev se opõem à apresentação na XIV Conferência de uma resolução elaborada por Stalin, na qual se afirma a possibilidade de "construção do socialismo em um só país", em franca oposição à teoria da "revolução permanente" de Trotski. Um acordo é feito. No entanto, a crise econômica vai gerar conflitos ainda mais graves: Zinoviev e Kamenev criticam abertamente a linha defendida por Bukharin e é por sua pressão que serão condenadas as fórmulas mais escandalosamente direitistas.

Porém, o debate ainda não se tornou público, nem foi reconhecido oficialmente. Zinoviev vai iniciá-lo com uma série de discursos e folhetos. Em setembro de 1925 publica uma volumosa antologia que carrega o título de *O leninismo*. Depois de dedicar algumas centenas de páginas ao "trotskismo" e às tradicionais acusações contra este, examina os problemas surgidos com a NEP. Começa habilmente sua análise, partindo da recente obra do emigrado branco Ustrialov, o qual Lenin costumava citar, dizendo que, ao proclamar sua "verdade de classe", revelou aos bolcheviques os perigos que os ameaçavam. Em seu livro *Sob o signo da revolução*, publicado na Manchúria, Ustrialov, depois de analisar a situação na Rússia, "onde todo o povo, renovado, porém cansado igualmente pela tempestade, desperta com uma vontade de paz, de trabalho e de submissão", escreve: "Proprietários, enriquecei-vos! Consigna de vida, consigna de saúde, genial grito interior!" e conclui: "A consigna de desenvolvimento e individualismo é tão saudável quanto o trabalho, inevitável como a própria vida, imperiosa como a história"[328]. Desta forma, os argumentos deste hábil "inimigo de classe" permitem a Zinoviev afirmar que o perigo principal pode vir "do enfraquecimento da ditadura do proletariado, como consequência das influências pequeno-burguesas e antiproletárias que se exercem sobre o aparato estatal, sobre a economia e inclusive sobre o próprio partido" em um país em que a população pequeno-burguesa predomina e o capitalismo renasce parcialmente, visto que "os pequeno-burgueses e a nova burguesia continuam ligados por milhares de laços com a burguesia internacional"[329], onde o Estado está fortemente impregnado de burocratismo e a grande indústria não recuperou ainda o nível de 1913 e que, acima de tudo, sofre com o bloqueio capitalista. Mais adiante, apoiando-se em numerosas citações de Lenin e analisando a NEP como uma retirada tática, na qual a marcha ao socialismo se dá mediante a construção de um capitalismo de Estado, Zinoviev vai afirmar que a luta de classes continua durante a ditadura do proletariado e, principalmente, durante a NEP, fundamentalmente no campo. Agora existe uma certeza: "Os *kulaks* são inimigos do poder soviético", infinitamente mais perigosos que os *nepmans*, já que "os 3% de *kulaks* do campo constituem uma força econômica enorme". Neste ponto, o ataque contra Bukharin e seus discípulos será ainda mais direto: "No momento atual, tentar fazer crer que o *kulak* não existe, lançar frases como 'o *kulak* não é perigoso' significa sugerir que [...] não consideramos o *kulak* como inimigo!". E ainda: "No referente ao *kulak*, não se pode tolerar nem o menor vestígio de dúvida"[330]. Em um capítulo composto inteiramente por citações de Lenin, Zinoviev demonstra a irredutível hostilidade do fundador do bolchevismo com a ideia de que o socialismo pudesse se realizar em um só país: é preciso lutar contra a "ideologia política burguesa e pequeno-burguesa vinculada à época da NEP e à necessidade de aumentar o bem estar em nosso país" porque esta é contrária ao objetivo dos comu-

328 Citado por ZINOVIEV, Grigori, *Le léninisme*, Paris, Bureau d'éditions, 1926, p. 186.
329 *Ibid.*, p. 189.
330 *Ibid.*, p. 233.

nistas, que consiste em consolidar a vitória em seu próprio país, abrindo ao mesmo tempo o caminho para os operários de todo o mundo[331].

Nos dias 19 e 20 de setembro aparece no *Pravda* um artigo ainda mais claro, apesar dos cortes impostos pelo Birô Político, onde, sob o título de "A filosofia de uma época", e, seguindo a mesma linha da polêmica com Ustrialov, afirma: "O desenvolvimento da NEP, junto com o atraso da revolução, implica, entre outros perigos, na degeneração". Ao evocar a luta operária revolucionária, escreve: "Em nome de que se levantaram durante as transcendentais jornadas de outubro a classe operária e as amplas massas populares? Em nome de que seguiram Lenin na linha de fogo? Em nome de que foram atraídas por nossa bandeira durante os primeiros anos? Foi em nome da igualdade! [...]. O povo, em sua totalidade, sonha hoje com a igualdade [...]. Esta é a pedra angular da filosofia de nossa época". Afirmando que "para sermos os autênticos porta-vozes do povo, devemos encabeçar sua luta em prol da igualdade"[332], Zinoviev deixa claro, frente a Bukharin, escolhido como representante pelos *kulaks*, que ele, Zinoviev, está disposto a ser o dos operários.

A batalha anterior ao congresso

O conflito que, no início, se viu limitado aos altos círculos do partido, ao ser levado ao terreno teórico por Zinoviev, vai seguir o habitual processo de gestação nos bastidores antes de chegar à opinião pública. Depois da tomada de posição por parte de Zalutski, o Secretariado afasta-o de suas funções, obtendo, inesperadamente, a aprovação do Comitê Regional. Em seu lugar, Stalin coloca Komarov, um de seus leais seguidores. O grupo de Zinoviev reage ao ver-se ameaçado em seu próprio bastião: o Comitê Regional rechaça o candidato enviado pelo Secretariado e o próprio Komarov solicita a anulação de sua nomeação frente à oposição que esta suscita. Para precaver-se contra novas surpresas, Zinoviev inicia uma profunda depuração do aparato de Leningrado, eliminando sem nenhum tipo de vacilação todo aquele que lhe parece ser partidário do Secretariado. Os protagonistas já se vigiam: quando morre Frunze, comissário da Guerra, este será substituído por Voroshilov, um dos homens de Stalin, tendo como assessor Lashevich, leal a Zinoviev. Na sessão de outubro do Comitê Central, a luta se agrava: ambos os lados se acusam mutuamente de tentar transgredir as decisões tomadas na conferência de abril. Zinoviev, Kamenev, Sokolnikov e Krupskaia exigem uma discussão pública sobre o problema do campo; a maioria se nega a discutir, violando uma longa tradição – porém, em conformidade com o precedente introduzido no enfrentamento com Trotski. O conflito é quase público: o *Pravda* de Leningrado multiplica seus ataques relativos à questão camponesa, ao mesmo tempo em que o *Komsomol* publica um certo *Livro azul*, onde são discutidos vá-

331 *Ibid.*, p. 290.

332 Citado por CARR, Edward, *Socialism...*, *op. cit.*, tomo I, p. 301.

rios artigos de Bukharin, Stetski, Bugushevski e outros que servem para ilustrar o que chamam de "desvio *kulak*".

De fato, os membros da *troika* lutam valendo-se de intermediários. A imprensa e as assembleias de Leningrado e Moscou trocam acusações mútuas e emitem moções de censura, enquanto cada um dos secretários regionais se apressa em eliminar de todos os cargos dirigentes qualquer suspeito de vacilação a respeito de suas próprias teses: Leningrado afirma que o partido deve preservar "o máximo de democracia interna". Moscou se pergunta ironicamente sobre o que Leningrado entende por isso, ao que Leningrado responde que Moscou sabe bem. Leningrado propõe que se recrutem massivamente proletários – será possível dizer que esta é uma tentativa séria de diminuir o poder do aparato? – até que estes cheguem a 90% do partido. Moscou os acusa então de desviar do leninismo e de pretender debilitar a vanguarda do partido. As afirmações de Leningrado sobre o "perigo *kulak*" e o capitalismo de Estado, atribuídas a Zinoviev, são qualificadas por Moscou de "alienação, separatismo, gritos histéricos e desconfiança próprios de intelectuais". Leningrado responde, defendendo firmemente seu caráter proletário e, quando Leningrado protesta contra os métodos que se empregam para silenciá-la, Moscou a acusa de querer acabar com o aparato do partido e de ter se aliado com Trotski, que, por sua vez, permanece em silêncio, zombando do triste espetáculo que oferecem estas duas organizações do mesmo partido operário votando uma contra a outra uma série de resoluções, sempre unânimes, incapazes por completo de encontrar em seu interior um único oposicionista, mesmo isolado, como prova do caráter democrático de seus debates. De fato, os vencedores de ontem, dispostos a lutar entre si, têm em comum a idêntica eficácia quanto à "organização" e o mesmo "realismo" em termos de trabalho político. Esta é a razão pela qual se pode dar crédito à versão de Stalin, que afirma ter oferecido, às vésperas do congresso, um acordo, sustentado pela concessão de importantes cargos no Secretariado e no comitê de redação do *Pravda*, aos leningradenses. No entanto, Zinoviev recusa, convencido, sem dúvida, de que já havia perdido muito neste jogo desde a morte de Lenin.

O XIV Congresso

No entanto, este é um erro estratégico, tendo em conta a localização de Zinoviev desde 1922. No congresso nenhuma surpresa irá acontecer. Com exceção dos delegados de Leningrado, cuidadosamente selecionados pelo aparato de Zinoviev, todos os demais foram escolhidos da mesma forma entre os leais ao Secretariado: tudo já está decidido de antemão. No entanto, Stalin não deseja que se produza uma ruptura. É preciso que a opinião pública, os "tranquilos patriarcas do partido", atribuam a ruptura da unidade e a iniciativa do ataque a seus adversários. É necessário que sejam Zinoviev e Kamenev os divisionistas. Desde a abertura do

congresso, em seu informe político, Stalin se refere a toda uma série de questões polêmicas sem mencionar um só nome, expressando, ao mesmo tempo, seu desejo de que se chegue a um acordo. Em sua tentativa de conciliação, chega inclusive a evitar referir-se ao comportamento dos leningradenses. Porém, talvez Zinoviev ainda acreditasse na importância dos programas e manifestos, e se dispõe a travar a polêmica num momento em que nenhuma discussão havia ainda sido aberta. Para isto, solicita e obtêm do congresso o direito de, como membro do Comitê Central e do Birô Político, apresentar um contrainforme político. Tal uso, que antes havia sido habitual no partido, não era utilizado desde 1918.

Agora em minoria, se vê obrigado a referir-se à "democracia operária", que pretende reivindicar. Denuncia o fato de que "tudo seja mastigado previamente pelo Comitê Central, para depois ser levado à boca do partido". Afirma também que não é licito falar de democracia quando nem todos os camaradas têm a possibilidade de pronunciar-se. Porém, a discussão neste terreno implica uma série de armadilhas, e quando declara que o partido se encontra em um "semiestado de sítio", o congresso reage com a pergunta: "E Trotski?". Responde então que em 1923 as condições ainda não tinham amadurecido: "1926 não é nem 1921, nem 1923: contamos agora com um tipo de trabalhador completamente diferente, temos mais atividades entre as massas e outras consignas". É preciso liquidar este passado. "Sem permitir a existência de frações e mantendo nossa antiga política a este respeito, deveríamos delegar ao Comitê Central a tarefa de incluir no trabalho do partido todos os grupos que se formaram, dando-lhes possibilidade de trabalhar sob a sua direção". O Comitê Central deve ser reorganizado "deste mesmo ponto de vista, contando com um Birô Político e um Secretariado de funcionários que esteja subordinado a ele"[333]. Imediatamente depois destas afirmações, começa a tempestade.

A discussão que acontece durante o XIV Congresso é muito interessante para a compreensão dos problemas do partido nesta época. Não se diz nada de novo a respeito do problema do *kulak* e o congresso mantém a "linha". Ainda assim, o rechaço a uma resolução proposta por Shanin e Sokolnikov – que destaca como fator decisivo do desenvolvimento econômico a capacidade de desenvolvimento da agricultura e de integração ao mercado mundial – permitirá à historiografia oficial chamar este congresso, no futuro, de "o congresso da industrialização". O principal neste congresso é que são levantados, por muitos dos que contribuíram para o esmagamento da oposição, vários dos problemas que a oposição havia levantado anteriormente. Além disso, os métodos da luta contra Trotski, Preobrazhenski e seus companheiros são criticados justamente por aqueles que foram seus iniciadores. Por fim, tem importância o fato de que apareça, pela primeira vez, a problemática da autoridade e do papel de Stalin.

---

333 *Bulletin communiste*, nº12, 1926, pp. 178-180.

Zinoviev confirma a existência do testamente de Lenin e as circunstâncias em torno de sua ocultação. Recorda a advertência contra Stalin para demonstrar que, na atualidade, aquele perigo se concretiza na aliança do *kulak*, do *nepman* e do burocrata. Reconhece sua participação, junto com Stalin, no "golpe de Estado" que foi realizado no *Komsomol*, resultando na destituição e transferência de dirigentes eleitos. Refere-se igualmente à forma com que os membros do Birô Político, incluindo ele mesmo, constituíram uma verdadeira fração por meio da sistemática convocatória de reuniões nas quais Trotski, legalmente eleito, estava ausente e que aconteciam para aplicar uma "disciplina de grupo" durante reuniões oficiais, o que, de fato, já constituía uma falta passível de expulsão do partido[334]. Yaroslavski responderá a esta acusação afirmando que seria estúpido acusar a maioria de se constituir como fração, pois, devido ao fato de possuírem enorme superioridade no partido, isto jamais seria necessário. Outros delegados se referem às condições que o aparato impõe aos militantes: os oposicionistas, explica Avilov-Globov, guardam silêncio "pelo temor de serem enviados a Murmansk ou ao Turquestão". "Estas transferências, declara Krupskaia, suscitam no partido a impossibilidade de falar sincera e abertamente. Se escrevemos resoluções sobre a democracia interna e, ao mesmo tempo, criamos condições tais que todo membro do partido possa ser transferido para outro local por ter expressado livremente sua opinião, todas as boas intenções acerca da democracia interna nunca sairão do papel".

A intervenção da viúva de Lenin contribui para elevar consideravelmente o nível do debate: esta é uma das últimas ocasiões em que um congresso bolchevique aceitará ouvir alguém que lhe recorde quais eram as verdadeiras ideias de Lenin. Desta vez, Krupskaia protesta energicamente contra os abusos na utilização da autoridade do "leninismo":

> Penso que carece de sentido discutir aqui se isto ou aquilo é o verdadeiro leninismo. Recentemente reli os primeiros capítulos de *O Estado e a revolução*. (...) Ali Ilich escrevia: "Houve casos na história em que os ensinamentos dos grandes revolucionários foram adulterados depois de sua morte, transformando-os em ícones inofensivos. Porém, ao honrar-se seu nome, se cega o gume revolucionário de sua doutrina". Em minha opinião, esta citação repleta de amargura nos proíbe de esconder qualquer concepção pessoal sob a etiqueta de leninismo, mas também considero que todas estas questões devem ser examinadas em sua verdadeira essência. [...] Para nós marxistas, a verdade é aquilo que se adapta à realidade. Vladimir Ilich sempre dizia: "a doutrina de Marx é invencível porque é verdadeira". [...] A missão de nosso congresso deve ser buscar e elaborar uma linha justa. [...] Bukharin defendeu aqui mesmo e com muita ênfase que o que se decidir no congresso será o justo. Todo bolchevique considera as decisões do congresso importantíssimas, mas não devemos adotar o ponto de vista daquele jurista inglês que levava ao pé da letra o provérbio que afirma que o parlamento pode decidir sobre tudo, inclusive transformar um homem em mulher.

334 *Ibid.*

O congresso, que até então escutava impressionado, rugirá de indignação frente ao crime de "lesa-majestade" contra a concepção da história do bolchevismo que comete esta mulher, que desde os tempos do *Iskra*, foi uma peça chave da organização, quando declara que: "De nada serve consolar-se com o pensamento de que a maioria sempre tem razão. Na história de nosso partido houve congressos em que a maioria estava equivocada. Recordemos, por exemplo, o congresso de Estocolmo"[335]. Às acusações que se acumulam contra ela, Krupskaia adenda ainda o maior delito: recordar os méritos de Trotski e a amizade que este mantinha com Lenin, denunciando os inadmissíveis métodos empregados na polêmica contra ele.

É significativo que uma parte da discussão – precisamente a mais violenta – tenha girado em torno da figura de Stalin, pela primeira vez denunciado como o deus do aparato, como a encarnação das forças que conduzem à degeneração. Sokolnikov denuncia a situação que – independente da personalidade de Stalin – suscita o fato de um mesmo homem ser membro do Birô Político e chefe do Secretariado, o que faz com que "as divergências políticas acabem por traduzir-se de um modo ou de outro em medidas organizativas". Lança então o desafio: "Se o camarada Stalin quer ser tão digno de confiança quanto Lenin, que a mereça!"[336]. Kamenev, apesar do tumulto instalado, afirma claramente: "O que eu já disse em mais de uma ocasião pessoalmente a Stalin e mais de uma vez o repeti aos delegados do partido, mais uma vez afirmo perante o congresso: estou convencido de que o camarada Stalin não pode cumprir a função de unificar o estado-maior bolchevique [...]. Nos opomos veementemente à teoria do chefe único na direção. Nos opomos à criação de um 'chefe'!"[337]. Se Tomski, grande amigo de Bukharin, responde imediatamente com a afirmação de que não existe nem existirá nunca um "sistema de chefes", os homens de Stalin se apressam para desmenti-lo e Kuibishev afirma em uma declaração de grande importância: "Em nome da Comissão Central de Controle, eu declaro que o camarada Stalin, como secretário geral de nosso partido, é precisamente o tipo de pessoa que, junto com a maioria do Comitê Central e com o apoio deste, foi capaz de reunir ao seu redor as melhores forças do partido e colocá-las para trabalhar. [...] Baseando-se na experiência real e no exato conhecimento de nossa direção, eu declaro, em nome da Comissão Central de Controle, que esta direção e este secretário geral são precisamente os que o partido necessita para seguir de vitória em vitória"[338].

Stalin e seus homens entendiam que a materialização de tais vitórias deveria se dar sob o lema da construção do socialismo em um só país. Zinoviev contribui para a discussão com uma série de citações de Lenin e uma análise geral que

---

335 *Bulletin communiste*, nº12, 1926, pp. 181-183.
336 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 268.
337 Citado por CARR, Edward, *Socialism...*, *op. cit.*, tomo I, p. 138.
338 *Ibid.*, p. 146.

concluía com as seguintes palavras: "A vitória final do socialismo é impossível em um só país. (...) Deverá ser decidida na escala internacional". Por sua vez, Stalin só conta com uma citação, suscetível de ser utilizada em qualquer contexto. Porém, possui uma enorme confiança nas generalizações e na influência do raciocínio de tipo escolástico que predomina nas reuniões de funcionários do aparato: "É impossível saber o que estamos construindo. Não se pode dar um único passo sem saber a orientação geral do movimento. (...) Estamos construindo o socialismo na esperança da vitória da revolução socialista ou estamos trabalhando ao azar, às cegas, 'preparando o terreno para a democracia burguesa' enquanto esperamos a consumação da revolução socialista internacional?"[339]. Por sua vez, Bukharin, com maior capacidade intelectual, acusa o adversário de defender a revolução permanente. Zinoviev termina por aceitar que o socialismo pode ser construído em um só país, mas insiste que ele só pode ser concluído em escala mundial.

O congresso termina com a adoção dos informes de Stalin e Molotov, que são aprovados por 559 votos contra 65. Altera-se a composição do Comitê Central: dos partidários de Zinoviev, quatro, entre eles Zalutski, não são reeleitos; Lashevich passa a ser suplente e onze suplentes desaparecem. Entre os titulares, surgem dezesseis novos membros; vinte e três *apparatchiks* desconhecidos constam entre os suplentes. Muitos deles iniciam então uma brilhante carreira: Gamarnik, Postishev, Unslicht, Lominadze e Andrei Zhdanov.

O esmagamento do aparato de Leningrado

Apesar de sua esmagadora derrota, já que ao longo de todo o congresso mantiveram as mesmas forças com que contavam no início, os leningradenses não haviam sido totalmente desarticulados. Ao recordar os enfrentamentos com Trotski, Stalin, em seu discurso de encerramento, se atribui o papel de campeão da unidade: "Não estamos de acordo com os camaradas Zinoviev e Kamenev, mas sabemos perfeitamente que o método da amputação é de grande risco para o partido; a mutilação e o derramamento de sangue – porque eles pediam sangue! – são perigosos e contagiosos. Um dia se expulsa um; no dia seguinte, outro; dois dias depois, um terceiro. Quem permaneceria então no partido?". Então, encarando os dirigentes de Leningrado, pergunta: "Por acaso pedem o sangue de Bukharin? Pois saibam que não o daremos!"[340]. Ao mesmo tempo, ele adota também um tom ameaçador: "Não devemos nos distrair com estas discussões. Não se esqueçam que somos um partido governante". Certamente, esta é uma linguagem que os funcionários que se enfrentam com as dificuldades do dia a dia entendem perfeitamente.

Stalin havia falado de represálias e estas não tardam a chegar. No dia seguinte ao congresso, chega a Leningrado uma delegação do Secretariado, encabeçada por

339 Citado por YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 425.
340 Citado por SORLIN, Pierre e Irene, *op. cit.*, pp. 203-204.

Molotov e na qual se encontram Voroshilov, Kirov, Kalinin, Stetski e outros dirigentes da mais alta categoria: o Comitê Regional é acusado de haver falsificado as eleições ao eliminar os votos do bairro de Viborg, sabidamente hostil a Zinoviev; a delegação é acusada igualmente de não haver respeitado o voto da conferência regional sobre a unidade do partido. Assim, mediante a multiplicação de reuniões de comitês em todos os níveis, o assédio aos secretários locais e a utilização de ameaças de envio ao Turquestão, alternadas com a oferta de promoções – além de fazer pairar sobre os operários a ameaça de demissões –, os homens do Secretariado liquidam em poucos dias o aparato construído por Zinoviev. Seus elementos, desorientados – Zinoviev achava que sua posição era impregnável –, rapidamente se limitarão a reduzir os danos no plano pessoal.

Desta maneira, muitos destes dirigentes, que são verdadeiros tiranos em suas organizações, sofrem humilhações que são vistas pelos operários com uma secreta satisfação. Os protestos indignados de Zinoviev contra a violação da democracia só despertam risos. Ainda durante o congresso, Mikoyan o ataca duramente: "Quando Zinoviev conta com a maioria, se manifesta a favor de uma disciplina férrea e da obediência, mas quando não a possui, se revolta contra estas".

Victor Serge assistiu ao desenrolar desta operação, cuja duração foi de quinze dias, elaborando posteriormente uma amarga descrição de sua ambientação e dos argumentos dos emissários, baseados sempre na violência e no medo: "Seu êxito estava assegurado de antemão pelo baixíssimo nível cultural do auditório e pela dependência material dos comitês"[341]. O *Komsomol* resiste um pouco mais que os comitês locais: seu Comitê Regional consegue rechaçar uma resolução na qual se referendavam as decisões do congresso e emitir um chamado a favor da convocatória de um congresso extraordinário, tudo isso um pouco antes de ser dissolvido pelos enviados do Secretariado. No congresso de março, seis dos membros do Comitê Central do *Komsomol* continuam defendendo as teses da oposição e Katalinov fala da luta do "stalinismo" contra o "leninismo"[342]. Segundo a confissão do próprio historiador oficial Yaroslavski, também foi extraordinariamente difícil conquistar as células de fábricas. No entanto, o objetivo foi alcançado e Molotov pôde anunciar, no dia 20 de janeiro, ao Comitê Central que, dos 72.907 membros do partido – 85% do total – que haviam sido consultados pessoalmente, 70.389 – aproximadamente 96% – se mostraram contrários às posições oposicionistas e somente 2.244 – aproximadamente 3% – a favor. O reino de Zinoviev, que a esta altura perde inclusive seu cargo de presidente do soviet de Leningrado, havia chegado ao fim. Serguei Kirov, *apparatchik* vindo do Azerbaijão, assume então as rédeas do aparato da "Comuna do Norte", em cujo secretariado irá permanecer até sua morte.

341 SERGE, Victor, *op. cit.*, p. 209.

342 FISHER, Ralph, *Pattern of soviet youth: a study of the congresses of the Komsomol*, Columbia, Columbia University Press, 1959, p. 120.

O "socialismo em um só país"

Vencedor graças a seu aparato, Stalin pode então assumir o papel de teórico. Seu novo livro *Questões do leninismo* retoma a afirmação sobre a possibilidade de construção do socialismo em um só país, definida como "a possibilidade de resolver as contradições entre o proletariado e os camponeses com as forças internas de nosso país, a possibilidade do proletariado tomar o poder e utilizá-lo para edificar a sociedade socialista completa em nosso país, contando com a simpatia e o apoio dos proletários dos demais países, porém, sem que previamente triunfe nestes países a revolução proletária"[343].

Rechaçando como "antileninista" a afirmação segundo a qual o estado atrasado da sociedade russa poderia ser um obstáculo intransponível para a construção do socialismo somente na URSS, Stalin termina por reduzir todas as dificuldades a apenas uma: a ameaça do mundo capitalista que pesa sobre o país.

Desta forma, em 1926, baseando-se no isolamento da Rússia revolucionária como consequência do fracasso da revolução mundial, surge, na forma de teoria, a justificação do que será durante anos a Rússia de Stalin. Entretanto, neste período, ainda militavam no partido todos os bolcheviques de direita e de esquerda, que deveriam ser convencidos de que o regime instituído era de fato o "socialismo" e a "ditadura do proletariado", como todos eles haviam desejado, como Lenin os havia explicado e pelo qual todos eles haviam feito a revolução.

343 STALIN, Josef, *Les questions du léninisme*, Paris, Editions sociales, 1947, tomo I, pp. 225-274.

10

A LUTA DA OPOSIÇÃO UNIFICADA

Na realidade, os enfrentamentos do XIV Congresso foram apenas o prólogo da mais importante luta que seria travada no seio do partido, que, precisamente naquele momento, acabava de decidir por sua segunda mudança de nome, adotando desta vez o de Partido Comunista da URSS (bolchevique). Com uma coalizão entre a oposição de 1923 e a de 1925, um agrupamento da elite do partido e da velha guarda se dispõe a enfrentar-se com a direção exercida pelo secretário geral. Talvez a aliança de Trotski com Zinoviev e Kamenev fosse inevitável – esta é a opinião da maioria dos historiadores – depois destes presenciarem a forma como seus enormes esforços políticos se esfacelavam frente ao poder do aparato. Entretanto, isto era menos evidente para os próprios atores do drama. De fato, Zinoviev e Kamenev haviam sido considerados por Trotski como seus piores inimigos, os que haviam lhe infligido os golpes mais sérios, pois se dependesse deles, sua expulsão teria sido consumada logo após seu afastamento do Birô Político. Por outro lado, a perda da aura de prestígio que rodeava Zinoviev e Kamenev, companheiros e sucessores de Lenin, de primeiríssima importância dentro da *troika*, se devia fundamentalmente aos ataques e revelações de Trotski.

Parece suficientemente provado que, durante o XIV Congresso, nenhuma das frações hostis subestimou o peso decisivo que poderia ter a intervenção de Trotski no conflito. Zinoviev denunciou os golpes baixos que Stalin havia desferido contra Trotski; Stalin, por sua vez, recordou como ele próprio havia se negado a expulsar Trotski do partido, apesar das exigências de seus adversários. Mikoyan contrastou o comportamento dos leningradenses com a atitude disciplinada de Trotski, e Tomski distinguiu a nitidez de sua postura com a ambiguidade de Zinoviev e Kamenev; Yaroslavski e Kalinin reprovaram os métodos que estes utilizaram con-

tra Trotski; Krupskaia fez um longo discurso a seu respeito, enquanto Lashevich admitiu que este havia tido razão em diversas questões durante a discussão de 1923. No entanto, Trotski, permaneceu em silêncio e só interviu brevemente em duas ocasiões: a primeira, para dar razão a Zinoviev, que havia justificado sua atitude hostil do ano anterior com a afirmação de que não se poderia eleger para um cargo no Birô Político a um homem ao qual se atribui uma quantidade tão grande de erros; e a segunda, para protestar contra as "represálias" que Stalin acabava de anunciar contra a organização de Leningrado.

Como afirma a maioria dos historiadores, podemos dizer que tal abstenção na batalha de 1925 constituiu, sem dúvidas, o maior erro tático de sua carreira política. Na realidade, para todo aquele que conheça a continuação da história, é muito fácil opinar desta forma. A opinião pessoal de Trotski parece ser a de que todos os protagonistas são de um mesmo tipo; no dia 8 de janeiro de 1926 escreve a Bukharin para recordá-lo de como ele (Trotski) havia merecido, em 1924, o adjetivo de demagogo por afirmar – não sem certo exagero, como ele mesmo o reconhece – que os operários comunistas de Leningrado estavam literalmente "amordaçados" pelo aparato. No entanto, ele constata que, na atualidade, a mesma unanimidade existe, mas em um sentido oposto, em Leningrado e em todo o país: todas essas organizações estão nas mãos de seus respectivos aparatos[344]. No geral, esta posição parece ter recebido a aprovação dos amigos de Trotski e do núcleo dos oposicionistas de 1923. Afinal de contas, foram Zinoviev e Kamenev os inventores do termo "trotskismo" e os "trotskistas" de Leningrado não escondiam seu ceticismo frente à espetacular defesa da democracia operária feita pelos dirigentes da "Comuna do Norte".

Trotski declararia mais tarde: "Esta explosão foi, para mim, inesperada. Durante o congresso, permaneci vacilante porque a situação estava em plena evolução. Para mim, absolutamente nada parecia claro"[345]. Algumas notas pessoais citadas por Deutscher agregam novos detalhes: ao que parece, para Trotski, há mais do que um "grão de verdade" na ideia de que a oposição de 1925 é a sucessora da de 1923, já que para ele, a hostilidade aberta no congresso contra os leningradenses reflete a hostilidade do campo para com as cidades. Trotski levanta a hipótese de um despertar do proletariado, que o tribuno Zinoviev traduziria, assim, a seu modo. Porém, Trotski espera que tal despertar se expresse de outras formas, superiores àqueles "gritos vulgares", proferidos por homens que, em sua opinião, se encontram, "com razão, desacreditados".

A unificação da oposição

Na realidade, a aproximação entre a antiga e a nova oposição é inevitável na medida em que ambos os grupos pretendem apoiar-se em uma plataforma operá-

344 Texto incluído em *Fourth International*, volume 2, nº8, outubro de 1941, pp. 252-253.
345 TROTSKI, Leon, *The case of Leon Trotski*, Nova York, Harper, 1937, p. 248.

ria e internacionalista e denunciam o mesmo perigo: a aliança dos *kulaks*, *nepmans* e burocratas e a degeneração do partido sob a direção de Stalin e sua camarilha. Bukharin, que sentimentalmente permanece ligado a Trotski, mas que também se sente muito preocupado com a oposição de Leningrado, tenta durante certo tempo impedir uma aliança já pressentida por todos. Trotski aceita discutir com ele. No dia 8 de janeiro lhe escreve: "Sei que alguns camaradas, dos quais talvez você talvez faça parte, desenvolveram nestes últimos tempos um plano, que consiste em dar aos operários a possibilidade de criticar em suas células os assuntos da fábrica, dos sindicatos e da região, eliminando simultaneamente todo tipo de resistência que emane da cúpula do partido". Mas Trotski alerta Bukharin: "Desta forma, o regime do aparato em seu conjunto se veria preservado por uma ampliação de sua base"[346]. Propõe-lhe também a criação de um bloco contra Stalin em defesa de uma verdadeira democracia interna, mas Bukharin vacila.

Por sua vez, Zinoviev e Kamenev estão dispostos a fazer quantas concessões sejam necessárias. Como confessa Zinoviev a Ruth Fischer, eles iniciaram uma luta pelo poder na qual necessitam de Trotski, com seu prestígio, sua autoridade e suas faculdades intelectuais; mas precisarão também, depois da vitória, de "sua mão firme para trazer novamente o partido e a Internacional para o caminho do socialismo"[347]. Os amigos de Trotski estão divididos: Radek se declara partidário de uma aliança com o grupo de Stalin contra a direita, Mrachkovski se opõe a qualquer tipo de bloco. Serebriakov se inclina pela unificação e faz o papel de intermediário entre Trotski e os dois antigos membros da *troika*. Primeiro Kamenev, e logo em seguida Zinoviev fazem as primeiras tentativas de aproximação, oferecem explicações, reconhecem seus erros e se comprometem a adotar a mesma atitude perante todo o partido. No Comitê Central, Zinoviev reconhecerá:

> Cometi muitos erros. Creio que são dois os mais importantes. O primeiro, em 1917, é conhecido por todos. Entretanto, considero que o segundo é muito mais grave que o de 1917. O primeiro cometi enquanto Lenin estava entre nós, e foi corrigido por ele e pelo próprio partido alguns dias mais tarde. [...] Sem dúvida alguma, o núcleo fundamental da oposição de 1923 – como a posterior evolução da fração dirigente pôde provar – tinha razão ao colocar-se em guarda contra os perigos que comportava o desvio da linha proletária e o desenvolvimento ameaçador do regime do aparato. Sim, em relação à opressão burocrática exercida pelo aparato, Trotski tinha razão contra nós![348]

Desde suas primeiras conversas, Zinoviev e Kamenev confiam ao incrédulo Trotski o temor que lhes inspira Stalin, que para eles é movido exclusivamente pela ânsia de poder e a quem creem capaz de cometer todo tipo de crimes: "Pode-se es-

346 *Fourth International*, volume 2, nº8, *op. cit.*, p. 253.
347 FISHER, Ralph, *op. cit.*, p. 548.
348 Citado por TROTSKI, Leon, *The case...*, *op. cit.*, pp. 81-82.

perar qualquer coisa", afirma Kamenev[349]. Na sessão do Comitê Central de abril de 1925, Kamenev e Trotski coincidem na votação de emendas sobre as resoluções de política econômica, terminando por chegar a um acordo e redigir conjuntamente as outras resoluções. O primeiro passo está dado, e a aliança não vai tardar. Desta vez, cada lado caminha um pouco no sentido de diminuir a distância que os separa. A Oposição Unificada não defenderá as teses da "revolução permanente", mas Zinoviev e Kamenev vão reconhecer não só que Trotski tinha razão em 1923, mas também que são eles os que fabricaram o "trotskismo" para se desvencilhar de um obstáculo em sua luta pelo poder. Em tais condições, Trotski não pode recusar um acordo que vai dar às suas teses principais o apoio daqueles que ele crê representar, os "milhares de operários revolucionários de Leningrado", seja qual for a desconfiança que ainda tenha a seu respeito. Mais adiante escreverá: "Na luta para ganhar as massas, quando a linha política é justa, pode-se formar um bloco não só com o diabo, mas também com um Sancho Pança de duas cabeças"[350]. Ambos os lados tentam ainda convencer os vacilantes e os desconfiados. Como era de se esperar, Leningrado é o centro que oferece as maiores dificuldades. Zinoviev e Lashevich por um lado e Preobrazhenski por outro se encarregam de superá-las[351]. Por fim, se constitui a Oposição Unificada.

É preciso dizer que a nova oposição é muito dinâmica, e que anteriormente ela nunca havia conseguido reunir um número tão grande de dirigentes de prestígio e de brilhantes personalidades. Suas fileiras não só contam com Zinoviev, Trotski e Kamenev, cuja qualidade de principais colaboradores de Lenin é indiscutível, mas também com Preobrazhenski, Serebriakov e Krestinski, os sucessores de Sverdlov no Secretariado e dez dos dezoito sobreviventes do Comitê Central de março de 1919, eleito em plena guerra civil. Krupskaia, a viúva de Lenin, e Badaiev, o antigo deputado bolchevique na Duma czarista, são mais dois ilustres sobreviventes do período pré-revolucionário. Eles contam também com alguns dos mais conhecidos militares dentre os vencedores da guerra civil, os bolcheviques Antonov-Ovseenko, Lashevich, Muralov e os grandes comissários Ivan Nikitich Smirnov, que derrotou Kolchak, e destacadíssimas figuras como Mrachkovski e Smilgá, organizador do partido na frota do Báltico e cúmplice de Lenin em seu "complô" contra o Comitê Central imediatamente antes da insurreição. A equipe que integra a oposição supera em tudo a linha de seus adversários, desde o ponto de vista do talento e da capacidade intelectual: Sosnovski é uma figura muito popular por suas sátiras da burocracia e é considerado, junto com Karl Radek, um especialista em questões internacionais. Com exceção de Bukharin, não existem economistas cuja reputação se aproxime da de Preobrazhenski, Piatakov e Smilgá. Todos parecem estar de acordo em admitir que Rakovski e Yoffe são os dois diplomatas mais hábeis

349 TROTSKI, Leon, *Stalin*, *op. cit.*, p. 337.
350 *Carta a I. N. Smirnov*, em *Lutte de classes*, nº6, agosto-setembro de 1928, pp. 163-164
351 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 268.

do país. Destes homens, flor e nata da velha guarda, alguns ocupam ainda postos importantes e prestigiosos: Zinoviev é presidente da Internacional; o antigo marinheiro Evdokimov, seu braço direito, se encontra no Birô de Organização; Belobo-rodov é comissário do Interior da RSFSR; Lashevich é vice-comissário da Guerra, Muralov é inspetor-geral do Exército Vermelho. É claro que estes dirigentes são pouco numerosos se comparados às dezenas de milhares de funcionários do partido que estão sob a direção de Stalin. Porém, para Zinoviev e Kamenev, bem como para alguns de seus companheiros que dizem a Victor Serge que estes grandes dirigentes "parecem ter mudado de alma da noite para o dia"[352], não parece haver a menor dúvida de que a elite agrupada desta forma será reconhecida imediatamente: "Bastará - diz Kamenev a Trotski - que Zinoviev e você apareçam na mesma tribuna para que o partido reconheça seu verdadeiro Comitê Central"[353].

Esta é principal divergência que subsiste entre os novos aliados, já que, por sua vez, Trotski opina que a luta será longa e difícil. Certamente a situação mudou muito desde 1923, tempo em que um proletariado desintegrado assistiu com completa passividade à sua derrota; na atualidade existe um verdadeiro proletariado nas fábricas, assim como uma importante camada operária dentro do partido. Trotski não pode concordar com Bukharin, que tenta justificar o regime autoritário pela completa desaparição da consciência de classe operária e fixa em alguns decênios o prazo necessário para seu renascimento entre os operários, geralmente analfabetos, recrutados no campo. Entretanto, sabe medir melhor que seus novos aliados a imensidão da tarefa que consiste em voltar a criar no partido e, através dele, na própria classe operária, uma vanguarda lúcida. Em sua opinião, a onda revolucionária que levou ao poder o partido bolchevique em 1917 definitivamente refluiu. A Rússia conhece um novo período de reação, do qual se originam a decomposição do partido e o início de sua degeneração e cujo expoente principal é a onipotência adquirida pelo aparato. A capitulação diante do interesse individual, a perda da confiança e a falta de iniciativa coletiva, do gosto pela luta e da consciência, o cansaço e o ceticismo desviaram da atividade política milhões de homens que, com suas próprias mãos, escreveram a epopeia revolucionária de 1917 e da guerra civil: o "grande debate" interessará a, no máximo, um núcleo de 20 mil pessoas dentre os 150 milhões de habitantes da URSS, e as informações sobre este debate serão publicadas na imprensa controlada apenas de uma forma unilateral e deformada, para que não venham a despertar nenhum eco sério na consciência das massas.

De fato, a oposição, que se proclama "Oposição de Esquerda" e pretende ser a ala proletária e bolchevique do partido, se move contra a corrente. Os chamados à energia revolucionária, à responsabilidade, à entrega e à luta pela verdade

352 SERGE, Victor, *Mémoires..., op. cit.*, p. 209.
353 TROTSKI, Leon, *Ma vie, op. cit.*, tomo III, p. 258.

provocam indiferença em muitos homens cansados e desiludidos que aspiram à segurança, senão ao seu bem-estar. Ninguém quer ouvir falar de "revolução permanente" se isto significar revolução contínua e ininterrupta, pois da guerra e da revolução todos guardam a recordação de uma infinidade de sofrimentos atrozes, com dezenas de milhares de mortos, cansaço, fome e desolação. Alexander Barmin, militante comunista desde os dezoito anos, antigo soldado, comissário do Exército Vermelho, conta como, ao converter-se primeiro em diplomata e mais tarde em alto funcionário, deu um suspiro de alívio com os artigos de Stalin contra a teoria da revolução permanente, e que lhe convenceram a rechaçá-la definitivamente por ser muito perigosa[354]. O "socialismo em um só país" oferece aos homens uma perspectiva certamente menos épica, mas mais concreta e imediata, e menos aventureira, sobretudo. O relativo restabelecimento econômico proporcionado pela NEP deu um valor muito maior às ínfimas satisfações materiais das quais todos foram privados, tão profundamente e por tanto tempo. Esta recuperação econômica não é antiga o bastante para ser tomada como algo dado, e o desejo de se agarrar às pequenas melhorias no padrão de vida jogam contra aquelas cujas propostas parecem arriscar colocá-las em cheque.

Stalin conhece perfeitamente a eficácia de suas palavras ao reprovar Trotski por suas "posturas heroicas" e afirmar que este não se dirige a "homens de carne e osso, mas a uma espécie de criaturas ideais, de sonho, revolucionárias da cabeça aos pés"[355]. É verdade que, em 1926 e 1927, tanto os militantes do partido quanto os cidadãos comuns se assemelham muito mais ao "homem de carne e osso" corporificado por Stalin, do que às "criaturas revolucionárias da cabeça aos pés", das quais Trotski vem a ser o protótipo.

Deste ponto de vista, se o aparto triunfou como consequência de uma desmobilização das massas, ele se torna, por sua vez, em um fator ativo desta desmobilização, na qual encontra sua justificação: as trágicas derrotas da revolução chinesa em 1927 confirmam de forma marcante os prognósticos da oposição, que denunciava a política comunista neste país. Porém, ao mesmo tempo, essa derrota debilita profundamente a oposição, precisamente por golpear a confiança, o ardor e a moral dos militantes. Assim, ela termina por reforçar o grupo dos que foram responsáveis por sua derrota, ao tornar irrealizáveis as perspectivas daqueles que haviam corretamente indicado como evitar o fracasso.

Idêntica contradição pesa sobre os métodos de luta da oposição: seus membros estão convencidos de que a política da direção debilita tanto o regime quanto a Internacional, e passam a denunciar o perigo, que para eles se aproxima, de uma restauração capitalista. Mas o abismo que se abre entre o partido e as massas e entre o aparato e os militantes é um fator que contribui para debilitar o regime frente a este

354 BARMIN, Alexander, *op. cit.*, pp. 244-245.
355 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, p. 284.

perigo. Para não agravar esta situação, a oposição se abstém de qualquer tipo de críticas desmoralizantes e de manifestações públicas que possam ampliar a ruptura existente no interior de um partido que continua sendo para eles o instrumento histórico necessário para a revolução mundial; não se queixam de sua existência, mas precisamente de sua incapacidade – devido a seus métodos burocráticos e sua miopia política – de constituir-se em um instrumento realmente eficaz.

Enquanto a oposição tiver uma existência legal dentro do partido, tais contradições não podem impedi-la de manifestar-se de forma unificada. Porém, a partir do momento em que se inicia a pressão do aparato sobre os opositores, ela perderá seu fôlego. Se verá dividida entre os que não querem mais continuar no partido e aqueles que não concebem a ideia de sair dele. Estes últimos se dividirão ainda entre os que querem ficar no partido para lutar dentro dele, e os que, para continuar na organização, estão dispostos a renunciar à luta.

São estas condições que explicam o linguajar esotérico no qual se dão estas controvérsias, feitas entre o punhado de privilegiados que conseguem entendê-las. Mais da metade dos membros do partido são analfabetos e as discussões acontecem no linguajar característico do partido: ambos os lados citam Marx, Engels e Lenin, todos se golpeiam mutuamente com pesadas colagens de citações, apelam à tradição, às autoridades doutrinais e a uma série de fórmulas que, para a maioria dos militantes, não são mais que palavras ao vento.

Os dirigentes da oposição são destacados marxistas que colocam questões de um alto nível teórico. Como poderia a "base" compreender as análises sobre a taxa de acumulação? Quando Bukharin se detém na frase em que fala da "exploração" do campesinato, pode, por acaso, um militante de base compreender que tal vocábulo não possui no léxico marxista o sentido vulgar e imoral do uso cotidiano? A este respeito, a mediocridade dos silogismos habitualmente usados por Stalin, a redundância de suas comparações e a grosseria de seus insultos, repetidos diversas vezes, acabam tendo um peso infinitamente maior do que as mais certeiras análises da oposição, quase nunca são publicadas, e quando o são, acabam sistematicamente deformadas. Quando a oposição expõe o projeto da represa de Dnieprstroi, Stalin argumenta que seria tão absurdo construí-la quanto presentear com um gramofone a um camponês que não tem nem vaca, nem trator. Entretanto, esse projeto "tão absurdo" será conhecido posteriormente como uma das "grandes realizações de Stalin". Mas poucos homens têm condições de analisar a enorme quantidade de dados econômicos necessários ao debate deste tipo de projeto. O plano de industrialização e planificação elaborado conjuntamente por Trotski, Piatakov e Preobrazhenski é uma conquista do pensamento socialista, e será aplicado, a seu modo, por seus adversários, após terem afirmado que este programa "superindustrial" e "superproletário" "não é mais que uma *utópica* superestrutura de ilusões social-democratas, uma máscara demagógica que

serve para dissimular a verdadeira essência direitista da plataforma da oposição", e após terem eliminado seus autores[356].

Deste modo, a oposição será continuamente golpeada. Denunciada como "fracionalista" a cada tentativa de fazer-se ouvir dentro do partido, ela é perseguida e condenada a limitar-se aos órgãos dirigentes, onde não tem nenhuma chance de convencer ninguém, e de onde não tem chances de sair sem ser vergonhosamente expulsa e acusada do maior crime de todos, o de divisionismo. Ainda assim, a oposição vai lutar por cerca de dois anos contra o cerco que se fecha ao seu redor e que terminará por fazê-la explodir, dadas as divergências que se acentuam gradualmente à medida que diminuem as suas possibilidades de ação.

A política direitista de Stalin-Bukharin

A linha contra a qual se levanta a Oposição Unificada não tem nada de original. Na realidade, é a mesma definida pela *troika* no XII Congresso, teorizada por Bukharin em 1924 e 1925. O que ocorre é que suas consequências se tornam mais evidentes com o passar do tempo. A diferenciação social não para de aumentar no campo, onde o poder do *kulak* se manifesta em um processo ininterrupto de concentração de terras. No período entre 1925-1926 são arrendados 15 milhões de hectares, frente aos 7,7 milhões do período 1924-25; quase todas por *kulaks*. O camponês pobre se faz empregar como jornaleiro[357] ou como arrendatário[358], e continua pagando aos agiotas quantias que chegam a ser até quatro vezes superiores às que deve ao fisco. Em algumas regiões o processo adquire proporções verdadeiramente alarmantes: na Ucrânia, 45% dos camponeses não possuem cavalos e 35% não possuem gado bovino. A direção das cooperativas vai escapando dos camponeses pobres para cair progressivamente nas mãos dos *kulaks*, que representam 6% de seus dirigentes. As 22 mil propriedades coletivas não são mais que uma gota d'água se comparadas aos 30 ou 40 milhões de propriedades privadas e à massa de 2,16 milhões de proletários agrícolas que, em agosto de 1926, se encontram empregados em fazendas de *kulaks* que utilizam mais de dez assalariados[359].

Esta pequena burguesia rural em pleno desenvolvimento não limita suas ambições à esfera imediata de seus interesses pessoais. Pelo contrário, exerce pressão sobre os soviets e inclusive sobre o partido para defender-se contra as associações de camponeses pobres ou contra os sindicatos, apesar destes não reunirem mais de 20% dos operários agrícolas; demonstra também sua oposição à nova legislação

356 *Pravda*, 3 de novembro de 1926, citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 291.
357 Trata-se do trabalhador do campo pago por dia, sem garantias trabalhistas e sem tempo de trabalho mínimo previsto (N. do E.).
358 Trata-se do trabalhador que, não tendo terras (ou não tendo terras suficientes para sobreviver) trabalha a terra alheia, pagando para isso um valor fixo, que independe da produção (N. do E.).
359 NAVILLE, Pierre e SIZOFF, Paul, *A economia soviética*, em *Lutte de classes 1927-1928*, nº15, pp. 458-460 e SERGE, Victor, *Rumo à Industrialização*, *op. cit.*, pp. 486-488.

soviética; requer um tratamento especial para o casamento registrado, e que tenha privilégios em relação à união livre; protesta contra os direitos que o código civil outorga às mulheres; exige que sua propriedade seja salvaguardada mediante uma série de medidas draconianas, como a aplicação da pena de morte aos ladrões de cavalos, que por vezes ela própria aplica, de maneira sumária. Definitivamente, esta pequena burguesia é a base e a vanguarda de todas as forças que podem vir a apoiar uma tentativa de restauração do capitalismo.

Enquanto isso, o ritmo da industrialização está longe de criar as condições da absorção dessas tendências. Certamente, a indústria russa recuperou seu nível de antes da guerra, embora sob novas condições, já que ela não se beneficiou dos capitais estrangeiros que serviram de base para a industrialização da Rússia czarista. Entretanto, a população aumentou em 10 milhões de habitantes durante este período, e o atraso industrial é mais significativo do que nunca, já que a recuperação foi realizada tendo por base o nível técnico de antes da guerra, enquanto os países capitalistas aproveitaram este período para aperfeiçoar seu maquinário: enquanto os preços russos do período anterior à guerra se encontravam num nível similar aos do mercado mundial, os de 1926 são duas vezes e meia mais altos. A Academia Comunista estima que em 1926 o valor pago a mais pelos consumidores russos pelos produtos industriais, o "bônus de carestia", chegou a um bilhão de rublos. O raquitismo da indústria fica evidente com o fenômeno que será conhecido como "escassez de produtos". O mesmo instituto acredita que a quantidade de produtos industriais que o mercado estaria pronto a absorver (mantendo-se todas as outras condições) chegue ao valor de 400 milhões de rublos. Este fenômeno explica a sobrevivência e os progressos do capital privado, cuja participação na produção é estimada em um valor que, segundo as fontes, varia entre 4 e 10%. Na própria Moscou, a indústria privada emprega 20 mil operários, sendo que na Ucrânia esse número se eleva a 620 mil. É o capital privado que domina por completo o mercado interno, às custas do qual recolhe grandes lucros. O volume de seus negócios em Moscou é igual ao movimentado pelas cooperativas. Em todo o país, o investimento privado cresce a mais de sete bilhões e meio de rublos ao ano, sobre um volume total de 31 bilhões. Além disso, é impossível avaliar seus enormes lucros, que constituem, na realidade, capitais subtraídos da acumulação estatal e, por consequência, do fundo de industrialização.

Desta forma voltam a aparecer dentro da sociedade russa os elementos característicos de uma burguesia tão vigorosa quanto temível. Porém, a administração e os organismos econômicos são tão perigosos quanto estes elementos, pesando sobre a economia de uma forma cada vez mais danosa, dado seu enorme aparato burocrático, freando com seu funcionamento parasitário o desenvolvimento industrial. Em 1927 as estatísticas revelam que frente aos 2.766.136 operários e empregados do setor industrial, existem 2.076.977 empregados na administração.

Uma circular do dia 16 de agosto de 1926, escrita por Rikov e Stalin, avalia em dois bilhões de rublos os gastos com a administração e gestão deste aparato, e em 300 ou 400 milhões a parte desse montante que poderia ser imediatamente economizada. Um informe de Ordzhonikidze, que aparece no *Pravda* de 15 de dezembro de 1926, constata um aumento de 43.199 pessoas nos quadros do Estado, isso após uma campanha de um ano em defesa da redução da planilha de funcionários. No dito informe constam exemplos mais escandalosos do não cumprimento de tais diretivas: por exemplo, o balanço anual do truste moscovita ocupa 13 volumes de 745 páginas cada, cuja elaboração e impressão custam por si sós 1,3 milhões de rublos. Enquanto isso, o salário real do operário não para de cair entre 1926 e 1927, quando finalmente se estabiliza.

A conjunção entre *nepmans, kulaks* e burocratas, denunciada pela Oposição Unificada, tem uma clara expressão na política de imobilismo e de *laissez-faire*[360] subentendidas e apoiadas pelas teorias de Bukharin, sobre a estabilização do capitalismo por um longo período, e de Stalin, sobre a construção do socialismo em um só país. O reflexo destas teorias na Internacional é uma nova política que rompe definitivamente com as concepções afirmadas durante seus quatro primeiros congressos, a saber, a política de "frente única" com as organizações reformistas, partidos e sindicatos não revolucionários. Como afirma Deutscher, "supor de antemão que a União Soviética teria que construir sozinha o socialismo do princípio ao fim era abandonar a perspectiva da revolução internacional; e abandonar essa perspectiva significava negar-se a participar da mesma e inclusive tornar-se um obstáculo a ela"[361]. A vontade de afirmar-se como "leninistas", o desejo dos dirigentes comunistas de outros países de se distanciarem do "trotskismo", a confusão, inicialmente involuntária, porém repetida e reafirmada cada vez com maior frequência, entre os interesses do Estado soviético, sua política externa e suas necessidades diplomáticas, de um lado, e os interesses da revolução mundial, dos demais partidos comunistas e as exigências da luta operária nos diversos países, por outro, explicam o resto.

Esta é a razão pela qual os comunistas poloneses, crendo erroneamente terem o aval da Internacional para apoiarem, em maio de 1926, o marechal Pilsudski no golpe de Estado que lhe permite chegar ao poder e, uma vez fortalecido, esmagar o movimento operário. A política de aliança com as classes não proletárias, com o *kulak* e com a pequena burguesia na Rússia se refletiu, no caso polonês, em uma aliança com um movimento pequeno-burguês de caráter supostamente socialista e camponês, mas que não demorou muito em transformar-se em uma ditadura militar apoiada nos grandes magnatas da alta burguesia financeira.

Em maio de 1925, depois de uma série de contatos de quase um ano com Purcell, dirigente dos sindicatos britânicos, os sindicatos russos fundam o Comitê Sin-

---

360 Literalmente, "deixar fazer" em francês. É considerada a expressão símbolo do liberalismo econômico (N. do E.).

361 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 278.

dical Anglo-Russo, saída diplomática que tenta minimizar a hostilidade da burguesia britânica. Seu principal resultado será o fortalecimento, graças ao prestígio internacional dos bolcheviques, dos dirigentes reformistas ingleses, que, após boicotarem a greve geral de maio de 1926[362], vão terminar apoiando o ataque contra a URSS, que será levado a cabo em 1927 por seu próprio governo[363].

A linha seguida pela direção do partido e da Internacional será ainda mais significativa no caso da China. Tal política se tornará, com o início da segunda revolução chinesa, em 1927, na grande polêmica com a oposição.

O começo da oposição

Conscientes das dificuldades que os aguardam depois dos dois fracassos anteriores, os dirigentes da oposição começam a se organizar. Trata-se de um passo decisivo, pois, com ele, violam uma disciplina à qual afirmam estarem submetidos; passam então a uma espécie de clandestinidade em relação ao partido. Seus militantes, depois de vários anos de atividade pública e de responsabilidades no Estado, voltam a submergir em um tipo de ação política que não praticavam mais desde os tempos do czarismo, mas que lhes continua familiar: reuniões secretas, encontros em domicílios privados ou em bosques, protegidos por piquetes e patrulhas, portadores, emissários, guarda-costas, "contatos", enfim, toda a parafernália da ilegalidade que agora enfrenta novas condições, já que o grupo clandestino dentro do partido deve lutar para escapar da vigilância da GPU. O primeiro objetivo é organizar uma rede que cubra todo o país e que conte com uma estrutura paralela ao partido. Para isto é imprescindível entrar em contato com pessoas

362 O leitor que se interesse por este episódio único da luta de classes na Inglaterra pode consultar a monografia de Julian Symons, The General Strike, publicada em 1957. Nesta obra poderá encontrar numerosos exemplos da forma como os trabalhadores britânicos, durante a greve geral, puseram em ação métodos de organização puramente soviéticos (no sentido etimológico do termo), o que conduz o autor a afirmar que "em muitos lugares os operários desejavam veementemente tomar o poder". São dignos de menção os dados aportados sobre o Comitê Central da greve de Merthyr Tydfil (p. 146), que contava com subcomissões de abastecimento, transporte, finanças, informação etc., e com a existência generalizada de grupos operários de autodefesa, autênticas milícias operárias, cuja criação foi condenada pelo Conselho Geral da greve por ser "imprudente e irrealizável" (p. 148). Outra de suas conclusões (p. 231) é a total responsabilidade da direção no fracasso de um movimento que não pôde atender às necessidades das massas por negar-se a assumir o caráter "político e revolucionário" que era necessário. O fato de que a grande maioria dos grevistas tenham tido a impressão de haverem sido traídos por seus dirigentes não parece, no entanto, ter contribuído para fortalecer as posições da "minoria" revolucionária dirigida pelos comunistas, já que a política dos dirigentes da greve parecia apoiada pelo Comitê Sindical Anglo-Russo.

363 O autor se refere aqui ao ataque, empreendido em 1927 por agentes do serviço secreto inglês, contra a sede da Sociedade Cooperativa Panrussa, situada em Londres e encarregada do estabelecimento de relações comerciais entre os dois países. Após esse ataque, as relações comerciais e econômicas entre os dois países serão rompidas, o que é especialmente prejudicial para a economia soviética, sendo restabelecidas apenas em 1929 (N. do E.).

para além do círculo de amigos que cada um possui, restabelecer antigas relações, sondar a disposição dos novos militantes, para assim criar pontos de partida em todo o país.

Poucos meses bastarão para que os elementos mais decididos das diversas oposições se organizem. Entre eles se encontram, em clara minoria, alguns antigos membros da Oposição Operária, assim como os aliados de Zinoviev, um pouco mais numerosos que os de Trotski, e, por último, os oposicionistas de 1923. No total, calculam entre 4 e 8 mil militantes, segundo as avaliações mais extremas. Certamente, esta cifra é ridícula se comparada aos 750 mil militantes com que conta o partido. Porém, se trata de uma vanguarda, cujo campo de ação será bem menor que o do partido. Acima de tudo, como destaca Deutscher, a característica fundamental de seus membros, sejam os velhos militantes ou os jovens recém-incorporados, é que são todos quadros responsáveis, dirigentes, líderes que, em maior ou menor medida, desconhecem todo tipo de carreirismo ou oportunismo. Apesar de Evdokimov, o único representante com que contava a oposição no Birô de Organização, ser rapidamente destituído, existem possibilidades de se apoiar em determinados setores do aparato, e, de fato, os escritórios de Zinoviev e da Internacional serão utilizadas para fins de recrutamento e de ligação. Naturalmente, a extensão desta rede exigiu a organização de numerosas viagens e reuniões. Os emissários são intimados um após o outro a se apresentarem perante as comissões de controle, obcecadas por encontrar uma prova definitiva da existência de uma fração. Tal prova será obtida por um provocador, que irá denunciar uma reunião da oposição, realizada em um bosque nos arredores de Moscou, presidida por Belenki, alto funcionário da Internacional, e da qual participa também Lashevich, membro do governo.

No terreno político, a Oposição Unificada se manifesta oficialmente pela primeira vez na sessão do Comitê Central de junho. Nesta ocasião, Trotski, em nome de todos, lê a "Declaração dos 13", baseada na resolução do dia 5 de dezembro de 1923, que reconhecia o avanço da burocratização dentro do Estado e do partido, descrevendo a agravação contínua desse problema, assim como o crescimento dos perigos internos que constitui o fortalecimento dos elementos pró-capitalistas, os *kulaks* e os *nepmans*. É neste quadro que se forma a oposição, uma oposição de esquerda, bolchevique e proletária à fração que detém o poder, ela própria uma aliança da "fração de Stalin", manifestação do aparato, com a direita, o grupo de Bukharin, o porta-voz dos *kulaks*. A oposição declara que está disposta a trabalhar imediatamente junto aos outros setores para "restaurar de comum acordo no partido um regime que [...] esteja em plena conformidade com nossas tradições" de democracia operária. Em caso de negativa, se propõe a lutar, seguindo os dispositivos estabelecidos pelos estatutos, para conseguir maioria e constituir-se como a direção que irá restabelecer uma trajetória correta dentro do partido.

Seu programa é um programa de classe, de "defesa do proletariado"[364]. Em primeiro lugar, se manifesta a favor do aumento dos salários na indústria e também de uma reforma fiscal que diminua os impostos sobre os camponeses pobres e médios, aumentando ao mesmo tempo e de maneira significativa os encargos sobre os *kulaks*. No médio prazo, defende uma política de apoio à coletivização no campo e, sobretudo, uma substancial aceleração do ritmo do desenvolvimento industrial, que a oposição concretiza com a exigência de "um autêntico plano quinquenal". Ela se propõe, assim, a reforçar o papel desempenhado pela classe operária no Estado proletário e a aumentar seu peso específico no país, devolvendo-lhe sua voz dentro do partido e combatendo os incipientes elementos capitalistas do campo. Ao destacar o perigo da crescente confusão entre os interesses do Estado russo como tal e os da classe operária internacional, a "Declaração dos 13" condena a política oportunista que inspirou o acordo com os sindicatos ingleses no Comitê Sindical Anglo-Russo, que apoiou, em nome dos revolucionários russos e em oposição aos operários ingleses, os dirigentes reformistas que acabavam de sabotar a greve geral de maio. Com esta denúncia a oposição declara guerra à teoria do "socialismo em um só país" que justifica as concessões oportunistas dos partidos comunistas estrangeiros e o total abandono das perspectivas revolucionárias.

As polêmicas são extremamente duras. Dzerzhinski, o chefe da GPU, morre de um ataque do coração após uma violenta intervenção contra Kamenev. Todas as propostas da "Declaração dos 13" são rechaçadas em bloco e a maioria, por sua vez, passa ao contra-ataque, criticando as "violações de disciplina" praticadas pela oposição. O oposicionista Ossovski, autor de um artigo no *Bolshevik*, em que exige a criação de um novo partido, é expulso; Trotski e seus companheiros, apesar de se dissociarem desta opinião, se negam a votar a favor da expulsão, pois, de seu ponto de vista, a responsabilidade desta "falta grave" é do aparato. A reunião da qual Lashevich participou é considerada uma "conspiração ilegal"; os responsáveis por ela são alvo de uma moção de censura; Lashevich é destituído de seu cargo de comissário, expulso do Comitê Central e privado de todo tipo de responsabilidade por dois anos; Zinoviev é expulso do Birô Político, sendo substituído por Rudzutak. A resolução final acusa a oposição de ter decidido "passar da defesa legal de seu ponto de vista para a criação de uma ampla organização ilegal em escala nacional que se enfrenta com o partido, preparando uma ruptura".

Esta é uma clara lição para a oposição: o partido nunca vai se inteirar daquilo que ela discute no Comitê Central. Não existe outra alternativa a não ser dirigir-se à opinião pública, utilizando para isto sua organização, que até então havia permanecido na clandestinidade, para um tipo de trabalho que, nesta ocasião, irá acontecer em plena luz do dia, em todas as células e comitês do partido. Os oposicionistas decidem, então, tentar essa nova investida no final de setembro,

364 DANIELS, Robert, *Documentary history of communism*, Nova York, Vintage Books, 1962, tomo I, pp. 280-287.

durante a XV Conferência do partido. Como é provável que o aparato reprima a iniciativa, se decide que serão os próprios dirigentes da oposição os que, autorizados pelos estatutos, irão até as células operárias defender nelas seus pontos de vista. Trotski, Piatakov, Radek, Smilgá e Sapronov vão até a célula dos ferroviários de Riazan-Ural, onde são bem recebidos: a célula vota uma moção que defende os principais pontos do programa da oposição. Explode o entusiasmo, sua primeira intervenção pública foi uma vitória. Porém, o comitê de Moscou protesta; não se deve permitir que os líderes da oposição "espalhem pelo partido uma febre oposicionista". Quando os mesmos líderes oposicionistas comparecem, alguns dias mais tarde, a uma célula da fábrica de aviões Aviapribor, os dirigentes pedem auxílio ao Comitê Regional. Uglanov, acompanhado de seu assessor Riutin, encabeçando um grupo de choque que servirá como reforço, chegará tarde demais para impedir que Trotski tome a palavra, mas a tempo ainda de ameaçar e intimidar. A partir do dia 27 de setembro, o *Pravda* inicia a publicação de listas nominais de "expulsos por levar a cabo atividades fracionais". Na votação, se enfrentam as teses da "unidade" – cuja defesa é feita por Riutin e Uglanov – contra as teses em favor da "discussão": são contados 78 votos favoráveis à unidade contra 27 partidários da discussão. Dadas as circunstâncias, não há dúvida de que o resultado são alentadores para a oposição.

Na realidade, este resultado foi apenas o prólogo de uma série de graves derrotas. Tanto em Moscou quanto em Leningrado, o aparato decidiu silenciar a oposição custe o que custar. Seus oradores serão atacados por grupos de choque – organizados por Riutin em Moscou – que assoviam e vaiam, abafando suas vozes, provocam incidentes e tumultos. Na fábrica Putilov de Leningrado, Zinoviev consegue falar durante 15 minutos em meio à confusão, obtendo apenas 25 votos contra 1.375. A oposição decide então denunciar os métodos de gangsterismo político que emprega o aparato ao enviar "provocadores" às reuniões com o fim de intimidar os operários. Stalin responde que é a "voz do partido", são e íntegro, que encobre a voz dos agitadores. Na realidade, o mais grave é que os testas de ferro dos comitês ditam as leis impunemente nas células, enquanto os operários permanecem indiferentes ou até submissos: podem até votar, "no susto", na oposição, mas imediatamente se retratam frente à violência e às ameaças. Uma vez reunida de novo, a célula Riazan-Ural reconsidera sua votação anterior, enquanto Molotov denuncia aqueles que não hesitaram em nenhum momento em "assediar uma célula operária". A oposição está encurralada, presa em uma armadilha: se tentar continuar com seus avanços, as reuniões de célula se converterão em um campo de batalha de violentos enfrentamentos, cuja responsabilidade lhe será atribuída, sem que possam ganhar um só novo membro para suas fileiras. A massa do partido demonstrou que aceitará sem protestos tanto o rechaço brutal da discussão, como as expulsões, que não tardam em seguir.

O bloco começa a rachar: alguns veteranos da Oposição Operária e do grupo Centralismo Democrático pensam que está suficientemente demonstrado que uma recuperação do partido não é mais possível e que os revolucionários devem romper com ele. Com posições contrárias, Zinoviev e Kamenev mostram seu medo das consequências da ação que estão empreendendo: acreditam que deram um passo errado ao organizar de fato uma fração, depois de terem sustentado publicamente a proibição destas, e também ao mobilizar a base contra o Comitê Central, do que ambos fazem parte. Também querem frear o processo que leva a oposição à expulsão. Também Trotski condena o projeto de fundação de um novo partido e continua a crer na possibilidade de recuperá-lo. No entanto, não acha que o resultado da batalha posa ser decidido em poucas semanas. Não se resigna a ser expulso sem antes poder manifestar publicamente sua opinião, mas também teme o desânimo e a capitulação de Zinoviev e Kamenev, que caem de uma maior altura do que ele, pois poderiam levar ao colapso de toda a oposição. Ele acredita também que seja possível fazer uma negociação que lhe permita permanecer no partido sem capitular, evitando ao mesmo tempo uma expulsão, que a base operária, pelo menos naquele momento, aceitaria com indiferença.

No dia 4 de outubro se inicia a discussão entre o Secretariado e os líderes da oposição. Stalin termina por aceitar uma resolução em se opta pela não expulsão. Trotski, Zinoviev, Piatakov, Evdokimov, Kamenev e Sokolnikov assinam um documento em que mantém integralmente as posições defendidas na "Declaração dos 13". Ao mesmo tempo, desautorizam as posições de Shliapnikov e Medvedev a favor de um novo partido, assim como a posição dos partidários estrangeiros da oposição como Souvarine, Maslow, Ruth Fischer e outros, que criticam publicamente o partido e a Internacional. Os líderes da oposição admitem fundamentalmente o caráter fracional de sua atividade e reconhecem ter rompido a disciplina partidária. Comprometem-se a acatá-la e pedem a seus companheiros que "dissolvam todos os elementos fracionais que se constituíram em torno das teses oposicionistas". A oposição declara igualmente errônea a alusão feita por Krupskaia ao Congresso de Estocolmo, que "poderia ser entendida como uma ameaça de ruptura", e conclui afirmando: "Cada um de nós se compromete a defender suas posições unicamente na forma fixada pelos estatutos e pelas decisões do congresso e do Comitê Central de nosso partido, pois estamos convencidos de que se realmente forem justas nossas concepções, estas serão adotadas pelo partido no curso de seu trabalho futuro"[365].

Na realidade, a declaração de 16 de outubro não é a capitulação a que tantos historiadores se referem. Porém, podemos considerá-la como o reconhecimento de uma grave derrota. Os dirigentes que a assinam se afastam de uma parte de seus efetivos ao condenarem o grupo de Medvedev-Shliapnikov, dando a alguns

365 *Correspondence Internationale*, nº114, 23 de outubro de 1926.

a impressão de terem retrocedido no exato momento em que eram ameaçados de expulsão. Sobretudo, eles aceitam seu retorno ao círculo vicioso do qual haviam tentado sair, primeiro na primavera, ao organizarem a fração, e mais tarde em setembro, ao iniciarem a ofensiva dentro das células. Ao mesmo tempo em que mantêm seus pontos de vista, aceitam não manifestá-los fora dos organismos dirigentes, onde não contam com nenhuma possibilidade de serem acatados e onde seus argumentos seguirão desconhecidos pela imensa maioria dos membros do partido. Muitos partidários da oposição enxergam tal declaração como uma aceitação de sua impotência, como se os próprios advogados da democracia operária se renunciassem a defendê-la. Por isso, para muitos, a última cartada já foi dada, e uma grande parte dos militantes vai abandonar uma posição que parece completamente sem perspectivas.

A XV Conferência

Apesar de tudo, a oposição não terá a trégua que havia negociado e a qual buscou contando com a perspectiva de participar de um congresso preparado democraticamente: a luta vai recomeçar e o XV Congresso não será convocado até o final de 1927, quando todos os chefes oposicionistas já terão sido expulsos. No dia 18 de outubro, Max Eastman publica no *The New York Times* (Os tempos de Nova Iorque) o testamento político de Lenin. Durante o outono do ano anterior, depois da publicação de um livro de Eastman que aludia à existência do dito documento e que citava longos trechos dele, Trotski havia aceitado – a pedido do núcleo dirigente da oposição, segundo escreve em 1928 a Muralov[366] – publicar no *Bolshevik* um artigo atacando duramente ao comunista americano, em que praticamente o acusava de atacar o partido russo com calúnias e falsificações[367]. Na realidade, dada a notória e íntima amizade entre Eastman e Trotski, era bastante óbvio que Trotski estava a par da iniciativa do americano: ao ceder ao ultimato do Birô Político, por considerar que o momento era inoportuno para iniciar uma nova batalha, Trotski se arriscava a isolar-se de seus próprios amigos no estrangeiro, e de aparecer, entre os próprios oposicionistas, como um capitulador. Em 1926, a situação de Trotski é uma das piores possíveis: Eastman tomou a iniciativa de publicar o documento em meio à ofensiva da oposição russa e crê contar com a aprovação de Rakovski. Porém, naturalmente, nem sequer suspeita de que, neste meio tempo, a oposição teve de retroceder e que o texto vai aparecer precisamente dois dias depois da declaração de 16 de outubro.

Stalin imediatamente acusa a oposição de jogar um jogo duplo ao pedir uma trégua em Moscou e atacar simultaneamente o partido com um golpe pelas costas.

366 *Carta a Muralov*, 11 de setembro de 1928, em *New International*, nº34, pp. 125-126.
367 *Declaração de Trotski sobre o livro de Eastman*, em *Correspondence Internationale*, nº72, 22 de julho de 1925, p. 601 e nº82, 22 de agosto de 1925, p. 672.

Por isto, declara que o acordo foi rompido, conseguindo também que o Comitê Central inclua no programa da XV Conferência um debate sobre a oposição, em que se reserva o papel de relator. No dia 25 de outubro submete seu projeto de informe ao Birô Político; neste, qualifica a oposição de "fração social-democrata". Esta proposta gera uma cena de extraordinária violência, onde Trotski chama Stalin de "coveiro da revolução". Natalia Sedova descreveu posteriormente a reação dos assustados amigos de Trotski e especificamente de Piatakov, que, completamente atônito, repetia: "Por que o chamou disso? Ele jamais vai perdoá-lo!"[368].

Durante a XV Conferência, que acontece entre os dias 26 de outubro e 3 de novembro, os chefes da oposição, fiéis aos termos de sua declaração de outubro, guardam silêncio durante seis dias, apesar dos ataques e sarcasmos de que são vítimas. No sétimo dia Stalin apresenta durante três horas seu informe sobre a oposição e a situação interna do partido. Depois de recordar exaustivamente o que Zinoviev e Kamenev já disseram em outros momentos sobre Trotski e o que este disse sobre aqueles, volta a empreender seus ataques, que posteriormente vão se tornar tradicionais, contra o "trotskismo", ao qual, segundo ele, os membros da "nova oposição" teriam aderido. Denuncia a atividade fracional, da qual a declaração de 16 de outubro – que não passa de uma manobra para enganar o partido - não é mais do que uma nova faceta, e conclui afirmando que a oposição insistiu em manter "integralmente" seu ponto de vista. Então: "Que tome, pois, a sopa que ela mesma cozinhou!". A política de industrialização preconizada pelos oposicionistas – que, em sua opinião, "condenaria à miséria milhares de operários e camponeses" – se enfrenta com a sustentada pelo Comitê Central e que se caracteriza por uma gradual melhora do bem estar, sem convulsões: "Menos discurso e mais trabalho positivo e criador para a edificação socialista". Seu informe termina com um chamado à luta por uma capitulação da oposição: "Para realizar a unidade completa, temos que dar um passo adiante, o bloco da oposição deve renunciar a seus graves erros e proteger desta forma o partido e o leninismo contra todos os ataques e tentativas de revisionismo de que é alvo"[369].

Kamenev, primeiro orador da oposição, apesar das frequentes interrupções, se mantém digno e frio. Explica a decisão de 16 de outubro como uma manifestação da vontade de evitar a qualquer preço uma ruptura que parecia inevitável. No entanto, diante das acusações de Stalin, a oposição não pode permanecer em silêncio. O começo de sua intervenção é um fiel expoente da temperatura política da sala; os mesmos delegados que haviam premiado Stalin com uma "entusiástica ovação" quando este recordou as polêmicas passadas de Zinoviev, Kamenev e Trotski contra Lenin, vociferam em desaprovação aos "métodos inadmissíveis" da lembrança dos ataques de Bukharin contra Lenin em 1918. Ao discutir tranquilamente as

368 SERGE, Victor, *Vie et mort de Trotsky*, Paris, Amiot-Dumont, 1951, p.181.
369 *Cahiers du bolchevisme*, edição especial, 20 de dezembro de 1926, pp. 2177-2222

"exageradas acusações" proferidas contra os oposicionistas, Kamenev desenvolve os argumento propostos no referente ao campo econômico e à burocratização do partido, declarando, ao mesmo tempo, que a aliança da "nova oposição" com Trotski se baseia no propósito de "defender concepções muito específicas". A resolução apresentada por Stalin torna difícil "o trabalho em comum, desejado pela oposição" e os ataques dos delegados não avançam em nada o debate: "Acusai-nos, se assim querem, camaradas, mas não estamos na Idade Média. Já não vivemos na época dos processos por bruxaria"[370].

Segundo a biografia de Deutscher, Trotski pronuncia um de seus melhores discursos, moderado em sua forma, porém brilhante e agudo em seu conteúdo. Consegue que o auditório preste atenção durante sua intervenção, apesar da hostilidade latente e obtém da conferência sucessivas prorrogações de seu tempo na tribuna. Explica as razões que motivaram a declaração de 16 de outubro:

> A virulência da luta fracional da oposição – quaisquer que tenham sido as condições que a provocaram – foram interpretadas por um grande número de militantes como a demonstração de que as divergências de opinião criaram a impossibilidade de um trabalho comum. Porém, o objetivo e o sentido da declaração de 16 de outubro foi fazer a defesa das opiniões que sustentávamos no marco de um trabalho comum e de uma responsabilidade solidária sobre a política de todo o partido.

No relativo à questão econômica, agrega uma grande quantidade de dados: atualmente a situação não é totalmente catastrófica, mas o pior seria fechar os olhos e não dizer a verdade a tempo. Recorda as propostas da oposição, e admite que estas podem ser errôneas, porém, se pergunta o que é que elas têm de "social-democratas" – como são qualificadas por Stalin –, questionando que sentido pode ter tal apelação. Ele é acusado de não ter confiança na URSS; no entanto, em sua obra *Rumo ao capitalismo ou rumo ao socialismo* propôs taxas de desenvolvimento industrial três vezes superiores às apresentadas pelo Comitê Central. É também acusado de semear o pânico com seus prognósticos sobre o conflito entre a cidade e o campo quando se refere à necessidade da Rússia de se apoiar no operariado europeu. O passado recente, no entanto, demonstra claramente que os prognósticos são plausíveis: por acaso os delegados esqueceram Kronstadt, a crise de 1921 e a imperiosa necessidade do giro radical que foi a NEP? Esqueceram a influência que exerceu na Europa a revolução russa e como foi defendida pela classe operária europeia?

Mais adiante entra em cheio na questão central do debate: a polêmica sobre a construção do socialismo em um só país. Começa provocando risos em toda a conferência ao usar citações de Bukharin, que acaba de escrever que o socialismo

370 *Ibid.*, pp. 2222-2245.

poderia ser construído abstraindo-se o cenário internacional. Bukharin, exclama Trotski, também pode passear totalmente nu por Moscou em janeiro se conseguir "abstrair" a temperatura e a polícia. Trotski ressalta igualmente sua preocupação de que a direção do partido não busque, com esta teoria, justificar um funcionamento rotineiro que sirva para dissimular de uma renúncia, uma perda de confiança, nas perspectivas revolucionárias. Nisto reside o verdadeiro perigo, pois não existe razão alguma para pensar que seja mais fácil para os russos construir o socialismo em um só país do que seria para o proletariado fazer a revolução. Resumindo, afirma: "Penso que a vitória do socialismo em nosso país só pode ser garantida através de uma revolução vitoriosa do proletariado europeu". Estas palavras não devem ser distorcidas:

> Se não opinássemos que nosso Estado é um Estado proletário, se bem que com determinadas deformações burocráticas, ou seja, um Estado que deve ser aproximado ainda mais da classe operária, apesar das opiniões falsas de certos burocratas; se não acreditássemos que empreendemos a construção do socialismo; se não opinássemos que existem em nosso país recursos suficientes para desenvolver uma economia socialista; se não estivéssemos convencidos de nossa vitória completa e definitiva, é evidente que nosso lugar não seria mais nas fileiras de um partido comunista.

Esta é a razão que faz com que a oposição condene qualquer tipo de divisão.

> Mas aquele que acredita que nosso Estado é um Estado proletário com um certo número de deformações burocráticas, causadas pela pressão do setor pequeno-burguês e do cerco capitalista, que estiver convencido de que nossa política não garante suficientemente bem uma nova repartição dos recursos nacionais, aquele que achar isso deve lutar, com os meios que lhe oferece o partido e sem abandonar o caminho do partido, contra aquilo que achar perigoso, mas assumindo a plena responsabilidade por toda a política do partido e do Estado operário[371].

Os métodos do aparato, cujo exemplo típico é a resolução apresentada por Stalin, supõem um autêntico perigo, porque transformam em um pedaço de papel sem valor nenhum o acordo de 16 de outubro, porque fazem ressurgir os métodos fracionais e, por fim, porque podem provocar a ruptura.

Zinoviev, tomando a palavra depois de Trotski, faz um fraco discurso. Em nenhum momento consegue se impor a um auditório completamente descontrolado. Ataca o tom dos artigos dos jornais que se referiam à oposição, como por exemplo o *Kommunisticheski Golos* (A voz comunista) de Saratov, que, durante a polêmica, parafraseou o poema de Blok: "É por acaso nossa culpa que vosso esqueleto se quebre sob nossos pesados pés?". Também arremete contra outros jornais que falavam

371 *Ibid.*, pp. 2245-2270.

de "exterminar a oposição". No entanto, seu tom moralista e a tentativa de recordar a forma com que Lenin tratava a oposição de sua época só conseguem suscitar o riso dos delegados, que ouvem Zinoviev desculpá-los sob o pretexto de que a luta interna não se leva a cabo com "luvas brancas" e que "os exageros são inevitáveis". Depois de ter mencionado, com uma grande coleção de citações de Lenin, as verdadeiras divergências, se mostra totalmente incapaz de retomar o controle da situação frente às crescentes vaias do plenário: "Me limito a justificar-me, não acuso ninguém". Se vê obrigado, inclusive, a renunciar falar sobre a Internacional e sobre o "bloco" formado com Trotski: seu tempo na tribuna se esgota e, apesar de seus protestos, a conferência se recusa a prolongá-lo[372].

Sua intervenção será presa fácil para um Bukharin irreconhecível, sarcástico e incisivo, violento e cínico, disposto a esmagar os oposicionistas, explorando a fundo suas vacilações e suas contradições. "O camarada Zinoviev [...] nos falou sobre como Lenin sabia lidar com uma oposição sem precisar expulsar a todos, quando, em uma reunião de operários, o próprio Zinoviev não conseguiu reunir mais do que dois votos. Lenin sabia perfeitamente como atuar frente a uma oposição, de fato. Porém, como é que poderíamos expulsar a todos, quando estes homens só contam com dois votos? Quando se conta com todos os votos a favor e somente dois contra, e ainda esses dois clamam contra um "termidor", então aí sim se pode pensar em fazê-lo". Stalin se levanta imediatamente para apoiá-lo neste ponto, como faz a conferência inteira quando Bukharin diz: "Afirmais haver batido em retirada por temor de uma catástrofe. Falem claramente, tal catástrofe é por acaso uma ruptura? Três homens eliminados do partido: eis os efetivos de tal "ruptura". Depois de uma feroz referência a Zinoviev e à sua "desmedida vaidade", Bukharin afirma cruelmente: "Tudo isto não é mais que uma farsa"[373].

Sua intervenção dá o tom de todas as restantes. Molotov afirma que a oposição está tomando "o caminho de Kronstadt", assegura que "a propaganda a favor de ideias hostis ao leninismo é incompatível com a qualidade de membro do partido", e que este não poderia de modo algum tolerar "o desenvolvimento e o agravamento deste desvio social-democrata". Rikov – que, em seu informe inicial, havia acusado a oposição de derrotismo, mas havia também reconhecido que "seria absurdo acusar a oposição de ter empreendido uma ação planejada para derrotar a ditadura do proletariado" – exige que a conferência faça com que "o partido adote as medidas necessárias para garantir a unidade e manter uma férrea solidez ideológica em nossa linha"[374]. O antigo oposicionista Larin denuncia como são "corruptas as teses da oposição" e afirma: "a revolução está deixando para trás alguns de seus chefes"[375]. Entretanto, houve ataques ainda mais graves: Shliapnikov e Medvedev

372 *Ibid.*, pp. 2274-2292.
373 *Ibid.*, pp. 2292-2313.
374 *Ibid.*, pp. 2176-2318.
375 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 282.

farão uma autocrítica de seus próprios erros, e chamam todos os partidários à se entregar[376]. Krupskaia rompe publicamente com a oposição. Com a capitulação da viúva de Lenin, que para muitos é a viva encarnação do espírito dos velhos bolcheviques, o aparato consegue uma enorme vitória moral.

Em sua resposta, Stalin exige a capitulação de toda a oposição, ameaçando-a com as seguintes palavras: "Ou vocês aceitam estas condições que são absolutamente indispensáveis para a unidade do partido, ou o partido que ontem os derrotou acabará amanhã com vocês inevitavelmente"[377]. A resolução final, adotada por unanimidade, condena a oposição como um "desvio social-democrata" e afirma que sua ação "só pode destruir a unidade do partido, debilitar a ditadura do proletariado e deixar o campo livre para todas as forças antiproletárias que, dentro do país, tentam debilitar e derrubar nosso Estado"[378]. Trotski e Kamenev são expulsos do Birô Político e a conferência solicita ao Comitê Executivo da Internacional que Zinoviev seja destituído de seu cargo de presidente.

Desta vez, o desastre será completo no que diz respeito aos cargos de responsabilidade. A expulsão será concluída na sessão do Comitê Executivo da Internacional, realizada em dezembro: nela, depois de um informe de Stalin, se expulsam os partidários da oposição nos partidos comunistas estrangeiros. Zinoviev não questiona esta decisão, porém dá "algumas explicações". Mais uma vez, Trotski critica a teoria do "socialismo em um só país". A maioria dos delegados estrangeiros, entretanto, já foi convencida de antemão: o delegado francês Jacques Doriot se distingue por sua denúncia das opiniões de tom oposicionista, sustentadas em conversas privadas pelo iugoslavo Voya Vuyovich, que já foi destituído no dia 27 de setembro de seu cargo de secretário da Internacional Comunista da Juventude. O ambiente da reunião reflete perfeitamente o discurso de encerramento feito por Stalin: "Sobre a questão de sua atitude frente a seu passado menchevique, Trotski responde, não sem certa exaltação, que o próprio fato de ter ingressado no partido constitui a prova de que havia abandonado na soleira tudo o que o separava do bolchevismo. Como se pode abandonar tais imundícies na soleira do partido? Por acaso Trotski deixou tudo isso na soleira para conservar tais políticas para as lutas futuras que se avizinham no seio do partido?"[379].

Nas fileiras da oposição se acentuam as contradições. Para os adeptos da ideia de um novo partido, os antigos membros da tendência "Centralismo Democrático", conhecidos como "decistas"[380], a XV Conferência demonstrou claramente a determinação do aparato e seu controle sobre o partido degenerado, além do oportunismo dos líderes da oposição e a persistência das ilusões que os fizeram capitular no dia 16 de outubro. Como consequência, se afastam da Oposição Uni-

376 *Cahiers du bolchevisme*, edição especial, *op. cit.*, p. 2127.
377 *Ibid.*, pp. 2270-2274.
378 Citado por YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 452.
379 *Correspondence Internationale*, nº143, 29 de dezembro de 1926, p. 1867.
380 Abreviação de centralistas democráticos, na sigla em russo (N. do E.).

ficada e formam, junto com Sapronov e Vladimir Smirnov, o Grupo dos 15, cuja tese fundamental é de que a luta dentro do partido assumiu um caráter de classe: "Stalin tem ao seu lado um exército de funcionários, enquanto a oposição se apoia no setor operário do partido; o grupo de Stalin e da pequena-burguesia não poderá ser derrotado sem que a oposição consiga a simpatia ativa e um franco apoio por parte da classe operária. Portanto, é necessário formar um núcleo que sirva à causa da revolução proletária"[381].

De maneira contrária, outros membros da oposição pensam que a XV Conferência demonstrou a impossibilidade de chegar a qualquer tipo de acordo: para estes militantes, que estão convencidos de que a fundação de um segundo partido seria uma catástrofe para a causa do socialismo, a única solução que resta é capitular e se curvar perante a direção vitoriosa, dissolver a fração e manter o silêncio. Zinoviev e Kamenev estão a ponto de adotar esta posição. Frente à repressão que se inicia dentro do partido e à proliferação dos expedientes de expulsão, aconselham a seus partidários que tentem de todas as maneiras evitar a expulsão, dissimulando, se for preciso, suas opiniões e votando com a maioria para confundir-se com ela: em sua opinião a luta só é concebível se for levada a cabo desde dentro do partido.

Trotski e seus companheiros mais próximos, o núcleo da oposição de 1923, não têm ilusões em relação à eficácia desta tática, que conduz inevitavelmente à desmoralização e ao abandono definitivo da luta. Para eles, a cada dia que passa surgem mais provas confirmando suas teses sobre o risco da restauração do capitalismo. De fato, o "inimigo da classe" Ustrialov[382] acaba de escrever, no dia 19 de outubro, em seu jornal de emigrados brancos *Novosti Zhizni* (Notícias da vida), as seguintes palavras: "Glória ao Birô Político se a declaração de arrependimento dos dirigentes da oposição é resultado de sua capitulação incondicional e unilateral. Seria deplorável se esta fosse apenas fruto de um acordo. (...) O Comitê Central vitorioso deve conseguir imunizar-se internamente contra o perigoso veneno da oposição. (...) Se não for esta a realidade, se abaterá uma verdadeira calamidade sobre o país. (...) E isto justifica por que não só nos opomos a Zinoviev, como também apoiamos deliberadamente Stalin"[383]. No entanto, para adquirir força, estes argumentos teriam que germinar em outra terra, em outro partido, e no seio de uma classe operária menos indiferente e menos esgotada.

Trotski confessa a Victor Serge, durante uma conversa, que não se trata somente de atacar a deslealdade de Stalin e os métodos utilizados pelo aparato. No dia

381 Citado por YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, p. 452.

382 Tendo começado como um apoiador feroz dos brancos, na guerra civil (conforme indicado anteriormente), com o passar dos anos, Ustrialov vai reivindicar cada vez mais as posições de Stalin e a nova URSS, sobre a qual vai dizer que "é como o rabanete, vermelha por fora, mas branca por dentro". É considerado um dos fundadores da tendência conhecida como "nacional-bolchevismo", que nada mais é que uma forma de fascismo russo (N. do E.).

383 *Novosti Zhizni*, 19 de outubro de 1926, citado por KAMENEV, Lev, *Correspondence Internationale*, nº11, 24 de janeiro de 1927, p. 156.

26 de novembro elabora para si mesmo o rascunho de teses que nunca chegará a concluir, mas que nos apresentam sua compreensão pessoal da situação e das possibilidades da oposição nesta batalha. Ao destacar que "na história, as revoluções sempre foram seguidas por contrarrevoluções", afirma que "a revolução é impossível sem a participação das massas", cujas "esperanças de um futuro melhor estão sempre conectadas com as consignas revolucionárias". Porém, estas esperanças são geralmente exageradas, o que explica a inevitável desilusão das massas frente aos resultados *imediatos* de uma revolução. Em 1926 as massas operárias russas passaram a ser "mais prudentes, mais céticas e menos diretamente receptivas às consignas revolucionárias e às grandes generalizações". Ao referir-se ao grande debate que acaba de acontecer, também escreve, sempre para si próprio:

> A adoção oficial da "teoria do socialismo em um só país" significa a aprovação teórica de uma virada que já aconteceu. (...) Se converte a revolução permanente em um espantalho precisamente com o propósito de explorar o estado de ânimo de um importante setor dos operários, que não são carreiristas, mas que estão engordando, começando uma família. Utilizada com este propósito, a teoria da revolução permanente não tem nada a ver com a velha discussão, que foi relegada aos arquivos da história, mas serve para espantar o fantasma de novas convulsões: heroicas "invasões", violação da "lei e ordem" - tudo isso se converte em uma ameaça para as realizações do período de reconstrução, abrindo uma nova época de esforços e sacrifícios imensos[384].

Tal fenômeno está longe de ser novo. No dia 10 de setembro de 1918, Sosnovski já havia apontado no *Pravda* o que ele considerava ser uma consequência da desmoralização e da diminuição do entusiasmo das grandes massas: a aparição "simultânea não só do desejo de uma vida melhor – natural por parte dos operários –, mas também de uma tendência a querer viver o melhor possível segundo o princípio 'Depois de mim, o dilúvio!'". No entanto, os dirigentes do aparato fomentam ativamente este cansaço autêntico, e esse estado depressivo do movimento operário não pode ser superado apenas pela ação da oposição. Se uma revolução triunfasse no exterior, o sopro de 1917 voltaria a ser sentido por todo o país, reanimando os que perderam as esperanças e inspirando a abnegação e a iniciativa da geração mais jovem, que atualmente se vê esmagada pelo peso dos mais velhos.

Pouco antes de sua morte, em resposta a todos aqueles que fazem o inventário de seus erros e das oportunidades que desperdiçou, Trotski escreverá sobre este período:

> A Oposição de Esquerda não poderia tomar o poder, nem mesmo o desejava [...]. Uma luta pelo poder, encabeçada pela Oposição de Esquerda, por uma organização marxista revolucionária, só pode ser concebida nas condições de um levante revolucionário (...). No início da década de

384 Texto incluído em *Fourth International*, volume 2, nº8, pp. 251-252.

1920 não existia tal levante na Rússia, muito pelo contrário: em tais condições, iniciar uma luta pelo poder estava totalmente fora de questão (...). As condições impostas pela reação soviética eram infinitamente mais difíceis do que haviam sido as condições impostas pelo czarismo aos bolcheviques[385].

O que fazer então? Para Trotski, o essencial é resistir, permanecer a postos o maior tempo possível para poder afirmar os princípios, denunciar a deturpação do socialismo que está acontecendo e preservar as oportunidades revolucionárias que possam surgir no exterior. O aparato está enraizado precisamente no atraso das massas russas, em sua miséria e sua baixa cultura; sua influência se deve ao desalento, à inércia, ao desespero e a uma espécie de conservadorismo instintivo. A vitória da revolução em um país estrangeiro, sobretudo se ocorrer num país avançado – e segundo as suas análises isto era possível – pode produzir uma reviravolta na situação, desmontar em poucos dias o reinado do "socialismo em um só país", voltar a colocar as massas em ação, esses "milhões que fazem política" aos quais Lenin gostava de se referir. Antes de tudo, é preciso manter a análise marxista e os princípios internacionalistas que se deduzem desta; lutar contra a mentira paralisante e contra as ilusões que desarmam; as perspectivas revolucionárias devem ser mantidas, ainda que na atualidade estas não sejam escutadas nem entendidas. Por fim, a oposição adota essas teses e, no fim de dezembro, a fração, de maneira ainda mais clandestina, volta a funcionar, mesmo estando seriamente debilitada.

A revolução chinesa

O inverno transcorre sem incidentes nem polêmicas. A partir de abril, a batalha será retomada, desta vez em torno do problema da revolução chinesa: a oposição empreende uma ofensiva contra a linha aplicada na China pela Internacional, que segue as instruções do partido russo. O que se discute nesta nova batalha tem uma enorme importância: obviamente, em primeiro lugar, está em jogo o "futuro do proletariado chinês", como afirma Trotski. No entanto, junto com esta revolução que, em seu assalto contra a velha China e as potências imperialistas, arrasta milhões de operários e dezenas de milhões de camponeses chineses, toda a estratégia revolucionária - o papel do partido, a influência das organizações de massas, a natureza do poder do Estado e as relações entre a massa e a vanguarda, será colocada em pauta, assim como ocorrera em 1917.

Certamente, as divergências são importantes: o proletariado chinês, de acordo com as linhas de desenvolvimento do capitalismo industrial, se encontra num nível inferior àquele alcançado pelo proletariado russo de antes da revolução; na China, o velho sistema feudal permanece praticamente intacto no campo; o Estado

385 TROTSKI, Leon, *Stalin*, *op. cit.*, pp. 522-523.

é muito débil e, dada a combinação entre a pilhagem imperialista e os resultados da primeira revolução, está dividido entre diversos "senhores da guerra". Entretanto, nos pontos principais, o desenvolvimento da sociedade chinesa se deu conforme previa a lei do desenvolvimento desigual, e a revolução se deu segundo o ritmo do desenvolvimento combinado, exatamente como ocorreu na Rússia no início do século 20. Na realidade, a diferença essencial entre ambas revoluções está no fato de que a russa foi a primeira deste tipo a ocorrer em um país semicolonial. Já a China, cujas características coloniais são mais acentuadas, conta com a possibilidade de beneficiar-se não somente da experiência russa, mas também dos conselhos e da ajuda técnica e militar dos comunistas russos.

Contudo, mesmo antes da oposição fazer da "questão chinesa" seu cavalo de batalha, a partir de abril de 1927, as ações dos comunistas chineses parecem ter, contra sua vontade, tomado um rumo bem diverso das dos bolcheviques de 1917, embora o movimento de massas tenha apresentado tendências semelhantes. O minúsculo partido comunista chinês, dirigido por Chen Duxiu, um intelectual de prestígio, decidiu, em 1922, que seus militantes deveriam aderir individualmente ao Kuomintang[386], partido nacionalista idealizado e organizado por Sun Yat-sen, o pai da primeira revolução chinesa, que na época disputava com seus próprios generais o controle da China meridional.

O Kuomintang é uma organização bastante frouxa, e seu programa inclui a unificação nacional, a reforma agrária e algo de socialismo. Os comunistas se juntam a ele para travar contato com seus militantes operários, bastante numerosos, sobretudo na região de Cantão. Em 1924, o governo de Sun Yat-sen assina uma aliança com o embaixador Yoffe: o jovem movimento nacionalista chinês busca apoio no exterior, se aproveitando do prestígio com que conta a primeira revolução vitoriosa junto aos operários e camponeses chineses. O Birô Político russo envia Borodin como conselheiro permanente do Kuomintang. O partido chinês, integrado ao Kuomintang, forma uma série de quadros organizadores que se esforçam em reproduzir a estrutura e os métodos bolcheviques. O novo exército nacionalista conta com oficiais russos e vários oficiais nacionalistas vão fazer cursos em Moscou. Um deles, Chiang Kai-shek, em seu retorno à China, em 1924, funda a Academia Militar. Este oficial, ambicioso e inteligente, encarnação da jovem burguesia chinesa, se expressa no congresso do Kuomintang usando uma linguagem claramente revolucionária: "Nossa aliança com a União Soviética e com a revolução mundial é, na realidade, uma aliança com todos os partidos revolucionários que lutam juntos contra todos os imperialistas pela revolução mundial". A Câmara de Comércio de Cantão é então inundada com os gritos de "Viva a revolução mundial!". Tudo isto se deve ao fato de que a construção do Estado Nacionalista do Sul exige a mobilização das massas operárias e camponesas.

386 Literalmente, "Partido Nacionalista Chinês" (N. do E.).

No entanto, estas começam a atuar por conta própria: a grande greve de Cantão e Hong Kong em 1924 verá o surgimento do que de fato é o primeiro soviet chinês: o comitê de delegados dos grevistas, eleito pelos operários, que conta com 2 mil homens armados e com uma polícia própria; este organismo cria um tribunal, decide a construção de escolas, dita leis e as executa, organiza seus próprios comitês de abastecimento, transportes etc. A partir deste momento, começam a surgir dificuldades: os dirigentes do Kuomintang tentam deter o avanço do movimento operário. Então, em outubro de 1925, a direção do partido comunista chinês decide se afastar do Kuomintang para poder assim dirigir a luta operária de forma independente. O Comitê Executivo da Internacional se opõe a esta posição. A linha ditada ao partido comunista consiste, em primeiro lugar, em evitar que se inicie uma luta de classes contra a burguesia nacionalista do Kuomintang, e em segundo, em frear os movimentos camponeses, abstendo-se de todas as críticas contra a ideologia oficial dos nacionalistas, o "sunismo". A análise em que se apoiam Stalin e Bukharin para defender tal política é a seguinte: a revolução chinesa é uma revolução burguesa; porém, em sua luta contra o feudalismo e a burguesia internacional, a burguesia desempenha um papel revolucionário e anti-imperialista, tornando imprescindível sua aliança com os operários e camponeses. Bukharin explicará mais tarde:

> O Kuomintang é uma organização de tipo *especial*, um organismo intermediário entre um partido político e uma organização como os soviets; este deve ser integrado por diferentes grupos de classe. (...) O Kuomintang inclui a *burguesia liberal* (aquela que em nosso país se organizou em torno aos kadetes e que se transformou em contrarrevolucionária ainda *nas etapas anteriores à revolução*), a pequena burguesia e a classe operária. Do ponto de vista de sua *organização*, o Kuomintang *não é* um partido, se nos atemos à tradicional acepção do termo. Sua estrutura permite que se lute por uma maioria em seu interior, uma conquista que irá se iniciar desde a base, mediante a realização em suas fileiras de um agrupamento de classe. (...) Nossa obrigação é *explorar* esta peculiaridade no curso da revolução chinesa. (...) É preciso transformar progressiva e aceleradamente o Kuomintang em uma organização efetiva de massas, (...) empurrar *para a esquerda* seu centro de gravidade, *modificar a composição social de sua organização*[387].

No início de 1926, a Internacional Comunista aceita a adesão do Kuomintang na qualidade de "partido associado" e Chiang Kai-shek, que, desde a morte de Sun Yat-sen, divide com Wang Ching-wei a direção do Kuomintang, passa a ser "membro associado" do Comitê Executivo. Entretanto, no dia 20 de março, ele fará um pequeno "golpe de Estado" em Cantão, detendo os dirigentes sindicais comunistas, fechando as sedes da União Geral de Trabalhadores e expulsando os comunistas da direção do Kuomintang. Ao mesmo tempo, exige, como condição prévia para a

387 BUKHARIN, Nikolai, *Problémes de la révolutión chinoise*, Paris, Bureau d'éditions, 1927, pp. 50-51.

permanência destes na organização, a proibição a todo tipo de crítica ao "sunismo", assim como a entrega de uma lista com o nome de todos os filiados ao partido. Tanto a Internacional quanto o partido russo pressionam o partido comunista chinês a aceitar tais condições. Nesta ocasião, em abril de 1926, Trotski discorre sobre o problema da independência do partido comunista chinês e critica a inclusão do Kuomintang na Internacional. Esta discussão ocorre a portas fechadas e, de fato, nenhuma nova divergência vai surgir até abril de 1927.

Na verdade, um conflito entre Chiang Kai-shek, que controla o exército, e Wang Ching-wei, líder dos civis e do governo, está sendo gestado. Chiang Kai-shek começa uma marcha para o norte para enfrentar-se com os "senhores da guerra" e esta campanha lhe serve de pretexto para proibir, em nome do patriotismo, qualquer tipo de greve ou agitação operária nas zonas controladas por ele. No entanto, sua marcha suscita novos levantes camponeses, ocupações de terras e insurreições operárias e o partido comunista chinês, percebendo a dificuldade de Chiang Kai-shek em restabelecer a "ordem" conforme avança em suas conquistas, solicita novamente, por meio de Chen Duxiu, a autorização para levar a cabo uma política independente. Este pedido será rechaçado. Stalin afirma na XIV Conferência: "Nosso partido respondeu ao desafio histórico de encabeçar a primeira revolução proletária do mundo. Estamos certos de que o Kuomintang conseguirá desempenhar idêntico papel no Oriente"[388]. No dia 18 de maio, ele mesmo qualifica o Kuomintang como "partido único operário e camponês" e durante a VI Plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista o define como um "bloco revolucionário formado por operários, camponeses, intelectuais e pela democracia urbana (burguesia), cuja base se assenta sobre a comunhão de interesses de classe destes setores em sua luta contra os imperialistas e contra a ordem militarista-feudal de conjunto"[389]. Felicita igualmente a campanha de Chiang Kai-shek, que, em sua opinião, "significa a liberdade de reunião, a liberdade de greve e a liberdade de coalizão para todos os elementos revolucionários, em especial para os operários"[390].

Da mesma forma, Bukharin, ao caracterizar a etapa em que se encontra a revolução, "pelo fato de que as forças revolucionárias já estão organizadas em um poder de Estado que conta com um exército regular e organizado", conclui: "O avanço de tais exércitos constitui uma forma peculiar de processo revolucionário"[391].

Frente a Chen Duxiu, os dirigentes soviéticos voltam a afirmar o "papel objetivamente revolucionário da burguesia", apoiando o ingresso dos comunistas no governo do Kuomintang, que lhes oferece os ministérios da agricultura e do trabalho.

---

388 ISAACS, Harold, *The tragedy of the chinese revolution*, Stanford, Stanford University Press, 1951, p. 85.
389 *Ibid.*
390 *Ibid.*, p. 119.
391 *Ibid.*, p. 112.

Sob tais condições, são perfeitamente compreensíveis as vacilações dos comunistas chineses. No dia 19 de março explode em Xangai uma greve geral que se transforma quase espontaneamente em insurreição. O partido comunista lança a consigna de "assembleia de delegados"; porém, não faz desta uma diretiva para a sua ação. Organiza um comitê "de cúpula" e não estimula a eleição de nenhum delegado. Seus aliados o abandonam e, sem outras perspectivas, a insurreição é derrotada. Voitinski, delegado da Internacional Comunista em Xangai, escreverá mais tarde: "Deixamos passar um momento histórico extraordinariamente favorável. O poder já se encontrava nas ruas e o partido não soube tomá-lo ou, o que é pior, não quis fazê-lo, teve medo"[392]. Em março, as tropas de Chiang Kai-shek chegam às portas de Xangai, e é uma insurreição operária, dirigida pela União Geral dos Trabalhadores, que vai terminar de expulsar os últimos soldados inimigos do norte da cidade. O *Pravda* do dia 22 de março anuncia: "Os trabalhadores vitoriosos entregaram as chaves da cidade de Xangai ao exército de Cantão. Este gesto resume a força heroica do proletariado chinês". A partir deste momento, Chiang Kai-shek vai se dedicar a preparar abertamente o extermínio dos comunistas de Xangai.

Neste momento intervém a oposição. No dia 31 de março, em uma carta dirigida ao Comitê Central, Trotski reclama da falta de informações sobre os acontecimentos na China, afirmando que o país parece passar por um poderoso ascenso do movimento operário. Por que não é lançada a consigna de formação de soviets? Porque não se impulsiona a revolução agrária? Se esta linha não for aplicada, o proletariado chinês pode ficar à mercê de um golpe militar. No dia 3 de abril escreve um artigo, cuja publicação lhe será negada. Nele, afirma que o partido coloca os operários e camponeses chineses no mesmo bando que a burguesia: converter o partido comunista chinês em um refém do Kuomintang equivale a uma traição. É preciso dizer que o Kuomintang não é em absoluto um partido de operários e camponeses. No dia 5 de abril, Trotski escreve que Chiang Kai-shek prepara um golpe de Estado, e que somente a organização de soviets poderá pará-lo. Da mesma maneira, no dia 12, formula uma longa resposta a um artigo de Martinov, antigo "economicista" e menchevique de direita, integrado ao partido depois da guerra civil, e que, neste período, defende a teoria da "revolução por etapas", do mesmo modo que já a defendia para a Rússia antes de 1917, mas desta vez contando com o apoio de Stalin e Bukharin e aplicando-a à situação chinesa[393].

---

392 *Ibid.*, p. 136.

393 Claramente, a presença de Martinov no comitê de redação da revista *Internationale Communiste* constitui, durante todo este período, um cavalo de batalha para a oposição. É interessante destacar que a admissão de Martinov no partido bolchevique havia sido proposta pelo próprio Stalin durante o XIII Congresso, quando o define como "um dos mais honestos e eficientes militantes mencheviques". Posteriormente, Martinov cometeu o erro de votar a favor de uma resolução da oposição durante uma das discussões sobre o novo curso. Na XIII Conferência, Stalin se apoia literalmente neste

No dia 5 de maio, Stalin faz um discurso para três mil militantes na Sala das Colunas: "Chiang Kai-shek se submete à disciplina. O Kuomintang é um bloco, uma espécie de parlamento revolucionário (...). A única opção de Chiang Kai-shek é lançar seu exército contra os imperialistas"[394]. O partido comunista chinês adverte Moscou que Chiang Kai-shek quer desarmar os operários de Xangai. A resposta é a seguinte: "Enterrem as armas!", Bukharin irá comentar posteriormente esta decisão dizendo que, de fato, alguém poderia perguntar "se por acaso não seria melhor esconder as armas, não aceitar a luta e, desta forma, não se deixar desarmar"[395]. O partido comunista chinês se aproxima ainda mais de Chiang Kai-shek, desmente os rumores sobre dissidências e rechaça a oferta feita pela Primeira Divisão do Exército de Cantão, que se propõe a sair em defesa dos sindicatos operários em contraposição à política do generalíssimo.

No dia 12 de abril, sete dias depois do discurso de Stalin, no mesmo dia em que Trotski escreve sua resposta a Martinov, os pistoleiros de Chiang Kai-shek, que contam com o apoio dos banqueiros e dos homens de negócio ocidentais, atacam os piquetes e as sedes operárias. Dezenas de milhares de operários, entre eles muitos comunistas, são acusados de "reacionarismo" e de conspirar com os "militaristas do norte" e são assassinados. No dia 21, Stalin vai declarar que "os acontecimentos confirmaram plenamente a justeza da linha"[396] defendida pela Internacional. Bukharin vai, futuramente, fazer apenas um breve comentário sobre este episódio, que resultou no esmagamento completo da vanguarda operária chinesa: "A burguesia passou para o bando da contrarrevolução"[397].

A "discussão chinesa"

Obviamente, o total esmagamento do proletariado de Xangai e a traição de Chiang Kai-shek infligiram um sério golpe ao prestígio da direção encabeçada por

fato: "Os Martinovs fazem parte da oposição. Prestem atenção nisto. É por acaso um produto do azar que aqueles que expressam correntes de opinião não proletárias votem a favor da oposição? Não, isto não é uma mera coincidência". Martinov, desde então, seguiu a disciplina mais estrita e somente a oposição pôde, posteriormente, fazer ironias sobre o seu passado, acusando-o de "representar uma corrente não proletária". Aos olhos da direção, o mesmo havia se convertido em um "verdadeiro bolchevique". Tratava-se de uma casualidade? Certamente não. Manuilski dará uma boa prova de tal afirmação na VII Assembleia Plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista (*Corr. Int.*, nº11, 1927), ao sair em defesa do tcheco Smeral, o qual Trotski acaba de atacar violentamente por ter se posicionado contra a oposição, recordando-lhe seu passado chauvinista e suas numerosas concessões à burguesia. Desde que se tornou comunista, diz Manuilski, "Smeral, como um bom soldado disciplinado, (...) aplicou todas as decisões de seu partido e da Internacional". Os ex-mencheviques ou antigos oposicionistas em semelhante situação não tinham outra opção, a não ser adotar uma disciplina cega, se não quisessem ser atacados ou ter seu passado descoberto e usado como arma.

394 ISAACS, Harold, *op. cit.*, p. 162.

395 BUKHARIN, *Problèmes...*, *op. cit.*, p. 57.

396 Citado por ISAACS, Harold, *op. cit.*, p. 185.

397 BUKHARIN, *Problèmes...*, *op. cit.*, nº57.

Stalin e Bukharin. Tais fatos poderiam ter aumentado a popularidade da oposição, que, apesar de sua total falta de informação sobre os acontecimentos, os havia previsto. No entanto, tais críticas da oposição não conseguiram atravessar a muralha de silêncio que envolvia as deliberações dos organismos dirigentes. Somente alguns poucos quadros conheciam as posições de Trotski e Zinoviev. Entretanto, os líderes da oposição vão encampar a discussão da "questão chinesa" tanto na Internacional quanto no partido, com a mesma energia com que Stalin e Bukharin – que negavam o fracasso para não terem que assumir suas responsabilidades no mesmo – insistiam de maneira obcecada em manter a mesma linha. Bukharin costumava analisar o golpe de estado de Xangai como "a insurreição da alta burguesia contra o Kuomintang". O partido comunista chinês, posteriormente, deveria apoiar, contra Chiang Kai-shek, o governo de Wang Ching-wei instalado em Hankeu.

Durante a reunião do Comitê Executivo da Internacional do dia 24 de maio, Trotski inicia o ataque: desta vez a direção não poderá dissimular frente ao partido o tamanho da derrota sofrida, nem sua direta responsabilidade na mesma. É preciso imediatamente a remediar a situação, impulsionando os movimentos camponeses que se desenvolvem em toda a China, lançar a consigna de soviets para apoiar o movimento, organizá-lo e preparar a aliança de operários e camponeses. O Birô Político "desarmou politicamente" a classe operária chinesa porque aplicou na China a mesma "concepção burocrática, de aparto" que tem da autoridade revolucionária e que encontra seu mais fiel reflexo no regime vigente no partido comunista russo. Lançar, como faz Stalin, a consigna de rearmamento em oposição à de organização de soviets é uma aberração: os sindicatos e organizações de massas que Stalin aponta como alternativa não podem em nenhum momento desempenhar o papel essencial de defesa e de organização do "duplo poder" que teriam os soviets[398].

Stalin interrompe a discussão para anunciar que a Grã Bretanha acaba de romper relações diplomáticas com a URSS, comentando, ao mesmo tempo, que, para sua ofensiva, Trotski escolheu o momento em que o partido deve enfrentar-se contra uma "cruzada global", uma verdadeira "frente única que reúne desde Chamberlain até Trotski". Trotski responde serenamente que "nada, nem ninguém ajudou mais a política de Chamberlain do que a política equivocada de Stalin para a China". No entanto, isto parece não ter muita importância, já que tudo está decidido de antemão. Stalin escolheu a linha a ser seguida, expondo-a com seu característico estilo escolástico: "A revolução camponesa é a base e o conteúdo da revolução democrático-burguesa na China. O Kuomintang e o governo de Hankeu constituem o centro do movimento democrático-burguês". Agitar a consigna de organização de soviets significaria declarar guerra a Hankeu. Agora, "existindo já uma organi-

398 Arquivos, citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, pp. 334-338.

zação revolucionária específica, adaptada às condições chinesas e que prova seu valor em prol do futuro desenvolvimento da revolução democrático-burguesa na China, (...) seria estúpido destruí-la". Desdenha igualmente de qualquer tipo de analogia com a Rússia, "já que a Rússia se encontrava às vésperas de uma revolução proletária, enquanto a China se enfrenta com a iminência de uma revolução democrático-burguesa e também porque o governo provisório russo cumpria um papel contrarrevolucionário, enquanto o atual governo de Hankeu é um governo revolucionário na acepção democrático-burguesa da palavra". Complementando, chega inclusive a afirmar que a "ala esquerda do Kuomintang desempenha, na atual revolução democrática chinesa, aproximadamente o mesmo papel que os soviets russos desempenharam em 1905"[399].

"Admirável comparação!", há de comentar mais tarde Wang Ching-wei, que se ocupou durante as semanas seguintes em reprimir, junto do governo de Hankeu, aos movimentos camponeses, ao mesmo tempo em que se reconciliava com Chiang Kai-shek. A Stalin não restava outra solução a não ser censurar todas as notícias da China, preparar a eliminação dos dirigentes comunistas chineses que haviam se encarregado das responsabilidades que lhes foram impostas, e imprimir à política do partido chinês a viragem que havia de se iniciar em outubro e que culminaria na insurreição suicida de Cantão, cuja realização foi decidida em Moscou e organizada em nome de um soviet formado clandestinamente no escritório do partido chinês com o auxílio dos envidados russos Lominadze e Neumann.

A lucidez da oposição não conseguiu nem "salvar o proletariado chinês", nem reverter a tendência geral na URSS mediante uma vitória revolucionária. Mas a discussão sobre a China mostrou que, se a direção do partido não tinha escrúpulos em tomar para si, pelo menos na aparência, os slogans da oposição, ela iria tolerar cada vez menos a sua existência.

O Chamado dos 83

Apesar de tudo, a discussão sobre a China serviu fundamentalmente para devolver à oposição uma coerência que ela tinha perdido completamente no final de 1926. Depois da deserção de Krupskaia, na XV Conferência, as rupturas haviam se multiplicado: este foi o caso do velho bolchevique Badaiev, depois de Zalutski, Sokolnikov, além de outros que seguiram o exemplo. Para convencer seus camaradas, Trotski teve que se empenhar a fundo. Preobrazhenski e Radek continuavam tão hostis à "revolução permanente" quanto Zinoviev e Kamenev, empenhados em afirmar sua ortodoxa leninista e, portanto, sua fidelidade à "ditadura democrática do proletariado e do campesinato". Eles não consentirão, de modo algum, que a oposição exija a saída do partido comunista chinês de dentro do Kuomintang. Na verdade, só se decidiram por isto no final desta discussão, contentando-se nos me-

399 Citado por ISAACS, Harold, *op. cit.*, pp. 241-258.

ses decisivos em reivindicar para os comunistas chineses o seu direito a uma política independente. No entanto, os acontecimentos confirmam os pontos de vista de Trotski, permitindo-lhe empregar com todas as suas forças suas características de lutador e polemista, assim como sua genial capacidade de análise e de previsão. O resultado final é que a oposição acaba se unindo em torno dele.

Alguns dias antes da sessão plenária de abril, a oposição decide recolher as assinaturas de alguns militantes para uma declaração de solidariedade a Trotski e Zinoviev, o Chamado dos 83. "Todos nós estávamos unidos em prol da revolução chinesa", conta Victor Serge, afirmando que "em todas as células onde havia oposicionistas (...) os debates do Comitê Central se reproduziam com idêntica violência"[400]. Esta é a época em que Serge e seu amigo Chadaev, que nos últimos meses estavam isolados em sua célula, observam que um jovem operário também vota com eles. Através dele, se informam de que existem outros que também estão de acordo com a oposição e pensam em unir-se a ela. "O gelo se fundia. As fragmentadas informações de que dispúnhamos nos faziam perceber que o mesmo ocorria em todo o partido". Chadaev declara: "Me parece que vão nos destruir antes que se produza o grande degelo"[401].

De fato, neste período começam a acontecer as primeiras detenções de militantes da oposição. O Secretariado empreende um sistemático desmantelamento de sua direção: Rakovski, que continua no cargo de embaixador em Paris, recebe Piatakov e Preobrazhenski, que são mandados para acompanhá-lo no cumprimento de uma "missão". Antonov-Ovseenko é enviado a Praga, Safarov a Ancara e Kamenev é nomeado embaixador na Itália fascista. O elemento mais brilhante da jovem geração de oposicionistas, Elzear Solnzev, próximo a Trotski desde 1923, será primeiro enviado para a Alemanha e mais tarde para os EUA. Outros militantes são enviados para a Sibéria ou Ásia Central. Frente a todos estas arbitrárias "transferências", a indignação cresce e, em meados de junho, vários milhares de oposicionistas se manifestam na estação Yaroslavl para expressar simpatia e solidariedade com Smilgá, que é envidado para Khabarovsk. Paradoxalmente, é a própria repressão que os leva a esquecer a prudência, e a multidão está furiosa. Trotski e Zinoviev acabam se decidindo por falar à multidão, correndo o risco de serem acusados por indisciplina, ainda que só para pedir por prudência: Trotski fala sobre o perigo de guerra e a necessidade de união no partido. A manifestação não chega a ter maiores consequências, porém, a partir do dia seguinte, alguns dos que haviam participado dela começam a ser convocados pelas comissões de controle do partido. No dia 28 de junho, durante o Comitê Central, Trotski denuncia as calúnias e provocações que sofre a oposição. Afirma: "O caminho do grupo dos stalinistas está fixado rigorosamente. Hoje falsificam nossas palavras, amanhã falsificarão nossos atos". Recordando a campanha de

400 SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, pp. 212-123.
401 *Ibid.*, p. 214.

calúnias levantadas em 1917 contra Lenin, prognostica: Falarão de "vagão selado", de "ouro do estrangeiro" e de "conspirações"[402].

A partir de agora fica claro que Trotski lutará: como membro do Comitê Central, falará no XV Congresso, ainda que a oposição não conte com nenhum delegado. Poderá assim revelar ao partido, a todo o país e à Internacional tudo aquilo que a imprensa russa dissimula cuidadosamente, como a responsabilidade do Birô Político na questão chinesa. Para evitar isso, Stalin apresenta uma moção de expulsão contra Trotski e Zinoviev. Yaroslavski é o encarregado de apresentar o dossiê: nele, reprova a intervenção dos oposicionistas no Comitê Executivo da Internacional e acusa o Chamado dos 83 de ser uma "atividade fracional", bem como a manifestação na estação de Yaroslavl e as críticas feitas por Zinoviev perante indivíduos não pertencentes ao partido, feitas por ocasião do aniversário do *Pravda*.

Frente à comissão, Trotski continua lutando. Desenvolve a comparação com o termidor da Revolução Francesa, acusa Stalin de debilitar a defesa da URSS com sua política, denuncia o agravamento sistemático dos conflitos internos e também a busca de alianças com os sindicatos ingleses, que apoiam o governo de Chamberlain contra a URSS. Também afirma: "Seguiremos criticando o regime stalinista até que fechem nossas bocas fisicamente"[403]. O presidium, representado por Ordzhonikidze, propõe expulsar Trotski e Zinoviev do Comitê Central. No entanto, a maioria hesita, de modo que Stalin, então, se vê obrigado a somar às denúncias uma nova, a de "derrotismo", pois supostamente Trotski teria, em uma carta a Ordzhonikidze, afirmado que em caso de guerra adotaria a mesma atitude de oposição que teve Clemenceau em 1917 frente a um governo que considerava inapto para conduzir a guerra até a vitória[404]. A "tese Clemenceau" é transformada em uma ameaça expressa de golpe de Estado.

Na sessão conjunta do Comitê Central e da Comissão de Controle que acontece no dia 7 de agosto, Krupskaia pede aos membros da oposição "unidade" e que estes "sigam o Comitê Central"[405]. Trotski volta ao ataque, exige "unidade revolucionária" no lugar de uma "hipócrita união sagrada", acusa a direção de ter debilitado a

402 Arquivos, citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 340.

403 *Ibid.*, p. 343.

404 Em uma reunião do Comitê Central de 1927, Trotski fez uma analogia histórica entre a Rússia da época e a França de 1917. Segundo esta analogia, o imperialismo, para defender seus interesses históricos mais profundos, não hesitou, mesmo durante a guerra, em derrubar o fraco, vacilante e incompetente gabinete de Paul Painlevé e impor Georges Clemenceau, o mais consciente e coerente defensor do imperialismo, como novo chefe de governo da França. Da mesma forma, o proletariado não deveria hesitar, mesmo sob as condições do cerco imperialista, em derrubar o fraco e incompetente governo de Stalin e impor um governo forte e consciente dos interesses históricos e estratégicos do proletariado mundial, condição necessária à própria vitória em caso de guerra. Este governo só poderia ser o governo da Oposição de Esquerda. Esta tese de Trotski, apelidada assim de "tese Clemenceau", foi objeto de inúmeras falsificações e ataques por parte do stalinismo, que o acusava de querer sacrificar o governo soviético e a ditadura do proletariado em nome da luta pelo poder (N. do E.).

405 Documentos incluídos em *Correspondence Internationale*, nº84, 13 de agosto de 1927.

URSS ao provocar a derrota da revolução chinesa, e cita um discurso de Voroshilov onde este condena a política de formação de soviets, pois poderiam debilitar a vanguarda dos exércitos de Chiang Kai-shek, qualificando o discurso de "catástrofe" e de ser "o equivalente de uma batalha perdida". Medindo suas palavras, continua: "A direção de Stalin, em caso de guerra, tornaria a vitória mais difícil"[406].

A maioria continua vacilante e a oposição tenta então desfazer o cerco dividindo a maioria, através de uma "declaração pacífica": rechaçando a interpretação derrotista da tese Clemenceau, a oposição afirma estar "absolutamente e sem reservas a favor da defesa da pátria soviética contra o imperialismo". Defende igualmente seu direito à crítica e afirma existirem, dentro do país, graves elementos de degeneração termidoriana, precisando que não acusa nem o partido nem sua direção de serem termidorianos. Ainda condena qualquer ideia de ruptura no partido e conclui: "Executaremos todas as decisões do partido e de seu Comitê Central. Estamos dispostos, sempre que seja necessário, a acabar com todos os elementos de fração que tenham se formado por termos sido forçados, dado o regime do partido, a divulgar nosso verdadeiro ponto de vista, que se encontrava distorcido pela imprensa"[407].

A "declaração pacífica" afasta o perigo de expulsão imediata. O historiador Yaroslavski escreve: "A sessão plenária se limitou a emitir uma categórica advertência dirigida à oposição e manteve Zinoviev e Trotski no Comitê Central"[408]. Tudo indica que, nesta ocasião, a oposição supôs ser capaz de explorar as vacilações da maioria: a votação representa um fracasso para Stalin, que não conseguiu obter a expulsão desejada. A "declaração pacífica" não constitui uma capitulação e, de fato, o isolamento da oposição parece estar a ponto de ser rompido dentro do partido com a difusão da carta que Yaroslavski batizou mais tarde de "carta da viúva": o texto, assinado por vários militantes veteranos, entre os quais se encontra a viúva de Sverdlov, Novogorodtseva, solicita um "perdão mútuo" e a constituição de um Comitê Central que agrupe representantes de todas as tendências[409].

A batalha da plataforma

As forças que entraram em jogo no dia 8 de agosto, poupando os dirigentes da oposição e lhes garantindo uma trégua, permanecem desconhecidas. Da mesma maneira, pouco se sabe sobre os conflitos no interior da maioria e sobre como o secretário geral conseguiu acabar com as resistências dentro de sua própria fração. Em todo caso, a partir do dia 9 de agosto, os jornais aparecem repletos de resoluções – de inspiração óbvia – que exigem uma "vigilância maior" e que consideram que a declaração é "insuficiente". As expulsões se multiplicam. Por fim, o congresso

---

406 Arquivos, citados por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, p. 353.
407 *Correspondence Internationale*, nº85, 18 de agosto de 1927, pp. 1166-1167.
408 Citado por YAROSLAVSKI, Yemelian, op. cit., p. 457.
409 *Correspondence Internationale*, nº85, p. 1169.

do partido, previsto para novembro, é adiado em um mês. A oposição elabora sua plataforma. Redigida por Trotski, Zinoviev, Kamenev, Smilgá, Piatakov e um grupo de jovens, entre os quais se encontram Yakovin, Dingelstedt e Leon Sedov, filho mais velho de Trotski, ela será submetida ao exame de todos os grupos da oposição e, quando possível, às células operárias. No dia 6 de setembro, seus líderes se dirigem ao Birô Político e ao Comitê Central, se queixam de perseguição pelos membros do aparato e, contradizendo as decisões da sessão plenária de agosto, solicitam que seja feita uma preparação honesta para o próximo congresso, permitindo a publicação de todos os documentos nos jornais do partido. O Comitê Central responde se negando a publicar a plataforma, cuja elaboração é qualificada como "fracional" e com uma clara proibição de que esta circule dentro do partido. Desta forma, a mera discussão é simplesmente colocada fora da lei, pela recusa do Comitê Central, segundo a declaração de Stalin, de "legalizar a fração de Trotski".

Mais uma vez a oposição se encontra encurralada: "Tudo indica que o Comitê Central teme a discussão mais que tudo e que não pretende, de forma alguma, defender sua linha em qualquer discussão política honrada que aconteça dentro do partido. (...) O grupo stalinista está decidido a (...) fabricar o XV Congresso apenas com secretários"[410]. Para seguir adiante, a oposição deve voltar imediatamente à ilegalidade e, como dirá Alski, colaborador de Trotski, "abrir assim um caminho para a legalidade"[411]. Como consequência, a oposição imprimirá o texto da plataforma, lhe dará a devida difusão dentro do partido e entre os operários independentes, recolherá assinaturas e, apesar da proibição expressa, celebrará reuniões e comícios, impondo assim, pela força, o reconhecimento de sua "legalidade". Finalmente, esta é a única alternativa – abrir uma brecha, como no outono de 1926 –, mas desta vez sem possibilidade de recuo, pois não há outra alternativa entre a "legalização" e a expulsão.

Esta decisão acaba de ser tomada quando a repressão ataca: durante a noite do dia 12, os agentes da GPU descobrem a "gráfica clandestina" da oposição, dirigida pelo velho bolchevique Mrachkovski, que é detido e será posteriormente expulso junto a outros 14 militantes, assim como Preobrazhenski e Serebriakov, que assumem publicamente sua responsabilidade em tal empreitada. A imprensa do partido, absolutamente controlada, anuncia a desarticulação de um "complô", no qual parece estar envolvido um guarda branco, antigo oficial do exército de Wrangel. Este dado tem alguma base real: um antigo oficial branco ajudou os jovens militantes da oposição a imprimir o texto da plataforma. O que os jornais não falam, mas que Trotski, Zinoviev e Kamenev conseguem extrair de Menzhinski, chefe da GPU, e que este confirmará posteriormente em seu relatório para o Comitê Central, é que este antigo oficial branco, cujo nome é Stroilov, que trabalha sob as

410 Arquivos, DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 312.
411 Citado por KRITCHEVSKI, *Correspondence Internationale*, nº27, 21 de dezembro de 1927, p. 1949.

ordens do provocador Tverskoi, passou a ser agente da GPU, sendo encarregado de montar uma complexa operação de provocação. De fato, ele ofereceu ao jovem oposicionista Cherbatov os meios técnicos de difusão do documento. Na sessão do Comitê Central, Stalin admite os fatos e tenta justificar tal provocação:

> A oposição parece dar muita importância ao fato de que o antigo oficial de Wrangel que foi procurado pelos aliados da oposição (...) tenha sido desmascarado como agente da GPU. Mas qual é o problema em que este mesmo oficial de Wrangel ajude o poder soviético a descobrir as conspirações contrarrevolucionárias? Quem pode discutir o direito do poder soviético de atrair antigos oficiais para utilizá-los para desmascarar tais conspirações?[412]

No entanto, os jornais nunca chegarão a dar à segunda parte da história a mesma importância que conferiram à primeira: "O mito do 'oficial de Wrangel' se difunde por todo o país, envenenando a alma de milhões de membros do partido e de dezenas de milhões de independentes"[413]. O assunto contribui para dar maior consistência às acusações de organização de atividades contrarrevolucionárias e permite desviar a atenção dos problemas políticos levantados pela oposição. No dia 27 de setembro, Trotski comparece para depor no Comitê Executivo da Internacional: entre os seus juízes se encontra Marcel Cachin, colaborador do governo burguês da França durante a guerra e redator-chefe do *L'Humanité* (A humanidade)[414], o mesmo jornal que saudou Chiang Kai-shek como "herói da comuna de Xangai". Trotski os provoca, assinalando que vão expulsá-lo de um Comitê Executivo que se esqueceu de expulsar Chiang Kai-shek e Wang Ching-wei, que continuam como "membros associados", apesar da matança de operários e camponeses que promoveram na China. "Nenhum organismo, afirma Trotski, discute e adota resoluções na atualidade. Todos se limitam a aplicar decisões, e o presidium da Internacional Comunista não constitui uma exceção". Naturalmente, é expulso; o mesmo acontece com Vuyovich[415].

Apesar de tudo, a oposição consegue imprimir sua plataforma em uma gráfica do Estado, cujo diretor é detido. A tiragem é de 30 mil exemplares, segundo o Birô Político, que também afirma que somente 12 mil foram distribuídos e que a maioria deles foi apreendida. O documento começa a circular com a capa de uma obra literária conhecida: *O caminho da luta*, de Furmanov. Zinoviev e Kamenev calculam que serão necessárias de 20 a 30 mil assinaturas para fazer com que Stalin retroceda, mas a oposição consegue com dificuldades alcançar o primeiro milhar. A oposição também tem que lutar contra o medo. Mesmo assim, conseguem alguns êxitos. Trotski, Kamenev, Zinoviev e Smilgá vão a bairros operários

---

412 Informe incluído em *Correspondence Internationale*, nº114, 12 de novembro de 1927, p. 1642.
413 *Declaração da oposição* em *New International*, 4 de outubro de 1927, p. 124.
414 *L'Humanité* é, desde 1920, o jornal do Partido Comunista Francês (N. do E.).
415 *Correspondence Internationale*, nº101, 5 de outubro de 1927, p. 1425.

de Moscou e Leningrado para falar com algumas dezenas de operários que se aglomeram em casas minúsculas. Posteriormente, quando os quadros adquirem certa consistência, se lançam a uma campanha pública; acontecem reuniões que burlam a vigilância armada de cassetetes, mobilizada pelo aparato em cada bairro para impedi-las. Os chefes da oposição se empenham em deixar claro que sua passagem à luta ilegal foi a última solução e que, de fato, foram forçados a isto; exigem salas para fazer reuniões e, quando estas são negadas, as ocupam. Desta maneira, conseguem fazer em Moscou um verdadeiro motim em um dos anfiteatros da Escola Técnica Superior, que foi ocupado de surpresa. Com a energia elétrica cortada, Kamenev e Trotski falam durante duas horas à luz de velas perante 2 mil pessoas, enquanto uma verdadeira multidão se aglomera em frente ao local lotado. Em Leningrado é preparada uma operação similar para ocupar uma das salas do Palácio do Trabalho, onde vão tomar a palavra Radek e Zinoviev. No entanto, Zinoviev desiste da operação no último momento e Radek se nega a ser o único orador: seus partidários se limitarão a discursar em uma conferência oficial dos metalúrgicos. Em Kharkov, Rakovski toma a palavra frente a 300 operários numa reunião não autorizada. Por sua vez, Trotski vai discursar em duas fábricas de Moscou, nas quais a oposição conta com alguns partidários.

Todas estas ações acabam sendo bastante alentadoras e a oposição considerará que está alcançando seu objetivo e que conseguiu abrir uma brecha: a massa do partido começa a interessar-se por seus argumentos. Alguns dirigentes acreditam até que o êxito está se aproximando quando, no dia 17 de outubro, em Leningrado, durante a festa de aniversário do Comitê Central, Zinoviev e Trotski, situados ao lado da tribuna oficial, são aclamados por uma série de operários que se reúnem em torno deles. Segundo Victor Serge, os dois líderes acreditam que a situação se inverteria efetivamente a seu favor: "As massas estão conosco"[416], escreverá Zinoviev posteriormente. "Este é o acontecimento mais importante que se produziu no seio do partido nos últimos anos, (...) seu significado político é enorme"[417]. Trotski, em sua autobiografia, qualifica o episódio como um reflexo do descontentamento dos operários de Leningrado, mas de modo algum como uma decisão de lutar contra o aparato[418]. A opinião de que, naquela ocasião, os dirigentes da oposição tinham tomado seus desejos por realidade ao interpretar como uma manifestação política o que não era mais que uma salva de afetuosas aclamações festivas, não pode ser aceita sem reservas. É bastante verossímil a afirmação de que Zinoviev tinha razão ao opinar que aquela manifestação tinha preocupado Stalin, sendo decisiva para que este atuasse mais rapidamente. Também parece inquestionável que, a partir deste momento, o secretário geral demonstrou uma enorme pressa em acabar com o problema.

416 SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, p. 214.
417 *Pravda*, 2 de novembro de 1927, citado por SORLIN, Pierre e Irene, *op. cit.*, p. 212.
418 TROTSKI, Leon, *Ma Vie*, tomo III, p. 273.

Este é o momento em que o Comitê Central ouve a proposta de Kirov, que solicita a adoção de um programa para o décimo aniversário da revolução que contenha a semana de cinco dias e a jornada de sete horas de trabalho. A oposição responde com a afirmação de que isto é "pura demagogia" e sugere que, em primeiro lugar, se aplique de verdade a jornada de oito horas, que em quase todos os casos não é mais que uma mera frase sobre o papel, e que se aumentem os salários mais baixos. Consequentemente, vota contra a proposta. Tanto o *Pravda* quanto a propaganda oficial se utilizam de tal ato para "desmascarar" uma vez mais uma oposição que se autodenomina "proletária", mas que luta contra todas as medidas que favorecem a classe operária. O tom geral vai ser dado pelo historiador oficial Yaroslavski: "O vergonhoso voto dos trotskistas contra a jornada de sete horas serve, melhor que todas as suas declarações, para revelar a fisionomia menchevique da oposição"[419]. A oposição então perde terreno. Seus protestos e seus argumentos são enterrados completamente pelo alarde desencadeado pela propaganda oficial. De fato, a defesa dos interesses operários constituía praticamente o único ponto da plataforma que era compreendido e aprovado para além do pequeno setor englobado pela oposição. Este é o ambiente que impera no momento em que Stalin se prepara para solicitar novamente ao Comitê Central, reunido entre os dias 21 e 23 de outubro, a expulsão de Trotski e Zinoviev. O relato das cenas de selvageria que se seguem a esta decisão é bem conhecido: da tribuna dos oradores, Trotski, protegido por seus amigos, injuriado e ameaçado – chegam a lançar contra ele livros, tinteiros e um vaso –, prossegue indiferente com sua defesa: "A marca predominante de nossa atual direção é sua fé na onipotência dos métodos violentos, inclusive quando estes são exercidos contra o próprio partido. (...) Os seus livros não prestam para serem lidos, mas ainda servem para serem lançados na cabeça das pessoas"[420]. Também afirma que Stalin quer dividir com "um risco de sangue" a oposição e o partido; prevê os massacres e os expurgos e encerra sua intervenção com as seguintes palavras: "Podem nos expulsar. Mas não podem nos vencer". Stalin, tão tranquilo quanto Trotski, nesta reunião que parece ter se convertido em um verdadeiro pandemônio, responde a Zinoviev, que acaba de recordar o testamento de Lenin e a brutalidade do secretário geral do partido: "Sim, camaradas, sou brutal com aqueles que, brutal e deslealmente, querem derrotar e dividir o partido. Nunca escondi isso"[421]. Segundo ele, a oposição se apoiou "com o seu pesar e contra a sua vontade, em uma série de elementos antissoviéticos". Ela tomou um caminho que conduz à ruptura. É preciso aniquilá-la. Zinoviev e Trotski são assim expulsos de um Comitê Central do qual Stalin se tornou dono e senhor.

No entanto, a batalha continua. Na assembleia dos militantes de Moscou, Ivan Nikitich Smirnov consegue tomar a palavra, mas Kamenev e Rakovski são expul-

419 Citado por YAROSLAVSKI, Yemelian, *op. cit.*, pp. 474-475.

420 Citado por SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, p. 220.

421 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 315.

sos da tribuna. O mesmo ocorre com Badaiev e Evdokimov no mesmo dia em Leningrado. O *Pravda* anuncia que a oposição só conseguiu um voto contra 2.500 em Moscou e nenhum contra 6.000 em Leningrado. Parece estar inevitavelmente definida a expulsão do partido, pois está claro que seus porta-vozes não vão poder tomar a palavra no congresso. Ela perdeu a batalha pelas assinaturas, e sabe que nem sequer apresentará suas listas de apoiadores ao Birô Político, para evitar que a repressão se abata sobre todos os seus membros.

No dia 4 de novembro se reúne na casa de Smilgá o centro dirigente da oposição. Kamenev preside os trabalhos. Entre Trotski, que deseja lutar até o final porque crê nada se pode esperar dessa situação, e Zinoviev, que novamente considera a possibilidade de um acordo, se acentuam as divergências. Ao final, as recordações da manifestação de 17 de outubro determinam sua decisão: a oposição resolve participar das manifestações do dia 7 de novembro[422], durante o desfile oficial, com suas próprias consignas: "Abaixo o oportunismo!", "Aplicação do testamento de Lenin!", "Evitar a divisão!", "Pela unidade bolchevique!", "Abaixo o *kulak*, o *nepman* e o burocrata!". No dia 5 de novembro, a Comissão Central de Controle convoca Zinoviev, Kamenev, Trotski e Smilgá, chamando-os a renunciar a este projeto. Smilgá responde que a comissão deveria primeiro garantir a liberdade de opinião antes de tentar impor condições a esta.

A manifestação do dia 7 vai ser preparada cuidadosamente por ambos os lados. No entanto, os oposicionistas, contando apenas com um punhado de valorosos militantes, parecem estar vencidos de antemão. Conhecem-se poucos detalhes referentes ao fracasso da manifestação de Kharkov, dirigida nas ruas por Rakovski. Em Leningrado, os oposicionistas chegam a alcançar a tribuna oficial. Porém, posteriormente, são habilmente afastados pelo serviço de segurança, que os separa da multidão, detendo Zinoviev e Radek até que todos voltem às suas casas. No entanto, acontecem vários incidentes entre a polícia e os manifestantes encabeçados por Badaiev e Lashevich. Em Moscou os incidentes são mais graves: os manifestantes da oposição dispersos em pequenos grupos em meio à multidão que se dirige à Praça Vermelha, abrem seus cartazes e estandartes. Seu número supera as centenas, segundo o testemunho de um renegado da oposição. Porém, todo o material é imediatamente apreendido por ativistas colocados ao longo do caminho que passam posteriormente a cercar os seus portadores. Ao que parece, somente os estudantes chineses puderam conservar seus cartazes até a Praça Vermelha. Pouco depois, os grupos que já foram localizados são dispersos e atacados, e alguns manifestantes são presos. Um comando invade a Casa dos Soviets, onde Smilgá coloca uma bandeira com palavras de ordem e os retratos de Lenin e Trotski. Os militantes que lá se encontram são atacados. Incidentes idênticos ocorrem no Hotel du Grand Paris, onde Preobrazhenski, que encabeçou a manifestação,

422 Trata-se da comemoração da Revolução Russa, que cai no dia 25 de outubro no calendário juliano, e no dia 7 de novembro, no calendário gregoriano (N. do E.).

é violentamente atacado. Trotski, que chega num carro, tenta dirigir uma coluna de operários até a Praça da Revolução. Imediatamente é cercado por militantes e ridicularizado por eles. Então, um disparo atinge a janela de seu carro. Não existe alternativa a não ser desistir de tentar chegar à praça.

Com o cair da noite, a derrota já é um fato consumado. A partir de então, "trotskistas" e "zinovievistas" se chocam em todas as reuniões da oposição. "Lev Davidovich, chegou o momento de ter coragem o bastante para capitular", diz Zinoviev, ao que Trotski responde: "Se esta coragem bastasse, a revolução já teria triunfado no mundo inteiro"[423]. Ambos são expulsos do partido no dia 15. Rakovski, Evdokimov, Smilgá e Kamenev são expulsos do Comitê Central. No dia 16, Adolf Yoffe, velho amigo de Trotski, afetado por uma doença incurável, se suicida. Pela última vez, os dirigentes da oposição falam com seus partidários no dia 19, no enterro de Yoffe, que é presenciado por 10 mil pessoas, segundo Trotski, ou vários milhares, segundo Serge: "A luta continua. Que todos permaneçam em seus postos!", diz Trotski. Rakovski, em nome de todos os presentes, pronuncia o juramento solene de seguir até o final a bandeira da revolução.

O XV Congresso

Os preparativos do congresso continuam sob o signo dominante da luta contra a oposição. Os dirigentes da maioria indicam o tom durante as conferências preparatórias. Tomski declara: "Stalin não fugiu em nenhum momento de seu papel de chefe. A ofensiva da oposição pretendia apresentá-lo como um obscuro malfeitor, e aos membros do Comitê Central e do Birô Político como uma série de lacaios e aduladores por ele manipulados. Abaixo destes se encontraria um aparato de funcionários temerosos do secretário Stalin e, ainda mais abaixo, outros militantes, com medo do secretário de célula". Esta é uma hipótese ridícula, diz Tomski, uma das fábulas que não servem para nada. Como um partido onde cada um teme os demais poderia dirigir um Estado imenso?", e voltando-se aos ex-camaradas que são acusados de querer constituir um "segundo partido", pronuncia a frase que a história atribuirá a Bukharin: "Sob a ditadura do proletariado, podem existir dois, três e até quatro partidos, com a condição de que um deles se encontre no poder e os demais na cadeia"[424]. Bukharin é tão taxativo quanto Tomski: "Nós já enfrentamos todas as formas de luta, exceto um levante armado. [...] Porém, quando eles já organizaram uma greve, a única opção que lhes sobra é sempre um levante armado"[425].

Quando é aberto o congresso, no dia 2 de dezembro, já se sabe que o aparato exige uma capitulação incondicional e uma renúncia total: "A oposição, diz Stalin,

---

423 SERGE, Victor, *Mémoires*, p. 226.

424 *Discurso pronunciado diante da Conferencia de Leningrado*, em *Correspondence Internationale*, nº120, 3 de dezembro de 1927, p. 1758.

425 *Corresponde Internationale*, nº120, p. 1754.

deve capitular por inteiro e incondicionalmente, tanto no plano político quanto no da organização. Devem renunciar às suas opiniões antibolcheviques, aberta e honestamente, perante o mundo inteiro. Devem denunciar as faltas que cometeram e que se converteram em crimes contra o partido"[426].

A partir do dia seguinte, parece ficar bem claro que a oposição começa a se desintegrar. Rakovski, que se nega a fazer qualquer tipo de "autocrítica", é expulso da tribuna. No entanto, Kamenev será escutado. Sua intervenção, pungente e corajosa, pressagia a morte dos bolcheviques. "É preciso, diz, buscar o caminho da reconciliação". A via do "segundo partido" seria "desastrosa para a revolução", devemos "descartar totalmente esta possibilidade, negada por todos os ensinamentos de Lenin sobre a ditadura do proletariado". O único caminho possível é "submeter-se a todas as decisões do congresso, por mais duras que estas possam parecer". No entanto, Kamenev solicita aos delegados que não peçam o impossível aos seus amigos: "Se renunciássemos às nossas teses, não seriamos bolcheviques. Camaradas, até esta data, jamais o partido exigiu de seus militantes que estes renunciassem às suas opiniões pessoais. (...) Se eu fosse obrigado a subir aqui e declarar que renuncio às teses desenvolvidas em meus escritos nas últimas semanas, isto seria hipocrisia da minha parte, e tal hipocrisia não parece necessária (...). Estendam-nos sua mão em nosso auxílio"[427].

Porém, a comissão eleita no congresso se mostra inflexível: exige que os oposicionistas condenem de forma explícita as ideias da oposição. Ordzhonikidze, ao ler, no dia 10, o informe elaborado pela comissão, se lamenta de que estes "antigos bolcheviques" obriguem o partido a sanções tão graves e propõe a expulsão, dado que estes não condenaram explicitamente a plataforma da oposição. Rakovski, Radek e Muralov declaram que de modo algum renunciarão à defesa individual de suas ideias. Entretanto, os zinovievistas cedem; Kamenev, Badaiev e Evdokimov aceitam as condições impostas. Em seu nome, Kamenev afirma: "Nos vemos obrigados a submeter nossa vontade e nossos juízos à vontade e ao juízo do partido, único juiz supremo do que é útil ou nocivo para o progresso da revolução"[428].

No entanto, o aparato exige ainda mais. A edição de 1938 da *História do Partido Comunista da URSS (bolchevique)* vai dar uma justificação de tais exigências. O partido

> exigiu um certo número de condições prévias para a reintegração dos militantes. Os expulsos deveriam: a) condenar abertamente o trotskismo como uma ideologia antibolchevique e antissoviética; b) reconhecer publicamente que a única política justa é a seguida pelo partido; c) submeter-se incondicionalmente às decisões do partido e de seus organismos; d) passar por um

426 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, pp. 318-319.
427 *Correspondence Internationale*, nº128, 1927, p. 1965.
428 *Correspondence Internationale*, nº3, 11 de janeiro de 1928, p. 54.

período de observação, durante o qual o partido controlaria os autores da declaração, considerando, depois deste momento, e segundo os resultados desta observação, se eles devem ser readmitidos. O partido considerava que o reconhecimento público de todos estes pontos pelos expulsos teria uma importância positiva, pois romperia a unidade do bloco de trotskistas e zinovievistas; serviria também para demonstrar seu poder e a correção de sua linha, permitindo-lhe, caso os autores das declarações agissem de boa-fé, reintegrar seus valorosos membros e, em caso de má fé, denunciá-los frente a todos, não mais como homens equivocados, mas como verdadeiros carreiristas sem princípios, como pessoas que tratam de enganar a classe operária com uma série de fraudes comprovadas[429].

Ao submeterem-se a tais exigências, os antigos oposicionistas renunciavam de fato a todo tipo de opinião pessoal e, como consequência, à possibilidade de, posteriormente, vir a expressar qualquer tipo de divergência, por menor que fosse, com a direção. O que se exigia deles era uma capitulação definitiva e incondicional, um verdadeiro suicídio político. Durante uma semana, os membros da oposição continuam vacilando. Porém, finalmente, no dia 18, decidem capitular e condenar expressamente as ideias da oposição – suas próprias ideias – como errôneas e "antileninistas". Bukharin os parabeniza com uma alegria feroz: "Vocês fizeram a escolha correta. Este era o último prazo, a cortina de ferro da história estava descendo neste exato instante"[430]. Este último ato, por outro lado, só os faz merecedores de uma graça ínfima. A Comissão de Controle decide examinar sua solicitação de reintegração somente dali a seis meses; portanto, continuam expulsos. Rakovski, Smilgá, Radek e Muralov declaram no mesmo dia: "Se formos expulsos do partido, faremos o possível para voltar a ele. Estamos sendo expulsos por nossas ideias, mas nós consideramos que estas são bolcheviques e leninistas. Não podemos renunciar completamente a elas"[431].

Os dois caminhos

Assim acaba a aliança de Zinoviev e Kamenev com Trotski. Apesar da repugnância que isto lhes causa, depois de uma longa agonia, terminam por renegar suas ideias, fazendo perante Stalin o que em vão exigiram que Trotski fizesse perante a *troika*, da qual faziam parte em 1924. Eles também eram "burocratas" e "homens do aparato", derrotados em sua pequena guerra. Tentaram eles, como pensou Trotski, despertar a misericórdia e merecer o perdão ajudando Stalin a liquidar Trotski o quanto antes com seu isolamento? No dia 27 de janeiro de 1928, o *Pravda* publica uma carta assinada por eles, na qual atacam os "trotskistas". No entanto, este cálculo supõe uma prévia análise da situação. Por acaso subes-

429 *Histoire du PC (b) de l'U.R.S.S.*, (ed. 1949), p. 321.
430 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed, op. cit.*, p. 388.
431 *Correspondence Internationale*, nº3, 11 de janeiro de 1928, p. 53.

timaram a profundidade da transformação sofrida por este mesmo partido que Kamenev considerava incapaz de realizar "processos inquisitórios"? Pensaram, talvez, que era necessário, no caso de uma rápida inversão da situação, permanecer dentro do partido para poder atuar a partir do mesmo no momento decisivo? Ou, pelo contrário, pensaram que durante décadas não existia outra perspectiva por fora da opressão e da força da burocracia e que sua única saída, tanto pessoal quanto política, não poderia ser outra a não ser seguir os passos do partido? Atualmente, ainda é impossível responder a tais questões. No entanto, um fato é certo: nenhum dos velhos bolcheviques parece ter previsto o caminho repleto de capitulações que se abria à sua frente e que, em menos de dez anos – dezenove anos depois da revolução –, os levaria a acusar-se dos crimes mais horrendos que se pode imaginar, sentados no banco dos réus dos novos processos de caça às bruxas.

Os irredutíveis não vão segui-los. Rakovski, Smilgá, Muralov e Radek, bem como o próprio Trotski, condenam explicitamente a perspectiva de criar um "novo partido". Assim como Zinoviev e Kamenev, opinam que o partido pode ser recuperado, se se livrar de sua "excrescência parasitária" – a burocracia. Mas não creem de modo algum na possibilidade de que permanecer a qualquer custo no partido possa facilitar esta regeneração. Rakovski declara: "Abster-se de defender nossas ideias significaria renunciar a elas; com isto faltaríamos com nosso mais elementar dever para com o partido e a classe operária"[432]. Desta forma, o vão que separava os dois principais grupos da oposição no início de 1926 se transforma em um abismo. Quando Zinoviev e Kamenev estão convencidos da vitória, Trotski já espera o pior: a calúnia e a exterminação física. Como consequência, se prepara para uma longa luta, cujo resultado não parece nada claro: "Nosso dever, diz a Victor Serge, é esgotar todas as possibilidades de regeneração. Podemos acabar como Lenin ou como Liebknecht. Devemos estar à altura de ambas as eventualidades"[433]. Certamente, isto explica uma postura que muitos historiadores qualificaram como "suicídio político" e na qual encontram uma série de vacilações e contradições. A revolução europeia fracassou, a URSS vai permanecer isolada durante muito tempo e a direção stalinista compromete seriamente as possibilidades de vitória das futuras revoluções proletárias. Entretanto, o pêndulo da história voltará ao ponto revolucionário mais cedo ou mais tarde. Até que chegue este momento, é preciso resistir, "salvaguardar as tradições revolucionárias, manter o contato com os elementos avançados dentro do partido, analisar o desenvolvimento do período termidoriano e preparar-se para o próximo levante revolucionário, tanto na URSS quanto em escala mundial"[434]. Em uma palavra, já não se trata de lutar pelo hoje,

---

432 *Ibid.*

433 Citado por SERGE, Victor, *Mémoires..., op. cit.*, p. 216.

434 TROTSKI, Leon, *Stalin, op. cit.*, p. 523.

mas sim pelo amanhã, preservando para o dia em que as massas voltem à cena histórica a herança do bolchevismo, que está sendo adulterada e que, de outra forma, seria destruída pelos stalinistas.

Teriam razão os irredutíveis ao quererem "esgotar todas as possibilidade de regeneração"? Hoje, certamente, é fácil rir de tais ilusões e de seu temor "fetichista" de uma possível restauração do capitalismo. O fato é que o caminho ainda era longo: os 1.500 "trotskistas" expulsos do partido, as centenas - que em pouco tempo se converteriam em milhares - de oposicionistas, que, depois de Trotski (deportado no dia 17 de janeiro de 1928 para Alma-Ata), Preobrazhenski, Rakovski, Sosnovski, Smilgá, Serebriakov e Sapronov, serão enviados para a Sibéria, são apenas a vanguarda em uma estrada que, mais tarde, será percorrida pela quase totalidade dos bolcheviques que participaram da revolução, jovens ou velhos, independentemente, inclusive, das posições adotadas durante a grande batalha política de 1926-1927.

11

A OPOSIÇÃO DE DIREITA

Enquanto se desenvolvem os conflitos políticos, em segundo plano prossegue uma lenta transformação do partido. O censo de janeiro de 1927 registra uma proporção de 30% de operários, 10% de camponeses, 8% de militares e 38% de funcionários. Um informe de janeiro de 1928, dirigido ao Comitê Central, revela que, dos 638 mil membros do partido que em 1927 eram classificados como "operários", 184 mil, na realidade, são funcionários. Assim, continua o processo que o informe chama de "êxodo da classe operária em direção ao aparato estatal". O aparato, no sentido estrito da palavra, duplicou desde 1924 e podemos inferir em aproximadamente 30 mil o número de *apparatchiks* que são funcionários liberados do partido, nascidos mais devido ao refluxo das massas do que à iniciativa de Stalin, como muitos historiadores afirmam. Porém, é um fato que seus métodos e seu estado de ânimo propiciam o surgimento de uma série de quadros à sua imagem e semelhança, completamente diferentes dos bolcheviques dos tempos heroicos.

Neste sentido, a derrota da Oposição de Esquerda se converte de fato na derrota do espírito bolchevique, encarnado naqueles últimos defensores do entusiasmo revolucionário. No entanto, a força do ataque usado para eliminá-la indica a complexidade das novas relações sociais e políticas. O aparato é onipotente, desempenhando um papel de árbitro em um conflito que se agudiza progressivamente no interior do partido, e que se dá entre uma série de forças sociais antagônicas. Porém, a coalizão que defendeu este aparato na luta contra a ala proletária revolucionária está longe de ser homogênea. Na realidade, reúne elementos com diferentes objetivos que se aliaram provisoriamente para fazer frente a um perigo comum, com a evidente intenção de disputar os resultados depois da vitória. A partir de 1926, Trotski distinguirá três grupos no interior da direção: o dos burocratas sin-

dicais, representado por Tomski; o da direita pura, que reflete a pressão da massa camponesa e é encarnado por Bukharin e Rikov; e, por último, o que representa o aparato, o "centro", encabeçado por Stalin e Kirov[435]. A derrota da Oposição Unificada acelera a explosão do conflito latente, pois o centro não pode tolerar uma situação que o converte em refém da direita. A pressão dos acontecimentos, e em particular das decisões econômicas, obriga o aparato a iniciar, a partir do dia seguinte ao XV Congresso, uma batalha contra a direita. A respeito deste setor à direita, devemos admitir que, entre a pressão camponesa e o temor das aventuras, comuns a qualquer fração burocrata, ela expressa também – ainda que de maneira um tanto deformada e mais vaga do que a Oposição Unificada – os ecos do tempo em que o partido bolchevique retirava suas forças das discussões e de sua disciplina voluntária.

A crise dos alimentos e o giro à esquerda

Contra a oposição, que previa as piores catástrofes e falava do perigo de restauração capitalista gerado pelo progresso do camponês rico e pela lentidão do desenvolvimento industrial, a direção havia mantido no XV Congresso a linha defendida por Bukharin desde 1924. Nesta ocasião, Stalin havia falado insistentemente dos "medrosos" da esquerda que, apesar de saber que a NEP leva ao fortalecimento dos *kulaks* "empalidecem de medo e pedem socorro, gritando: Assassino! Polícia!", tão logo os *kulaks* "surgem em uma esquina". A situação, no entanto, está longe de ser tão tranquila. Já no fim do ano, as informações oficiais admitem a existência de 1 milhão e 700 mil desempregados, enquanto cerca de meio milhão de pessoas trabalham exclusivamente na contabilidade da indústria estatal. A fome volta a aparecer nas cidades. Apesar da superfície cultivada ter alcançado sua maior extensão desde o fim da guerra e das colheitas de 1925, 1926 e 1927 estarem entre as melhores que o país já conheceu, as entregas de trigo em 1927 são menos da metade das de 1926.

No início do inverno de 1927 se produzem os primeiros incidentes entre os encarregados da colheita de grãos e os camponeses que exigem o aumento do preço do trigo. Até o final do ano as dificuldades se multiplicam: os camponeses ricos que podem se permitir o luxo de esperar, cansados de vender sua colheita sem obter em contrapartida os produtos industriais, armazenam seus excedentes na expectativa de uma alta dos preços. No começo de janeiro já é evidente que a quantidade de trigo no mercado diminuiu em cerca de 25%. Durante os meses seguintes as cidades são ameaçadas pela inflação; os dirigentes locais do partido e dos soviets, acostumados a reprovar a "subestimação trotskista dos camponeses", temem ter de recorrer a medidas coercitivas que poderiam resultar na gravíssima acusação de terem contribuído para "romper a aliança de operários e camponeses".

435 *Plateforme de l'opposition de gauche*, Paris, Faussecave, 1927, pp. 30-31.

No dia 6 de janeiro, frente à gravidade da situação nas cidades, o Birô Político toma uma série de "medidas de urgência" que são comunicadas ao partido, porém não publicadas. A mais radical de todas elas é a ordem de aplicar imediatamente aos *kulaks* que retêm os grãos o artigo 107 do Código Penal, que prevê a expropriação dos estoques dos especuladores e determina, para facilitar a distribuição, que da totalidade do trigo expropriado, um quarto seja distribuído entre os camponeses pobres. Apesar disto, os resultados são insignificantes e uma verdadeira mobilização se faz necessária. No dia 15 de fevereiro, ao reproduzir um informe de Stalin, o editorial do *Pravda* anuncia em seu título a viragem da política: "O *kulak* ergue sua cabeça". É adotada então uma série de medidas de urgência, desta vez de forma pública e oficial: a expropriação dos estoques, a aplicação do artigo 107, o empréstimo forçado de grãos, chamado de "leis de autoimposição", o congelamento dos preços, a vigilância sobre o preço do pão e a proibição da compra e venda direta nos povoados. O artigo denuncia a aparição no partido e no aparato do Estado "de certos elementos estranhos ao partido, que não aplicam nossa política de classe no âmbito rural, fazendo seu trabalho sem defender as aldeias, vivendo em paz com o *kulak* e, em geral, preservando sua popularidade com todos os setores dos povoados". Trata-se de um verdadeiro chamado à luta emitido pelo próprio partido contra a mesma "ideologia *kulak*" que a Oposição Unificada havia denunciado durante anos, mas cuja existência real havia sido negada inúmeras vezes. Inicia-se a batalha do trigo, que é travada sem vacilações; mais de dez mil militantes das cidades são mobilizados e enviados ao campo para colocar um fim à "campanha de armazenamento". Como consequência, nas regiões onde ocorrem as retenções de grãos, o aparato do partido e as cooperativas passam por uma onda de expurgos.

No campo, acontece uma infinidade de incidentes: Bukharin confidenciará posteriormente a Kamenev que em seis meses teve que reprimir cento e cinquenta rebeliões camponesas. O uso da força para executar as requisições de trigo, o medo da fome nas cidades e os gritos de alarme da direção parecem ressuscitar, tanto no campo quanto nas cidades, o comunismo de guerra. Os jovens operários comunistas que foram mobilizados se lançam à luta para alimentar seus irmãos e acabar com o inimigo de classe. Os camponeses médios temem a ofensiva tanto quanto os *kulaks*: todo o campo está em pé de guerra.

A sessão do Comitê Central de abril, depois de comprovar que as requisições foram importantes para combater a situação, condena "as deformações e excessos cometidos na base pelos órgãos do partido e os soviets", anula a proibição da compra e venda livre, proíbe toda a expropriação que não se opere como aplicação do artigo 107, suprime a distribuição obrigatória das colheitas e dissolve os grupos armados que vigiam a circulação do trigo. Ainda assim, ao mesmo tempo em que reconhece que sua política fiscal foi incapaz de impedir o desenvolvimento do poder econômico dos *kulaks*, que "exercem na atualidade uma considerável influ-

ência sobre o mercado", o Comitê Central refuta as acusações de haver implantado novamente as políticas do comunismo de guerra. Stalin afirma: "A NEP é a base de nossa política econômica e seguirá sendo durante um longo período histórico". Rikov reconhece que a crise do trigo surpreendeu a direção do partido; no entanto, a ênfase no fortalecimento da disciplina e na mobilização das forças econômicas indica que alguns querem adotar uma nova política e virar suas costas para a NEP.

No fim de abril, a crise do trigo parece retornar. No dia 26, o *Pravda* emite um chamado para que não se abandone a "pressão de classe" exercida sobre os *kulaks*. Assim, são restauradas as medidas de emergência. Pouco tempo depois, a imprensa simula a descoberta de uma suposta "sabotagem" nas minas de Donetz para continuar mantendo o alarme e colocar em guarda os trabalhadores contra "as novas formas e métodos que adota a burguesia na luta contra o Estado proletário e a industrialização socialista".

De fato, a viragem à esquerda que ocorre durante a crise do trigo é um ensaio geral de uma viragem política de grande alcance. No fim de maio, durante um discurso público, Stalin esboça os pontos gerais de uma política que já não é a do XV Congresso, afirmando que, no plano agrícola, "a solução está na transição das propriedades camponesas individuais para as grandes plantações coletivas" e que, sob hipótese alguma, se deve "atrasar o desenvolvimento da indústria pesada e fazer da indústria ligeira, que produz sobretudo para o mercado camponês, a base da indústria em seu conjunto"[436]. A sessão do Comitê Central de julho de 1928 presenciará o primeiro choque, fora do Birô Político, entre Stalin e seus adversários da direita, Bukharin, Rikov e Tomski, no prólogo do último grande conflito semipúblico que surge no seio do partido.

As posições da direita têm em Bukharin um porta-voz eloquente. A experiência dos anos transcorridos desde sua primeira grande polêmica com Preobrazhenski deixou nele marcas profundas. Nesta ocasião, defende uma política direitista – porém, convenientemente corrigida – desde os organismos dirigentes e em alguns artigos, sobre tudo no intitulado "Notas de um economista", que aparece no *Pravda* de 10 de setembro de 1928. O polemista incorrigível começa destacando o crescente contraste entre a necessidade que experimentam as massas de "ir até o fundo nos assuntos" e "o alimento espiritual que lhes é oferecido, completamente cru ou insípido"[437]. O partido, com seu empirismo, está sempre atrasado em relação aos acontecimentos, assim como aquele *mujik* que se benze somente depois que troveja. O objetivo a que se propõe Bukharin é elaborar uma investigação teórica que permita atuar sobre as leis gerais do desenvolvimento da sociedade de transição "nos países de população pequeno-burguesa, atrasados e com uma periferia hostil"[438]. Aponta os progressos experimentados pela produção, assim como

436 *Correspondence Internationale*, nº54, 9 de junho de 1928, pp. 642-644.
437 *Notas de um economista*, em *Correspondence Internationale*, n.º 126, 20 de outubro de 1928, p. 1369.
438 *Ibid.*, p. 1370.

a periódica aparição de "crises" de um tipo especial, que só aparentemente são parecidas às experimentadas pelo capitalismo, já que apresentam características inversas, entre as quais destaca a "escassez das mercadorias", em oposição à superprodução capitalista. A partir disto, conclui que é possível

> determinar para uma sociedade que se encontre no período de transição os esquemas da reprodução, quer dizer, as condições em que se opera uma exata coordenação das diferentes esferas da produção entre si, ou, em outros termos, estabelecer as condições para um equilíbrio econômico dinâmico. E isto se materializa essencialmente na tarefa de elaborar um plano para a economia nacional que se assemelhe cada vez mais a um balanço de toda a economia, a um plano projetado conscientemente que constitua ao mesmo tempo um prognóstico e uma diretiva[439].

Esta análise leva Bukharin a pensar que as crises não são de modo algum inevitáveis na sociedade de transição. De fato, por um lado, refletem a tendência socialista de uma nova economia, cujo impulso deve ser dado pelo aumento das necessidades, não revelando, portanto, nenhum tipo de antagonismo fundamental. Por outro lado, as crises agudas são um simples resultado da relativa anarquia, quer dizer, da relativa falta de um plano de conjunto, inevitável na medida em que a política da NEP se baseia na existência de "pequenas economias" e que a produção individual de trigo constitui um "fator anárquico". De tudo isto, deduz: "Para obter o melhor tipo de reprodução social e o sistemático crescimento do socialismo, o que supõe uma correlação de forças de classe mais vantajosa ao proletariado, é preciso esforçar-se por encontrar a combinação mais justa dos elementos da base da economia nacional, equilibrá-los, dispor destes da forma mais proveitosa possível; é preciso influenciar ativamente o processo econômico e a luta de classes"[440].

Com esta perspectiva, o problema das relações entre a cidade e o campo poderia ser estudado à luz de suas relações no âmbito capitalista. A história demonstra que a força e a amplitude do desenvolvimento industrial alcançaram seu ponto máximo nos Estados Unidos, onde não existiam antes nem relações feudais, nem renda da terra e onde os fazendeiros acomodados formavam um bom mercado para a indústria. É necessário, diz, ao contrário do que se afirma nas teses trotskistas, que qualificavam a agricultura como uma forma pré-revolucionária de economia, elevá-la à categoria de "americana": "O ritmo máximo de desenvolvimento industrial não será obtido arrancando, ano após ano, a maior quantidade possível de recursos dos camponeses para investi-los na indústria. O ritmo permanente ideal se obterá a partir de uma combinação na qual a indústria se desenvolva apoiando-se em uma economia rural de rápido crescimento"[441].

439 *Ibid.*, p. 1371.
440 *Ibid.*
441 *Ibid.*, p. 1372.

Em outras palavras, opina que "o desenvolvimento da indústria depende do desenvolvimento capitalista", afirmando, ao mesmo tempo, que "o desenvolvimento da agricultura depende da indústria, ou seja, uma agricultura sem tratores, sem fertilizantes químicos e sem eletrificação está condenada à estagnação". "A indústria é a alavanca principal da transformação radical da agricultura"[442]. Este é o ângulo desde o qual analisa a crise do trigo, preparada pela estabilidade da economia do trigo, e cujas principais manifestações foram a crescente desproporção entre os preços do trigo e dos outros cultivos técnicos, o aumento da renda de origem não agrícola dos camponeses, a oferta insuficiente de produtos industriais para o campo e a crescente influência econômica do *kulak*. A manutenção obrigatória de preços baixos para o trigo levará inevitavelmente à estagnação e, mais adiante, à regressão da economia do trigo. A política de "pressão" é a responsável direta pela crise do trigo e, portanto, dos resultados industriais. O desenvolvimento da agricultura e do cultivo do trigo não deve ser contraposto ao da indústria: "Este é um caso onde a verdade se encontra exatamente no meio"[443].

Em sua resposta ao esboço elaborado por Stalin, Bukharin destaca que o ponto de vista que exige o aumento da produção coincide de forma clara com aquele que defende a "substituição de classe", quer dizer, a progressiva substituição dos elementos capitalistas na agricultura pela coletivização das propriedades individuais de camponeses pobres e médios e pela transição às grandes empresas no campo. No entanto, destaca: "Se trata de um problema formidável que é preciso resolver em base ao *desenvolvimento* das propriedades individuais, que exigem grandes investimentos em tecnologia e também de quadros"[444]. Ao rechaçar as perspectivas de aceleração do ritmo da industrialização, propõe simplesmente a busca pela estabilização no presente período.

Em uma crítica feroz aos métodos empregados – "não se pode construir uma fábrica de hoje com os tijolos de amanhã" –, faz igualmente uma crítica às enormes despesas improdutivas dos ciclos de produção, doze vezes superiores às da indústria americana. Também critica o desperdício de matérias-primas, cuja quantidade empregada na indústria russa supera em uma vez e meia ou duas vezes a empregada nos Estados Unidos para uma mesma produção. Estes são os fatores sobre os quais se deve atuar para garantir recursos, mantendo o ritmo de industrialização sem afetar de forma mais grave a condição dos trabalhadores. Para isto, é imprescindível aprender novas técnicas, elevar o nível cultural e formar engenheiros e administradores. Sua conclusão soa como uma profecia: "Nos poros de nosso gigantesco aparato se alojaram elementos de degeneração burocrática absolutamente indiferentes às necessidades das massas, à sua vida e seus interesses materiais e culturais (...). Os funcionários estão dispostos a elaborar qualquer tipo de plano"[445].

442 *Ibid.*

443 *Correspondence Internationale*, nº127, 24 de outubro de 1928, p. 1388.

444 *Ibid.*, nº128, 27 de outubro de 1928, p. 1407.

445 *Ibid.*, nº131, 31 de outubro de 1928, p. 1440.

Desta forma, em uma de suas últimas manifestações públicas, Bukharin, invocando a ciência econômica desenvolvida por Marx, condena todas as concepções autoritárias de planificação. Afirma que qualquer tentativa de criar recursos econômicos – seja voluntariamente ou por militarização – não pode gerar nada além de uma edificação estatal estranha ao espírito do socialismo, vendo nesta o principal fator da degeneração que o partido vive desde 1918. Em 1928, recorda o que havia declarado em 1922, ao rebater a ideia de uma economia cuja direção se encontrasse por inteiro nas mãos do proletariado:

> Se nos colocarmos esta tarefa, nos veremos obrigados a pôr em funcionamento um aparato administrativo colossal. Para cumprir as funções econômicas relativas aos pequenos produtores, camponeses pobres etc., necessitaremos de muitíssimos empregados e administradores. A tentativa de substituir todas estas pessoas simples por burocratas gera um aparato tão colossal que os gastos necessários para mantê-lo são infinitamente maiores que os gastos improdutivos que resultam das condições anárquicas em que se encontra hoje a produção em pequena escala. Nesta forma de administração global, a totalidade do aparato do Estado proletário, definitivamente, não só não oferece nenhum tipo de facilidade, como atrapalha o desenvolvimento das forças produtivas e leva diretamente ao objetivo oposto ao que se propunha. Esta é a razão pela qual o proletariado tem a imperiosa necessidade de destruí-lo. (...) Se o proletariado não o fizer, outras forças serão encarregadas de colocar um ponto final em seu domínio[446].

A crítica de Bukharin, que de fato se opõe completamente à elaborada pela Oposição Unificada tanto em suas premissas quanto em sua análise imediata, o leva a um estudo do Estado e do papel da democracia operária. Suas "Notas de um economista" são concluídas com uma confissão que também é um chamado: "Estamos supercentralizados. Não teríamos condições de dar alguns passos em direção ao Estado-comuna de Lenin?". Na ocasião do quinto aniversário da morte de Lenin, analisa seus últimos artigos em um trabalho que leva o título de "O testamento político de Lenin". Neste, Bukharin afirma que o Estado operário "constitui uma etapa perfeitamente definida da transição para o Estado-comuna, de onde infelizmente ainda estamos muito, muito longe". Sobre este problema Lenin tenta encontrar possíveis saídas e afirma: "Devemos nos voltar às fontes históricas de nossa ditadura; e, sem dúvida, a mais profunda de todas elas são os operários avançados"[447]. Alguns dias mais tarde, Bukharin irá escrever que a "participação das massas deve ser a garantia fundamental contra uma possível burocratização de um grupo de quadros"[448].

---

446 *Pravda*, 12 de setembro de 1928, citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 255.
447 *Pravda*, 24 de janeiro de 1929, citado por DANIELS, Robert, *Ibid.*
448 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 356.

As oposições na encruzilhada

Por todos estes fatos não devemos nos surpreender que, de diferentes lados e, principalmente do ponto de vista dos próprios protagonistas, tenha se considerado a viabilidade de uma aproximação entre direita e esquerda, o que seria facilitado pelas amistosas relações pessoais mantidas, inclusive enquanto a luta entre as frações estava em seu maior auge, entre Trotski e Bukharin.

No entanto, a primeira reação da Oposição de Esquerda frente à "viragem" da linha oficial está repleta de ironia. Trotski afirma: "Nos inteiramos do que sabíamos há muito tempo: a existência, dentro do partido, (...) de uma forte ala de direita que pressiona a favor de uma neo-NEP, o que é o mesmo que uma tentativa de restauração do capitalismo por etapas"[449]. Preobrazhenski destaca que a viragem confirma a análise feita pela oposição e vem determinar sem equívocos a bancarrota da direção; as medidas de urgência, apesar de necessárias, acabam se demonstrando insuficientes, sendo necessária uma série de intervenções estatais para reduzir o consumo imediato e satisfazer a demanda do campo por produtos industriais. Stalin, entretanto, parece logo se decidir por aplicar esta parte do programa da oposição.

Passada a satisfação inicial de amor próprio, os oposicionistas passam a se fazer uma série de perguntas: Se a "viragem à esquerda" é definitiva, não fomos muito longe ao denunciar Stalin como o "protetor do *kulak*"? Trotski opina que é necessária uma posição de "apoio crítico" à nova política de Stalin: o chamado aos operários, e à luta de classes, facilita a luta pela democracia interna, e o enfraquecimento do kulak libera as energias proletárias. No entanto, as novas perspectivas começam a dividir a oposição: Piatakov capitula e é seguido pelo zinovievista Safarov, que diz a todos os que permanecem irredutíveis: "Agora tudo vai acontecer por fora de nós!"[450]. A ala irredutível, os decistas, que consideram que o Estado está nas mãos dos *nepmans* e dos *kulaks*, se nega a aceitar que a nova linha de esquerda vá perdurar: sua influência se faz sentir entre os jovens trotskistas que demonstram menos sensibilidade aos problemas de política econômica, se atendo mais às exigências de liberdade de expressão. Por outro lado, os veteranos vacilam. Preobrazhenski considera que Stalin empreende uma nova política, pressionado pela inelutável necessidade das "leis objetivas". Todas suas hipóteses parecem se confirmar. Uma nova viragem à direita parece impossível, pois provocaria uma explosão de elementos pró-capitalistas, de forma que Stalin e até o próprio Bukharin se veriam obrigados a voltar à política aprovada em janeiro para enfrentá-los. Por isto, Preobrazhenski propõe à oposição que esta solicite uma autorização para realizar uma assembleia legal, onde possa discu-

---

449 TROTSKI, Leon, *L'Internationale communiste après Lénine*, p. 74. Publicado em português pela Editora Sundermann como *Stalin, o grande organizador de derrotas*. São Paulo, 2010.
450 Citado por DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 417.

tir a situação e debater uma nova linha. A sua opinião pessoal inclina-se a uma aliança com o centro, que, em sua opinião, "reflete uma política proletária da maneira que um espelho deformador poderia fazê-lo"[451]. Sua proposta é rechaçada. Entretanto, suas ideias se propagam e recebem o reforço de Radek. Este último, afetado pela derrota e pela deportação, primeiro se mostra desolado: "Não posso acreditar - escreve a Sosnovski - que de toda a obra de Lenin e da revolução só tenham sobrado em nosso tempo 5 mil comunistas em toda a Rússia"[452]. A viragem à esquerda levanta sua moral: os stalinistas, no fundo, são a retaguarda do proletariado, cuja vanguarda é a oposição. Como consequência, ele também se inclina a uma posição de aproximação. A duras penas, Trotski consegue preservar a unidade da oposição, e isto somente porque a sessão do Comitê Central celebrada em julho parece imprimir uma nova mudança de rumo, agora para a direita, colocando um fim na "viragem à esquerda". Este é o momento em que Bukharin se aproveita para, valendo-se da mediação de Sokolnikov, se colocar em contato com Kamenev e, com ajuda deste, com os oposicionistas de Leningrado. Em sua opinião, a política de Stalin leva o país à guerra civil: "Este é um dirigente sem princípios que é capaz de tudo em sua ânsia pelo poder. (...) Ele fez certo número de concessões para poder nos degolar melhor. (...) Só conhece a vingança e as punhaladas pelas costas". Desesperado, perseguido pela GPU, repetirá mais de uma vez: "Ele nos assassinará! É o novo Gengis Khan, nos estrangulará". Sua intenção ao tentar se aproximar de Kamenev é evitar o que, segundo ele, seria um erro fatal: os partidários de Zinoviev e de Trotski não devem de modo algum aliar-se com Stalin. "Nossas divergências com Stalin são muitíssimo mais graves que as antigas diferenças que tivemos com vocês". Em todo caso, não se trata de um debate de ideias, pois, segundo Bukharin, Stalin parece não tê-las. "Altera suas teorias segundo a necessidade que tem de se livrar de alguém em um ou outro momento". Trata-se de uma batalha para salvar o partido, o socialismo e a vida de todos os seus adversários, pois, à sua maneira, Stalin havia adotado as teses de Preobrazhenski sobre a acumulação socialista primitiva. Desta, parece ter deduzido que, quanto maior o progresso do socialismo, mais forte se tornará a resistência popular. Bukharin afirma: "Isto significa criar um Estado policialesco, mas nada poderá deter Stalin; (...) afogará todas as rebeliões em sangue e nos denunciará como defensores do *kulak*" e complementa: "A raiz do mal se encontra na completa fusão do partido com o Estado"[453]. Para convencer Kamenev, faz uma completa descrição das forças atuais. Stalin "tem" Voroshilov e Kalinin; Ordzhonikidze o detesta e não se moverá; Tomski, durante uma bebedeira, lhe disse que os operários terminariam matando-o; Andreiev, os dirigentes de Leningrado e Yagoda, o chefe supremo da GPU, estão dispostos a lutar contra ele.

451 *Sobre a virada à esquerda*, arquivos de Trotski, citados por *ibid.*

452 Citado por *ibid.*, p. 421.

453 SERGE, Victor, *Vie et mort de Leon Trotsky*, *op. cit.*, pp. 213-214.

Kamenev o escuta e escreve para Zinoviev, aconselhando-o a não responder com muita pressa às propostas que Stalin vai certamente lhe fazer a qualquer momento. Simultaneamente, suplica a Trotski para que este dê algum passo no sentido de uma reconciliação com Stalin. Trotski se nega. Ao julgar a política de Stalin, é preciso considerar não somente o que ele faz, mas também *como* faz. Trotski não aceitará nenhum acordo burocrático, e não aceitará sua reintegração ao partido se não houver um restabelecimento pleno da democracia interna, e com a condição que a direção do partido seja eleita pelo voto secreto. A Bukharin ele responderá em uma carta-circular datada de 12 de setembro; as divergências continuam sendo importantes, porém, pode se considerar a possibilidade de uma colaboração no referente a um ponto específico: a restauração da democracia interna, declarando sua disposição, se Bukharin e Rikov aceitarem, de lutar junto com eles por um congresso preparado e eleito democraticamente.

A maioria dos oposicionistas protesta frente a esta atitude, negando-se a admitir a possibilidade de uma aliança com a direita contra o centro precisamente no momento em que este parece orientar-se para a esquerda. Não seria isto a repetição do ocorrido precisamente durante o termidor francês? Como, de sua parte, os aliados de Bukharin nem sequer iniciaram o que poderia vir a se tornar uma luta em comum, apelando para a opinião pública do partido como fizeram Zinoviev, Kamenev e Trotski em 1926, Stalin poderá jogar com a hostilidade das duas oposições para lançar uma contra a outra. A Oposição de Esquerda está em crise. Os "conciliadores" Preobrazhenski e Radek são seguidos por Smilgá, Serebriakov e Ivan Smirnov: todos eles suplicam para que Trotski abandone sua atitude grandiloquente e rompa seu isolamento. Entretanto, Trotski se nega, convencido de que o tempo trabalha a seu favor – depois de um ano de repressão foram deportados 8 mil oposicionistas, quer dizer, o dobro dos membros com que contava a Oposição Unificada no fim de 1927. Nesta posição será apoiado por Rakovski, Sosnovski e os elementos mais jovens da oposição; um após o outro, os conciliadores abandonam a oposição. A correspondência mantida entre os exilados permite seguir de perto o processo de desintegração acelerada pelo qual o núcleo da oposição passa neste momento. Em 1928, após a capitulação de Safarov, Sosnovski escreve a Vardin que irá seguir os passos do primeiro: "Pedi a que Vaganian me contasse com detalhes o ritual dos funerais judeus: quando vai se retirar o cadáver da sinagoga para ser levado ao cemitério, um acólito se inclina sobre o defunto, chama-o pelo nome e lhe diz: 'Saiba bem que estás morto!'. Vejo aqui uma excelente tradição"[454]. Alguns meses mais tarde, em uma carta que será interceptada pela GPU e que posteriormente será publicada por Yaroslavski, Solnzev escreve: "Reina o pânico e a confusão, se buscam soluções individuais". Ele acusa Preobrazhenski, Radek e Smilgá de terem cometido uma "traição sem tamanho", e deixa transparecer que "Smirnov toma também o caminho

454 SOSNOVSKI, Lev, *Cartas do exílio*, em *Lutte de classes*, n.º 17, janeiro de 1930, p. 71.

da liquidação"[455]. Trotski, que vê os acontecimentos com um maior distanciamento, vira a página no final de julho de 1929, ao escrever: "A capitulação de Radek, Preobrazhenski e Smilgá constitui de certo modo um fato político relevante. Demonstra até que ponto se desgastou a grande geração heroica de revolucionários que conseguiu superar a guerra e a Revolução de Outubro. Três velhos revolucionários de elite abandonam desta maneira, por sua própria conta, o mundo dos vivos"[456].

A batalha preliminar

A ofensiva contra a direita se inicia no partido em junho: uma agitação operária provocada pela insuficiência de alimentos será incentivada pela oposição, cujos membros se multiplicam no campo, se apoiando nos vínculos pessoais que continuam existindo entre os operários e suas famílias camponesas. Os operários das fábricas de Moscou protestam contra as medidas de exceção. Uglanov, secretário do partido em Moscou, critica publicamente a nova linha. Em Leningrado, Kirov se enfrenta com uma situação adversa ao confrontar-se no comitê do partido com Slepkov, discípulo de Bukharin. Frumkin, comissário do povo para as Finanças, protesta contra os métodos coercitivos empregados nas requisições de cereais e recomenda um esforço financeiro máximo que ajude os camponeses pobres que acabam de entrar para as fazendas coletivas. Stalin, então, o faz de bode expiatório, acusando-o de ceder frente à pressão dos *kulaks*.

No dia 4 de junho, o Comitê Central se reúne em Moscou. Kalinin, Molotov e Mikoyan dão seus informes, acentuando a necessidade de preservar a aliança com o camponês médio, admitindo que as medidas de exceção foram meramente circunstanciais e aceitando a possibilidade de um aumento do preço do trigo. A discussão parece estar nas mãos dos direitistas: Stetski e Sokolnikov exigem concessões para os camponeses e uma elevação dos preços; Uglanov descreve o descontentamento popular; Rikov protesta contra a diferenciação estabelecida entre "excessos" e medidas de exceção, e acusa Kaganovich – que acaba de anunciar a necessidade de uma "luta cruel" contra o *kulak* – de ser o apóstolo da violência pela violência. Stalin descreve a política do momento como uma nova etapa da NEP, como um avanço, ao mesmo tempo em que acusa os adversários da coletivização de não serem "nem marxistas, nem leninistas, mas filósofos camponeses com os olhos voltados ao passado"; denuncia como "desvio *kulak*" o grupo dos que pretendem que o Comitê Central volte atrás na política da NEP. A intervenção de Bukharin é grave e prudente. Ele teme que se produza uma revolta do conjunto dos camponeses, liderada pelos *kulaks*; e destaca, contra Stalin, que os preços constituem um dos instrumentos decisivos com que conta o governo para pressionar os camponeses individualmente. A ofensiva contra os *kulaks* deve ser comple-

455 *Correspondence Internationale*, nº102, 9 de outubro de 1929, p. 1415.
456 Reproduzido em TROTSKI, Leon, *Les crimes de Staline*, Paris, Grasset, 1938, p. 265.

mentada por uma série de medidas de política fiscal: o objetivo essencial deve ser não provocar o descontentamento dos camponeses médios, pois isto reforçaria a posição do *kulak*. Uma resolução comum, tomada de forma unânime, ressalta que as medidas de urgência já alcançaram seus resultados e decide revogá-las; proíbe igualmente as expropriações e, principalmente, autoriza um aumento de 20% no preço do pão. A impressão geral é de um triunfo da direita: Trotski se refere então à "última fase do termidor".

O VI Congresso da Internacional

O VI Congresso da Internacional Comunista, que ocorre em Moscou durante os meses do verão, reflete, entretanto, um importante retrocesso de Bukharin, que continua ocupando o posto de presidente de uma organização cujo controle escapa progressivamente de suas mãos. A Internacional é, de fato, um campo de prova para os grupos que se enfrentam no partido russo. A linha seguida pelos partidos comunistas estrangeiros desde 1923 não é mais do que um mero reflexo das oscilações da política russa. A este respeito, a política direitista do período de 1925-1927 foi um escandaloso fracasso: o Comitê Anglo-Russo e a derrota chinesa são boas provas disto. Stalin, que a princípio se negou a reconhecer tais fatos, não poderá seguir durante muito tempo com esta atitude. A partir da metade de 1927 parece notar-se um novo giro: como ocorreu com Brandler em 1924, Chen Duxiu converte-se no responsável por uma política que foi aplicada por ordem do Comitê Executivo, ou seja, pelo Birô Político do partido comunista russo. Já apontamos mais acima como Lominadze e Neumann lançam, em pleno refluxo, a mesma política dos tempos de ofensiva, política esta que fora combatida pela direção Stalin-Bukharin quando era defendida pela oposição, que a propunha em pleno ascenso da atividade revolucionária das massas operárias e camponesas.

Indubitavelmente, tal atitude é um fiel reflexo do empirismo de Stalin, de sua estreiteza de perspectivas quanto aos assuntos internacionais e da improvisação que caracteriza o que Trotski chama de "zigue-zagues burocráticos". No entanto, não devemos subestimar outra tendência latente desta política: retomar, em benefício próprio, os principais pontos do programa da oposição, ainda que seja para negar a existência desta. No final de 1927, depois da insurreição de Cantão, a direção da Internacional pôde permitir-se proclamar abertamente que reconduziu o partido chinês ao caminho da revolução soviética. Este é um caso onde o interesse político a curto prazo do aparato coincide com suas tendências fundamentais. Até 1927, a política direitista da URSS havia correspondido à política direitista de aliança sem perspectivas com os partidos social-democratas. Quando ocorreu a viragem à esquerda no início de 1928 a Internacional a reproduziu, abandonando a tática de frente única. Temendo o desenvolvimento de correntes oposicionistas nos partidos estrangeiros, a direção do partido comunista russo se dispõe, com

um mecanismo que futuramente se tornará clássico, a utilizar o descontentamento autêntico de alguns operários de vanguarda para enfrentar os dirigentes rebeldes à sua autoridade, golpeando os direitistas com argumentos de esquerda e privando, ao mesmo tempo, a esquerda do fator emocional que constitui a denúncia dos compromissos com a "social-democracia traidora".

Quando se reúne, em fevereiro de 1928, a IX Plenária do Comitê Executivo da Internacional será monopolizada pelo combate contra a oposição, que será derrotada em toda parte, ainda que algumas vezes por uma margem mínima, como na Bélgica, onde o secretário geral van Overstraeten e a maioria do Comitê Central condenam as decisões adotadas no XV Congresso. Apesar disso, em toda parte, a oposição segue existindo e atuando.

É Bukharin que apresenta o informe principal. Ele se apoia em uma análise da correlação de forças no mundo que distingue três períodos distintos a partir de 1917. Ao período de aguda crise revolucionária, que vai até 1923, segue-se uma segunda etapa, de reconstrução capitalista e de uma relativa estabilização. Em 1927 inicia-se "o terceiro período", caracterizado por uma nova fase de fortalecimento capitalista, pelo início da edificação socialista e pela intensificação do perigo de uma guerra. Tal "mudança objetiva", segundo Bukharin, força os comunistas a fazerem um "brusco giro", cujo "eixo político é a mudança de atitude em relação aos partidos social-democratas", sendo que a partir de agora as políticas de "frente única" não devem ser mais promovidas a não ser "pela base". Visivelmente incomodado por ter de justificar uma virada sectária, à qual ele próprio se opunha, Bukharin esforça-se de maneira desajeitada em atenuar seu significado, orientando todos os esforços político da Internacional unicamente contra o trotskismo, que ele chama de "um dos mais imorais instrumentos empregados pela social-democracia internacional contra os comunistas na luta pela influência sobre as amplas massas operárias". Como consequência, chega a afirmar que se trata de uma "virada geral (...), de um passo à esquerda que vai no sentido do esforço geral da luta contra a social-democracia de direita e especialmente contra a de esquerda". Ao admitir que o terceiro período provocará, como reação à ofensiva burguesa, uma radicalização operária, se esforça em fazer do trotskismo o único perigo, ao mesmo tempo em que continua afirmando a existência de uma ameaça à direita. Tal formulação o leva a uma série de acrobacias dialéticas: "Não é correta a concepção segundo a qual, por um lado, devemos lutar contra o trotskismo e por outro, contra os perigos da direita. (...) Isto significaria dizer que os trotskistas representam algum tipo de desvio esquerdista, ao lado do qual existiriam outros desvios, de direita. (...). Em quase todos os países o eixo do trotskismo é formado pelos desvios direitistas"[457].

457 *Informe dado por Bukharin diante do IX Comitê Executivo*, em *Correspondence Internationale*, nº18, 27 de fevereiro de 1928, pp. 231-239; *Discurso de fechamento*, em *Correspondence Internationale*, nº27, 15 de março de 1928, p. 357; *Informe diante do VI Congresso da IC*, em número especial 72, 1º de agosto de 1928, pp. 833-847, em especial pp. 840, 841 e 843.

Entretanto, mesmo sua flexibilidade teórica não o poupará de diversas críticas, e suas conclusões são consideradas insuficientes, principalmente pela delegação russa, que apresenta uma série de emendas. Sua supervalorização das possibilidades de desenvolvimento capitalista será repreendida, bem como seu desprezo pela ameaça da direita e suas tendências conciliadoras a respeito da social-democracia de esquerda, denunciada por Thaelmann como "o mais perigoso dos inimigos do movimento operário"[458]. Este mesmo afirma que "as tendências fascistas e os próprios gérmens do fascismo se encontram como embrião da política praticada pelos partidos social-democratas de quase todos os países". Um dos delegados italianos, Ercoli (Togliatti), tomará a palavra para censurar tais "generalizações excessivas" e defender a intervenção de Bukharin. "O fascismo, diz, é um movimento de massas, um movimento da pequena e média burguesia dominado pela alta burguesia e pelos partidos defensores dos interesses agrários. Além disso, ele não tem como base as organizações tradicionais da classe operária. De forma contrária, a social-democracia é um movimento que conta com uma base operária e pequeno-burguesa e que extrai sua força de uma organização que as amplas massas proletárias reconhecem como a organização tradicional de sua classe"[459]. No entanto, é a fórmula de Thaelmann que será incluída na resolução, e Bukharin se limita a destacar que trata-se de tendências e não de um processo completo, apontando que "não seria nem um pouco razoável colocar no mesmo saco a social-democracia e o fascismo"[460].

O mesmo conflito fica latente quando se discutem os problemas específicos das diferentes organizações. Ercoli responde aos chamados ultracentralistas de Thaelmann, Ulbricht e outros contra os "sabotadores" direitistas com as seguintes palavras:

> Como consigna para nossa política de formação de direções partidárias, poderíamos adotar as últimas palavras de Goethe em seu leito de morte: "Mehr Licht"[461]. A vanguarda operária não pode lutar nas sombras. O estado-maior da revolução não pode ser formado em meio a uma luta sem princípios entre frações. Existem formas de luta que supõem a adoção de determinadas medidas organizativas que, se são aplicadas irresponsavelmente, podem adquirir um valor independente de nossa vontade, agindo mesmo por fora de nossa vontade, levando assim à desagregação e à dispersão das forças dirigentes de nossos partidos[462].

Bukharin retomará estes argumentos invocando a autoridade de Lenin. Entretanto, em setembro, quando o Comitê Central alemão afasta Thaelmann de suas funções, acusando-o de ter ocultado o desvio de fundos feito por seu amigo Wittorf, secretário da organização de Hamburgo, e de tê-lo mantido em seu cargo apesar do roubo, o Co-

---

458 *Correspondence Internationale*, nº84, 16 de agosto de 1928, p. 887.
459 *Correspondence Internationale*, nº89, 22 de agosto de 1928, p. 949.
460 *Ibid.*
461 "Mais luz" (N. do E.).
462 *Correspondence Internationale*, nº89, 22 de agosto de 1928, p. 950.

mitê Executivo Internacional redigirá uma moção de censura a este Comitê Central, conseguindo a plena reabilitação de Thaelmann e a expulsão de todos os dirigentes alemães que haviam considerado seu comportamento como inadmissível.

Em tais condições, era impossível que a Internacional viesse a emitir a menor crítica às atitudes do partido comunista russo a respeito da oposição. Entretanto, os delegados presentes no VI Congresso conseguem ter acesso à carta de Trotski dirigida ao Comitê Executivo, passando assim a ter uma ideia de sua crítica ao programa e de suas teses gerais. Criticando a escolástica noção de Bukharin sobre a estabilização do capitalismo, Trotski afirma: "A partir de 1923 não nos defrontamos somente com derrotas do proletariado, mas também com importantes derrotas políticas da Internacional. (...) A causa fundamental da ascensão do capitalismo durante o período de estabilização dos últimos cinco anos se deve ao fato de que a direção da Internacional em nenhum momento esteve à altura dos acontecimentos"[463]. Destacando o caráter empírico da linha seguida pela Internacional, qualificada por ele como "centrista", Trotski analisa os zigue-zagues de uma linha que levou a sucessivos desastres desde 1923, na medida em que esta linha se baseia sempre em uma apreciação incorreta da correlação de forças entre as classes. A estabilização do capitalismo só foi admitida dezoito meses depois da derrota alemã, no momento em que apareciam os primeiros sintomas de uma retomada do ascenso, que foi então freado por uma política direitista. O desastre da revolução chinesa provocou, por sua vez, um novo giro à esquerda, precisamente no momento em que a ofensiva deixava de ser a política adequada. Em sua crítica ao caráter limitado das análises de Bukharin, Trotski afirma que a crescente hegemonia dos Estados Unidos constitui um elemento determinante, assim como um fator de estabilização inicial, mas também a origem de futuras crises, pois "uma grande crise nos Estados Unidos voltaria a colocar em marcha guerras e revoluções". A teoria do "socialismo em um só país" e a pseudobolchevização que converte os partidos comunistas em dóceis instrumentos de seu próprio aparato de funcionários, fazem com que, finalmente, tais organizações sejam incapazes de explorar novas situações revolucionárias.

As cartas dos correspondentes de Trotski, citadas por Deutscher, são prova do eco que suas ideias tiveram no congresso: Ercoli se lamenta do servilismo da maioria dos delegados; Maurice Thorez declara que não se sente convencido pela teoria do "socialismo em um só país"[464]. Um delegado da minoria americana, James P. Cannon, sai do congresso decidido a fundar a Oposição de Esquerda em seu país[465]. De qualquer forma, os delegados, sejam de "direita" ou de "esquerda", se sentem neste congresso tão impotentes frente às teses oficiais quanto o próprio Bukharin, que, mesmo considerando as ideias da direção catastróficas, as aceita – e inclusive as defende – contra seu próprio programa.

463 TROTSKI, Leon, *L'Internationale...*, *op. cit.*, pp. 34-35.
464 DEUTSCHER, Isaac, *The Prophet Unarmed*, *op. cit.*, p. 444.
465 CANNON, James, *History of american trotskism*, Nova York, Pioneer, 1944, pp. 49-50.

A ofensiva contra os direitistas

Neste momento já se prepara a luta no cenário decisivo: o aparato do partido comunista russo. Slepkov é afastado pelo Secretariado com sua transferência para a Sibéria, deixando Leningrado livre para a intervenção de Kirov. Em Moscou, Uglanov tenta utilizar seu próprio setor do aparato contra a política do Secretariado. Adotando a mesma tática de Bukharin, consegue que o Comitê de Moscou aprove um texto que condena veementemente a política antikulak, que ele atribui, em bloco, aos trotskistas. No dia 15 de setembro, o *Pravda* publica um chamado à "luta em duas frentes" e denuncia a existência no partido de um "desvio direitista" oportunista e "conciliador" em relação ao *kulak*. A pressão exercida pelo aparato central gera uma série de reações nos comitês de bairro de Moscou, que acusam Riutin, braço direito de Uglanov, de adotar posturas direitistas. O Secretariado Geral se aproveita deste estado de ânimo para destituir Riutin de todos os seus cargos "por falta grave", sem consultar Uglanov e destacando igualmente "o descontentamento dos militantes ativos" frente à "inconsistência e às vacilações de certos membros do Comitê de Moscou em sua luta contra os desvios de direita (...), bem como sua atitude conciliadora"[466]. Já está consumada a derrota de Uglanov: no dia 18 ninguém aprova seu informe no Comitê de Moscou e Riutin se vê forçado a fazer sua autocrítica. No dia 19, Stalin em pessoa dá o tiro de misericórdia contra Uglanov, denunciando "seus desvios de direita e as suas tendências conciliadoras"[467]. O Comitê de Moscou decide executar uma "reorganização": um após o outro, os secretário dos comitês de bairro criticam Uglanov e exigem que ele faça uma autocrítica completa.

Em novembro aumenta ainda mais a tensão nas altas esferas. A repressão ao Comitê de Moscou obriga Bukharin, Rikov e Tomski a exigir uma reorganização do aparato. Porém, suas manifestações não conseguem fazer com que se reúna uma comissão para debater tais fatos. Compreendendo que desta forma Stalin ganha tempo, decidem tentar uma jogada de efeito e se demitem simultaneamente de seus cargos de presidente da Internacional e redator-chefe do *Pravda*, presidente do Conselho de Comissários do Povo e presidente do Conselho de Sindicatos. Sua atitude representa uma verdadeira bofetada no rosto de Stalin, que acaba de desmentir em Moscou a existência de divergências reais no Birô Político. Por esta razão, se vê forçado a negociar, e seus três oponentes se comprometem a reconsiderar sua demissão em troca da votação unânime de uma resolução que dê prioridade à agricultura em relação à indústria pesada. O Birô Político, desta maneira, se apresenta unido frente ao Comitê Central, que condena, mais uma vez por unanimidade, os "desvios direitistas", que Stalin irá associar, em seu informe, aos desvios de esquerda. Desta maneira, os chefes da ala direita aprovam uma campanha do

466 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 339.
467 *Correspondence Internationale*, nº312, 3 de novembro de 1928, pp. 1454-1457.

aparato contra suas ideias e seus partidários. Rikov chega inclusive a ameaçar estes com uma série de medidas que vão além da mera campanha ideológica, caso a oposição de direita se atreva a "tomar forma". O reduto da direita em Moscou é eliminado oficialmente: Uglanov perde a direção do Secretariado e é substituído por Molotov, que será assessorado por Bauman.

Prossegue, então, a ofensiva do "centro". Durante o auge da batalha contra os direitistas de Moscou, no dia 19 de outubro, o Comitê Central adota um documento em que se define uma nova política industrial. "Como consequência de nosso atraso técnico, é impossível desenvolver a indústria num ritmo que não só nos permita acompanhar os países capitalistas, mas também ultrapassá-los, sem que sejam utilizados todos os recursos e forças do país, sem uma grande perseverança e uma férrea disciplina nas fileiras do proletariado"[468]. As vacilações de determinadas camadas da classe operária e de certos setores do partido são chamadas de "fuga frente às dificuldades". O Conselho de Economia elabora então um projeto de plano quinquenal para a indústria. A partir de então, o choque com o segundo reduto dos direitistas, o Conselho de Sindicatos presididos por Tomski, é inevitável.

Tomski é um burocrata enérgico – o "Gompers do Estado Soviético"[469] segundo a expressão de Trotski – e está firmemente empenhado na luta para que os sindicatos conservem sua função geral de defesa dos interesses operários, pois os sindicatos são também o fundamento de seu poder pessoal e é, para ele, um elemento indispensável da organização soviética. A nova linha limita a função dos sindicatos a uma mera luta pelo aumento dos rendimentos e da produção industrial. A partir de junho, o Comitê Central critica os numerosos "abusos burocráticos" na atividade do aparato sindical, emitindo chamados dirigidos às "frações" sindicais do partido para que estas trabalhem em sua correção. Desta forma, o partido vai intervir diretamente nos sindicatos, independentemente de Tomski. Desde a substituição de Uglanov, o *Pravda* se lança ao ataque contra os direitistas dos sindicatos, condenando-os por sua resistência a fazer a autocrítica e por não mobilizarem as massas em prol da construção socialista. No Congresso Panrusso dos Sindicatos, celebrado no fim de dezembro, Tomski admite a existência de certas insuficiências, mas também propõe a renovação dos esforços para conseguir um aumento geral dos salários operários. No entanto, a fração sindical do partido apresenta uma resolução que condena os direitistas e exige uma industrialização acelerada, rechaçando a visão "puramente operária" sobre os sindicatos, cuja tarefa deve ser "mobilizar as massas" para "superar as dificuldades próprias do período de reconstrução"[470]. A moção da fração sindical é adotada por uma maioria esmagadora. Esta derrota de Tomski é seguida pela

468 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 352.
469 Samuel Gompers (1850-1924) foi ativista e um dos fundadores do movimento sindical norte-americano (N. do E.).
470 *Correspondence Internationale*, nº1, 5 de janeiro de 1929, pp. 4-5.

eleição, entre os novos dirigentes, de cinco membros importantes do aparato do partido - Kaganovich, Kuibishev, Ordzhonikidze, Rudzutak e Zhdanov. Tomski será reeleito para a presidência, porém, tendo perdido efetivamente o controle da organização, se nega a retomar suas funções.

A direita tem com isso a confirmação de sua derrota e se dispõe então a apoiar, quase imediatamente, uma medida que faz pesar sobre ela uma grave ameaça. Instado a renunciar a toda sua atividade política, Trotski se recusa, no dia 16 de dezembro, a fazer o que, em sua opinião, seria uma autêntica "abjuração"[471], e um abandono da luta na qual está empenhado há trinta e três anos. Contrariando a todos os chefes da direita, apesar dos esforços desesperados de Bukharin, e apesar da oposição de um outro membro do Birô Político, que possivelmente era Kuibishev, Stalin obtém a expulsão de Trotski do território da URSS. Segundo as atas desta sessão, posteriormente publicadas por Trotski, Stalin declarou:

> Trotski deve ser exilado no estrangeiro: 1°) Porque enquanto permaneça no país, será capaz de dirigir ideologicamente a oposição, cuja força numérica aumenta incessantemente; 2°) Para ser desacreditado perante massas mundiais como um cúmplice da burguesia, a partir do momento em que se encontre em um país burguês; 3°) Para poder desacreditá-lo frente ao proletariado soviético, pois, sem dúvidas, a social-democracia se utilizará de seu exílio contra a URSS, correndo ao auxílio de Trotski, "vítima do terror bolchevique"; 4°) Se Trotski atacar a direção com denúncias, poderemos acusá-lo de traição. Todas essas razões depõem pela necessidade de exilá-lo.

A GPU o detém no dia 22 de janeiro junto com toda sua família e o expulsa para a Turquia. Para o velho revolucionário, começa sua última viagem pelo "planeta sem visto"[472]. No dia 23, o *Pravda* anuncia mais cento e cinquenta detenções por "atividade trotskista ilegal". Entre os detidos se encontram Budu Mdivani, Drobnis, Pankratov e Voronski.

A liquidação política dos direitistas

Como aponta R. V. Daniels, "a história da oposição de direita oferece o singular espetáculo de um grupo político que primeiro é derrotado e só depois é atacado"[473]. De fato, até janeiro de 1929 foi mantida no Birô Político a ficção de uma unanimidade, inclusive frente ao Comitê Central. No entanto, em fevereiro de 1929, Stalin pede à Comissão de Controle que se inicie uma investigação a propósito das conversações mantidas entre Bukharin e Kamenev, reveladas em alguns panfletos publicados pelo

471 O termo tem, aproximadamente, o mesmo significado que "retratação", mas é associado aos processos da Santa Inquisição, tendo, portanto, uma conotação mais negativa (N. do E.).

472 Assim se chama o último capítulo da autobiografia de Trotski, *Minha vida*. Trata-se de uma alusão ao fato de que, após sua expulsão da URSS, inúmeros países lhe negaram asilo ou mesmo um simples visto de trânsito (N. do E.).

473 DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 362.

grupo trotskista de Moscou. Bukharin aceita o desafio. Reconhece sua participação no ocorrido e empreende um contra-ataque no Birô Político. Ao mesmo tempo em que nega ter participado de qualquer tipo de atividade fracional, ataca ferozmente o burocratismo de um aparato, cujo secretário geral é também seu senhor absoluto e onde nenhum secretário regional foi eleito; denuncia a nova política econômica como uma "exploração militar-feudal dos camponeses" que se encobre sob a aparência de um imposto; exige a redução do ritmo previsto para a industrialização e a manutenção do livre mercado. Ele e seus dois aliados apresentam novamente seu pedido de demissão. Porém, ao serem acusados de romper a unidade da direção e de infligir um sério golpe ao partido, terminam por voltar atrás. Rikov é o primeiro, negando-se de todas as formas a reconhecer as acusações que lhe imputam. No dia 27 de fevereiro, Molotov denuncia, sem nomear ninguém diretamente, nas páginas do *Pravda*, "a teoria de integração pacífica do *kulak* ao socialismo, que supõe na prática um abandono de toda ofensiva contra este, conduzindo à emancipação dos elementos capitalistas e, por fim, ao restabelecimento do poder da burguesia".

Na sessão de abril do Comitê Central e da Comissão de Controle, os ataques de Stalin, Molotov e Kaganovich dirigem-se, desta vez abertamente, conta os três direitistas que se encontram claramente em minoria. Para evitar uma condenação pública, eles aceitam votar resoluções em defesa de um plano quinquenal para a indústria, contentando-se em pedir que se trabalhe com prudência e advertindo sobre o perigo de uma "abolição da NEP". Como consequência, o Comitê Central os condena por terem "dissimulado suas verdadeiras posições". Stalin pronuncia uma autêntica intimação contra Bukharin, o acusa de defender a "integração dos capitalistas ao socialismo", conceitos que "amortecem a classe operária, golpeiam a vontade de mobilização das forças revolucionárias e facilitam a ofensiva dos elementos capitalistas". "O plano de Bukharin, exclama, tende a frear o desenvolvimento da indústria e derrubar as novas fórmulas de aliança entre operários e camponeses". Em seguida, Bukharin se lamenta da "degradação cívica" à qual o partido o submete criticando-o em público num momento em que se vê obrigado a se calar. Stalin lhe pergunta então, com toda a seriedade, por qual razão se manteve à margem da luta contra os desvios direitistas: "Por acaso o grupo de Bukharin não compreende que renunciar à luta contra os desvios direitistas significa trair a classe operária, trair a revolução?" E conclui: "O partido exige que empreenda, ao lado de todos os membros do Comitê Central, uma luta determinada contra os desvios direitistas e o espírito de conciliação. (...) Faça o que o partido exige de você e o partido o congratulará por isto, ou não o faça e, neste caso, a responsabilidade será somente sua"[474].

O conflito continua sem vir a público. Na XVI Conferência partidária, Rikov defende o plano quinquenal, enquanto Kuibishev ameaça os "elementos pequeno

474 STALIN, Josef, *Les quéstions...*, *op. cit.*, tomo 1, pp. 225-274.

-burgueses", "derrotistas" e "vacilantes". No Birô Político, Uglanov é substituído por Bauman. Em junho, Tomski é eliminado da direção do Conselho de Sindicatos e substituído por Shvernik. No dia 3 de julho, Bukharin é destituído da presidência da Internacional e expulso de seu Comitê Executivo. Esta operação é facilitada pela aliança de última hora entre Ercoli e a fração stalinista.

Tal medida não virá a público até 21 de agosto, data que determina o começo da sistemática denúncia dos "erros" de Bukharin. Na sessão de novembro do Comitê Central, Uglanov nega seus erros. Os três dirigentes acusados tentam convencer o auditório de que, na realidade, se limitaram a defender uma abordagem diferente para uma política com a qual estão completamente de acordo. São condenados então por esta "manobra fracional" e Bukharin é expulso do Birô Político. Por último, no dia 26 de novembro capitulam totalmente:

> Nos últimos dezoito meses existiu, entre nós e a maioria do Comitê Central do partido, uma série de divergências sobre as questões políticas e táticas. Apresentamos nossos pontos de vista em uma série de documentos e de declarações nas sessões plenárias e em outras sessões do Comitê Central e da Comissão de Controle. Acreditamos que nosso dever é declarar que, nesta discussão, o partido e o Comitê Central tinham razão. Nossos enfoques, apresentados em documentos conhecidos por todos, se revelaram errôneos. Ao reconhecer nossos erros, nos comprometemos, por nossa parte, a fazer todos os esforços necessários para empreender, junto com a totalidade do partido, uma luta decidida contra todos os desvios da linha geral, e em particular contra os desvios direitistas e a tendência conciliadora, a fim de superar todas as dificuldades e garantir com isto a mais rápida vitória da edificação socialista[475].

Desta forma, um dos mais brilhantes teóricos bolcheviques passa a engrossar o grupo de "almas mortas" que alguns meses antes era formado pelos conciliadores da oposição de esquerda, Preobrazhenski, Radek e Smilgá. Com este episódio se sela a longa agonia do partido bolchevique. Trotski, no exterior, e alguns irreconciliáveis, como Rakovski, Sosnovski e Solnzev – exilados na Sibéria –, continuam defendendo as ideias que compõem o legado bolchevique, mas que agora não têm vigência alguma neste partido que supõe-se ser o herdeiro de tal tradição. Fecha-se, desta maneira, um período histórico e se inicia um novo quando, no dia 27 de dezembro, Stalin, em um artigo intitulado "Ao diabo com a NEP", anuncia o que será a "grande virada". Para os homens que haviam encabeçado a primeira revolução proletária vitoriosa, esta virada seria a primeira etapa de um caminho que os conduziria a uma morte ignominiosa ou obscura.

475 *Correspondence Internationale*, nº18, 30 de novembro de 1929, p. 1578.

12

O PARTIDO STALINISTA EM SEU INÍCIO

A autocrítica de Bukharin, Rikov e Tomski fecha todo um capítulo da história do partido. Nele nunca mais ocorrerá uma discussão pública: desde então os congressos não são mais do que grandes eventos, cujas atas apenas sugerem, de maneira muito deformada, as discussões ou desacordos internos. O Comitê Central se converte em um organismo puramente decorativo, mas que não cessa de crescer. De 40 membros em 1923, passa para 52 em 1924 e 71 em 1927. Por mais de trinta anos, as diferenças manifestadas pelos direitistas no Birô Político serão as últimas a serem conhecidas fora deste órgão. As divergências políticas – que sempre existem – serão dali por diante resolvidas no coração do aparato, nos círculos dirigentes. Obviamente, desaparecem as tendências e frações. Porém, seu lugar será ocupado pelos clãs e camarilhas; vínculos e interesses pessoais substituem as afinidades políticas; já não se produzem discussões, mas apenas acertos de contas.

Podemos nos perguntar se os velhos bolcheviques Rikov, Tomski e Bukharin, no momento em que "confessavam" seus erros, tinham noção do alcance do último ato político de suas carreiras, e se tinham percebido a profundidade das mudanças na própria natureza do partido que lhes exigia esta capitulação, quer dizer, seu suicídio moral e político de fato. Arthur Rosenberg sugere que eles sabiam ter se tornado, contra sua vontade, os líderes virtuais de uma oposição organizada dos elementos neoburgueses: uma maior resistência de sua parte poderia ter dado um impulso à luta de todos os setores pró-capitalistas, então numerosos e fortes na sociedade russa e, desta forma, teriam sido eles próprios a desencadear a maré contrarrevolucionária para a qual a política de Stalin preparava o terreno[476]. Trotski se aproxima muito desta interpretação quando escreve em outubro de 1928:

---

476 ROSENBERG, Arthur, *Histoire du bolchevisme*, Paris, Grasset, 1936, p. 300.

> Contra sua vontade ou não, a ala direita não tem escolha a não ser entrar na água fria, ou seja, tentar resolver sua disputa com Stalin por fora do aparato (...). Para conseguir enfrentar seriamente o centro, estes deveriam ter denunciado, com toda a força de seus pulmões, a ameaça ultrarreacionária, ou seja, a ameaça do termidor. Mas para isto faltou estômago a Bukharin. Ele colocou o pé na água fria, mas tem medo de mergulhar. Fica quieto e treme (...). Atrás dele, Rikov e Tomski contemplam o que está acontecendo, prestes a recuar a qualquer momento[477].

Definitivamente, durante o mês seguinte, Bukharin, Rikov e Tomski se recusam a mergulhar na água fria, assim como haviam recusado, um ano antes, a se aliar com o diabo Trotski no inferno de um "bloco" pela democracia. Devemos nos resignar à impossibilidade de responder se eles compreenderam ou não que, com sua capitulação, selavam seu próprio destino e o do partido bolchevique, que sucumbia sob o peso de suas contradições.

O historiador do partido se dá conta em seguida de que na realidade a questão é outra: a quantidade se converte em qualidade, o objeto de sua investigação mudou de natureza. A história oficial se torna praticamente inutilizável, pois cada giro da política a obriga a adotar uma nova forma e o passado deve ser representado em função das necessidades políticas imediatas: a partir de 1931, Yaroslavski, o historiador oficial dos anos de luta contra a oposição, é acusado por Stalin de ter cometido "erros de ordem doutrinária e histórica" e nenhum de seus sucessores terá melhor sorte, já que os chefes do momento querem apagar até o mesmo o nome de seus adversários, pois cobri-los de calúnias já não é suficiente. Stalin mostra bem sua concepção de história ao atacar o infeliz Slutski, que ousou afirmar que Lenin nunca havia "desmascarado" antes de 1914 os sociais-democratas alemães, e que baseia sua declaração na inexistência de documentos que provem tal fato: "Quem além de um burocrata incurável pode se ater a meros papéis chamados documentos?"[478].

Os jornais contêm alguns elementos de informação sobre o partido, incluindo as atas das sessões do Comitê Central. Porém, estas fontes só fornecem os dados que a direção quer divulgar para os membros do partido. Os correspondentes estrangeiros – que costumam permanecer à margem dos debates e em geral carecem da formação necessária – substituem a descrição e a análise pela ficção. Por vários anos, o único material confiável com que conta o pesquisador é o *Sotsialisticheski Vestnik*, publicado pelo menchevique Nikolaievski, e o *Biuleten Oppozitsi* (Boletim da Oposição), publicado por Trotski e seu filho Leon Sedov no exílio, que recebe por vários anos informações sólidas vindas da Rússia, e que contém os pontos de vista e as análises dos documentos oficiais que são feitas pelo dirigente da oposição. Alguns anos mais tarde começam a ser publicados os relatos de estrangei-

---

477 TROTSKI, Leon, *Carta sobre a situação política na URSS*, em *Lutte de classes*, nº8, fevereiro de 1929, pp. 220-221.

478 STALIN, Josef, *Les quéstions...*, *op. cit.*, tomo III, p. 67.

ros que conseguem fugir da Sibéria, Victor Serge, Anton Ciliga, as revelações do homem que assina como "Velho bolchevique"[479] e as de Walter Krivitski. Desta maneira, podemos preencher algumas lacunas. Entretanto, devemos desconfiar das "memórias", cujas edições multiplicam-se no Ocidente, pois algumas delas não passam de tentativas de explorar comercialmente uma curiosidade legítima, e que tem todas as características deste tipo de literatura, como o sensacionalismo e o gosto por tudo que é escandaloso. Do mesmo modo, os centros de pesquisa especializados, dirigidos geralmente por competentes desertores, são impulsionados por uma hostilidade que os afasta da investigação, gerando contribuições que não podem ser utilizadas sem diversas precauções.

Será preciso esperar o fim da guerra para que o material disponível aos pesquisadores aumente substancialmente: um bom número de "desterrados" poderá assim dar seu testemunho sobre determinados períodos obscuros ou fatos incertos. Entretanto, devemos levar em conta o fato de que estes emigrados costumam tentar justificar-se, sobretudo a si mesmos, e que buscam também agradar o pesquisador ou o público. Os serviços americanos que se dedicam à investigação deste material contam certamente com colaboradores competentes e honestos, mas seu desejo de provar certas visões e de "servir" ao governo geralmente falseia a objetividade de suas investigações, pela própria orientação de suas perguntas e pelos temas a que se interessam. No meio de todo este material pouco confiável, existe uma exceção de grande importância: os arquivos do Comitê Regional de Smolensk, que caíram em mãos alemãs em 1942. Durante a retirada das tropas nazistas, os americanos capturaram estes arquivos e o pesquisador Merle Fainsod pôde retirar deles uma documentação de primeiríssima qualidade, sem equivalente até esta data, na qual se incluem informes secretos da GPU, atas de discussões dos comitês, declarações às comissões de controle, correspondências entre os oficiais, petições operárias, cartas de leitores aos jornais etc. Por fim, a partir de 1953, as primeiras informações vindas da própria URSS, referentes inclusive ao período stalinista, serão divulgadas pelos novos dirigentes. O informe de Krushev ao XX Congresso, as novas "revelações" feitas no XXII Congresso, somadas às dos delegados, jornais e revistas, permitem confirmar o essencial do conteúdo dos relatos de Trotski, Serge e Krivitski e a em alguns casos completá-las. Ainda assim, isto não significa que novos segredos, precisamente por serem mais bem guardados, não estão ainda ocultos nos arquivos do Kremlin, na memória de Krushev ou de algum de seus colaboradores pessoais. Entretanto, um esboço geral começa a ser factível.

Stalin, dono da situação

O fato inegável é que a partir de 1930, Stalin passa a dominar sozinho a cena política, convertendo-se no mestre do partido. Nos tempos de Lenin, o reservado

479 Sabe-se hoje que se trata do codinome de Bukharin (N. do E.).

komitetchik de Baku não era um personagem secundário. No entanto, também não era uma figura de primeiro plano. Como escritor, é extremamente formal, sua oratória é pesada, adora os silogismos e as repetições e possui um gosto manifesto pelas ladainhas[480]. É por estes motivos que nenhuma das brilhantes personalidades que rodeiam Lenin lhe levem muito a sério. De caráter vingativo, ele terá diversos adversários, mas trata-se também de um homem trabalhador, tenaz organizador, que sabe como utilizar os demais. Inicialmente opta pela obscuridade e por trabalhos pouco espetaculares, assim como Ebert[481], a quem foi comparado diversas vezes por Trotski e depois dele, por outros. Stalin se instala no partido silenciosamente, como uma aranha no centro de sua teia. Trata-se de um militante prático, sem ideias gerais, que após retificar seus erros, quando da volta de Lenin à Rússia em abril de 1917, nunca mais vai se afastar uma vírgula sequer, ao menos em público, das posições do líder do partido, até o dia de sua morte. Sua máxima preocupação é a eficácia: entre os dirigentes, este velho bolchevique vai em breve se tornar indispensável. É daqueles que "trabalham", enquanto os outros polemizam, e que "constrói" enquanto outros posam para a história.

Seus conflitos com Trotski durante a guerra civil não ameaçam afastá-lo da maioria dos velhos bolcheviques. Pelo contrário. Em 1917 ele defende a conciliação e a unidade, protege Kamenev e Zinoviev, minimiza os desacordos. Quando em 1922 se converte em secretário geral, é Lenin que apoia sua candidatura, afirmando que o grande mérito de Sverdlov foi não haver surgido nenhum conflito digno de nota no período em ele ocupou este cargo. Ele é modesto, rende honras a Trotski, "o organizador da vitória", e no período de 1923-1924, parece ser o elemento moderado da *troika*, já que são Zinoviev e Kamenev que desferem os principais golpes contra Trotski. Ao mesmo tempo em que se refugia atrás das posições do Comitê Central que condena a oposição como "anarco-menchevique", Stalin insiste em precisar que, em suas declarações, jamais pensou em colocar Trotski entre os mencheviques. Também se opõe a seus aliados quando estes se dispõem a expulsar Trotski, denunciando-os posteriormente por terem "exigido sangue". Por um momento se vê seriamente ameaçado por sua ruptura com Lenin, mas é salvo pela recaída do enfermo. Não discute os termos que constam contra ele no "testamento" e apresenta sua demissão dos cargos que ocupa. Não a retira até que peçam sua permanência, quando então promete corrigir sua brutalidade.

Quando a *troika* se desintegra, Stalin não se encontra na primeira linha dos enfrentamentos. Porém, se coloca na disputa, inicialmente para defender Bukha-

480 Tipo de oração cristã na forma de uma série de súplicas repetitivas. Aqui o termo é aplicado em sentido figurado, referindo-se ao gosto de Stalin pelas fórmulas pobres e sem conteúdo, mas repetidas à exaustão (N. do E.).

481 Friedrich Ebert foi um militante do Partido Social-Democrata alemão, do qual se torna presidente em 1906. Chefe do setor "social-patriota" dessa organização, se torna primeiro-ministro em 1918, quando reprime violentamente a revolução de novembro (N. do E.).

rin, cujo "sangue" é exigido pelos leningradenses. Apresenta-se sempre como a encarnação das decisões do partido, porta-voz de sua vontade e defensor da unidade. No entanto, esta sua postura firme e muitas vezes submissa não o exclui de contar com uma série de lacaios, como Molotov, Kaganovich, Rudzutak e Kirov, que são os primeiros a cantar seus grandes feitos. Para Kamenev, que denuncia o "culto do chefe", responde que o partido não conhece outra direção a não ser a coletiva.

Porém, ele emerge gradualmente, enquanto seus rivais desaparecem. É ele que Zinoviev e Kamenev consideram o inimigo número um, a quem Trotski vai chamar de "o coveiro da revolução", e em quem Bukharin vê "o novo Gengis Khan". Quando Krupskaia capitula, circula o rumor de que, para conseguir tal capitulação, Stalin teria utilizado procedimentos pouco nobres, fazendo uso de informações do arquivo da polícia sobre a vida privada de Lenin para ameaçar "achar outra viúva para Lenin". Isto não parece improvável se levarmos em conta que foi precisamente uma grosseria de Stalin para com Krupskaia que provocou, em seu tempo, a carta de ruptura de Lenin. Mas estes são meros rumores, que compõem uma "reputação ameaçadora", como diz Pierre Naville, jovem comunista que chega em Moscou em 1927 e vê Stalin com "um ar tranquilo de quem é o mestre clandestino da situação". Naville também afirma: "A ele é muitas vezes atribuída, além de sua energia e bom senso, uma certa falta de genialidade"[482]. Em todo caso, em 1928 são seus discursos que vão indicar as viradas na política. Sua interpretação das resoluções é a que vai prevalecer. Pouco a pouco, emerge publicamente no papel que desempenha há muitos anos: suas fotos aparecem nos jornais, o país inteiro celebra seu aniversário. Em seguida, se converterá em um ícone vivo. Porém, neste momento, se contenta com o papel de sumo sacerdote.

Uma ideologia oficial: o leninismo

Kamenev foi o primeiro a usar o termo "leninismo" em um artigo publicado em março de 1923. Todo o partido vai imitá-lo. É o "leninismo" que contrapomos ao "trotskismo". Em 1924, Stalin publica *Problemas do leninismo*. Em 1926, como réplica a *O leninismo*, de Zinoviev, publica também *Questões sobre o leninismo*, onde expõe uma série de proposições dogmáticas, apoiadas em citações do mestre. Seis anos antes, durante o IV Congresso dos soviets, Lenin afirmava mais uma vez que a vitória da Revolução Russa não se devia "aos méritos particulares" do povo russo, nem a uma "predestinação histórica", mas a todo um "conjunto de circunstâncias históricas". Também afirmava: "Sei perfeitamente que esta bandeira está em mãos débeis, que os operários de um país tão atrasado não a conservarão se os operários dos países avançados não correrem em sua ajuda. As transformações socialistas que pudemos fazer são, em muitos aspectos, imperfeitas, débeis e

482 NAVILLE, Pierre, *Trotsky vivant*, Paris, Julliard, 1962, p. 30.

insuficientes; devem servir como indicação aos operários avançados da Europa Ocidental, que dirão: 'os russos não começaram da maneira correta a fazer as tarefas necessárias'"[483].

Mas após sua morte, Stalin vai afirmar, em nome do leninismo, que a URSS é a "pátria da teoria e da tática da revolução proletária" e que "Lenin é o criador desta teoria e desta tática e o chefe indiscutível do proletariado internacional"[484]. Seu artigo "Resposta aos trabalhadores kolkhozianos"[485], publicado no *Pravda* em 30 de julho de 1930, contém dezenove citações de Lenin e é um bom exemplo desta nova teoria.

A insistência sobre a existência do leninismo enquanto dogma perfeitamente acabado permite enfatizar a noção de "desvio". Essa palavra é primeiramente utilizada em março de 1921, e utilizada por Lenin contra a Oposição Operária. Ele define "desvio" como uma tendência em desenvolvimento, que ainda pode ser corrigida. A partir de 1925, todas as divergências se convertem em "desvios", que afastam os seus defensores "objetivamente" do leninismo, tal como é definido pelo Comitê Central. De fato, na boca de Stalin, que por sua vez recorre à expressão usada por Zinoviev, o partido deve ser "monolítico", a unanimidade e a força são as "características dos comunistas": o partido está "fundido em uma só peça", é "maciço", "férreo", "de aço". "É praticamente desnecessário, escreve Stalin, demonstrar que a existência de frações cria vários centros, o que supõe a ausência de um centro comum de poder no partido, isto é, a fragmentação da vontade única"[486].

Atacar a direção do partido e seu aparato significa atacar o próprio partido, "romper sua coluna vertebral" e "debilitar sua disciplina", quer dizer, "minar os fundamentos de sua ditadura". Para que uma discussão irrompa, é preciso que tenha sido "introduzida a força" e o dever dos dirigentes é precisamente "resistir a este assalto", já que "durante a construção do socialismo, o partido está rodeado de inimigos, precisamente no momento em que conta com um número enorme de tarefas práticas no campo da atividade criadora e é por isto incapaz de concentrar permanentemente sua atenção sobre as divergências internas de opinião". O partido "não precisa de modo algum de discussões pré-fabricadas e também não deve se transformar em um clube de discussão. Pelo contrário, precisa reforçar seu trabalho construtivo de um modo geral (...). A teoria segundo a qual nós podemos 'vencer' os elementos oportunistas através da luta ideológica no seio do partido e, desta maneira, 'superá-los' no âmbito de um partido único, é uma teoria

483 LENIN, Vladimir, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, p. 193.

484 STALIN, Josef, *Les quéstions...*, *op. cit.*, tomo 1, p. 15.

485 *Kolkhozes* são as fazendas coletivas ou cooperativas agrícolas independentes do Estado, que vendem a este sua produção. Com a coletivização forçada do campo, no final dos anos 1920, se tornaram a forma predominante de economia agrícola na URSS (N. do E.).

486 *Ibid.*, p. 82.

podre e perigosa, que ameaça condenar o partido à paralisia"[487]. É por isto que as diversas oposições, quaisquer que sejam suas teses e seja qual for o momento de seu surgimento, acabam sempre por encorajar os "inimigos da revolução e do proletariado", "abrindo-lhes a porta" e "abrindo o caminho para a contrarrevolução". Os oposicionistas fazem "objetivamente" o jogo dos guardas brancos. Se, uma vez advertidos pelo partido, insistem em suas posições, isto supõe que a "lógica de seu enfrentamento" "os arrasta" ao bando dos reacionários e dos imperialistas. É por isso que, se o historiador Slutski afirma que não existem documentos que provem que Lenin havia, antes de 1914, "desmascarado" o "centrismo" de Kautsky, deve ser porque este pretende "passar para o lado do antileninismo". A partir do momento em que "o trotskismo é um destacamento de vanguarda da burguesia contrarrevolucionária", "uma atitude liberal em relação ao trotskismo, vencido e camuflado, não é mais do que uma imbecilidade que beira ao crime e à traição da classe operária"[488].

A única justificativa que Stalin pode oferecer para estas afirmações - empreitadas intelectuais frágeis mesmo do ponto de vista da lógica formal e contrárias ao conjunto da obra de Lenin -, a única prova que Stalin pode oferecer de sua concepção "leninista" do partido é a proibição de frações, aprovada em 1921. Aquela medida excepcional, adotada em plena retirada, no momento de maior perigo, aquele "estado de sítio" é, para Stalin, o regime político normal, a regra imposta por Lenin. Depois do XV Congresso, completará esse edifício com a generalização da prática da "crítica e autocrítica", afirmando que estas pertencem à própria "natureza do partido bolchevique" e são a "base da ditadura do proletariado". "Se nosso país – afirma em uma assembleia de funcionários moscovitas do partido – é o país da ditadura do proletariado, e se a ditadura é encabeçada por um partido, o partido comunista, que não compartilha nem pode compartilhar o poder com nenhum outro partido, está claro que somos nós mesmos que devemos velar, denunciar e corrigir nossos erros se quisermos seguir em frente, pois é evidente que ninguém mais pode denunciar ou corrigir nossas faltas"[489].

Tanto a crítica quanto a autocrítica devem ser entendidas no contexto da "linha" fixada pelo partido e se referem à sua aplicação. A crítica tem o objetivo de desenvolver a autocrítica, motor dos progressos e da melhora do partido. Ambas são ferramentas nas mãos de uma direção que é a única que pode afirmar a existência de um erro e que sempre vai encontrar os erros na incorreta aplicação da linha por parte dos funcionários, e nunca na linha, por ser a própria direção quem a determina e interpreta e porque ninguém pode criticá-la, sob o risco de ser acusado de "desviar-se da linha" e de "refletir objetivamente" a pressão de "forças contrarrevolucionárias".

487 *Ibid.*, p. 83.
488 *Ibid.*, p. 69.
489 *Correspondence Internationale*, nº41, 28 de abril de 1928, p. 511.

A pirâmide burocrática do aparato

Os diferentes oposicionistas e, em algumas ocasiões, o próprio Stalin compararam o funcionário médio da União Soviética com Pompadour, o tirânico administrador-burocrata encenado por Saltikov-Schedrin[490] em uma de suas famosas sátiras. A concepção de vida política defendida por Stalin, como demonstrada por sua compreensão do "leninismo", só poderia nascer e se desenvolver em um meio social marcado por uma mentalidade burocrática e de funcionário, que é de fato uma das características fundamentais da sociedade russa desde os tempos de Pedro, o Grande. Essa mentalidade é reprimida durante um tempo pelo ascenso revolucionário, mas se impõe novamente com a onda de reação que se segue à guerra civil e que acaba dominando o partido.

É incontestável que, nas cúpulas do aparato, os homens continuem sendo, em sua maioria, os mesmos que lideraram os operários e camponeses em 1917. Dos 121 membros do Comitê Central eleitos no XV Congresso, 111 já eram bolcheviques antes de 1917. A proporção é menor nos comitês centrais das repúblicas soviéticas, onde os bolcheviques do período pré-revolucionário são 22,6%. Nos comitês regionais esta proporção é de 12,1% e nos comitês de província, de apenas 11,9%[491]. Partindo desses dados, um certo número de historiadores chegou à conclusão de que existia um vínculo direto entre os *apparatchiks* dos anos 1930 e os *komitetchiks* de antes de 1917.

Esta é uma afirmação defensável, mas contra ela depõem alguns fatos. Por exemplo, é um fato que existem mais dos antigos "clandestinos" do partido nas prisões, deportados ou nos cargos subalternos do que no Comitê Central. Sobretudo, o que vemos é que os velhos bolcheviques mudaram de mentalidade desde a época em que sua vida estava marcada por greves, manifestações e períodos na prisão. Ao estabelecer a gênese dos burocratas egressos das fileiras dos antigos bolcheviques, Sosnovski destaca o papel de certos fatores como o que denomina, com certo humor, de "o fator automóvel-harém"[492]. Os velhos bolcheviques que ocupam cargos dirigentes não são mais militantes, combatentes clandestinos, difusores de palavras de ordem, oradores das assembleias relâmpago ou agitadores: antes de tudo, são funcionários que cumprem importantes tarefas materiais, respondendo perante seus superiores hierárquicos que decidem sobre o rumo de suas carreiras,

490 Mikhail Saltikov-Schedrin (1826-1889), foi um escritor liberal russo, conhecido por suas sátiras e críticas bem humoradas ao czarismo e seu aparato burocrático, povoado de funcionários estúpidos e corruptos. O próprio Saltikov-Schedrin foi funcionário de carreira do Estado russo, trabalhando em diversas repartições públicas ao longo de vários anos, até ser banido da Rússia por ordem direta do czar em 1886 (N. do E.).

491 Citado por SCHAPIRO, Leonard, *The Communist Party... op. cit.*, p. 221.

492 A citação de Sosnovski descreve um comportamento comum durante o reinado da burocracia, no qual burocratas em ascensão se casavam com filhas de aristocratas e burgueses, passando então a imitar seus hábitos, como o de adquirir grandes e luxuosos automóveis (N. do E.).

e que contam com uma grande autoridade sobre a massa de militantes de base e mais ainda sobre os sem partido. Esses funcionários gozam também de uma série de privilégios, de fato e de direito, o que os leva a serem tratados como chefes, recebendo os mesmos nomes que eram utilizados nos tempos do czar: *chinovniks*[493] ou *nachalniks*[494]. São, por exemplo, velhos bolcheviques incontestáveis os que provocam, com sua conduta digna de barões do antigo regime, o escândalo de Smolensk, descoberto e denunciado em maio de 1928. Os dirigentes regionais do partido e dos soviets são acusados de "corrupção", de "embriaguez" e de "excessos sexuais". A investigação que se inicia em Moscou será silenciada para não dar armas à Oposição Operária. Porém, algum tempo depois, o informe secreto de Yakovlev vai confirmar que, em uma fábrica próxima a Smolensk, onde 50% dos trabalhadores são membros do partido, os funcionários dirigentes puderam abusar impunemente das jovens operárias, precisamente por ocuparem altos cargos e pelo perigo que elas corriam caso resistissem aos seus caprichos[495].

Dez anos se passaram desde a revolução. Todo este período de lutas e de derrotas parece justificar os privilégios desfrutados por esses homens, bem como sua autoridade, que em muitos casos lhes confere uma total imunidade. Porém, os velhos bolcheviques do aparato são sempre submissos a quem lhes ofereceu seu cargo, pois seu passado não garante automaticamente privilégios. Para isso devem enquadrar-se na linha oficial. Os militantes cuja carreira se iniciou nos tempos da guerra civil, por seu passado e pelo regime que conheceram, são quadros mais disciplinados e submissos. No Comitê Central só existem dez destes. Em compensação, são 57,2% dos membros dos comitês centrais das repúblicas e 63,9% dos comitês regionais. Porém, menos da metade dos dirigentes dos organismos de base pertence a esta geração. Uma proporção importante dos membros dos comitês regionais e provinciais, além de 50,9% dos secretários locais ou de fábrica, são pessoas que se filiaram ao partido em 1924 ou mais tarde, quer dizer, são pessoas que devem suas funções e sua permanência nas mesmas à sua fidelidade e disciplina ao Comitê Central e à sua luta contra as diferentes oposições. São militantes para os quais a era revolucionária, ultrapassada há muito tempo, parece pertencer a outro mundo.

Após Tomski ser expulso do Birô Político em junho de 1930 e Rikov em dezembro do mesmo ano, este órgão partidário será integrado exclusivamente por *apparatchiks*, por homens cuja carreira se desenvolveu em paralelo à de Stalin, e com o qual colaboraram estreitamente pelo menos desde 1921: Voroshilov, Kalinin, Kaganovich, Kirov, Kossior, Kuibishev, Ordzhonikidze e Rudzutak. O secretário geral controla completamente o Birô Político. Não existe mais nenhuma possibili-

493 Funcionários de alto escalão (N. do E.).

494 Chefes (N. do E.).

495 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, p. 49.

dade de que a onipotência do secretário seja contestada, nem sequer pelo Comitê Central ou mesmo pelo Congresso, já que 75% de seus delegados são, em 1927, funcionários liberados do partido. Segundo Molotov, podemos estimar em 25 mil o número total de funcionários do aparato em 1927, numa proporção aproximada de um funcionário permanente para cada quarenta membros do partido.

Até 1930 o organismo fundamental do Secretariado é o Orgraspred[496], criado em 1924 pela fusão de três departamentos, o de Organização, o de Instrução e o Departamento de Nomeações. A partir desta data, sua atividade inclui a nomeação de todos os dirigentes do partido em seus diversos níveis: aparato partidário, soviets, sindicatos e administração econômica, bem como a formação e o controle de pessoal, mediante o envio de instrutores e de diretrizes, além da celebração de conferências e viagens de inspeção. Dispondo de um arquivo extremamente detalhado, este órgão nomeia, substitui e decide sobre as promoções e sanções de todos aqueles que ocupam os postos-chave. Entre 1928 e 1929, realiza 8.761 nomeações e mais de 11 mil entre 1929 e 1930. Neste período é reorganizado e dividido em dois departamentos: o de instrução e organização – que cuida exclusivamente das nomeações para os postos do aparato do partido – e o de nomeações, que destina e transfere os membros do partido para tarefas na organização econômica e administrativa do Estado. Além destes departamentos, existem quatro outros serviços, dos quais o mais importante – e menos conhecido – é o "serviço especial", dirigido por Poskrebishev, o chefe do secretariado pessoal de Stalin, e onde começa, a partir de 1925, a carreira de *apparatchick* de um jovem muito promissor, George Malenkov, que entrou no partido em 1920, e que será o responsável pelo Departamento de Organização e Instrução da região de Moscou entre 1930 e 1934.

A onipotência deste aparato central, que dispõe de mais de 800 membros liberados no início da década de 1930, não deve criar a imagem de uma centralização total e direta. O aparato é uma pirâmide: a autoridade dos departamentos centrais se estende até os comitês regionais, que, embora compartilhem o poder de nomeação com o Secretariado em certas questões, dispõem de um campo de ação no qual sua soberania é, de fato, absoluta, ainda que não o seja de direito. Os arquivos do Comitê Regional de Smolensk revelam claramente esta hierarquia de autoridade, assim como a divisão de poderes entre os diferentes níveis do que os russos chamam de "nomenclatura", quer dizer, o poder de efetuar nomeações[497]. O Comitê Regional está dividido em sete departamentos que se tratam da própria organização do partido, dos transportes e da indústria, da agricultura, dos assuntos soviéticos, da agitação e propaganda, da educação e, por fim, do trabalho cultural e educativo. Cada um destes é comandado por um diretor, auxiliado por um nú-

496 Departamento de Distribuição (N. do E.).
497 *Ibid.*, pp. 63-67.

mero variável de instrutores. Por exemplo, nesta região de caráter profundamente rural, oito instrutores fazem parte do departamento de organização do partido e onze do de agricultura. No total, os sete diretores contam com 35 instrutores e 2.763 funcionários. O trabalho do primeiro departamento consiste em controlar a atividade dos 80 distritos – delimitação administrativa que se estende, em geral, ao redor de um povoado-mercado – e do próprio município de Smolensk, além da organização regional dos jovens comunistas. Sua "nomenclatura", quer dizer, as nomeações pelas quais o Comitê Regional é responsável, compreende 596 postos. Porém, 83 primeiros-secretários de distrito e 52 segundos-secretários devem ter seus nomes confirmados pelo Comitê Central. A segunda divisão conta com 322 postos em sua "nomenclatura", mas os diretores de fábrica e os administradores são propostos pelos comissários do povo que correspondem a cada tarefa, enquanto a autoridade local dispõe da prerrogativa de nomear os secretários dos comitês de fábrica e das seções sindicais. A terceira divisão não escolhe os diretores dos *sovkhozes*[498] nem das estações de máquinas e tratores, que são decididos pelo Comissariado da Agricultura, mas tem o poder de nomear os presidentes dos *kolkhozes*. Desta forma, cada divisão têm, dentro de seu âmbito de "nomenclatura", algumas designações que lhe pertencem exclusivamente e outras que compartilha com instâncias nacionais.

O Comitê Regional, que controla todos os setores da vida da região de Smolensk de perto, e que por sua vez está estritamente subordinado ao Secretariado Geral que o nomeia – e que pode destituí-lo por mero capricho –, é a única autoridade regional. Entre 1931 e 1937, a região de Smolensk é dirigida exclusivamente, mas sob a autoridade direta do Secretariado Geral, por um grupo de três homens: Rumiantsev e Chilman, primeiro e segundo secretários do partido, respectivamente, e Rakitov, que ocupa o cargo de presidente do Comitê Executivo dos Soviets da região e, portanto, de representante da autoridade soviética, mas que na prática tem a mesma "independência" frente a Rumiantsev que Kalinin, presidente do Comitê Executivo Panrusso dos Soviets, tem frente a Stalin. As ordens e diretrizes chegam por meio dos organismos do partido e passam de secretário a secretário. O Comitê Regional do partido é encarregado de designar o Comitê Executivo de cada soviet de distrito, bem como seu presidente e vice-presidente. A este respeito, Merle Fainsod encontrou nos arquivos de Smolensk uma circular do segundo-secretário regional Chilman, em que protesta contra o fato de que as eleições para o Congresso Regional tenham sido realizadas em uma reunião do partido sem que o Comitê Regional tenha sido devidamente avisado. Chilman enfatiza que as candidaturas para o Congresso dos Soviets

498 *Sovkhozes* são as fazendas estatais soviéticas que empregam mão de obra assalariada. Ao contrário dos *kolkhozes*, permaneceram como uma forma bastante minoritária de economia agrícola (N. do E.).

devem ser apresentadas anteriormente ao Comitê Regional do partido e que a eleição formal de um candidato não poderá ser executada a não ser depois de tal apresentação e quando este for devidamente "aprovado"[499].

A mesma rígida hierarquia é encontrada no nível dos distritos, cujos principais dirigentes são designados com a aprovação do Comitê Regional ou diretamente pelo mesmo; entretanto, estes dispõem igualmente de uma "nomenclatura" que inclui os dirigentes adjuntos de seu nível e que se estende até os dirigentes das organizações locais e dos soviets dos povoados. Desse modo se enquadra totalmente uma região que, quando de sua formação, em 15 de março de 1929, contava com seis milhões e meio de habitantes e onde cada um dos seus comitês de distrito contava, em média, com entre cinquenta e setenta e cinco mil habitantes.

Do leninismo ao stalinismo

A pirâmide burocrática erguida no seio do Estado, primeiro por dentro e mais tarde por cima dos soviets, tirando-lhes todo o seu significado, não foi deliberadamente concebida nem desejada. Ela é fruto das circunstâncias, dos esforços do aparato para substituir a iniciativa cada vez menor das massas operárias e camponesas durante a guerra civil e logo após a mesma. Além disso, é fruto do reflexo conservador do aparato, de buscar se defender contra as discussões, as críticas e a ação espontânea, práticas que, em sua opinião, poderiam atrapalhar a aplicação das diretrizes e a realização das ações práticas, terminando – como afirmava honestamente Kalinin – por complicar o trabalho dos dirigentes. Nesta autodefesa, os funcionários do partido vão se adaptar à rotina que surge da aplicação sempre dos mesmos métodos, unidos por preocupações comuns e mais tarde por interesses materiais comuns, vinculados por sua inclusão em uma rígida estrutura, animados pela convicção de serem parte de uma vanguarda consciente encarregada de "educar", se possível, ou ao menos de guiar e dirigir as massas incultas, atrasadas ou simplesmente cansadas. Eles vão encarnar a mentalidade de "ativistas" frente a um mundo de desiludidos. Ao destacar as condições em que se opera este desenvolvimento, o oposicionista Christian Rakovski escreve: "Quando os camponeses médios e pobres de um país que fez uma gigantesca revolução dizem, como indica o *Pravda*: 'o poder o exige, não se pode ir contra o poder', estas palavras denotam um estado das massas infinitamente mais perigoso que o roubo e a violência exercidos pelos funcionários. Termidor e Brumário batem na porta, apoiando-se na indiferença política das massas"[500].

O escândalo do Smolensk inspira reflexões parecidas em Sosnovski quando este escreve:

---

499 *Ibid.*, p. 87.

500 RAKOVSKI, Christian, *Declaração da oposição em abril de 1930*, em *Lutte de classes*, nº25-26, setembro-dezembro de 1930, p. 656.

No comando deste distrito estavam autênticos bandidos. Na base, nem uma voz se ergueu para denunciar esta quadrilha. (...) Milhares de aproveitadores, com sua carteira do partido no bolso (a propósito, os sem partido, enojados, a chamam de carteira de pão), que trabalham como instrutores, inspetores e revisores e que se apressam em inspecionar, revisar e dar instruções a todos os departamentos, cada um em seu setor (...) – nenhum destes parasitas conseguiu, em suas inspeções e revisões, ver nada de errado, e assinaram em suas atas que tudo se encontrava em perfeito estado[501].

O novo sistema em sua totalidade se opõe ao espírito que animou a organização dos soviets. Em 1924, o comunista húngaro Gyorgy Lukács escreveu: "O sistema de conselhos tenta fundamentalmente vincular a atividade dos homens a todos os problemas gerais do Estado, da economia, da cultura e outras mais, opondo-se simultaneamente a que a administração de todas estas questões se converta em um privilégio para uma camada fechada, isolada da vida social"[502]. Depois de ter "construído" o seu aparato e iniciado o seu "trabalho" à margem de qualquer tipo de controle, os funcionários do partido não concebem mais que seja possível trabalhar de outra forma. Através dos anos, Lenin denunciou as tendências ao burocratismo e indicava, como único remédio, "a participação de todos os membros dos soviets na direção de todos os assuntos"[503]. Já Stalin, para justificar não somente o monopólio do poder nas mãos do partido, mas também o monopólio do partido nas mãos do aparato, responde: "Por acaso podemos levar às ruas uma discussão sobre a guerra e a paz? Discutir uma questão nas reuniões das 20 mil células do partido significa levá-la às ruas. (...) Devemos recordar que (...) ainda permanecemos rodeados de inimigos, tudo pode decidir-se por um golpe súbito que seja dado contra nós, ou por uma manobra inesperada"[504]. Desta forma, se vê realizada a sarcástica previsão de Bukharin: os "comissários" tomam efetivamente o posto das cozinheiras na direção do Estado.

Em uma etapa posterior, o funcionário, consciente de sua originalidade, de seu papel, de seu caráter insubstituível, organiza seu trabalho e tenta moldar o mundo à sua imagem. O *apparatchik* ignora as privações que aceitava o militante: o "máximo comunista" é extinto, o número de vantagens materiais ligadas ao exercício das funções públicas aumenta. Para ele trata-se apenas de uma justa recompensa.

O privilégio adquirido desta forma deve ser defendido, pois o "trabalhador político" que perde seu posto é obrigado a voltar à fábrica ou ao campo. O X Congresso vai reafirmar esta regra solenemente. Entretanto, somente vã perder seus

501 TROTSKI, Leon, *Cartas do exílio*, em *Lutte de classes*, nº17, janeiro de 1930, pp. 69-77.
502 LUKÁCS, Gyorgy, *Lenin*, p. 59, citado por ANWEILER, Oskar, *op. cit.*, p. 305.
503 LENIN, Vladimir, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, p. 283.
504 STALIN, Josef, *Discurso diante do XII Congresso*, em *Obras completas* (em russo), 3ª edição, tomo V, p. 255.

postos os que, em algum momento, se vincularam a alguma oposição. Os demais conservam seus cargos e ascendem na hierarquia se são dóceis: Pavliuchenko, o responsável principal pelo ocorrido em Smolensk, é transferido. Esta é a única sanção. O fato de pertencer ao aparato é uma séria proteção, uma superioridade social, uma conquista que não deve ser questionada. Os congressos não voltarão a implementar a prática da eleição dos dirigentes, à qual todos opõem uma resistência compacta. As eleições continuam a existir como meras formalidades, confirmações de algo que já estava decidido anteriormente. Desde que este sistema se impôs, já não são os homens que "não acreditam em ninguém com base apenas em palavras", que "se negam a pronunciar uma só palavra contrária à sua consciência", tal como os concebia Lenin, os que "crescem" dentro do partido; não são mais os "inteligentes, porém pouco disciplinados", nem os rebeldes e combativos, esses apóstolos que emprestam sua grandeza à corte bolchevique. Agora são os "imbecis disciplinados", os carreiristas, os oportunistas, os céticos e os conservadores, em uma palavra, todos aqueles que, como diz o poeta Evtushenko, amam o poder soviético apenas porque ele é poder e, em meio aos quais encontramos muitos renegados do outro lado da guerra civil. Em 1928, Preobrazhenski, Mrachkovski e Smirnov, entre outros tantos, são deportados novamente. Em contrapartida, os antigos mencheviques Martinov, Vishinski, Strumilin e Maiski são reabilitados, ocupando, desde então, postos importantes.

Em 1918, Lenin reconhecia como uma derrota a volta – necessária pela pressão das circunstâncias – "ao antigo procedimento burguês" de "pagar um preço muito elevado pelos serviços dos grandes especialistas burgueses". Afirmava:

> Esta medida supõe uma concessão, um abandono dos princípios da Comuna de Paris e de todo poder proletário, que exige que estes honorários se reduzam ao salário de um operário médio e que o carreirismo seja combatido com atos e não com palavras (...). Este é um passo atrás de nosso poder de Estado socialista e soviético, que, desde o princípio, aplicou uma política que tende a reduzir os honorários mais elevados ao nível do salário de um operário médio[505].

Stalin, no entanto, encabeça toda uma luta contra a oposição em nome da desigualdade e a partir de 1925 afirma: "Não devemos jogar com frases sobre a igualdade; brincar com isto é brincar com fogo". Em 1931 denuncia a "nivelação esquerdista dos salários", afirmando que é preciso dar aos operários "a perspectiva de um crescimento, de uma contínua elevação"[506]. Em contraste com o que é o militante bolchevique, que condena sem pestanejar o apelo ao espírito pequeno-burguês da ascensão social individual, Stalin celebra, como se se tratasse de uma vitória, a

505 LENIN, Vladimir, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo XXVII, pp. 257-258.
506 STALIN, Josef, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo II, p. 45.

desaparição das *notabilidades* nas aldeias, e a aparição de novos *notáveis*[507], condenando a "nivelação" como "uma estupidez pequeno-burguesa reacionária digna de uma seita primitiva, mas não de uma sociedade socialista organizada de forma marxista"[508]. Desta forma, o que inicialmente surgiu como um estado de ânimo transformou-se gradualmente em uma tendência e posteriormente em uma camada privilegiada. Neste momento o aparato começa a produzir sua própria ideologia.

Nascido da burocracia do Estado e do partido, e tirando sua razão de ser da extensão do papel do partido dentro do Estado, o porta-voz do aparelho termina por elaborar uma nova teoria de Estado. Como havia previsto Bukharin, a burocracia diviniza o Estado. Segundo Stalin:

> Alguns camaradas interpretam a tese da supressão das classes, da criação de uma sociedade sem classes e da posterior eliminação do Estado como uma justificativa para a preguiça e a lentidão, para a teoria contrarrevolucionária da extinção da luta de classes e da debilitação do poder do Estado. (...) Estes são elementos degenerados ou traidores que devemos eliminar do partido. A supressão das classes não pode ser realizada pela extinção da luta de classes. Pelo contrário, esta só será alcançada com sua exacerbação. O debilitamento do Estado não será feito debilitando o seu poder, mas com seu máximo fortalecimento, o que é indispensável para acabar com os últimos resquícios das classes burguesas e para organizar a defesa contra o cerco capitalista, cuja destruição ainda é remota e não será produzida imediatamente. (...) Não podemos perder de vista o fato de que o crescente poder do Estado soviético aumentará a resistência dos últimos resquícios das classes que estão desaparecendo. Precisamente pelo fato de estarem expirando e vivendo seus últimos dias, passarão a formas de ataque mais violentas, chamando ao seu auxílio as camadas mais atrasadas da população para mobilizá-las contra o poder dos soviets[509].

No âmbito do partido, este "reforço do Estado" possui um significado bem preciso. Trata-se da intervenção da GPU na luta contra a oposição. Depois do episódio do "oficial de Wrangel" provocador, em 1927, há em 1928 o ingresso nas fileiras da oposição de esquerda de Leningrado do provocador Tverskoi, que dará à GPU um informe completo das conversas de Kamenev com Bukharin. Em 1929-1930 acontecem os primeiros acertos de contas políticos. Butov, ex-secretário de Trotski, morre fazendo greve de fome para protestar contra sua prisão e contra os interrogatórios aos quais é submetido na tentativa de comprometer seu antigo chefe. O ex-terrorista socialista-revolucionário de esquerda, Yakov Blumkin, acusado de ter trazido de Istambul para a URSS uma carta de Trotski, é condenado a morte pelo

507 Em francês, *notabilité* (que traduzimos por notabilidade) é a distinção, comum nas aldeias de vários países europeus, de pessoas que se destacam por suas ações meritórias, suas qualidades, ou mesmo por sua idade avançada. Os *notables* (na nossa tradução, *notáveis*) pelo contrário, são os que se destacam numa aldeia por seu poder, riqueza ou influência política (N. do E.).

508 *Ibid.*, p. 177.

509 *Ibid.*, pp. 103-104.

Conselho Secreto da GPU e executado quinze dias mais tarde. A GPU se converte definitivamente em um dos instrumentos de dominação a disposição do aparato e do secretário geral dentro do próprio partido.

A oposição frente a uma nova situação

Christian Rakovski, em seu exílio na Sibéria, escreve sobre o XVI Congresso, o primeiro sem uma oposição desde os tempos de Lenin, quer dizer, o primeiro congresso stalinista: "É difícil dizer quem perdeu em maior medida sua dignidade: aqueles que se inclinam humildemente sob as vaias e assovios, deixando passar os ultrajes com a esperança de um futuro melhor, ou aqueles que, com a mesma esperança, proferem tais ultrajes, sabendo de antemão que o adversário irá ceder"[510]. Desta forma, este que foi um dos últimos personagens da oposição depois da capitulação de Preobrazhenski, Radek, Smilgá e Smirnov, indica assim o sentido de sua análise. Em 1928 ele escreve:

> Sob as condições da ditadura do partido, um poder gigantesco se concentrou nas mãos da direção, um poder que nenhuma organização política teve ao longo de toda a História. (...) A direção estendeu a atitude negativa da ditadura proletária frente à pseudodemocracia burguesa também às garantias democráticas mais elementares, sem as quais, na verdade, é impossível dirigir a classe operária e o partido. Durante a vida de Lenin, o aparato do partido não detinha nem a décima parte do poder com que conta na atualidade e, consequentemente, tudo o que temia Lenin se realizou de maneira dez vezes mais perigosa[511].

Em abril de 1930, em sua resposta àqueles camaradas que haviam solicitado reintegrar-se ao partido aceitando renegar a oposição depois do "giro à esquerda" de Stalin, Rakovski vai afirmar a incompatibilidade desta atitude com as noções fundamentais do bolchevismo:

> Sempre apostamos na iniciativa revolucionária das massas, e não do aparato. Portanto, não acreditamos que uma suposta burocracia ilustrada possa avançar na revolução, assim como nossos predecessores, os revolucionários burgueses do final do século 18, não acreditavam no suposto "despotismo esclarecido". Toda a sabedoria política desta direção consiste em esmagar nas massas o sentimento de independência política, o sentimento de orgulho e dignidade humana, e em encorajar e organizar o absolutismo do aparato"[512].

Indo mais longe em sua análise do que seus companheiros de oposição e questionando a opinião, baseada nos tradicionais critérios de classe, que até então ser-

510 Citado por SOUVARINE, Boris, *op. cit.*, p. 478.

511 *Carta a Trotski de junho de 1928*, em *Fourth International*, julho de 1941, pp. 186-187.

512 RAKOVSKI, Christian, *Declaração da oposição...*, *op. cit.*, p. 656.

vira de base para a ação dos oposicionistas de todas as tendências, Rakovski se pergunta se a vitória, e mais tarde o isolamento da revolução proletária em um país atrasado, não teria levado ao aparecimento de uma formação social de novo tipo. "De Estado proletário com deformações burocráticas – segundo a definição de Lenin sobre nosso Estado –, nos convertemos em Estado burocrático com resíduos proletário-comunistas. Sob nossos olhos se formou e continua se formando uma nova classe de governantes, com suas próprias e crescentes subdivisões internas e que se multiplica através da cooptação interna e da designação direta e indireta". A base desta nova forma social é, em sua opinião, "uma forma bastante singular de propriedade privada, a propriedade do poder do Estado". E vai se utilizar da autoridade de Marx para fortalecer sua caracterização, quando este diz que "A burocracia dispõe do Estado em regime de propriedade privada"[513]. Contra a opinião de seus companheiros da oposição, que negam sua teorização, afirmando que "a burocracia não é uma classe social e jamais o será", Rakovski afirma que a História parece oferecer à revolução russa uma outra alternativa além do "retorno a Lenin" ou a restauração do capitalismo: uma sociedade transitória que não é socialista, mas que também não é capitalista.

Argumentos semelhantes são elencados por Trotski – que, todavia, opina que a burocracia não é uma classe – em sua análise da atuação de Stalin. O líder da oposição assim explica a "grande virada" da burocracia, que passa da conciliação com os *kulaks* à coletivização forçada:

> A contrarrevolução se instaura quando a teia das conquistas sociais começa a se deteriorar. Parece então que esta degeneração não terá fim. No entanto, uma parte das conquistas da revolução ainda está preservada. Desta forma, apesar das numerosas deformações burocráticas, a base de classe da URSS continua sendo proletária. (...) O Termidor russo seguramente inauguraria uma nova era de domínio da burguesia, se esse domínio não tivesse já caducado em todo o mundo. Em todo caso, a luta contra a igualdade e a instauração de uma série de diferenciações sociais não conseguiu, até o momento, eliminar a consciência socialista das massas, nem acabar com a nacionalização da terra e dos meios de produção, que são as conquistas socialistas fundamentais da revolução. Apesar de ter desferido sérios ataques contra essas realizações, a burocracia não se aventurou ainda a recorrer à restauração da propriedade privada dos meios de produção. Até o final do século 18, a propriedade privada dos meios de produção era um fator progressivo e muito significativo. Foi assim que se conseguiu conquistar a Europa e o mundo inteiro. Entretanto, na atualidade, a propriedade privada dos meios de produção constitui o maior obstáculo ao desenvolvimento normal das forças produtivas. Apesar de que a maior parte da burocracia – por sua natureza e modo de vida, por seu conservadorismo e por suas simpatias políticas – tenda à pequena burguesia, suas raízes econômicas se apoiam nas novas condições de propriedade[514].

---

513 *Ibid.*, p. 657.

514 TROTSKI, Leon, *Stalin*, *op. cit.*, pp. 525-526.

Definitivamente, para Trotski, o desenvolvimento das consequências sociais da NEP obrigava a burocracia a lutar pela sobrevivência:

> O crescimento das relações burguesas ameaçava não somente a base social da propriedade, como também o fundamento social da burocracia. Talvez esta tenha desejado rechaçar a perspectiva socialista de desenvolvimento em favor da pequena burguesia, mas em nenhum caso estava disposta a renunciar aos seus próprios direitos e privilégios em benefício desta mesma pequena burguesia. Tal foi a contradição que conduziu ao conflito extremamente violento que explodiu entre a burocracia e os *kulaks*[515].

Deste conflito, vai surgir um abalo tão grande na sociedade soviética, que quase todos os historiadores, seguindo Deutscher, utilizarão o termo "terceira revolução", ainda que as massas, estritamente controladas, não manifestem nenhuma iniciativa e continuem à margem das decisões e de todo o tipo de discussão. Deste conflito nasce a URSS atual, uma economia e uma sociedade completamente novas, mas que não conseguiu, no entanto, escapar de algumas de suas antigas contradições.

515 *Ibid.*

13

O GRANDE GIRO

Depois de vários anos de luta, durante os quais a direção acusou constantemente a oposição de tentar romper a aliança entre operários e camponeses com o pretexto de lutar contra o *kulak* e de desenvolver teses utópicas em relação à superindustrialização através da planificação, é justamente a direção stalinista que vai iniciar o "grande giro", a coletivização e a industrialização, preparando e realizando com este fim o primeiro plano quinquenal. Se enxergarmos a disputa dos anos 1923 a 1929 como uma luta pelo poder, então é forte a tentação de não ver no "grande giro" mais do que uma nova manobra política. Com esta nova estratégia, a direção desarma a oposição, se apropriando de seu programa para aplicá-lo a seu modo. Foi com este sentido que, em 1921, Zinoviev tinha se tornado o campeão da democracia. Foi também com este sentido que, na primavera, a parte principal das reivindicações econômicas dos camponeses foi incorporada ao programa da NEP. E foi também assim que a resolução do dia 5 de dezembro de 1923 proclamou o "novo curso", que era exigido pela Oposição dos 46.

Sem dúvida, muitos passos dados no processo da planificação, da coletivização e da industrialização foram incorporados não devido à pressão direta exercida pela oposição, mas sim por servirem para separá-la da base de que dispunha no partido, devido ao alcance suscitado por seu programa. Nada mais característico a este respeito do que o manifesto do Comitê Central de outubro de 1927, destinado a isolar a oposição e a encurralá-la no momento em que acabava de decidir-se por sua eliminação completa. No entanto, seria um erro reduzir as diversas causas do "grande giro" a este simples fator da luta política interna. Na realidade, esse giro foi iniciado sob a pressão de circunstâncias dramáticas e principalmente devido à alteração da correlação de forças entre as classes, que se tornou favorável aos *kulaks*

e que, a partir do inverno de 1927-1928, é um fato evidente. É também excessivamente simplista colocar um sinal de igual entre os diferentes grupos e tendências do partido, como tentam fazer os historiadores de inspiração "ocidental", alegando para isso, como único pretexto, que foi o programa econômico da oposição (ou melhor dizendo, o que tinha sido exposto por Preobrazhenski em sua teoria da "acumulação socialista originaria") o que foi aplicado por Stalin durante o período do plano quinquenal.

A coletivização

Nas discussões travadas sobre a NEP o problema camponês tinha sido o núcleo central, o pomo da discórdia. No entanto, nenhum dos protagonistas punha em dúvida o fim último a que se propunha o regime, a saber, o desaparecimento da exploração privada da terra e a socialização da agricultura. Também não eram questionadas as vias que devia adotar esta transformação: as fazendas cooperativas. De fato, as divergências se referiam aos ritmos, e o centro do desacordo era constituído pelos problemas da industrialização. Por tudo isso, o primeiro plano de coletivização, na época em que ainda pesavam as lembranças do "ritmo de tartaruga", não previa para o ano de 1932 a coletivização de mais do que 12% da superfície cultivada. A razão era evidente: o partido seguia compartilhando a opinião manifestada por Lenin em 1919:

> O campesinato médio não ingressará nas fileiras da sociedade comunista enquanto não tivermos aliviado e melhorado as condições econômicas de sua existência. Se amanhã pudéssemos produzir cem mil tratores de primeira linha, dar-lhes gasolina e providenciar os mecânicos (sabeis bem que se trata de uma utopia), o camponês médio diria: "Estou a favor da Comuna". Mas para que isto ocorra, é preciso vencer primeiro a burguesia internacional, obrigá-la a nos fornecer esses tratores, ou então, a elevar nossa produtividade laboral de forma que possamos fabricá-los nós mesmos[516].

Neste sentido, a política de manutenção integral da NEP não tinha melhorado em nada a situação. Enquanto a quantidade de tratores necessários para a agricultura é estimada pelo próprio Stalin em 250.000, o número de tratores disponíveis no campo soviético só chega a 7.000 no início de 1929. Até o final deste mesmo ano, seu número chega a 30.000, o que continua sendo uma quantidade irrisória[517]. Apesar disto, Stalin promete 60.000 tratores em 1930; 100.000 em 1931 e 250.000 em 1932, quando a coletivização já seria, portanto, realizável do ponto de vista técnico da mecanização, com a condição, naturalmente, de que o Estado pudesse fornecer também a gasolina, os meios de transporte e a energia elétrica necessárias. Ora, se em outubro de 1929 só 4,1% das famílias camponesas estão integradas

516 LENIN, Vladimir, *Oeuvres complètes*, *op. cit.*, tomo XXIX, p. 215.
517 DEUTSCHER, Isaac, *Stalin*, Londres, Oxford University Press, 1949, pp. 323-325.

aos *kolkhozes*, apenas seis meses depois, em março de 1930, esse número chega aos 58,1%, a maior parte dos quais não conta nem com maquinário nem com tratores.

Aparentemente estes dados confirmam a ideia, repetida frequentemente pelos historiadores oficiais, de que a coletivização foi um processo planejado e organizado, uma etapa da construção socialista posterior à mera reconstrução. Na realidade, a coletivização foi a consequência direta da "fuga para frente" dos dirigentes diante da crise do trigo, ela própria fruto das contradições de classe no campo. As "medidas de urgência" adotadas no início de 1928 permitem abastecer imediatamente as cidades, já que os destacamentos enviados às zonas rurais confiscam os estoques de trigo acumulados pelos *kulaks*. A aplicação do artigo 127 também permite, segundo a expressão de Stalin, "introduzir a luta de classes no campo", assim como autoriza o poder soviético a apoiar-se nos camponeses pobres, diretamente envolvidos na luta contra o *kulak* e contra o armazenamento do trigo. No entanto, é evidente que tais medidas só podem produzir um resultado concreto durante um período muito breve. A porção de grãos recebida pelas cidades é reduzida pela retirada prévia de uma parcela desses grãos em benefício do camponês pobre – o que explica porque diversos destacamentos de operários confiscaram deliberadamente os grãos dos camponeses, sem se preocupar com a aplicação do artigo 127. As medidas emergenciais resultam também numa diminuição considerável da produção, já que o *kulak* pode continuar sua luta diminuindo a quantidade de trigo que semeia ou mudando seu cultivo. De fato, as pesquisas feitas no outono de 1927 revelam efetivamente uma diminuição importante da semeadura.

Este é o dilema que reflete a política de Stalin entre fevereiro e julho de 1928. A alta de 20% no preço do trigo em julho de 1928 demonstra que o Comitê Central ainda busca uma solução para a crise através da conciliação, e não da eliminação do *kulak*. Mas essa situação não poderá perdurar por muito tempo. Enquanto seguir sendo o principal produtor de trigo, o *kulak* continuará tendo a iniciativa e principalmente seguirá sendo aquele de quem todos dependem, visto que em 1928, apesar de certas restrições, tem o direito de arrendar suas terras e de contratar mão de obra assalariada. A solução que consiste em apoiar-se no camponês pobre contra o *kulak* e, sempre que possível, no camponês médio, aponta a única forma razoável de debilitar a hegemonia do *kulak* na aldeia. O jugo do *kulak* é tanto mais pesado quanto, para muitos camponeses, ele é ao mesmo tempo patrão e usurário. Consequentemente, existe uma forte tentação de apoiar-se nos camponeses pobres e médios. No entanto, nos marcos da NEP, esta é uma solução puramente política, sem consequências econômicas reais, já que os dezoito milhões de camponeses médios não podem satisfazer, apenas com sua produção, o déficit criado no país pela sabotagem dos *kulaks*.

Ainda assim, esta é a solução que prevalece durante a segunda metade de 1929. No entanto, dada a fase em que se encontra o desenvolvimento da produção nas ter-

ras dos camponeses pobres e médios, não é uma operação rentável do ponto de vista técnico. A coletivização não faz nenhum sentido quando se refere aos cinco milhões de camponeses que continuam trabalhando a terra com arado e utensílios de madeira. Além disso, ela não basta para abastecer as cidades, enquanto o *kulak* continuar sendo o dono da terra que fornece a maior parte da produção comercializável. Desta forma, chega-se inevitavelmente à "eliminação do *kulak*": seus bens, terras e materiais são confiscados e transferidos ao *kolkhoz*. Tanto ele quanto sua família são excluídos do *kolkhoz*, pois se teme que tentem ali recuperar sua influência. Com as terras do *kulak* sendo agora cultivadas pelos membros do *kolkhoz*, se pode esperar, baseando-se em uma frágil estatística, que a produção manterá seus níveis, apesar da mudança na forma de exploração, ficando assim assegurado o abastecimento no curto prazo. Na realidade, a coletivização se desenvolve de forma menos esquemática e principalmente menos linear. Provoca um entusiasmo indubitável nas camadas mais pobres dos camponeses, que, desta forma, se veem chamados a retomar, de uma maneira nova, a luta secular pela terra daquele que eles consideram como um explorador. Neste sentido, podemos falar do início de um verdadeiro "Outubro camponês". A coletivização vai mobilizar também uma série de jovens operários que partem para o "front" camponês com a esperança de construir um mundo novo, de vencer o terrível passado do usurário e do individualismo rural e de construir um futuro de produção coletiva e igualitária. Apesar disto, o camponês russo – como todos os camponeses do mundo – não acredita em nada além daquilo que pode ver. Lenin estava certo quando supunha que a chegada ao campo de tratores, mecânicos e materiais de todos os tipos, solidarizaria o camponês com o esquema coletivista. No entanto, ainda assim seria necessário que o camponês percebesse, através de sua própria experiência, a superioridade do sistema coletivo e a verdade das promessas feitas a ele no passado. No entanto, o Estado não tem tratores que possam ser enviados, e o *kolkhoz* não pode esperar até que estes sejam fabricados. O camponês médio tampouco está convencido. A única solução que resta é lhe forçar.

O regime toma este caminho tanto mais facilmente quanto a pirâmide burocrática do aparato dá instruções que são verdadeiras ordens e cuja não execução ameaça fazer cair sobre o responsável subalterno a acusação de "falta de confiança", "desvio direitista" e inclusive de "sabotagem" ou de "traição favorável ao *kulak*". Para alguns, o essencial – em palavras do próprio Stalin – é adotar "uma enorme quantidade de resoluções impactantes", "perseguir uma elevada porcentagem de coletivização", com o "zelo administrativo" próprio de um espírito de burocrata[518]. Desta forma, a coletivização se desenvolve em uma atmosfera de violência absurda a partir do momento em que muitos povoados cerram fileiras em torno aos *kulaks*, devendo, portanto, ser tomados pela força, já que cada organização do partido, conforme o plano estabelecido, tem a obrigação de isolar um número determina-

518 STALIN, Josef, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo II, pp. 11-19.

do de *kulaks*, alguns dos quais devem ser detidos imediatamente, enquanto outros devem ser concentrados para serem deportados posteriormente.

Pelo menos dez milhões de pessoas são assim tiradas de seus lares por serem "*kulaks*" e "contrarrevolucionários", sendo posteriormente agrupados pela GPU em vários centros e enviados à Sibéria, onde vão formar os primeiros destacamentos de trabalhos forçados.

A forma de coletivização prevista era o chamado *artel*, uma espécie de coletivo de artesãos e trabalhadores, no qual as terras e instrumentos de trabalho de todos são reunidos e coletivizados. Porém, em cada região, um trio integrado pelo primeiro secretário do partido, pelo presidente do Comitê Executivo dos Soviets e pelo chefe da GPU será encarregado de efetuar a coletivização e pressionado para fazê-lo "o quanto antes", contando com apenas quinze dias para entregar o inventário completo das propriedades coletivizadas dos *kulaks* de sua circunscrição. Como resultado, esses "zelosos dirigentes" acabam "coletivizando" também as moradias, o gado e as aves dos camponeses. Os informes da GPU de Smolensk citam uma série de casos precisos em que os *kulaks*, camponeses médios considerados *kulaks* e inclusive alguns camponeses pobres e os membros de suas famílias são despojados de seus sapatos, de seu vestuário e inclusive de sua roupa intima. Também se refere a outro caso em que chegam a "coletivizar" os óculos de um *kulak*. Um informe datado de 28 de fevereiro afirma que a "deskulakização" se concretiza em expropriações e saques em grande escala: "comamos e bebamos, tudo é nosso", parece ser a consigna de algumas brigadas[519]. Victor Serge cita o caso de algumas regiões cuja população, considerada *kulak* em sua totalidade, é deportada em massa: as mulheres de uma aldeia do Kuban serão embarcadas, nuas, em vagões de gado, por terem ousado pensar que ninguém se atreveria a fazê-las sair desta maneira[520]. Antes da chegada dos homens da GPU, os camponeses – os *kulaks* é claro, mas também outros – queimam seus móveis, as hortas, as casas, degolam o gado e, quando podem, eliminam também os comunistas das aldeias. Em 2 de março de 1930, em um artigo do *Pravda*, intitulado "A vertigem do sucesso", Stalin denuncia parte destes excessos que "não servem, senão aos inimigos" e "comprometem a aliança com as massas", e cuja responsabilidade ele rejeita, atribuindo-a inteira e exclusivamente aos executores e a seu exagero de zelo.

Um veterano comunista russo se refere assim à coletivização em um povoado:

> Quando nos falaram de coletivização, gostei da ideia. Foi assim também com outras pessoas do povoado, homens que, como eu, tinham trabalhado na cidade e servido no Exército Vermelho. O resto do povo permanecia decididamente hostil: nem sequer me escutavam. Meus amigos e eu decidimos então pôr em funcionamento uma pequena horta cooperativa, coletivizando terras e

519 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, pp. 242-246.
520 SERGE, Victor, *Mémoires...*, *op. cit.*, p. 241.

ferramentas. Já conheces nossos camponeses, de nada serve falar-lhes de planos ou estimativas, é preciso oferecer-lhes resultados que possam convencê-los. Sabíamos que se conseguíssemos demonstrar que agora era possível ter uma produção maior que antes, eles gostariam e seguiriam nosso exemplo. (...) Um dia chegou do comitê de Klin a ordem de integrar mais cem famílias em nosso *kolkhoz*. Tínhamos chegado a integrar até uma dezena. Realmente não era fácil... Não havia como acolher nenhuma família a mais. Fui a Klin explicar a situação ao partido. Pedi-lhes que nos deixassem seguir como antes, prometendo-lhes que, em tal caso, todo o povo estaria integrado no *kolkhoz* no prazo de um ano. Não me escutavam, tinham listas, longas listas, que diziam quantos *kolkhozes* e quantos membros deles deveriam constar em seus informes. Isso era tudo. Disseram-me que estava sabotando a coletivização e que, se não fizesse o que me era ordenado, seria expulso do partido. Eu sabia que não conseguiria atrair ninguém, a não ser fazendo o que tinha ouvido que os outros faziam: forçando as pessoas. Convoquei então uma assembleia no povoado e disse a todos que deveriam unir-se ao *kolkhoz*, que essas eram as ordens de Moscou e que, se não o fizessem, seriam deportado e suas propriedades confiscadas. Nessa mesma tarde todos assinaram, (...) e durante a noite começaram a fazer o que faziam todos os camponeses da URSS quando se viam obrigados a entrar nos *kolkhozes*: sacrificar seu gado. (...) Peguei, então, a lista dos novos membros e a levei ao comitê de Klin e, nesta ocasião, se mostraram muito satisfeitos comigo. Quando lhes falei do sacrifício do gado e lhes contei que os camponeses se sentiam como se estivessem na prisão, não se interessaram em absoluto. Já tinham sua lista e podiam enviá-la a Moscou: isto era tudo o que os preocupava. Eu não podia censurá-los por isso, tinham ordens, assim como eu[521].

A crise é tão grande – em todos os lados ocorrem enfrentamentos, as reservas de alimentos se esgotam – que o artigo de Stalin, impresso como panfleto, será difundido em 18 milhões de exemplares. Além disso, alguns dirigentes locais da GPU serão fuzilados para dar o exemplo. O decreto de 15 de março autoriza os camponeses a abandonar o *kolkhoz*. A resposta é imediata: a maioria dos camponeses o faz nas semanas seguintes. Em junho de 1930 só 23,6% das famílias camponesas estão integradas aos *kolkhozes*, em vez dos 58,1% de março do mesmo ano. Na região das terras negras ucranianas, onde 28% dos camponeses tinham entrado nos *kolkhozes* em março, só restam 18% em maio. Este retrocesso é apenas temporário: os meios de pressão foram mudados, e o membro do *kolkhoz* se beneficia de uma total isenção de impostos, da concessão de créditos e de toda uma série de promessas, enquanto o camponês independente não possui nenhuma vantagem. Depois do desastre do começo de 1930, ele já não conta com meios para resistir e frequentemente já não tem mais nada a salvar. Consequentemente, acaba cedendo e adaptando sua resistência às novas condições. Em pleno 1931 51,7% dos lares camponeses se encontram nos *kolkhozes*; em 1932 a proporção passa para 61,5%; 25 milhões de pequenas fazendas cedem seus lugares a 240.000 *kolkhozes* e 4.000 *sovkhozes*.

As perdas são incalculáveis. As estatísticas oficiais confessam que, entre 1929 e 1934, desapareceram 55% dos cavalos (19 milhões de cabeças), 40% do gado

521 FISCHER, Markoosha, *My lives in Russia*, Londres, Harper, 1944, pp. 49-51.

bovino (11 milhões), 55% dos porcos e 66% das ovelhas. As perdas humanas não foram contadas. A esta trágica aventura se acrescenta uma segunda: a que consiste em enquadrar tecnicamente nos novos procedimentos as 25 milhões de famílias camponeses que foram coletivizadas. Enquanto que em 1930, nas condições já conhecidas, a colheita tinha sido de 835 milhões de toneladas de cereais, em 1931 será de apenas 700.

Em seu informe sobre o primeiro plano quinquenal, Stalin afirma que a quantidade de trigo armazenada nos mercados duplicou desde 1927. Isto se deve fundamentalmente ao fato de que o governo obriga os camponeses a assinar "contratos" draconianos, cuja gestão se encontra também nas mãos de funcionários locais ansiosos por "resultados". Trata-se de garantir, ao mesmo tempo, o abastecimento mínimo das cidades e as exportações de trigo que financiam parcialmente a industrialização. Em 1932-1933 as zonas rurais enfrentam uma terrível onda de fome: as estimativas do número de camponeses mortos de fome oscilam entre um e vários milhões. A repressão é dura e a pena de morte é aplicada aos ladrões de cereais. Uma nova onda de detenções no campo será detalhada em 8 de maio de 1933 por uma circular secreta de Stalin e Molotov, na qual se fala de "mutirões de detenções" e onde são fixadas para algumas regiões quotas máximas de deportação[522]. Nas cidades é instaurado o racionamento. No entanto, a caderneta de racionamento nem sempre permite conseguir pão. Na primavera de 1932 o secretário regional de Smolensk notifica as organizações subordinadas a ele de que já não será possível assegurar o fornecimento das rações aos membros das células fabris e do Exército Vermelho, que até então tinham sido mantidas a qualquer custo. Em julho, com a caderneta ou sem ela, o pão desaparece por completo. Um informe da GPU cita o caso de uma enfermeira que ganha 40 rublos mensais e que consegue o pão a mais de 3 rublos o quilo[523].

A industrialização

A industrialização forçada é o segundo grande evento do "grande giro". Os dados foram citados repetidas vezes e o balanço é impressionante. Jean Bruhat escreve:

> Na indústria o número de operários aumentou (de 11.599.000 em 1928 para 22.962.800 em 1932). Os antigos centros foram reorganizados e outros novos foram criados (Dnieprstroi, Stalinsk). Os Urais e o Kuznetzsk começaram a ser explorados. A produção de carvão e de ferro duplicou; a potência das centrais elétricas quintuplicou e foram lançadas as bases da indústria química (superfosfatos: em 1928 – 182.000 toneladas; em 1932 – 612.000). Foram abertas novas vias de comunicação (como o canal Stalin, que une Moscou ao Mar Branco, e o Turksib, terminado no início de 1930)[524].

522 FAINSOD, Merle, *Smolensk...*, *op. cit.*, p. 263.
523 *Ibid.*,p. 259-262.
524 BRUHAT, Jean, *Histoire de l'URSS*, Paris, P.U.F., 1958, p. 87.

A URSS se transforma em um país industrial. O fato é ainda mais chocante quando nos damos conta que, nos mesmos anos, como resultado da crise mundial, a economia capitalista começa a declinar. Enquanto a produção industrial dos Estados Unidos diminui em 25% e o Japão, apesar de encontrar-se em plena fase de rearmamento, não consegue aumentar a sua em mais do que 40%, a produção industrial da URSS aumenta em 250%. Trotski celebrou

> esse fato indestrutível de que a revolução proletária permitiu a um país atrasado obter, em menos de vinte anos, resultados sem precedentes na história. [...] O socialismo demonstrou seu direito à vitória não nas páginas de *O Capital*, mas em uma arena econômica que corresponde a um sexto da superfície terrestre; não na linguagem da dialética, mas na linguagem do ferro, do cimento e da eletricidade[525].

No entanto, mais uma vez nada parece ter sido previsto. O XV Congresso, celebrado em dezembro de 1927, ainda aponta "o perigo que consiste em empenhar demasiado capital na grande edificação industrial". O plano adotado previa um aumento anual decrescente de 9 para 4% em cinco anos, mas o Birô Político, um ano depois, corrigia esta previsão para fixar uma taxa de crescimento anual de 9%. As taxas de 15 a 18% propostas com muitas reservas pela oposição eram simultaneamente condenadas como mera especulação e como expressão de uma vontade objetiva de sabotagem. De fato, aqui também se impôs a necessidade: depois de ter se negado a preparar a aceleração da industrialização simultaneamente à luta para diminuir a influência do *kulak*, a direção do partido se via arrastada à coletivização por sua necessidade de abastecer as cidades, enquanto a passagem da coletivização à industrialização era forçada pelo instinto de preservação. Para melhorar a catastrófica situação da agricultura, era preciso fabricar tratores, máquinas, produzir gasolina e adubos. Era necessário fabricar máquinas e ferramentas e para isso extrair carvão, produzir aço e ferro fundido e, como disse Stalin, "criar (...) uma indústria capaz de reequipar e reorganizar não somente as fábricas em sua totalidade, mas também os transportes e a agricultura"[526].

No entanto, isto não representa a menor contradição na URSS de Stalin: a superindustrialização proposta pela oposição tinha sido descartada pelo aparato dirigente por ser realizável somente às custas da exploração e espoliação do campesinato. E é a realização desta exploração e pilhagem, realizadas com o argumento da coletivização, que obrigam a recorrer à industrialização, nas piores condições de desorganização da economia e de desequilíbrio social. Pois, assim como nos tempos do comunismo de guerra, a guerra civil que se desenvolve no campo dificulta o funcionamento normal da indústria. Não só as matérias primas não chegam de

525 TROTSKI, Leon, *De la Révolution*, *op. cit.*, p. 449. Publicado em português como *A revolução traída*, São Paulo, Editora Sundermann, 2007.
526 STALIN, Josef, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo II, p. 44-45.

forma regular às fábricas, mas também, além disso, o mercado de tipo capitalista, que constituía a base da NEP e era o motor do edifício econômico desde 1921, será suprimido em uma canetada. Os operários que possuem uma pequena parcela de terra no campo – 30% dos mineiros, segundo o *Trud* (O trabalho), o órgão dos sindicatos – abandonam a cidade e seu posto de trabalho para não serem expropriados. Em geral, o racionamento, a desnutrição e as catastróficas condições de vida provocadas pela crise da agricultura influem sobre a estabilidade da mão de obra e sobre o rendimento e a qualidade da produção. A coletivização, na opinião dos marxistas, exigia como condição prévia a industrialização. A inversão deste processo condena o regime a uma industrialização forçada nas piores condições. O fato de que, apesar de tudo, por trás do beco sem saída em que os sucessivos zigue-zagues de sua direção tinham colocado o partido, a industrialização tenha gerado esses incríveis resultados prova inequivocamente que Preobrazhenski tinha razão, pelo menos quando afirmava que o sistema econômico de conjunto, a nacionalização dos instrumentos de crédito e dos meios de produção e troca e o monopólio do comércio exterior constituíam em si mesmos um elemento decisivo de progresso, capaz de impor-se, apesar dos erros e da ação negativa de dirigentes e responsáveis.

Na realidade, como já indicamos em outras ocasiões, é o esquema de Preobrazhenski que vai triunfar na concepção stalinista da planificação e da construção socialista. No entanto, entre a prática stalinista e as teses do economista e técnico da oposição, existe a diferença de que Preobrazhenski, consciente das contradições criadas pelo desenvolvimento industrial, tinha considerado o livre desenvolvimento da democracia soviética, o funcionamento dos sindicatos e o direito de greve, assim como a democracia dentro do partido, como meios para corrigir as implicações sociais da "dura lei de bronze da acumulação socialista primitiva". Ao contrário, a industrialização stalinista é realizada dentro da máxima tensão exercida pelo Estado em favor do livre desenvolvimento da lei de acumulação, para resolver todas as contradições e, particularmente, aquelas que nascem das necessidades materiais e culturais dos trabalhadores. Em uma curiosa inversão dos termos, os teóricos da industrialização stalinista, caracterizada pela submissão máxima dos homens às leis econômicas da sociedade de transição, são os mesmos que afirmam a função "teleológica", e mesmo voluntarista, da economia. Um deles, Strumilin é o autor da fórmula, popularizada por Stalin, em que se afirma: "nossa tarefa não é estudar a economia, mas transformá-la. Não estamos atados por nenhuma lei. Não há fortaleza que os bolcheviques não possam tomar. A questão das taxas de crescimento depende dos seres humanos"[527].

Dois julgamentos importantes servirão para fixar as posições dos comunistas que tinham condenado o ritmo demasiado acelerado da industrialização: junto ao historiador menchevique Sukhanov e ao velho estudioso de Marx, Riazanov,

527 Citado por DANIELS, Robert, *The conscience...*, *op. cit.*, p. 349.

são condenados, no "processo dos mencheviques", de março de 1931, todos aqueles que pensam que "nem tudo é possível, nem sequer quando o Comitê Central quer". Este acontecimento serve também de aviso aos escassos técnicos de origem burguesa: de fato, as principais realizações técnicas desta época foram feitas sob a direção de engenheiros estrangeiros: o americano Hugh L. Cooper, que participou das obras do Niágara; os engenheiros que trabalharam em Austin com Henry Ford, e que ajudaram na fábrica de automóveis de Nizhni-Novgorod e o americano Clader, na fábrica de tratores de Stalingrado.

A situação operária

A primeira característica econômica da política de industrialização é o retorno a uma política de inflação. Dos 1,7 bilhões de rublos do início de 1928, a soma total de dinheiro em circulação aumenta para 2 bilhões em 1929, para 2,8 bilhões em 1930, para 4,3 bilhões em 1931, para 5,5 bilhões em 1932, para 8,4 bilhões em 1933 e volta a baixar para 7,7 bilhões em 1934, subindo de novo para 7,9 bilhões em 1935. O rublo neste ano só tem um quarto de seu valor de 1924 na Bolsa de Paris. Para cobrir os enormes déficits orçamentários provocados pelos gastos da industrialização – 5 bilhões de rublos em 1929-1930 frente a 1 bilhão do biênio 1926-1927 e os 85 bilhões de rublos de investimentos totais previstos no primeiro plano quinquenal –, o governo acaba usando a inflação, como havia previsto Preobrazhenski, como um grande imposto sobre o trabalho dos operários e camponeses. Junto com isso, como tinha previsto Bukharin, ao substituir os valores reais por valores fictícios, a política de inflação priva a planificação de qualquer tipo de contabilidade exata, ao mesmo tempo em que dá a impressão de que o "manejo do rublo" é o único meio de que se dispõe para dirigir a economia.

A "lei de bronze da acumulação socialista primitiva", dentro do âmbito do poder absoluto do aparato e da ditadura do secretário geral, se traduz, portanto, em uma queda de salários reais que pode ser quantificada em 40%. Ainda assim, as necessidades da industrialização em ritmo forçado implicam igualmente uma luta contra o nivelamento dos salários que tinha prevalecido, em maior ou menor medida, até 1927, e cujo último defensor oficial tinha sido Tomski, através dos sindicatos. Em uma reunião no dia 4 de fevereiro de 1931, Stalin traça as novas metas para os dirigentes da indústria: "Em uma série de empresas os salários estão fixados de tal forma que quase desaparece a diferença entre o trabalho qualificado e o não qualificado, entre o trabalho insalubre e o fácil. (...) Não se pode tolerar que um especialista da siderurgia receba o mesmo salário que um varredor. Não se pode tolerar que um mecânico ferroviário receba o mesmo que um copista"[528].

Uma regulamentação de 20 de setembro do mesmo ano eleva para oito, em vez de sete, o número de categorias dos operários da indústria e aumenta o coeficiente

528 STALIN, Josef, *Oeuvres Complètes*, *op. cit.*, tomo II, pp. 44-45.

de hierarquização de 2,8 para 3,7. O discurso de Stalin de 23 de junho de 1931 reabilita a *intelligentsia*[529] e os quadros técnicos. Em 1932 se generaliza a prática de um salário por produção com prêmios progressivos para aqueles que ultrapassem as metas previstas. Em 1933, 75% dos operários são pagos por produção. Onde não se pode aplicar este sistema, uma série de prêmios, administrados pelos capatazes, desempenham o papel de suplementos progressivos. Segundo Maurice Dobb, naquele tempo 20% dos assalariados recebem 40,3% do total da massa salarial[530]. No princípio, a diferença chega a 3,13 vezes o salário base, mas os prêmios oferecidos aos trabalhadores altamente qualificados podem resultar em salários três ou quatro vezes superiores ao máximo recebido pelos operários especializados normais. O "movimento stakhanovista"[531], que premia os "heróis do trabalho", busca aumentar o rendimento destes operários mediante a "emulação socialista" e a superação dos recordes produtivos, e se reflete em uma nova diferenciação dos salários. O informe apresentado por Kuibishev à Comissão de Planificação em janeiro de 1935 indica que o salário médio chega a 149 rublos e 3 kopeks mensais. No entanto, muitas mulheres ganham de 70 a 90 rublos; os operários recebem entre 100 e 120 rublos; os especialistas, entre 150 e 200; os profissionais, de 250 a 400; e os salários dos stakhanovistas variam entre 500 e 2.000 rublos. Os salários dos engenheiros oscilam entre 400 e 800 rublos e os dos altos funcionários ou administradores, entre 5.000 e 10.000. Os especialistas mais privilegiados podem ganhar entre oitenta e cem vezes mais que um operário. Naquele tempo, o preço da carne de boi é de 6 a 8 rublos o quilo; o porco custa entre 9 e 12 rublos; a manteiga oscila entre 14 e 18; e o café, entre 40 e 50. A imensa maioria dos trabalhadores se vê assim obrigada a trabalhar em um ritmo que se acelera continuamente (já que os recordes de produção dos stakhanovistas, obtidos em condições ideais, servem de pretexto para aumentar os parâmetros de produtividade exigidos), contentando-se com um salário muito baixo. Simultaneamente, começa a se desgarrar da massa uma aristocracia operária que possui uma posição privilegiada pelos salários que recebe e pela consideração de que desfruta.

Ao mesmo tempo, a lei se torna extremamente rigorosa no âmbito do que se conhece como "disciplina do trabalho". O Código do Trabalho de 1922 previa, no caso de rescisão do contrato de trabalho, uma notificação antecipada de sete dias para os salários mensais ou quinzenais e de vinte e quatro horas para o caso dos sa-

529 Em russo, termo próximo a "intelectualidade", embora abranja também os setores mais qualificados do trabalho técnico e administrativo (N. do E.).

530 DOBB, Maurice, *Soviet economic development since 1917*, Londres, Routledge and Kegan Paul, 1956, p. 446.

531 Alexei Stakhanov (1906-1977), mineiro da região de Donbass, ficou famoso por ter extraído, em um único dia de trabalho, 102 toneladas de carvão, o que equivalia a quatorze vezes a sua cota pessoal. O governo soviético utilizou amplamente esse fato, dando início a um movimento em defesa do máximo esforço pessoal no trabalho. Posteriormente, soube-se que a elevada cota de Stakhanov havia sido alcançada graças ao auxílio de uma equipe inteira de mineiros (N. do E.).

lários pagos semanalmente. Um decreto do Conselho de Comissários do Povo de 6 de setembro de 1930 equipara a rescisão a uma ruptura unilateral, quer dizer, um infração disciplinar. Uma circular do dia 23 de setembro castiga o infrator com a retirada definitiva de qualquer auxílio desemprego e, em caso de reincidência, com a retenção da caderneta de racionamento. Em dezembro, alguns novos decretos proíbem a oferta de qualquer tipo de trabalho aos "perturbadores", operários que tenham abandonado a empresa em que trabalham sem notificação prévia e aos que tenham rescindido um contrato mais de uma vez em doze meses ou tenham sido despedidos por "ausência injustificada". A este conceito de "ausência injustificada" será dado um significado cada vez mais amplo. Segundo o Código de Trabalho, esta acontecia em caso de ausência não justificada de três dias consecutivos ou de seis dias no total durante um mês. Um decreto do dia 15 de novembro de 1932 obriga o diretor a despedir um operário por um só dia de ausência não justificada, com a complementar retenção da caderneta de racionamento e expulsão da moradia se esta pertence à empresa. Uma circular de aplicação do decreto, com data de 26 de novembro, precisa ainda que a expulsão da família do responsável deve acontecer inclusive quando não exista a possibilidade de ser instalada em outro lugar, "em qualquer época do ano" e "sem nenhuma providência de meio de transporte". Por sua parte, a lei de 27 de junho de 1933 estende a expulsão da moradia operária a qualquer operário infrator que ocupe uma casa de propriedade de qualquer tipo da cooperativa de construção ou de moradia diferente da empresa em que trabalha.

Neste quadro de normas, só faltava a criação da carteira de trabalho obrigatória, que já tinha sido proposta em distintas ocasiões. Por fim, foi decidida sua instituição com um decreto do Conselho de Comissários do Povo e do Comitê Executivo dos Soviets, datado de 27 de dezembro de 1932. No início, a obrigatoriedade da carteira de trabalho se refere às "pessoas que não participam da produção", mas depois é estendida a todos os assalariados que, daí por diante, ficam obrigados a apresentá-la no momento da contratação. Por sua parte, a direção da empresa deve anotar nela todas as faltas cometidas pelo titular e as sanções adotadas contra ele. Não dá direito a residir fora da localidade em que foi emitida. A comissão que a outorga também pode negar sua concessão, quer dizer, opor-se a qualquer tipo de deslocamento. Ao ser instituída num momento em que a direção da fábrica dispõe de poderes praticamente ilimitados para punir as ausências e quando as rações alimentícias são entregues *in natura* como parte do salário, a carteira de trabalho conclui o processo de acorrentar o operário à empresa, submetendo-o a uma estrutura administrativa que, por sua vez, está estreitamente vinculada ao aparato do partido. A sujeição é tão forte, que em 1935 é negado aos sindicatos, submetidos também a intenso controle, o direito de discussão das normas de trabalho fixadas pelas direções das empresas[532].

532 SCHWARZ, Solomon, *Les ouvriers en l'Union Soviétique*, Paris, Rivière, 1956, pp. 127-135.